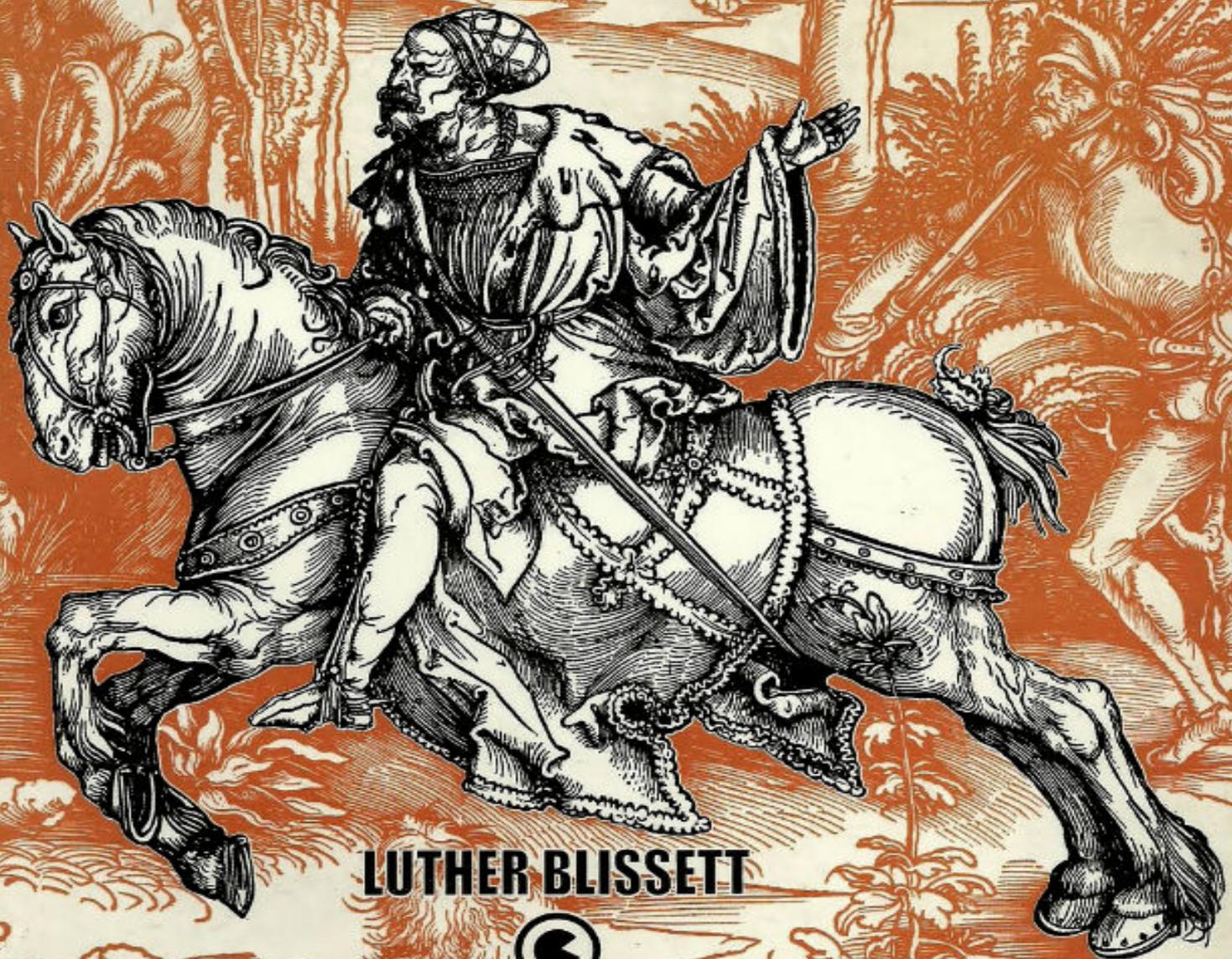


# Q

## O CAÇADOR DE HEREGES



LUTHER BLISSETT



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

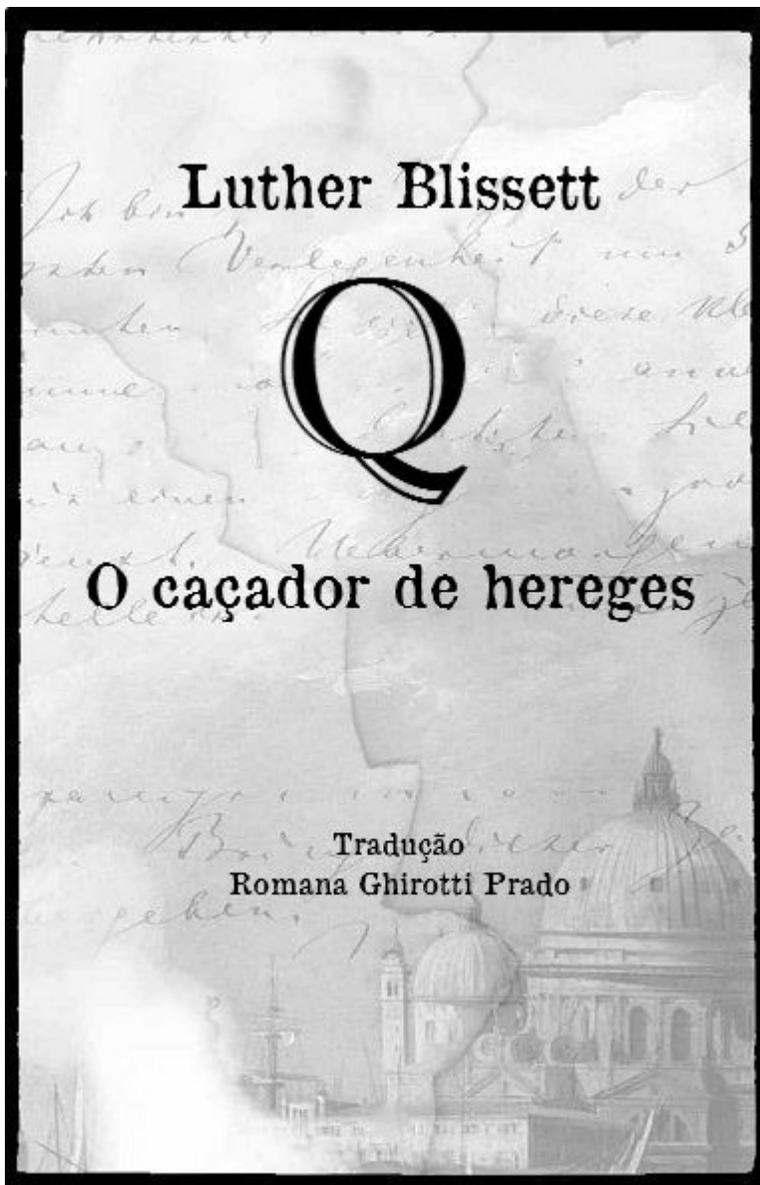
**Luther Blissett**

**Q**

**O caçador de hereges**

Tradução

Romana Ghirotti Prado



Conrad Editora do Brasil, São Paulo  
[www.conradeditora.com.br](http://www.conradeditora.com.br)

© 1999, Giulio Einaudi Editore s.p.a., Torino  
[www.einaudi.it](http://www.einaudi.it)

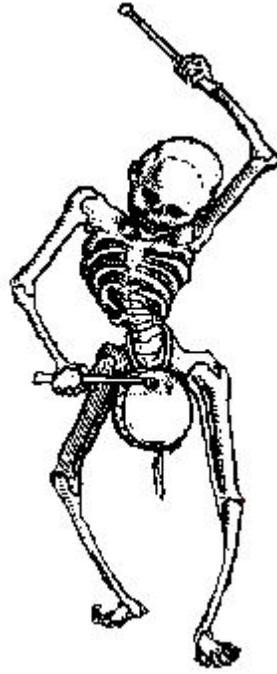
Copyright desta edição  
© 2002 Conrad Editora do Brasil Ltda.

Tradução: Romana Ghirotti Prado

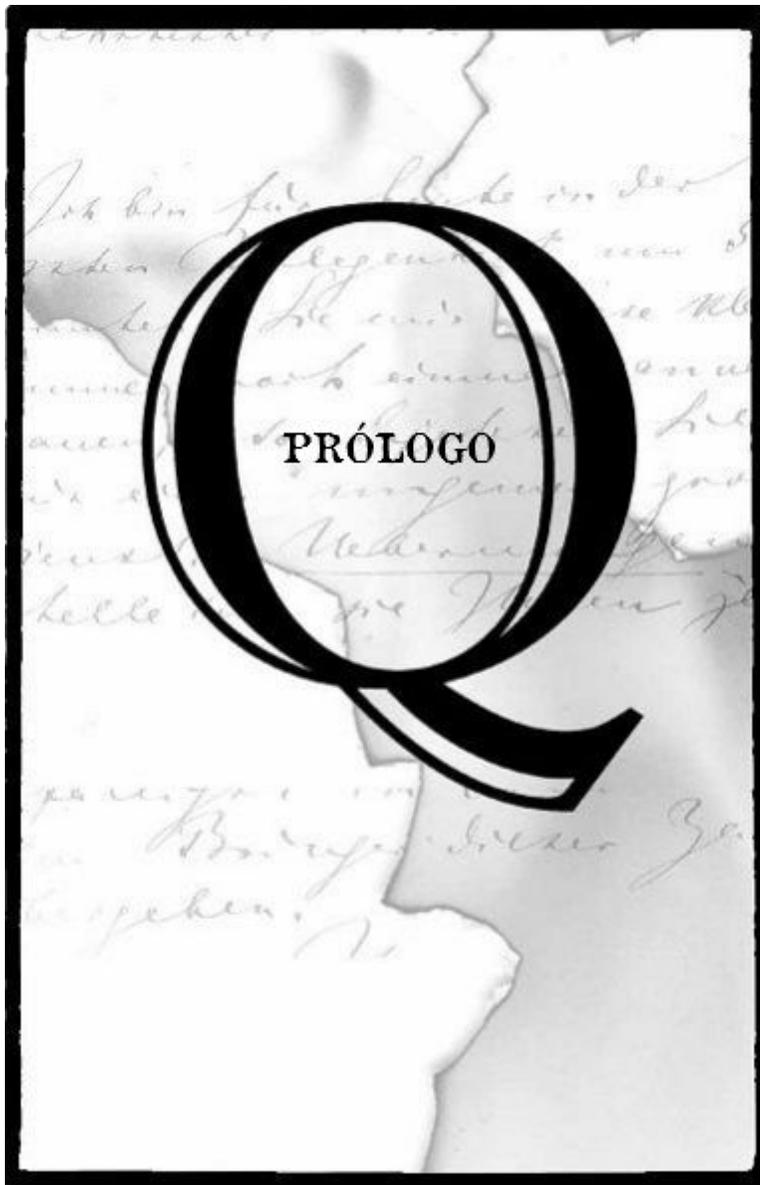
É consentida a reprodução parcial ou total desta obra bem como a sua distribuição por via telemática para uso pessoal dos leitores, desde que sem fins comerciais, com a condição que cada cópia contenha esta nota.

[www.wumingfoundation.com](http://www.wumingfoundation.com)

*A Marco Morri*







## Fora da Europa, 1555

Na primeira página, está escrito: *No afresco, sou uma das figuras de fundo.*

A letra é meticulosa, sem borrões, miúda. Nomes, lugares, datas, reflexões. O diário dos últimos dias tumultuados.

As cartas amareladas e decrépitas, pó dos decênios transcorridos.

A moeda do reino dos mentecaptos balança no peito, para lembrar-me da eterna oscilação das fortunas humanas.

O livro, quem sabe a única cópia restante, nunca mais foi aberto.

Os nomes, são nomes de mortos. Os meus, e os daqueles que percorreram os caminhos tortuosos.

Os anos que vivemos sepultaram para sempre a inocência do mundo.

Prometi a vocês que não os esqueceria.

Mantive-os a salvo na memória.

Quero conservar tudo com firmeza, desde o começo, os detalhes, o caso, o desenrolar dos acontecimentos. Antes que a distância ofusque o olhar para o passado, abrandando o som das vozes, das armas, dos exércitos, o riso, os gritos. No entanto, só a distância permite remontar a um provável início.

1514, Alberto de Hohenzollern torna-se arcebispo de Magdeburgo. Aos 23 anos. Mais ouro para os cofres do papa: adquire também o bispado de Halberstadt.

1517, Mogúncia. O mais amplo principado eclesiástico da Alemanha aguarda a nomeação do novo bispo. Com a nomeação, Alberto terá nas mãos um terço de todo o território alemão.

Apresenta a sua proposta: 14 mil ducados para o arcebispado, mais 10 mil para a dispensa papal autorizando a manutenção de todos os cargos.

A negociação é mantida através do banco Fugger de Augsburgo,

que antecipa a quantia. Encerrada a operação, Alberto deve aos Fugger 30 mil ducados.

Os banqueiros definem a modalidade de pagamento. Alberto deverá promover em suas terras a pregação das indulgências do papa Leão X. Os fiéis contribuirão para a construção da basílica de São Pedro, obtendo em troca um certificado papal: a absolvição dos seus pecados.

Só a metade do valor financiará os canteiros de obras romanos. Alberto utilizará o resto para reembolsar os Fugger.

Johann Tetzel, o mais competente pregador da praça, é encarregado da missão.

Tetzel percorre todos os vilarejos durante o verão de 1517. Pára nos confins com a Turíngia, pertencente a Frederico, o Sábio, duque da Saxônia. Lá não pode colocar os pés.

Frederico já embolsa as indulgências, através da venda de relíquias. Não tolera concorrentes em seus territórios. Mas Tetzel é um filho de puta: sabe que os súditos de Frederico percorrerão com prazer algumas milhas além da fronteira. A travessia valerá a pena: conseguirão uma carta de crédito para o paraíso.

Essa movimentação de almas à procura da promessa deixa um jovem frade agostiniano, doutor pela Universidade de Wittenberg, profundamente indignado. Não consegue tolerar o mercado obsceno montado por Tetzel, ostentando o emblema e a bula papal.

31 de outubro de 1517: o frade afixa à porta setentrional da igreja de Wittenberg 95 teses contra o tráfico de indulgências, escritas de próprio punho.

Seu nome é Martinho Lutero. Com esse gesto, inicia a Reforma.

Um ponto de partida. Memórias que recompõem os fragmentos de uma época. A minha. E aquela de meu inimigo: Q.

**O olheiro de Carafa**

**(1518)**

*Carta enviada a Roma da cidade saxônica de Wittenberg, endereçada a Gianpietro Carafa, membro da consulta teológica de sua santidade Leão X, datada de 17 de maio de 1518.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão respeitabilíssimo Giovanni Pietro Carafa, junto à consulta teológica de sua santidade Leão X, em Roma.

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão meu respeitabilíssimo, o servidor mais fiel de vossa senhoria vem prestar contas de quanto acontece nesta longínqua terra, que há um ano parecer ter-se tornado o foco de toda diatriba.

Desde que, há oito meses, o monge agostiniano Martinho Lutero expôs as suas famigeradas teses na porta da catedral, o nome Wittenberg circulou amplamente por todas as bocas. Jovens estudantes dos estados limítrofes afluem a esta cidade, para ouvir da viva voz do pregador aquelas incríveis teorias.

Em particular, a pregação contra a venda das indulgências parece obter o maior sucesso junto àquelas jovens mentes, receptivas à novidade. A obtenção da remissão dos pecados em troca de uma pia doação à Igreja, que até ontem era considerada normal, sem objeção, hoje é criticada por todos como se fosse um escândalo inominável.

A fama tão grande e imediata enfatuiu Lutero, tornando-o arrogante. Considera-se agora quase incumbido de uma tarefa sobrenatural, o que o impulsiona para novas ousadias.

Pois bem. Ontem, como em cada domingo, no sermão sobre o evangelho do dia (tratava-se do texto de João 16, 2 “Os expulsarão das sinagogas”), associou ao “escândalo” do mercado das indulgências uma outra tese, a meu ver ainda mais perigosa.

Lutero afirmou que não é necessário temer excessivamente as consequências de uma excomunhão injusta, porque esta se refere somente à comunhão exterior com a Igreja, não à interior. A última, ou seja, a união de Deus ao fiel, nenhum homem pode declarar dissolvida, nem o papa. Ainda mais, uma excomunhão injusta não pode prejudicar a alma e, sendo acolhida com

resignação filial em relação à Igreja, pode até tornar-se um mérito precioso. Assim sendo, quem for excomungado injustamente não precisa renegar com palavras e atos a causa da excomunhão, mas deve suportá-la pacientemente, mesmo que morra excomungado e não seja sepultado em terra consagrada, porque essas coisas são amplamente menos importantes que a verdade e a justiça.

Concluiu sua pregação com estas palavras: “Beato e bendito aquele que morrer em condição de excomunhão injusta, pois pelo fato de sofrer esta dura punição por amor a justiça, que não quis calar nem abandonar, receberá a graça da eterna coroa de salvação”.

Aliando ao desejo de servi-lo o reconhecimento pela confiança que demonstrou a meu respeito, terei agora a ousadia de apresentar o meu parecer sobre o acima exposto. Ao humilde observador de vossa senhoria reverendíssima resultou claro que Lutero está farejando a própria excomunhão, assim como a raposa sente no ar o cheiro dos sabujos. Ele já está afiando a sua armas doutrinárias e angariando aliados para o futuro próximo. Em particular, penso que esteja procurando o apoio de seu senhor, o príncipe eleitor Frederico de Saxônia, que ainda não afirmou publicamente a sua inclinação a respeito do frade Martinho. Não é sem motivo que é chamado de Sábio. O senhor da Saxônia continua servindo-se daquele hábil intermediário, Spalatino, o bibliotecário e conselheiro da corte, para avaliar as intenções do monge. É pessoa desleal e astuta, aquele Spalatino, sobre o qual já apresentei uma sumária descrição na minha última missiva.

Vossa senhoria compreenderá melhor que este seu servidor a perniciosa gravidade de tese sustentada por Lutero: ele gostaria de tolher a Santa Sé o seu maior baluarte, a arma da excomunhão. É igualmente evidente que Lutero nunca se atreverá a colocar por escrito esta sua tese, consciente da enormidade que representa e do perigo que poderia oferecer à sua própria pessoa. Considerarei portanto oportuno eu mesmo fazer isto, para que vossa senhoria possa tomar em tempo todas as precauções que considerar necessárias para deter este frade do demônio.

Beijando a mão de vossa senhoria ilustríssima e

reverendíssima, peço-lhe manter-me em boa graça.

De Wittenberg, no dia 17 de maio de 1518  
O fiel observador de vossa senhoria  
Q.

*Carta enviada a Roma da cidade saxônica de Wittenberg, endereçada a Gianpietro Carafa, membro da consulta teológica de sua santidade Leão X, datada de 10 de outubro de 1518.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão respeitabilíssimo Giovanni Pietro Carafa, junto à consulta teológica de sua santidade Leão X, em Roma.

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão meu respeitabilíssimo, o servidor de vossa senhoria, senti-me imensamente lisonjeado pela magnanimidade de que me fez objeto. Servi-lo já é para mim um grande privilégio, ser-lhe útil é motivo de pura alegria. A acusação oficial de heresia dirigida contra o frade Martinho Lutero, definitivamente patenteada pelo sermão sobre a excomunhão, deveria induzir o príncipe eleitor Frederico a assumir uma posição em relação ao monge, da forma que vossa senhoria desejava. Os fatos que agora desejo levar ao seu conhecimento talvez representem, desde já, uma primeira reação do príncipe diante do desenrolar inesperado dos acontecimentos: ele está engrossando a fileira dos teólogos da própria universidade.

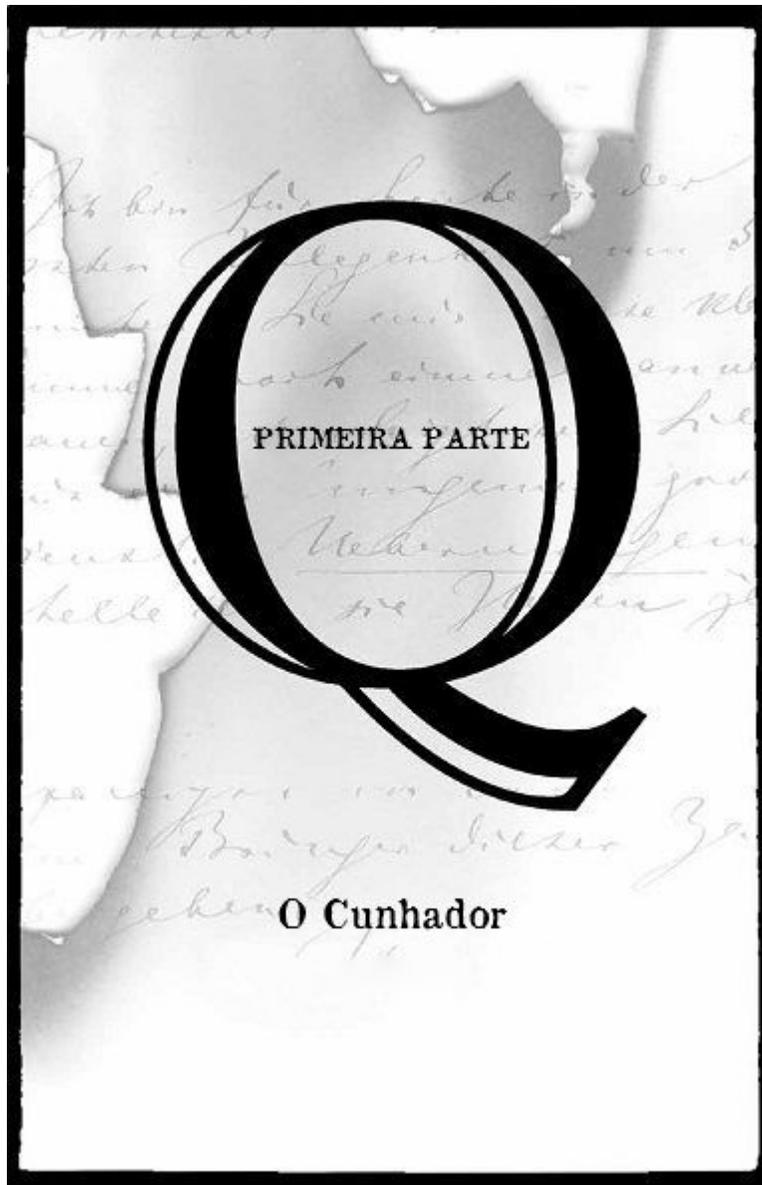
Em 25 de agosto chegou a Wittenberg, como professor de grego, Felipe Melâncton, proveniente da prestigiosa Universidade de Tübingen. Creio que jamais, em nenhuma universidade do império, tenha aparecido um professor mais jovem que ele: só tem 21 anos e com a sua silhueta frágil e seca aparenta ainda menos. Ainda que uma certa fama o tenha precedido e acompanhado na viagem, a acolhida inicial dos doutores de Wittenberg não foi entusiástica. A atitude deles, e em particular a de Lutero, mudaria, porém, logo em seguida, ao ouvir o discurso inaugural daquele prodígio de ciência clássica, ilustrando a necessidade de um estudo rigoroso das Escrituras nos textos originais. Com Martinho Lutero, daquele momento em diante, houve um entendimento imediato e forte. Aqueles dois professores são certamente uma arma poderosa nas mãos do príncipe de Saxônia, considerando que são muito solidários,

ainda que tão diferentes. Cada um deles fornece ao outro o que lhe faltava para tornar-se um verdadeiro perigo para Roma: Lutero é arrojado e enérgico, mesmo se rude e impulsivo, enquanto Melâncton é muito culto e refinado, mas jovem e delicado, adequado para os embates doutrinários, mais que os campais. O primeiro parto perigoso dessa união será com certeza a Bíblia em alemão, na qual, se diz, estão trabalhando em conjunto e para a qual os conhecimentos de Melâncton cairão como maná do céu.

Sabendo que vossa senhoria aprecia receber informações sobre assuntos importantes, prosseguirei observando com atenção os dois doutores e repassando tudo a vossa senhoria, com o intuito de ser-lhe útil.

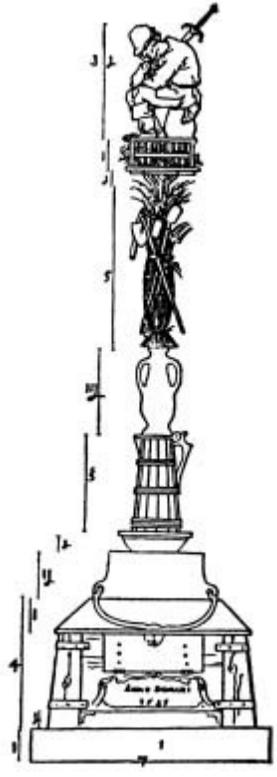
Beijo humildemente as mãos de vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima.

De Wittenberg, em 10 de outubro de 1518  
O fiel observador de vossa senhoria  
Q.



PRIMEIRA PARTE

O Cunhador



**Frankenhausen**

(1525)

# Capítulo 1

Frankenhausen, Turíngia, 15 de maio de 1525. Tarde

Quase às cegas.

O que preciso fazer.

Gritos em meus ouvidos já estourados pelos canhões, corpos que esbarram em mim. Pó de sangue e suor fecha a garganta, a tosse me arrebenta.

Os olhares dos fugitivos: terror. Cabeças enfaixadas, membros triturados... Olho sempre para trás: Elias está me seguindo. Abre caminho entre a multidão, enorme. Carrega nas costas Magister Thomas, inerte.

Onde está Deus onipresente? O Seu rebanho está no matadouro.

O que preciso fazer. As sacolas, seguras. Sem parar. A adaga batendo no flanco.

Elias sempre atrás.

Uma silhueta confusa vem ao meu encontro. Meio rosto coberto por faixas, carne dilacerada. Uma mulher. Nos reconhece. O que preciso fazer: Magister não pode ser descoberto. Agarro-a: não fale. Grita atrás de mim:

— Soldados! Soldados!

Afasto-a, embora, colocar-nos a salvo. Uma viela à direita. Correndo, Elias atrás, de cabeça baixa. O que preciso fazer: os portões. O primeiro, o segundo, o terceiro, abre-se. Entrar.

Fechamos o portão atrás de nós. O barulho cessa. A luz filtra tênue através de uma janela. Uma velha sentada num canto, no fundo do

cômodo, em cadeira com a palha meio afundada. Poucos pertences pobres: um banco em mau estado, uma mesa, tições que lembram um fogo recente em uma lareira enegrecida pela fuligem.

Aproximo-me:

— Irmã, trazemos um ferido. Precisa de cama e água, em nome de Deus...

Elias está parado na porta, ocupando-a por inteiro. Sempre com Magister nos ombros.

— É só por algumas horas, irmã.

Seus olhos marejados não enxergam nada. A cabeça balançando. Os ouvidos ainda sibilam. A voz de Elias:

— O que ela diz?

Chego mais perto. No meio do zunido do mundo, o murmúrio de uma nênia. Não compreendo as palavras. A velha nem percebeu a nossa presença.

O que eu preciso fazer. Não perder tempo. Uma escada para cima, um sinal a Elias, subimos, finalmente uma cama onde estender Magister Thomas. Elias limpa o suor dos olhos.

Olha-me:

— É preciso encontrar Jacob e Mathias.

Toco a adaga e preparo-me para sair.

— Não, eu vou, você fica com Magister.

Nem tenho o tempo de responder, ele já desce as escadas. Magister Thomas, imóvel, os olhos voltados para o forro. O olhar vazio, só um bater dos cílios, parece até que não respira.

Olho para fora: entrevejo casas através da janela. Lá embaixo a rua, mas o salto seria alto demais. Estamos no primeiro andar, deve haver um sótão. Observo o forro e consigo distinguir as fendas de um alçapão. No chão, há uma escada. Toda corroída por carunchos mas ainda pode suportar-me. Entro agachado, o teto do sótão é muito baixo, o piso está coberto de palha. As traves rangem a cada movimento. Nenhuma janela, alguns raios de luz penetram por cima, entre as tábuas: o desvão.

Mais tábuas, palha. Preciso ficar quase deitado. Uma abertura para os telhados: inclinados. Impossíveis para Magister Thomas.

Volto até ele. Seus lábios estão secos, a testa arde. Procuo água. No andar de baixo, sobre a mesa, há nozes e uma jarra. A cantilena prossegue, incessante. Quando encosto a água aos lábios de Magister vejo as sacolas: melhor escondê-las.

Sento no banquinho. Minhas pernas estão doendo. Seguro a cabeça entre as mãos, só por um instante, depois o zumbido se torna um ruído ensurdecedor de gritos, cavalos e ferragens. Os bastardos a serviço dos príncipes entram na cidade. Corro até à janela. À direita, na rua principal: cavaleiros, lanças estendidas, perscrutam o caminho. Atacam tudo que se move.

Do lado oposto: Elias surge na viela. Vê os cavalos: pára. Soldados a pé aparecem atrás dele. Não há saída. Olha ao redor: onde está Deus onipresente?

Apontam para ele.

Ergue os olhos. Me vê.

O que ele precisa fazer. Desembainha a espada, arremessando-se contra os soldados a pé. Desventra um deles, faz outro cair ao chão, com uma cabeçada. Três o atacam. Sem sentir os golpes, empunha a espada com ambas as mãos, como uma foice, e prossegue lutando.

Afastam-se.

Por trás: um galope lento, pesado, o cavaleiro assalta pelas costas. O golpe derruba Elias. Acabou.

Não, ele se levanta: máscara de sangue e fúria. A espada ainda nas mãos. Ninguém se aproxima. Está ofegante. Um puxão nas rédeas, o cavalo vira. O machado se ergue. Outra vez o galope. Elias abre as pernas, duas raízes. Braços e cabeça voltados ao céu, deixa cair a espada.

O golpe derradeiro:

— *Omnia sunt communia*, filhos de cadela!

A cabeça rola na poeira.



Casas saqueadas. Portões destruídos a pontapés e golpes de machado. Daqui a pouco será a nossa vez. Não há tempo a perder. Inclino-me sobre ele.

— Magister, ouça, precisamos ir, estão chegando... Por Deus, Magister... — Seguro-o pelos ombros. Resposta: um sussurro. Não pode mover-se. Uma armadilha, estamos numa armadilha.

Como Elias.

A mão segura a espada. Como Elias. Quisera ter a sua coragem.

— O que quer fazer? Chega de martírio. Vá embora, pense em salvar-se.

A voz. Como se viesse das vísceras da terra. Não posso acreditar que tenha falado. Está mais imóvel que antes. Ouço golpes vindos de baixo. Minha cabeça está girando.

— Vá!

A voz, novamente. Olho para ele. Imóvel.

Golpes. O portão é derrubado.

Está bem, as sacolas, eles não podem encontrá-las, levo-as nos ombros, para cima, pela escada, os soldados insultam a velha, escorrego, não tenho onde segurar, é muito peso, uma sacola cai, merda! sobem as escadas, dentro, retiro a escada, fecho o alçapão, abre-se a porta.

São dois. Lansquenetes.

Posso espreitá-los através de uma fenda entre as traves. Não posso mover-me, um só rangido e estou acabado.

— Só uma olhada, depois vamos embora, aqui não vamos achar nada...

— Ah, há mais alguém aqui!

Aproximam-se da cama, sacodem Magister Thomas:

— Quem é você? Esta é a sua casa? — Nenhuma resposta.

— Está bem, Günther, veja o que temos aqui!

Viram a sacola. Um dos dois a abre:

— Merda, aqui só tem papel, nada de moedas. O que é isso? Você sabe ler?

— Eu? Não!

— Nem eu. Pode ser coisa importante. Desça e chame o capitão.

— O que é, está me dando ordens? Por que não vai você?

— Porque, esta sacola, eu achei!

Finalmente eles decidem, aquele cujo nome não é Günther, desce ao andar de baixo. Espero que nem o Capitão saiba ler, senão acabou.

Passos pesados, aquele que deve ser o capitão está subindo as escadas. Não posso mexer-me. Minha boca está seca, a garganta cheia de pó do sótão. Para não tossir, mordo a parte interna de minha bochecha e engulo o sangue.

O capitão começa a ler. Só posso ter a esperança que não entenda. No fim, ergue os olhos das folhas:

— É Thomas Müntzer, o Cunhador... *alias*, a Moedinha<sup>[\*]</sup>.

Meu coração sobe à cabeça. Olhares satisfeitos: pagamento dobrado. Levam embora o homem que declarou guerra aos príncipes.

Permaneço em silêncio, incapaz de mover um só músculo.

Deus onipresente não está aqui, nem em lugar algum.

---

[\*] Jogo de palavras do alemão “*müntzer*” = cunhador, “*müntzel*” = moedinha.

## Capítulo 2

16 de maio de 1525

Chega o clarão da manhã. Prostro-me, exausto.

Quando reabri os olhos, na mais completa escuridão da noite e da minha existência, a primeira sensação foi de total torpor dos membros.

Há quanto tempo eles haviam partido?

Da rua elevavam-se imprecações de bêbedos, sons de folias, gritos de mulheres submetidas à lei dos mercenários.

Para lembrar-me que estava vivo, um prurido infernal: na pele, uma couraça de suor, palha e pó.

Vivo, livre para tossir e gemer.

Só que para reerguer-me e içar-me sobre o teto com a sacola e a espada, foi uma tarefa árdua. Aguardei o tempo necessário para acostumar-me com a escuridão, observando o semblante da cidade da morte.

Lá embaixo, a luz das fogueiras espalhadas por toda parte iluminava as carrancas dos soldados na folia, ocupados em beber o fruto da vitória mais fácil.

Na frente, a escuridão. A profunda escuridão do campo. À esquerda, a poucas dezenas de passos, um teto sobressaía dos outros, transpondo uma viela, até o confim da escuridão absoluta. Deslizando por sobre os telhados, arrastei minhas costas despedaçadas até aquele limite: a muralha. Da altura de três homens, nenhum vigia. Percorri aquele caminho.

De súbito, não senti o cheiro: a boca era uma cloaca, o nariz impregnado de suor e sujeira... Depois percebi: estrume. Estrume

bem aí. Deixei-me cair, assim, no escuro, que importava.

Um acúmulo de estrume.

Rápido, embora, sedento, correndo, depois andei, tropecei, embora, e andei, vamos, vamos, faminto, mais rápido que a morte que roçou em mim e que o fedor de merda que me acossava, até que as pernas podiam aguentar.

O amanhecer.

Deitado num fosso, bebo água barrenta. Mergulho na escuridão enquanto o sol se retira.



O céu arde no poente. Todas as juntas do corpo ardem; incrustado de merda e lama: vivo.

Campos, feixes de colheitas, a margem de um bosque algumas milhas ao Sul. Retomar a fuga. Preciso esperar a noite.

Sozinho. Os meus companheiros, o mestre, Elias.

Sozinho. Os rostos dos irmãos, cadáveres estendidos na planície.

A sacola e a espada parecem pesar o dobro. Estou fraco: preciso comer. A poucos passos, espigas verdes de trigo. Arranco alguns punhados. Engulo com dificuldade.

Pergunto-me qual poderia ser o meu aspecto, observo a longa sombra no chão. A mão se levanta, chega ao rosto: os olhos, a barba, não sou eu. Nunca mais serei.

Pensar.

Esquecer o horror e pensar. Depois mover-se e esquecer o horror. Depois mais, destruir o horror e viver.

Pensar, então. Alimento, dinheiro, roupas.

Um refúgio, longe daqui, um lugar seguro, para receber notícias e localizar os irmãos sobreviventes.

Pensar.

Hans Hut, o livreiro. Na planície, a sua fuga ao avistar as armaduras do duque Jorge, antes da carnificina. Se alguém se salvou, é Hut.

Sua tipografia é em Bibra, perto de Nurembergue. Há alguns anos, já fervilhava de irmãos. Um porto para muitos.

A pé, na noite, sem percorrer estradas, pelos bosques e no limiar dos campos, talvez leve uns doze dias.

## Capítulo 3

18 de maio de 1525

É um bivaque de soldados.

Sombras alongadas e rudes sotaques do Norte.

Há dois dias e duas noites ando pela floresta, com os sentidos aguçados, sobressaltando por qualquer ruído: asas das aves batendo, longínquos uivos de lobos que percorrem a espinha e entorpecem as vísceras. Lá fora, o mundo poderia ter acabado, não existir mais.

Para o Sul, até que as pernas já não aguentavam e me deixavam cair. Engoli qualquer coisa capaz de enganar o estômago: glandes, bagas silvestres, até folhas e cascas de árvores, quando a fome era mais intensa... Extenuado, com os ossos úmidos e os membros cada vez mais pesados.

O sol já havia desaparecido quando, na escuridão do bosque, avistei a luz de uma fogueira. Aproximei-me, deslizando até atrás deste carvalho.

À minha direita, a uns cem passos, três cavalos presos: o cheiro poderia denunciar-me. Permaneço imóvel, indeciso, pensando no tempo que ganharia montando em um daqueles animais. Espio além do tronco: estão ao redor da fogueira, enrolados em cobertores, um cantil passa de mão em mão, sinto quase o cheiro de aguardente em seus hálitos.

— Ah! E quando atacamos e eles já fugiam feito ovelhas? Prendi três em uma única lança! No espeto!

Risadas ébrias.

— Eu fiz melhor. Comi cinco, enquanto saqueávamos a cidade... e entre uma e outra, nunca parei de matá-los, aqueles miseráveis....

Uma daquelas vadias quase arrancou minha orelha, com uma mordida! Vejam isto...

— E você?

— Cortei-lhe a garganta, porra!

— Cansou à-toa, seu cabeça de bosta. Se esperasse mais um dia, ela daria a você em troca do cadáver do marido, come todas as outras...

Mais uma rodada de risadas. Um deles joga um outro pedaço de madeira no fogo.

— Juro que foi a vitória mais fácil de minha carreira, era só atirar em suas costas e espetá-los como pombos. Mas, que espetáculo: cabeças saltando, gente rezando em joelhos... Eu me senti um cardeal!

Tilinta uma sacola cheia e os outros dois o imitam, com risada debochada. Um faz o sinal da cruz.

— Palavras santas. Amém.

— Vou mijar. Deixem um gole desse negócio para mim...

— Hei, Kurt, vá mais pra lá, que não quero dormir com o cheiro do teu mijo debaixo do nariz!

— Você está tão bêbedo, que nem perceberia se eu cagasse na sua cara...

— Vá tomar no cu, seu bosta!

Respondendo com um arrote, Kurt sai da área iluminada e vem na minha direção. Cambaleia a poucos passos de distância e prossegue, embrenhando-se no mato.

Agora, é decidir.

Usar roupa menos imunda que esta e ter uma sacola cheia de dinheiro na cintura.

Deslizo atrás dele, encostado nas árvores, até ouvir o fluido na relva. Empunho a adaga. Como Elias me ensinou: uma mão diante da boca, sem nunca conceder-se um tempo para hesitar. Corto-lhe a garganta, antes que ele possa perceber o que acontece. Antes que até eu possa perceber. Um simples borbulho sufocado e cospe o sangue e a alma entre os meus dedos. Freio o seu tombo.

*Nunca havia matado um homem.*

Solto o cinto e pego a sacola, tiro-lhe o casaco e as calças, enrolo tudo em sua capa. Então vou embora, sem correr, sem ruídos, um braço à frente para proteger o meu rosto das moitas e dos ramos. Nas mãos, o mesmo cheiro de sangue da planície, de Frankenhausem.

*Nunca havia matado um homem.*

Cabeças saltando, gente orando ajoelhada, Elias, Magister Thomas reduzido a larva...

*Nunca havia matado um homem.*

Paro, na mais completa escuridão, as vozes mal se ouvem. A espada empunhada.

Tenho que fazer isso.

Escancarar a boca do inferno àqueles bastardos.

Volto, um passo após o outro. As vozes são mais altas, mais próximas, solto o fardo e a sacola, dois, em largas passadas, são dois, não conceder-se o tempo para hesitar.

— Kurt, onde caralho...

Penetro na roda de luz.

— Cristo!

Um golpe seco na cabeça.

— Merda santa!

A lâmina no peito, com toda a força, até que vomite sangue.

Uma mão que se estica, tarde demais, na direção da arma: um golpe no ombro, depois nas costas.

Arrasta-se sobre os cotovelos para o mato, gritando como um porco no matadouro.

Eu: cada vez mais lento, em cima dele. Seguro a adaga com ambas as mãos, afundo-a entre as escápulas, parto-lhe os ossos e o coração.

Destruir o horror.

Silêncio. Só o meu ofegar quente, visível, na noite, e o crepitar do fogo. Olho ao meu redor: nenhum movimento. Não há mais.

Acabei com todos, por deus!

## Capítulo 4

19 de maio de 1525

Cavalgo, vestindo o uniforme da infâmia.

Agora, o uniforme me protege. Pode ser astúcia, preciso acostumar-me, quem sabe. Disfarçado de mercenário da infâmia, quando a infâmia triunfa. Nada mais.

Preciso acostumar-me. Nunca havia matado antes.

Mais um crepúsculo salpicando campos e colinas de reflexos purpúreos, tornando os contornos mais indefinidos, dissolvendo as certezas, se é que haviam permanecido.

Muitas foram as milhas percorridas, sempre para o Sul, voltado para Bibra e montado em uma tênue esperança. Os campos atravessados traziam as marcas da passagem da horda assassina. Pareciam os restos de uma tragédia provocada pelos elementos: terrenos que jamais voltariam a ser férteis, sucata e todo tipo de resíduo da tropa imunda; algum cadáver apodrecendo, carcaças de desgraçados que cruzaram aquele caminho; grupos de mercenários soltos, vindos de algum massacre e preparando uma nova incursão.

Desde que a escuridão engoliu o horizonte e as últimas sombras, prossigo a pé pela mata. Avisto, por entre as árvores, luzes ao longe: talvez outros bivaques. Mais alguns passos e um ruído surdo chega aos meus ouvidos. Cavalos, clangor de armaduras, reflexos de tochas sobre metal. O animal pateia, preciso mantê-lo firme, enquanto procuro proteção atrás de um tronco. Aguardo, acariciando o pescoço do cavalo para amenizar-lhe o medo.

O ruído é de um rio na cheia. Avança. Cascos e armas reluzentes. Uma horda de fantasmas desfila a poucos metros de distância.

Finalmente o fragor enfraquece, mas a noite não se cala mais.

A luz além do bosque tornou-se mais intensa. O ar está parado, porém os cumes das árvores balançam: é a fumaça. Chego mais perto, até ouvir crepitação de madeira queimando. As árvores abrem-se de repente e revelam a destruição absoluta.

O vilarejo está envolvido em chamas. O calor choca-se em meu rosto, cai uma chuva de pequenas brasas e fuligem. Uma baforada adocicada, cheiro de carne queimada, vira o meu estômago. Então os vejo: corpos carbonizados, figuras indefinidas abandonadas à fogueira, enquanto o vômito sobe à garganta, corta a respiração.

As mãos agarradas à sela, leve-me embora, penetre na noite, fuja do horror e da conquista imunda do inferno.

## Capítulo 5

21 de maio de 1525

Ao redor do centro de comércio, um intenso movimento de carroças, carregadas com os frutos dos saques; capitães dando ordens em vários dialetos; pelotões de soldados saindo em todas as direções; permutas e venda de despojos de guerra no meio da rua, entre mercenários mais sujos que eu, e vagabundos à espera das sobras. A outra face da devastação encontrada ao longo da estrada: vias de comunicação de uma guerra sem fronteiras, o fosso de descarga para a gordura do massacre.

O cavalo precisa de descanso, eu de uma refeição decente. Mas, antes de mais nada, preciso orientar-me, encontrar o caminho mais curto para Nurembergue e depois Bibra.

— Nestes tempos, não é conveniente deixar um cavalo sem guarda, soldado.

Uma voz vindo da direita, atrás de uma tropa que retoma a marcha. Robusto, avental de couro e botas de cano longo cobertas de merda.

— É só o tempo de entrar na pousada, e ele vai ser servido em seu jantar... Na estrebaria estará mais seguro.

— Quanto?

— Dois escudos.

— Caro demais.

— A carcaça do seu cavalo valerá menos ainda...

O mercenário pago e dispensado que volta para casa:

— Está bem, mas você vai dar-lhe feno e água.

— Ponha-o para dentro.

Sorri: ruas cheias, bons negócios.

— Está vindo de Fulda?

O soldado que volta da guerra:

— Não, de Frankenhausem.

— Você é o primeiro que passa... Conte para mim, como foi?

Uma grande batalha...

— O soldo mais fácil de minha carreira.

O homem da estrebaria vira-se e grita:

— Hei, Grosz, temos aqui um que vem de Frankenhausem!

Quatro saem da sombra, caras ásperas de mercenários.

Grosz tem uma cicatriz que sulca o lado esquerdo de seu rosto e desce até o pescoço, o maxilar fendido onde a lâmina atingiu o osso. Olhos cinza inexpressivos de quem viu muitas batalhas, acostumados ao odor dos cadáveres.

A voz é cavernosa:

— Mataram todos aqueles caipiras?

Uma respiração profunda para deglutir o pânico. Rostos que observam.

O soldado que volta da guerra resmunga:

— Todos eles.

O olhar de Grosz recai sobre a sacola de dinheiro pendurada ao cinto:

— Estava com o príncipe Felipe?

Outra respiração. Nunca conceder-se o tempo de hesitar.

— Não, com o capitão Bamberg, nas tropas do duque Jorge.

Os olhos permanecem imóveis, talvez em dúvida. A sacola.

— Tentamos alcançar Felipe para unir-nos, mas chegamos em Fulda tarde demais. Já não estava lá: corria feito louco, aquele cu estourado! Ele pegou Smalcalda, Eisenach e Salza em marcha forçada, sem tempo de parar nem para mijar...

Outro:

— Ficamos com as migalhas, alguma pilhagem por aí. É certeza que não há mais nenhum caipira para matar?

Os olhos do soldado que exterminou os camponeses na planície: vidro, como aqueles de Grosz.

— Não. Morreram todos.

O cara torta continua fitando, refletindo sobre o negócio do momento: é arriscado pegar a sacola. São quatro contra um. Os outros três, sem nenhum gesto dele, não se mexem.

Fala devagar:

— Mühlhausen. Os príncipes vão assediá-la. Ali o lucro será grande. Casas de mercadores, não de caipiras miseráveis... Bancos, lojas...

— Mulheres — acrescenta rindo aquele mais baixo, atrás dele.

Mas Grosz, o rei da região dos mortos, não ri. Nem eu, garganta seca e respiração parada. Avalia. A minha mão na empunhadura da espada, pendurada ao cinto com a sacola de dinheiro. Ele entendeu: o único golpe seria contra ele. Rasgaria sua garganta: posso fazer isso. Está escrito no olhar estampado em seu rosto.

Apenas um frêmito, um bater de cílios como veredicto. Não vale a pena arriscar.

— Boa sorte.

Passam adiante, mudos. Ruído de botas afundando na lama.



O gordo senta à minha frente, arranca nacos de uma coxa de cabrito, longos goles de um gigantesco jarro de cerveja escorrem pela barba ensebada que, com a venda no olho esquerdo, quase lhe esconde o rosto. O casaco, gasto e emporcalhado, cobre com dificuldade os demasiados barris de decênios a serviço de todos os senhores.

Durante uma pausa, o porco me interroga:

— O que faz um mocinho como você nesta estrumeira?

Boca cheia transbordando, limpa com a mão e depois arrota.

Sem olhá-lo:

— O cavalo precisa descansar, eu comer.

— Não, mocinho. O que você faz neste cu de guerra bastarda.

— Defendo os príncipes dos rebeldes... — não me deixa tempo para prosseguir.

— Ah... Ah, essa é boa... antes eram quatro piolhentos — mastiga. — Uma ralé de esfarrapados — engole —, que tempos, agora jovenzinhos defendem os senhores da plebe camponesa — arrota novamente. — Vou lhe dizer, mocinho, esta foi a pior de todas as guerras de merda que este único olho bom já viu. Dinheiro, compadre, só dinheiro e os negócios com aqueles porcos de Roma. Os bispos com todas aquelas putas e filhos para manter! Grana, pode estar certo, que os príncipes, os duques, aqueles patifes, não pensam

em outra coisa. Antes tiram tudo dos caipiras, depois nos mandam surrar aqueles que se enchem o saco. Acho que estou velho demais para estas bostas. Fodidos! Agora, que eles iam apontar os canhões contra os príncipes e os puxa-sacos do Papa, tinham mostrado os colhões, os caipiras: queimavam os castelos com toda aquela fartura, comiam as condessas, destripavam os padres nojentos! É, falavam sempre em Deus, mas quebravam tudo, até eu quase acreditei, mas já sabia como as coisas iam acabar, não sobra nada para os esfarrapados. Para nós, sempre aquelas quatro moedas de merda. E isso, é para eles — peida, ri, bebe. — Vá tomar no cu!

Paro de comer, estou entre a surpresa e a repugnância. O porco é simpático, fala como um esgoto mas odeia os senhores. Isso me dá coragem: são feitos de carne e sangue, não só de ferro afiado.

— E você, onde estava? — eu pergunto.

— Em Eisenach, depois Salza, aí cansei de rachar meus braços nas costas dos coitados. Um nojo. Estou velho demais para essas bostas, tenho quarenta anos, caralho, e há vinte metido nesta merda. E você, mocinho?

— Vinte e cinco.

— Não, não: onde estava?

— Frankenhäusen.

— Puta que o pariu! No meio do Juízo Universal? As vozes correm, nunca tinha ouvido falar em coisa igual.

— Isso mesmo, compadre.

— Diga-me... Aquele pregador, aquele profeta, ah, aquele decidido, qual é o nome...? Já sei: der Müntzer. O Cunhador. O que houve com ele?

Cuidado.

— Pegaram-no.

— Não morreu?

— Não. Eu vi que o levavam embora. Um da turma que o capturou me disse que ele lutou como um leão, que foi difícil, deixou os soldados atemorizados com o seu olhar e as suas palavras. Enquanto o levavam, eu ouvi que gritava de cima da carroça "*Omnia sunt communia!*"

— E o que caralho quer dizer?

— "Tudo é de todos".

— Merda, que tipo. E você sabe latim?

Ele ri. Desvio o olhar.

## Capítulo 6

24 de maio de 1525

Poucas horas de viagem e as colinas da Selva Turíngia já eram um pálido reflexo no cinza escuro do céu atrás de mim. Havia apenas superado a fortaleza de Coburg, indo à hospedaria de Eber. Mais dois dias de marcha, no máximo três, ao longo de vales e bosques, e a Alta Francônia começava a abrir-se à minha frente. Uma estrada larga, normalmente cheia de carroças de mercadores entre o Itz e o Meno. Naquela noite em Ebern, o dia depois em Forscheim, para evitar os olhares indiscretos de Bamberg, em seguida Nurembergue e, finalmente, Bibra.

Pela primeira vez senti que conseguiria. Este cansaço, que volta a assolar-me, já estava esquecido, anulado pela força de quem já superou a beira da derrota.



Ela chegou ao meu encontro vinda de longe, enquanto o céu enchia-se de nuvens: dolente, maltrapilha, trágica. Uma fina manta vinha à sua frente, empaste de luz tênue e cinzenta, com a chuva leve que tornava incertas visão e respiração, pela esplanada do vale estreito, que eu pretendia superar antes do pôr do sol.

Avançava lenta, talvez já com algumas horas de caminho após ter iniciado o dia com maior vigor, partindo de uma noite acampada quem sabe como, tendo à frente a escuridão insuportável de uma viagem sem desembarcadouro.

Não tinham carroças, nem bois, nem cavalos. Sacos nas costas.

Um rio de sobreviventes, inundação de miséria para as torres esplêndidas de Coburg.

A coluna de humanidade massacrada deslizava, inerte, esmagada pela pegada gigantesca do Céu. Arrastava-se prostrada de pertences, gemidos de feridos sob vendas sujas, idosos deitados em macas improvisadas. Litanias incessantes e choro de crianças entoavam a angústia.

Só algumas mulheres tentavam dar uma direção aos corpos: percorriam várias vezes aquela fileira desordenada, dando conforto aos feridos e encorajando a prosseguir os que cediam ao peso da desgraça; sempre com crianças agarradas às costas, nos braços ou no ventre, rostos trágicos e altivos. Aquela força impensável, solene, infundia um sopro de vida na carne desventurada de quem sabe qual vilarejo, o mesmo encontrado há alguns dias, ou outro, outro ainda. Existirá um frangalho de mundo a salvo do cataclismo?

Acompanhei o cansaço daqueles passos, mantendo-me a algumas dezenas de metros à direita, por um tempo imóvel, eterno. De vez em quando um olhar, um gemido implorante perpassava todo o meu ser. Centenas de homens subjugados a um único soldado: nenhum gesto de desprezo, nenhum sinal de reação. Exaustos, todos, atônitos diante da ruína. A mim, fugitivo sob as vestes do assassino, dirigia-se a prece dos Sem-nada.

Depois, um rosto de mulher, rompendo a inércia, veio ao meu encontro. Vivo, no imenso cansaço, afastando-se da coluna lamentosa, após ter confiado a outros braços os dois filhotes esfomeados que trazia consigo.

— Não temos mais nada, soldado. Só as feridas dos aleijados e as lágrimas dos nossos filhos. O que mais, ainda?

Não tive palavras, para aliviar o remorso pela impotência e a culpa de estar vivo, diante daqueles olhos altivos, pregos penetrando na carne. Devia ter descido do cavalo, recolhido seus filhos, dado dinheiro e ajuda. Socorrer a minha gente, a fileira dos eleitos arruinada na lama da qual queria libertar-se. Descer e permanecer.

Bati com força os flancos do cavalo. Quase às cegas.

## Capítulo 7

Eltersdorf, Francônia, 10 de junho de 1525

Ganhar o próprio pão é realmente cansativo e triste. O homem inventa piedosas mentiras a respeito do trabalho. Eis outra e abominável idolatria, o cão que lambe a bengala: o trabalho.

Cepo e machado desde o raiar do sol. Corto lenha no quintal que separa a horta e o curral da casa de Vogel.

Wolfgang Vogel: para todos pastor de Eltersdorf, seguidor de Lutero; para Hut um ótimo auxílio para difundir livros, folhetos, avisos; os camponeses insurretos, para o refrão do “Leia-a-Bíblia”: “Agora que Deus fala sua língua, devem aprender a ler a Bíblia por si próprios. Já não precisam de doutores”, respondiam frequentemente: “Então não precisamos nem de você”, fato que de qualquer forma nunca o desencorajava.

Muito bem, Leia-a-Bíblia: acolhida calorosa, toque no ombro, informar-se de quem está vivo e quem morreu, e vejo-me agora com um machado nas mãos, diante de uma pilha de madeira. Estou aqui há dois dias e preciso pagar a hospitalidade.

Em Bibra, não encontrei Hut, a tipografia estava fechada. Disseram-me que havia passado por lá uma semana antes, partindo logo em seguida para batizar o maior número possível de pessoas na Francônia setentrional. Como um viajante que, chegando a uma hospedaria em chamas, pergunte o que há para o jantar. Quando soube que Vogel estava novamente em Eltersdorf, foi só o tempo de substituir o cavalo, abastecer-me e partir.

Eltersdorf. Tenho um quarto, um prato de sopa e um novo nome: Gustav Metzger. Ainda estou vivo e não sei como. Por

enquanto, nem falar em retomar o caminho.



### Eltersdorf, verão de 1525

Dias longos, insuportáveis. Limpar o estábulo, rachar lenha, encher a manjedoura dos porcos, esperando que a porca dê cria. Colher os frutos da pequena horta, consertar as ferramentas, sempre prestes a perder a vida. Serviços repetitivos, puro constrangimento dos membros, prestados todos os dias para adquirir o direito de uma tigela como a de um cão de quintal.

As notícias que chegam de fora falam de massacres por toda parte: a retaliação dos príncipes revelou-se à altura do desafio que havíamos lançado. As cabeças dos camponeses permanecem inclinadas sobre o arado: já não são os mesmos que empunharam as foices como espadas.

Na vila não há quase ninguém para trocar duas palavras. Vou até o moinho levar o trigo de Vogel para moer e encontro alguém pelo caminho, poucas palavras sobre o pastor Wolfgang, o único da vila que possui trigo para o moleiro.

Uma das poucas coisas agradáveis do dia são as discussões com Hermann, um camponês abobalhado que cuida da horta de Vogel. Na verdade, é quase só ele quem fala, enquanto golpeia com o machado os cepos de madeira, porque cada um, ele diz, tem as mãos que merece, e ele já tinha calos nas mãos ao nascer, enquanto os doutorzinhos como eu, era melhor que tocassem somente livros. Sorri, com a boca meio desdentada jurando que esta guerra foi ganha pelos pobretões como ele. Conta que tomaram o castelo do conde e, por dez dias, fizeram com que ele e seus homens os servissem, enquanto à noite deitavam com a senhora e as filhas. Aquela foi uma grande vitória; ninguém pode pensar em subjugar os poderosos por muito tempo, também porque se os camponeses governassem e os senhorios trabalhassem na terra, todos morreriam de fome, pois cada um tem as mãos que merece... Mas, para um senhorio, lambar os pés de um servo e colocar novamente o seu negócio no mesmo lugar onde um caipira o colocou, é a mais ultrajante derrota.

Para as pessoas como Hermann, o mais sagrado prazer. Ri como um tolo, cuspiendo por todo lado e, para dar-lhe mais prazer ainda, eu digo que o próximo conde poderá até ser um filho dele e essa é uma bela maneira de abater os poderosos: poluir-lhes a prole.

Com Vogel, pelo contrário, não há muito que discutir. É um bom homem, mas não me agrada: diz que o destino e a suprema vontade divina quiseram que as coisas fossem assim, que o horrível massacre de indefesos acontecesse, que o insondável, supremo poder nos exorta a compreender através dos seus sinais, também os trágicos ou funestos, que a vontade dos homens, mesmo se justos e merecedores do reino, não é suficiente para realizar a sua promessa na terra. Que se dane, Vogel, suas promessas e todo o resto.



Agora eu atendo, quando ouço chamar Gustav, já me acostumei com um nome que não é meu mais que qualquer outro.



À noite, a luz das velas é suficiente apenas para ler algumas páginas da Bíblia. O meu quarto: paredes de madeira, um catre, um banquinho e uma mesa. Sobre a mesa, a sacola de Magister, um grumo sem formas de lama incrustada. Ninguém jamais a deslocou daí.

Não há mais nada, nada além daquela sacola trazida de Frankenhausem até aqui, para lembrar-me das promessas não cumpridas e do passado. Nada que valha o risco de ser conservado. Deveria tê-la queimado logo, mas cada vez que me aproximei para pegá-la, senti-me ainda no topo daquela escada, com o peso puxando para baixo, enquanto eu abandonava Magister ao seu destino.

Pela primeira vez a abro. Ela quase desmancha em minhas mãos. As cartas estão todas aí, mas a umidade as corroeu e apodreceu. As folhas se mantêm unidas com dificuldade.

*Ao magnífico mestre nosso messer Thomas Müntzer de Quedlinburg, a saudação dos camponeses da Floresta Negra e*

*de Hans Müller von Bulgenbach, rebelados em unísono e com a força contra o ignóbil senhor Sigmund von Lupfen, culpado de ter submetido à fome e à humilhação os seus servos e familiares inverno após inverno, levando-os ao desespero.*

*Mestre nosso,*

*escrevo-lhe para informá-lo que há uma semana os nossos doze artigos foram apresentados ao Conselho da cidade de Villingen, o qual respondeu prontamente acolhendo somente alguns dos pleitos. Uma parte dos camponeses considerou impossível obter algo mais e escolheu retornar à própria casa. Mas uma parte não exígua deles decidiu, pelo contrário, prosseguir no protesto. Eu mesmo estou procurando aproximar-me dos camponeses dos territórios vizinhos, para angariar reforços para esta luta justa e lhe escrevo com a pressa de quem já está com um pé no estribo, na certeza que não há outro homem em toda a Alemanha mais apto que o senhor para justificar a minha concisão e esperando de coração que esta missiva possa chegar às suas mãos.*

*Que Deus o acompanhe sempre,  
o amigo dos camponeses,  
Hans Müller von Bulgenbach*

*Villingen, no dia 25 de novembro do ano de 1524*

Müller, provavelmente morto. Gostaria de tê-lo conhecido. E nem passou um ano. Um ano que agora parece estar do outro lado do mundo, como as suas palavras. O ano em que tudo foi possível, se é que assim foi.

Procuro outra vez na sacola. Uma folha amarela e lacerada.

*Ao Mestre dos camponeses, senhor Thomas Müntzer, defensor da fé contra os ímpios, junto à igreja de Nossa Senhora em Mühlhausen.*

*Mestre nosso,*

*no dia da santa Páscoa, aproveitando da ausência do conde Ludwig, os camponeses assaltaram o castelo de Helfenstein e, após tê-lo depredado e capturado a condessa e os*

*filhos, dirigiram-se às muralhas da cidade, onde o conde e os seus nobres estavam refugiados. Graças ao apoio dos cidadãos, conseguiram entrar e capturá-los. Levaram, então, o conde e outros treze nobres para o campo e os obrigam a passar sob o jugo. Apesar do conde ter oferecido muito dinheiro em troca da própria vida, ele foi assassinado, com os seus cavaleiros, despido e deixado no meio do bosque com os ombros amarrados ao jugo. Os camponeses voltaram ao castelo e lhe atearam fogo.*

*A notícia destes acontecimentos não tardou em chegar aos condados vizinhos, semeando pânico entre os nobres, que agora sabem que estão expostos ao mesmo destino do conde Ludwig. Tenho certeza que estes acontecimentos serão um elemento de suma importância para o reconhecimento dos doze artigos em todas as cidades.*

*Neste dia de Páscoa, o Cristo ressuscita dos mortos para revivificar o espírito dos humildes e reanimar o coração dos oprimidos (Is 57, 15). Que a graça de Deus não o abandone.*

*O capitão das formações camponesas do Neckar e do  
Odenwald,  
Jäcklein Rohrbach  
Weinsberg, no dia 18 de abril do ano de 1525*

Aperto a folha mofada. Conheço esta carta, foi lida por Magister Thomas em alta voz para que todos lembrassem que o momento da libertação estava chegando. A sua voz: o fogo que incendiou a Alemanha.

**A doutrina, o pântano**

**(1519-1522)**

## Capítulo 8

Wittenberg, Saxônia, abril de 1519

Cidade de merda, Wittenberg. Miserável, pobre, barrenta. Um clima insalubre e áspero, sem vinhedos nem pomares, uma cervejaria enfumaçada e gelada. O que há em Wittenberg, tirando o castelo, a igreja e a universidade? Vuelas sujas, ruas cheias de lodo, um povo bárbaro de comerciantes de cerveja e de regateiros.

Estou sentado no pátio da universidade com estes pensamentos que se aglomeram em minha cabeça, comendo um “*bretzel*” que acabou de sair do forno. Passo-o por entre as mãos para esfriá-lo enquanto observo os estudantes no intervalo desta hora do dia. Pães e sopas, os colegas aproveitam o sol morno e almoçam ao ar livre, enquanto aguardam a próxima aula. Sotaques diferentes, muitos de nós vêm de principados vizinhos, mas também da Holanda, da Dinamarca, da Suécia: jovens de meio mundo afluem aqui para ouvir a viva voz do Mestre, Martinho Lutero, a sua fama voou nas asas do vento, aliás nas prensas dos tipógrafos que tornaram este lugar famoso, até alguns anos atrás esquecido por Deus e pelos homens. Os eventos... os eventos precipitam. Ninguém havia jamais ouvido falar em Wittenberg e agora chegam cada vez mais numerosos, sempre mais jovens, porque quem quiser participar precisa estar aqui, no pântano mais importante de toda a Cristandade. Talvez seja verdade: aqui está sendo desenformado o pão que empenhará os dentes do Papa. Uma nova geração de doutores e teólogos que libertarão o mundo das garras corrompidas de Roma.

Eis que chega, mais velho que eu de alguns anos, barba pontuda, magro e cavado como só os profetas podem ser: Melâncton, o pilar

da sabedoria clássica que o príncipe Frederico quis colocar ao lado de Lutero para dar prestígio à universidade. Suas aulas são brilhantes, alterna citações de Aristóteles e passagens das Escrituras, que pode ler em hebraico, como se estivesse extraído de um poço inesgotável de conhecimento. Ao seu lado o reitor, Karlstadt, o Integérrimo, parco na vestimenta, um pouco mais velho, mas bem conservado. Atrás, Amsdorf e o fiel Franz Günther, como filhotes amarrados a uma coleira invisível. Concordam e chega.

Karlstadt e Melâncton discutem, passeando. Nos últimos tempos, acontece frequentemente. É possível colher alguma frase, trechos em latim, às vezes, mas o assunto permanece obscuro. Ao longo dos muros da universidade a curiosidade cresce como uma trepadeira: as mentes jovens anseiam por novas questões, para testar as suas presas de leite.

Sentam-se em um degrau exatamente à minha frente, no outro lado do pátio. Fingindo indiferença, formam-se pequenos grupos de estudantes ao redor. A voz de efebo do Melâncton chega aos meus ouvidos. Tão cativante na aula, quanto estrídula aqui fora.

— ... e você deveria convencer-se uma vez por todas, meu bom Karlstadt, não há palavras mais claras que as do apóstolo. “Cada um permaneça submetido às autoridades constituídas, porque não há autoridade a não ser a de Deus, e aquelas que existem foram estabelecidas por Deus, portanto quem se opõe à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus”. Isto é o que escreve São Paulo na epístola aos Romanos.

Decido levantar-me e unir-me aos outros espectadores, exatamente quando Karlstadt rebate.

— É ridículo pensar que aquele cristão para o qual, segundo a palavra do próprio São Paulo, “a lei morreu”, a lei moral dada por Deus aos homens tenha que obedecer cegamente às leis frequentemente injustas redigidas pelos homens! Cristo diz: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Os Judeus usavam a moeda de César reconhecendo a autoridade romana. Era portanto justo que aceitassem também todas aquelas obrigações civis que não prejudicavam aquelas religiosas. Desta forma, Cristo com suas palavras distingue o campo político daquele religioso e aceita a função da autoridade civil, mas só com a condição que não se sobreponha a Deus, que não se misture com Ele. Quando, de fato, ela se sobrepõe a Deus, não promove o bem comum, mas escraviza o

homem. Lembre o Evangelho de Lucas: “Adorarás o Senhor teu Deus, e servirás somente Ele...”

O ar se fez mais denso, ouvidos tesos e olhares que saltam de um lado ao outro. Formou-se uma arena, um semicírculo perfeito de estudantes, como se alguém tivesse delimitado com giz o campo do embate. Günther está em pé, calado, avaliando a qual lado será conveniente aliar-se. Amsdorf já escolheu o dele: no meio.

Melâncton abana a cabeça e pisca os olhos acenando um sorriso magnânimo. Assume sempre a atitude de um pai que explica a situação ao filho. Como se a mente dele abrangesse a sua, envolvendo-a, tendo já compreendido tudo aquilo que você entenderá deste momento até o fim dos seus dias.

Olha o público com complacência, diante dele, está a Nova Cristandade.

Mede as palavras, pesa-as na balança, antes de rebater.

— Você deve cavar mais a fundo, Karlstadt, não manter-se na superfície. O sentido do “dai a César” é bem diferente... Cristo faz uma distinção entre os dois âmbitos, aquele da autoridade civil e aquele de Deus, é verdade. Mas faz isso para que, de fato, a cada uma delas seja dado o que lhe compete, visto que as duas formas de autoridades são especulares. Esta é a vontade do Senhor. O próprio São Paulo nos explicou este conceito. Ele diz: “deveis pagar os tributos, porque aqueles encarregados desta tarefa são funcionários de Deus. Dai a cada um o que lhe é devido: a quem o tributo, o tributo; a quem os impostos, os impostos; a quem o temor, o temor; a quem o respeito, o respeito.” Além disso, meu caro amigo, se os fiéis se comportarem honestamente, não têm o que temer das autoridades, aliás, serão elogiados. Quem, pelo contrário, praticar atos de maldade, deve temer, porque se o soberano carrega uma espada, há um motivo: ele está a serviço de Deus para punir justamente quem pratica o mal.

Karlstadt, lento, zangado:

— Mas quem punirá o soberano que não age honestamente?

Melâncton, firme:

— “Não façam justiça própria, caríssimos, mas deixem que a ira divina a faça.” O Senhor diz.: “A mim a vingança, eu retribuirei.” A autoridade injusta é punida por Deus, Karlstadt. Deus a colocou na terra, Deus pode destruí-la. Não cabe a nós contrapor-nos a ela. Além disso, quais palavras mais límpidas que as do apóstolo:

“Abençoai aqueles que vos perseguem”?

Karlstadt:

— Correto, Melâncton, correto. Não digo que não tenhamos que amar também os nossos inimigos, mas você há de convir que precisamos, pelo menos, preservar-nos daqueles que, sentados na cátedra de Moisés, fecham o reino dos céus na cara dos homens...

O bom pai Melâncton:

— Os falsos profetas, meu caro Karlstadt, aqueles são os falsos profetas... E o mundo está cheio deles. Até aqui, neste lugar de estudo abençoado pelo Senhor... Porque é entre os sábios que se aninha a arrogância, a presunção de colocar as palavras na boca do Senhor, para enaltecer a própria fama pessoal. Mas Ele nos disse: “Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a inteligência dos inteligentes.” Nós servimos Deus e combatemos para a verdadeira fé contra a corrupção secular. Não esqueça isso, Karlstadt.

Um golpe baixo, desleal. Um véu de fraqueza, a sombra do conflito que o corrói, pousa sobre a figura do reitor. Parece confuso, pouco convencido, mas acusa a ferida. Melâncton está em pé: insinuou a dúvida, só falta desferir o golpe final.

Naquele momento, ergue-se uma voz da plateia. Uma voz firme, clara, que não pode pertencer a um estudante.

— “Preservem-se dos homens, porque os entregarão aos tribunais deles e os flagelarão nas sinagogas deles e serão conduzidos diante dos governadores deles e dos reis por minha causa, para fornecer testemunho a eles e aos pagãos...” Será que o nosso Mestre Lutero teme apresentar-se diante da autoridade para ser julgado pelos tribunais? O seu testemunho não é suficiente para compreender? Aquele de Lutero é o grito que se ergue dos campos e das minas, contra quem destruiu a verdadeira fé: “Aquele que vem do alto está acima de todos; mas quem vem da terra, pertence à terra e fala da terra.” Lutero nos indicou o caminho: quando a autoridade dos homens se opõe ao testemunho, o verdadeiro cristão tem o dever de enfrentá-la.

Olhamos o rosto de quem acabou de falar. O olhar é ainda mais firme e decidido que as palavras. Nunca se afasta de Melâncton.

Melâncton. Pisca os olhos deglutindo a raiva, surpreso. Alguém lhe roubou a fala.

Dois toques. Estão chamando para a aula de Lutero. Precisamos ir.

Silêncio e tensão se dissolvem no murmúrio dos estudantes, impressionados com a disputa, e com as frases de circunstância de Amsdorf.

Todos afluem para o fundo do pátio. Melâncton permanece imóvel, os olhos plantados sobre quem lhe arrancou uma vitória segura. Olham-se à distância, até que alguém segura o professor pelo braço, para conduzi-lo à aula. Antes de retirar-se, o tom da voz é uma promessa.

— Teremos nova oportunidade de falar. Certamente.

No corredor apinhado que conduz à sala onde nos aguarda o sumo Lutero, chego ao lado do meu amigo Martin Borrhaus, que todos chamamos Celário. Ele também está excitado por causa do evento.

Em voz baixa:

— Viu a cara do Melâncton? O senhor Língua afiada mexeu com ele. Sabe quem é?

— Chama-se Müntzer. Thomas Müntzer. Vem de Stolberg.

**O olheiro de Carafa**

**(1521)**

*Carta enviada a Roma da cidade de Worms, sede da Dieta imperial, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 14 de maio de 1521.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão honradíssimo Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão meu honradíssimo. Escrevo a Vossa Senhoria a respeito de um acontecimento gravíssimo e misterioso: Martinho Lutero foi raptado há dois dias enquanto retornava a Wittenberg com salvo-conduto imperial.

Quando V.S. me encarregou de seguir o monge à Dieta imperial de Worms, não mencionou nenhum plano desse gênero; permaneço ansioso no aguardo de notícias, caso exista algo que tenha sido subtraído da minha atenção e de que eu deveria tomar conhecimento. Se, como creio, as minhas informações não eram incompletas, posso então afirmar que uma ameaça obscura e gravíssima paira sobre a Alemanha. Considero portanto essencial comunicar a V.S. quais foram os movimentos de Lutero e ao redor dele, nos dias da Dieta, e qual foi o comportamento do senhor dele, o Príncipe Frederico, Eleitor de Saxônia.

Na terça-feira 16 de abril, hora do almoço, a guarda da cidade instalada na torre da catedral sinalizou a som de trombeta, como de costume, a chegada de um hóspede de respeito. A notícia da chegada do monge já havia sido difundida na parte da manhã e muitas pessoas dirigiram-se ao seu encontro. O seu modesto veículo, seguindo o arauto imperial, era acompanhado de uma centena de pessoas a cavalo. O povo, aglomerado na rua, impedia que o cortejo avançasse rapidamente. Antes de entrar na albergaria Johanniterhof entre as alas do povo, Lutero olhou ao redor feito possesso, gritando “Deus será por mim”. A pouca distância, na albergaria do Cisne, estava hospedado o Príncipe Eleitor de Saxônia com o seu séquito. Desde as primeiras horas da sua chegada, começou uma vaivém da pequena nobreza, aldeões e magistrados, mas

nenhum dos personagens mais importantes da Dieta tencionou comprometer-se visivelmente com o monge. Exceto o jovem landegrave Felipe d'Assia, que submeteu a Lutero leves questões concernentes os hábitos sexuais na *Babilonica*, recebendo deste uma severa repreensão. O próprio Frederico o viu somente nas sessões públicas.

Aliás, não foram as sessões públicas de 17 e 18 de abril o palco das verdadeiras atividades, mas sim as conversações particulares e alguns episódios da permanência de Lutero em Worms. Como Vossa Senhoria já deve ter conhecimento, apesar da aversão que o jovem Imperador Carlos nutre pelo monge e as suas teses, a Dieta não conseguiu que se retratasse, nem tomou as devidas providências antes dos acontecimentos. Isto por causa das manobras habilmente orquestradas por alguns sustentadores de Lutero, entre os quais considero possível incluir o Eleitor de Saxônia, ainda que sem uma certeza absoluta, por causa do caráter subterrâneo e obscuro de tais manobras

Na manhã de 19 de abril, o Imperador Carlos V convocou os eleitores e os príncipes para pedir uma tomada de decisão sobre Lutero, manifestando aos mesmos a própria amargura por não ter agido energicamente contra o monge rebelde desde já. O Imperador confirmou o salvo-conduto imperial de vinte e um dias, com a condição que o frade não pregasse durante a viagem de retorno a Wittenberg. Na tarde do mesmo dia, os príncipes e os eleitores foram convocados para deliberar sobre o pedido imperial. A condenação de Lutero foi aprovada por quatro votos sobre seis. O Eleitor da Saxônia certamente votou contra, e esta foi a sua primeira e única manifestação aberta em favor de Lutero.

Na noite do dia 20 foram porém afixados, por desconhecidos, em Worms dois panfletos: o primeiro continha ameaças contra Lutero; o segundo declarava que 400 nobres haviam-se empenhado, sob juramento, em não abandonar o "justo Lutero" e a declarar a própria inimizade aos príncipes e aos romanistas e, acima de tudo, ao arcebispo de Mogúncia.

Este acontecimento deitou sobre a Dieta a sombra de uma guerra religiosa e de um partido luterano pronto para insurgir. O arcebispo de Mogúncia, assustado, pediu e obteve do Imperador

a permissão para rever toda a questão, a fim de não rachar a Alemanha em dois e oferecer o ensejo de uma revolta. Quem quer que tenha afixado aqueles panfletos, alcançou o êxito de prorrogar a causa por alguns dias e de difundir temor e circunspeção quanto à eventual condenação de Lutero.

Nos dias 23 e 24, portanto, Lutero foi examinado por uma comissão nomeada pelo Imperador para a oportunidade e, como V.S. já deve estar ciente, continuou recusando a proposta de uma retratação. Não obstante, o seu colega de Wittenberg que o havia acompanhado à Dieta, Amsdorf, espalhou a notícia que era iminente um acordo conciliatório entre Lutero, a Santa Sé e o Imperador. Por que, senhor meu ilustríssimo? Creio, ainda, por sugestão do Eleitor Frederico, para ganhar outro tempo.

Assim, entre o dia 23 e o 24, houve grande alternância de mediadores para recompor a ruptura entre Lutero e a Santa Sé, representada aqui em Worms pelo arcebispo de Trier.

No dia 25 houve um encontro particular, sem testemunhas, entre Lutero e o arcebispo de Trier que, como era previsível, frustrou toda a diplomacia dos dois dias anteriores. Lutero, particularmente, como já havia declarado durante as sessões da Dieta diante do Imperador, recusou-se “por consciência” a retratar as próprias teses. Ficou portanto sancionada uma ruptura irreparável e definitiva. Naquelas horas, pelas ruas da cidade, corriam vozes de uma iminente detenção de Lutero.

Na noite do mesmo dia, foram vistos dois vultos envolvidos em capas dirigindo-se ao quarto de Lutero. O albergueiro reconheceu-os como sendo Feilitzsch e Thun, os conselheiros do Príncipe Eleitor Frederico. O que houve durante aquele encontro noturno? V.S. poderá talvez encontrar a resposta nos acontecimentos dos dias sucessivos.

Na manhã do dia seguinte, 26, Lutero deixou sem alarde a cidade de Worms, com uma pequena escolta de nobres simpatizantes. No outro dia estava em Frankfurt; em 28 em Friedberg. Aqui, ele convenceu o arauto a deixá-lo prosseguir sozinho. Em 3 de maio Lutero abandonou a estrada principal, continuando pelas vias secundárias, alegando como motivo da mudança de itinerário uma visita a seus parentes, perto da cidade de Möhra. Induziu também os seus companheiros de viagem a prosseguir diretamente em outra carroça. As

testemunhas dizem que, ao retomar a viagem em Möhra, estava sozinho no veículo, com Amsdorf e o colega Petzensteiner. Após algumas horas, a carroça foi bloqueada por alguns homens a cavalo, que perguntaram ao condutor quem era Lutero e, reconhecendo-o, tomaram-no pela força e o arrastaram embora pelo mato.

Para Vossa Senhoria resultará evidente que não é possível deixar de ver Frederico, o Eleitor da Saxônia, atrás de toda essa maquinação. Mas, caso V.S. tenha o zelo de não querer chegar a uma conclusão demasiadamente precipitada, permito-me apresentar-lhe alguns quesitos. Quem tinha interesse em retardar a condenação de Lutero, mantendo a diatribe em aberto? E, conseqüentemente, quem, para retardar a sentença, tinha interesse em atemorizar com a ameaça de um partido de cavaleiros prontos para defender o monge com a espada, contra o Imperador e o Papa? Finalmente, quem tinha interesse em colocar Lutero a salvo encenando um rapto, sem revelar-se abertamente e sem comprometer-se diante do Imperador?

Tenho o atrevimento de acreditar que V.S. também chegará à mesma conclusão do seu servidor. Respira-se um ar de batalha, meu senhor, e a fama de Lutero cresce a cada dia. A notícia do seu rapto desencadeou pânico e agitação indescritíveis. Mesmo os que não partilham de suas teses, reconhecem-no como uma voz prestigiosa da reforma da Igreja. Uma grande guerra religiosa está prestes a desencadear-se. As sementes que Lutero espalhou, arrebatado pelo ímpeto da convicção, já vão dar os seus frutos. Discípulos ansiosos para passar à ação preparam-se para extrair, com intrépida lógica, as conseqüências dos próprios pensamentos. Se a sinceridade é uma virtude, Vossa Senhoria me permitirá talvez afirmar que os protetores de Lutero já atingiram o objetivo de transformar o monge em uma máquina de guerra contra a Santa Sé, organizando ao seu redor um amplo séquito. E agora, estão somente aguardando o momento mais oportuno para instaurar a batalha em campo aberto.

Nada mais tenho a dizer, a não ser que beijo as mãos de V.S., a quem de todo coração me recomendo.

Worms, no dia 14 de maio de 1521

o fiel observador de Vossa Senhoria Ilustríssima  
Q.

*Carta enviada a Roma da cidade Saxônia de Wittenberg, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 27 de outubro de 1521.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão honradíssimo Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor e patrão meu honradíssimo, escrevo a Vossa Senhoria para informá-lo que já não há dúvida quanto à responsabilidade do príncipe Frederico no sequestro de Lutero. Aqui em Wittenberg ouve-se falar em cativo voluntário do monge em um dos castelos do Eleitor, ao Norte da Turíngia. Se não bastassem as vozes, que aumentam a cada dia na confirmação desta verdade, para afastar qualquer simulação ainda resídua seria suficiente observar o semblante sereno do mui douto e efeminado Melâncton, ou então o desenrolar cotidiano sem angústia das atividades de ensino e formação dos discípulos ou, mais ainda, a inquietação do reitor Karlstadt. Lutero, portanto, não foi raptado, mas colocado a salvo pelo seu protetor.

Mas respondo agora ao quesito que Vossa Senhoria havia posto em sua última missiva. É bem verdade que agora a atenção e as forças do Imperador estão voltadas para a guerra contra a França, assim, para o partido dos seguidores de Lutero este poderia ser o momento oportuno para manifestar-se. Não creio, porém, que isto ocorra dentro em breve. Se é que estes meus olhos têm alguma utilidade, posso afirmar que o Príncipe Frederico e os seus aliados contemporizarão. Ele não tem interesse algum em fomentar a revolta contra o Papa, porque sabe que poderia perder o controle e ser derrotado. O Imperador correria para defender o catolicismo, e ele é ainda demasiadamente forte para ser desafiado em campo aberto.

Há, ainda, um outro particular que fundamenta a prudência do Eleitor da Saxônia. A pequena nobreza sem terra recolheu-se ao redor de dois nobres decaídos, simpatizantes de Lutero, uns Hutten e Sickingen, os quais no próximo ano poderiam tentar uma insurreição. Creio portanto que os príncipes, encabeçados

por Frederico, não abririam uma brecha para esses tumultuosos subalternos e permanecerão unidos para derrubá-los, para manter sozinhos o controle de qualquer reforma.

Há mais uma razão que impele o Eleitor a ganhar tempo. É algo que ainda não relatei a Vossa Senhoria: o humor popular que há alguns meses é possível sentir no ar. Em particular, os acontecimentos de Wittenberg, na ausência de Lutero, perseguem de perto o Eleitor. O reitor da universidade, André Karlstadt, dirige uma reforma que obtém amplo êxito no seio da população. Ele aboliu os votos monásticos e o celibato para os homens da Igreja. A confissão auricular, o cânon da missa e as imagens sacras tiveram a mesma sorte. Desencadeou a ferocidade popular contra as imagens dos santos, e houve episódios de violência que culminaram com ataques a igrejas e capelas. Ele próprio desposou prontamente uma jovem de apenas quinze anos de idade. Veste roupas de saco e prega em alemão pelas ruas, falando em humildade e abolição de todos os privilégios eclesiásticos. Não tem escrúpulos em sustentar que as Escrituras devem ser deixadas ao povo, livre de apropriar-se delas e de interpretá-las da forma que bem entender. Nem Lutero seria tão ousado. Quanto à administração cívica, então, Karlstadt instaurou um conselho municipal eletivo para reger a cidade no mesmo nível do Príncipe, e isto assusta bastante Frederico. De fato, o que ele pensava atrair a seu favor, arrisca revoltar-se contra ele próprio: a reforma da Igreja e a independência de Roma poderiam transformar-se em reforma da autoridade e independência dos Príncipes.

Por este motivo, creio que o Eleitor não tardará em fazer com que Lutero saia da toca em que está escondido, para que enxote esse Karlstadt. Posso ainda assegurar a Vossa Senhoria que se Lutero voltar para Wittenberg, Karlstadt será forçado a ir embora. Ele não tem condições de sustentar um choque com o profeta da reforma alemã: será sempre um pequeno reitor de universidade enquanto, depois do episódio de Worms, Lutero é agora, para todos os alemães, o Hércules Germânico. Pois bem, meu senhor, tenho certeza que este Hércules assentará a sua clava sobre Karlstadt e sobre todos os que ameaçarem obscurecer a sua fama, bastando a permissão do Eleitor. Frederico, de sua parte, bem sabe que só Lutero poderá dirigir a

reforma na direção que lhe será mais proveitosa; eles necessitam um do outro, como o timoneiro e o remador que governam uma embarcação. Tenho certeza que Lutero não tardará em voltar para Wittenberg; e limpará o campo, retirando todos os usurpadores da sua cátedra.

Por estas razões, portanto, o príncipe Frederico e os seus aliados ainda não enfrentaram abertamente a Igreja e o Imperador.

Agora, se fosse concedido ao servo aconselhar o próprio senhor, tenho certeza que diria: “O que parece, meu senhor, é que para atacar ao mesmo tempo o Eleitor e todos os príncipes que pretendem rebelar-se contra a autoridade da Igreja romana, é necessário atacar o próprio Hércules Germânico, que eles têm como escudo. O povo e os camponeses estão descontentes e tumultuosos, querem reformas bem mais arrojadas que as que o príncipe Frederico e talvez o próprio Lutero estão dispostos a conceder. A verdade é que o portal aberto por Lutero, agora deveria ser bem fechado. Mas Karlstadt não vale muito, terá vida curta. O fato que tantas pessoas, aqui em Wittenberg o tenham seguido, é um claro sinal do sentimento que anima o povo. Se, portanto, das ondas deste borrascoso oceano emergisse um Outro Lutero, mais demoníaco que o frade do demônio, alguém que ofuscasse a sua fama e atendesse aos pedidos da plebe... alguém que colocasse a ferro e fogo a Alemanha com as suas palavras, forçando Frederico e todos os príncipes à guerra, obrigando-os a pedir o apoio do Imperador e de Roma para acalmar a rebelião... Alguém, meu senhor, que empunhasse o martelo e golpeasse a Alemanha com tamanha força que a fizesse tremer dos Alpes ao Mar do Norte. Se esse tipo de homem existisse em qualquer lugar, deveria ser considerado mais precioso que o ouro, pois seria a arma mais poderosa contra Frederico de Saxônia e Martinho Lutero”.

Se Deus, em Sua infinita providência, nos enviasse um profeta como este, só seria para lembrar-nos que as Seus caminhos são infinitos, como infinita é a Sua glória, para a qual estes olhos humildes se esforçam e prosseguirão sempre servindo Vossa Senhoria, a cuja bondade eu me entrego, beijando-lhe as mãos.

Wittenberg, em 27 de outubro de 1521  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

## Capítulo 9

Wittenberg, janeiro de 1522

A porta rege-se somente sobre os gonzos. Empurro-a e deslizo para dentro. Mais escuro que fora e o mesmo frio infame. Das vidraças restam somente estilhaços, as estátuas são mutiladas em vários pontos. A raiva iconoclasta não poupou a igreja. Não entendo porque Celário tenha marcado o encontro aqui, só disse que queria falar-me. Há algum tempo, está muito agitado. Há algum tempo, todos está agitados, aqui em Wittenberg. Circulam dos pregadores, vêm de Zwickau e querem ser chamados de profetas. Um deles, nós conhecemos: Stübner, estudava aqui há alguns anos. Os sermões deles provocam grande alarde, que lhes assegura a simpatia de muitos. Ideias novas e extremadas: uma mistura à qual Celário não sabe resistir. O rangido do velho banco sobre o qual sento, alia-se ao da porta atrás de mim. Celário, andando ofegante entre as colunas da nave. Chega ao meu lado, sacudindo a lama dos calçados.

Uma olhada ao redor: estamos sozinhos.

— Estão acontecendo coisas importantes. A disputa com Melâncton foi um espetáculo. Foram coisas pesadas: como que batizar uma criança é como lavar um cão, só para dar um exemplo. Imagine, Melâncton! Estava roxo! Conseguiu rebater, mas um ataque desse, ele não esperava certamente. Agora, esperam a volta de Lutero para enfrentá-lo também...

— Uh! vão esperar muito tempo. Lutero não aparecerá tão cedo, entrou em uma emboscada. O Eleitor o mantém com o traseiro quente em algum dos seus castelos. Para mim, toda a história de Worms e do rapto parece uma comédia do senhor Spalatino. Lutero,

o Hércules Germânico... um mastim na coleira do Eleitor.

Rosna e sorri:

— Não vai demorar e eles afrouxarão a coleira, você verá. É quanto basta para chegar até aqui e latir contra o bom Karlstadt, para recolocá-lo em seu lugar.

— Pode crer. Karlstadt esticou até demais a corda.

Concorda:

— Mas agora não está mais sozinho. Há esses profetas. Stübner falou-me daquele Müntzer, você lembra dele? Esteve com eles em Zwickau e na Boêmia. Parece que tenha inflamado o povo e provocado tumultos só com a força das suas palavras. Não é certo que o que Karlstadt fez seja perdido...

— Quanto ao matrimônio dos padres, a pregação em alemão e coisas assim, não há retorno, mas o ordenamento municipal da cidade, não passa. Karlstadt não é do tipo que aprecia o choque. Você verá: ao invés de opor-se duramente a Lutero, irá embora. Precisaria de alguém como Müntzer. Quando estava aqui, era mais Lutero que o próprio Lutero, e agora que Lutero está acabado, poderia ser a esperança. Precisaria localizá-lo.

— Temos que perguntar ao Stübner. Ele com certeza sabe de mais alguma coisa.



A neve e a lama chegam até a canela. O frio penetra nos ossos. Celário diz que Stübner é quase sempre hospede do cervejeiro Klaus Schacht: o santuário ideal para um Isaías alemão. O incenso é um vapor denso com cheiro de cozinhas e de cerveja, os salmos são os cantos arrastados e as imprecações dos fregueses.

Ao redor de uma mesa, uma dúzia de pessoas, três ou quatro estudantes e um grupo de artesãos desleixados. O centro da atenção de todos: um tipo grande com barba vermelha e cabeleira espessa. Fala sem interrupção, esbofeteando o ar com a mão.

— Não jejem mais como fazem hoje, para que o barulho que vocês fazem seja mais alto. É este o jejum que o Senhor deseja, o do dia em que o homem se mortifica? Dobrar a cabeça como um junco, usar saco e cinzas como cama, é isto que vocês chamam de jejum e dia bem aceito pelo Senhor? Deus quer um outro jejum: desatar as

correntes iníquas, quebrar as amarras do jugo e libertar os oprimidos. Eis o verdadeiro jejum: dividir o pão com os que têm fome, acolher na própria casa os miseráveis, os sem-teto, vestir quem está nu, não deixar de olhar o povo. Digam isso àquele servo de Melâncton...

Está visivelmente bêbedo. Uma homilia dirigida a todos e a ninguém, mas aplaudida pelos fregueses, talvez mais bêbedos que o profeta. Quando o orador torna a sentar, o falatório recomeça mais tranquilo.

Aproximo-me. Na mesa há algumas incisões. A imagem mais nítida: o Papa praticando sodomia em uma criança. Apresento-me como um amigo de Celário. Sem olhar-me no rosto, ordena outra cerveja.

— Celário disse que você poderia informar-me sobre o que aconteceu com Zwickau...

Pega o bocal, toma dois goles que lhe encham o bigode de espuma.

— Por que lhe interessa?

— Porque cansei de Wittenberg.

Seus olhos me fitam pela primeira vez, repentinamente lúcidos: não estou brincando.

— O irmão Storch insurgiu-se junto com os tecelões contra o conselho da cidade. Atacamos uma congregação de franciscanos, jogamos pedras em um católico insolente e pusemos para correr um pregador...

Interrompo-o:

— Fale-me de Müntzer.

Concorda:

— Ah, Müntzer, fale esse nome baixo, porque Melâncton pode cagar-se todo! — ri. — Seus sermões incendeiam os ânimos de qualquer um. O eco de suas palavras atingiu a Boêmia, foi chamado pelo conselho da cidade de Praga para pregar lá contra os falsos profetas.

— Ele está contra quem?

Com o polegar, aponta para trás dele, lá fora.

— Contra todos os que negam que o espírito de Deus possa falar diretamente aos homens, às pessoas como eu e você, ou estes artesãos. Contra todos os que usurpam a palavra de Deus com discursos sem fé. Contra todos os que querem um Deus mudo, que

não fala. Contra todos os que professam querer levar ao povo o alimento da alma, deixando-lhes a barriga vazia. Contra os soldados dos príncipes.

Leve, um peso que desaparece. O que eu sempre pensei, agora ficou claro.

Gostaria de abraçá-lo, Profeta.

— E o que pensa Müntzer, de Wittenberg?

— Aqui não se faz outra coisa, senão falar. A verdade é que agora Lutero está nas mãos do Eleitor. O povo está em pé, mas onde anda o seu pastor? Engordando em algum castelo luxuoso! Creia-me, tudo aquilo pelo qual lutamos, está em perigo. Viemos especialmente para enfrentar Lutero publicamente e desmascará-lo, desde que tenha a coragem de sair da sua toca. Por enquanto, desafiamos Melâncton. Para Müntzer, pelo contrário, os dois já estão mortos. As palavras dele são dirigidas somente aos camponeses, que têm sede de vida.

Abandonar os mortos: chegar à vida. Sair deste pântano.

— Onde está Müntzer agora?

— Andando pela Turíngia, pregando — o meu olhar é suficiente para fazer com que compreenda. — Não é difícil localizá-lo. Sua passagem deixa marcas.

Levanto-me e pago as cervejas dele.

— Obrigado. As suas palavras foram preciosas.

Antes que eu vá, fita-me nos olhos, é quase um pedido:

— Encontre-o, moço... Encontre o Cunhador.

## Capítulo 10

Wittenberg, março de 1522

Ando rapidamente, quase escorrego na lama, meu hálito vai cortando, à minha frente, o frio matutino. No pátio da universidade, Celário está conversando com alguns amigos. Chego até ele e o arrasto a um canto, deixando os outros emudecidos.

— Karlstadt está acabado.

Sombrio como eu:

— Bem que eu lhe disse. Afrouxaram a coleira de Lutero. O bom reitor será enxotado.

— É. Bom demais. Seus dias estão contados. — O tempo para que ele leia em meu olhar a determinação, em seguida: — Decidi, Celário. Vou deixar Wittenberg. Nada do que restou aqui vale a pena de ficar.

Eu seu rosto, um instante de pânico.

— Você tem certeza que é a coisa certa a fazer?

— Não, mas estou seguro que a coisa certa é não permanecer aqui... Você ouviu o que aquele Lutero infame sustenta, desde que voltou?

Concorda, de olhos baixos, mas eu prossigo:

— Diz que é dever do cristão obedecer cegamente à autoridade, sem nunca erguer a cabeça... Que ninguém pode se atrever a dizer não... Ele desobedeceu ao Papa, Celário, ao Papa, à Igreja romana! Mas agora, ele é o Papa e ninguém deve respirar!

Está cada vez mais sombrio e aviltado, sob os golpes das minhas palavras.

— Deveria ter partido há dois meses com Stübner e os outros.

Esperei até demais... Mas queria ouvir Lutero falar, queria escutar o que ouvi de sua própria voz. Ouça o que lhe digo, a única esperança é fora daqui. — Uma mão voltada para o campo que se estende além das muralhas. — Aquele que vem do alto está acima de todos; mas quem vem da terra, pertence à terra e fala da terra... Lembra-se disso?

— Sim, as palavras de Müntzer...

— Vou encontrá-lo, Celário, dizem que está lá pelos lados de Halle, agora.

Ele sorri, calado, seus olhos estão brilhando. Nós dois sabemos que gostaríamos de partir juntos. E sabemos também que Martin Borrhaus, chamado Celário, não é o tipo que se joga em uma aventura deste gênero.

Aperta com força a minha mão, quase um abraço.

— Então, boa sorte, amigo meu. E que Deus o acompanhe.

— Até à vista. Em um lugar e em um tempo melhores.

## Capítulo 11

Halle, Turíngia, 30 de abril de 1522

O homem que me leva até o Cunhador é uma montanha: nuvem escura de cabelos e barba que contorna uma cabeça de touro, mãos enormes de mineiro. Chama-se Elias, seguiu Müntzer desde Zwickau, sem nunca deixá-lo, como uma grande sombra protetora. Um olhar para avaliar o que está à sua frente: poucos quilos de carne crua, para ser um rachador de pedras do Erz. Um estudantezinho com a cabeça cheia de conjecturas em latim, que pede para falar com Magister Thomas, como ele o chama.

— Por que procura o Magister? — perguntou imediatamente.

Falei de quando a voz de Müntzer havia deixado Melâncton petrificado, e do encontro com o profeta Stübner.

— Se o irmão Stübner é um profeta, eu sou o arcebispo de Mogúncia! — exclamou com uma risada. — A voz de Magister, aquela sim que faz você comprimir os ombros!

É uma casa de artesãos. Três batidas na porta e esta se abre. Uma mulher jovem com uma criança no colo. A massa de Elias abre caminho no único cômodo. Em um canto, um homem barbeando-se de costas para nós, entoando um canto popular que já ouvi em uma taberna.

— Magister, temos aqui alguém vindo de Wittenberg para falar-lhe.

Lâmina na mão, ele se vira.

— Bom. Alguém vai me explicar o que está acontecendo naquele esgoto!

Cabeça redonda, nariz grande, olhos brilhantes que transtornam

aquele rosto bonachão.

Sem hesitar:

— Agora já não pode acontecer mais nada. Karlstadt foi exilado.

Sinal de aprovação, uma confirmação:

— Quem ele acreditava que estava enfrentando? Atrás de Martinho está Frederico — agita a faca com raiva. — O bom Karlstadt... Pensava em promover reformas na casa do Eleitor! E com a permissão do próprio frade Mentira! Em uma arena de aldeões e doutorzinhos que pensam no destino dos homens como um fruto de seus tinteiros... Não serão as penas que escreverão as reformas que esperamos. — Pela primeira vez parece dirigir-se a mim... — Lutero e Melâncton exilaram você também?

— Não. Eu vim embora.

— E por que veio aqui?

O gigante Elias me oferece um banquinho, sento e começo a parábola do BomKarlstadt, a farsa do rapto de Lutero, a chegada dos Profetas de Zwickau.

Ouvem com atenção e entendem a minha frustração, a desilusão com a reforma de Lutero, o ódio pelos bispos e príncipes amadurecido nos anos. As palavras são aquelas certas e afluem aos lábios com facilidade. Concordam circunspectos, Müntzer recoloca a faca sobre a prateleira e começa a vestir-se. O gigante já não me olha com o mal disfarçado escárnio.

Em seguida, o mestre dos humildes apanha a capa e já está à porta.

— Um dia cheio de coisas para fazer! — sorri. — Continue o relato pelo caminho.

Enquanto falo, sei que não nos separaremos.

**A sacola, as lembranças**

## Capítulo 12

Eltersdorf, outono de 1525

Os músculos entorpecidos pelo trabalho. O frio, cada dia mais intenso, volta a congelar os dedos, ainda sobre o papel amarelado e amassado: uma caligrafia elegante, legível sem esforço, apesar da luz fraca da vela e das manchas do tempo.

*Ao messer Thomas Müntzer de Quedlinburg, doutor eminentíssimo, pastor da cidade de Allstedt.*

*A bênção de Deus antes de mais nada, para aquele que leva a palavra do Senhor aos humildes e empunha a espada de Gedeão contra a impiedade que nos cerca. A saudação de um irmão que pôde escutar da viva voz a oração do Mestre, sem poder abandonar o cárcere de códigos e pergaminhos em que o destino o confinou.*

*O homem que percorreu o labirinto desses corredores, à procura do sentido máximo da Escritura, sabe quão profundo e triste esse possa ser, quando tal sentido nos abandona. Eis que os dias morrem um depois do outro, e com eles o conhecimento, reservado a poucos, e a nitidez da Palavra turvada pelos mil Spalatinos que fazem desses meandros a fortaleza e desses livros a muralha do privilégio dos príncipes. Se por encantamento as nossas vidas fossem trocadas e eu estivesse em Allstedt com os camponeses e os mineiros, e o senhor com o ouvido encostado a estas portas que deixam passar as muitas intrigas impingidas por caridade e amor a Deus, tenho certeza*

*que não tardaria em escrever-me para incentivar-me a empunhar o chicote contra esses mercadores da fé. Portanto, em não duvido que entenderá o motivo que me impulsionou a pegar a caneta.*

*As palavras do apóstolo são confirmadas: “o mistério da iniquidade já está presente, mas é necessário afastar quem o mantém até agora” (2 Ts 2, 7). A sacrílega aliança entre os ímpios governantes e os falsos profetas prepara as suas fileiras, o acosso de grandes eventos incita os eleitos a manter-se firmes na fé e a preparar-se para defendê-la a qualquer custo.*

*O homem iníquo, o apóstata, senta no templo de Deus e, de lá, difunde a falsa doutrina. Assim, um daqueles Médicis de Florença, Júlio, acomodou-se no trono de Roma, como Clemente. Não deixará de prosseguir com a destruição de Cristo em nome d’Ele, como e mais que os precederam.*

*Roma perscruta seu próprio umbigo e não vê adiante, surda para as trombetas que ao redor anunciam o seu assédio. Afundada no pecado que ofusca os seus sentidos, será incapaz de opor-se a quem saberá dar um novo impulso e a luz do Espírito Santo ao caminho da reforma da Igreja.*

*E esta é exatamente a grande aflição, messer Thomas: quem carregará o fardo da espada para trespassar os ímpios?*

*O Frade Martinho exibiu a sua verdadeira face de soldado dos príncipes, miserável tarefa ocultada por muito tempo. Não será portanto Lutero quem levará o Evangelho ao homem comum, não aquele que expulsou Karlstadt e recebe cada dia a homenagem dos poderosos da terra. O fim dos reinantes alemães foi declarado. Não é a fé que preenche os corações deles e lhes dirige as ações, mas a sofreguidão do lucro. Apropriam-se da glória e da adoração ao Altíssimo e transformam os súditos em miseráveis idólatras.*

*Somente as palavras que tive o privilégio de ouvir de sua voz infundiram novamente a esperança no meu coração, junto com as notícias que chegam de Allstedt. A nova liturgia que, por mérito seu e de seus doutíssimos escritos, é agora inaugurada, é o início do despertar. A palavra de Deus pode finalmente atingir os seus eleitos e recuperar todo o esplendor. Qual melhor sinal que o senhor é o intérprete da vontade d’Ele?*

*O que mais, senão o séquito espontâneo que obtém? Dos humildes que erguem a cabeça e vão ao encalço da redenção prometida por Ele?*

*Eis que, pelo que se refere ao senhor, peço que se mantenha firme sem nunca desanimar; quanto a mim, deste meu posto avançado, no futuro tratarei de transmitir-lhe toda notícia que possa verter para a maior glória de Deus.*

*Na certeza que a proteção do Altíssimo o acompanhará sempre,*

*Quèlet  
no dia 5 de novembro de 1523*

Dobro novamente a folha e assopro a vela. Deitado com os olhos abertos no escuro, acendo novamente o fogo da capela de Mallerbach.

Estávamos em Allstedt há um ano, Magister Thomas havia sido chamado pelo conselho da cidade. Cada Domingo, os seus sermões aliviavam todos os corações e, naqueles dias, poderíamos fazer qualquer coisa: acima de tudo revidar contra os franciscanos de Neudorf, usurários imundos que exploravam os camponeses. Teríamos feito justiça por todos os anos de comilança às custas daqueles coitados.

Antes a saqueamos, depois dois feixes, um pouco de resina e a igrejinha já está sendo consumida pelas chamas. Enquanto ficamos esperando que caia de uma vez, chegam dois serviçais de Zeiss, o cobrador, avisados pelos frades. Jogam-se logo no poço, cada um com dois baldes: é só o patrão estalar os dedos, e eles entrariam nas chamas do inferno. Antes que eles joguem uma só gota, saímos da sombra, negros de fuligem, barras na mão:

— Se eu fosse vocês, cuidaria do bosque... Aqui não há mais o que fazer.

Dez contra dois. Eles nos olham. Olham-se. Largam os baldes e vão embora.

As chamas desvanecem, viro-me na cama. A cara daquele porco, do Zeiss, aflora na escuridão. O cobrador de impostos por conta do Príncipe Eleitor. Aquelas chamas tinham queimado tanto o seu traseiro, que chamara gente de fora para descobrir os incendiários. Muito bem, Zeiss! A cidade invadida por estrangeiros armados? Nada melhor para atizar o povo contra você. Basta pronunciar o nome Müntzer uma só vez, para que os anjos da guarda dele apareçam: uma centena de mineiros com pás e picaretas que saem das vísceras da terra e o arrastam para baixo. As mulheres da cidade que querem castrá-lo. As coisas estavam escapando de sua mão: como uma criança assustada, você se agarrou às saias da mamãe e foi chorar junto ao Eleitor. Imagino a cena: você arrastando-se e procurando explicar como perdeu o controle da cidade e Frederico, o Sábio, admoestando-o.

ZEISS: Sua Graça, com a sua bem sabida providência, já deve ter imaginado o motivo da visita do seu servidor...

FREDERICO: Imaginei, Zeiss, imaginei. Mas a minha providência não tem motivo para ser incomodada. Já há algum tempo não estão chegando de Mansfeld outras notícias a não ser queixas sobre a sua aldeia de Allstedt. Dizem que o novo pregador esteja dando muito trabalho. Aliás, foi justamente o senhor quem não me avisou da chegada dele em sua paróquia. Espero que os danos que daí decorreram lhe ensinem a melhorar a sua perspicácia.

ZEISS: Sua Graça sabe que a responsabilidade não foi minha: o conselho da cidade decidiu não comunicar-lhe a escolha de messer Thomas Müntzer. O senhor bem sabe que, de minha parte...

FREDERICO: Não tente desculpas, Zeiss! Saiba que diante deste trono termina o jogo de empurra. No fundo, aquele Müntzer, a mim pessoalmente, nunca deu nenhum aborrecimento. O fato é que, em Turíngia, há gente demais cheia de si. Antes Lutero reprime furiosamente Spalatino, para que coloque na linha esse pregador que não o respeita suficientemente, depois o conde de Mansfeld me escreve que o conselho do senhor defende um instigador que o insultou

abertamente. Depois, o quê mais?

ZEISS: Bem, há o fato que vim relatar-lhe, exatamente. Mas o senhor já deve estar ciente de alguma coisa, ainda que os acontecimentos da nossa cidade não sejam, com certeza, tão relevantes.

FREDERICO: E então? Disseram que queimaram uma pequena capela no campo.

ZEISS: Tratava-se, para sermos exatos, da capela da Santa Virgem de Mallerbach, na estrada entre Allstedt e Querfurt, propriedade dos franciscanos do convento de Neudorf. Durante a cerimônia dominical, roubaram o sino e, no dia seguinte, atearam o fogo. Mandeí dois homens de confiança apagar o incêndio, mas eles só ficaram olhando e depois declararam que haviam-se mantido à distância para proteger o bosque das chamas, pois a capela já estava perdida.

FREDERICO: Até aqui, nada de novo. Os frades de Neudorf foram particularmente pedantes ao descrever a situação, quando pediram a minha intervenção. Se eu não estiver mal lembrado, escrevi-lhe pedindo que não precipitasse os eventos, que procurasse um responsável qualquer, mantendo-o detido por um dia e pagando-lhe um valor simbólico como ressarcimento. Aqueles frades deveriam entender que sou, claro, um defensor da fé, mas não simpatizo muito com quem me engana na cobrança das taxas!

ZEISS: Mas todos, na cidade, sabiam que os incendiários eram os acólitos do pregador. Imagine, Sua Graça, que fundaram uma liga, chamada Liga dos Eleitos, e têm armas. Era difícil evitar o choque direto e manter a dignidade...

FREDERICO: Então a responsabilidade disso tudo deve ser imputada a esse Müntzer?

ZEISS: Certamente... e à sua mulher, aquela Ottilie von Gersen! Quando procurei um culpado, foi especialmente aquela bruxa quem desencadeou a população toda contra mim.

FREDERICO: Agora, até as mulher estão metidas nisso...

ZEISS: Pelo que tenho observado, é uma doida varrida, digna do marido que tem. Desperta a maior admiração das outras mulheres e dos homens.

FREDERICO: Resuma, Zeiss, como acabou a história?

ZEISS: Tive que chamar reforços de fora e a mulher do

pregador começou a gritar que os estrangeiros iam invadir Allstedt, que eu me havia vendido... Queriam linchar-me!

FREDERICO: Até que ela tem razão: foi uma decisão tola, a sua.

ZEISS: Mas, o que eu poderia ter feito! Os franciscanos não davam trégua. No fim apareceu um batalhão de mineiros do condado de Mansfeld, uns cinquenta, perguntando se Magister Thomas estava bem, se tudo era tranquilo ou se era necessária a ajuda deles, que se alguém lhe tivesse torcido um só fio de cabelo, teria que acertar as contas com eles... Depois daquela visita, renunciei a qualquer ação enérgica. Não quero ser o responsável pelo estouro de uma revolução nas posses de Sua Graça.

FREDERICO: Está bem, Zeiss. Vou dizer-lhe o que penso disso tudo. O senhor queria um pregador inflamado e inovador que desse brilho à sua cidadezinha no campo. Mas esse tipo revelou-se difícil de manobrar, virou para o lado dele o conselho da cidade, colocou na mão do povinho algumas pedras e alguns forcados e o senhor e o conde de Mansfeld cagaram-se na roupa. E agora vêm pedir ajuda.

ZEISS: Mas, Sua Graça...

FREDERICO: Silêncio! Espero que tudo isso lhe sirva como uma roupa nova. Todavia, há algum tempo, essas ocorrências se repetem por toda parte. Começam saqueando as igrejas e acabam pedindo um ordenamento municipal para um povoadinho qualquer. Os camponeses estão insurretos na Alemanha toda e não é o caso de deixar à solta as cabeças quentes. Daqui a algumas semanas, o senhor receberá a visita de meu irmão, o duque João, e do meu sobrinho João Frederico. Prepare uma acolhida digna; isso deixará claro que o Príncipe Eleitor não aprova tanta agitação e que se o povo tem alguma queixa contra os franciscanos de Neudorf, deve dirigir-se diretamente aos enviados dele, por meio do burgomestre ou do pregador dele. De toda forma, organize um encontro com esse Thomas Müntzer. Pode dizer-lhe que nós o solicitamos, e que prepare um sermão expondo as suas ideias. No fundo, ainda está sendo testado e precisa obter a nossa aprovação para tornar-se o pastor da igreja.

ZEISS: Sua Graça sempre encontra a melhor solução para

tudo.

FREDERICO: Certo, mas com demasiada frequência os subalternos encarregados de colocá-la em prática, revelam-se eméritos cabeças de caralho.

Escarneço sozinho, a escuridão engole os vultos deles, devolvendo-me aquele de Magister Thomas, ao alvorecer daquele grande dia de verão...

## Capítulo 13

Allstedt, Turíngia, 13 de julho de 1524

— Abra a Bíblia, amigo meu.

A voz chega de repente da mesa à qual deve ter trabalhado a noite toda. Assim que eu acordo, com a boca empastada, viro-me com um resmungo:

— O quê?

Os olhos inchados de quem escreveu sob uma luz fraca, indica o livro sobre a mesa.

— A primeira epístola aos Coríntios: 7, 11-13. Leia, por favor.

— Não, Magister, o senhor precisa dormir um pouco, ou não teremos nem a força para falar.... Descanse a pena e deite no catre.

Sorri:

— Ainda tenho tempo... Leia-me a passagem: 7, 11-13.

Abano a cabeça enquanto abro a Bíblia e começo a procurar. A sua resistência ao sono ainda me impressiona.

— “Escrevi-lhe que não se misturassem com quem se diz irmão, e é impudico, ou avarento, ou idólatra, ou difamador, ou bebedor, ou ladrão. Não devem nem comer junto com esses tipos. Retirem que é mau de seu meio!”

Enquanto leio, ele concorda em silêncio. Parece refletir sobre as palavras, repeti-las de memória. De repente ergue os olhos, milagrosamente ainda despertos:

— O que você pensa que o apóstolo pretende dizer?

— Eu, Magister...?

— É. O que pensa que significa?

Leio outra vez, rapidamente, as palavras de São Paulo e a

resposta brota do meu coração:

— Que fizemos bem incendiando o templo da idolatria. Que os franciscanos de Neudorf declaram-se irmãos, mas vivem na avareza e estimulam o povo à adoração das imagens e das estátuas.

— Vocês fizeram isso por zelo. Mas você não acha que alguém possa ter recebido de Deus a espada exatamente para esse fim? Quem está “a serviço de Deus para a justa condenação de quem pratica o mal”?

— Paulo afirma que a autoridade é preposta para este fim. Mas se não fosse por nós, ninguém teria castigado aquele bando de idólatras usurários!

Ele se ilumina:

— É isso mesmo. O zelo dos eleitos teve que arrancar a espada dos poderosos para fazer o que eles não faziam: defender o povo e a fé cristã. Será que isto não nos ensina que quando os governantes permitem o alastramento da impiedade, estão traindo o próprio dever e se tornam cúmplices da maldade? Portanto, como os malvados, segundo as palavras do apóstolo, devem ser retirados do meio.

A enormidade daquelas palavras recai sobre mim como um soco, enquanto ele começa a ler o seu manuscrito:

— “Eu afirmo com Cristo e com Paulo, e conforme o ensino de toda a lei divina, que é necessário matar os governantes ímpios, particularmente os padres e os monges que injuriam com heresias o Santo Evangelho e até pretendem ser os melhores cristãos.”

Não é possível, engulo:

— Magister, isto... é isto que o senhor pregará hoje, diante dos duques de Saxônia?!

Uma risada, um lampejo nos olhos, agora mais despertos que nunca.

— Não, meu amigo, não apenas isto. Se não me engano, estarão presentes também o chanceler da corte Brück, o conselheiro von Grefendorf, o nosso Zeiss, o burgomestre e todo o conselho da cidade de Allstedt.

Fico petrificado, enquanto ele se levanta, espreguiçando-se.

— Agradeço pela ajuda em dirimir qualquer dúvida. Agora creio que acatarei o seu conselho, deitando um pouco. Peço-lhe que me chame quando soar o sino.

## Capítulo 14

### Eltersdorf, Natal de 1525

Hoje, o pastor Vogel não falou para mim, não ao irmão Gustav. A sua voz era como um trovão surdo, longínquo. Estou sozinho. Nenhuma palavra que possa convencer-me. Não depois do holocausto dos indefesos, não depois daquele grito que resvalou no vazio. Ele pode ficar com o conforto da Palavra, eu estive entre aqueles que acreditavam em sua força.

À noite, no meu quarto, assolado pelo frio, leio as cartas. E sinto algo indefinido abrindo caminho e aproximando-se mais a cada dia que passa: alguma coisa que luta para emergir, mas que eu reprimo até o fundo do estômago, com todas as forças. E cada noite fica mais difícil.

*Ao ilustríssimo Magister Thomas Müntzer, pastor pregador da cidade de Allstedt.*

*Ilustríssimo Mestre,*

*que o espírito de Deus, que infunde sabedoria e coragem, paire sobre o senhor nestas horas de aflição.*

*Escrevo-lhe com a pressa e a agitação de quem percebe o perigo deslizando no silêncio e arremessar-se rapidamente às costas do homem no qual depositou as suas esperanças. Já tive oportunidade de ilustrar-lhe como os meus ouvidos poderiam tê-lo ajudado, por estarem perto de certas portas que ocultam intrigas. Pois bem, não sei dizer o que é mais forte em mim, se a alegria de poder finalmente ser-lhe útil, após muitos meses da*

*minha primeira missiva, ou a ansiedade e o desdém por aquilo que estão maquinando contra o senhor.*

*Ao Príncipe Eleitor, que até agora vinha mantendo uma posição de espera, a sua Liga dos Eleitos não agradou de forma alguma. Da mesma forma, o sermão proferido diante do irmão dele. Deixa-o acima de tudo alarmado o fato que o senhor disponha de uma tipografia, e que as suas palavras possam chegar às chamadas de revolta que, aos poucos, estão surgindo por todo o território e além dele. Ele não pretende atacá-lo diretamente: creio que tema as possíveis repercussões de um gesto considerado. Ele quer, porém, afastá-lo de Allstedt, da prensa e da Saxônia. Certo Hans Zeiss esteve aqui em visita há alguns dias, permanecendo muito tempo com messer Spalatino, o conselheiro da corte. Querem isolar o senhor. Zeiss fingirá passar para o seu lado mas, ao mesmo tempo, com as devidas promessas, voltará contra o senhor, mesmo que não seja todo o conselho da cidade, pelo menos o burgomestre. Ele assegurou que conseguiria, e não parecia uma simples promessa.*

*Spalatino lhe escreverá uma carta, de parte do Príncipe Eleitor Frederico, convidando-o para ir a Weimar, onde lhe será oferecida a oportunidade de expor as suas teses, em detalhe e diante de alguns teólogos importantes. Não aperte a mão que parecem estender-lhe! Não pense em representar o papel do leão. Não conte com o apoio de Zeiss e companheiros: quando estiverem longe eles o abandonarão, jurando e perjurando que a sua chegada só trouxe confusão na cidade, que as suas teorias são perigosas, que lhe falta totalmente aquele submissão à autoridade que Martinho Lutero apregoou.*

*O senhor possui uma grande força: a força da palavra de Deus que atinge o povo d'Ele através de seus lábios. Dentro daquela muralha, longe dos camponeses e dos mineiros, a força lhe será tolhida como a um novo Sansão. Zeiss será o seu Dalila e já está com a tesoura nas mãos. Eu repito: não se afaste de Allstedt. Aí o senhor é temido, per suas pregações e sua prensa, temem a reação do povo e qualquer ato violento contra o senhor. Nunca ousarão tocá-lo. Não parta para Weimar.*

*Que o Senhor o ilumine e o ampare.*

*Qoèlet*  
*no dia 27 de julho do ano de 1524*

Esta carta foi, certamente, entregue ao Magister tarde demais, após a sua volta de Weimar, quando tudo já estava feito. Naqueles dias difíceis ele talvez nem tivesse tempo de avaliar a sua importância e nem sequer a mencionou.

A verdade é que esta missiva revelava de antemão o que iria acontecer. Quem escrevia essas linhas estava mesmo perto dos quartos dos príncipes.

Foi a lucidez de Otilie que nos salvou naqueles dias. Poderíamos estar definitivamente perdidos, mas aquela mulher nos ergueu novamente e nos conduziu fora do pântano negro de um louco desespero. Otilie... agora você não estará aqui para levar-me embora. Não sei qual foi o seu fim: alimento de mercenários ou de corvos. O coração, árido, me leva quase a desejar que você não tenha sobrevivido a este nada, a esta solidão que marca a Natividade deste ano de morte.

## Capítulo 15

Allstedt, 6 de agosto de 1524

Otilie é forte, resolvida e tem um seio soberbo. Magister, quando aqueles destilados de ervas e videiras lhe soltam a língua, deixando-a deslizar alegremente para as partes baixas tanto do corpo quanto do espírito, diz que aquelas mamas grandes e firmes contêm o segredo e a força da criação, e exatamente de lá derivam o ímpeto e as revelações destes últimos meses frenéticos, depois acrescenta — rindo — que disso tudo os novos fiéis poderão ter, coitados, somente a informação relatada. Nunca, porém, tais afirmações ou fanfarrices foram pronunciadas na presença dela, que exerce sobre aquele amontoado trovejante de carne, espírito e intuição, uma aura que ninguém, príncipe, bispo ou autoridade constituída, pôde impor.

Alguns clarões nos olhos dessa fêmea, não raramente, superam em flamejante intensidade aqueles que, com as palavras, Magister usa para acender as vastas plateias. A força de um macho humano, por maior que seja, e por Deus, e que em Thomas Müntzer de Quedlinburg abrigaria uma montanha, encontra frequentemente origem e disciplina em mulheres que orientam e acompanham o seu fluxo.

A força do Magister às vezes se transforma em profundos desesperos, ímpetos de ira, picos de orgulho e agudos ressentimentos de um homem submetido à carga feroz de um empreendimento que, talvez, não seja para homens. Nessas ocasiões Otilie, sozinha, pode acalmar-lhe os excessos, induzi-lo à razão e ao talento que fazem ressurgir aquele vigor, que orvalha os corações dos homens comuns de toda a Alemanha.

Tórrida noite sob o primeiro luar de agosto, confio a você e à mulher sentada diante de mim, a esperança e aquele limitado intelecto que nos tire da situação criada, no decorrer de poucas semanas, repleta de insídias e sufocante como um laço ao redor da garganta. Enquanto nos fitamos nos rostos preocupados e tensos e acalorados, sentados à mesa cotidiana onde o pastor de Allstedt redige seus sermões, o Magister vaga, à mercê de uma ira tenebrosa, pelas ruas e vielas deste burgo, com armas e vestuário de guerreiro, incitando os fiéis a segui-lo, como o lobo que em noites como esta solta o solitário chamado à lua, pedindo socorro. O inesgotável Elias protege a sua marcha e incolumidade, acompanhando-o de perto, poucos passos de escuridão atrás, pronto para abater quem queira atacá-lo.

Tudo fervilha de eventos difíceis de serem interpretados, a não ser aquele, único claro e distinto que aqui, agora, em Allstedt um laço está sendo apertado, uma armadilha está sendo fechada sobre os destinos nossos e dos camponeses insurretos. Não há tempo, o Magister precisa de ajuda.

— Os serpentes que governam esta cidade não nos atacarão mais. Vamos embora.

Uma voz firme, de uma solidez que contrasta com o rosto jovem.

— O quê? — as palavras de Ottilie tiram repentinamente o peso das pálpebras. — Mas... e o Magister?

— Ele não vai demorar, você verá. Mas precisamos usar a cabeça, antes que nos esmaguem como insetos.

Claro, Ottilie, a cabeça. Este vespeiro de inquietude que não pára de zumbir. Viro-me para a janela. Em silêncio tento ouvir os brados do Magister ao longe. Não sei se os ouço, ou só imagino distingui-los. Grita que David está aqui entre nós, com a funda na mão. As palavras do seu último sermão na Liga dos Eleitos, quando as pessoas quase viravam para procurá-lo, o pequeno rei David com a pedra na funda, pelo tanto que as frases do Magister assumiam um tom de evocação, não de simples artifício retórico. Se o louvássemos como merece, Senhor, os nossos lábios queimariam com o ardor da Sua Palavra. O medo, pelo contrário, apaga esse fogo.

— Imagino que o Magister já tenha alguma ideia a respeito. — As minhas palavras contêm esperança.

Sorri.

— Ideias... Você viu os olhos dele, quando saiu daqui? Certamente, mil ideias e mil contatos, do Mar do Norte à Floresta Negra. Mas a decisão, agora, cabe a nós...

— Por que não esperamos mais um pouco? É tão necessário partir?

Sem hesitar, os lábios que se estreitam:

— Sim, irmão, depois de Weimar, sim.

— Na verdade bastaram três dias... três dias sem o Magister para perder tudo...

— Aquele foi golpe de graça. As coisas já não iam bem.

— Até que o Magister permaneceu aqui, conosco, não. Um mar de desesperados encheu este pântano, lembra? Confluíram de todas as cidades limítrofes, enxotados pelos senhores... A onda poderia ter submergido até o duque João!

Enquanto volto para a cadeira, por um instante parece que ela também estica o ouvido. Depois passa a mão sobre a mesa, cheia de migalhas do jantar.

— Você vê? — ela diz juntando-as todas no centro e apertando-as na mão. — Assim eles fizeram — abre a palma e sopra. — Agora estão por varrer-nos daqui.

As palavras saem com dificuldade da garganta fechada:

— Mas uma coisa é certa, Ottilie. Temem Magister Thomas como os animais o fogo. Precisaram afastá-lo da cidade, para começar as intimidações e os espancamentos. Ninguém teria ousado enxotar o nosso Wychart e colocar trancas na tipografia, se o Magister tivesse permanecido.

— E nem esta noite se atreverão a tocá-lo. Certamente, certamente... ninguém disse que precisamos fugir para as Índias. É só pensar em outro lugar para continuar o que foi feito aqui.

Abano a cabeça:

— Em que eu posso ajudar? Só sei que na Bavária os camponeses estão tentando impor as próprias razões. Mas acho que lá não precisam de nós.

— É verdade. Lá no Sul, as coisas já correm por si mesmas. — Perscruta a escuridão fora da janela: — Thomas já lhe falou de Mühlhausen?

— A cidade imperial?

— Isso mesmo. Há um ano o povo conseguiu que o conselho

aprovasse cinquenta e três artigos. Hoje o poder está nas mãos de representantes escolhidos pelos moradores da cidade.

Uma careta:

— Queremos ainda lidar com um conselho da cidade inimigo dos papistas por puro interesse? Seria melhor procurarmos aliados nas fazendas e nos campos. Aqueles são os humildes da terra.

Concorda, fitando-me nos olhos. Algo remoído há tempo:

— Certo. Mas tendo uma cidade na mão, não é tão difícil voltar-se para o campo circunjacente. Não foi assim com os mineiros do condado de Mansfeld? Partindo de fora, pelo contrário, teríamos que acertar contas com as muralhas e os canhões.

Engulo a última gota espumosa de cerveja:

— Ao passo que, na cidade, os canhões já estão do seu lado.

— É, e contra os príncipes, é preciso mais que canhões!

— Hum. Esses aldeões são pessoas muito manobráveis. O Magister disse que em Mühlhausen um dos chefes da revolução mantém estranhos contatos com o duque João.

Entrega-me o copo novamente cheio, depois de tomar um primeiro gole:

— Você está falando de Heinrich Pfeiffer, eu imagino. Sim, nos contaram de suas relações com o duque. Dizem que João da Saxônia alimente um interesse pela cidade e veja com bons olhos a confusão que reina lá; é do que precisa para apresentar-se como preservador da paz e assumir o controle.

Abro os braços, para indicar a conclusão lógica:

— E assim você pensa que deveríamos intervir e usufruir da desordem para a nossa causa e fazer com que esse Pfeiffer trabalhe conosco.

— Foi você quem disse que essa gente é manobrável.

Rimos. Relâmpagos de calor cortam a umidade da noite. Ottilie tira um cacho loiro de cabelos da testa, parando-o atrás da orelha. Por um instante, é pouco mais que uma criança.

— Deixamos para trás um problema não indiferente: como sair daqui.

— Não deveria ser difícil: creio sinceramente que a última coisa que Zeiss quer, é segurar-nos aqui e esticar a corda dos mineiros, aprisionando o pregador deles. Pode confiar, eles não veem a hora de livrar-se de nós.

— Nunca se sabe... poderia até pegar mal a provocação desta

noite, ou usá-la como pretexto, ou decidir humilhar Thomas Müntzer para torná-lo inofensivo. É melhor não correr riscos.

Uma mordida no lábio inferior para guardar os pensamentos:

— Nesse caso, iremos embora à noite.

## Capítulo 16

Eltersdorf, janeiro de 1526

A vaca de Vogel morreu de febre. Fiquei vendo-a morrer, a respiração sempre mais lenta, um estertor sufocado, os olhos vidrados que se enchiam de indiferença pelo mundo, pela vida.

Dizem que Magister Thomas, antes de ser executado, escreveu uma carta aos cidadãos de Mühlhausen. Dizem que os convidou a abandonar as armas, porque tudo estava perdido.

Penso no homem, que procura a explicação do por quê. Por que motivo o Senhor abandonou os seus eleitos e deixou que perdessem tudo.

Eu o vejo, Magister, deitado na escuridão da cela, com marcas de tortura pelo corpo, aguardando que o carrasco coloque um fim no seu caminho. Mas foi a chaga existente em seu coração que deve tê-lo impelido à última mensagem. Não foram os ferros deles... nunca poderiam... teria sido porque pensamos demais em nós mesmos? Talvez porque tenhamos sido impudicos até escandalizar o Senhor? Porque pretendemos interpretar o Seu querer? Porque tenhamos matado, porque a raiva dos humildes não teve piedade dos ímpios provocadores da fome? É isso que você escreveu, Magister? É isso que você pensava naqueles últimos instantes, enquanto o exército dos príncipes marchava para o assédio da heroica Mühlhausen?

Um motivo. Um motivo qualquer, até a insondável vontade do Senhor Deus, não pode bastar para esconjurar o desespero. Porque ainda é um grito de desespero, aquele lançado do fundo de uma cela escura. É ainda a profunda angústia da derrota que me acorrenta a esta cama.

Parece-me nítido como uma das incisões daquele grande artista das nossas regiões, por sorte nem sempre toscas nos gostos, às vezes até repletas de suave habilidade. Parecia estourar dentro do aperto da muralha. As casas e as agulhas das igrejas erguiam-se umas sobre as outras, como cachos de fungos sobre um tronco de árvore.

É assim mesmo que eu descreveria a lembrança da primeira entrada em Mühlhausen: quatro cavalos lançados pelos nossos brados de estúpida brincadeira, no caminho a um par de milhas da muralha do burgo imperial, a risada sonora de Elias e as reclamações sobre o vento de Otilie. Depois a passo, quase marcial, perto do portão gigantesco, assumindo uma postura de autoridades não investidas, mas não menos importantes, de olhar altivo, firme, naquela manhã quente em meado de agosto.

Entrevia-se, já, um fervilhar de humanidade diferenciada, como um ambiente que quisesse conter um exemplar de cada espécie, tipo, forma ou deformidade, dentre os que assumem o nome de humanos; animais e carroças e murmúrios, gritos desordenados, eco de blasfêmias e de linguagem disciplinada. O cheiro de lúpulo e o barulho vital do Steinweg, no qual abrem-se as lojas e as revendas de cerveja. A cerveja que enriqueceu os mercadores de Mühlhausen como em nenhuma outra cidade alemã.

A palavra de Deus pronunciada em cada esquina; a asa negra dos Cavaleiros Teutônicos que recobre os palácios, a corrupção dos monges que atrai as blasfêmias pelas ruas, confirmando a norma e a regra do mundo: onde há lucro, há sempre padres em quantidade. No labirinto de ruelas secas e empoeiradas por semanas de seca, ladeadas por muros de habitações e lojas, hospedarias e oficinas, com densas inscrições e arranhões, símbolos de todo tipo, mas na maioria das vezes glorificando o Hércules da Alemanha — Lutero —, isso mesmo, LUTERO, sobressaía em cada muro do nosso primeiro percurso na direção da igreja de São Jacome, nos precedia e acompanhava com o seu desprezo, aliás respeitosa e retribuído.

Chega-me, clara e ruidosa, a lembrança, o cheiro de suor e gado do mercado na grande praça, que bem outros eventos veria dentro de poucas semanas, fazendo-nos fremir, palpitar, enquanto “os justos invocavam o martelo de Deus” para que recaísse, implacável, sobre

as cabeças dos usurpadores da Sua palavra. Nas vielas, respirava-se tensão, cheiro intenso de uma injustiça a ser cobrada, e fervia inquieta sob os pináculos da Catedral de Nossa Senhora e no grande mercado. Como se estivesse à espera de uma fagulha.

O grande Elias sulcando a multidão, como um batedor:

— Já estive nesta cloaca de esfarrapados e enviados imperiais! — Eu atrás, perdendo o passo, distraído com os gritos de brigas entre vendeiros e a oferta impudente de damas que haviam reconhecido os soldados, pagos pelos serviços desonrosos prestados ao duque João, melhor que os capitães. Não conseguia seguir em frente, porque as semanas de sonhos de luxúria me estavam consumindo de ansiedade por um prazer, mas o sorriso irônico de Otilie, que seguia ao meu lado, desencorajava as ofertas e faziam do meu rosto um tição ardente.

— Bem-vindos ao paiol!

Lembro ainda distintamente o primeiro sorriso e a frase com que nos acolheu. Heinrich Pfeiffer, na igreja de São Jacome, perto do portão Felchta, ponto de encontro dos habitantes do subúrbio São Nicolas. Esse ambíguo pregador, filho de uma leiteira, ex-cozinheiro, ex-confessor, ex-amigo do duque de Saxônia, astuto sustentador da causa dos humildes. Pela sua ligação com o duque, conseguiu eleger cinquenta e seis representantes do povo no Conselho. Os seus sermões tinham incentivado o saque dos bens da Igreja e a destruição das imagens sagradas. Sem o apoio do duque, nunca teria resistido tanto tempo na cidade. Admiramos a sua astúcia e inteligência: não era difícil entender que juntos, ele e o Magister, teriam realizado grandes feitos.

De fato, hei-los já atarefados em discussão fechada sobre o que fazer, sermões incendiários a serem pronunciados para os aldeões, os esfarrapados, os deserdados, a gente do condado e também os notáveis, que “precisam sentir logo a vontade de colocar aquelas caras de porcos de engorda em um prato fumegante de excrementos”.

Agora, do meu canto escondido, Mühlhausen parece uma cidade de sonho, um espectro que aparece à noite e conta a sua história, mas como se você não a tivesse vivido, quadro de pincel e buril, é assim

que eu a lembro, como a daquele gênio, nosso pintor, messer  
Albrecht Dürer.

## Capítulo 17

Mühlhausen, Turíngia, 20 de setembro de 1524

*Artigo primeiro: [...] Apresentamos humildemente o pedido que, de agora em diante, a inteira comunidade possa exercer o direito de escolher e de nomear diretamente o seu pároco [...]*

*Artigo segundo: [...] É nossa vontade que, de agora em diante, o dízimo sobre o trigo seja colhido pelos membros do presbitério escolhido pela comunidade, sendo deixado ao pároco o suficiente para o adequado sustento dele e dos seus familiares. A sobra deve ser dividida entre os pobres do lugar, para atender às suas necessidades [...]*

*Artigo terceiro [...] Até este momento tem sido hábito considerar-nos propriedade pessoal do senhor, condição reprovável, se pensarmos que Cristo, com seu sangue precioso, nos resgatou e redimiou todos, sem exceção [...] Não duvidamos então que os senhores, na qualidade de verdadeiros cristãos, nos libertarão da servidão da gleba [...]*

Ao anoitecer, uma notícia une-se ao cheiro da cerveja que começa a encher os canjirões. Detiveram um sujeito, meio bêbedo, que insultou o burgomestre.

Logo, não se fala de outra coisa. Quem era ele? O que ele disse, exatamente? Onde aconteceu? Sabe-se agora que está preso nos subterrâneos do Paço municipal, fato que deixa todos irritados. Muitos levantam nervosamente, esmurram as mesas, saem para avisar quanto mais gente possível. Desta vez eles nos pagam, aqueles bastardos!

Coloco o nariz fora da taverna. Meio subúrbio de São Nicolas desceu à rua e os gritos aumentam, rolando de um lábio para outro. Os mais agitados, ainda com os canjirões ou os pentes do tear na mão, como se surpresos por uma emboscada no coração da noite, sobem a passos nervosos o calçamento que leva ao portão Felchta e à igreja de São Jacome. Procuram o Magister. Ele desce, rodeado de um palpar de vozes, impacientes por expor-lhe as próprias convicções sobre a atitude a tomar. Logo acima de nós, o grupo reduz a marcha e começa a engrossar naturalmente, perto da pousada da Ursa, onde a rua se amplia perto do lavadouro.

Neste primeiro mês desde a nossa chegada, tive oportunidade de observar como o fantasma da agitação seja mais um habitante desta cidade. Não compreendo de forma alguma, todavia, este tipo de reação por uma detenção que não representa nada de excepcional. Nem se sabe quem foi preso. Só um detalhe estabelece o eixo deste círculo de vozes: o infeliz injuriador foi trancafiado nos subterrâneos do Paço municipal, enquanto deveriam ter utilizado a torre do mesmo palácio.

— Que história é essa da torre e dos subterrâneos? — pergunto a um idoso que observa a cena ao meu lado.

— Oitavo artigo do nosso ordenamento municipal: nunca mais a prisão subterrânea, somente na torre. Você deveria ver que esgoto são, aqueles subterrâneos, então entenderia que não é questão de códigos!

Levanto os olhos acima das cabeças: Magister Thomas já está em pé sobre um marco de pedra. Berra contra o abuso e o escárnio do povo. Sob ele, um vaivém contínuo de pessoas que correm a chamar outros e recolhem ferramentas e pedras. No meio do povo, Elias abre caminho em minha direção. Quando me vê, grita, mais alto que todos:

— Vá procurar Pfeiffer! Diga-lhe que daqui a pouco estaremos sob as janelas do Paço municipal e que traga o máximo de gente.

Corro até a muralha. Apresento-me à sentinela: nenhum problema, evidentemente não esperam nenhuma reação. Sempre correndo, entro na Kilansgasse. Um clamor no fundo da rua, na direção da Igreja de São Biagio, revela que Pfeiffer não perdeu tempo.

Assim que viro a esquina e apareço à sua frente, ele também em pé sobre um púlpito improvisado, interrompe a alocução e começa a

gritar:

— Vejam, vejam o mensageiro do subúrbio São Nicolas. Sem dúvida ele vem avisar-nos que Thomas Müntzer e os seus estão transtornados por causa da decisão daquele burgomestre porco... Não é isso, irmão?

As cabeças do auditório voltam-se para mim, como um campo de girassóis.

— Certo, irmão Pfeiffer! Do portão Felchta, o pessoal de São Nicolas está se deslocando para o Paço municipal.

Enquanto me aproximo àquele pequeno aglomerado, Pfeiffer pula de seu cepo e corre em minha direção. Coloca um braço ao redor dos meus ombros e sussurra:

— Diga, irmãos, quantos serão vocês, lá?

Exagero:

— Uns duzentos, pode contar.

Engancha a minha clavícula:

— Bom, desta vez nós os pegamos. — Depois, levantando a voz:

— Eles vão se arrepender desta afronta, eu lhes dou a minha palavra. Ao Paço, irmãos, ao Paço!

As suas palavras já são um grito de batalha.

Não sei de onde apareceram os forcados, as tochas e os paus. Simplesmente, em um dado momento, despontam da floresta de cabeças, muito mais assustadores que as alabardas dos guardas que fecham o acesso ao palácio. Um deles sobe correndo as escadas para pedir instruções. Volta acompanhado de uma quinzena de companheiros.

A discussão acende-se nas primeiras fileiras. Circula a notícia que o exato insulto dirigido por Willi Pústula ao burgomestre Rodemann tenha sido um “Beije-me a bunda”, seguido de uma exibição do traseiro. Para muitos trata-se de um convite explícito até demais a repetir o gesto, e dezenas de bundas apontam para o Paço.

De repente, lá na frente, um estrondo. Empurro e me agarro para ver melhor, antevendo prazerosamente a cena da humilhação definitiva de Rodemann. Vejo, ao invés, Elias que ergue a peso morto, acima dos ombros, um homem pequeno de meia idade, com a cabeça quase pelada e o nariz roxo cheio de pústulas. Gritos de alegria e mãos estendidas o acolhem e o lançam por sobre as cabeças:

— É o Willi! Viva o Willi! Cus arrombados de merda! Viva o Willi! Ratos de esgoto! Grande Willi!

O povo leva-o em triunfo pela praça, uma moça nos ombros de alguém descobre os seios à sua frente, e Willi se atira a ela como um agraciado. Jogam-lhe verduras e doces que o emporcalham da cabeça aos pés. Rindo, eu lhe digo.

— Viva o rei Willi! Viva o herói da gente de Mühlhausen!

E o beberrão, come se tivesse ouvido, gira-se em minha direção fazendo um sinal de bênção no ar, um instante antes que uma couve-flor o atinja em pleno rosto.

## Capítulo 18

### Eltersdorf, Páscoa de 1526

Lembro da noite em que o rei Willi foi coroado, poucos fecharam os olhos em Mühlhausen. Não conseguiram, com certeza, Rodemann e Kreuzberg, os dois burgomestres sob cujas janelas foi disputado um torneio extraordinário, em homenagem deles, de insultos, blasfêmias e frases cruentas. Da mesma forma não tiveram muito descanso as fileiras de vagabundos ávidos de possíveis saques, que até a manhã seguinte lotavam os caminhos.

Infelizmente, Morfeu tomou entre os braços as duas sentinelas plantadas atrás do Paço municipal, e assim os dois burgomestres puderam fugir sem dificuldade para Salza, com o estandarte da cidade enrolado sob o braço.

Ao despertar, portanto, nova divulgação da notícia, nova confusão e nova aglomeração sob as janelas do Paço, pedindo a intervenção do Conselho. Os oito delegados do povo, eleitos antes da nossa chegada, tentaram convencer o Chefe da guarda quanto à gravidade do gesto dos dois burgomestres e a necessidade de apagar logo aquele ultraje. Mas ele respondeu que não acatava ordens de ninguém, a não ser dos legítimos representantes da cidadania. E enquanto nos encaminhávamos para reorganizar as ideias em nosso subúrbio São Nicolas, conseguiu reunir ao seu redor uma boa parte da população, alertando todos contra os que aproveitariam da difícil situação municipal para dispor das forças da ordem a próprio bel-prazer.

Não demorou muito para que nas paredes da cidade brotassem comentários do gênero OS MILICIANOS NUNCA MUDAM. Ao

mesmo tempo, cansados de esperar a eclosão dos eventos, muitos mestres do saque em viagem de negócios desenvolviam sem mais delonga as próprias atividades, semeando o terror dentro da muralha e das fileiras de defensores do Paço. De nossa parte, tentávamos avaliar com a máxima precisão a existência de um espaço para uma ação de força. Foi enviado um mensageiro a Salza para perguntar a alguns seguidores de Magister Thomas se havia possibilidade, de nossa parte, de intervir diretamente naquela localidade, para castigar os dois fugitivos e criar uma situação favorável à insurreição. A resposta foi um cordial convite a cuidar de nossas vidas.

Mühlhausen preparava-se para uma segunda noite de vigília. As rondas de vilões percorriam a cidade com tochas na mão, enquanto os guardas se alinhavam na entrada do portão Felchta e do Paço. Precaução inútil: de nossa parte, não teria sido difícil furar aquela formação, mas uma vez dentro, a cidade poderia transformar-se em armadilha; de cada janela poderia ser derramado óleo fervente, de cada portão poderia sair a morte. Além disso, era necessário considerar que, lá dentro, eles dispunham de, no mínimo, uma centena de arcabuzes e nós possuíamos, no máximo, cinco.

Portanto, ficamos aguardando. E o halo do crepúsculo envolvia lentamente as figuras desse exército de humildes, ocupadas em aprender a arte de atirar pedras e paus, de estender o adversário, de dormir sobre as pedras comendo pão de centeio e gordura de ganso, com um ouvido voltado ao último sermão do Magister e o outro às façanhas eróticas do vizinho.

No dia seguinte, algumas horas depois do amanhecer, Ottilie e o Magister, vendo que o confronto a distância estava enfraquecendo a maioria, e que muitos insistiam em voltar aos próprios afazeres, procuraram ajuda na Bíblia. “Quando Deus sustentava o seu povo, as muralhas da cidade ruíam ao som das trombetas. Lembrem do fim de Jericó. A nós também, que somos os seus eleitos, o Senhor Deus concederá uma vitória fácil assim. Mas é preciso ter fé e crer que Deus não abandonará o seu exército”.

Magister Thomas sabia como convencer, e este discurso foi acolhido ao pé da letra por uns cinquenta confrades. Armados de sete imponentes cornes de caça, dos que têm a lingueta de metal, encaminharam-se pela vereda que flanqueava o bastião, cantando e tocando com toda a força que os pulmões lhes permitiam. A cena, pelo menos, entusiasmou todos e, certamente, impressionou muito

os ricos cervejeiros entrincheirados na Praça municipal.

Aqueles cinquenta soldados de Josué nunca chegaram à sétima volta de muralha. Estavam terminando a quinta, gritando a plenos pulmões “Servos comedores de merda!” referindo-se aos guardas alinhados sob o arco do portão Felchta, quando ao longe apareceu aquilo que dissolveria definitivamente a tensão daqueles dias. Um grupo muito grande de homens, encimado por uma densa floresta de longos bastões, avançava rapidamente para a cidade. Se fossem os reforços provenientes de Salza, Mühlhausen teria caído nas nossas mãos antes do fim do dia. Mas o irmão Leonard, que havíamos mandado encontrá-los, voltou com a notícia que eram os habitantes do condado, acorrendo para socorrer o Conselho da cidade. Rapidamente, a notícia chegou também dentro da muralha, e ficamos logo encurralados entre duas fogueiras: de um lado os camponeses que já subiam o calçamento e, do outro, os vilões que gozavam do espetáculo atrás da primeira fila de sentinelas. Em resumo, eram demais.

Eis o que acontece quando ignoramos os camponeses, para conquistar os canhões da cidade! É só prometer-lhes uma redução nas taxas sobre a entrada das mercadorias e eles se voltam contra você em um instante. Em um dia como aquele, tendo os camponeses do nosso lado... Pelo contrário, o exército dos humildes dispersou-se rapidamente, sem derramamento de sangue, como manteiga no forno. Os camponeses apertaram as mãos dos vilões, fazendo em pedaços os nossos cornes de caça, e voltaram para casa para o jantar.

Assim, a resolução do Conselho de eleger dois novos burgomestres assumiu o tom de concessão, uma forma simples de eliminar dois imbecis e reforçar o controle sobre a cidade.

Na manhã seguinte, a Praça municipal encheu-se novamente de um grande número de pessoas, para saber os nomes dos novos burgomestres. Um dos eleitos, o produtor da melhor cerveja da cidade, festejou logo presenteando a população com dois enormes barris. Depois o segundo, dono de uma loja de tecidos, assumiu a palavra. Disse que graças à previdência do Conselho, uma situação de grave desordem havia sido resolvida; que Rodemann e Kreuzberg pagaram, justamente, pelo erro cometido e não voltariam à cidade. Eles não foram, porém, os únicos que agiram contra os interesses da cidadania; como era de esperar de um estrangeiro, messer Thomas Müntzer tinha feito o possível para criar o caos no burgo e messer

Heinrich Pfeiffer o havia seguido cegamente naquele plano de instigação. Mühlhausen não precisava daquele tipo de gente para melhorar o próprio ordenamento. Thomas Müntzer e Heinrich Pfeiffer eram portanto convidados a abandonar a cidade dentro de dois dias. Se permanecessem além desse prazo, seriam aprisionados na torre do palácio.

Pergunto-me até hoje quais estranhas alquimias teriam sido produzidas durante a noite anterior e qual fluido paralisante escorreria naquela momento pelo chão da praça. Com certeza, a chegada dos camponeses havia sido um golpe duro, assim como aquela sensação de encurralamento. Deve, todavia, existir algo mais para explicar o silêncio que varreu aquela vastidão de corpos, tão forte que cancelou por um instante a sua fetidez. Algo que Magister Thomas deve ter intuído antes de mim, porque naquela manhã permaneceu em São Jacome e, quando o encontrei, estava juntando os próprios pertences.

Fora da muralha de Mühlhausen, entendemos que havíamos cometido o maior erro. Um erro que não devíamos repetir. Com a cidade atrás de nós, foi a mim que Otilie murmurou aquela lição:

— Você tinha razão. Sem os camponeses, não podemos nada.

## Capítulo 19

Nurembergue, Francônia, 10 de outubro de 1524

*Artigo quarto: [...] Portanto nós apresentamos este pedido: se alguém tem um córrego e, com suficiente documentação, pode provar que é seu proprietário, tendo adquirido o curso d'água em boa fé, não devemos desapropriá-lo com a violência, mas chegar a um acordo fraterno com ele. Quem, porém, não puder demonstrar isso tudo, deve restituí-lo à comunidade, como é justo.*

*Artigo quinto [...] que uma comunidade tenha a liberdade de permitir que cada um possa colher e levar para casa, sem pagar, a lenha que lhe for necessária para o fogo e também a que lhe servir para construir [...]*

*Artigo sexto: Somos submetidos a um enorme gravame de serviços prestados ao senhorio, que vem aumentando continuamente [...] Apresentamos o pedido que seja admitido, como é justo, não gravar-nos mais assim, mas permitir-nos [...] prestar o serviço como faziam os nossos pais e somente segundo a palavra de Deus.*

Entramos em Nurembergue pelo portão mais ao Norte. À esquerda, as torres imponentes do forte imperial nos lembram o que já sabemos: esta cidade é uma das maiores, mais belas e mais ricas de toda a Europa. Diante de nós, elevam-se até o céu os perfis esbeltos dos campanários de São Sebaldo, e nos dois lados da rua pintores e escultores seguem o trabalho em suas lojas. Otilie jura que a casa do

grande Albrecht Dürer é a poucos passos daqui. Aquela de Johannes Denck, com quem já deveríamos encontrar-nos esta manhã, é pelos lados de Königstrasse, na esquina Sul do rombo que delimita o coração da cidade.

Passamos pela Praça do Mercado, extasiados pelo cheiro de incenso, perfumes e especiarias das Índias, as cores das sedas chinesas que flutuam ao sol, os sete Eleitores que se inclinam ao Imperador bem sobre as nossas cabeças, no relógio da Igreja de Nossa Senhora.

Hans Hut, o livreiro, desde que entramos na cidade, permanece ao lado do Magister logo atrás de nós, reduzindo de propósito o passo. Motivo: sustenta que em Nurembergue, entrando por qualquer portão, quem segue instintivamente o fluxo do povo chegará, cedo ou tarde, transportado por uma corrente invisível, à Praça de São Lourenço. Assim, para não influir no resultado da experiência, se mantém à distância, pois estas ruas não têm segredos para ele. Apesar desta precaução, a demonstração fica prejudicada, porque as torres de São Lourenço aparecem imponentes, assim que atravessamos a ponte sobre o rio que corta a cidade.



Há um vaivém frenético na tipografia. Dia de encontros importantes: um fervilhar de contatos, diálogos, projetos que preconizam novas semanas de terremoto e revolvimento. Os camponeses estão desencadeados: não passa um dia sem notícias de saques, insurreições, rixas banais que se transformam em tumultos, de região em região. A rede de contatos que o Magister tem cultivado com obsessiva precisão há anos, é extensa e ramificada e não cessa de ampliar-se e fornecer notícias. Existe, também, a impressão de textos; esta técnica maravilhosa que, como um incêndio em verão de seca e vento, desenvolve-se dia após dia, nos fornece uma quantidade de ideias para enviar longe e com rapidez mensagens e os estímulos aos irmãos, que despontam como cogumelos em cada recanto do país.

Os dois aprendizes estão trabalhando loucamente, na grande tipografia de messer Hergott em Nurembergue. As mãos transformam a tinta sobre o simples papel em caracteres de chumbo

que multiplicam as palavras. Rápidas olhadas e dedos ágeis que recompõem os textos do Magister: Projéteis que serão arremessados em todas as direções pelo mais possante dos canhões. A prensa, no canto, parece adormecida, aguardando para imprimir a matriz final.

Não foi difícil convencê-los. Hergott está fora da cidade por uma semana e a presença contemporânea de Hut, Pfeiffer, Denck e Magister Thomas teria convencido qualquer um: o turbilhão dos discursos, a paixão e a fé destes homens, convenceriam os mortos a voltar ao trabalho.

Sorrio desvairado, mas atento ao diálogo ao redor da mesa, no cômodo atrás da tipografia. Discutem densamente. Hans Hut é desta região, mora em Bibra, a poucas milhas daqui. Já é, há alguns anos, um excelente difusor de impressos. Imprimiu as primeiras partes do Evangelho traduzido por Lutero, trabalho que lhe rendeu muito crédito, mas não cobrou dos bancos dos príncipes. Por causa da grande carga de trabalho, está procurando abrir uma tipografia própria, em Bibra: iniciativa importante, que talvez venha à luz nestas semanas. Em qualquer caso, conhece todas as técnicas atuais da impressão e o seu parecer é imprescindível.

Johannes Denck demonstra ter a minha idade, esperto como uma fuinha, também desta região, bem conhecido pelas autoridades locais, mas há bastante tempo viajando pelas estradas e países até às terras do Mar do Norte. Provocador, agitador profissional, é necessário mantê-lo como amigo, para evitar que o seu espírito livre se revolte contra você. Demonstra uma inteligência brilhante para as Escrituras também: a cidade está em alvoroço por causa de uma sua oração que apontava quarenta paradoxos encontrados nos Evangelhos. Diz que para o fiel “não há outro guia” para a leitura “que o mundo interior de Deus, que provém do Espírito Santo”. O Magister aprecia a sua perspicácia, a esperteza e a bagagem de notícias que acumulou em suas viagens. O texto que escreveu em Mühlhausen e que trouxemos aqui, também verte sobre isto.

— Aquele amontoado de carne flácida que mora em Wittenberg, o frade Dissimulado, quer manter a Escritura bem longe dos olhos dos camponeses. Ele teme que o solavanquem do trono em que apoia o traseiro! Os camponeses deveriam manter a cabeça inclinada sobre o

arado, enquanto ele exerce o novo Papado! Esta infâmia não deve durar mais, ele precisa ser desmascarado! A palavra do Senhor deve ser acessível para todos e os humildes, especialmente, devem poder encontrá-la diretamente, meditá-la com consciência, sem ter que passar através da boca babosa dos escribas.

É o Magister quem fala. Denck concorda e intervém:

— Isto é verdade, sem dúvida. Mas precisa considerar outros problemas. Os camponeses não são tudo. Existem as cidades: vocês viram em Mühlhausen. Como dizia, passei meses incríveis naquele porto do Mar do Norte, Antuérpia. Lá, os mercadores são ricos e fortes, o tráfego de navios aumenta de hora em hora e a cidade fervilha de ânimos inquietos. Há um irmão, lá, um montador de telhados de ardósia, para muitos rude e ignorante, que prega e incita os espíritos livres à rebelião contra os ímpios. Precisa ver quem ele consegue atrair: comerciantes de peles, armadores, mercadores de pedras com as respectivas ilustres famílias, ao lado de cervejeiros, carpinteiros e vagabundos. Em resumo, há grana, e a grana serve para sustentar todas as causas. Os aldeões fodidos das nossas cidades são carolas e inclinados a permutar pequenas vantagens com a submissão dos camponeses e a conservação dos príncipes. São as bundas deles que deveriam levar pontapés!

— Se conseguirmos apossar-nos das suas lojas para imprimir as nossas mensagens, a grana não é tão necessária assim! — ri Hut.

— Mas, cale a boca, que há meses você está fazendo projetos para a nova gráfica e, no entanto, nos força a bancar os saltimbancos! — retruca Pfeiffer.

— Não, não, desta vez sai! Em menos de um mês estará pronta. Asseguraram-me que a prensa já está a caminho e, se não fosse pela confusão reinante, já estaria pronta há semanas.

Denck dá-lhe uma cotovelada:

— Claro que a você, coração de leão, a confusão não agrada...

Desatamos a rir.

Nesse meio tempo, os aprendizes de Hergott não levantaram a cabeça da mesa de composição: terão ainda muito trabalho. Estive observando uma cesta cheia de tiras de papel de vários tamanhos. Aponto-a para Hut.

— Para quê serve?

— Para nada. São as aparas: esta prensa imprime quatro páginas em cada folha grande. Quando você as corta, fica sempre uma sobra.

— É possível diminuir os caracteres e obter uma margem de sobra maior?

— É. Mas por que a pergunta? Já não basta tanto papel desperdiçado?

— Pode ser uma tolice, mas eu pensei que, além do texto do Magister, de cada *imprimatur* poderíamos conseguir algumas folhas soltas, para expressar em poucas linhas eficazes a nossa mensagem, carregá-las facilmente e distribuí-las a mão nos campos, por aí. Poderíamos difundir-las através dos irmãos espalhados por todo canto e atingir muitas pessoas, não sei, é só uma ideia...

Silêncio. Pfeiffer bate a mão na mesa:

— Poderíamos imprimir centenas! Milhares!

Os olhos do Magister brilham como quando está prestes a proferir um dos seus sermões, o seu sorriso me enrubesce.

— Você cresceu, rapaz: só terá que aprender a sustentar com mais força as suas ideias.

Hut extrai uma tira de papel do cesto, pega pena e tinteiro e começa a fazer contas. Resmunga para si mesmo:

— Pode funcionar, pode funcionar...

Quase cai da cadeira para virar-se e gritar aos tipógrafos:

— Parem, os dois! Parem tudo!

## Capítulo 20

### Eltersdorf, outono de 1526

Conserto as gaiolas para os frangos, preparo-as para o inverno, pregando as tábuas para que os animais não passem frio demais. À noite, volto a mergulhar nas lembranças.

Lembro que chegou a época do *Föhn*, o mesmo que agora perpassa um mundo diferente.

O *Föhn*, vento quente, cheio de umidade e secreções que sopra do Sul, penetra na corrente alpina e desemboca nos campos e nos vales, tornando a subir carregado de humores loucos e paixões violentas, pelo que é famoso. Tomou conta de nós naquele inverno de febre e delírio, avassalou os nossos corpos com um estremecimento descontrolado, antes de lançá-los em uma dança de morte que ainda grava todos aqueles nomes em minha carne. Nomes. Dos lugares, dos rostos. Nomes de mortos. Antes, os lia nas Escrituras e saíam das folhas recolhidas nos tomos, unindo-se indissolivelmente à alegria dos olhos das irmãs, assumindo as expressões luminosas de suas crianças, os perfis delgados, rudes, de camponeses e mineiros livres no Espírito de Deus.

Jacob, Matthias, Johannes, Elias, Gudrun, Otilie, Hansi.

Nomes de mortos, agora. Não terei mais nomes, nunca mais. Não ligarei a vida ao cadáver de um nome. Assim os terei todos. Hoje estou vivo para lembrar-me deles, e posso escutar a chuva batendo no teto, enquanto um outro outono está acabando, acossado pelo tempo, e Eltersdorf prepara-se para receber a próxima neve e o gelo, depois deste último sopro quente.

O outubro de 1924 terminou com uma outra expulsão “*extra*

*muros*”. Desta vez, tratava-se de Nurembergue. Há uma semana, aproximadamente, os dois encarregados da tipografia de Hergott nos haviam entregado o fruto de noites sem dormir e dias e trabalho intenso; os dois textos que o Magister havia trazido de Mühlhausen: quinhentos exemplares da *Explícita despida*, mais outros tantos da *Confutação*. Além disso, as modificações introduzidas ao método de composição dos quartos de página, nos haviam permitido obter vários milhares de folhas separadas, de pequenas dimensões, nas quais era reproduzida uma brevíssima versão do nosso programa, ao lado de incitações, especialmente dirigidas às mulheres, e a bênção do Senhor que nos protegeria até com a espada, se necessário. Poderíamos distribuí-las livremente, durante os deslocamentos pelos campos, burgos, condados. Após uma discussão não livre de momentos hilários, decidimos chamá-las *flugblatt*<sup>[\*]</sup> exatamente por causa daquela característica de folhas únicas de forma reduzida, que podiam facilmente passar de mão em mão, indicadas para a gente humilde, em uma linguagem simples que muitos teriam compreendido diretamente, ou pedindo que alguém as lesse.

Aquela semana havia transcorrido entre o vaivém de emissários e entregadores que asseguravam o primeiro giro de distribuição dos textos do Magister em várias regiões: cem cópias já haviam sido enviadas para Augsburgo. Mas o clima urbano não era muito tranquilizador. Grande agitação havia despertado, por exemplo, o enésimo empreendimento de Denck, discursando além da medida, em 24 ou 25 de outubro, para os estudantes de São Sebaldo, convidando-os abertamente à matança de quem outorgasse para si o direito exclusivo de interpretar as palavras de Deus. Terminado o discurso, Johannes a raposa, com uma típica improvisação, proclamou-se reitor da escola, aclamado pelos estudantes entusiasmados. Tudo isso não agradou muito as autoridades locais, oprimidas também pelas notícias incessantes sobre o alastramento de revoltas na Selva e em todas as regiões circunvizinhas, motivo pelo qual desde o dia seguinte espalhou-se a voz de uma iminente expulsão de Denck das muralhas urbanas.

E assim foi. Em 27 de outubro o carregamento de livros do irmão Höltzel foi bloqueado no Portão Spittler, enquanto saía da cidade para dirigir-se a Mogúncia. Entre os volumes, os guardas do Conselho da cidade, evidentemente já avisadas, encontraram vinte cópias da *Explícita despida*, sequestraram o lote inteiro e

expulsaram em más condições Höltzel, que havia sido incumbido por Magister de difundir e reeditar o texto. Durante o mesmo dia, os boatos sobre a expulsão de Denck tornaram-se realidade. Ao alvorecer de 28 de outubro, todos nós fomos detidos. Os milicianos levariam ainda um dia inteiro para localizar o nosso depósito: Hergott tinha voltado, não hesitara em denunciar-nos e permitir que os guardas interrogassem longamente os dois aprendizes. A tiragem toda foi sequestrada. Só Hut, um dia antes, havia conseguido transferir para Bibra os folhetos, com algumas cópias dos textos do Magister.

O Conselho não queria problemas. Dois burgomestres nos visitaram tarde da noite na cela e nos comunicaram que a decisão havia sido tomada: antes do amanhecer nos conduziram fora da cidade, sem noticiar a detenção e a expulsão.

Magister Thomas, Ottilie, Pfeiffer, Denck, Hut, Elias e eu. Assim ficamos mais uma vez na rua, contemplando o espetáculo incrível da alvorada que despontava timidamente por trás dos pináculos de Nurembergue, tingindo-os de cor-de-rosa. Desta vez, o Magister não parecia de forma alguma perturbado pelos eventos: Hut nos conduziu à casa dele, em Bibra, a poucas milhas de caminho, um lugar seguro para decidir o que fazer.

Aí, o Magister nos disse que precisávamos separar-nos e isto nos deixou um pouco inquietos: o fato de ter partilhado as peripécias dos últimos meses nos havia unido muito, e a dissolução do grupo nos parecia absurda.

Lembro da determinação em seus olhos:

— Sei disso, mas nós sete precisamos trabalhar como cem — disse —, e se ficarmos todos unidos nunca conseguiremos. Há tarefas que têm prioridade absoluta e precisamos subdividi-las. O tempo já chegou, os ímpios podem ser acossados, meia Alemanha está sublevada, não há um segundo a perder.

Virou-se para o Hut:

— Antes de mais nada, é necessário assegurar-nos que, pelo menos, os livros enviados para Augsburg tenham chegado ao destino, e sejam difundidos logo...

Hut concordou, sem acrescentar nada. A missão era dele.

O Magister prosseguiu:

— Quanto a mim, é de vital importância que chegue em Basileia. Preciso encontrar Ecolampadio e verificar se a situação está mesmo

tão fêrvida quanto a descreveram os irmãos de lá. Se a mais importante cidade da Confederação Helvética passasse para o nosso lado, os príncipes teriam a vida dura... — O seu olhar recaiu sobre Denck. — Penso que você, Johannes, deveria vir comigo. Já atuou em cidade grande e o seu conselho seria de muita ajuda.

— E nós? — Pfeiffer parecia preocupado. — Onde vamos nos meter?

Magister Thomas recolheu um pesado saco de juta, abriu-o sobre a mesa quanto bastasse para verter parte do conteúdo diante dos nossos olhos. Os folhetos deslizaram sobre as tábuas como se uma mão invisível os movesse.

— Eis as sementes. Os campos serão o território de vocês.

O meu olhar desorientado encontrou aqueles de Pfeiffer e de Elias.

Otilie recolheu algumas folhas:

— Claro, os camponeses... os camponeses — olhou-me. — Devem poder saber, é preciso que saibam que os irmãos deles estão se sublevando por toda a Alemanha. E para quem não sabe ler, nós leremos... — Depois, dirigindo-se para Pfeiffer: — Um exército, Heinrich, uma armada de camponeses para libertar a palmo a palmo esta terra da impiedade... — procura a aprovação do Magister. — Marcharemos com os camponeses sobre Mühlhausen, lá ainda há muita gente que quer romper o jugo dos tiranos e dos falsos profetas!

Senti o calor da coragem que inchava o meu coração e os meus músculos, os olhos e as palavras daquela mulher acenderam uma chama que pensei que nada e ninguém poderia apagar, jamais.

Apontando-nos, Magister Thomas voltou-se para ela com um sorriso e disse:

— Mulher, confio-lhe estes três homens. Faça com que os encontre sãos e salvos na minha volta. Terão que ser prudentes, os milicianos dos príncipes estão soltos pelo condado, nunca parem, não durmam mais que duas noites seguidas no mesmo lugar, não confiem em ninguém cujo coração não seja, para vocês, como um livro aberto. E tenham fé em Deus, em cada instante. Sua é a luz que ilumina o nosso caminho. Cuidem para que ela não se perca. Estou confiante que no começo do novo ano nos reencontraremos todos na igreja de Nossa Senhora, em Mühlhausen. Boa sorte, e que o Senhor os acompanhe.

---

[\*] “Folha volante”

## Capítulo 21

Eltersdorf, fim de ano de 1527

O vento bate contra as tábuas da porta como um cão enlouquecido. As velas também parecem vacilar aqui dentro, como se pudessem ser atingidas pelo sopro gélido do inverno. Assim, as lembranças se misturam e tremem, ainda percorridas dos arrepios daquela raiva: foram os dias da tempestade. Leitos que fazem este catre parecer uma cama principesca; crianças magras e sujas, rostos dignos incapazes de uma queixa, que se enchiam de desejo do resgate; sempre andando, atravessando sítios, burgos, vilarejos. Éramos semeadores diligentes, que acendiam a faísca da guerra contra os usurpadores da glória de Deus, os vexadores do Seu povo. Vi foices transformando-se em espadas, enxadas fazerem-se lanças e homens simples deixarem o arado para converterem-se nos mais bravos guerreiros. Vi um pequeno marceneiro esculpir um grande crucifixo e guiar as fileiras de Cristo como o capitão do exército mais invencível. Vi isso tudo e vi aqueles homens e aquelas mulheres recolherem a própria fé e dela fazerem a bandeira da desforra. O amor reunia os corações naquela única chama que ardia dentro de nós: éramos livres e iguais em nome de Deus e teríamos rachado as montanhas, detido os ventos, matado todos os nossos tiranos para realizar o Seu reino de paz e irmandade. Podíamos fazer isso, finalmente podíamos: a vida nos pertencia.

Themar, Unterhof, Regendorf, Swartzfeld, Ohrdruf, nunca dois dias no mesmo lugar. Em meado de novembro, decidimos parar em uma vila minúscula, chamada Grünbach, a pouco mais de um dia de viagem de Mühlhausen. O vilarejo era habitado exclusivamente por

camponeses a serviço do cavaleiro de Entzenberger, junto ao qual, anos antes, o versátil Pfeiffer tinha desenvolvido funções de cozinheiro e de confessor. Ele nos assegurou que o cavaleiro era um inimigo jurado da cidade imperial e que não impediria certamente a nossa ação de evangelização em suas propriedades.

Em troca de uma ajuda nos trabalhos mais pesados, encontramos uma acomodação em um estábulo desativado, ao lado do casebre de uma viúva chamada Frida. A cama era de palha e as cobertas de lã bruta. A mulher demonstrou-se, já na manhã da nossa chegada, muito feliz em hospedar-nos, declarando que ao longo da semana anterior tivera presságios de todo tipo sobre a chegada em sua casa de pessoas importantes. Pela primeira vez, senti uma estranha sensação ao ouvir uma pessoa falando a minha língua sem entender uma só palavra. Excetuado Pfeiffer, nascido por aqueles lados, a única que conseguiu captar alguma coisa daquilo que idosa camponesa disse, foi Ottilie, que em suas andanças com o marido tinha começado a acostumar-se com as mil maneiras em que o mesmo vernáculo pode ser deturpado.

A viúva Frenner tinha uma filha, ao redor de dezesseis anos, que se ocupava das vacas do patrão e as ordenhava todas as manhãs. A jovem era a menor de seis irmãos, todos alistados no séquito do valoroso capitão que servia o conde de Mansfeld.

Desde o dia seguinte à nossa chegada em Grünbach, de manhã cedo, começamos a visitar campos, hortas e estábulos e a entrar em contato com as pessoas, distribuindo folhetos e anunciando a iminente derrota dos poderosos. A concorrência era muito aguerrida. No mesmo dia encontramos um pregador luterano, dois vagabundos que tentavam conseguir hospitalidade e alimentação explicando a Bíblia e prevendo o futuro; e por último um engajador de tropas mercenárias que enaltecia a vida no seu exército, o soldo generoso, os ganhos fáceis, a glória.

A maior parte dos camponeses que encontramos nos ouviu com uma certa atenção, fazendo perguntas muito insistentes sobre o fim do mundo, sentiu-se orgulhosa, quando foi chamada de povo eleito e demonstrou uma certa apreensão diante da ideia que não seria Deus em pessoa quem mudaria a situação deles, derrubando os poderosos, mas que caberia a eles fazer isso, com foices e forcados. Alguns deles, graças aos folhetos que colocávamos em suas mãos, travaram conhecimento com a estampa, enquanto outros demonstraram ter

condições de ler alguma coisa, graças ao que aprenderam de um vendedor ambulante de almanaques e profecias. A imagem impressa de Martinho Lutero surrando bispos e papistas despertava grande interesse. Decidimos portanto que nos próximos folhetos imprimiríamos mais imagens: reis com a enxada na mão forçados a lavrar a terra, camponeses em revolta sob o olhar protetor do Todo Poderoso e assim por diante.

À noite, em Grünbach, fomos convidados à loja de um certo Lambert, que era ferreiro e consertava ferramentas. A fornalha recém apagada difundia o seu calor pelo cômodo. Ofereceram-nos pão temperado com cominho e coentro e Elias, sem despertar muito a atenção, convenceu até Otilie, que odiava aqueles sabores, a comer pelo menos um pouco. Mais tarde, enquanto nos enrolávamos nas cobertas ásperas, ele nos explicou que só bruxas e bruxos recusam-se a comer o cominho, porque dizem que anula todos os poderes deles.

O ferreiro Lambert lançou um desafio de canções ao contrário, e começou a propor a sua: *Saí esta manhã quando já estava escurecendo, com a foice para trabalhar a terra, pelo caminho subi em um carvalho, e comi todas as cerejas, chegou o dono da macieira, pediu-me que pagasse pela sua uva.*

Outros responderam com lengalengas que falavam de lobos que berram, de cascas de nozes que arrastam lesmas, de pintainhos que se transformam em ovos. Mas o prêmio final foi conquistado por Elias, com a sua voz de bicho-papão: *Conheço uma canção pelo avesso, logo terei que cantá-la pelo lado direito, expliquei o Evangelho ao pároco, que insistia em falar em latim, disse que o trigo deve ser pago, o que sobra é para quem não tem. Fui sozinho ao palácio, com o meu amigo fui ver o senhorio, éramos cinco quando dissemos que a terra é nossa, dez de nós explicaram isso tudo, vinte pessoas fizeram com que ele fugisse, cinquenta tomaram o castelo, cem o queimaram, mil atravessaram o rio, dez mil foram à batalha final!*

Graças àquela canção, que logo se tornou um verdadeiro hino, conquistamos a simpatia dos camponeses de Grünbach. Elias preparava a batalha final: verdadeiros treinamentos, todos os dias ao anoitecer, ensinava a usar a espada e a faca, a desarmar o adversário, derrubá-lo e reduzi-lo ao pior estado de mãos limpas. Antes disso, eu nunca tinha manuseado qualquer tipo de arma, e devo admitir que os camponeses se revelaram alunos bem mais habilidosos que eu.

Visto que o pessoal do campo não aprecia as coisas abstratas, depois de alguns dias fizemos um teste com o nosso pequeno exército. Não havia porém muito que combater; o pároco saiu correndo, quando viu os forcados altos, acima das cabeças, e não foi difícil confiscar o trigo do último dízimo para redistribuí-lo ao povo dos vilarejos vizinhos.

Depois de alguns dias organizamos uma grande festa em Sneedorf, durante a qual foi eleito o novo pároco da comunidade e, pela primeira vez após muitos anos, a autoridade religiosa permitiu a dança do Galo, que era proibida até aquele momento, por causa de algumas piruetas muito sensuais que deixavam as pernas das mulheres descobertas. Antes de embebedar-me como poucas vezes havia acontecido, e até que as pernas puderam sustentar-me, acompanhei Dana, a jovem filha da viúva Frenner, nas danças.

Nos dias seguintes, a notícia de um pároco eleito pelos fiéis chegou às comunidades vizinhas, que enviaram mensagens para Grünbach pedindo a nossa intervenção e ajuda, ora contra o pároco, ora contra o senhorio. Sem hesitar, os nossos confrades deixavam o próprio trabalho e acorriam para onde era necessário, até quando três dias ininterruptos de neve tornaram impossível qualquer deslocamento.

Além do vento e do gelo, outra tempestade atingiu o nosso vilarejo. Pouco antes do amanhecer, fomos despertados pelos gritos dos camponeses que tinham ido aos campos para observar os efeitos da geada.

Quando saímos para o terreiro, Frida corria enlouquecida por toda parte e Dana chorava ajoelhada na neve. Pfeiffer deteve a viúva para entender o que estava acontecendo, mas no estado em que se encontrava, a sua fala era ainda mais incompreensível. Então eu me aproximei de Dana e, inclinando-me, perguntei lentamente:

— O que acontece, irmã? Diga alguma coisa...

Soluçando:

— Os lansquenetes, estão aqui novamente... Mataram meu pai, levaram os meus irmãos, eu e minha mãe... — Não conseguiu prosseguir.

Surgindo do nada, chamada para quem sabe qual guerra, esfomeada, com frio e cansada, uma tropa de mercenários avançava sobre o lugarejo, trazendo a esperança de levar um pouco de comida e a ameaça de estupros, incêndios e matanças caso não a

encontrassem.

Elias foi o primeiro que pensou em uma solução.

— Se não me engano, aqui na vila somos trinta homens e vinte mulheres. Eles são certamente em número maior. Não podemos enfrentá-los. Proponho deixar para eles as vacas do cavaleiro: quatro vacas deveriam ser suficientes para saciá-los. — Dito isso, afastou-se para avisar os outros. Eu o segui e Pfeiffer ficou com as mulheres.

Os camponeses estavam acostumados a defender os bens do senhorio com a própria vida, porque em alternativa teriam passado anos inteiros cedendo ao patrão quase toda a parte deles na colheita, para reembolsá-lo do prejuízo sofrido. Por esta razão não foi fácil convencê-los que, desta vez, quando o patrão viesse reclamar os seus privilégios, responderíamos como merecia e agora, isolados como estávamos, só devíamos pensar em salvar a pele.

Interceptamos os mercenários na estrada do vilarejo, com a neve até os joelhos e todo tipo de ferramenta na mão. Eram pelo menos uma centena, mas percebemos logo que estavam extenuados pela marcha e o frio. Muitos deles não conseguiam manter-se sobre as pernas, por causa dos pés congelados, outros não estavam longe do colapso definitivo. Com eles estavam algumas mulheres, provavelmente prostitutas, em condições deploráveis.

— Precisamos de alimento, de uma fogueira e de alguma erva contra a febre — disse o capitão à distância de voz.

— Vocês terão — foi a resposta do ferreiro Lambert.

— Mas — acrescentou Elias, que intuía a situação —, deixarão livres todos os homens e as mulheres que não quiserem prosseguir.

— Ninguém quer abandonar o meu exército! — respondeu o capitão tentando ser convincente, mas nem tinha terminado aquelas palavras e pelo menos uns trinta, entre homens e mulheres, tropeçando na neve, vieram esconder-se atrás de nós.

O capitão ficou imóvel, o maxilar cerrado. Depois repetiu:

— Vamos, mostrem a comida, a lenha.

Entregamos aos cozinheiros quatro vacas, invés de carne, que eles começaram imediatamente a degolar e cortar, misturando sangue à neve derretida.

Naquela noite, Dana, enrijecida de frio e medo, veio encontrar-me em meu leito de palha, pedindo-me que a deixasse ficar e a protegesse, porque temia que os soldados fizessem novamente com

ela e a mãe o que haviam feito dois anos antes.

Escorregou debaixo de mim, antes de emitir um suspiro, de organizar um pensamento. Era magra, cotovelos pontudos, longas pernas retas como os seios, pequenos, apontados para mim, que já não conseguia segurar a respiração mais intensa, exatamente sobre o seu rosto todo grande de olhos negros. Tornou-se menor, rosto apertado contra o meu peito, devagarinho, uma perna envolveu a minha bacia.

Ninguém lhe fará algum mal.

Derreti dentro dela, sem impetuosidade, dias, meses de tensões e desejo, ofegando a cada toque e leve movimento. O leves gemidos de Dana não pediam palavras nem promessas: curvei-me, a boca procurava o seu seio, antes rocei, depois apertei os lábios contra um mamilo. Segurei o seu rosto e os cabelos, mais curtos que os de um ajudante de loja, entre as mãos, dentro dela, longamente, por um tempo que não lembro, até quando ela adormeceu agarrada em mim.

Foram embora depois de três dias, abandonando os restos das carcaças perto dos buracos negros das fogueiras na neve e aqueles trinta desesperados que não recebiam o pagamento há meses. Os recém chegados revelaram-se úteis: quase todos camponeses, mas sabiam usar as armas e dispor-se em batalha.

Na primeira sexta-feira de cada mês, havia um grande mercado de artesanato em Mühlhausen, ao qual acorria gente dos quatro cantos da Turíngia, de Halle e de Fulda, de Allstedt e de Kassel. Segundo Pfeiffer, aquele era o dia em que deveríamos tentar a volta à cidade, escondidos na multidão que cruzava os portões. Dezembro se aproximava. Começamos os contatos dentro de Mühlhausen, com os mineiros do conde de Mansfeld, com os habitantes de Salza e Sangerhausen. Na primeira sexta-feira de dezembro, na cidade dos cervejeiros entraria gente interessada em algo bem diferente de cestas de palha.

## Capítulo 22

Mühlhausen, 1º de dezembro de 1524

*Artigo sétimo: De agora em diante, um senhorio não deve mais aumentar os ônus a seu bel prazer. [...] Quando, porém, o senhorio precisar de um serviço, o camponês o executará com obediência e prazer; o fará porém nos dias e nas horas que não lhe acarretarem nenhum prejuízo, e em troca de uma adequada compensação em dinheiro.*

*Artigo oitavo: [...] Nós pedimos que o senhorio faça alguém de confiança examinar estes bens [dos quais usufruímos], para decidir a justa contribuição, para que o camponês não execute um trabalho sem a justa recompensa, pois quem desenvolve um trabalho tem direito a uma retribuição.*

*Artigo nono: [...] nossa convicção que é necessário fazer referência às penas do velho ordenamento jurídico escrito, que prevê um julgamento objetivo e não um ditado pelo arbítrio.*

O cheiro forte e desagradável das substâncias usadas para curtir as peles apressa o guardião da porta. O tratador de peles é deixado passar após um controle muito rápido, e assim também o seu séquito, de forma que ninguém consegue identificar um velho conhecido da cidade imperial, um ex-estudante de Wittenberg, um enorme mineiro e uma jovem mulher com olhos de jade.

As estradas de Mühlhausen são repletas de carroças, arrastadas no pântano de gente por esforço de bois, cavalos, burros e, não raramente, humanos. Sacos enormes, presos por um emaranhado de

cordas e cordilhas, frequentemente tão altos que escurecem as janelas das casas. Carregados de ferramentas para cada espécie de profissão, móveis para qualquer gênero de habitação, roupas para todo tipo de indivíduo. Despontam de cada esquina, quando você menos espera, precedidas dos gritos do condutor que quer abrir caminho, a uma velocidade demasiadamente alta que não impede empurrões, batidas e pisoteios.

Nas ruas mais largas, dos dois lados, colocam-se os vendedores menos equipados, com a mercadoria estendida no chão; enquanto na praça ficam os que possuem pelo menos duas estacas e uma tela para servir de cobertura, ou carroças luxuosas que, com jogos de dobradiças e encaixes, se transformam em verdadeiras lojas. Há quem ilustra gritando a qualidade dos próprios produtos e os que preferem chamá-lo com um sussurro, como se tivesse intuído que você saberá apreciar a sua incrível oferta: outros ainda distribuem ajudantes que abordam os clientes e oferecem cerveja aos que se detêm para negociar. Muitas famílias andam agarradas a uma corda, temendo que alguém seja arrastado pela maré de gente.

Elias observa o povo. Na zona dos mercadores de louças já reconheceu aqueles de Allstedt. Uma olhada no lado dos vidreiros confirma a chegada dos camponeses do Hainich. Mais à frente, os que o saúdam erguendo a Bíblia devem ser de Salza.

Otilie levanta os olhos, aguardando o sinal. Já identificou o otário, um do Conselho da cidade, indicado por Pfeiffer. Precisa esperar os mineiros de Mansfeld, que ainda não apareceram. Sem eles, nada é possível.

Um menino abre caminho entre a multidão:

— Senhor, precisa de uma roupa nova! Venha visitar a loja do meu pai, eu o levo, senhor... — Agarra o meu casaco. Viro-me aborrecido e ele sussurra: — Os irmãos mineiros estão aqui, atrás de uma carroça de tijolos.

Puxam Elias:

— Começamos, estamos todos aqui.

Deixo cair uma moeda na palma estendida do pequeno mensageiro, uma carícia em sua testa e preparo-me para apreciar o espetáculo.

Otilie aproxima-se do seu homem, no ponto de maior aglomeração, na frente de um fabricante de instrumentos de corda. Chega atrás dele e roça o seio nas suas costas, murmura alguma coisa

encostando os lábios aos seus ouvidos e deixando que os cabelos louros deslizem sobre o ombro. Depois, com uma mão, começa a trabalhá-lo no meio das pernas. Vejo a nuca do pobre bobo ficar vermelha. Alisa a barba, nervoso: não resiste. Permanecendo virado, dobra-se levemente e começa a enfiar o braço sob a saia dela. Quanto atinge as zonas altas, Ottilie tira a mão tentadora, afasta-se e, bloqueando o braço dele naquela posição escandalosa, começa a gritar, enquanto com a outra mão o esbofeteia sem parar.

— Bastardo, verme, verme nojento, que Deus o amaldiçoe!

É o sinal. Ao redor de Ottilie acende-se a barafunda, enquanto dos quatro cantos da praça os nossos irmãos, compactos, começam a avançar. Reviram as mercadorias, batem nos mercadores, pisam nos cervejeiros.

— Enfiar as mãos sob as saias, é isto que sabem fazer os senhores de Mühlhausen?!

O primeiro que nos alcança é um camponês, que abriu caminho como se fosse um carneiro, agarrando pela gola os vilões que apareciam e quebrando-lhes a cara a cabeçadas. Logo em seguida chega um dos mineiros, com um feixe de arcabuzes, bastões e facas roubadas de um armador.

— Isto é para vocês — diz. — E há mais ainda!

— Maldito cervejeiro — continua berrando Ottilie. — Eu o reconheço: é um do Conselho!

Grito até rachar a garganta:

— Fomos vendidos aos mercadores de cerveja!

As vozes se multiplicam e aumentam de volume:

— Conselheiros bastardos, vendidos, fora de Mühlhausen!

Muitos dos que gritam nem assistiram à farsa e pensam que se trate de um tumulto de praça para suplantar o Conselho. E têm razão.

Tudo ocorre com a máxima rapidez. A maré, como se atraída por um poderoso ímã, começa a inundar a Kilansgasse, que da praça do mercado leva ao Paço municipal. Alguns se dispersam aqui e acolá: almas piedosas necessitadas de visita às igrejas.

De repente, olho ao meu redor e percebo que fiquei sozinho; Elias, Heinrich e Ottilie desapareceram. Um camponês ao meu lado joga o seu adversário ao chão, bem vestido até demais, com uma cotovelada no maxilar e um soco sob as costelas.

— Isso, irmão, vamos bater nos ímpios como cães! — grito,

exaltado.

Os guardas nem pensam em aparecer. A cidade é nossa.



Soa o primeiro toque de recolhimento. Junto-me aos outros no Poço do Arcanjo, onde marcamos encontro, caso nos dispersássemos. Há mais dois que aparentemente não conheço.

Pfeiffer faz as honras da casa:

— Ah, está aqui, o nosso estudante rebelde! Estes são Briegel e Hülm, dois dos oito representantes do povo de Mühlhausen.

— E estas — diz um deles, agitando o que parece ser um grande guizo —, são as chaves da nossa cidade!

— ... isto é — completa o outro —, o direito de decidir quem deve ficar fora e quem pode entrar.

— Conseguimos. Thomas poderá voltar — anuncia Ottilie com um sorriso.

— Quanto a vocês — prossegue Briegel ou Hülm —, Mühlhausen, a cidade imperial livre lhes dá as boas-vindas.

## Capítulo 23

Mühlhausen, 15 de fevereiro de 1525

*Artigo décimo: Somos prejudicados pelo fato que alguém se apropriou dos pastos e campos que no passado pertenciam à comunidade. Estes serão retomados e recolocados nas mãos da comunidade, a menos que não tenham sido legitimamente adquiridos [...]*

*Artigo décimo primeiro: Queremos abolir totalmente o costume chamado mortuário.*

*Artigo décimo segundo: É nossa decisão e convicção definitiva que, se um ou mais artigos dentre os relacionados não estiverem conformes à palavra de Deus, não terão mais valor. [...] Oremos a Deus, porque só Ele e ninguém mais pode conceder-nos tudo isto. Que a paz de Cristo nos acompanhe.*

A notícia da sua chegada corre de boca em boca, pela rua principal. Duas alas de pessoas se aglomeram para saudar o homem que desafiou os príncipes, é gente do povo e camponeses que acorreram dos burgos limítrofes. Quase choro de emoção. Magister, preciso contar-lhe tudo, como lutamos e como conseguimos estar aqui, hoje, para acolhê-lo, sem a presença de um só miliciano. Eles estão com medo, sujam-se na roupa, se tentarem aparecer, correrão um grande risco. Estamos aqui, Magister, e com você podemos revolver esta cidade da cabeça aos pés e fazer o Conselho sair da toca. Ottilie está ao meu lado, os olhos marejados, um vestido elegante, de um branco que a faz sobressair dentre a multidão de rudes vilões. Hei-lo!

Aparece na curva montado em um cavalo preto, ao seu lado Pfeiffer, que já foi ao seu encontro pelo caminho. Dois braços de aço me agarram por trás e me erguem.

— Elias!

— Amigo, agora que ele está aqui, aqueles do Conselho vão cagar na roupa, você vai ver!

Uma risada grotesca, o rude mineiro do Erz também não consegue conter o entusiasmo.

Magister Thomas aproxima-se, enquanto a multidão se fecha atrás dele e o acompanha. Vê o sinal de saudação de sua mulher e se inclina sobre o cavalo. Um abraço forte e uma palavra sussurrada que não posso captar. Depois dirige-se a mim:

— Salve, amigo meu, estou contente por encontrá-lo são e salvo em um dia como este.

— Não teria faltado, nem que tivesse perdido as pernas, Magister. O Senhor esteve conosco.

— E com eles... — um gesto para indicar o povo.

Pfeiffer sorri:

— Vamos, você precisa falar na igreja, agora. Eles querem ouvir as suas palavras.

Um gesto:

— Ande, não vai querer ficar para trás!?

Estende a mão a Ottilie e a ajuda a montar no cavalo.

Corro na direção do portão de Nossa Senhora.

A nave está repleta, o povo comprime-se até a praça diante da igreja. Do púlpito, o Magister estende a visão sobre aquele mar de olhos, e extrai a força da palavra. O silêncio difunde-se rapidamente.

— Que a bênção de Deus desça sobre vocês, irmãos e irmãs, e lhes conceda ouvir estas palavras de coração firme e aberto.

Nem um sopro.

— O ranger de dentes que hoje se ergue, dos palácios e dos conventos contra vocês, os insultos e as blasfêmias que os nobres e os monges lançam contra esta cidade, não devem abalar as suas mentes. Eu, Thomas Müntzer, saúdo em vocês, neste povo aqui reunido, a gloriosa, finalmente desperta, Mühlhausen!

Uma ovação eleva-se sobre as cabeças, é o povo retribuindo a

saudação.

— Escutem. Agora vocês ouvem ao redor o clamor confuso, zangado, raivoso, daqueles que sempre nos oprimiram: os príncipes, os gordos abades, os bispos, os notáveis das cidades. Ouvem a gritaria deles, lá fora, atrás da muralha!? É um latido de cães que ficaram sem as presas, irmãos e irmãs. Sim, os cães que com hordas de soldados, de cobradores, nos ensinaram o que é o medo, nos ensinaram a obedecer sempre, a curvar a cabeça na presença deles, a reverenciá-los como escravos diante dos donos. Aqueles que nos presentearam com incerteza, fome, taxas, *corvéé*... Eles, hoje, meus irmãos, choram de raiva porque o povo de Mühlhausen ficou em pé. Quando um só de vocês recusava-se a pagar-lhes os tributos, ou a reverenciá-los adequadamente, podiam fazer com que os mercenários o açoitassem, podiam aprisioná-lo e matá-lo. Mas hoje, aqui, vocês são milhares. E não poderão mais açoitá-los, porque agora vocês têm o chicote na mão, não poderão aprisioná-los, porque vocês tomaram as prisões e arrancaram as portas, não poderão mais matá-los nem roubar do Senhor a devoção do Seu povo, porque o Seu povo está em pé e volta o olhar para o Reino. Ninguém poderá mais dizer-lhes faça isto, faça aquilo, porque a partir de hoje viverão em irmandade e comunhão, segundo a ordem bem aceita pelo Senhor, e não existirá mais quem trabalha a terra e quem colhe os frutos, porque todos trabalharão a terra e gozarão dos frutos em comunidade, como irmãos. E o Senhor será honrado, porque não haverá mais patrões!

Um outro estrondo de entusiasmo ressoa na abside, parecendo o grito de dez mil.

— Mühlhausen é pedra do escândalo para os ímpios da terra, é a premonição da ira de Deus que está por abater-se sobre eles e é por isto que tremem como cães. Mas esta cidade não está sozinha. No caminho que percorri para chegar até aqui, vindo de Basiléia, em todo lugar, em cada burgo, da Floresta Negra até a Turíngia, vi camponeses insurgindo, armados da própria fé. Atrás de vocês está sendo formado o exército dos humildes que querem partir as correntes da escravidão. Eles precisam de um sinal. Vocês devem ser os primeiros e fazer o que muitos, em outros lugares, por medo ainda não se atrevem a realizar. Mas estejam certos que o exemplo de vocês será seguido por outras cidades, vizinhas ou tão distantes que nem sabemos como se chamam. Vocês têm que abrir a estrada do Senhor.

Ninguém poderá jamais tirar-lhes o orgulho desta tarefa. Eu saúdo em vocês a Mühlhausen livre, a cidade sobre a qual Deus pousou o Seu olhar e a Sua bênção, a cidade da desforra dos humildes sobre os ímpios da terra! A esperança do mundo começa aqui, irmãos, começa com vocês!

As últimas palavras são cobertas pelo barulho, Magister Thomas precisa gritar ao máximo. Eu também salto para aquela alegria: nunca mais nos expulsarão de cidade alguma.

## Capítulo 24

Mühlhausen, 10 de março de 1525

A reunião é na casa do mercador de tecidos Briegel. Pfeiffer e o Magister deverão discutir com os representantes as reivindicações a serem apresentadas ao Conselho municipal. Convidaram-me também, ao passo que Ottilie irá conversar com as mulheres da cidade. Briegel é um pequeno comerciante, e Hülm um fabricante de louças e entalhador. O porta-voz dos camponeses é o pequeno e eriçado Peter, cara rude e olhos negros, ombros desmedidamente largos, torneadas pelo trabalho nos campos.

Uma casa humilde, mas sólida e limpa, bem diferente dos casebres que vimos em Grünbach.

Briegel é o primeiro a falar, e descreve a situação.

— Então, os fatos são estes. Podemos colocar em minoria os representantes das corporações. Nós proporemos a extensão do voto aos cidadãos que não pertencem aos ofícios, desde que morem dentro da muralha ou nos burgos encostados à mesma. Algum daqueles gordos poderá até fazer um pouco de barulho, mas eles sabem que o povo está todo do nosso lado e penso que, para evitar uma insurreição, aceitarão o novo ordenamento.

Cede a palavra a Hülm:

— É. Eu também acho possível impor o nosso programa. Eles, com certeza, não vão querer colocar em risco o patrimônio. No fundo, só estamos pedindo que os cidadãos possam decidir por si mesmos, sem precisar submeter-se às regras deles.

Um momento de silêncio, um rápido olhar entre Pfeiffer e o Magister. Sob a mesa, um grande cão cinza acomoda-se sobre os

meus calçados: acaricio-lhe uma orelha, enquanto Pfeiffer assume a palavra.

— Amigos, deixem que lhes pergunte por qual razão deveríamos estabelecer um acordo com um inimigo que já vencemos. Como vocês disseram, o povo está do nosso lado, a cidade pode ser defendida sem a milícia municipal, nós podemos fazer isso sem dificuldade. Que interesse temos em manter no Conselho uns gordos mercadores?

Espera que as palavras atinjam o alvo, depois retoma:

— Thomas Müntzer tem uma proposta que estou disposto a apoiar. Vamos expulsar as corporações e os cervejeiros e dar vida a um novo Conselho.

O Magister intervém impetuoso:

— Um Conselho Perpétuo, eleito por todos os cidadãos, sem distinção. Que todo representante e magistrado público possa ser destituído em qualquer momento, se os eleitores julgarem que ele não os representa e administra devidamente. Aí o povo poderia organizar-se em assembleias periódicas para avaliar a atuação do Conselho, em seu conjunto.

Hülm, perplexo, alisa a barba, nervoso.

— É uma ideia ousada, mas o senhor poderia estar com a razão. E como proporia organizar a tributação?

É Pfeiffer quem lhe responde:

— Que cada um contribua para os cofres municipais na medida daquilo que possui. Deve ser permitido a todos alimentar e vestir a própria família. Por esta razão, uma parte das taxas será destinada aos pobres e os Sem-nada, uma espécie de caixa de socorro mútuo para comprar pão, leite para as crianças, e todo o necessário.

Silêncio. Depois um resmungo vindo do fundo do tórax de Peter, o camponês abana a cabeça.

— Tudo isto está bem para a cidade — as palavras desdentadas saem com dificuldade —, mas o que muda para nós?

Briegel:

— Não vão querer que Mühlhausen assuma todos os casebres da região, espero!

O cão cansou-se de mim e afasta-se, um chute do dono da casa faz com que se afaste, preguiçoso. Deita em um canto e começa a roer um osso empoeirado.

Peter recomeça:

— Os camponeses lutam. Os camponeses devem saber porque o fazem. Nós queremos que esta cidade, assim como todas as outras que decidirem apoiar-nos, sustentem os nossos pedidos aos senhorios.

Não está fitando Hülm, nem Briegel, mas Pfeiffer, diretamente nos olhos.

— Nós queremos que os doze artigos sejam aprovados por todos.

Rio, lembrando que eu os li para eles, exatamente ontem, quando o texto chegou na cidade, recém imprimido.

Pfeiffer:

— Parece-me uma proposta razoável — olha Hülm e Briegel, calados. — Amigos, a cidade e o campo não são nada, uma sem o outro. O fronte deve permanecer unido, os nossos interesses são comuns: uma vez enxotados os grandes intrigantes, acertaremos as contas com os príncipes!

O incitamento permanece por um instante suspenso sobre a mesa, depois:

— Que seja — desabafa Hülm. — Que os doze artigos sejam aprovados pela cidade e incluídos em nosso programa. Mas antes de mais nada, vamos resolver aqui as questões, senão tudo acaba em bosta.

## Capítulo 25

Eltersdorf, fim de janeiro de 1527

Esta noite sonhei com Elias.

Andava na noite descalço por um atalho tortuoso, com ele ao meu lado. De repente, diante de nós elevava-se uma parede de pedra branca com uma fenda estreita sobre as nossas cabeças. Elias erguia-me e eu conseguia colocar a cabeça naquela abertura. Pedia a tocha para ver melhor: uma espécie de galeria úmida. Após ter adentrado, percebia que ele nunca poderia alcançar-me, a parede não tinha onde segurar. Então eu voltava, mas ele já havia partido. Com o archote na mão, eu começava a arrastar-me naquela passagem estreita.

Acordei e esperei que o galo de Vogel proclamasse o início de um novo dia de cansaço. O fantasma de Elias não me abandonou até à noite. Aquela força imensa, aquela voz, ainda estão dentro de mim.



No dia 16 de março os cidadãos foram reunidos na igreja de Nossa Senhora para eleger o novo Conselho. Daquele momento, a cidade foi nossa.

A tarefa que me foi confiada, ao lado de Elias, era de organizar a milícia urbana. No caso de um ataque, os príncipes não nos encontrariam desprevenidos. Elias ensinava aos componentes como formar falanges, aguçar lanças, enfrentar um homem corpo a corpo.

Com a ajuda do Magister, ele os dividiu em companhias de aproximadamente vinte homens, cada um encarregado de defender uma parte da muralha, em caso de ataque. Quem tinha uma experiência militar mínima, foi eleito capitão pelos próprios companheiros. Eu assumi a responsabilidade das comunicações entre as companhias e fiz de alguns jovens espertos e de confiança portadores de recados. Colocaram-me na mão uma adaga curta, à noite eu podia treinar com o invencível Elias.

Em abril, os cidadãos de Salza rebelaram-se. A proposta de levar-lhes ajuda foi posta em votação e obteve a unanimidade. Reunimos quatrocentos homens, certos que essa seria uma boa oportunidade de testar aqueles meses de treinamento. O Magister e Pfeiffer discursaram muito com os chefes da revolta, mas eles pareciam mais preocupados em arrancar qualquer mínima concessão dos senhorios, que saber o que estava acontecendo ao redor. Como único gesto de agradecimento por termos ido até lá, nos presentearam com duas toneladas de cerveja.

Naquela noite, enquanto acampávamos sob o luar, ouvi o Magister discutindo longamente com Pfeiffer sobre os riscos de uma ação não compartilhada pelas cidades. Só o enorme cansaço colocou um fim naquele vozear animado.

Na volta, fomos interceptados por um mensageiro vindo de Mühlhausen, enviado por Ottilie. Hans Hut tinha chegado à cidade com notícias e cartas muito importantes. O Magister leu algumas delas à tropa; a rebelião já se alastrava por toda a Turíngia, entre Erfurt e Harz, entre Naunburg e Ássia. Outras cidades estavam seguindo o exemplo de Mühlhausen: Sangerhausen, Frankenhausen, Sonderhausen, Nebra, Stolberg... e mais, na região mineira de Mansfeld: Allstedt, Nordhausen, Halle. Além da própria Salza, Eisenbach e Bibra, os camponeses da Floresta Negra.

Aquelas notícias elevaram os nossos corações, não pararíamos mais, havia chegado a hora. No caminho para Mühlhausen, saqueamos um castelo e um convento. Não houve mortes, os proprietários renderam-se sem resistência, tentando comover-nos para que poupássemos os bens e as concubinas deles. Quanto às mulheres, nenhuma delas foi tocada. De ouro, prata e víveres, não deixamos nada. Mühlhausen nos acolheu em triunfo e os dois gigantescos tonéis de cerveja foram esvaziados rapidamente pela sede dos nossos cidadãos.

A festa durou a noite inteira, com cantos e danças, no nosso centro do mundo, no lugar de sonho que foi, naquele fim de primavera, a livre e gloriosa Mühlhausen. Era como se todas as forças da vida tivessem marcado encontro dentro daqueles muros, para homenagear a fé dos eleitos. Ninguém poderia roubar-nos aquele momento. Nem um exército, nem um tiro de canhão.

Antes do alvorecer encontrei Elias sentado em uma cadeira, ocupado em reavivar as fracas línguas de uma fogueira que já estavam se extinguindo. A luz das brasas formava estranhos desenhos naquele rosto escuro, sobre o qual parecia ter pousado uma sombra de cansaço ou de angústia. Como se algo inaudito atravessasse os pensamentos do Sansão.

Virou-se, quando me aproximei:

— Grande festa, não?

— A melhor que já vi. Irmão, o que há?

Sem olhar-me, com a sinceridade de raros momentos:

— Penso que... que não sei se aguentariam uma batalha verdadeira.

— Você os treinou bem. Além disso, vamos saber logo, eu acho.

— É exatamente isso. Você nunca viu os soldados dos príncipes, a gente encarregada de defender os cofres dos ricos...

O olhar perdido entre os reflexos do fogo.

— Por que... você viu?

— Onde pensa que eu aprendi a combater?

Um só olhar, leu a pergunta em meu rosto.

— É, já fui mercenário. Assim como já tive muitos ofícios de merda na minha vida. Fui mineiro e não pense que seja muito melhor, só porque não se mata ninguém. Você mata, sim, mata si mesmo, debaixo da terra, cada vez mais cego que toupeira e com medo de ser esmagado, de ficar lá embaixo para sempre. Fiz coisas imundas e espero que o Senhor Deus em Sua misericórdia infinita tenha piedade de mim. Mas agora estou pensando neles, naqueles coitados que levaremos à luta contra exércitos de verdade.

Uma mão no ombro:

— O Senhor nos ajudará, esteve conosco até agora. Não nos abandonará, Elias, você verá.

— É o que peço em oração todo dia, meu jovem, todo dia...



*Para messer Thomas Müntzer, irmão na fé, pastor da igreja de Nossa Senhora em Mühlhausen.*

*Meu bom amigo,*

*um agradecimento a você pela carta que recebi ontem e um agradecimento ao Senhor Nosso Deus pelas notícias que continha. Esperamos que Ele tenha finalmente encontrado em Thomas Müntzer de Quedlinburg o timoneiro da embarcação que rechaçará o leviatã para o próprio abismo.*

*Desde que nos deixamos, não posso dizer que os meus afazeres particulares sejam comparáveis à grandiosidade dos eventos reservados aos aflitos da Alemanha; o Senhor, talvez, queira tornar-me pleno partícipe da futura glória. A minha família, que permaneceu em Nurembergue, é vítima de constante opressão e abusos. Agora que não estou mais por perto e fui afastado da cidade, procuram apanhar-me de todas as maneiras, para calar-me sem despertar objeções. Por sorte, as nossas irmãs de Nurembergue estão ao lado de minha mulher e a ajudam neste momento de provação. De minha parte, entro nas hospedarias somente para dormir, deixando-as antes do sol nascer. Não tardarei em satisfazer-me com a beira da estrada: o dinheiro está acabando.*

*Por estes motivos, quero informá-lo que pretendo dirigir-me a Mühlhausen: estou ansioso por levar a minha contribuição ao empreendimento dos eleitos, e preciso também respirar um pouco. Além disso, na cidade não devem faltar oportunidades de ganhar alguma coisa ministrando aulas. Veja o que pode fazer, apesar das suas inúmeras preocupações atuais.*

*Que a Luz do Senhor possa iluminar o seu caminho.  
Com grande reconhecimento,*

*Johannes Denck  
Tubinga, no dia 25 de março de 1525*

Hut nos trazia as notícias do Sul. Importantes, vitais. Remexo na sacola do Magister procurando aquela carta maravilhosa, as palavras de um homem cujos feitos foram tema de baladas dos cantadores, chegando até aqui.

*À livre cidade de Mühlhausen, ao Conselho Perpétuo e ao seu pregador, Thomas Müntzer, cujas palavras ecoam e infundem esperança por todo o vale do Tauber.*

*A hora está chegando. As fileiras iluminadas empreenderam a guerra para afirmar a justiça de Deus. Os cidadãos marcharam ao som dos tambores pelas vias da cidade imperial de Rothenburg e, apesar das deliberações do Conselho municipal, ninguém levantou um dedo contra eles. À luz dos fatos, os cidadãos temem a reação do condado e as consequências de uma situação de inimizade.*

*Venho portanto, caros irmãos, expor os pedidos de reforma que as fileiras iluminadas apresentam na ponta das suas lanças.*

*Acima de tudo, eles dizem aos cidadãos que a liga e o acordo consistem na pregação da palavra de Deus, o Sagrado Evangelho, de forma livre, clara e pura, sem complementos de mão humana. Mas muito importante, considerando que a gente comum está sendo, há muito tempo, oprimida e submetida pela autoridade a uma carga insuportável, é que o povo seja aliviado de tais ônus e possa conseguir um pedaço de pão sem ter que recorrer à mendicância. E que não seja extorquido por nenhuma autoridade, que não precise pagar censo, cânon, renda, laudêmio, mortuário, dízimo, até chegarmos a uma reforma geral fundada no Santo Evangelho, definindo o que é injusto e deve ser abolido e o que é justo e deve ser mantido.*

*Peço agora permissão para falar abertamente aos que animaram a esperança e o coração dos pobres. Os fatos que evoluem nestas terras banhadas pelo rio Tauber, nos indicam os dois preceitos a serem observados, para que a causa de Deus não se perca e tudo o que foi feito não desvaneça.*

*Em primeiro lugar, é necessário que as fileiras engrossem dia após dia e, como onda de mar tempestuoso, prossigam*

*crescendo até obterem recursos e constituírem um número suficiente para não temer a espada dos príncipes.*

*Igualmente importante é ter em mente que os diferentes anseios que cavam o sulco entre a cidade e o campo encontram no fim do caminho o mesmo adversário: os intoleráveis privilégios da grande nobreza e do clero corrupto. Não podemos permitir que essas diferenças nos coloquem em frentes opostas, que só favoreceriam o inimigo comum. Além disso, por ser verdade que cidades como esta não podem manter-se sem a cobrança de taxas, é indispensável que conselhos, juntas e comunidades camponesas estabeleçam de comum acordo a forma de sustentar a cidade. De fato, não é possível abolir de uma vez os ônus, é preciso firmar um acordo justo, depois de ouvir o parecer de pessoas dotas, escrupulosas e amantes de Deus que pensarão na questão. Para esta finalidade, os bens eclesiásticos, sem exceção, serão guardados e utilizados convenientemente em proveito da comunidade camponesa e das fileiras iluminadas. Serão nomeadas pessoas para administrar esses bens, conservá-los e permitir a distribuição de uma parte aos pobres. Além disso tudo que for empreendido, ordenado e decidido para o bem e para a paz, deverá considerar seja o habitante do burgo, seja o do campo, e por ambos será respeitado, para que permaneçam unidos, contra as falanges da Iniquidade.*

*Com o auspício que estas palavras lhe despertem luminosas visões e na esperança de encontrar-nos dentro em breve, no dia do triunfo do Senhor, receba a saudação fraterna de quem combate sob o mesmo estandarte, e invoca a graça de Deus.*

*o comandante das fileiras camponesas da Francônia  
Florian Geyer*

*Rothenburg sobre o Tauber, no quarto dia de abril de 1525*

Geyer, a lenda da Floresta Negra. A Schwartztruppe, por ele formada homem a homem, havia semeado o pânico entre os partidários da Liga da Suábia: fugidios, audazes, fulmíneos, em pouquíssimo tempo

já eram um exemplo para as fileiras camponesas.

Florian Geyer. Nobre de escalão inferior, membro do corpo de cadetes alemão, desde 1521 contrário ao excessivo poder dos príncipes, tinha deixado o próprio castelo, dedicando-se ao banditismo e às incursões dentro e fora da Selva, que conhecia palmo a palmo. Dotado de surpreendente intuição e coragem inigualável, desde antes de abraçar a causa dos humildes, escolhia um por um os homens que formariam o seu grupo de bandidos: nada de beberrões, nada de inúteis cortadores de gargantas, nada de estupradores de merda, só gente decidida, esperta e interessada nos saques por necessidade ou pela ambição de participar de façanhas dignas de aprovação.

Lembro, nos dias da euforia de Mühlhausen, o desejo que eu tinha de encontrá-lo, de ver de perto o homem cujo nome bastava para aterrorizar a grande nobreza da Francônia.

Assaltou dezenas de castelos e conventos, confiscava bens, armas e mantimentos e os distribuía aos pobres. Aparecia repentinamente nos vilarejos, abrindo ao vento a sua sacola de tela vermelha com as cinzas do último castelo queimado. A companhia de cavaleiros cresceu em desmedida em poucos meses, até chegar a muitas centenas de recrutas, bem armados, treinados e leais.

Frequentemente, à noite ao redor da fogueira, os camponeses entoavam baladas inspiradas nos seus feitos. Armado só de machado e faca, caçava cervos e javalis; em Rothenburg, do centro da praça, decapitou com um só golpe a estátua do imperador.

Pegaram-no em Schwäbisch Hall, depois de uma perseguição de três dias, ateando fogo em três hectares do bosque onde o tinham visto desaparecer. Esconderam rapidamente o seu cadáver, mas muitos não estão de forma alguma convencidos que tenha morrido e juram que escapou, mergulhando nas águas de um rio subterrâneo. Em todo vilarejo da Selva Negra, existe quem afirma tê-lo visto cavalgar ao pôr do sol, brandindo a espada, pronto para voltar e fazer justiça aos humildes.



*Para messer Thomas Müntzer, mestre de todos os justos na verdadeira fé, pregador ilustríssimo da igreja de Nossa*

*Senhora em Mühlhausen.*

*Mestre nosso,*

*pelas notícias que chegam a respeito do senhor e de sua fileira de eleitos, já tenho certeza que a mão do Senhor está sobre sua cabeça, depois das mil dificuldades e a dura humilhação de Weimar, que lamento não ter conseguido avisar em tempo. É o Deus que odeia os poderosos que “elevou os humildes” e prepara-se para enviar novamente “os ricos, de mão vazias, socorrer Israel, seu servo, como havia prometido”.*

*Não há tempo a perder: os príncipes estão desorientados, porque a área de insurreição é demasiadamente ampla e a chama da fé incendeia cada dia os corações e o território da Alemanha. Ainda que o recrutamento prossiga incessante, não são poucos os empecilhos que eles encontram para dar vida a uma manobra repentina.*

*Dentre eles, o jovem Felipe, landegrave de Ássia, é o mais solerte, mas as tropas dele não são compactas, deslocam-se lentamente e enfrentam muitas dificuldades, porque em toda região enfrentam emboscadas e assaltos dos camponeses. Ainda mais, nem todos os governantes percebem que também estão expostos à situação, que serão derrubados um após o outro; assim, quem pensa em poder controlar a situação na própria casa, concedendo algum benefício e fazendo promessas, não parece disposto a arriscar o envolvimento em uma batalha. O doutor Lutero, aconselhado pelo messer Spalatino, esteve na região de Mansfeld para aplacar a ira dos camponeses, mas não logrou deter a insurreição: consegui somente que lhe lançassem pedras e insultos. O Hércules Germânico acabou.*

*É a hora, Mestre: deixe os príncipes respirar e eles devastarão os nossos campos, a custo de perder a colheita do ano, até que o último broto de trigo se torne cinzas e a cabeça do último camponês caia. Reúna portanto os eleitos, para que não se dispersem. No Sul de Mühlhausen, o Deus dos exércitos já venceu muitas batalhas, enquanto no Nordeste a situação é mais incerta. Se vocês avançarem compactos naquela direção,*

*os príncipes não poderão continuar refletindo, mas tentarão detê-los a todo custo, e Deus, graças às espadas de vocês, fará justiça uma vez por todas.*

*Não tema o confronto aberto: é exatamente onde o Deus dos eleitos mostrará que está do seu lado. Não contempore. O Todo Poderoso quer triunfar por seu intermédio.*

*Permaneça firme, portanto, e o Senhor o ilumine. O Reino de Deus na terra está se aproximando.*

*Qoèlet  
no primeiro dia de maio de 1525*

Primeiro dia de maio. As tropas de Felipe de Ássia já estavam às portas de Fulda, prontas para tomá-la à força. Moveram-se rapidamente. O exército que encontramos não enfrentava nenhuma dificuldade.

Qoèlet. A terceira missiva de um informante pródigo em detalhes reservados a poucos, como no acontecimento de Weimar.

Missivas importantes, que conquistaram a confiança do Magister. Ressoam novamente os ecos daquela discussão decisiva, Magister Thomas que agitava a carta... esta carta.

## Capítulo 26

Mühlhausen, 9 de maio de 1525

— Então, Heinrich, com quantos você acha que podemos contar?

O Magister está com pressa.

Pfeiffer abana a cabeça:

— Hülm e Briegel não topam. Não estão dispostos a ceder um só barril de pólvora para o pessoal de Frankenhäusen. Os daqui não participarão.

Do relógio do Paço, chega o eco das três batidas de martelo do autômato Hans no sino da torre.

— Mas qual é o medo deles!? O Senhor já não deu sinais suficientes? Tenho umas cinquenta cartas que manifestam isso claramente: a fileira dos eleitos já soma vinte mil homens.

Magister Thomas remexe na sacola de couro e extrai uma carta, que agita como uma insígnia:

— Se não querem escutar a voz do Senhor, diante dos fatos não poderão hesitar. Um irmão que vive em estreito contato com a camarilha de Wittenberg escreveu há poucos dias, confirmando que os príncipes estão na merda: o povo os odeia, as tropas deles são fracas e desorganizadas. É o momento de enfrentá-los, dirigir-nos para o coração da Saxônia, onde eles não podem permitir que cheguemos. Eu vou falar aos cidadãos.

— Não vai adiantar. Mesmo deixando de lado os burgomestres, o povo daqui já obteve mais do que teria esperado. Não vai querer arriscar as conquistas em uma batalha campal contra os príncipes.

— Isso significa que Mühlhausen, o burgo que serviu de exemplo para todas as cidades da Turíngia, no embate decisivo para libertar

as terras dos Alpes da Bavária à Saxônia, só vai ficar olhando?

Pfeiffer, cada vez mais desanimado:

— Você pensa que as outras cidades apoiarão essa loucura? Isso não vai acontecer, pode contar. Mesmo se Mühlhausen oferecesse todos os seus canhões, a situação não mudaria. As cidades insurretas conquistaram a autonomia e impuseram os doze artigos: ninguém verá nenhum proveito em arriscar tudo em um único choque frontal. E se formos vencidos? Ouça. O caminho que seguimos até agora deu os melhores resultados: a rebelião dos campos encontrou nas cidades a ferramenta para impor as reformas. É assim que deve continuar, não tem sentido arriscar tudo.

— Você está delirando! As cidades é que aproveitaram da rebelião camponesa para arrancar os municípios das mãos dos senhorios! Agora precisam acorrer ao lado das fileiras iluminadas a fim de varrer para sempre a cruel tirania dos príncipes!

— Isso não vai acontecer.

— Então serão arrastadas pelo próprio miserável egoísmo, no dia do triunfo do Senhor.

A calma reina por um instante. Denck, como eu, calado até o momento, enche os copos do vinho subtraído em grande quantidade de um convento de dominicanos e aberto para a ocasião:

— Precisaríamos de, no mínimo, mil homens e dez canhões.

O Magister nem olha para a taça:

— Que canhões? A espada de Gedeão é que ceifará os exércitos.

Sai, sem olhar ninguém. Depois de um instante, Denck lança um olhar a Pfeiffer, depois a mim, e o segue.

Heinrich Pfeiffer dirige-se a mim, em tom grave:

— Pelo menos você deve fazer com que raciocine. É uma loucura.

— Loucura ou não, você considera sábio abandonar os camponeses ao próprio destino? Se as cidades não forem ao campo, aos olhos dos camponeses parecerá uma traição. E como é possível afirmar que não tenham razão? Será o fim da aliança que construímos com tanto empenho. Se formos derrotados, Heinrich, vocês serão os próximos.

Um suspiro profundo, a tristeza tortura o coração dele:

— Você já viu um exército atacando?

— Não. Mas vi Thomas Müntzer elevar os humildes com a simples força das palavras. Não vou abandoná-lo agora.

- Salve-se. Não vá.
- A salvação, amigo meu, é levantar-se e combater ao lado do Senhor, não ficar só olhando.
- Silêncio. Abraçamo-nos com força, pela última vez. Os destinos foram escolhidos.

## Capítulo 27

Mühlhausen, 10 de maio de 1525

A notícia da partida de Thomas Müntzer para Frankenhäusen deu a volta da cidade em menos de meio dia. De manhã, assim que acordamos depois de uma noite agitada, debruçando à janela vimos que o pátio de Nossa Senhora já estava um tanto apinhado. Querendo iludir-nos, poderíamos até concluir que a boa consciência dos habitantes de Mühlhausen tivesse vencido o interesse. Mas já conhecemos o final dessas coisas: os discursos de Magister Thomas, quer alguns os aprovem, quer não, constituem algo difícil de renunciar, também porque constituem, por muitos dias, um dos assuntos fundamentais de discussão nas praças e nas lojas. E é claro para todos, mesmo para os que o conhecem só pela fama, que Thomas Müntzer não deixará a cidade imperial sem dirigir uma última, zangada saudação aos habitantes.

— Magister — grito para que ele ouça do outro quarto —, já estão aqui embaixo!

Chega ao meu lado e encosta apenas à sacada, sendo cumprimentado por uma exclamação do povo.

— Vamos aguardar até a praça ficar cheia, para que o Senhor possa escolher o seu exército. — O seu único comentário.

Ouvimos um ruído agitado vindo do adro. Quatro batidas firmes à porta. Depois mais duas.

— Magister, Magister, abra!

— Quem está aí? — pergunto surpreso com o timbre ressonante das vozes.

— Jacob e Mathias Ziegler, filhos de Georg. Precisamos falar-lhe.

Abro com um sorriso para os dois filhos do alfaiate Ziegler, nossos fiéis seguidores, apesar da oposição do pai, que há algum tempo até ameaçou o Magister, mas desistiu de qualquer intenção beligerante após ter sido aconselhado por Elias.

— O que fazem aqui? — pergunto surpreso. — Não deveriam estar com seus pais na loja?

— Não — responde Jacob, o maior que tem quinze anos —, a partir de hoje, não.

— Vamos com vocês — prossegue entusiasmado o irmão, dois anos mais novo.

— Calma, calma — respondo. — Vir conosco? Vocês têm ideia do que isso significa?

— Temos, os eleitos derrotarão os príncipes! O Senhor estará do nosso lado.

O Magister sorri:

— Você vê? Tudo cumprindo-se: Cristo põe o filho contra o pai, e nos convida a voltar a ser criança.

— Magister, eles não podem combater ao nosso lado.

Não me deixam falar:

— Decidimos e não mudaremos de ideia. Iremos de qualquer maneira. Seja firme, Magister, e até logo, não podemos permanecer aqui. — Com essas palavras, fecham a porta atrás deles, lançando-se pelas escadas.

Magister Thomas intui o efeito que o rápido encontro produziu em mim:

— Não tema — tranquiliza-me segurando os meus ombros —, o Senhor defenderá o povo d'Ele, tenha fé! Agora, coragem, precisamos ir.

Vou chamar Otilie e Elias. Johannes Denck já não está conosco: partiu ontem à noite, dirigindo-se para Eisenach, à procura de canhões, armas e munição e nos alcançará pelo caminho.

Sáimos pela passagem que leva diretamente à igreja; Magister Thomas à frente, nós atrás, em silêncio. Atravessamos as naves traspassadas de raios de sol, lentamente. Elias abre o pesado portão e nos encontramos, ainda na penumbra, nas escadarias da Catedral. Os olhares do povo estão todos voltados para as janelas do nosso quarto. Thomas Müntzer avança um pouco, para o centro da escadaria. Ninguém o nota. O seu primeiro grito impregna a praça, já trasbordante de pelo menos quatro mil pessoas e é logo submergido

por uma onda de vozes estremecidas:

— Povo de Mühlhausen, ouça, a batalha final está próxima! O Senhor logo colocará o ímpio nas nossas mãos, como fez com os madianitas e o rei deles, derrotados pela espada de Gedeão, filho de Joás. Como as gentes de Socot, vocês também, duvidando do poder do Deus de Israel, recusam ajuda à fileira dos eleitos e guardam os canhões e as armas para defender os próprios privilégios. Gedeão derrotou as tribos de Madian com trezentos homens, dos trinta mil que havia convocado. Foi o Senhor quem reduziu os seus seguidores, para que o povo não pensasse que só haviam triunfado graças à própria força. Os temerosos foram rechaçados para trás. Hoje, não é diferente, a fileira dos eleitos restringiu-se, por causa da deserção dos cidadãos de Mühlhausen. Digo que isto é bom: porque ninguém poderá esquecer o que o Senhor fez pelo povo e, se fosse necessário, eu marcharia até os mercenários dos príncipes. Nada é impossível para os que têm fé. Mas os que não têm, perderão tudo que possuem. Por isso ouça, povo de Mühlhausen: o Senhor escolheu os eleitos; quem não tiver o coração invadido pela coragem da fé, que não coloque obstáculos nos projetos de Deus: que vá, agora, que siga o próprio destino de cão. Retire-se! Volte à loja, à cama. Vá embora, desapareça para sempre.

O povo começa a urrar, a gritar, a empurrar e agitar-se, e eclodem rixas por todo lado, entre os que se consideram dignos e aqueles que querem permanecer em casa, chamando Magister Thomas de louco com toda a força.

No fim, ficam exatamente trezentos, na maioria gente de fora, vagabundos vindos à cidade para pilhar as igrejas, coitados e a gente de São Nicolas, que não abandonaria Müntzer nem que o sol escurecesse. O Magister, que não abriu mais a boca, dirige-se então ao seu pequeno exército, que neste momento começa a dividir-se em dois, abrindo o caminho para alguns seguranças que arrastam três canhões.

— E isso, de onde vem? — pergunta Elias em tom de desprezo.

— Não precisamos deles — responde logo o guarda. — Podem levá-los. Heinrich Pfeiffer diz que o Senhor pode precisar.

Menos de duas horas depois, a coluna dos escolhidos sai da cidade

em silêncio, do portão ao Norte. Duas carroças carregadas de víveres, os canhões, puxados por mulas, fechando a fila. Um bicho-da-seda fura o casulo que há algum tempo o protegia, e começa a arrastar-se lentamente para uma nova vida, uma nova idade, incógnita e rapinante, extraindo da esperança de tornar-se borboleta a força de superá-la.

Negro, longa crina de reflexos prateados sobre dois tições e narinas dilatadas, espuma pelo freio e pateia, o animal que conduz a espada de Gedeão à batalha. Da sela, pendem as sacolas inchadas de missivas dos insurretos, que o Magister colheu em meses e meses de andanças loucas: ele nunca as abandona, contêm nomes, lugares, notícias que fariam a alegria de qualquer soldado dos príncipes.

Viro-me para olhar, depois dos canhões arrastados pelas mulas, uma nuvem de poeira torna Mühlhausen opaca. A muralha incerta, as torres desbotando feito uma estampa desmanchada pela água, a minha alma tomada de uma angústia que nunca havia experimentado. Atrás, não há mais nada. Volto o olhar para frente, novamente o Magister, altivo, segura o cavalo, fita o horizonte, o acerto, o castigo dos ímpios.

Ele me infunde força, a hora chegou, é preciso seguir adiante.

## Capítulo 28

Eltersdorf, fevereiro de 1527

Foi assim. Foi dessa maneira que deixamos Mühlhausen. As lembranças daqueles últimos dias são nítidas como o perfil das colinas deste dia claro. Cada palavra de Magister Thomas, cada frase de Otilie saem da minha memória como as notas de um relógio musical holandês, o peso do passado arrasta as cordas e faz o mecanismo funcionar. O ruído das rodas dos três canhões ao longo da estrada, a saudação das mulheres nos campos, a exultação de Jacob e Mathias, que parecem pássaros ao redor de uma carroça de trigo, o encontro com os irmãos de Frankenhäusen, a primeira noite transcorrida na planície, pouco além da muralha, aguardando para atacar o exército do landgrave de Ássia, vindo para fazer justiça da enésima cidade insurreta.

Foi assim. Elias, furioso, repete que somos apenas oito mil, ele que só olhando sabe avaliar a consistência das massas. O eco de seus insultos aos mineiros de Mansfeld, que não chegaram, detidos pela promessa de um aumento na diária. A notícia que Fulda foi expugnada há dez dias, assim como Eisenach, Salza e Sonderhausen. Cortados fora, isolados. O landgrave Felipe moveu-se rapidamente e nos rodeou. De Denck, nenhuma notícia, mas mesmo se tivesse encontrado homens e armas, agora estaria atrás das linhas do príncipe.

— Para maior glória de Deus, para maior glória d’Ele! — É o grito do Magister ao receber aquelas notícias. Se eu repetisse aquele estímulo agora, aqui, no quintal do padre Vogel, para os gansos e as galinhas, sei que faria o mesmo efeito. Mas só tenho força para

mastigá-lo um pouco entre os dentes, em voz baixa.

O mecanismo gira. Otilie organiza a retaguarda em Frankenhausem: alojamentos, defesas, suprimentos.

Continua girando. Os rostos de muitos, com a precisão do retrato. Olhos azuis e nariz adunco de um ferrador de Rottweil, queixo carnudo e bigode louro, além de nariz achatado e orelhas de abano. Rostos e vozes, desfilando. Hans Hut que amontoa os livros na carroça, o cavalo já pronto para ser atrelado: um pequeno livreiro não adaptado à batalha, querendo voltar à tipografia dele.

De repente, um puxão, a corda trava e as notas desafinam, cham, fundem-se em um só zunido. As cores misturam-se na paleta da memória. A lembrança morre e abre caminho para o horror confuso.

## Capítulo 29

Frankenhausen, 15 de maio de 1525, manhã

O sinal.

Estriado, flamejante, purpúreo, repentinamente desponta o arco-íris atrás das alturas e das fileiras de Felipe, diante dos olhares arrebatados dos humildes.

Apaga o medo, um instante, não anunciado por chuva, céu límpido, brasão do resgate já pintado em nossos estandartes de tela branca juntados da melhor maneira, as insígnias do povo do Senhor que se erguem para saudar o toque de trombeta celestial que prepara o acerto de contas.

Fragor, a terra toda treme, as suas vísceras abrem-se para engoli-los, a terra freme, racha, envolve, troveja, expele o poder de Deus.

Um soco da medida de um homem lança-me ao chão, aturdido, o rosto na lama. Viro-me para o lado, chamado por um gemido: um homem com um grumo de sangue e ossos no lugar do rosto. Outras explosões, o pó cobre os olhos, homens protegem-se debaixo dos cavalos, das carroças, dentro dos buracos que se abrem na planície. Procuo refúgio atrás de uma das poucas árvores, perto de um jovem com uma lasca de madeira cravada entre as costelas, verde de medo e de dor.

Os canhões continuam disparando.

A cabeça do Magister cravada em uma estaca. Eles pedem. Assim poderá haver clemência.

Maldoso esquadrão de servos da merda. Bastardos imundos, filhos de cadela empestada. Não imporão condições ao exército de Deus. carcaças verminadas secas ao sol. Infames falanges da Tenebrosidade. Arrombaremos o seu ânus com os cabos das picaretas. Senhor, não nos abandone agora. As mães imundas que os geraram cruzaram com os bodes da floresta. Voltem a lamber a bunda dos seus patrões. Perdão, se erramos. O inferno abrirá as horríveis fauces, e serão engolidos pelas vísceras dele. Se pecamos, a Sua vontade, a Sua vontade seja feita. Cuspirá os ossos, após tê-los despolidos um a um. Só o amor e a palavra do Redentor, no Dia da Ressurreição dos últimos. Não terá piedade para aquelas almas corrompidas. Que nos proteja a fé em Deus Todo Poderoso.

Magister! Magister! Gritos enlouquecidos. Os meus. Abismos de pânico ao redor, a fuga do rebanho diante da horda de lobos.

Vejo-o diante de mim, ajoelhado, prostrado, pregado ao chão como uma estátua. Acima dele, ouço a minha voz gritando mais alta que o fragor que se aproxima no horizonte:

— Magister, Magister!

Os olhos vazios, distantes, uma oração murmurada entre os lábios.

— Magister, por deus, levante!

Tento erguê-lo, mas é como querer desarraigar uma árvore, ressuscitar um morto. Ajoelho-me e consigo virar-lhe os ombros: abate-se em meus braços. Não há mais o que fazer. Acabou. O horizonte atira-se contra nós, cada vez mais veloz. Acabou. Seguro a cabeça dele, o peito dilacerado pelo pranto e pelo último grito, cospe desespero e sangue ao céu.

Acabou de amanhecer, quando começamos a preparar-nos para ir ao encontro dos príncipes. Do cantil, a aguardente passa pelas gargantas e tenta enxaguá-las da ansiedade e do medo. Acabou de amanhecer, e na luz incerta e pálida, sob a neblina fria que vai levantando devagar, lentamente, como se estivéssemos diante das cortinas de um teatro, distinguimos uma franja negra na beira das colinas ao Norte. Ninguém deu o alarme, mas eles já estão aqui.

Magister Thomas incita o cavalo, correndo de um lado ao outro do acampamento para reanimar a chama da fé e da esperança. Uns gritam, erguem os forcados, as enxadas transformadas em alabardas, atiram para o alto e vomitam palavras de escárnio e de desafio. Outros ajoelham e rezam. Há ainda os que permanecem imóveis, como se fossem paralisado pelo olhar da serpente que encanta.

Um traço de carvão intenso estende-se ao longo da colina a Oeste, marca os contornos sinistros da aurora mosqueada de tênues clarões. O exército de Jorge da Saxônia está parado na crista ocidental, esperando. Silhuetas negras alongadas propendem na direção da planície: os canhões.

Saindo do nada de pó acre e sangue, a besta arreada arremessa-se contra a tropa de desventurados, imóveis e aterrorizados, encolhidos em oração, ou rígidos cadáveres à espera da sentença fatal. Lança estendida na altura do tórax, cascos e patas inclinam-se em um curto fosso, traspassa de lado a lado um inerte ajoelhado, revolve um amontoado deformado de membros, ossos, pele e pano de saco. Desembainha e empunha a fina lâmina longa, escoiceia entre os corpos, sacudindo a armadura, abate-a sobre um cristo que aparece à sua direita implorando por piedade. Encurva o pesado pescoço, esbofa, dobra-se até quase cair, amputa-lhe rente o braço esquerdo, retoma a corrida na direção de novas presas, eleva-se um grito de feroz regozijo.

O pó abaixa. Um rasgo de dia sobre o massacre. Só corpos e gritos mutilados. Nem um rugido. Depois os vejo: as fileiras abrem-se, ferro, lanças, estandartes ao vento, e a fogsidade retida dos animais que pateiam. O galope desce do flanco da colina, fragor de cascos e couraças; negros, pesados e inexoráveis como a morte. O horizonte corre ao nosso encontro, apagando a planície.

Não é o choque do aço que me revira, é a conquista de Sansão, que ergue o Magister ao alto, na direção das nuvens e me arrasta por um braço.

— Levante, rápido!

Elias, um guerreiro antigo, o rosto escuro de terra e suor, quase um sonho. Elias, a força, indicando-me a direção, gritando para correr com ele, correr da morte.

— Abra caminho, jovem, preciso de você!

Magister Thomas em seus ombros, e eu que reencontro as pernas.

— Pegue-as!

As sacolas do Magister, aperto-as com força e corro à frente, empurrando os corpos, de cabeça, para sair do inferno.

Correr. Até à cidade. Nada mais. Nenhum pensamento. Nenhuma palavra. A esperança daquele homem partiu-se, abro o caminho da sua salvação.

Quase às cegas.

# O olheiro de Carafa

*Carta enviada a Roma da cidade saxônia de Wittenberg, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 28 de maio de 1525.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Senhor meu honradíssimo, é com grande satisfação que escrevo para dar-lhe a boa notícia: as ordens de Vossa Senhoria foram executadas com a rapidez possível e obtiveram o resultado esperado.

Suponho que o senhor já conheça as novidades da terra alemã e saiba que o exército dos camponeses insurretos foi derrotado. Enquanto deito estas linhas, os mercenários dos príncipes estão empenhados em debelar as últimas chamadas da maior sublevação que este solo já conheceu.

A cidade rebelde mais fortificada, que foi o epicentro do incêndio, Mühlhausen, rendeu-se há poucos dias ao exército dos príncipes e a cabeça do seu guia, Heinrich Pfeiffer, caiu ontem na praça de Görmar, com aquela de Thomas Müntzer. As vozes dizem que nas suas últimas horas, o pregador, submetido à tortura permaneceu calado à espera do carrasco, tendo pronunciado uma só vez, no seu último instante de vida, a expressão que o tornou famoso entre o povo: "*Omnia sunt communia*". Dizem que este foi o seu único grito, o mesmo mote que animou o furor popular destes meses.

Agora que o sangue dos dois homens mais perigosos verteu, junto, no calçamento, Vossa Senhoria pode sem dúvida regozijar-se por sua providência e sabedoria, em que o seu fiel observador sempre confiou cegamente.

Mas para respeitar o voto de franqueza que pediu de minha parte, confessarei que fui forçado a agir precipitosamente, arriscando até prejudicar os meses de trabalho e de esforços concentrados na tentativa de conquistar a confiança daquele fogueiro pregador dos camponeses. Só graças àquela urdidura prévia, aliás, foi possível acelerar a ruína de Müntzer. O fato de ter-lhe oferecido os meus préstimos e informações sobre as

intrigas de Wittenberg fez-me digno de fé e assim pude passar-lhe as falsas notícias que o levaram ao embate campal. A bem da verdade, devo dizer que o nosso homem deu muito de si para precipitar os acontecimentos: a minha missiva só surtiu o efeito de ofuscar-lhe a última centelha de raciocínio. Uma companhia de esfarrapados não podia alimentar nenhuma esperança de derrotar as fileiras bem armadas dos lansquenetes e a cavalaria dos príncipes.

Pois bem, meu senhor, visto que com tamanha magnanimidade pede o meu parecer sobre o que foi feito até agora, permita que este seu grato servidor liberte o coração do peso de todas as impressões e dos simples julgamentos que o preenchem.

Quando o bom coração de V.S. me escolheu para observar de perto as ligações entre os príncipes alemães e o monge Martinho Lutero, não era possível imaginar o que o Senhor Deus tinha reservado para esta região. Que a apostasia e a heresia firmariam um pacto tão forte com o poder secular e criariam raízes tão sólidas nos ânimos, era um destino que nenhum intelecto humano seria capaz de prever.

Apesar disso, naquela situação terrível, a firmeza de V.S. ordenou-me procurar um antagonista do danado Lutero, para fomentar o espírito de rebelião do povo contra os príncipes apóstatas e enfraquecer-lhes as conexões.

Quando as faculdades humanas nem poderiam conceber o grave perigo que adviria daquele que se ergue como paladino do catolicismo, o Imperador Carlos V, a sabedoria de V.S. soube indicar ao seu humilde servidor o rumo certo a seguir, e tão logo circulou a notícia da captura do rei da França no campo de Pavia, soube dar a ordem mais apropriada: acelerar o fim da insurreição camponesa, para que os príncipes amigos de Lutero pudessem ser válidos rivais de Carlos. De fato, o imperador, vencendo e capturando o rei dos franceses na Itália, eleva-se agora como uma água rapinante que, divulgando estar defendendo o ninho e Roma, pode ofuscá-lo com a própria asa e o bico acuminado. A amplitude das suas posses e do seu poder oferece, aliás, as condições de colocar em risco a autonomia da Santa Sé e a autoridade espiritual de Roma, tanto que é preferível que em uma região do Império como esta da qual

escrevo, os príncipes heréticos continuam espetando a espada no costado de Carlos, para não deixá-lo livre de decidir sobre o bom e o mau tempo no mundo inteiro. O que o pecador aprende é que Deus misericordioso nunca deixa de lembrar-nos quão misterioso e incompreensível seja o Seu desígnio: aquele que nos defendia, agora nos ameaça, os que nos atacavam, hoje são nossos aliados. Assim, seja feita a vontade de Deus. Amém.

Eis portanto que este servo responde com a franqueza que lhe foi solicitada: a avaliação de V.S. sempre foi, segundo a minha humilde opinião, muito previdente e tempestiva. Foi especialmente nesta última oportunidade, a tal ponto que este seu braço sente-se profundamente honrado por ter sabido agir o mais prontamente possível, no cumprimento das diretrizes.

Mais do que V.S. intuiu e previu, não seria possível intuir, nem prever. Obscuros e tortuosos são os caminhos do Senhor, e somente à Sua Vontade devemos remeter-nos. Não cabe a nós, mortais, julgar a obra do Altíssimo: o nosso humilde dever, como Vossa Senhoria não deixa de lembrar-me, só pode consistir na defesa daquele tênue clarão de fé e cristandade que este mundo parece perder a cada dia. Por isso fazemos tudo o que fazemos, deixando de lado as leis humanas ou os padecimentos do coração.

Pois bem, tenho a certeza que V.S. saberá orientar-me mais uma vez, nas travessias e nas emboscadas que esta época parece reservar aos cristãos e que estremecem o sangue nas veias. O Senhor quis conceder a este pecador a valiosa guia de Vossa Senhoria e permitiu que estes olhos e esta mão servissem à causa d'Ele. Isto me deixa seguro para enfrentar os desafios futuros, no impaciente aguardo de uma nova palavra de V.S.

Beijando-lhe as mãos e recomendando-me incessantemente à graça de V.S.,

de Wittenberg, no dia 28 de maio de 1525

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

*Carta enviada a Roma da cidade imperial de Augsburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 22 de junho de 1526.*

Ao magnânimo e honradíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

A Ilustríssima Vossa Excelência quis honrar com um elogio não merecido e uma cortesia demasiadamente ampla aquele que só aspira simples e humildemente servir a Deus por mercê de Vossa Senhoria. Todavia, por continuar respeitando as suas ordens e entregando-me por completo à sua sabedoria, tão logo recebi a sua última missiva, iniciei a viagem a este grande burgo imperial, cumprindo a ordem do meu senhor.

A respeito desta última, venho informá-lo sobre a liberalidade com que o jovem Fugger me acolheu, por recomendação de V.S. Ele é um homem devoto e perspicaz, de seu sábio tio tem toda a prudência e habilidade calculista, aliadas à coragem e arrojo que a jovem idade lhe concede. O desaparecimento do velho Jacob Fugger, dois anos atrás, não prejudicou as atividades e os amplos interesses da mais rica e influente família da Europa: o zelo com que o sobrinho dirige os negócios que foram do tio, é orientado somente pela cristianíssima devoção e fidelidade à Santa Sé. Salta aos olhos a simplicidade e abstinência sincera de um jovem homem como Anton Fugger, quando comparada à vastidão do seu crédito em ouro junto a todas as cortes da Europa.

Quanto à retomada da guerra e à nova aliança contraída pela Santa Sé com a França, ele, pelo fato de subvencionar o Imperador, preocupou-se, esperando talvez uma minha intercessão junto a V.S., para confirmar a sua neutralidade; a mesma neutralidade, permito-me acrescentar, que só pode emanar do ouro puríssimo. Sou da opinião que pouco importa a esse pio banqueiro quem contrata os créditos dos seus cofres, seja imperial ou francês, católico ou luterano, cristão ou muçulmano; essenciais são para ele o quanto e em quais condições. Para ele, não faz diferença se estes ou aqueles

vencerão a guerra. Pensando bem, a condição ideal para este jovem financeiro não é outra senão aquela de cadeira, em uma guerra perene sem vencedores nem vencidos que mantém presas aos cordões da sua bolsa as cabeças coroadas do mundo inteiro.

Mas não fui enviado a Augsburgo para expressar minha opinião sobre os banqueiros. Quanto ao crédito que V.S. quis abrir em meu nome, Fugger declarou-se honrado em poder incluir entre os seus clientes uma pessoa pela qual nutre grande estima, e que lamenta não poder encontrar pessoalmente, que é Vossa Senhoria. Ele julgou necessário fornecer-me um símbolo, para que os colaboradores dele possam reconhecer-me em qualquer cidade do Império e eu tenha condições de sacar em todas as filiais, assegurando-me desta forma a mais ampla liberdade de movimento. Por razões que posso facilmente compreender, ele não quis revelar o valor do crédito aberto, deixando apenas intuir que se trata de uma conta “ilimitada”. De minha parte, não queira Deus que eu falte com o respeito a V.S., não considere justo fazer perguntas. Isso posto, tenho desde já o cuidado de informá-lo que procurarei administrar o privilégio que me concedeu, com a parcimônia e a sabedoria que minhas faculdades permitirem, comunicando de antemão ao meu senhor qualquer emprego do numerário colocado à minha disposição.

Nada mais que agradecê-lo mais uma vez pela infinita generosidade e recomendar-me à sua graça, no aguardo de notícias.

Que Deus misericordioso queira conceder saúde ao meu senhor e o Seu olhar magnânimo não abandone este indigno servo de Sua Santa Igreja.

De Augsburgo, no dia 22 do mês de junho do ano de 1526

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

*Carta enviada a Roma da cidade imperial de Augsburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, de 10 junho de 1527.*

Ao honradíssimo senhor meu, Giovanni Pietro Carafa, felizmente salvo das imundas fileiras dos bárbaros heréticos.

A notícia que Vossa Senhoria encontra-se são e salvo, farta o meu coração de alegria e alivia finalmente o pesar que, nestes terríveis dias, tolheu-me o sono. A simples ideia da soleira de Pedro devastada pelos novos Vândalos, gela o meu sangue nas veias. Nem ousa imaginar quais terríveis visões e quais pensamentos de morte possam ter sobressaltado V.S. Eminentíssima naqueles momentos. Ninguém melhor que este servo devoto para saber da brutalidade e impiedade dos alemães, soldados imundos saturados de cerveja e desrespeitadores de toda autoridade, de todo lugar sagrado. Sei muito bem que eles consideram um mérito de fé, além de um folguedo, enxovalhar as igrejas, decapitar as imagens sagradas dos Santos e da Nossa Senhora.

Mas, como V.S. teve oportunidade de afirmar em sua missiva, o escândalo não pode permanecer impune; se Deus Todo Poderoso soube castigar a arrogância desses animais, lançando sobre eles a pestilência, não deixará de punir quem lhes abriu a passagem, deixando que se alastrassem pela Itália: ainda que não seja diante do Santo Padre, o Imperador deverá responder a Deus.

De fato, o Habsburgo finge não saber que em seu próprio exército e naquele dos seus príncipes aninham-se inteiras fileiras de heréticos: luteranos que não respeitam nada e ninguém. Tenho razão de acreditar que não por um acaso a condução da campanha da Itália tenha sido confiada a Georg Frundsberg e aos lansquenetes dele. Por aqui, eles são bem conhecidos pela ferocidade e a impiedade, além da simpatia que alimentam por Lutero. Não ficaria de forma alguma surpreso se aquele que hoje parece o simples resultado de uma irrupção de bárbaros mercenários, amanhã se revelasse como o fruto de uma

decisão militar de interesse do Imperador. O saqueio de Roma enfraquece o Santo Padre e o deixa indefeso nas mãos do Habsburgo. Este último, encontrou assim a maneira de ser ao mesmo tempo um paladino da fé cristã e um carcereiro da Santa Sé.

Não me resta, portanto, que partilhar das duríssimas palavras de condenação e desprezo de Vossa Senhoria, quando afirma que Carlos ameaça cada vez de mais perto e impudicamente a autonomia da Igreja, e que deverá pagar por esta última e surpreendente afronta.

Oro ao Altíssimo para que nos assista no grande mistério da iniquidade que nos cerca, e conceda a Vossa Senhoria a capacidade de resistir contra quem se proclama defensor da Santa Igreja de Roma e, ao mesmo tempo, não tem escrúpulos em permitir que a sua imunda soldadesca a devaste.

Com fidelidade, sinceramente recomendo-me beijando-lhe as mãos,

de Augsburgo, no dia 10 de junho do ano de 1527  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

*Carta enviada da cidade imperial de Augsburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 17 de setembro de 1527.*

Ao eminentíssimo e reverendíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Senhor meu honradíssimo.

Nesta hora grave de incerteza, só me resta apelar à misericórdia de Deus, sabedor que a luz d'Ele, através da bondade com que Vossa Senhoria continua a favorecer-me, pode indicar a este indigno mortal o caminho a seguir, na escuridão que nos rodeia. E é por isto que passo a relatar o que acontece aqui, no coração podre do Império, esperando que mesmo uma só das minhas palavras possa contribuir para os projetos de Vossa Senhoria.

A Saxônia Eleitoral está prestes a modificar o próprio ordenamento eclesiástico: o último ato da obra iniciada há dez anos. Desde a morte do Frederico o Sábio, há dois anos, emergiu claramente a intenção do irmão, João, de continuar do ponto em que o seu precursor havia parado. Pois bem, o novo ordenamento concede que o próprio príncipe escolha os párocos, que agora podem casar; um Consistório de doutores e Superintendentes o aconselha na seleção; o patrimônio da Igreja é colocado sob o controle do príncipe, que cedo ou tarde acabará incorporando-o, assim como o ensino da doutrina e a gestão das escolas; desta forma, a formação das novas levas de teólogos luteranos está assegurada. Em Marburgo, foi fundada a primeira universidade herética.

O modesto parecer do servo de Vossa Senhoria é que a peste luterana já é invencível para as forças humanas, e que seria possível tentar confiná-la na área que já conquistou. Mas os eventos dos últimos anos ensinaram a este pobre soldado de Deus que, frequentemente, o que parece ser um mal pode transformar-se em bem, no âmbito do desígnio do Altíssimo. O matrimônio da fé herética com os príncipes alemães faz com a mesma não possa mais desvencilhar-se desses últimos e das

alianças que firmarão. Eles podem revelar-se ótimos aliados contra o Imperador e agora, não raramente, encontram-se enviados e embaixadores franceses cruzando os caminhos destas terras germânicas. É certamente prematuro esperar por uma iminente investida dos príncipes contra Carlos, mas não é nenhum devaneio vislumbrá-la para o futuro. Creio, meu senhor, que os nossos cálculos resultarão, no decorrer do tempo, bem perspicazes e premonitórios. Se, portanto, o destino da guerra for adverso aos franceses, V.S. pode consolar-se pensando que em poucos anos Carlos poderá ver os próprios confins orientais esmagados entre o Turco e os príncipes luteranos. O poder dele, então, começará realmente a vacilar.

Mas existe um mal sutil que desliza sobre esta terra desditosa, que passarei a descrever.

As últimas semanas viram esta cidade abalada pela repressão aos chamados Anabatistas. Esses blasfemos levam às últimas consequências as pérfidas doutrinas de Lutero. Eles rejeitam o batismo das crianças, porque consideram que o Espírito Santo só pode ser aceito por vontade do fiel; refutam a hierarquia eclesiástica e se unem em comunidade, com pastores eleitos pelos próprios fiéis; renegam a autoridade doutrinal da Igreja e consideram a Escritura a única fonte da verdade; mas, e neste ponto são piores que Lutero, recusam obediência às autoridades seculares e pretendem que as comunidades cristãs, individualmente, assumam a administração cívica. São hostis quanto à riqueza e a todas as formas seculares do culto, as imagens, as igrejas, os paramentos sagrados, em nome da igualdade de todos os descendentes de Adão. Eles querem revirar o mundo por completo e não é por acaso que muitos supérstites da guerra dos camponeses simpatizam com eles, desposando a mesma causa.

As autoridades precisam empenhar-se muito para reprimir estes seduzidos por Satã, que exatamente no mês passado reuniram-se aqui em Augsburg em um sínodo geral. Por sorte, em poucos dias quase todos os chefes foram aprisionados. Entre eles, não há homens do porte de Thomas Müntzer, mas o perigo que representam pode ser mais grave que a quantidade de adeptos atual leva a imaginar. As heresias deles parecem difundir-se facilmente e com extrema rapidez por todo o

sudoeste alemão. Elas agradam as castas mais baixas, os trabalhadores mecânicos, que são infectados de ódio contra os superiores. O povo do campo, ignorante e descontente, participa frequentemente dos ritos nos bosques, cedendo ao encantamento de Satã. Exatamente pelo fato de não serem vinculados a nenhum ordenamento civil e religioso, esses Anabatistas, que entre si chamam-se de irmão, nos últimos tempos têm propagado a própria peste com maior facilidade e rapidez que Lutero; assim, é fácil prever que aumentarão em quantidade e logo o anabatismo transporá as fronteiras destas cidades. Onde existe um camponês ou um artesão descontente, faminto, ou maltratado, há um herege em potencial.

Eis porque não deixarei de colher informações e de acompanhar o mais de perto possível o destino desses irreligiosos, para fornecer a V.S. nova matéria de avaliação.

Sem mais a comunicar, a não ser que beijo as mãos de Vossa Senhoria, recomendo-me à sua costumeira benevolência em conceder que prossiga emprestando esses pobres olhos à causa de Deus.

De Augsburgo, no dia 17 de setembro do ano de 1527  
O fiel observador de V.S.  
Q.

*Carta enviada a Veneza da cidade imperial de Augsburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 1º de outubro de 1529.*

Ao eminentíssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa, em Veneza.

Senhor meu honradíssimo, a alma deste servo está repleta de gratidão e emoção pela possibilidade que lhe foi oferecida de dirigir-se à sua presença. Nem duvide que eu deixe de aparecer ao colóquio: a paz tornou as estradas da Lombardia mais seguras e este fato, aliado à ansiedade de encontrar o meu senhor, me fará queimar as etapas até Bolonha. Lamento muitíssimo que o Santo Padre Clemente tenha precisado descer a tão ignóbil negociação com Carlos, concedendo-lhe essa coroação oficial em Bolonha; a vitória contra os franceses na Itália e agora este reconhecimento pontifical elevarão Carlos V ao patamar dos maiores Césares da antiguidade, sem possuir uma só gota da virtude e honradez deles. Ele comandará a Itália como quiser, e sou do parecer que esse congresso verá os estados italianos, e especialmente o Pontifício, espectadores impotentes das decisões do Imperador. Mas isso basta: *Vae victis*, nada mais por enquanto, na esperança que Deus misericordioso conceda aos ânimos devotadíssimos, como o de Vossa Senhoria, a graça de saber conter a arrogância deste César incipiente.

Exatamente a esse respeito, permito-me ainda empregar a franqueza à qual Vossa Senhoria com tanta magnanimidade me acostumou. O meu pensamento solto, tão atrevido quanto certo que provocará o sábio sorriso do meu senhor, leva-me a observar que, hoje, os inimigos de Carlos são três: o rei da França, católico; os príncipes alemães, de fé luterana; e o turco Solimão, infiel; e se eles fossem capazes de sobrepor o comum interesse anti-imperial às diferenças de fé, atacando o Império em uníssono e concordes, não há dúvida que ele vacilaria como uma vela agitada por um turbilhão de vento, junto com o trono de Carlos. Mas estes olhos foram orientados a observar os

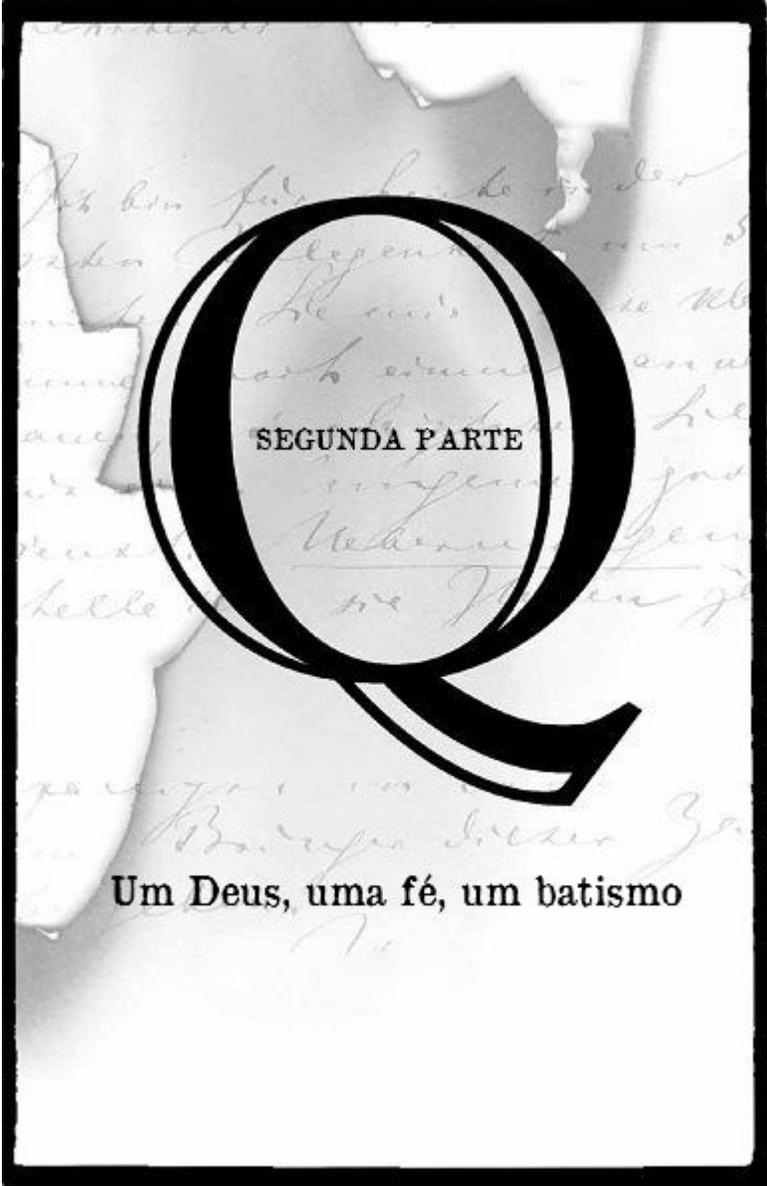
assuntos da Alemanha, não do mundo todo. Daí a necessidade de calar, na espera impaciente de encontrar Vossa Senhoria em Bolonha e poder relatar pessoalmente a situação alemã, em particular desses hereges Anabatistas, que V.S. lembrará ter-me ouvido mencionar várias vezes.

Na esperança de não chegar atrasado um só dia ao encontro, beijo-lhe as mãos e submeto-me à sua graça.

De Augsburgo, no primeiro dia de outubro de 1529

O fiel observador de V.S.

Q.



SEGUNDA PARTE

Um Deus, uma fé, um batismo



**Elói**

**(1538)**

**Dia 4 de abril de 1538**

*Sendo interrogado no cárcere de Vilvoorde e condenado à morte pela justiça, Jan de Batenburg, que obstinadíssimo na heresia nunca foi convencido a confessar a santa fé, quis morrer em sua perversidade.*

*Pelos horríveis massacres e homicídios dos quais não demonstrou arrependimento algum mas, pelo contrário, satisfação e diabólica vanglória, é condenado à morte com o corte da cabeça, para depois ser queimado e as cinzas deixadas ao vento.*

*Presentes as testemunhas abaixo assinadas:*

*Nicholas Buysere, dominicano*

*Sebastien Van Runne, dominicano*

*Lieven de Backere*

*Chrestien de Ridder*

*Por Rijkard Niclaes, provedor.*

# Capítulo 1

Vilvoorde, Brabante, 5 de abril de 1538

A você, Jan. À sua decapitação sem misericórdia alguma. À multidão que urra e defeca todo tipo de humor, entre a qual avança a carroça que o leva acorrentado ao patíbulo. Ao vômito que sobe à garganta e à febre que inflama as vísceras. À Puta Babilônica enquanto afoga o louco David que gerou no próprio sangue e dos seus irmãos. Ao horror incessante que engoliu a nossa carne. Ao olvido, que elevou esta torre de morte além do céu. Ao fim, um fim piedoso, um fim cruel, um fim qualquer e último. Esqueci.

A você, Jan, irmão, malvado sanguinário, rosto entumecido que enfrenta o ódio e os golpes que chegam de toda parte. A você, demônio evacuado por vergonhosa anfractuosidade, roupas dilaceradas embebidas de sangue, um grumo desforme no lugar de uma orelha. A você, porco a ser esfolado em dia de festa, escondo-me e o vejo reclinar a cabeça sobre os cepos, gritando mais uma vez o insulto:

— LIBERDADE!

Ataquei, depredei, matei.

A multidão esquartejaria com as próprias mãos, o carrasco sabe disso e gira o machado em uma dança, testa o fio, dá tempo ao anseio de sangue que aumenta e recobre tudo em um estrondo que não parece terrestre.

Destruí, saqueei, estuprei.

Todos são carnílices aqui, e em todo lugar. Cada um lamenta um filho ou um irmão degolados pelo demônio de Batenburg e os Armados da Espada dele. Não é assim, no entanto é verdade.

Esqueci.

Machado erguido, silêncio repentino, desce. Duas, três vezes.

Um fluxo de vômito suja calçados e capa nos quais se arrasto recurvado, o estrondo explode novamente, o troféu é erguido, goteja, os pecados são redimidos, a hediondez pode prosseguir.

Serei morto feito cão. Para que serviu, para que, para que serviu? Frio, dentro da boca, frio de abandono. Preciso ir, já estou morto. Tusso, o braço esquerdo arde loucamente acima do pulso, até o cotovelo, já estou morto. O que eu devia ter feito.

A multidão dispersa, chuva fina, agachado entre cestas empilhadas altas, contra um muro. Bunda sobre calcanhares instáveis. O quê?

Serei pendurado a uma estaca, estou acabado, todos os que eu já fui, exigem a minha morte. Ou então massacrado a pontapés e lâminas curta em uma estrada escura de merda, por deus, vá embora, as forças permitem. Para a Inglaterra, longe desta poça de sangue, para a Inglaterra talvez, cruzando o mar, ou deixar ao mar o destino destes despojos. Os meus nomes, as vidas, Jan, bastardo, volte aqui, assassino. Traga-as de volta, ou leve também o pouco que restou.



Comece a carregá-las!

Ao entardecer, sou um monte de trapos molhados, paralisado dentro de uma cesta de varetas grossas, com um pouco de palha em cima.

— Vou acomodar os cavalos para a noite, depois volto.

Não posso mover-me, não posso pensar, o fogo que arrancou a marca arde, arde. O fim é assim?

— Hei, porra, hei esfarrapado, caralho, você dá medo, saia daqui.

Não respondo. Não me mexo. Abro os olhos.

— Oh! Puta que o pariu, esse aí parece morto... Tomar no cu, vou ter que enterrar esse desgraçado... Cristo.

Um jovem alto com o rosto imberbe de criança, braços fortes, um pouco virado para não olhar-me. Parado.

— Estou morrendo. Não me deixe morrer aqui.

Estremece:

— Puta... Que porra está dizendo? O quê? Não está morto, então, mas me dá medo assim mesmo, amigo, medo.

— Não me deixe morrer aqui.

— Está louco? Não posso carregá-lo. O patrão racha o meu traseiro a chicotadas, eu tenho quinze anos, porra, como vou fazer agora...

Ele me olha.

— Aaron! O que está fazendo, dormindo? Vê se anda logo, sim, por favor, ou como porra você quer que eu diga o sim, no *latinorum* dos padres arrombados? É, talvez seja aquela a língua que você gosta. Aaaaron!

Ele reflete o terror dos olhos dele naquele dos meus, hesita um instante e balbucia, desconexo, sim, sim patrão... Claro, só um instante, patrão... cobre-me com mais um pouco de palha seca, pronto, um instante e o carregamento está completo. Aaron me carrega, está no lugar, amarra firme a cesta com as outras.

— Mexa-se, então! Eu ainda preciso comer, cagar e descansar, cabeçudo. Quando o sol nascer, nós já estaremos em pé há muito tempo, indo para Antuérpia, onde aquelas cabeças de ovo e os descarregadores do porto vão encher o nosso saco. Vê se anda, Aaron!

## Capítulo 2

Antuérpia, 30 de abril de 1538

— Aqui em Antuérpia, vive-se bem, deixam você viver, aqui mandam as corporações dos comerciantes que fazem o dinheiro, não aqueles mulherengos hildalgos e oficiais do Império. Os mercadores flamengos sabem mesmo qual é o preço das coisas, poderiam avaliar em florins até o Catai, ou o mundo inteiro. Eles sabem fazer as contas, têm cada cabeça, não como aqueles espanhóis vagabundos, que só sabem inventar novas taxas e engravidar toda fêmea ao alcance do pau deles.

Encontramo-nos por acaso, à beira de uma estrada, fora de uma taberna.

Chama-se Philipp.

Seu estado é pior que o meu: a perna foi-se, diz, quando foi recrutado para a guerra dos espanhóis, que odeia mais que o demônio. Philipp é um solilóquio interrompido por violentos acessos de tosse e cusparadas com manchas de sangue. Percorremos o cais, empurrados pelo movimento dos marinheiros e dos descarregadores, uma encruzilhada de idiomas e acentos diferentes. Deparamos com um esquadrão de espanhóis, elmetes brilhantes e ovais que lhes valeu o apelido “ovos de ferro”. Philipp blasfema e cospe.

— Num dia destes, uma puta esfaqueou um deles, e eles amarraram ao dedo. Os grandes filhos de boa mãe vão fazer voz grossa por alguns dias e depois vão voltar a empestar-se com nossas filhas. Bem feito! Que a sarna acabe com todos eles!

Navios carregados de tudo que há de melhor, peças de tecido, sacos de especiarias, cereais.

Um rapazinho vem correndo em nossa direção, o manco o agarra pelo pescoço e lhe murmura alguma coisa. Aquele concorda, solta-se e corre em direção oposta.

— Você está com sorte, o inglês está no botequim de cerveja.

Um banquete ao ar livre, cheio de marinheiros, capitães de embarcações em intensa negociação, algum armador local, identificável pelo balandrau preto, sem enfeites e de corte elegante. O manco pede que eu o aguarde, aproxima-se de um tipo grande, de costas para nós, indica-me, faz sinal para que eu vá até eles.

— Este é o senhor Price, suboficial do *St. George*.

Um leve cumprimento recíproco, inclinando a cabeça.

— Philipp diz que você quer uma carona para a Inglaterra.

— Posso pagar, trabalhando a bordo.

— São dois dias de navio até Plymouth.

— Não era Londres?

— O *St. George* vai a Plymouth.

Não há tempo nem motivo para pensar.

— Está bem.

— Você vai ter que se ocupar na despensa do navio. O embarque é amanhã às cinco. Esteja lá.



No catre em péssimas condições de um albergue indicado por Philipp, esperando que as horas passem.

Praças, ruas, pontes, palácios, mercados. Povos, dialetos e credos diferentes. O percurso das lembranças é acidentado e perigoso: sempre à espreita para atraí-lo. Os palácios dos banqueiros de Augsburg, as vias luminosas de Estrasburgo, as muralhas inexpugnáveis de Münster... volta tudo à mente, confuso, disperso. Nem, ao menos, era eu, eram outros, com nomes diferentes e outro fogo nas veias. O fogo que queimou até o fim.

Uma vela apagada.

Demasiada devastação para trás, nesta terra que o mar deveria submergir uma vez por todas.

A Inglaterra. Um grande tipo, esse Henrique VIII. Desfaz todas as ordens monásticas e confisca todos os bens dos conventos. Come e copula de manhã à noite e no entanto proclama-se o chefe da Igreja

da Inglaterra...

Um país sem papistas e sem luteranos. Sim, quem sabe depois o Novo Mundo. No fim, não importa aonde, mas é preciso ir embora daqui, de mais uma derrota, do reino perdido de Batenburg.

Do horror.

A imagem da cabeça de Jan Batenburg rolando volta à noite, não me deixa dormir e talvez nem a distância poderá afastar aquele fantasma.

Vi coisas que talvez só eu possa ainda contar. Mas não quero. Quero afastá-las para sempre e desaparecer em um buraco escondido, tornar-me invisível, morrer na santa paz, se é que terei um instante de paz.

A minha bagagem é formada de mil anos de guerra, um punhal, uma camisa e o dinheiro que servirá para levantar aquela âncora. É quanto terá que bastar.



Pouco antes do alvorecer. Está na hora de ir. Na rua não há alma viva, um cão lança-se um olhar duvidoso, enquanto despolpa as sobras. Percorro as ruas desertas orientando-me pelos mastros que sobressaem dos telhados das casas. Perto do porto, cruzo com alguns bêbedos inchados de cerveja. Seus arrotos ressoam ao longe. O *St. George* deve ser o quinto navio.

Um tumulto repentino vindo de uma ruela à direita. Com o rabo dos olhos vejo cinco sujeitos ao redor de um sexto, empenhados em massacrá-lo a pancadas. Não é assunto meu, acelero o passo, os berros do coitado são sufocados pelos espasmos de vômito e pelos socos no estômago. Reconheço os elmetes feito ovo. Uma ronda de espanhóis. Passo pela viela e vejo os mastros do *St. George*. Da passarela de um dos navios ancorados desce correndo uma meia dúzia de homens arpões e fiskas na mão, vêm em minha direção. Calma. Passam por mim e entram na viela, gritos espanhóis, quedas. Merda santa. Corro para o meu navio. Está ali, estou chegando, uma rasteira por trás, caio e esfolo o rosto nas pedras do piso.

— Arrombado, pensava que ia conseguir, heim?

Sotaque inconfundível. Outros ovos de ferro, vindos sei lá de onde.

— Mas o que é....

Um chute nas costas corta a voz na garganta.

Enrolo-me feito gato, outros chutes, a cabeça, proteger a cabeça com as mãos.

Na viela, a luta continua.

Espio por entre os dedos e vejo os espanhóis sacando as pistolas. Talvez haja um tiro para mim também. Não, dirigem-se para a viela. Disparos. Passos que se afastam correndo.

O que me chutou, aponta a sua espada à minha garganta.

— Levante, miserável.

Deve ser o único que sabe alguma palavra em flamengo.

Fico em pé e retomo a respiração:

— Eu não tenho nada com isso... — tusso — ... preciso embarcar no navio inglês.

Ri:

— Não, agradeça a Deus que não posso matá-lo como um cão: o meu capitão ordenou que lhes deixássemos só o pelo.

A bota acerta-me no meio das pernas. Agacho-me, por pouco não desmaio. Tudo gira ao meu redor, os mastros, as casas, o bigodes ridículos do bastardo. Depois uns braços nervosos me erguem e me levam embora.

O percurso é confuso, pancadas e insultos à vontade. O sentidos já estão entorpecidos, os membros não respondem.

Sinto a rua arrastando-se sob os meus pés, são dois, os que me carregam.

Berros através das janelas, objetos que caem, deslocamo-nos com maior rapidez.

O que está à minha direita é empurrado, caímos. O rosto em uma poça. Deixem-me aqui. Os berros aumentam, há gente no fundo da rua, uma carroça atravessada bloqueia a passagem, forçados. Os espanhóis trocam gritos incompreensíveis. Levanto a cabeça: estamos encurralados contra uma construção, a rua está fechada por uma barricada da qual chovem insultos. Pelas janelas, jogam vasos e panelas sobre os espanhóis. Um deles está caído, desfalecido. O outro que me arrastava está em pé, de costas, a lança apontada. Tento levantar-me, mas as minhas pernas não aguentam, roda tudo. Está escuro. Cristo...



A cabeça afunda em uma superfície macia, devo estar amarrado, não, mexo uma mão, as pernas não respondem, um pé, é como se os membros pesassem toneladas.

Soltem-me. As palavras ficam na cabeça, da boca sai saliva e alguma coisa sólida: um dente partido.

Abro um olho e alguma coisa escorre pela minha face. Um tampão limpa o meu rosto.

— Pensei que você não aguentasse. Mas a sua coleção de cicatrizes diz que você é um bom apanhador.

Uma voz pacata, com o sotaque daqui, uma sombra confusa contra uma grande janela.

Cuspo coágulos de sangue e saliva.

— Merda...

A sombra chega mais perto:

— Já.

— Como cheguei aqui?

A minha voz ressoa cavernosa e estúpida.

— Nos braços. Trouxeram-no esta manhã. Parece que todo inimigo dos espanhóis é amigo da gente de Antuérpia. Por isso você está vivo. E está aqui.

— Aqui onde?

Tenho ânsia de vômito, mas consigo refreá-lo.

— Onde nunca chegam, nem os espanhóis, nem os milicianos.

Consigo colocar-me sentado.

— E por que? — A cabeça cai sobre o peito, levanto-a com dificuldade.

— Porque aqui moram os que têm dinheiro. Aliás, digamos que aqui moram os que fabricam o dinheiro. E ele faz a diferença, pode crer.

Oferece-me uma jarra d'água e empurra uma bacia contra os meus pés. Viro-a sobre a cabeça, engulo, cuspo, a língua está inchada e cortada em vários pontos.

Consigo vê-lo. É magro, uns quarenta anos, têmporas grisalhas e olhos espertos.

Entrega-me um trapo, com o qual enxugo o rosto.

— Esta é a sua casa?

— Minha e de quem estiver em apuros — indica fora da janela. — Eu estava sobre um telhado e vi tudo. Desta vez os imperiais se deram mal.

Aperta a minha mão:

— Sou Lodewijck Pruystinck, cubro telhados, mas os irmãos me chamam Elói. E você?

— Entrei por um acaso naquela zona e você pode me chamar como quiser.

— Quem não tem um nome, certamente já teve uns cem — um sorriso estranho —, ... e uma história que vale a pena ouvir.

— Quem lhe disse que eu tenho vontade de contá-la a alguém?

Ri e diz:

— Se tudo que você tem são os trapos que veste, poderia aceitar o meu dinheiro em troca de uma boa história.

— Quer jogar fora o seu dinheiro.

— Não, pelo contrário, quero investi-lo.

Não consigo acompanhá-lo. Com quem será que estou falando?

— Você deve ser um cocô rico.

— Por enquanto sou quem medicou as suas feridas e o mantém fora da merda.

Permanecemos calados, enquanto faço a chamada de todos os músculos do meu corpo.

A noite está descendo sobre os telhados, fiquei desmaiado o dia inteiro.

— Eu ia embarcar no navio.

— É, foi o que o Philipp disse.

Já tinha esquecido o manco.

— E desaparecer para sempre. Estas terras não são um lugar seguro. Além disso, os ricos têm uma memória de ferro quanto aos que lhes comeram filhas e joias. E, em nome de Deus, depois...

Fico imóvel, fulminado, exausto demais para reunir as ideias e entender o que dizer ou fazer.

Os olhos dele permanecem fixos sobre mim.

— Hoje, Elói Pruystinck salvou o rabo de um Armado da Espada. Os caminhos do Senhor são mesmo infinitos!

Mudo. Tento ler uma ameaça no seu tom de voz, mas só existe ironia. Indica o antebraço, onde até esta manhã havia um faixa que escondia a marca.

A carne queimada está suja, o sinal quase irreconhecível.

— O olho e a espada. Conheci um tipo que cortou o braço para escapar do patíbulo. Dizem que Batenburg comia o coração das suas vítimas. É verdade?

Ainda calado, observando aquele rosto para entender aonde ele quer chegar.

— A fantasia das pessoas não tem limites — levanta o pano que cobre uma cesta de vime. — Aqui temos alguma coisa para comer. Tente recuperar as forças, ou não levantará mais dessa cama.

Começa a ir embora.

— Vi a cabeça dele saltando. Gritou liberdade, antes de morrer.

A voz treme, estou fraco demais.

Vira-se lentamente na soleira, um olhar decidido.

— O Apocalipse não chegou. Para que serviu o massacre daquela gente toda?

Prostro-me como um saco vazio, quase cansado demais para respirar. Ouço seus passos afastando-se atrás da porta.

## Capítulo 3

Antuérpia, 23 de abril de 1538

É uma casa ampla. Dois andares enormes, com cômodos que se abrem para largos corredores. Crianças meio despidas correm pelas escadas, algumas mulheres preparam comida em grandes caldeirões, em uma cozinha cheia de tudo que há de melhor. Uns me dirigem um cumprimento e um sorriso, sem interromper o trabalho. Parecem todos relaxados, tranquilos, como se partilhassem da mesma felicidade. Naquela que parece ser a sala maior, estende-se uma mesa comprida, posta com peças de prata: na lareira queima um cepo de faia.

Tenho a mesma sensação que deixam alguns sonhos um instante antes de serem interrompidos bruscamente: a noção de estar percorrendo um sonho e a vontade de saber o que há atrás da próxima porta, de chegar até o fim.

De repente, de um dos cômodos chega a voz dele:

— Ah, decidi levantar-se, finalmente!

Elói está cortando um grande pedaço de carne de vaca sobre uma mesa de mármore.

— Bem na hora de almoçar conosco. Venha, venha, ajude aqui.

Ele me passa um grande garfo.

— Mantenha firme, assim.

Corta fatias finas e as dispõe sobre um prato com um brasão de prata na beira.

Com o canto do olho, observa a minha expressão confusa.

— Aposto que está se perguntando onde foi parar.

A boca empastada não deixa articular uma frase, respondo com

um grunhido.

— A casa foi cedida pelo gentil messer Van Hove, comerciante de pescado e meu bom amigo. Você vai encontrá-lo quando ele voltar, talvez. Tudo que você vê, era dele.

— Era?

Sorri:

— Agora é de todos e de ninguém.

— Quer dizer que tudo é de todos?

— Isso mesmo.

Duas meninas cruzam o cômodo cantarolando uma lengalenga que não consigo entender.

— Bette e Sarah: as filhas de Margarite. Nunca sei quem é uma e quem é outra.

Ergue o prato e grita:

— À mesa!

Umas trinta pessoas chegam ao redor da grande mesa posta. Sentam-me perto de Elói.

Uma jovem alta e loira me traz um canjirão de cerveja.

— Apresento-lhe Kathleen. Está aqui há um ano.

A jovem sorri: é linda.

Antes que o almoço inicie, Elói fica em pé e chama a atenção do grupo.

— Irmãos e irmãs, ouçam. Está no nosso meio um homem sem nome. Um homem que combateu muito e viu muito sangue derramado. Estava perdido e cansado e recebeu cuidados e abrigo, como de costume. Se decidir permanecer conosco, aceitará o nome que quisermos dar-lhe.

No fundo da mesa, um jovem corado, com um espesso bigode loiro, berra:

— Vamos chamá-lo Lot, como aquele que não vira para trás!

Um eco de aprovação percorre a sala, Elói olha para mim, satisfeito:

— Que seja. Nós o chamaremos Lot.

Começo a comer, com dificuldade: a língua e os dentes doem, mas a carne é macia, de primeira.

— Sei o que está se perguntando.

Serve-se com outra cerveja.

— O quê?

— Está pensando em como podemos permitir-nos tudo isto.

— Imagino que tudo seja fornecido por messer Van Hove...  
— Não exatamente. Ele não é o único que esvaziou o cofre para colocar o patrimônio em comum.

— Você quer dizer que há outros ricos que dão tudo de presente aos pobres?

Ri:

— Nós não somos pobres, Lot. Somos livres.

Com um gesto, abrange toda a mesa:

— Aqui há artesãos, carpinteiros, montadores de telhados, pedreiros. Mas também negociantes e comerciantes. O que os une, não é nada mais que o Espírito de Deus. Aliás, é isto que comunga todos os homens e as mulheres.

Ouçõ e não consigo compreender se é louco de verdade.

— Os bens, Lot, o dinheiro, as joias, as mercadorias, servem ao corpo para que beneficie o espírito. Olhe para esta gente: é feliz. Não precisa morrer de cansaço para viver, não precisa roubar de quem possui mais, nem trabalhar por ele. De sua parte, quem possui mais não tem do que se preocupar, porque escolheu viver com eles. Você já pensou em quantas famílias poderiam saciar a fome com aquilo que Fugger tem em seus cofres? Creio que meio mundo poderia comer por um ano inteiro, sem precisar levantar um só dedo. Já pensou no tempo que um mercador de Antuérpia leva para acumular uma fortuna? A resposta é simples: a vida toda. A vida toda para acumular, para encher cofres, arcas, fabricar a prisão para si e para os próprios filhos homens, e o dote para as mulheres. Para quê?

Esvazio o copo, o sonho dele já foi o meu:

— E você pretende convencer os mercadores lá no porto que é melhor para o espírito deles entregar tudo a vocês...?

— De jeito nenhum. Quero convencê-los que é melhor uma vida livre da escravidão do dinheiro e das mercadorias.

— Esqueça. Quem diz isso é alguém que lutou a vida toda contra os ricos.

Aperta os olhos e ergue o copo:

— Nós não queremos enfrentá-los, são fortes demais. — Toma toda a cerveja. — Queremos seduzi-los.



As duas poltronas de couro do escritório são cômodas, acomodo-me devagar, procurando eludir as pontadas nas costas. Uma pena de ganso muito longa desponta de um tinteiro preto sobre a mesa. Elói oferece-me licor em um pequeno copo de vidro cinzelado.

— Antuérpia é oficialmente fiel à Igreja de Roma. O devotadíssimo Imperador mantém os seus oficiais guardando a verdadeira fé, ou seja, o poder dele. Mas muitos aqui, às escondidas, apoiam as ideias de Lutero. As classes mercantis, especialmente, não aguentam mais a ocupação espanhola, nem os padres que acusam de heréticos todos os que abrem a boca contra o Catolicismo ou os bispos puxa-sacos. Os mercadores produzem, os mercadores ganham dinheiro, os mercadores constroem os prédios e as estradas. Os imperiais taxam e investigam. As contas não estão certas. Lutero prega a abolição da hierarquia eclesiástica e a independência em relação a Roma, os príncipes alemães rebelaram-se e espancaram Carlos e o Papa em um ato formal de protesto. Conclusão: agora ou daqui a algum tempo, os Flandres e os Países Baixos também vão explodir como um paiol de pólvora. Com a diferença que, aqui, há mais mercadores que príncipes. O único motivo pelo qual ainda não se enfrentaram é que até alguns meses atrás, vocês ainda estavam no meio.

— O que você quer dizer?

— Os Anabatistas queriam tudo. Queriam o Reino: a igualdade, a simplicidade, a irmandade. Nem o Imperador, nem os mercadores luteranos estavam dispostos a conceder-lhes isso. O mundo deles sustenta-se na competição dos estados e das companhias comerciais, no comando e na obediência. Como Lutero, que tive o desprazer de encontrar há mais de dez anos, disse: “você pode colocar os seus bens em comum, se de fato quiser, mas nem sonhe em fazer isso com aqueles de Pilatos e Herodes”. Batenburg incomodava tanto os católicos, quanto os luteranos. Agora que os Anabatistas foram derrotados, os dois litigantes remanescentes irão logo às armas curtas.

Tento entender aonde ele quer chegar:

— Porque está me contando isso?

Ele pensa, como se não estivesse preparado para a pergunta:

— Para dar-lhe uma ideia da situação aqui.

— Porque conta isso para mim?

— Você esteve na guerra, e perdeu. Tem o jeito de quem

atravessou o inferno e saiu vivo.

Levanta-se, chega à janela, após ter-se servido de um segundo copo.

— Não sei se você é a pessoa certa. Quero dizer, a que eu procuro há algum tempo. Gostaria de ouvir a sua história, antes de julgar.

Elói brinca com o copo vazio.

Coloco o meu na mesa:

— Você é um homem cujo sorriso é difícil de tirar.

— É uma qualidade, você não acha?

— Como pode um montador de telhados estar tão bem informado e falar de uma forma tão polida?

Encolhe os ombros:

— Basta frequentar as pessoas certas.

— Quer dizer os mercadores do porto.

— As notícias circular com as mercadorias. Quanto ao falar bem, as amizades às quais devo o domínio da língua, não me deram a oportunidade de aprender o latim, e isto me entristece muito.

— *Omnia sunt communia*. Esta você conhecia.

Ele tem um instante de hesitação, que disfarça no meio sorriso habitual, típico de quem partilha de algum truque ou de um segredo antigo.

— Era o mote dos rebeldes do 25. Naquele ano fui a Wittenberg, para encontrar Lutero e expor-lhe as minhas ideias. A situação da Alemanha era caótica. Eu era jovem demais e cheio de belas esperanças, para o gosto de um monge que engordava no comedouro dos príncipes. — Um careta. Depois, em dúvida se poderia perguntar: — Você estava com os camponeses?

Levanto-me, já muito cansado para prosseguir, preciso deitar na cama, minhas costas estão doendo. Olho para ele e fico me perguntando porque tive de encontrar este homem, sem estar lúcido o bastante para fornecer-me a resposta.

— Por que eu deveria contar-lhe a minha história? Esqueça a proposta que fez. Não tenho aonde ir, não saberia o que fazer do seu dinheiro. Só quero morrer em santa paz.

Insiste:

— Eu sou curioso. Só me dê um começo: quando tudo iniciou, onde.

O poço é profundo: um baque surdo na água escura.

As palavras:

— Eu esqueci. O início é sempre um fim; é a enésima Jerusalém ainda cheia de fantasmas e profetas alucinados.

Por um instante, o seu olhar enche-se de horror, mas não deve ser nada, comparado ao meu, diante daqueles espectros.

— Cristo Santo, você estava em Münster...?

Arrasto-me, cansado, para a porta, a voz está rouca e empastada:

— Nesta vida, aprendi uma coisa só: que o inferno e o paraíso não existem. Nós os carregamos para todo lugar que vamos.

Deixo as perguntas dele para trás, cambaleando pelo corredor para chegar até o quarto.

## Capítulo 4

Antuérpia, 30 de abril de 1538

Ainda há alguma coisa queimando em mim. A jovem lava a roupa no quintal, um corpo jovem e alvo que transparece sob o vestido sucinto.

Não é primavera, não mais, abril só me força a coçar as cicatrizes: o mapa das batalhas perdidas.

É Kathleen. Não é mulher de ninguém, assim como todos os filhos parecem não ter uma só mãe ou um só pai, mas muitos genitores. Não há reverências para os adultos, que aceitam gracejos e sorriem às brincadeiras infantis. Mulheres com tempo para brincar, barrigas grávidas, homens que não levantam as mãos, crianças no colo. Elói construiu o Éden e ele sabe disso.

Há treze anos enfrentou Felipe Melâncton diante de Lutero. O Magrelo e o Gorducho consideraram-no louco e escreveram às autoridades papistas de Antuérpia pedindo que o prendessem. Depois de alguns meses o frade Porco na Engorda instigaria ao nosso massacre, os demônios encarnados que ousaram desafiar os senhorios. Elói e eu tivemos os mesmos adversários e só agora nos encontramos. Agora que tudo acabou.

Kathleen torce a roupa: novamente aquele ardume, no fundo do estômago. Esqueci. A guerra apagou tudo, a glória de Deus, a loucura, a matança: esqueci. No entanto, ainda está tudo aí e não pode ser apagado, nebuloso e presente, à espreita atrás de cada sinuosidade da mente.

Ergue o olhar e me vê: um sorriso.

É um lugar onde é possível parar, longe dos problemas, da asa

negra do Miliciano que sempre me perseguiu.

Você é linda. Você está viva. Você é uma vida deslizando na lama que não quer cessar e ainda me presenteia com um dia de sol como este e um ardume lá no fundo.

— Gerrit Boekbinder.

Sobressalto e viro, o braço contraído para desferir o golpe.

Um homem baixo e corpulento, barba salpicada de cinza e olhar firme.

Fala gravemente:

— O velho Gert do Poço. A vida nunca deixa de reservar surpresas. Poderia imaginar tudo, menos encontrar você aqui. E aqui, ainda...

Fito aquele rosto anônimo:

— Você confundiu-me com outra pessoa, compadre.

Agora ele sorri:

— Não acho. Ma isto não tem muita importância: aqui o passado não conta, eu também cheguei aqui no mesmo estado em que você está e quando ouvia pronunciar o meu nome reagia como um gato do mato. Você esteve com Van Geleen, certo? Disseram que o tinham visto na conquista do município de Amsterdã...

Tento entender quem está diante de mim, mas os traços dele não me revelam nada.

— Quem é você?

— Balthasar Merck. Não me surpreende que não lembre de mim, mas eu também estava em Münster.

O Elói deve ter-lhe dito isso.

— Eu também acreditei de verdade. Tinha uma loja em Amsterdã: larguei tudo para unir-me aos irmãos batistas. Eu o admirava, Gert, e quando você foi embora foi um golpe duro, não só para mim. Rothmann, Bockelson e Knipperdolling eram uns loucos, nos levaram à soleira da mais pura loucura.

Nomes que doem, mas Merck parece sincero a disposto a compreender.

Olho nos olhos dele:

— Como saiu de lá?

— Com Krechting o jovem. O irmão dele foi pendurado na gaiola com os outros, mas ele não, conseguiu guiar-nos para fora ainda em tempo, quando os episcopais já estavam entrando na cidade. — Uma sombra escura ofusca-lhe o olhar. — Em Münster deixei minha

mulher, era fraca demais para acompanhar-me, não aguentou.

— E veio parar aqui?

— Por meses pedi esmola nas ruas, até me prenderam uma vez, sim, os soldados, quando já havia voltado à Holanda. Torturaram-me — mostra os dedos entumecidos —, para que eu confessasse que havia sido um batista. Mas eu fiquei calado. Doía, e muito, berrava feito louco enquanto arrancavam as minhas unhas, mas não falei nada. Pensava em minha Ania, sepultada em uma cova qualquer. Calado. Pararam quando pensaram que eu havia enlouquecido por completo. Elói me trouxe, salvou-me a vida...

Lanço mais um olhar além do balaústre: Kathleen recolhe a roupa em uma bacia e a leva embora.

— É bonita, não?

Gostaria de responder-lhe que agora é certamente mais importante que as nossas lembranças.

Toca-me:

— Aqui não há maridos, nem mulheres.

Uma careta:

— Estou velho.

Ri, o som de uma risada, como se o ouvisse pela primeira vez, após ter abandonado a minha existência por anos:

— Você só está cansado, irmão. Gerrit Boekbinder: você está morto e sepultado sob os muros de Münster. Aqui você é Lot, aquele que não olha para trás. Lembre disso.

A mão no meu ombro. Observo as crianças no quintal, como se fossem criaturas de contos de fadas. Os pequenos carrascos e Münster estão longe, os monstros de Bockelson, os inquisidores infantis que traziam a morte nos dedos.

— Quem é esta gente, Balthasar?

— Espíritos livres. Conquistaram a pureza, decretando a mentira do pecado e a liberdade dos próprios desejos, a felicidade.

Diz isso com naturalidade, como se estivesse explicando a ordem do cosmo. Aquele ardor no estômago transformou-se em pena, por mim, por este corpo exausto, e aquela alegria simples.

A mão aperta o meu ombro:

— O Espírito Santo está dentro deles, como de cada um. Vivem no dia de Deus, sem necessidade de empunhar a espada.

O olhos embaçam, quase recusando ver:

— Você pensa que seja assim? Perdemos o Reino para

reencontrá-lo aqui?

Aprova:

— Um dia, Elói disse que não temos que esperar pelo Reino de Deus: ele não tem ontem ou amanhã, e nem chega daqui a mil anos. É a experiência de um coração: existe em todo lugar e em lugar nenhum... Está no sorriso de Kathleen, no calor do corpo dela, na alegria de uma criança.

Sinto vontade de afastar chorando o ódio, o medo, o desespero, a derrota. Mas é difícil, doloroso. Preciso apoiar-me ao balaústre.

— Para mim é tarde.

— Nunca é para ninguém. Ficando aqui, aprenderá isso também, irmão.

— Elói quer ouvir a minha história. Porque?

— Ele acredita nos simples, nos últimos. Crê que Cristo possa ressurgir em cada um de nós, especialmente naqueles que conheceram a lama da derrota.

— Só vejo um mar de horrores atrás de mim.

Suspira, como se realmente entendesse:

— Os mortos precisam sepultar os mortos, para que os vivos possam renascer a uma nova vida.

A lição do Salvador.

— Ele disse isso também?

— Não. Entendi transpondo a soleira em que você está agora.



Não sei como aconteceu, naturalmente, sem que ninguém dissesse nada, encontrei-me afiando as estacas para cercar a horta. Comecei a responder aos cumprimentos de todos, e um jovem cardador até me pediu um conselho sobre a melhor maneira de consertar o tear.

Amontoo as estacas apontadas em um canto do jardim atrás da casa, o pequeno machado é preciso e leve, posso trabalhar sentado e sem cansar muito. Por um instante revejo um jovem que racha a lenha no quintal do pastor Vogel, mil anos passados, mas é uma lembrança que rechaço imediatamente.

A menina loira aproxima-se com um sorriso desdentado:

— Você é Lot?

Ela ainda articula as palavras com dificuldade.

Paro, para não arriscar machucá-la com as lascas:

— Sim. E você, quem é?

— Magda.

Oferece-me uma pedra colorida.

— Pinte para você.

Brinco um pouco.

— Obrigado Magda, você é muito gentil.

— Você tem uma menina?

— Não.

— E porque?

Jamais criança alguma havia-me feito perguntas.

— Não sei.

Ela aparece de repente, carregando um saquinho de sementes.

— Magda, venha, precisamos semear a horta.

Ainda aquela queimação antiga. As palavras saem sozinhas:

— É sua filha?

— É.

Kathleen sorri, ilumina o dia, segura a mão da pequena e olha as estacas.

— Obrigada pelo que está fazendo. Sem a cerca, a horta não aguentaria um dia.

— Obrigado a vocês, por ter-me acolhido.

— Vai ficar conosco?

— Não sei, não tenho aonde ir.

A menina pega o saquinho das mão da mãe e corre para a horta falando sozinha.

O azul de Kathleen não dá paz ao meu estômago.

— Fique.

## Capítulo 5

Antuérpia, 4 de maio de 1538

Elói está negociando com duas pessoas de roupa preta, o ar sério e despachado é típico de comerciantes.

Espero sentado apartado: parece estar à vontade com aquela gente. Fico me perguntando se eles sabem o que ele pensa realmente.

Cumprimentam-se com grandes salamaleques recíprocos e sorrisos fingidos, aquele de Elói é insuperável. Os dois corvos saem sem dirigir-me um olhar.

— São os proprietários e uma gráfica. Acertei um valor para poder utilizá-la. Prometi-lhes que não teriam problemas com a censura, precisamos agir com cautela.

Fala como se eu já fosse um deles.

— Imagino que o dinheiro venha sempre dos seus “conhecidos”...

— Há sempre gente em condições de entender o que dizemos. Precisamos fazer os contatos, conseguir mais fundos para imprimir e difundir a nossa mensagem. A liberdade do espírito não tem preço, mas este mundo quer sempre impor um para tudo. Precisamos manter os pés no chão; aqui temos tudo em comum, vivemos tranquilos e na simplicidade, trabalhamos o quanto basta para sobreviver e envolvemos os ricos para que nos financiem. Mas, lá fora, impera a guerra dos estados, dos mercadores, da Igreja.

Encolho os ombros, desconsolado:

— É isso que procura? Uma pessoa que saiba mover-se naquele mundo de cortadores de gargantas? Um que tenha saído vivo?

O sorriso tranquilizador de sempre, mas com a sinceridade que

não reservou aos mercadores:

— Precisamos de alguém esperto, capaz de fingir e sussurrar as palavras certas aos ouvidos certos.

Encaramo-nos.

— A história é longa e impenetrável, a memória às vezes falha.

Elói está sério:

— Não tenho pressa e, das dificuldades, saímos sempre fortalecidos.

É como se nos entendêssemos desde sempre, como se estivesse à minha espera, como se...

— Soube que encontrou Balthasar. Ele o fez mudar de ideia?

— Não. Foi uma menina.



O escritório está na penumbra, partido ao meio por uma coluna de luz que filtra das folhas da janela encostadas. Elói oferece licor e atenção silenciosa.

— O que sabe da guerra dos camponeses?

Abana a cabeça:

— Não muito. Quando estive na Alemanha em 25, encontrei um irmão com o qual mantinha contato epistolar há algum tempo: chamava-se Johannes Denck, uma alma livre e pronta para desafiar a arrogância dos papistas quanto aquela de Lutero. Mas, como já disse, eu era jovem e não muito perspicaz.

O nome gela o sangue, faz aflorar recordações, um rosto, uma família

— Eu conhecia bem o Denck. Lutei com ele ao lado de homens que pensavam realmente em poder acabar com a injustiça e a impiedade na terra. Éramos milhares, éramos um exército. A esperança partiu-se na planície de Frankenhäusen, em quinze de maio de 1525. Então abandonei um homem ao próprio destino, às armas dos lansquenets. Carreguei a sacola dele cheia de cartas, de nomes e esperanças. Além da suspeita de termos sido atraídos, vendidos às fileiras dos príncipes como um rebanho ao mercado. — Ainda é difícil pronunciar aquele nome. — Aquele homem era Thomas Müntzer.

Não o vejo, mas percebo o assombro que o invade, talvez a

incredulidade de quem pensa estar diante de um fantasma.

A voz dele é quase um sussurro:

— Verdade? Você combateu com Thomas Müntzer...?

— Eu também era jovem, naquele tempo, mas suficientemente esperto para entender que Lutero havia traído a causa e nos entregado. Entendemos que deveríamos prosseguir de onde aquele monge tinha abandonado as armas. A história poderia ter acabado assim, naquela planície coberta de cadáveres. Mas sobrevivi.

— Denck morreu lá?

— Não. Ele foi incumbido de obter reforços para o combate, mas não chegou em tempo.

Lembrar requer uma imensa fadiga:

— Em Frankenhäusen eu morri pela primeira vez. Não foi a última.

Sorvo o licor para soltar a memória:

— Por dois anos, dois infinitos anos, fiquei escondido na casa de um pastor luterano que, secretamente, simpatizava com a nossa causa, enquanto lá fora os soldados peneiravam região por região, à procura dos supérstites, dos sobreviventes. Eu estava acabado, tinha um nome novo, os amigos estavam mortos, o mundo estava cheio de fantasmas e gente que poderia atrair-me com uma palavra a mais. Um dia, quando o tempo de trabalho e de solidão já parecia ter-me subjugado, nos descobriram, não sei como, mas chegaram até nós. Tive que retomar a fuga.

Solto a respiração:

— Pensando agora, aquela fuga repentina foi a minha sorte, salvou-me de uma morte mais lenta e atroz.

Talvez ele não entenda, não me acompanha até o fim, mas não ousa interromper-me, está fascinado por aquilo que poderá conter a minha próxima frase.

— Assumi o nome de um homem que apareceu por acaso no meu caminho. Andei muito à procura de nem sei o quê, de um lugar onde desaparecer. No fim do verão de 27, cheguei em Augsburgo e reencontrei Denck.

— O Sínodo dos Mártires...

Fala devagar, em voz baixa, sabe respeitar uma história.

— É. A reunião do supérstites. Estúpidos e inúteis supérstites.

## Capítulo 6

Augsburgo, Bavária, fim de julho de 1527

Lucas Niemanson. Mercador de brocados em Bambergue. Sacola cheia, roupas finas de tecidos resistentes, bom carregamento de mercadoria e objetos pessoais, sobre uma carroça um tanto nova, puxada por dois cavalos um pouco gastos, mas ainda jovens. Descanso os músculos entorpecidos por milhas de estremecimentos, abalroamentos e imprecações pelas veredas desconexas destas terras, no catre decente de uma hospedaria logo à entrada do portão Oeste da cidade. Antes de mais nada, dormir algumas horas para aliviar os ossos; amanhã pensar no carregamento, na carroça, no quadrúpede mais cansado. Dar uma olhada pelas ruas deste apinhado burgo imperial, para onde as cabeças quentes de toda região estão afluindo, escapando da nova matança. Como Hans Hut, o profeta livreiro, que deve ter fundado uma comunidade em todo centro de troca, distribuindo visões apocalípticas cada vez que fica sem uma refeição. Dizem que esta cidade hospedará logo um sínodo dos representantes de todas as comunidades que surgiram nos últimos anos, naquele torniquete entre Lutero e o Papa que agora volta a apertar.

Cautela. Não entre na bocarra, não se exponha ao olho onipresente do inimigo.

Observação, cuidado, seguir, se necessário, pelas vias do acaso. No fundo, foi assim que cheguei a esta muralha. A tragédia, o destino, o evento insondável forneceram a matéria prima e o espírito a esta condição que nunca imaginei pudesse concretizar-se.

Estava parado há tempo demais. O torpor do espírito gerou

aquele dos membros. Comecei a vagar assim que ouvi dizer que procuravam Vogel. Acabou mais uma vez. Ou melhor, mais uma vez é necessário partir, ao encontro de não se sabe o quê. Procuram os sobreviventes. Aniquilá-los. Então partir sem dizer nada. A ninguém.

Mendigo como tantos, com um fardo de cartas, lembranças e suspeitas insuportáveis.

O acaso conduziu os despojos extenuados por veredas e hospedarias, vilarejos e tabernas, mercados e celeiros. O acaso uniu a sorte amarga e desconsiderada do mercador Niemanson à minha, no dia vinte e sete de junho, depois de andanças infinitas e solitárias.

Perguntava nervoso sobre a segurança das estradas na direção Sul e sobre a melhor hora de partir. Sem dúvida transportava mercadoria de valor. Sob a capa, o fascinante inchaço de uma bolsa de couro claro: um amor à primeira vista. Um servidor acamado por alguns dias, porque fora empestado por uma vagabunda qualquer, o forçava a prosseguir sozinho, no dia seguinte, ao alvorecer.

Sigo-o à distância, por quase cinco milhas, até que a estrada com uma ampla curva adentra em uma zona de bosques, colinas baixas, toda isolada. Chego ao lado da carroça e, com gestos convidativos, peço-lhe que pare.

— Senhor, senhor!

— O que quer? — pergunta franzindo as sobancelhas e puxando as rédeas.

— O seu servidor, senhor...

— O que há com ele?

— Não parece tão doente. Pegaram-no esta manhã, quando tentava sair às escondidas da hospedaria. Tinha uma bolsa cheia de preciosidades que devem pertencer ao seu carregamento — enquanto falo, mostro a sacola com a correspondência de Magister Thomas.

— Aquele filho da puta! Claro que não pode ser nada dele, é um esfarrapado, aquele. Deixe que eu veja.

Salta da carroça, aproxima-se, aperto a beira da sacola com a esquerda, inclina-se para olhar. O bastão desce rápido sobre a nuca.

Cai como uma árvore ressecada.

Prendo os braços aos joelhos, três voltas de corda e um nó bem apertado.

Solto a bolsa do cinto e o rolo para um fosso. Está feito.

Corto o emaranhado de cordas que prende o carregamento e subo para dar uma olhada: tecidos, rolos de vários padrões e cores.

Pobre bastardo, os negócios dele foram adiados. E a roupa não vai lhe servir, por enquanto. Muito menos o nome que leio gravado na parte lateral da carroça: “Lucas Niemanson, tecelão em Bambergue”.

## Capítulo 7

Augsburgo, 3 de agosto de 1527

Johannes Denck está em Augsburg. Pelo caminho tive alguma notícia e agora sei exatamente onde procurá-lo. Após da grande reunião dos pastores das comunidades, que está sendo preparada para o meado do mês, está acima de tudo a mão do jovem veterano da insurreição.

A casa que me indicaram é encostada a uma rua de trabalhadores da lã. Abre-me a porta uma mulher esbelta com um menino no colo, seguida pela corrida incerta de uma menina, que logo se esconde entre as pernas da mãe. Sou um velho amigo do marido, não o vejo há anos. Fico na soleira, a menina me olha com curiosidade.

Johannes Denck é um abraço forte, olhos marejados e incrédulos.

Oferece-me bebida de uma garrafa revestida de palha que leva à cintura e um sorriso sincero, sem palavras. Toca os meus braços, os ombros, quase para certificar-se que eu não seja um fantasma saído do abismo dos piores pesadelos dele. Sim, sou eu. Mas esqueça o meu nome, se não quiser fazer um favor aos milicianos. Ri feliz.

— Como devo chamá-lo? Redivivo? O Ressurgido?

— Por dois anos fui Gustav Metzger. Hoje sou Lucas Niemanson, mercador de tecidos. Amanhã, quem sabe...

Continua fitando-me estarecido. É difícil para ambos encontrar as palavras, escolher um começo. Então permanecemos assim, em silêncio, por um tempo infinito, pensando novamente em tudo.

Nesta tarde, Mühlhausen é uma ilha longe do mundo e da vida, na qual talvez tenhamos chegado um dia procurando o caminho do Senhor. De lugares longínquos e lidando com destinos distintos.

— Só você?

A voz é grave e empastada de memórias.

— Só.

Abaixa a cabeça, para resgatar um rosto, uma figura, um grito de euforia e de esperança que agora ecoa muito longe.

— Como?

— Sorte, meu amigo, sorte e talvez uma migalha da bondade divina que quis favorecer-me. E você?

Os olhos arregalados na lembrança, como se fosse difícil, como se falasse de quando era criança:

— Atolamo-nos pelos lados de Eisenach. Tinha conseguido recrutar uma centena de homens e recuperar uma pequena peça de artilharia. Mas encontramos uma coluna de soldados, que nos forçou a proteger-nos em um vilarejo cujo nome nem lembro. — Olha-me. — Sinto muito, não consegui. Não os ajudei em nada.

Parece mais amargurado que eu. Penso em quantas vezes nestes dois anos deve ter lamentado a impotência daquele dia.

— Vocês só seriam mais carne de matadouro para os canhões. Éramos oito mil e não sei de ninguém que tenha escapado.

— Exceto você.

Sorriso sem jeito e procuro a ironia da desventura:

— Alguém precisava ficar para contar.

— E conseguiu. Isto é que importa.

— Perdemos tudo.

Os olhos dele riem, de uma sabedoria que eu não recordava:

— Você não conhece alguma coisa pela qual valha a pena perder tudo?

Uma careta divertida é tudo que consigo oferecer-lhe. Mas sei que ele tem razão e eu gostaria de ter a mesma leveza, para soprar o passado.

Ele fica sério, não lhe faltou o tempo de refletir:

— Quando soube que haviam executado Magister Thomas e Pfeiffer, também pensei que tudo tivesse acabado. Dizem que nas represálias depois de Frankenhäusen, tenham matado mais de cem mil pessoas. Fugi, fiquei escondido e procurei salvar a pele. Por meses não dormi duas noites seguidas na mesma cama. Mas não

estava sozinho, não, a esperança de reencontrar os irmãos nas outras cidades, todos os amigos e os colegas de universidade. Isto me manteve vivo, me deu forças para não sentar-me ao chão e esperar o golpe fatal. Se tivesse parado, agora não estaria aqui para acolhê-lo.

Sáimos para o quintal atrás da casa, onde alguns frangos meio depenados revolvem a terra e duas peles de cervo secam ao sol, como velhas velas gastas.

É a minha vez de contar:

— Eu sentei. E morri. Fiquei debaixo da terra por dois anos inteiros, rachando lenha e ouvindo a falação do único louco que me deu guarida: Wolfgang Vogel.

— Vogel! Deus Santíssimo, soube que foi executado há alguns meses.

— Por pouco não tive a mesma sorte.

Assobia entre os dentes, preocupado:

— Como localizaram vocês?

— Interceptaram um dos companheiros de Hut enquanto descia para o Sul procurando algum sobrevivente. Imagino que o tenham torturado e forçado a fornecer todos os nomes. Vogel devia ser um daqueles que teve de fugir. E eu com ele. Sabujos do caralho. Ficaram dois dias inteiros atrás de nós, até que decidimos separar-nos. Eu consegui, ele não. E estou aqui.

Ele me olha torto:

— Você deve ter uma boa estrela, amigo meu.

— Hum. Nestes tempos, seria melhor ter uma boa espada.

O ar está fresco, os barulhos da cidade chegam abrandados. Sentamo-nos em um cepo da lenha. A intimidade de quem sobreviveu funde os pensamentos e as palavras fluem plácidas e quase distantes, como o vozear da rua. Estamos vivos e este milagre basta, agora, é o que gostaríamos de dizer-nos, sem acrescentar mais nada.

O licor deixa-lhe a voz rouca:

— Dentro de alguns dias, Hut também deve estar por aqui. Ele pôs na cabeça que o logo teremos o Apocalipse e circula feito santo, batizando o povo. É estranho que não o tenham detido ainda. Vaga pelos campos e conversa com os camponeses, pergunta-lhes como interpretam as passagens da Bíblia que ele lê.

Rio debochando.

— Sabe, ele obtém muito sucesso.

— Hut! Um livreiro falido que se torna profeta!

Por um instante rimos de estourar, pensando naquele Hans apavorado que conhecemos muito bem.

— Ouvi dizer que Störch e Metzler estão tentando formar um exército com os supérstites da guerra. São dois loucos. Não têm esperança alguma. Aqui, pelo contrário, os irmãos vêm chegando desde o ano passado. Da Suíça e das cidades vizinhas. O clima é bom, e podemos ao menos reunir-nos livremente. É gente boa, você precisa conhecê-los, vêm das universidades. Este sínodo que estamos organizando será um novo início. Tudo recomeçará daqui, ainda são muitos os que querem professar livremente a própria fé. Mas precisamos ser prudentes.

Ele espera entusiasmo, mas desta vez vou decepcioná-lo, irmão. Fico calado e deixo que prossiga.

— Temos o Jacob Gross, de Zurique, que elegemos ministro do culto, e Sigmund Salminger e Jacob Dachser como assistentes: são augustenses, conhecem bem o povo daqui. Temos também os seguidores de Zwinglio, Leupold e Langenmantel. Com a ajuda deles, instituímos um fundo para os pobres...

Fala de eventos longínquos, está contando a saga de um povo desaparecido. Ele percebe, pára, um suspiro.

— Nem tudo está perdido.

Só aprovo:

— De fato, estamos vivos.

— Você sabe o que quero dizer. Convocamos aqui todos os irmãos.

O mesmo sorriso torto:

— Você quer recomeçar, Johann?

— Não quero novos padres que me dizem em que devo crer e o que devo ler, sejam papistas ou luteranos. Somos suficientes para infiltrar nas universidades e deixar descalços os amigos de Lutero e dos príncipes, porque é nas universidades, nas cidades, que se formam as mentes e se difundem as ideias.

Fito-o nos olhos, será que ele acredita mesmo?

— E você acha que vão deixá-los agir, que vão ficar olhando enquanto vocês se organizam? Eu os vi. Eu os vi atacando e massacrando gente indefesa, adolescentes...

— Sei disso, mas em Augsburg é diferente, nas cidades podemos agir com maior liberdade, tenho certeza que se Müntzer

estivesse aqui, concordaria comigo.

O nome ressoa nas minhas vísceras e me faz estalar:

— Mas não está. E isto, que nos agrada, quer não, significa alguma coisa.

— Irmão, ele era grande, mas não era tudo.

— Mas os milhares que o seguiam, eram. Há alguns anos saí de Wittenberg porque cansei de disputas teológicas e de doutores que explicavam o que eu lia, enquanto lá fora a Alemanha estava ardendo em chamas. Depois de tudo que aconteceu, ainda penso assim. Esses seus teólogos não vão deter a repressão.

Andamos calados pela beira do quintal, talvez nem ele acredite plenamente na própria confiança. Pára e me passa a garrafa.

— Deixe que tentem, pelo menos.

## Capítulo 8

Augsburgo, 20 de agosto de 1527

A casa do patrício Hans Langenmantel é grande, cabemos todos em seu salão. Umas quarenta pessoas, muitas já batizadas por Hut, que chegou ontem à cidade. Quando me abraçou, repetindo as palavras do Magister, “a hora chegou” não sabia se rir na cara dele ou ir embora. No fim, calei-me e basta, o nosso livreiro não percebeu que a hora decidiu prosseguir na iniquidade renovada. E como poderia? Ele deu no pé com o primeiro tiro de canhão.

Denck abre-me o caminho apresentando-me aos irmãos com o nome Thomas Puel. Saímos da tagarelice difundida, à espera de Hut.

— Haverá luta.

— O que você quer dizer?

— Hut esteve em Nicolsburg e deu de encontro com Hubmaier, um irmão de lá que não quer saber das loucuras dele. Parece que o nosso Hans tenha proposto não pagar mais as taxas e recusar a prestação de serviço nas milícias. No fim, as autoridades o prenderam no castelo e ele conseguiu fugir por uma janela, graças à ajuda de um amigo. Imagino que deve estar furioso, agora pode até bancar o mártir. Vai querer sugerir aqui as mesmas propostas.

Rostos desconhecidos, expressões sérias. Convenço Johann a sentarmos apartados.

— Dachser e os outros são gente com os pés no chão, terei que conter os danos que Hut pode provocar. Se entrarmos logo em conflito com as autoridades, não teremos tempo para fortificar-nos. Mas tente explicar isso a ele...

Evocado pelas palavras de Denck, aparece ao centro da sala,

pose de profeta que, ao invés de inclinar-me ao riso, só me faz sentir pena.



Veste-se novamente sem dizer uma só palavra. A luz filtra pela janela e deixa a noite entrar.

Estendido de lado, olho os campanários contra o céu, cheio de andorinhas. Um melro pula para o peitoril e me observa indeciso. Sinto o peso do corpo, dos músculos inertes, como se suspensos no vazio.

— Você me quer mais?

Estou sem vontade de virar a cabeça, de desviar o olhar, de falar. O melro assobia e pula.

A mão alcança a bolsa debaixo da cama. Deixo-lhe as moedas sobre o cobertor.

— Com isto, podemos fazer outra vez.

A voz murmura alguma coisa:

— Sou rico. E cansado.

O silêncio absoluto me diz que ela saiu. Continuo parado. Penso naqueles loucos que brigam sobre qual será o Dia do Juízo. Penso que saí muito depressa, ofendendo todos. Penso que Denck entendeu, com certeza. E que o ar da cidade me agradou logo, enquanto andava sem destino pela cidade. Que ela seguiu o estrangeiro certo e era jovem e miserável, como Dana, ofereceu calor e um sorriso que poderia até parecer sincero. Decidi não pensar.

Os amigos morreram e percebi que sou surdo para os que ficaram. Deus não participa mais; ele nos abandonou em um dia de primavera, desaparecendo do mundo com todas as promessas e deixando-nos o penhor da vida. A liberdade de gastá-la entre aquelas coxas brancas.

O melro volta ao peitoril, lançando chamarizes às torres. O sono insinua-se sob os olhos.



Não consigo dar-lhe um rosto, você é como uma sombra, um

fantasma que desliza à margem dos acontecimentos e espera na escuridão. É o mendigo que pede esmola na viela e o gordo mercador que se hospeda no quarto ao lado. É aquela jovem puta e o miliciano que me agarra. Todos e ninguém, a sua raça veio ao mundo com Adão: desventura e Deus hostil. O exército que nos esperava atrás daquelas colinas.

Qoèlet, o *Ecclesiaste*. O profeta da desventura. Três cartas cheias de palavras de ouro para o Magister, as notícias e os conselhos importantes. Em Frankenhausem não encontramos o exército de dispersos que você nos havia prometido, mas um exército forte e aguerrido. Você escreveu que nós os varreríamos.

Você queria que descêssemos naquela planície, para sermos massacrados.

Denck tem uma bela família, serena, mas não devem estar em situação tão boa: as roupas são gastas e muito remendadas, a casa é despojada. A mulher dele, Clara, cozinhou para mim, a filha maior cuidava do irmão, enquanto a mãe servia o jantar.

— Você não devia ter ido embora assim.

Sem ressentimento, coloca a aguardente nos copos e passa um para mim.

— Talvez. Mas não tenho mais estômago para certas discussões.

Abana a cabeça enquanto tenta reavivar o fogo, revolvendo a brasa:

— O fato que Hut seja pouco lúcido, não significa que...

— O problema não é Hut.

Encolhe os ombros:

— Não posso obrigá-lo a acreditar neste sínodo. Só lhe peço um pouco mais de confiança em nós.

— Nestes anos, tornei-me desconfiado, Johann.

Pronuncio o nome em voz baixa, agora já é um hábito:

— Magister Thomas não nos levou a Frankenhausem para sermos massacrados: as informações que possuía estavam erradas. — Olho Denck nos olhos, para que capte o peso das palavras. — Alguém, alguém em quem o Magister confiava, enviou-lhe uma carta cheia de notícias falsas.

— Thomas Müntzer traído? Não é possível...

Enfio a mão debaixo da camisa e pego as folhas amareladas.

— Leia, se não acredita em mim.

Os olhos azuis percorrem rapidamente as linhas, enquanto uma expressão entre incrédula e triste marca o rosto dele:

— Deus Todo Poderoso...

— É datada primeiro de maio de 1525. Foi escrita duas semanas antes do massacre. Felipe d'Assia já estava cortando fora o Sul e marchava em etapas forçadas para Frankenhäusen. — Deixo que as palavras surtam o efeito. — Tenho aqui mais duas cartas, escritas pelo mesmo punho, de dois anos antes: cheias de belas palavras, ninguém poderia suspeitar que não eram sinceras. Alguém estava cortejando o Magister há algum tempo, para conquistar a confiança dele.

Passo-lhe as outras missivas. O trejeito da boca não deixa dúvidas sobre o que o está queimando por dentro. Perpassa rapidamente as palavras salvas por milagre da destruição, até que o rosto fica petrificado, os olhos reduzidíssimos:

— Você conservou estas cartas o tempo todo.

Olhamo-nos nos olhos, os reflexos do fogo dançam o sabá sobre os nossos corpos:

— Eu estava com ele, Johann, fiquei ao seu lado até o fim. O Magister ordenou que eu me salvasse, que o abandonasse ao próprio destino. E eu fiz isso, sem pensar duas vezes.

Ficamos em silêncio, novamente afundados nas recordações, mas é como se eu percebesse a fluência dos pensamentos dele.

No fim, ouço murmurar:

— Qoèlet. O *Ecclesiaste*.

Concordo:

— O homem da comunidade, um homem qualquer. Um em que o Magister confiava e nos enviou ao matadouro. Eu não confio mais em ninguém, Johann, muito menos em escrevinhadores e doutores. Não tenho nada contra os seus amigos, mas não me peça para segurar-lhes a vela.

— Se não quiser participar, respeitarei a sua decisão. Mas vou pedir que continue sendo meu amigo.

Dirige o olhar para a escuridão do outro cômodo:

— A minha família. Se tivesse que deixar rapidamente a cidade, não poderia levá-la comigo.

Não há necessidade de outras palavras: ainda temos alguma coisa que nenhum miliciano ou derrota possa tirar-nos.

— Não se preocupe. Cuidarei deles.  
Johannes Denck é o único amigo que restou.

## Capítulo 9

Augsburgo, 25 de agosto de 1527

Três batidas e uma voz rouca atrás da porta.

— Sou eu, sou Denck, abra!

Pulo do catre e abro a tranca.

Está vermelho de suor e ofegante, veio correndo.

— Os milicianos. Prenderam Dachser, invadiram a casa dele, enquanto estavam todos dormindo.

— Merda! — Começo a vestir-me rapidamente.

— O bairro está cheio de guardas, entram nas casas, sabem onde moramos.

— E a sua família?

— Em casa de amigos, é um lugar seguro, você também precisa vir, aqui é perigoso demais, estão procurando os que vieram de fora...

Recolho a bagagem e prendo a adaga sob o manto.

— Essa não vai servir para nada.

— Talvez sim, vamos, abra caminho.

Descemos as escadas e saímos na viela, guia-me no primeiro clarão da manhã por ruas estreitas, onde as lojas começam a abrir-se. Sigo atrás dele sem conseguir orientar-me, entramos em um bairro miserável, tropeço em um cachorro pulguento, que afasto com um pontapé, sempre atrás do Denck, com o coração na garganta. Pára na frente de uma pequena porta: duas batidas e uma palavra sussurrada. Abrem. Entramos, lá dentro está escuro, não vejo nada, empurra-me para um alçapão.

— Cuidado com as escadas.

Descemos e nos encontramos em um porão, um lume clareia

rostos transtornados, reconheço alguns irmãos que vi na casa de Langenmantel. A mulher e os filhos de Denck também estão presentes.

— Aqui vocês estão seguros. Tenho que avisar os outros, voltarei assim que possível.

Abraça a mulher, um embrulho choramingando nos braços, um afago à menina.

— Vou com você.

— Não. Você prometeu, lembra?

Arrasta-me na direção da escada:

— Se eu não voltar, leve-os daqui, acho que não vão mexer com eles, mas não quero expô-los a riscos. Prometa que cuidará deles.

É difícil abandoná-lo assim, à própria sorte, é algo que não se deve fazer mais.

— Está bem, mas tome cuidado.

Aperta a minha mão com força, com um meio sorriso. Solto a adaga do cinto:

— Pegue!

— Não, é melhor não dar-lhes uma desculpa para matar-me feito cão.

Já está subindo a escada.

Viro-me, a mulher dele está ali, sem uma lágrima, o filho no colo. Penso novamente em Otilie, a mesma força no olhar. É assim que eu lembrava das mulheres dos camponeses.

— Seu marido é um grande homem. Ele vai conseguir.



Voltam três. Um deles é Denck. Eu sabia que a velha raposa não se deixaria enfiar no saco. Conseguiu recuperar mais dois irmãos.

Foram horas infindas, fechados aqui embaixo, com uma tênue luz filtrando por uma fresta.

Ela o abraça, sufocando um choro de alívio. No olhar de Denck, a determinação de quem sabe que não pode perder um instante.

— Mulher, ouça! Eles não têm nada contra vocês, você e as crianças estarão seguros nesta casa e assim que as águas acalmarem, poderão sair. Seria certamente mais perigoso tentar uma fuga, porque os soldados estão vigiando todos os portões da cidade. A

mulher de Dachser estará com você. Encontrarei um meio de escrever-lhe.

— Aonde você vai?

— Para Basiléia. É o único lugar onde a cabeça ainda não corre risco. Você irá ao meu encontro com as crianças, assim que passar o pior, é questão de alguns meses. — Dirige-se a mim: — Amigo meu, não os abandone agora, mantenha-se fiel à palavra: eles não conhecem o seu nome, nem o seu rosto.

Concordo, quase sem perceber.

— Obrigado. Serei grato por toda a vida.

Reajo atordoado com a pressa dele:

— Como pretende sair da cidade?

Indica um dos dois companheiros:

— A horta da casa de Karl é encostada à muralha. Com uma escada e aproveitando da escuridão, podemos conseguir. Teremos que correr a noite toda pelos campos. Encontrarei uma forma de fazer com que saibam que cheguei são e salvo em Basiléia.

Beija a filha e o pequeno Nathan. Abraça a mulher, à qual sussurra alguma coisa: uma força incrível ainda a impede de chorar.

Acompanho-o até à escada.

Uma última despedida:

— Que Deus o proteja!

— Que ilumine o seu caminho, nesta noite escura.

A sombra dele sobe rapidamente, atendendo ao chamado dos coirmãos.

## Capítulo 10

Antuérpia, 4 de maio de 1538

— Nunca mais o vi. Disseram-me, muito tempo depois, que havia morrido de peste em Basiléia, no fim daquele ano.

A garganta quer fechar-se novamente, mas o tempo abrandou a tristeza também.

— E a família dele?

— Foi acolhida na casa do confrade Jacob Dachser. Hut foi preso em 15 de setembro, ainda me lembro. Confessou a amizade com Müntzer só depois de muita tortura. Morreu de um modo estúpido, assim como estupidamente vivera. Tentou a fuga incendiando a cela onde estava aprisionado, para que os guardas viessem abri-la. Ninguém o socorreu: morreu asfixiado pela fumaça que ele próprio havia provocado. Leupold, o mais moderado dos coirmãos, revelou-se o mais firme: nunca confessou nem se retratou. Tiveram que soltá-lo, foi banido da cidade com toda a facção: eu consegui agregar-me a eles. Deixei Augsburg em dezembro de 1527, para nunca mais voltar.

Elói é um perfil escuro na cadeira do outro lado da grande escrivaninha de abeto:

— Para onde você foi, então?

— Em Augsburg ficara sabendo que um velho companheiro de estudos vivia em Estrasburgo. Martin Borrhaus era o nome dele, chamado Celário. Há cinco anos eu não o via e ele não tinha notícias minhas. Quando lhe escrevi pedindo ajuda, soube revelar-se um verdadeiro amigo. — O copo está cheio outra vez, vai me ajudar a lembrar, ou me embebedará, não tem importância.

- Assim você foi para Estrasburgo?
- Sim, ao paraíso dos batistas.

## Capítulo 11

Estrasburgo, Alsácia, 3 de dezembro de 1527

O porteiro, com passadas rápidas, me conduz ao longo daquelas paredes. Um após outro, desfilam amplos cômodos, onde cruzam os olhares dos personagens retratados em tela e tapetes, e ornamentos de todo tipo e material recobrem a madeira brilhante e o mármore de móveis preciosos.

Sou convidado a sentar-me em um sofá no meio de duas grandes janelas. As cortinas escondem levemente os majestosos esqueletos das tílias do parque. O porteiro, de botinhas pretas, vai à frente, bate e apresenta-se a uma porta. A voz de um menino repete sons estranhos que eu lembro ter aprendido de cor, nos anos de estudo das línguas antigas.

— Senhor, chegou a visita que esperava.

A resposta é uma cadeira que chia deslizando sobre o piso e uma voz gentil e apressada que interrompe aquela do estudante:

— Bom, muito bom. Agora vou sair por um instante: enquanto isso, repasse os paradigmas de *eurisco* e *guinhosco*, está bem?

Pára, logo atrás da porta, uma entrada de ator consumado:

— Em um lugar e em um tempo melhores, não é assim?

— É o que espero, amigo meu.

Martin Borrhaus, chamado Celário, é um daqueles que nunca teria pensado em reencontrar. Chegara-me a notícia de sua atuação como preceptor dos filhos de um nobre, e tinha certeza que os nossos caminhos haviam-se afastado demais.

Ele, de outro lado, assegura que sempre pensou em rever-me e, desde quando está em Estrasburgo, que o nosso encontro seria aqui. Diz que os estudantes que haviam lotado as aulas de Wittenberg alimentando mais simpatia por Karlstadt que por Lutero e Melâncton, foram para a Alsácia. O próprio Karlstadt fez isso.

Fala de Estrasburgo com entusiasmo, enquanto passamos ao lado do canteiro da Catedral, dirigindo-nos ao meu futuro alojamento. Ele a descreve como uma cidade onde ninguém é perseguido por causa das próprias convicções, e onde a heresia é até motivo de interesse e discussões, nas lojas e nos salões, desde que fundamentada em argumentações brilhantes e em conduta moral irrepreensível.

Uma carroça com blocos de arenito avança com dificuldade sobre o calçamento da praça. A igreja de Nossa Senhora possui o campanário mais alto e imponente que já tive a oportunidade de ver. Está no lado esquerdo da fachada e, daqui a alguns anos, o gêmeo da direita duplicará a grandiosidade deste extraordinário edifício.

— Os tipógrafos — explica-me Celário. — Não têm nenhum problema em publicar textos escaldantes. Chamam este privilégio, em relação aos colegas de outras regiões, “a bênção de Gutenberg”, porque foi exatamente aqui que o pai da impressão abriu a sua primeira loja.

— Gostaria de visitá-la, se possível.

— Certamente, mas antes precisamos ocupar-nos de assuntos mais importantes. Esta noite você conhecerá a sua mulher.

— Minha mulher? — pergunto divertido. — Sou casado e ninguém me avisou!

— Úrsula Jost, a jovem que está virando a cabeça de meia Estrasburgo. Você, Lienhard Jost, é o marido dela.

— De acordo, amigo, vamos por ordem. Sou feliz em saber que é uma bela senhora, mas, antes de mais nada, quem é este Lienhard Jost?

— Você escreveu que queria ficar tranquilo, mudar de nome, tornar-se praticamente impossível de localizar? Confie em Martin Borrhaus, agora sou perito neste gênero. Estrasburgo está cheia de gente querendo apagar o rastro. Aliás, Lienhard Jost nunca existiu, e isto facilita as coisas. Nem Úrsula é casada, mesmo tendo declarado ser, desde que chegou.

— E porquê, se é que posso perguntar?

— Por muitas razões — responde Celário com o mesmo tom que assumia, em Wittenberg, quando me explicava a teologia de Santo Agostinho. — Na cidade, uma mulher que viaja sozinha chama mais atenção que uma bruxa, e ela prefere não expor-se demais: nem sei se Úrsula é o verdadeiro nome dela. E ainda mais, desde o início o nobre que a hospeda lhe dedica demasiada atenção...

— ... E falando-lhe do marido Lienhard, que viria mais cedo ou mais tarde, esfriou-lhe as ideias, imagino. — Rio. Rever este velho amigo me deixa realmente de bom humor. — Bom. Há mais alguma coisa que eu precise saber?

O sol filtra através das nuvens escuras. Um raio de luz risca o fundo acinzentado e acende o rosto de Celário:

— Procurei falar pouco a seu respeito. Você foi meu colega na universidade de Wittenberg. Tinha alguns negócios para resolver e só agora chega para encontrar a sua mulher, que veio até aqui falar com o Enguia.

Celário fala das duas figuras religiosas mais importantes da cidade, Bucerus e Enguia, personagens decididamente tolerantes, amantes das disputas teológicas e mais perto de Zwinglio que de Lutero. Diz que os conhecerei logo, quem sabe ainda esta noite, na ceia oferecida pelo meu futuro hospedeiro.

## Capítulo 12

Estrasburgo, 3 de dezembro de 1527

É no jardim da grande casa de messer Weiss. De trás de uma coluna, sem deixar que me veja, percorro o seu perfil delgado, a massa dos cabelos que mantém soltos, os dedos finos na beira da fonte.

Um gato esfrega-se em sua saia. As carícias parecem gestos repetidos de um ritual e as palavras murmuradas aquelas de uma fórmula mágica: há algo estranho em seus movimentos, uma casualidade improvável e fascinante.

Saio para a luz que vem do alto, mas atrás dela, para que não me veja. Enquanto me aproximo, sinto o cheiro acre de mulher, aquele misto inebriante de lavanda e humores, aquela encruzilhada entre a terra e o céu, o inferno e o paraíso, que em um instante nos faz sentir perdidos e depois nos ressurgir. Encho as narinas e a observo de perto.

Uma voz tépida:

— É o menstruo que o embriaga, homem?

Vira-se lentamente, olhos negros luminosos.

Atônito:

— O seu cheiro...

— É o cheiro das partes baixas: a terra recém removida, os humores do corpo, o sangue, a melancolia.

Coloco a mão na água fria da fonte. Os olhos dela atraem o olhar; a boca é uma estranha curva no rosto oval.

— A melancolia?

Olha o gato:

— Sim, Já viu a obra do mestre Dürer?

— Vi o *Imitatio Christi*, o ciclo sobre o Apocalipse...

— Mas não o anjo melancólico. Senão saberia que é uma mulher.

— Como?

— Tem traços femininos. A melancolia é mulher.

Estou confuso, sob a roupa, difunde-se o prurido.

Observo o perfil afiado:

— Seria você?

Ri, os arrepios percorrem a minha espinha:

— Talvez. Mas a mulher que existe em você também. Eu conheci mestre Dührer, posei para ele, uma vez. É um homem triste. Assustado.

— Por quê?

— Pelo fim, como todos. E você, sente medo?

É uma pergunta sincera, curiosa. Penso em Frankenhäusen.

— Sinto. Mas ainda estou vivo.

Os olhos dela riem, como se esperasse esta resposta há anos.

— Você viu sangue derramando?

— Demais.

Séria:

— O sangue impressiona os homens, por isso eles fazem a guerra, tentam esconjurar o terror. As mulheres não, veem escorrer o próprio cada vez que muda e lua.

Permanecemos calados, olhando-nos, como se essa frase tivesse sancionado o silêncio com uma sabedoria sagrada.

Depois:

— Você é Úrsula Jost.

— E você seria Lienhard Jost?

— Seu marido.

O mesmo silêncio, ratificando a aliança dos fugitivos. Procura os detalhes do meu rosto. A mão dela escorrega sob a saia, depois para o meu pulso, marcado pela velha cicatriz, que o dedo dela percorre e tinge do vermelho do sangue.

Sinto que empalideço, uma onda de suor frio espalha-se sob a camisa, junto com o desejo repentino de tocá-la.

— Sim. Meu marido.

## Capítulo 13

Antuérpia, 5 de maio de 1538

— A cidade era tranquila, Michael Weiss, o meu hospedeiro, generoso, e minha *mulher*, estupenda. E, para variar, eu tinha um novo nome. A minha dívida com Martin era maior de quanto poderia dar-lhe em troca. O círculo de doutores que o bom Celário frequentava ostentava personagens realmente fora do comum, em uma época de repressão como aquela. Eles tinham vontade de discutir.

“Wofgang Fabricius, chamado Enguia, era o que mais despertava a minha curiosidade. Mesmo confessando-se fervoroso seguidor de Lutero, dedicava uma certa atenção aos que começavam a ser denominados Anabatistas, e parecia querer incluí-los na cristandade reformada. Questionou-me sobre muito assuntos, com uma curiosidade que parecia sincera. Tinha lido os textos de Denck, que haviam despertado a sua admiração. Não deixei transparecer que tinha conhecido aquele canalha, mas foi divertido testar a tolerância dele com alguma saída corajosa.

“Conheci também Otto Brunfels, o botânico, perito em propriedades medicinais das plantas, que estava compilando um herbário universal e interessava-se do mundo natural. Não consegui arrancar-lhe muitas informações quanto à fé dele, mas intui que devia ter simpatizado com os camponeses, na época da revolta. Era um moderado, contrário à violência, cheio de sentimentos de culpa quanto ao resultado da insurreição. Um dia, em que a nossa confiança recíproca deve ter-lhe parecido sólida, deixou-me ler algumas anotações para uma obra que estava escrevendo, na qual

afirmava que eram tempos em que os verdadeiros cristãos, como na época de Nero, faziam melhor escondendo os próprios ritos nas catacumbas da alma, dissimulando a fé e fingindo o consenso, à espera da vinda do Senhor. Essa religiosidade peculiar de vez em quando me fazia rir, mas era interessante discutir com ele.

“O mais chato era Martin Bucerus. Encontrei-o uma só vez, na casa do Enguia: um homem obscuro e sério aterrorizado pela ruína dos tempos. Relutante à vida.

“Era uma cidade mundana. Estrasburgo, culta e, ao mesmo tempo, pacífica e separada do ódio que amadurecia fora das muralhas.”

Elói serve-me água, para que eu possa prosseguir. Não abre boca, sorve toda palavra silencioso, os olhos brilham na sombra, como aqueles de um gato.

— Úrsula era uma mulher estanha, enfeitada. Cabelos negros, nariz afilado, rosto duro e, ao mesmo tempo, sensual. Não conseguimos fingir por muito tempo: a paixão tomou as nossas mãos, extasiando-nos desde o início. Ela também não tinha história, eu não sabia de onde vinha, o acento dela não sugeria nada, e nem quis saber, era assim, simples. Aproximava-se sorradeira, insinuante e calada como um felino, encostava os seios às minhas costas e eu percebia o desejo dela. O que nos estreitava era aquela incerteza, aquele não saber. Em outro lugar, tudo teria sido diferente, tudo.

— Você a amou? — A voz dele está rouca.

— Creio que sim. Como amamos quando não temos mais passado e só um eterno presente sem promessas. Deus já não participava de nossas vidas: estavam profundamente marcadas, talvez ela também carregasse a lembrança de uma catástrofe, de uma infelicidade desmedida e já tivesse morrido uma vez. Frequentemente, à noite, depois de um amplexo, tinha a impressão de ler nos olhos dela aquele mal. Sim, nos amamos de verdade. Era a única pessoa a quem confiava todas as impressões sobre o círculo de pessoas que eu frequentava durante o dia. Ela não dizia nada, ouvia com atenção e, de repente, lacrava com uma frase lapidária o meu julgamento incerto, uma frase com a qual, após um instante, eu concordava plenamente. Era como se ela lesse o meu pensamento e

raciocinasse com maior rapidez. Tenho certeza que era isso. Ela não possuía a coragem raivosa de Otilie, mesmo se às vezes em seu desdém eu reconhecia a preocupação daquela grande fêmea, a mulher do meu mestre. Era diferente, mas igualmente extraordinária, uma daquelas criaturas que fazem com que você agradeça a Deus por ter-lhe concedido pisar a terra ao lado delas.

Olho o crepúsculo que invade o escritório e reconstituo aquele corpo sinuoso:

— Desde o primeiro instante sabíamos. Um dia despertaríamos em outro lugar, distantes, sem um motivo necessário, seguindo o curso tortuoso das nossas vidas. Úrsula foi uma estação, uma quinta estação do espírito, meia outono e meia primavera.

## Capítulo 14

Antuérpia, 6 de maio de 1538

O novo cinzel funciona muito bem. Balthasar não perdeu tempo: esta manhã ele deixou um para mim sobre a mesa do escritório. A ponta extrai fios anelados de madeira da mesma forma que uma colher tira a manteiga, enquanto o olhar incrédulo de Elói acompanha toda batida do martelinho, toda lasca que cai ao chão, todo detalhe da Catedral de Estrasburgo, que já aparece em relevo na tábua.

— É realmente notável — comenta encrespando os lábios. — Onde aprendeu a usar tão bem as mãos?

— Custei mais a adestrar-me com a espada que com isto — respondo levantando a ferramenta afiada. — Foi em Estrasburgo. Trabalhava em uma gráfica da cidade como operário compositor. Havia um fulano que fazia as ilustrações para os livros. Nas pausas largava as placas e o buril e pegava o formão: fez um retrato de cada um de nós, que nos deu em dez cópias. Ele repetia: o que é belo, nunca deve ser único. Ele me ensinou a entalhar a madeira.

Observa o desenho por um instante, depois marca a data em um canto:

— Há muito tempo você tinha interrompido o seu passatempo.

Encolho os ombros:

— Sabe, eu estava sempre andando. Mantinha-me treinado esculpindo umas estatuetas que depois dava às crianças. Em Münster eu até tinha retomado. Depois, bom — um sorriso cobre a desculpa —, perdi as ferramentas em algum lugar.

Elói sai e reaparece com a garrafa de licor de sempre. Já sei o que significa. Oferece-me o copo cheio:

— Não sabia que você tinha um ofício, em Estrasburgo.

— Graças a Celário. As lojas dos tipógrafos sempre me atraíram. Os livros despertam um fascínio especial.

O cinzel levanta algumas lascas. Agora precisa usar a faquinha para os detalhes menores. Elói pára e segue as fases do trabalho, depois retoma a fala:

— Deixe-me entender, em Estrasburgo você tinha encontrado uma certa tranquilidade, um amigo carinhoso, uma mulher cheia de vida, um ofício. Porque não ficou lá?

Fito-o nos olhos, falando lentamente:

— Já ouviu falar em Melchior Hofmann?

Desta vez, ele está incrédulo:

— Não vai me dizer que conheceu ele também!?

Concordo com a cabeça, em silêncio, sorrindo por causa da reação dele:

— Pode-se dizer que ele tenha sido simplesmente a causa final da minha partida. Naquela época já tinha acontecido muita coisa.

Percebo que já sinto prazer em contar. Gosto de criar suspense, interesse. Elói deve ter percebido a mudança. De vez em quando ele me dá corda; outras, como neste caso, permanece em silêncio e espera que eu retome.

— Úrsula, com o passar dos meses, tornava-se sempre mais impaciente em relação à atmosfera que reinava na cidade. Repetia-me que em Estrasburgo vivia muita gente com ideias inovadoras e brilhantes, mas a única coisa que a fazia diferente das outras cidades alemãs, era a possibilidade de expressar aquelas ideias com vestimenta culta e refinada. O grito de batalha dela tornou-se “Em Estrasburgo a heresia é viver”.

Desvio os olhos do finíssimo entalhe do rosetão da Catedral. Elói escuta com o queixo apoiado ao dorso da mão. O prazer do passatempo reencontrado solta as palavras mais que o licor:

— Ela circulava pelas praças dando espetáculo, especialmente de danças consideradas sensuais ou grosseiras, tocando alaúde e cantando modinhas da gente de rua. Envolveu-me também.

Elói ri com prazer. Apoia o copo sobre a mesa.

— Ouvi você cantando alguma coisa enquanto erguia a cerca da horta. Se a finalidade de vocês era deixar as pessoas mais nervosas, Úrsula fez bem em engajá-lo.

— Não, nada de canto, por caridade! Comecei trabalhando como

pedreiro. A primeira ideia que tivemos foi entrar à noite na igreja e levantar um muro de tijolos diante da escadaria do púlpito. Escreveríamos também uma frase de Celário: “Ninguém pode falar-me de Deus melhor que o meu coração.”

Enquanto isso, o licor começava a fazer efeito. O cinzel escapa mais de uma vez da marcação, até que arranco um pedaço do campanário. Vou ter que colá-lo.

— Mas a melhor de todas, foi com certeza a brincadeira que fizemos com a Madame Coração bondoso Carlota Hasel. Preciso dizer que Carlota Hasel era uma das muitas damas da cidade que haviam armado em casa uma mesa para os pobres e os vagabundos. Ela os fazia orar e comer, beber e cantar salmos.

— Conheço o gênero, infelizmente.

— Úrsula não podia nem ouvir falar nela. Odiava-a. Daquela forma especial que só uma mulher pode odiar outra. Por outro lado, Madame Coração bondoso tinha a enfadonha característica de pensar que os pobres são santos. O mote dela era: “Dê-lhes pão, e eles louvarão a Deus”. Úrsula não era da mesma opinião. Dizia que os que não têm nada, depois de encherem o estômago, pensam em algo bem diferente que rezar: beber, copular, divertir-se, viver. Digamos que, na comprovação, a teoria dela revelou-se muito mais acertada.

— Que comprovação?

— A orgia colossal que promovemos no salão da casa Hasel.

— O que eu não daria para participar da demonstração do teorema! — exclama Elói, alegremente. — Não vejo, todavia, a ligação entre esta história e Melchior Hofmann.

Um instante de concentração para o último toque. Sopro a serragem e levanto a tábua até à altura dos olhos. Perfeita.

— Você vai achar difícil acreditar, meu amigo: no fim, Melchior o Visionário também é um dos espetáculos da afirmada companhia teatral Lienhard e Úrsula Jost.

## Capítulo 15

Antuérpia, 6 de maio de 1538

— Não estamos mais na época dos pregadores do apocalipse. O último foi degolado em Vilvoorde diante dos meus olhos há um mês. Mas nestes dez anos conheci muitos deles, em cada esquina, em todo prostíbulo, nas igrejas mais longínquas. Minha peregrinação é tão pontilhada destes encontros, que poderia até escrever um tratado. Alguns não eram nada mais que charlatães e atores, outros acreditavam no próprio sincero terror, mas muito poucos tinham a essência do profeta, a genialidade, a inspiração, a coragem de reproduzir na alma dos homens o grande afresco de João. Era gente com condições de escolher as palavras certas, de entender as situações, a gravidade dos momentos e de virá-las para a espera do acontecimento iminente, aliás já presente. Loucos, sim, mas também habilidosos. Não sei se Deus ou Satanás sugeriam as palavras e as visões deles, mas não importa. Não fazia diferença naquele momento, e muito menos agora. Em Frankenhäusen aprendi a não esperar por nenhum exército de anjos: nenhum Deus teria descido para ajudar os miseráveis. Tinham que arranjar-se por conta própria. E os profetas do Reino ainda eram os que podiam animá-los, dar-lhes uma esperança pela qual combater, a ideia que a situação não seria sempre assim.

— Quer dizer que você recomeçou a luta?

Elói parece surpreso. Tomo água para limpar a garganta.

— Não sabia o que fazer. Úrsula e eu começamos a odiar aqueles teólogos que falavam, falavam, assumiam a postura de grandes pensadores da cristandade, discutindo sobre a missa e a eucaristia,

nos ricos salões de Estrasburgo. A tolerância deles era um luxo para os abastados, que nunca passariam da concessão de um prato de sopa aos pobres. Aqueles negociantes ensebados podiam dar-se ao luxo de manter aquela camarilha de doutores e até coadjuvar na generosidade em relação aos hereges, porque eram ricos. A riqueza assegurava a fama de Estrasburgo. Aquela fama é que fazia afluir para lá literatos e estudantes.

Sorriso:

— Eles assustaram, assustaram mesmo, quando os fizemos entender que os pobres, os humildes que eles ajudariam com alguma abundante esmola para apaziguar a própria consciência de mercadores, aspiravam roubar a bolsa deles e, quem sabe, até cortar aquelas belas gargantas alvas. Não precisou esperar muito tempo para que o Enguia e o Bucero respondessem às nossas provocações, introduzindo sutis distinções entre batistas “pacíficos” e batistas “revoltados”. Nós estávamos claramente incluídos na segunda categoria.

Elói sorri atravessado, talvez pensando na Antuérpia dele, mas não me interrompe.

— Não se tratava de recomeçar uma guerra perdida. Teria sido estúpido. Mas Úrsula regenerou-me, como se de seu ventre eu tivesse nascido pela segunda vez. Queríamos esticar a corda, exasperar a filantropia hipócrita daquela gente até que ela se revelasse como aquilo que realmente era: um grupo de ricos ligados ao ouro, fantasiados de piedosos cristãos. Foi uma das épocas mais despreocupadas da minha vida.

Paro para respirar, talvez esperando uma pergunta para retomar o fio do discurso. Elói me oferece a oportunidade :

— Quanto tempo durou?

Um esforço para a memória :

— Mais ou menos um ano. Na primavera do 29 chegou em Estrasburgo o homem que teria dado início à minha viagem. Agora apodrece na prisão daquela cidade: cometeu o erro fatal de recolocar o pé lá, depois do que tinha aprontado.

— Melchior Hofmann.

— E quem, senão ele? Um dos mais estranhos profetas que já encontrei, bem único no gênero, que em loucura e oratória só perderia para o grande Matthys.

— Sou todo ouvidos.

Bebo mais e retomo aquela expressão ausente :

— Hoffman atuava no ramo de peles. Um dia foi “fulgurado no caminho para Damasco” e começou a pregar. Tinha cortejado Lutero até conseguir dele uma recomendação escrita para as comunidades do Norte. Aquela assinatura abriu-lhe as portas dos países bálticos e da Escandinávia, assegurando-lhe notoriedade e também um certo séquito. Tinha vagado muito pelo Norte. Até que um dia convenceu-se que o reino dos santos e de Cristo já estava chegando e começou a pregar o arrependimento e o abandono de todos os bens terrestres. Passou muito tempo antes que Lutero o renegasse. Contou-me que o haviam expulsado da Dinamarca com a promessa que se pusesse o pé novamente lá, afixariam a cabeça dele no poste. Era mesmo um louco genial. Tinha conhecido o bom velho Karlstadt, de cuja aversão à violência partilhava plenamente. Chegou em Estrasburgo convicto que era o profeta Elias, à procura do martírio que confirmasse a aproximação do advento do Senhor. Apaixonou-se logo pelos Anabatistas locais e conseguiu a inimizade de todos os reformadores luteranos, antes Bucero, depois o Enguia e todos os outros.

“Úrsula e eu entendemos imediatamente que ele era o tipo que procurávamos para explodir a cidade. Ele chegou até nós espontaneamente, sem precisar acertar nada: durante uma ceia improvisamos umas revelações perturbadoras, Úrsula ficou tão excitada, ao ponto de atingir o êxtase diante dos olhos dele, enquanto eu contava como os ricos e os poderosos seriam varridos pela fúria do Senhor. Nas semanas seguintes lhe relatamos as nossas visões passo a passo, e ele não perdeu uma só palavra. Depois que tudo ficou pronto, encontrei uma maneira de mandar imprimir o que ele tinha escrito: dois tratados com as profecias de Úrsula e as minhas. Começou a falar ao povo na praça principal. Uns cuspiram na cara dele, outros tentaram agredi-lo, outros ainda tentaram assaltar um banco de penhores para distribuir os bens aos pobres. Quando os textos foram difundidos pelos livreiros, Bucero tentou fazer com que o aprisionassem. Foram dias de confusão. O ano era quente, o sangue fervia em minhas veias, sentia que a corda estava por romper.

“E assim foi, no início do ano 30, se bem lembro: Hofmann pediu para ser batizado novamente e pregou pela última vez, proclamando a iminência do reino de Cristo, denunciando o apego aos bens terrestres e pedindo uma igreja da cidade para uso dos Anabatistas. Foi a gota que transbordou a água do jarro. Bucero

pressionou muito o Conselho, pedindo a expulsão dele da cidade. Na Páscoa, recebeu a intimação para deixar Estrasburgo. Se ele não tivesse obedecido, todas as calças de lá teriam sujado.

“Para mim também o clima já estava pesado. Celário já não podia proteger-nos da ira de Bucero e Enguia: ele foi sincero comigo, ciente que me perderia novamente e desta vez, quem sabe, para sempre. Era o destino que eu tinha escolhido, o velho Martin não podia fazer nada. Abracei-o mais uma vez na despedida, como dois anos antes em Wittenberg, para ir à procura de um mestre e de uma nova sorte. Velho amigo, quem sabe onde estará: ainda em Estrasburgo ou em alguma universidade nova, discutindo teologia.”

Encolho os ombros e afasto a tristeza. Elói, muito interessado, quer saber como acabou.

— Tinha decidido acompanhar o Hofmann. Em Emden, na Frísia oriental. O Sul da Alemanha já era uma partida perdida, uma terra desolada que eu deixava com prazer aos lobos e a Lutero. Muitos haviam sido expulsos dos Países Baixos, por causa da fé que professavam: gente nova, muito menos agarrada ao saio de Lutero que aquela de Estrasburgo. Havia fermento, era o lugar onde os fatos podiam acontecer. Possuía o cavalo certo: o meu Elias da Suábia que profetizava o advento iminente de Cristo e pregava contra os ricos. Era um salvo-conduto um pouco difícil de administrar, mas bem entusiasmado para conseguir o sucesso.

— E Úrsula ?

Um instante de silêncio faz com ele se arrependa da pergunta, mas é tarde. Sorriu ainda pensando naquela mulher.

— A estação passou. É preciso abrir passagem ao novo ano.

## Capítulo 16

Estrasburgo, 16 de abril de 1530

Explodo dentro dela, sem conseguir reter o grito que se mistura ao que ela solta. O prazer sacode o corpo até torcer-me como um ramo seco no fogo. Desce sobre mim, orvalhada, a onda negra de cabelos que me envolve, o cheiro dos humores na boca, nas mãos, o seio encostado ao peito. Deita ao lado, branca e linda, sinto respiração relaxando. Pega a minha mão, um pedido que aprendi a atender, apoia-a entre as coxas, para que acolha delicadamente e por completo o sexo que ainda se contrai. Úrsula é algo que nunca mais experimentarei: É Melancolia, um corte na alma e na carne.

As vigas do teto colhem o olhar imóvel. Não preciso dizer-lhe nada, agora ela sabe tudo, de forma mais clara e límpida que eu.

— Decidiu partir com ele.

— Para Emden, ao Norte. Hofmann diz que lá se reúnem os fugitivos da Holanda. Prepararam-se grandes feitos.

Vira para o meu lado, concedendo-me os olhos brilhantes :

— Algo que valha a pena de morrer ?

— Algo que valha a pena de viver.

O indicador dela percorre o meu perfil torto, a barba vermelha, desce para o peito, pára na cicatriz, depois na barriga.

— Você viverá.

Olho-a.

— Você não é como Hofmann: não espera nada. Seus olhos contêm uma derrota, desesperada, mas não é a resignação que o aflige. É a morte. Uma vez você já escolheu a vida.

Concordo calado, esperando que me surpreenda mais.

Sorri :

— Cada ser segue o próprio destino no ciclo do mundo: o seu é viver.

— Devo isso a você também.

— Mas sabe que eu não irei.

É tristeza ou emoção, as palavras faltam.

Suspira tranquila.

— Melancolia. É como o meu marido me chamava. Era um médico, homem muito culto, que também amava a vida, mas não como você, amava os segredos dela, queria colher o mistério da natureza, das pedras, das estrelas. Por esta razão morreu na fogueira. Uma mulher fiel, quem sabe, o teria seguido. Eu fugi: escolhi sobreviver. — Acaricia o meu rosto. — Você também. Seguirá a sua estrela.

## Capítulo 17

Antuérpia, 10 de maio de 1538

A horta está pronta. Todos elogiam. Ninguém faz perguntas; quem eu sou na verdade, o que fiz antes de aparecer aqui... Sou um deles: um irmão entre os outros.

Magda, a filha de Kathleen, continua oferecendo-me presentes: Balthasar pergunta como estou, no mínimo duas vezes ao dia, como a um doente em convalescença.

— Ainda estou vivo — digo para diverti-lo. É um bom homem, o velho anabatista: acho que a função dele é conseguir compradores para os manufaturados daqui, e parece ser bem sucedido.

Eu também não pergunto nada, aprendo dia a dia, investigo o segredo desta gente.

Perguntei a Kathleen sobre o pai da menina. Disse que embarcou há dois anos, depois mais nada. Naufragado, abandonado em alguma ilha hostil, ou vivo e viçoso em um palácio de ouro e diamantes, nos reinos das Índias. A mesma sorte que eu procurava antes de encontrar estes homens e estas mulheres.

Elói me persegue gentilmente, quer a continuação da história; é claro, quer ouvir sobre Münster. A Cidade da Loucura tem o fascínio do fantástico, é o arrepio que aquele nome desperta ainda, mas que já foi um terremoto. Ele já perguntou tudo a Balthasar, mas eu percorro aquele caminho até o fim: Gert do Poço foi um herói. O lugar-tenente do grande Matthys, o melhor nas ações de represália, na depredação do acampamento do bispo, na pregação de folhetos e da mensagem dos batistas: Balthasar deve ter contado isso também.

Sim, Gerrit Boekbinder temperou o ferro com as próprias mãos.

E um dia, sem dizer nada, foi embora, cansado, triste, ciente de repente do abismo de horror que se abria sob a Nova Jerusalém.

Gert pensa nos juízes crianças, de indicadores levantados. Lembra dos mortos de fome arrastando-se como larvas brancas sobre a neve. Sente novamente as pontadas do jejum e o alívio daquele último impulso, para o outro lado da muralha, para a iniquidade do mundo, mas longe do delírio onipotente e sanguinário.

Mas, lá fora, Elói Pruystinck não estava à espera dele de braços abertos, só havia mais sangue e novas visões de glória e de morte. Gert caiu novamente, recrutado para a Última Batalha, com a insígnia dos escolhidos marcada a fogo no braço. Gert viu outra vez a mesma bandeira consumida desfraldando atrás de Batenburg o Terrível e não pôde parar. Gert apaixonou-se por aquele sangue e prosseguiu, prosseguiu.

Prosseguiu.

Elói está com aquela expressão atenta que já conheço; despeja um gole para ambos, isto facilita a narração.

Retomo a meada das recordações :

— Partimos para o Norte, Hofmann e eu, ao longo do Reno, em uma embarcação de mercadores. Passamos por Worms, Mogúncia, Colônia, para cima até Arnhem. Tinha conseguido impor o silêncio ao meu companheiro de viagem até chegarmos à Frísia: não queria expor-me a uma detenção ao longo do caminho. Foi difícil, mas manteve a palavra. Deixando o curso do Reno, prosseguimos a pé e cavalgando mulas, sempre para o Norte. Deslocávamo-nos de um lugarejo para o outro, perto da fronteira dos Países Baixos, para os campos da Frísia oriental. Hofmann já tinha andado por aquelas terras em longas pregações itinerantes e, desta vez também, não deixou de instruir os camponeses quanto à escolha obrigatória que a época exigia de todo cristão: seguir o Cristo em Seu exemplo de vida. Batizava todos novamente, como se fosse um novo João.

“Ao mesmo tempo, falava da situação de Emden, a nossa próxima meta. Muitos fugitivos estavam naquela cidade, ainda mais Sacramentistas holandeses, como ele os chamava, que já não aceitavam os sacramentos da Igreja de Roma e não acreditavam na transubstanciação. Isto, ele explicava, os situava além das posições

de Lutero, abrindo-os para a lúcida promessa do milênio. Ele os descrevia como cães soltos à espera de um profeta que lhes levasse a mensagem de esperança e a luz da fé renovada. Definia aquela viagem “o nosso deserto”, que nos temperaria colocando à prova a nossa fé e aperfeiçoando a justificação do Senhor, através da obediência absoluta a Cristo. Eu o acompanhava, sem tentar subtrair-me do fascínio que as palavras dele conseguiam exercer nos humildes: admirava aquela força. Nunca lhe disse que havia combatido ao lado de Thomas Müntzer: a aversão dele à violência me impediu. Ele costumava reservar para mim uma frase lapidária, toda vez que o provocava acenando à possibilidade de Cristo convocar um exército de escolhidos para exterminar os ímpios: ‘Quem usa a espada, morrerá pela espada’.

“Chegamos a Emden em junho. Era uma pequena cidade fria, uma escala para os navios mercantis entre Hamburgo e as cidades holandesas. A comunidade de estrangeiros era numerosa, como Hofmann havia dito. O príncipe regente, o conde Ênio II, deixava que as ideias dos reformadores da Igreja seguissem o próprio curso, sem opor-se de modo algum. O meu Elias começou a pregar pelas ruas desde o primeiro dia, atraindo a atenção de todos. Resultou evidente que os outros pregadores não poderiam competir com ele, seriam sorvidos em um gole só. Depois de poucas semanas, ele tinha batizado novamente umas trezentas pessoas e estava em condições de fundar uma comunidade que acolhia os descontentes das mais variadas proveniências e condições. Eles eram, na maioria, dissidentes da Igreja papista e insatisfeitos da luterana, que mesmo sem padres e bispos, já possuía uma hierarquia de teólogos e doutores não muito diferente daquela que pretendia abolir.

“A reputação de Anabatistas nos atingiu quase imediatamente, assustando sobremaneira as autoridades locais.

“Os eventos giravam ao meu redor, sentia a terra fremir debaixo dos pés e uma estranha sensação no ar. Não, não havia sido contagiado pelo meu companheiro de viagem: era a incumbência dos acontecimentos, o chamamento da vida que Úrsula havia comentado. Foi por isso que decidi abandonar Hofmann ao próprio destino de pregador e seguir o meu caminho. Um caminho que me levaria a outro lugar, para o meio da tempestade. Impossível dizer se eu guiava a minha existência para um limite a ser superado, ou se era a agitação que me arrastava consigo.

“As autoridades de Emden expulsaram Hofmann como instigador indesejável. Ele disse que sairia de lá, onde sua tarefa já estava concluída, para voltar a escrever. Confiou a gestão da nova comunidade a um certo Jan Volkertsz, chamado Trijpmaker porque era fabricante de tamancos de madeira. Esse holandês de Hoorn não era grande orador, mas conhecia a Bíblia e possuía as características e altivez do seu inspirador. Despedi-me do velho Melchior Hofmann no portão da cidade, enquanto o escoltavam para fora do território de Emden. Sorria, ingênuo e confiante como sempre, assegurando-me em voz baixa que o Dia do Juízo Universal chegaria dentro de três anos. Eu também lhe concedi um último sorriso. E assim lembro dele, uma saudação ao longe, enquanto caracolava além da minha visão montado em uma mula magra.”



Ainda não sei bem o que Elói procura. Permanece calado do outro lado da mesa, arrebatado pela história, quem sabe de boca aberta, na penumbra que me impede de ver o seu rosto claramente.

Eu prossigo, decidido que chegarei até o fim e o surpreenderei em cada página desta crônica não escrita.

— Tornaria a ver Melchior Hofmann dois anos depois, quando estive na Holanda para colher o que havia semeado. Mas eu estava falando de Emden. Ficamos, eu e Trijpmaker, cuidando do destino da comunidade anabatista e, perto do Natal, fomos intimados a sair da cidade. Não fiquei aborrecido: sentia que precisava ir embora, que não podia permanecer naquele porto do Norte. Decidimos à noite, com a determinação e o espírito de quem sabe que tem uma grande tarefa pela frente: os Países Baixos, com os exilados que lentamente conseguiam atravessar a fronteira e voltar às cidades de origem, abriam-se aos nossos pés como um território inexplorado, pronto para colher a mensagem e o desafio que levávamos às autoridades constituídas. Nada poderia deter-nos. Para Trijpmaker era uma missão, como havia sido para Hofmann. Para mim era outro chute no horizonte, uma forma de deslocá-lo para frente, nova terra, nova gente.

“Íríamos para Amsterdã. No caminho, Trijpmaker ensinaria alguma frase em holandês, para que eu tivesse condições de expressar-me, mas ele pregaria e batizaria. Começou logo: antes de sair de Emden batizou um alfaiate, um certo Sicke Freerks, que depois voltaria à cidade natal, Leeuwarden, na Frísia ocidental, para fundar uma comunidade de irmãos, mas onde, invés disso, encontrou a morte em março do ano seguinte por meio do carrasco.

“Enquanto descíamos para Sudoeste, atravessando Groninga, Assen, Meppel, até a Holanda, Trijpmaker iluminava-me sobre a situação na terra dele. Os Países Baixos eram o coração comercial e manufatureiro do Império, e de lá provinha a maior parte das entradas do Imperador. As cidades portuárias gozavam de uma certa autonomia, que precisavam defender com unhas e dentes dos anseios centralizadores do Imperador. Carlos V continuava anexando novas terras, deixando o país entregue às tropas, com grande prejuízo para o tráfego e a lavoura. Por outro lado, o Habsburgo parecia preferir a ensolarada Espanha às suas terras natais; havia instalado os oficiais dele em muitas cadeiras importantes e um novo governo imperial em Bruxelas, para depois acomodar-se ao Sul.

“A condição da Igreja naquela parte da Europa era a mais trágica possível: reinava a religião das comilanças às custas dos camponeses, a degeneração lucrativa das ordens monásticas e dos bispados. Não existia nenhum guia espiritual nos Países Baixos e muitos fiéis começavam a abandonar a Igreja para juntar-se em confrarias leigas que levavam uma vida em comum e cultivavam o estudo da Escritura. Esses poderiam ser os primeiros a acolher a nossa mensagem.

“As ideias de Lutero haviam-se difundido entre o povinho e também os mercadores, que enriqueciam às custas delas. Os acontecimentos da Alemanha permaneciam distantes, a obediência à qual os camponeses alemães haviam sido reconduzidos, não tinha nenhuma ligação com os trabalhadores das manufaturas holandesas, os tecelões, os carpinteiros dos portos, os artesãos daquelas cidades em constante expansão. A religião reformada de Lutero trazia consigo novos dogmas, novas autoridades religiosas, mas também alienava a fé aos crentes, ainda que de forma mais tênue que os papistas. A igualdade na fé, a vida comunitária, necessitavam de uma linfa diferente. Nós estávamos dispostos a oferecê-la.

“Fiquei impressionado com a paisagem daquela fertilíssima

terra. Vindo da Alemanha, das matas escuras, fiquei impressionado ao ver como os habitantes dos Países Baixos tinham subjugado a natureza, arrancando do mar cada metro de terreno cultivável para plantar trigo, girassóis, couves. Impressionante número de moinhos ao longo da estada, gente laboriosa, incansável, em condições de desafiar os acidentes naturais e vencê-los. A cidade de Amsterdã não ficava atrás: os mercados, os bancos, as lojas, o entrelaçamento de canais, o porto, cada canto fervilhava de atividades febris.

“Eram os primeiros dias do novo ano: 1531. Apesar do frio intenso nas ruas e canais, o movimento era incessante. Uma cidade envolvente, onde poderia perder-me. Mas Trijpmaker conhecia alguns irmãos que já moravam lá há algum tempo, começaríamos por eles.

“Entramos em contato com um gráfico, para reproduzir alguns trechos das redações de Hofmann, que Trijpmaker havia traduzido para o holandês e também algumas folhas soltas para entregar em mãos. Eu cuidei disso, enquanto Trijpmaker pensava em reunir todos os conhecidos da cidade. Encontramos um bom grupo entre os artesãos e trabalhadores mecânicos: gente descontente da situação. Sentia-se no ar a iminência de algo que poderia eclodir de um momento ao outro.

“Em menos de um ano conseguimos organizar uma comunidade consistente, as autoridades não pareciam preocupadas demais com esses Anabatistas fervorosos que desdenhavam o lucro e preconizavam o fim do mundo.

“O meu coração dizia que as coisas não poderiam correr tão tranquilas por muito tempo. Trijpmaker prosseguia pregando a brandura, a fé, o martírio passivo, seguindo as diretrizes de Hofmann. Eu sabia que não duraria: e se as autoridades decidissem considerar-nos perigosos para a boa ordem urbana? O que aconteceria se os homens e as mulheres que ele havia convertido à imitação de Cristo encontrassem armas pela frente? Pensava realmente que eles aceitariam a crucificação sem opor resistência? Ele tinha certeza. Além do mais, o tempo se aproximava, Hofmann tinha previsto o Juízo para o 1533. Contra tais argumentos não havia muito que discutir, eu encolhia os ombros e o abandonava à sua confiança ilimitada.

“Crescíamos em quantidade, o moral estava alto, a devoção dos novamente batizados, imensa. Dos vilarejos ao redor de Amsterdã

chegavam as missivas mal redigidas dos novos adeptos, camponeses, marceneiros, tecelões. Eu me sentia em um caldeirão tampado que, mais cedo ou mais tarde, explodiria. Era inebriante.

“Finalmente, a pregação contra a riqueza em uma das cidades mais lucrativas da Europa surtiu efeito. No outono daquele ano, a Corte de Haia ordenou às autoridades de Amsterdã que reprimissem os Anabatistas e entregassem Trijpmaker.”

Elói serve-me água.

— Está cansado, quer deitar?

A pergunta contém o pedido de continuar, é uma criança capturada pela narração, mesmo se provavelmente estou citando fatos que ele já conhece.

— Tanto vale se conto o que fizeram com Trijpmaker e como decidi empunhar de novo uma espada. No início foi só para resistir aos que queriam a minha cabeça. — Estico os braços e rio. — Depois encontrei o meu verdadeiro João Batista, que me convenceria a combater o jugo mortífero dos padres, dos nobres, dos mercadores. E, por deus, fiz isso: peguei aquela espada e comecei. Disso não me arrependo. Não da escolha que fiz, diante daquelas cabeças decepadas, pregadas na ponta de um poste. A primeira era a do homem que me havia levado à Holanda, talvez um louco varrido, um tolo à procura do martírio que acabou encontrando. Mas era aquilo que lhe haviam feito.

Quase sinto Elói arrepiando.

— Sim, Trijpmaker escolheu o próprio fim, aquele de Cristo. Poderia ter fugido, se quisesse: Hubrechts, um dos burgomestres da cidade, estava do nosso lado e tinha procurado dificultar a captura até aquele momento. Ele tinha mandado uma doméstica até a nossa casa para avisar-nos que os milicianos estavam chegando para deter o chefe da comunidade. Em um instante juntei os meus pertences e assim fizeram muitos outros. Mas ele não, não Jan Volkertsz, o fabricante de tamancos de Hoorn que se fizera missionário. Sentou e esperou os guardas: não tinha por que temer, a verdade de Cristo estava do lado dele. Com ele, prenderam mais sete e os levaram para Haia. Torturaram-nos por vários dias. Dizem que queimaram os colhões de Trijpmaker e colocaram pregos sob as suas unhas. A única

parte não tocada foi a língua: para que pudesse dizer os nomes de todos os outros. E ele disse. O meu também. Nunca o julguei por isso, a tortura dobra as almas mais fortes e creio que a fé dele já tenha sido esmagada pelo ferro candente, sem precisar mais do rancor dos outros. Nenhum de nós o culpou por isso, conseguimos colocar-nos a salvo, tínhamos muitas casas seguras dispostas a hospedar-nos.

— Os oito foram executados?

Afirmo:

— No momento da morte desmentiram tudo que lhes haviam extorquido por meio de tortura: uma magra consolação que não sei quanto os teria deixado morrer em paz. As cabeças deles foram devolvidas para Amsterdã e expostas na praça. Uma mensagem clara: quem tentar novamente, terá o mesmo fim.

“Era novembro ou dezembro de 1531, momento em que Lienhard Jost precisava esticar as canelas. Aquele nome atraía os milicianos como o esterco chama as moscas. A família que me escondia cedeu-me o dela, passando-me por um primo emigrado para a Alemanha que voltava depois de muitos anos. Chamavam-se Boekbinder e o primo existira realmente, mas morrera na Saxônia afogado em um rio, quando virara a embarcação em que viajava. O nome dele era Gerrit. Assim fui o fantasma de Gerrit Boekbinder, Gert para a família.

“No começo de 1532 chegou uma carta de Hofmann. Estava em Estrasburgo, tivera a coragem de voltar. Evidentemente, ao receber a notícia do tratamento reservado a Trijpmaker e aos outros, o velho Melchior cagara-se todo. A carta anunciava o início do *Stillstand*, a suspensão de todos os batizados, na Alemanha e nos Países Baixos, por um mínimo de dois anos. Daquele momento em diante nós deveríamos mover-nos na sombra, esperando que as águas se acalmassem: nada de barulho à luz do sol, nada de publicações e muito menos declarações de guerra ao mundo. Por Hofmann deveríamos ser um rebanho de pregadores moderados, solícitos e não muito barulhentos, dispostos a caminhar para o matadouro enfileirados, um depois do outro, em nome do Altíssimo. Era mais ou menos isso que ele estava escrevendo naqueles meses em Estrasburgo.

“Do meu lado, ainda não sabia claramente o que fazer, mas certamente não seria ficar de mãos abanando, escondido como um

cão chutado, mesmo se as pessoas que me hospedavam eram gentis e generosas. Uma dia, achei uma espada enferrujada no depósito de lenha, uma relíquia da guerra de Gueldria, da qual algum Boekbinder devia ter participado. Senti um estranho arrepio quando empunhei novamente uma arma e entendi que havia chegado o momento de tentar algo grandioso, que era necessário parar com aquele proselitismo pacífico, porque encontraríamos sempre o ferro do outro lado, aquele das alabardas dos gendarmes e do machado do carrasco. Mas sabia que não iria longe sozinho. Era um novo início às cegas, sentia frêmitos, mais lúcido e determinado que nunca: não me assustava saber que a aventura poderia transformar-se em guerra, porque seria a única para a qual valeria a pena combater: aquela de libertação da opressão. Hofmann podia continuar fabricando mártires, eu procuraria uns combatentes. E pretendia dar muito trabalho.

“E agora, amigo meu, penso realmente em trocá-lo pela minha cama, deve ser muito tarde. Continuaremos amanhã, se permitir.”

— Só um momento. Balthasar chama você de Gert “do Poço”.  
Porque?

Nada escapa de Elói, para ele, cada palavra contém um desvio possível da história.

Sorriso:

— Amanhã falarei disso também, de como os apelidos podem nascer casualmente e de como seja impossível livrar-nos deles.

## Capítulo 18

Amsterdã, 6 de fevereiro de 1532

Por sorte, a corrente aguenta, agarrado ao balde, pendurado como um enforcado, instinto, acima de tudo, instinto, levei na orelha, se me acertasse, agora estaria de molho, lá embaixo, que pancada, não ouço mais nada, tudo soa longe, os gritos, as cadeiras que voam, manter-me firme, se desmaiar, afogo, aqui pelo menos não tenho como apanhar mais, merda, são demais, e eu entrando nisso como um tonto, por alguém que nem conheço, os braços, precisam aguentar, os braços ou vou para baixo, aí quando subir de novo, apanho mais, se fico, daqui a pouco os músculos vão ceder, que situação do caralho, roda tudo, as costas doem, um bicho enorme, eu não ia aguentar sozinho, claro que não, ele me mata se volto para cima, merda, estão massacrando aquele outro coitado, quantos são? três, quatro, nem deu tempo para contar, caíram em cima de nós, começou de repente, aquele começou a berrar, o que faziam as mãos deles? deixavam os porcos de quem montarem nelas? uma mesa voou sobre a minha cabeça, é coisa para deixar-me estendido, e se pegam as facas, não pareciam armados, caralho, a gente não entra armado nas tabernas, para tomar cerveja, não, para contar qualquer besteira, falar do mercado, mas aquele tipo foi puxar o assunto da mãe deles, os braços, cristo, os braços, vou ficar firme, é, firme, mas não vou aguentar muito, não posso afogar-me assim, que raio de morte seria, depois de tudo que passei, todos os lugares dos quais saí vivo, ou será assim, é assim que vai acabar, você se salva dos exércitos, dos milicianos, e depois acaba como um rato afogado per causa de alguém que não soube calar a boca, entrei no meio, não era

da minha conta, e entrei no meio, que merda, quatro contra um, porque balançavam aquelas sacolas cheias de dinheiro, armadores bem nutridos são, mulher casta para montar uma vez ao ano e putas sifilíticas para todo santo dia, exploradores, só rezas e negócios de ouro, e dá-lhe com os Anabatistas pagos pelo Papa, os Anabatistas que são só propagadores de contágios, que devem ser degolados para dar as tripas aos cães, aqueles galgos que eles mantêm em mansões no campo, arrombados cheios de dinheiro, os Anabatistas em conluio com o Imperador, que se enfiam em sua casa para converter a sua mulher ao som da vara, que é preciso erradicar, os braços, cristo, vão ceder, mas porque fui me meter no meio, aquele louco é que começou, não tinha nada que levantar e cuspir cerveja na cara do outro e falar aquilo das mãos, até eu sei que eram boas biscoas, mas era de se esperar que se ofenderiam, agora já deve estar esfolado, se ele tivesse só cuspido, era um bêbedo como tantos, mas não, foi o que ele falou, claro é por isso que entrei no meio, por causa daquelas palavras grandiosas, que eu queria ter dito, os braços, merda, os braços, preciso subir, coragem, iça, não posso acabar no fundo deste poço nojento, não posso acabar assim, como um idiota, vai ver que aquele lá ainda está vivo, vai dizer mais alguma coisa antes que acabem com ele a tapas, belas palavras, irmão, porque sim, você é um irmão, senão não teria levantado, não teria dito o que disse, eu não faria isto por qualquer um, quero conseguir dizer-lhe, não teria entrado no meio por um anabatista estourado qualquer, já conheci demais assim, amigo meu, mas você tem fígado, iça por deus, iça, preciso subir, assim, devagarinho, para cima, quase, preciso sair, ufa! merda, pronto, estou na beira, mais um empurrão, cheguei.

Agora são cinco. Pareciam quatro, juro que contei quatro. Agora são cinco, todos em volta dele, está morto, o taberneiro está no piso do pátio, segura a cabeça, a moringa que o acertou ficou em pedaços, mas deu um belo prejuízo. E o amigo desconhecido está aí, parado, desafiando-os com o olhar como se fosse o mais forte, vamos, diga alguma coisa, como era? o que você falou antes que o mundo desabasse sobre as minhas costas, antes que aquele gigante me jogasse aqui embaixo?

Fico em pé e começo a recolher a corrente, nem percebo que estou berrando:

— Hei, e aquilo que você disse... Sobre Jesus Cristo e os mercadores comedores de merda...

Ele vira, boquiaberto, quase quanto os outros. A cena pára, como se fosse imprimida em uma página, estou arriscando perder o equilíbrio, devo parecer um cocô maldito.

— Bom, concordo plenamente com você! E agora, siga o conselho de um coirmão: abaixe a cabeça.

O gigante que pensava ter-me afogado fica violáceo, caga-se, venha, venha que já puxei toda a corrente e tenho o balde na mão, venha para que eu arranque aquela grande cabeça de porco que você tem sobre os ombros.

É um som surdo, um baque seco, um só, que dobra o metal e faz voar pelo ar uma chuva de dentes, desce como um saco vazio, sem um só gemido, cuspidos pedaços de língua.

Começo a rodar a corrente, cada vez mais forte, eu vou mostrar-lhes, distintos senhores quanto pode ser sarnento um anabatista. O balde bate em cabeças, costas, gira cada vez mais longe de mim, a corrente serra as minhas mãos, mas os veio cair, encolher ao chão, correr na direção da porta sem alcançá-la, a Justiça do Balde é implacável, gira, gira, cada vez mais rápido, não o controlo mais, agora é ele que me arrasta, é a mão de Deus, poderia jurá-lo, senhores, o Deus que vocês deixaram louco de raiva. E vai, mais um, onde pensava que ia se esconder, rico idiota beberrão?

Um puxão, o balde encalhou, prendeu nos galhos de uma pequena árvore que por pouco não caiu também.

Uma olhada no campo de batalha: ufa! todos estendidos. Uns gemem, lambem as feridas meio desfalecidos, o olhar nos colhões.

O irmão foi sábio, jogou-se ao chão na primeira volta e agora levanta-se atordoado, com uma luz estranha nos olhos: como anjo exterminador, até que me saí bem.

Desço e cambaleio até ele. Alto e magro, barba escura pontuda. Aperta a minha mão com muita força, a corrente formou chagas.

— Deus nos assistiu, irmão.

— Deus e o balde. Nunca fiz isso antes.

Sorri:

— Sou Matthys, Jan Matthys, padeiro de Haarlem.

Respondo:

— Gerrit Boekbinder.

Quase comovido:

— De onde você vem?

Viro-me e encolho os ombros:

— Venho do poço.

## Capítulo 19

Antuérpia, 14 de maio de 1538

— Fui Gert “do poço”. Matthys divertia-se usando aquele nome estranho, mas gostava também de pensar que o nosso espetacular encontro não era fruto do acaso. Para ele, aliás, nada era, nunca, tudo tinha sentido na visão de Deus, um significado que superava a simples aparência e falava aos homens, a nós, aos eleitos. Porque pensava que os batistas fossem isto: eleitos do Senhor, os escolhidos. Havia algo a cumprir, grandioso, definitivo. O meu João de Haarlem conhecia Hofmann, havia sido batizado por ele pessoalmente, e tinha lido as profecias. O Dia estava chegando, dia do resgate e da vingança. Mas entendi logo que aquele padeiro tinha feito uma escolha diferente do velho Melchior: ele queria lutar naquela batalha, e como, só estava esperando o sinal do Deus dele para declarar guerra aos ímpios e aos servos da iniquidade. Tinha um plano: reunir todos os batistas e levá-los a despovoar o mundo, aquele mundo de escravidão e prostituição ao qual os poderosos queriam condená-los para a eternidade. Sim, mas como identificar os escolhidos? Matthys não cansava de repetir que Cristo havia escolhido uns pobres pescadores como seguidores e apóstolos, cuspiendo nos mercadores do Templo. Porque o assunto lá era o lucro, o maldito lucro dos comerciantes holandeses. Gente daquele tipo escolheria professar uma fé fundada no interesse próprio, e a tornava um inimigo temível. Quanto mais a fé se unia a ritos e dogmas indiscutíveis, mais eles seriam atraídos: no fundo, o único motivo pelo qual não simpatizavam com a Igreja de Roma era que o maior paladino, o Imperador Carlos, os gravava de taxas e queria desmandar nos

Países Baixos como um tirano, dificultando os negócios deles. Poucos importava se muitos ricos mercadores tivessem boa fé: a boa fé — dizia frequentemente o meu padeiro de Haarlem — não basta, a verdade é o que interessa. Se bastasse a boa fé, a redenção seria desnecessária: “A boa fé não redime dos erros, muitos judeus em boa fé gritaram o ‘crucifige’. A boa fé é uma ideia do Anticristo”.

“Mas o que mais surpreendia era a forma como Matthys havia desmascarado a hipocrisia dos padres e dos doutores que nos brindam com a Bíblia, dos púlpitos e das cátedras: aquela miserável teologia da ‘retidão moral’ e da ‘honestidade’ de sempre, frequentemente e prazerosamente conferida somente pelo nível, pela autoridade. ‘O Evangelho, por outro lado, elogia os desonestos, dirige-se às prostitutas, aos alcoviteiros, não às prostitutas arrependidas, mas às putas assim como são, aos malfeitores, aos excluídos da terra.’ Para ele, o elogio da honestidade e da moral também eram a religião divulgada pelo Anticristo.

“Eis porque entre a gente comum, os artesãos, os esfarrapados e a escória das vielas encontraríamos os eleitos, entre aqueles que sofriam mais que todos e nada tinham a perder, a não ser a condição de rejeitado pelo mundo. Ali, a centelha da fé em Cristo e em sua volta iminente poderia sobreviver, porque as condições daquela gente estavam mais perto da escolha de vida d’Ele. Cristo escolhera os deserdados, as putas e os alcoviteiros? Pois bem, lá recrutaríamos os capitães para a batalha.”

— Como era? Quero dizer, que tipo era Jan Matthys?

A pergunta de Elói desce lentamente como a noite, no fim daquele dia dedicado à horta e ao sorriso de Kathleen.

— Era o louco mais decidido que já encontrei. Mas isto antes de dirigir-nos a Münster. Era determinado e forte o suficiente para engolir Hofmann e a sua recusa à violência. Se o velho Melchior era Elias, então ele seria Enoch, a segunda testemunha das passagens do Apocalipse. Tive uma amostra daquela força quando um certo Poldermann, um zelandês de Middelburg, afirmara ser Enoch: Matthys subiu em uma mesa e fulminou todos os coirmãos ali reunidos com uma fileira de maldições. Quem não o reconhecesse como o verdadeiro Enoch, arderia eternamente no inferno. Depois

disso, ficou calado por dois dias inteiros. As palavras dele foram tão convincentes, que alguns de nós fecharam-se em um quarto sem alimento nem água, implorando pela misericórdia de Deus. Foi uma prova de força, de oratória e determinação que ele venceu. Talvez ainda não estivesse claro para ele, mas eu sabia que Jan Matthys já era o maior concorrente de Hofmann, e com algo a mais: a capacidade de falar à raiva dos humildes. Eu sentia que se ele aprendesse como dirigir aquela raiva, tornar-se-ia realmente o Capitão de Deus, em condições de revirar o mundo e transformar os últimos em primeiros, de sacudir com força e talvez definitivamente as gordas Províncias do Norte.

“Chegara em Amsterdã com uma mulher, chamada Divara, uma criatura esplêndida que ele mantinha cuidadosamente protegida de quaisquer olhares. Diziam que em seu país era casado com uma mulher idosa, que abandonara para fugir com aquela jovem, filha de um cervejeiro de Haarlem. Portanto, Enoch também tinha o seu ponto fraco, como a maioria dos homens, a meio caminho entre o passarinho e o coração. Aquela mulher sempre me assustou, mesmo antes de ser rainha, profetiza, grande puta do rei dos Anabatistas. O olhar dela tinha algo que apavorava: a inocência.”

— A inocência?

— Sim. Aquela que o leva a ser e fazer qualquer coisa, a cometer o crime mais cruel e gratuito, como se fosse a ação mais insignificante do mundo. Era uma fêmea que nunca choraria, que não seria perturbada por nada, uma menina ignorante que ainda desconhecia a própria carne branca, e que por isto seria ainda mais temível no momento em que descobriria.

“Mas só mais tarde eu aprenderia a temer de verdade aquela mulher. Naqueles primeiros meses do 32 tínhamos bem outros assuntos em mente. Em primeiro lugar o fato que a pregação clandestina de Matthys, aquele nosso recrutamento estranho, chocavam-se com o *Stillstand* proclamado por Hofmann. Naqueles dias chegara a notícia que cedo o Elias alemão viria à Holanda para visitar a nossa comunidade, e Matthys sabia que precisaria impor-se ao mestre, se quiséssemos acordar os coirmãos e chamá-los a nós. Foi um embate até à última gota: Hofmann com a autoridade de um passado de pregador e Jan de Haarlem com o fogo.”

## Capítulo 20

Amsterdã, 7 de julho de 1532

— Não! Não! Não! E não! — A voz se ergue entre o murmúrio geral.  
— Ainda não é hora de retomar os batismos! Neste momento, seria desafiar a Corte da Holanda e condenar-nos ao patíbulo! É o que querem? E quem anunciará o Advento do Senhor quando tiverem o fim do pobre Trijpmaker e companheiros!?

Não pensava, o bom Elias da Suábia, que seria contestado, esperava que o acolhêssemos como um pai. No entanto... Está ali, rosto vermelho e pronto a contradizer-se de tão exasperado.

Enoch não se abala, a barba pontuda voltada para o adversário, um profeta contra o outro: o livro do Apocalipse não cita esta passagem. Olha-o nos olhos, esboçando um sorriso.

— Sei que não pode ser o martírio que assusta o irmão Melchior, sei disso porque ninguém melhor que ele sofreu as penas do exílio e as dificuldades do testemunho. — Uma pausa pensada, magistral. — O que ele teme é que em poucas horas, sem que haja tempo de fugir ou enviar uma carta, as autoridades de Haia nos localizem e caiam sobre nós, capturando-nos todos — Agora, toda a atenção é para ele. — Mas quantos somos? Já nos perguntamos isso? E o que estamos dispostos a tentar, diante do Último Dia? Eu lhes digo, irmãos, que com a ajuda do Senhor nós podemos ser mais velozes que o braço armado dos iníquos, com a nossa mensagem, a anunciação do Juízo.

Hofmann, amuado, luta contra a amargura que o invade.

Matthys insiste.

— É verdade, podem perseguir-nos, infiltrar espiões, descobrir os nossos nomes, as nossas casas seguras. Pois bem, porque

deveríamos parar por isso!? Na Bíblia está escrito que Cristo deverá reconhecer os seus santos. Pedro, em sua carta, incita os fiéis a apressarem a chegada do dia de Deus. — Cita as passagens que discutimos várias vezes: — “Nós esperamos novos céus e uma terra nova, nos quais a justiça terá residência duradoura”. João, ainda, afirma “quem conhece Deus nos escuta; quem não é de Deus, não nos ouve”. Mas, como poderão os justos escutar-nos, se não lhes falarmos!? Como poderão distinguir o espírito da verdade daquele do erro, se não descermos para lutar em campo aberto!? Como, se não tivermos a coragem de batizá-los, de pregar, de atingi-los com a mensagem de esperança, desafiando os decretos e as leis dos homens!? Precisamos ser mais espertos que eles! Ou pensamos que basta escrever tratados teológicos e belas cartas para cumprir a nossa tarefa!? — O tom aumenta, férreo, as palavras: golpes do martelo na bigorna. — Quanto, irmãos, quanto os santos apóstolos nos alertaram sobre os anticristos, os falsos profetas e os sedutores que, no último momento, assolariam a terra para desviar os eleitos da própria tarefa!? O Evangelho diz: “Convençam os que vacilam, salvem outros, arrancando-os das chamas.” A chama das fogueiras que estão preparando para nós em todos os Países Baixos, irmãos, para fechar a nossa boca e impedir que preparemos o campo para o Advento de Cristo da Nova Jerusalém! E nós deveríamos abaixar a cabeça à espera do carrasco!?

A voz dele dança, é uma música que prorrompe, um tom que inicia ao longe, ricocheteia no estômago e se acalma repentinamente. Os coirmãos estão divididos, o carisma de Elias contra o fogo de Enoch, os ânimos esquentam.

Hofmann fica em pé, abanando a cabeça:

— O dia do Senhor já está perto. Isto é comprovado por muitos sinais, o primeiro dentre todos o poder da iniquidade que nos persegue cruelmente na Alemanha e aqui na Holanda. Eis porque temos o dever de aguardar e testemunhar. Aguardar Cristo, sim, irmãos, e aquele poder que por si só dobrará as nações e apagará o mal para sempre. Irmão Jan — agora dirigindo-se apenas a Matthys —, a espera só pode ser curta. A tenebrosidade já está desvanecendo e deixa transparecer a verdadeira luz. João nos diz: “Não amem o mundo, nem as coisas do mundo!”. E Paulo também. Precisamos preservar-nos da presunção, neste momento crítico, ser humildes e esperar, irmão, esperar e sofrer mantendo firme a paz dentro de nós.

— Um olhar em nossos rostos. — Será logo. Com certeza.

Matthys: olhos aguçados, parece não respirar:

— Mas a hora chegou! É agora! Agora Cristo nos está chamando à ação! Não amanhã, não no próximo ano, agora! Falamos tanto no retorno do Senhor e nem nos demos conta que já está acontecendo, irmãos, e se não iniciarmos a marcha, o Reino nos escapará sem que possamos perceber, ocupados demais com os nossos tratados de teologia! — Corre até à janela, quando a escancara para os subúrbios de Amsterdã, sinto um arrepio percorrer a minha espinha. — O que estamos esperando para abandonar Babilônia, este bordel de mercadores, e marchar lá fora? Vamos reunir o povo dos eleitos para lutar armados da Palavra do Senhor!

Hofmann investe, transtornado:

— Estas ideias acabarão desencadeando uma guerra civil! Não fomos chamados para isso!

Os olhos vidrados de Matthys são fixos, assassinos, a resposta está pronta, o silvo de uma serpente:

— Isso, você decidiu.

As duas facções explodem, já estão claras e divididas, voam insultos e também alguma cuspada bem direcionada. Procuro acalmar os nossos, sem perceber que o olhar compadecido de Hofmann está pousado em mim, em quem ele não esperava encontrar do lado oposto. Talvez ele queira ajuda, que eu faça Matthys raciocinar, em nome da nossa solidariedade estrasburguense.

— Irmão, pelo menos você, fale a estes loucos. Eles não sabem o que dizem.

Ofereço-lhe somente poucas palavras de despedida:

— Deixe que a loucura e o desespero falem: isso é tudo que a nossa bagagem contém.

Desligo-o totalmente. Fica ali, obscurecido na fenda que o engoliu. Ele sabe que o fogo de Enoch incendiará a planície.

## Capítulo 21

Leiden, 20 de setembro de 1533

— A rua que vocês procuram é a primeira à direita. Daqui não podem errar.

O menino que nos acompanhou pára, esperando algum trocado e indica uma ruela no fundo do quarteirão. Parece quase paralisado. Um sussurro, de olhos baixos:

— A mamãe trabalha ali, não quer que eu ande por estes lados.

Abre a mão para colher as moedas. Jan Matthys não se altera:

— A sua recompensa é grande no céu — sentencia solenemente.

— Enquanto isso — acrescento caçando um florim de dentro da sacola —, um mísero adiantamento terrestre não lhe fará mal.

O lourinho corre embora presenteando-nos com um lampejo de sorriso desdentado, enquanto Jan Matthys tenta fitar-me com desaprovação, mas sem conseguir reter uma risada:

— Precisamos acostumá-los desde cedo à importância do Reino, você não acha?

Quem nos dá as boas vindas na viela, talvez seja exatamente a mãe do nosso pequeno guia. Loura como ele, olhos claros delineados de preto, apoia as tetas no peitoril danificado de uma janela no segundo andar. As cabeças nem tiveram o tempo de virar para observá-la, quando ouvimos atrás de nós o estalo agudo de uma dezena de beijos soltos ao vento. Como na galeria de retratos de alguma nobre família, os bustos generosos das prostitutas de Leiden nos ladeiam à direita e à esquerda, pendurados em várias alturas aos muros, revestindo as casas.

Ainda que distraídos por tal acolhida, não demoramos muito

para identificar o portão verde que estamos procurando. É a última construção da viela, ao lado de uma pequena ponte que se encurva para atravessar um dos muitos canais sobre o Reno.

Matthys, alto e magro, está radiante. Nas escadas que nos levam ao primeiro andar, bate com a mão em meu ombro e aprova com um movimento da cabeça:

— Entre as putas e os cafetões, Gert!

— E entre os bêbedos de uma taberna — acrescento com um sorriso, referindo-me ao recrutamento de Gert do Poço.

Agora, quem nos faz as honras da casa é uma jovem toda vestida, mesmo que não seja exatamente da forma que uma dama vai ao mercado.

— Procuram Jan Bockelson, Jan de Leiden, certo? Neste momento, ele não pode...

— Deixe-os entrar! — interrompe um grito do fundo do corredor. — Não vê que são profetas? Entrem, entrem!

A voz é baixa e encorpada, daquelas que partem do abdômen e ressoam na garganta. Decididamente não combina com a cena que aparece à nossa frente, depois que a porta de onde partiu se abre.

O nosso homem está deitado em um pequeno divã, com uma mão agarrada a um cobertor e a outra aos colhões. Está nu da cintura para cima, com o peito todo untado. Uma mulher, também seminua, está com uma navalha na mão, depilando-o.

— Peço-lhes desculpas, caros amigos — diz com aquela voz que parece um deboche. — Não queria que esperassem muito. A nossa sala de espera é sempre um pouco mal frequentada.

Apresentamo-nos. Matthys olha um pouco para ele, depois observa ao redor:

— É o seu trabalho?

— São meus todos os trabalhos que não exigem o suor da testa — é a resposta imediata, quase a piada de um ator no palco. — Nego com a maior firmeza o pecado de Adão e assim não aceito as maldições consequentes. Eu era alfaiate, mas parei logo. Agora personifico nas praças os grandes protagonistas da Bíblia.

— Então é isso: você é um ator!

— Ator não é o termo certo, amigo meu: eu não interpreto, eu personifico.

Apanha uma esponja de uma bacia e limpa o sabão. Pula em pé, com um puxão decidido do meio das pernas. O rosto é uma máscara

de dolorosa resignação, os olhos fixos nos meus:

— “Eu vou pela estrada de cada homem na terra. Seja forte, e mostre-se homem. Observe a lei do Senhor seu Deus, prosseguindo pelos caminhos e observando os estatutos, os comandos e os preceitos d’Ele.”

A jovem aplaude com entusiasmo, apertando o seio entre os braços.

— Muito bem, Jan! — Dirigindo-se a mim: — Ele não é ótimo?

O rei David faz uma grande reverência. Do corredor chegam estranhos ruídos: baques, berros, gritos sufocados. O nosso Jan, de início, não parece preocupado, absorto na pessoal. Depois alguma coisa o faz sobressaltar, talvez um “Socorro” mais alto que os outros, ou mais convincente. Agarra uma navalha e corre para fora.

O estrondo da voz dele ressoa pela casa. Matthys e eu nos olhamos, incertos se deveríamos intervir. Passa um instante e Jan de Leiden reaparece à soleira. Respira profundamente, arruma as calças e afunda a navalha em uma bacia esmaltada. A água tinge-se de vermelho.

— O que me dizem? — pergunta sem virar. — Já ouviram falar de alcoviteiros gentis, respeitadores do próximo e de boas maneiras? Os cafetões são pessoas cruéis, brutais. Eu, pelo contrário, gostaria de tornar-me o primeiro cafetão santo da história. É, meus amigos, sou um cafetão que sonha sentar à direita de Deus. Mas de vez em quando o sonho é interrompido e o cafetão acorda...

— Não se trata de sonhar ou estar acordado. — A voz do outro Jan não é a de um ator, é aquela de Enoch. — Cafetões, prostitutas, ladrões e assassinos: eis os santos dos últimos dias!

Jan de Leiden leva uma mão aos lábios, depois aos colhões:

— Ah! Nem me fale em fim do mundo, amigo. Conheci muitos profetas aqui dentro, são todos uns azarentos.

— Acredito mesmo — respondo imediatamente —, ficar imóveis esperando pelo Apocalipse dá azar. A Revelação só vem de baixo. De nós.

Vira-se com um riso escarhecido. Difícil entender se é irônico ou iluminado.

— Entendo — os cantos da boca continuam subindo, inchando os zigomas endurecidos. — Trata-se, nem mais nem menos, de *fazer* o Apocalipse!

O ênfase com que consegue pronunciar a palavra *fazer* me

impressiona. Com a velha paixão pelo grego e pela etimologia, esforço-me para encontrar um novo nome para o empreendimento final. Apocalipse, como apoteose, contém o prefixo daquilo que está no alto. Hipocalipse seria um nome muito mais adequado: só precisaria mudar a vogal e acrescentar um agá.

Observo Jan Bockelson com a mão apoiada entre as coxas, uma mulher seminua deitada no divã, uma navalha ensanguentada de molho na água: os meus raciocínios não atravessariam a soleira do cérebro. As palavras do padeiro de Haarlem saberão ser muito mais convincentes.

Jan Matthys alisa a barba escura e pontuda. O Santo cafetão parece agradá-lo, mesmo que não tenha as ideias suficientemente claras. Afinal, os batistas de Amsterdã que nos sugeriram o nome dele não falaram de sua lucidez ou da sua fé, mas do ódio intenso que sentia pelos papistas e luteranos, do fascínio por representar e dos modos um pouco rudes.

Matthys aperta os lábios entre os dedos e decide chegar ao ponto:

— Ouça, irmão Jan, eis a ideia: doze apóstolos percorrerão estas terras de ponta a ponta. Batizarão os adultos, convidarão a aplanar os caminhos do Senhor, pregarão em nome d'Ele. Acima de tudo farejarão o ar de cada cidade para avaliar em qual seria possível reunir o povo eleito. — Vira-se para mim e faz um sinal de cabeça. — Estamos à procura de homens capazes disso tudo.

O outro Jan faz um sinal convidando a sua formosa companheira a deixar o quarto. Os olhos ficam atentos, enquanto afunda sentado no divã ajeitando as calças.

— Por que todos em uma cidade, amigo Jan? Não seria mais útil envolver um território maior? A força de uma ideia mede-se também pela capacidade de abarcar as pessoas mais afastadas.

Matthys já respondeu várias vezes a esta objeção. Entreabre os olhos e fala lentamente:

— Ouça, só depois de governarmos uma cidade e abolirmos o uso do dinheiro, a posse particular dos bens e as diferenças sociais, a luz da nossa fé será tão poderosa que iluminará todas as gentes. Será o exemplo! Se, pelo contrário, agora nos preocuparmos só em difundir quanto possível as nossas ideias, acabaremos atenuando o efeito explosivo que esperamos delas e as deixaremos morrer entre os nossos dedos como flores sem raízes.

Jan de Leiden aplaude abanando a cabeça:

— Sejam benditos, amigos meus! Há muito tempo este ator de rua estava à espera de uma loucura dessas, para dar finalmente vida aos seus personagens preferidos: David, Salomão, Sansão. Por deus, esse seu Apocalipse é o espetáculo com que sempre sonhei. Aceito o papel, se é o que estão procurando: a partir de hoje, terão um apóstolo a mais!

## Capítulo 22

Antuérpia, 20 de maio de 1538

— Um frequentador de bordéis? O rei de Münster um cafetão?! — Elói, por um instante perde a complacência à qual me acostumei. Pela primeira vez parece não poder acreditar.

Eu o tranquilizo:

— Se a lenda o representou como um rei terrível e sanguinário, saiba que isto é verdade, mas nem antes nem depois da nossa entrada em Münster, Jan Bockelson de Leiden deixou de ser aquilo que sempre foi, um ator, um saltimbanco, um cafetão. E naturalmente um profeta. Isto torna ainda mais grotesco o epílogo da nossa aventura, porque o ator esqueceu de representar e confundiu a trama com a vida real. A farsa tornou-se uma tragédia.

Elói está constrangido, ri sem jeito para superar o espanto.

— A epopeia anabatista e as lendas dos inimigos fizeram de nós uns monstros de astúcia e perversão. Bem, na verdade, esses eram os cavaleiros do Apocalipse: um padeiro profeta, um poeta cafetão e um desprezado sem nome, em eterna fuga. O quarto era um possesso completo, Pieter de Houtzager, que procurara tornar-se frade, mas fora rejeitado por causa da violência de suas palavras: atacava as pessoas pela rua, as visões que evocava eram repletas de sangue e extermínio, única justiça do Senhor.

“Depois a família Boekbinder forneceu ao bando de Matthys um outro parente, o jovem Bartholomeus, que oficialmente resultava ser meu primo e se juntou a nós no outono do 33, com os dois irmãos Kuyper: Wilhelm e Dietrich.

“Convencemos também um homem pacato e piedoso como

Obbe Philips e em Amsterdã Houtzager batizou um outro adepto, Jacob Van Campen. Assim, os discípulos do grande Matthys chegaram ao considerável número oito. Reynier Van der Hulst e os dois irmãos Brundt, jovens ainda cheirando a leite, mas com umas mãos que pareciam pás, engancharam na brigada perto de Delft, nos últimos dias de novembro do 33. Quase sem perceber, éramos doze.

“Foi um sinal mais que suficiente para o nosso profeta. Era possível ler em seu olhar que estava desenvolvendo algum projeto. Afinal, ao nosso redor, o mundo parecia realmente prestes a explodir, as nossas palavras nunca deixavam de surtir o efeito desejado. Não éramos mais que um bando de transviados, atores, loucos, de gente que havia largado trabalho, casa, família para dedicar-se à pregação em nome de Cristo. Escolhas ditadas pelos mais variados motivos, do sentido de justiça ao desinteresse pela vida à qual estávamos condenados, mas que levavam à mesma conclusão, a um ato de vontade que envolvesse o maior número possível de pessoas, que demonstrasse aos homens como o mundo não poderia prosseguir infinitamente da mesma forma e logo seria revolvido por Deus em pessoa. Ou por alguém no lugar dele, ou seja, por nós. Eis porque éramos os que poderiam realmente explodir tudo.”

— Vocês obedeciam às ordens de Matthys?

— Seguíamos a intuição dele. Estávamos em perfeita sintonia e além disso, o nosso profeta não era por nada estúpido: sabia avaliar os homens. Apreciava muito a minha opinião, consultava-se comigo, ao passo que preferia usar Jan de Leiden como ariete: a atitude teatral de Jan resultava proveitosa. E a beleza dele também não prejudicava: era muito jovem, mas parecia um homem maduro, atlético, louro, um sorriso alucinante, que abria os corações das jovens mulheres. Matthys começou a enviá-lo além das fronteiras, nos territórios imperiais, para sondar o terreno, enquanto Houtzager continuava agindo nos subúrbios de Amsterdã.

“No fim do ano 33, Matthys nos dividiu em duplas, exatamente como os apóstolos, e nos encarregou de anunciar ao mundo, em nome dele, que o Dia do Juízo era iminente, que o Senhor teria massacrado todos os ímpios e que poucos se salvariam. Nós seríamos os alferes dele, os mensageiros do único e verdadeiro profeta. Usou palavras duras, mas não ingratas, contra o velho Hofmann, aprisionado em Estrasburgo. Ele havia preconizado o Juízo para o

33: o ano estava acabando sem que nada acontecesse. Assim, a autoridade de Hofmann estava destituída.

“Não falou em armas. Não saberia dizer se alguma vez falou. Não disse nada sobre o envolvimento dos apóstolos na batalha do Senhor e nem sei se desde então estaria meditando sobre esta solução. Por quanto eu via, estávamos todos desarmados. Todos exceto eu. Da velha espada encontrada na casa dos Boekbinder, eu havia extraído uma adaga curta, uma arma mais ágil e familiar, que podia manter escondida sob a capa e deixava as minhas viagens mais tranquilas.

“Formei uma dupla com Jan de Leiden, por vontade do próprio Matthys: a minha determinação e a forma como ele conquistava as plateias eram uma combinação perfeita. Isto não me desagradou de forma alguma, com Bockelson nunca ficaria entediado, era imprevisível e louco até o ponto exato. Eu tinha certeza que realizaríamos grandes feitos.

“Foi então que, pela primeira vez, ouvi falar de Münster, a cidade em que os batistas podiam levantar a voz. Jan de Leiden, que havia passado por lá umas semanas antes, ficara bem impressionado. O pregador local, Bernhard Rothmann, amigo de uns missionários batistas seguidores de Hofmann, obtinha grande sucesso junto aos cidadãos, diante de papistas e também de luteranos. Münster foi incluída no nosso percurso.”

— Você e Bockelson foram os primeiros a chegar?

— Não, na verdade, não. Uma semana antes lá haviam estado Bartholomeus Boekbinder e Wilhelm Kuyper, que só partiram depois de batizar novamente mais de mil pessoas. O entusiasmo na cidade chegava às estrelas e, assim que chegamos, tivemos uma amostra impressionante disso.

**O olheiro de Carafa**

**(1532-1534)**

*Carta enviada a Roma da cidade de Estrasburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 20 de junho de 1532.*

Ao honradíssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Senhor meu munificentíssimo, a notícia do estabelecimento da mui esperada aliança entre Francisco I e a Liga de Smalkalde, deixa-me repleto de esperança. Os príncipes protestantes e o católico rei da França unem as forças para conter o poder do Imperador. Não há dúvida que a guerra recomeçará logo, especialmente se nos próximos meses for confirmado o que chegou ao meu conhecimento através de canais extremamente confidenciais, a respeito de uma negociação secreta entre Francisco e o turco Solimão. Mas V.S. é certamente mais erudito que este seu humilde servidor, que observa tudo obliquamente, deste canto do mundo em que a generosidade de V.S. permitiu-lhe desenvolver o seu modesto trabalho.

No entanto, como o meu senhor assinala com propriedade, os tempos nos forçam a vigiar em modo constante e diligente, para não sermos envolvidos, permito-me acrescentar, em um incêndio que permanece incubado sob as cinzas, preparando-se para deflagrar com ímpeto surpreendente. Refiro-me mais uma vez à peste anabatista, que tantas vítimas continua colhendo nos Países Baixos e nas cidades limítrofes. Da Holanda chegam mercadores que falam em densas comunidades de Anabatistas em Emden, Groning, Leeuwarden e até em Amsterdã. O movimento engrossa as fileiras a cada dia, estendendo-se como uma mancha de tinta sobre o mapa da Europa. E isso exatamente quando o Cristianíssimo rei da França está conseguindo obter êxito em seu plano de reunir em uma salvadora, ainda que bizarra aliança, todas as forças adversárias de Carlos e do desmedido poder dele.

Como Vossa Senhoria bem sabe, a província imperial dos Países Baixos não é um principado, mas uma federação de cidades, ligadas umas às outras por intenso tráfego comercial. Elas se consideram livres e independentes, tanto que possuem

as condições de enfrentar o Imperador Carlos com teimosia e coragem. Lá ao Norte, Carlos V é o representante do catolicismo e não é difícil ler na aversão que aqueles povos sentem pela Igreja de Roma, o ódio antigo que alimentam pelos objetivos do Imperador.

Agora, este último está empenhado em organizar uma resistência contra os Turcos e em refrear as manobras diplomáticas do rei da França. Não pode portanto dedicar grande atenção aos Países Baixos.

A isto deve-se ainda acrescentar a condição lamentável em que a Igreja obtém os recursos naquelas terras: a Simonia e o Lucro reinam irrefutavelmente nos conventos e bispados, despertando o descontentamento e a ira do povo, que é impelido a abandonar a Igreja ou procurar outra nas promessas desses pregadores nômades.

E assim a heresia, aproveitando do descontentamento geral, consegue encontrar novos canais de difusão.

Este servo de Vossa Senhoria é do parecer que o perigo que os Anabatistas representam é mais consistente de quanto possa parecer à primeira vista: se eles conseguirem conquistar a simpatia do campo e das cidades comerciais da Holanda, espalharão as próprias ideias heréticas sem freio algum e viajarão nos navios holandeses para quem sabe quais e quantos portos, ameaçando até a estabilidade conquistada por Lutero e seguidores na Europa do Norte.

E visto que V.S. lisonjeia este seu servo com o pedido de um parecer, peço permissão para dizer com toda franqueza que, comparado à difusão do anabatismo, o advento da fé luterana é muito mais bem-vindo. Os luteranos são pessoas com as quais é possível firmar alianças favoráveis à Santa Sé, como demonstra a aliança entre o rei da França e os príncipes alemães. Os Anabatistas, pelo contrário, são hereges indomáveis, refratários a todo compromisso, que menosprezam qualquer regra, sacramento e autoridade.

Nada mais ousou acrescentar, confiando à sabedoria do meu senhor toda avaliação, impaciente por servir de novo V.S. com estes humildes olhos e aquela migalha de perspicácia que Deus quis conceder-me.

Sinceramente recomendo-me à bondade de V.S.

de Estrasburgo, no dia 20 de junho de 1532  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

*Carta enviada da cidade de Estrasburgo, endereçada a Gianpietro Carafa em Roma, datada de 15 de novembro de 1533.*

Ao honradíssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa.

Senhor meu ilustríssimo, escrevo-lhe depois de um longo silêncio, na esperança que a atenção e o cuidado que tem dirigido a este fiel servidor ainda tenham razão de ser e continuem obtendo confirmação perante V.S.

Os fatos que desejo relatar-lhe são, a meu ver, úteis e talvez também necessários, ao lermos as entrelinhas dos acontecimentos das terras setentrionais que, como não deixei de mencionar, estão ficando cada dia mais complicados.

O cenário dos fatos que com tanta urgência venho comunicar-lhe, é o principado episcopal de Münster, na fronteira entre o território do Império e o holandês, atualmente confiado à sábia direção de Sua Eminência o bispo Franz von Waldeck.

Ele parece ser homem resolvido e devotadíssimo da Santa Sé, mas também prudente e cuidadoso na conservação do poder, que tanto o Papa quanto o Imperador, colocaram nas mãos dele. A ascensão dele a príncipe bispo ocorreu em um clima aceso de diatribes e conflitos com aquela parte da população que professa a fé luterana, na maioria mercadores, expoentes das corporações que controlam o Conselho da cidade, que ele soube enfrentar com determinação.

Tudo isto não mereceria um só instante da atenção de V.S., se não fossem os recentes acontecimentos naquela cidade, assunto de discussão para todos, que até forçaram o landgrave d'Assia, Felipe, a enviar uns conciliadores para controlar o tumulto reinante.

Devo confessar que há algum tempo um nome, que não me resulta totalmente estranho, chegou aos meus ouvidos, percorrendo contra fluxo o curso do Reno para trazer até aqui o eco de pregações ousadas. Até que ontem colhi o testemunho de um comerciante de peles vindo de Münster, onde reside.

Esse mercador falou-me de um novo Isaias, louvado pelo povinho, com muitos seguidores nas vielas e nas tabernas, ciente do seu poder sobre os concidadãos e em condições de instigá-los contra o bispo von Waldeck. Só depois de obter uma descrição física de uma testemunha direta, associei o nome ao rosto do homem cuja fama chegou até mim.

O nome dele é Bernhard Rothmann, e lembrei tê-lo visto exatamente aqui em Estrasburgo, há uns dois anos, quando a simpatia dele pelos luteranos o havia impelido a visitar os mais importantes teólogos protestantes. Naquela época não o considerei uma pessoa perigosa, pelo menos não mais que as outras recém saídas da Santa Igreja romana, mas hoje ouço de novo falar nele em alta voz.

Trata-se de um natural de Münster, ao redor de quarenta anos, filho de um artesão. Dizem que desde a infância demonstrou grande inteligência e capacidade, e por isso foi encaminhado à vida eclesiástica e em seguida a Colônia, para estudar junto aos canônicos que cuidavam dele. Durante aquela viagem passou por aqui, mas também por Wittenberg, onde encontrou Martinho Lutero e Felipe Melâncton.

Ao que parece, voltando à cidade natal, tornou-se pregador oficial, incitando um duríssimo ataque contra a Igreja. As corporações de mercadores apoiaram-no imediatamente, reconhecendo-o como um ótimo ariete para arremessar contra os portões do episcopado. Em pouco tempo, ele conquistou a simpatia do povinho e encheu-se de ambição.

À arrogância, ele parece aliar também a excentricidade blasfema de quem pretende administrar o culto como bem lhe apraz: o meu mercador descreveu o modo bizarro como ministra a santa comunhão, embebendo no vinho os pequenos pães que serve aos fiéis. Além disso, há algum tempo começou a negar o batismo às crianças.

Este detalhe despertou em mim uma suspeita, e decidi perguntar mais. De fato, interrogando o mercador e convencendo-o a fornecer-me qualquer informação útil, soube que esse falso Isaias alimenta simpatias anabatistas.

Descobrir que no início do ano chegaram em Münster alguns pregadores anabatistas, vindos da Holanda, cujos nomes anotei em detalhe, pelo menos aqueles que a memória do

mercador soube reter. Eles estimularam o pregador até convertê-lo à falsa doutrina e acirrar a sua aversão ao bispo.

Parece que nos últimos meses Lutero também esteja observando esse personagem, evidentemente impressionado com o alarde que consegue despertar, e dizem que em várias cartas enviadas ao Conselho da cidade de Münster tenha tentado alertar os protestantes a respeito. Mas sabe-se muito bem que o monge Martinho teme terrivelmente quem pode competir com ele em popularidade e oratória e ameaçar a sua supremacia. O que porém chamou ainda mais a minha atenção sobre aquela cidade, foi a notícia que o landgrave Felipe sentiu-se no dever de enviar a Münster dois pregadores para reconduzir esse Rothmann aos limites da doutrina luterana. Quando perguntei ao meu providencial mercador porque o landgrave Felipe estaria tão preocupado com um pequeno pregador, que nem reside na área do seu principado, ele respondeu fazendo um resumo bem detalhado dos últimos acontecimentos de Münster.

Pois bem, como V.S. poderá certificar-se prosseguindo nesta leitura, tais acontecimentos confirmam as piores suspeitas que este humilde observador já teve a oportunidade de expressar nas missivas anteriores, bem mísero consolo na desventura.

No momento em que esse Rothmann abraçou a doutrina que nega o batismo às crianças, muitos partidários dos amigos de Lutero o abandonaram, e passaram a combater o homem que haviam louvado. Mas, assim como alguns o abandonaram, outros o seguiram, se é que quanto relatado, como acredito, corresponde à verdade.

A cidade viu-se então dividida em três fés, três partidos igualmente distantes entre si: os católicos romanos fiéis ao bispo, os luteranos, na maioria mercadores, que controlam o Conselho da cidade, e os Anabatistas, artesãos e trabalhadores mecânicos seguidores de Rothmann e dos pregadores vindos da Holanda. Nem o fato que esses últimos eram estrangeiros pôde separar o povo do pregador, aliás, quando o Conselho tentou expulsá-los da cidade, foram introduzidos novamente durante a noite e, invés deles, os pregadores locais foram enxotados!

Quem é esse homem, meu senhor? Que incrível poder exerce sobre a plebe? A lembrança corre até aquele Thomas

Müntzer que há alguns anos V.S. também teve a oportunidade de conhecer através destes meus humildes olhos.

Mas é melhor encerrar esta crônica, que até pareceria fruto da fantasia, se eu não estivesse tão certo do siso de quem a relatou.

Portanto, diante desses acontecimentos, decidiu-se promover uma disputa pública, com a participação das três confissões, sobre a questão do batismo, evitando assim que a situação degenerasse em guerra.

Era agosto deste ano, quando as melhores mentes foram à luta na arena doutrinal. Pois bem, meu senhor, Bernhard Rothmann e os holandeses obtiveram uma vitória esmagadora, e conquistaram os cidadãos.

Muitas vezes V.S. lembrou a esse seu servo que os luteranos, hereges estranhos à graça de Deus, revelaram-se úteis aliados, mesmo se não desejados, contra ameaças ainda piores à Santa Sé. Münster confirmou isso, promovendo uma aliança entre luteranos e católicos contra o sedutor Rothmann.

Os burgomestres da cidades ordenaram-lhe o silêncio e, em pouco tempo, também o exílio. Mas ele, fortalecido pelo apoio do povinho, ignorou as ordens e prosseguiu instigando e difundindo as suas perigosas doutrinas.

A cidade estava prestes a explodir, de tanto que o sangue fervia nas veias de uns e de outros.

Eis explicado porque o landegrave Felipe apressou-se em enviar os pacificadores. Homens cultos e diplomáticos, os dois luteranos, Theodor Fabricius e Johannes Lening, procuraram desviar a atenção geral da questão do batismo.

Mas, segundo as palavras de quem contou os fatos, eles só obtiveram uma trégua armada, quando bastaria uma simples fagulha para incendiar toda a cidade. O meu mercador não tinha dúvidas. Se houvesse um confronto de forças, Rothmann e os anabatistas venceriam em um instante.

É necessário acrescentar dois eventos de importância secundária. O chefe das corporações, um certo Knipperdolling, protege de cabeça erguida o pregador, arrastando consigo os artesãos da cidade. Parece, ainda, que a fama de Rothmann esteja chamando para Münster muitos expatriados holandeses, Sacramentistas e Anabatistas, encurtando com o passar das

horas a ameaça que constitui aquele paiol de pólvora.

Venho, portanto, expor a V.S. os meus temores sobre a gravidade da situação. Em todo lugar os Anabatistas têm dado prova de tenacidade e pérfido poder de sedução, como o poder de Satanás sobre os mortais. Eles difundem a peste por todos os Países Baixos e dentro dos limites do Império. Ainda são poucos e muito dispersos nas regiões do Norte, mas já vêm demonstrando o fascínio que as doutrinas deles exercem, especialmente junto ao vulgo ignorante e indisciplinado por natureza.

Pois bem, o que aconteceria se eles se unissem? O que seria se começassem a obter um sucesso cada vez maior arrastando-se pelas vielas, nas lojas, longe da observação da autoridade doutrinal? O quê, se ninguém, nem um bispo, nem um príncipe como Felipe, nem Lutero parecem ter condições de detê-los nessa marcha subterrânea mas, pelo contrário, temem como a peste que tentamos manter longe das nossas fronteiras, ignorando que ela avança invisível e pode facilmente transpô-las?

Cada resposta está diante dos nossos olhos. O primeiro caso pernicioso já está em Münster, onde um só homem mantém em xeque a cidade inteira.

O landegrave Felipe e Martinho Lutero, mesmo farejando o grave perigo que representam esses Anabatistas, não sabem de forma alguma como detê-los e pensam que podem reduzir aquele ímpeto perverso, mantendo-os no isolamento. Temo, meu senhor, que estejam iludidos e perceberão o erro só depois que os encontrarem diante da porta de casa.

Pois bem, eu penso, como V.S. quis com tanta magnanimidade ensinar-me, que devemos esvaziar e aniquilar as ameaças antes que se concretizem. Por isso nunca deixei de informar a V.S. tudo que pudesse ser, mesmo discretamente, útil para avaliar os riscos que surgem nesta parte do mundo.

No caso em questão os fatos já estão acontecendo, mas talvez ainda não seja tarde demais: é necessário deter esse morbo, estancá-lo no nascimento, antes que se difunda por toda a Europa e contamine o Império, e quem sabe atravesse os Alpes, desça para a Itália até quem sabe onde. Antes que isso aconteça, é necessário agir.

Aguardo portanto com impaciência as suas diretrizes, se ainda quiser gratificar um servo de Deus permitindo-lhe servir à Sua causa nesta hora de dificuldade.

Beijo as mãos de V.S., no aguardo de uma palavra.

De Estrasburgo, no dia 15 de novembro de 1533.

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

*Carta enviada a Roma da cidade de Estrasburgo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 10 de janeiro de 1534.*

Ao honradíssimo e reverendíssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa.

Senhor ilustríssimo, recebi hoje a missiva de V.S. que aguardava com urgência. De fato, é inútil negar que o tempo é o fator essencial neste grave apuro e a permissão de V.S. não é para mim motivo de menor preocupação e pressa, porque o que será necessário tentar exigirá toda a proteção providencial do Altíssimo, para que obtenha o bom êxito.

Permita-me portanto expor a Vossa Senhoria o que penso necessário empreender a curto prazo, contra a pestilência anabatista.

Antes de mais nada, meu senhor, a situação: o anabaptismo difunde-se nos subterrâneos; não tem um chefe único, que seja possível eliminar para não preocupar-nos mais; não possui um exército para derrotar em batalha; não está contido em fronteiras, derrama-se aqui e acolá, como faz a peste negra quando pulando de uma região para a outra colhe as suas vítimas sem distinção de idioma ou estado, desfrutando do veículos dos humores corpóreos, do hálito, da barra de uma roupa; dos Anabatistas sabemos que preferem as camadas de mecânicos, espalhados por todo lugar; portanto, não há barreira segura, nem milícia, nem exército que consiga bloquear o avanço dessa tropa invisível.

Portanto, como deter o perigo que ameaça a cristandade como um todo?

Quantas vezes, senhor meu munificentíssimo, fiz a mim mesmo esta pergunta, nas últimas semanas... Atormenti tanto a minha mente, e quase me convenci que nesta situação o servo de V.S. não poderia oferecer nenhuma ajuda.

Deus queira que eu estivesse errado e que o plano que vou lhe apresentar encontre boa acolhida junto a V.S.

Pois bem, creio que os próprios transmissores de contágio

nos sugerem a solução; os Anabatistas nos mostram como atacá-los com eficácia.

Se o meu senhor retroceder com a memória às situações que precisou desemaranhar há dez anos, na época da Guerra Camponesa, e usufruindo deste modesto servidor, lembrará que para ludibriar o fanático Thomas Müntzer foi útil estabelecer familiaridade com ele, fingir estar do lado dele, para que no início criasse obstáculos para Lutero, e depois acabar precipitando no inferno, quando já arriscava revolver o mundo, além de ajudar sem querer o Imperador contra os príncipes alemães.

Mesmo convencido que a lembrança daqueles momento seja bem forte em V.S., permita a esse servo recordar que Thomas Müntzer era, sim, um homem mau, guiado por Satanás, mas também inteligente e esperto, dotado de poder sobre o vulgo e de capacidade oratória.

Os nossos Anabatistas, o que são senão muitos Müntzers, mas de dimensões menores?

Entre eles parece haver personalidades mais fortes, guias espirituais, como é o caso deste Bernhard Rothmann, e outros cujos nomes nada significariam para V.S., mas que correm por todos os cantos destas terras: Melchior Hofmann e Jan Matthys, acima de todos.

Meu conselho, então, é que antes de mais nada é necessário esvaziar aquela aparente ubiquidade deles. É preciso reunir todos os chefes, todos os Müntzers, os cunhadores, os disseminadores, em um só lugar, todas as maçãs podres em um único cesto.

Quanto a isso, já temos algo a nosso favor, porque como V.S. pôde apreender de minha missiva anterior, para a cidade de Münster não aflui só a atenção de todos os Anabatistas, mas também uma multidão, famílias inteiras, que com armas e pertences transferem-se da Holanda e do Império para lá. Münster tornou-se a Terra Prometida dos hereges mais obstinados.

Creio portanto que alguém possa facilmente unir-se àquele fluxo e entrar na cidade. Essa pessoa deveria depois ganhar a confiança dos chefes da seita, fingir amizade para conseguir influenciar nas ações sem aparecer muito, favorecer a vinda do

maior número possível de Anabatistas.

Depois de reunir as maças podres, a perspectiva de poder eliminar os elementos mais perigosos de uma só vez, bastará para aliar o landegrave Felipe ao bispo von Waldeck, protestantes e católicos, contra os mais perigosos instigadores.

Portanto, visto que para colocar em prática esse plano basta uma pessoa, ou seja, aquela que irá ao local, considero natural que quem propõe a ação a execute. Eis porque estou partindo para Münster, com a intenção de sacar uma grande quantia da filial dos Fugger em Colônia para doá-la como dote aos inocentes noivos anabatistas.

Por estar prestes a atuar na clandestinidade, seria importante se pudesse contar com uma recomendação de Vossa Senhoria junto ao bispo von Waldeck, informando-o de minha presença em Münster e do fato que eu entrarei em contato dentro em breve para planejar as ações.

Chegando ao destino, enviarei logo notícias mais detalhadas sobre os acontecimentos locais. Por enquanto só me resta submeter-me à vontade e à proteção de Deus, na certeza que V.S. lembrará deste humilde servidor em suas orações.

Beijo as mãos de Vossa Senhoria,

De Estrasburgo, no dia 10 de janeiro do ano de 1534

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

**O Verbo se fez carne**

**(1534)**

## Capítulo 23

Nos arredores de Münster, Westfália, 13 de janeiro de 1534

Salto em pé, ouvindo o estrondo ao longe, os canhões nos ouvidos, olhos arregalados, ainda há homens fugindo na planície.

Não. É só o trovão que nos persegue há dias pela estrada. Um outro tempo, uma outra visão. A palha, fedida e quente: tepidez animal de vacas e homens que me traz novamente aqui. E logo o frio que tolhe o sono, quando me afasto só um pouco do hálito do boi. Um olho redondo e enorme me observa: a ruminação cotidiana recomeçou.

Pela janela, uma luz muito estranha, de ferro, sob um céu baixo, carregado de nuvens e gelo à espera dos destemidos a caminho da cidade.

Eis o segundo, e mais um arrepio da memória: os animais inquietos sabem alguma coisa a mais, sobre o que nos espera lá fora. Rechaço as imagens do passado.

O terceiro trovão é um clarão que racha o horizonte. Aproxima-se mansamente, com as aves que gritam a fome e a frustração de não poder voar. Ela nos esmagará, aquela escuridão completa do céu.

E quem sabe se o fim não será exatamente assim: o repuxo e o dilúvio, ao invés do terremoto de espingardas. Não creio que escaparei novamente, pela segunda vez.

Mas isso não é pergunta que se faça ao alvorecer, de estômago vazio há dois dias e com todas essas milhas nas pernas.

Lá vem o quarto, muito mais perto. Quase sobre nós. Um ruído que sacode a terra, e a chuva que vem de repente, ricocheteia das folhas, e desce pelo telhado.

O olhar na estrada, já um canal de barro, que desliza atrás da baixa colina: só dois loucos viajariam com um tempo assim.

Dois como nós.

Ouçõ que resmunga na sombra do estábulo, blasfema em voz baixa.

O horizonte fechou-se todo: a cidade poderia não existir mais.

— Oh, Jan... já pensou que no dia do juízo poderia ser assim? Venha ver, a paisagem está irreconhecível. Parece incrível que a terra e o céu voltarão a ser como antes...

Ruído de feno esmagado, o equilíbrio ainda incerto: espia lá fora, espremendo os olhos.

— Mas que besteira está dizendo... É só o inverno.



— Ela está aí! Aí embaixo!

Um perfil cinzento, esfumado pelo dilúvio, que mal se entrevê.

— Você tem certeza?

— É ela.

— Como pode saber? Perdemos o caminho.

— É ela, sim. Já estive lá.

Quase começamos a correr.

Chegamos ao lado da colina e lá está, a um par de milhas, mas as nuvens a poupam. Na cidade não chove: o sol abre-se sobre os campanários, e uma coluna de luz desce para abraçar a muralha.

É assim, só assim sempre imaginei a cidade celestial...

— Digo-lhe que lembrarão deste dia, irmão, lembrarão dele como sendo o começo.

Os olhos dele brilham, a água escorre pela barba e pelas beiras do capuz:

— Claro. Lembrarão do dia em que os apóstolos do grande Matthys chegaram trazendo a esperança. Este é o início.

Sinto que está prestes a explodir, o solícito desleixado apóstolo cafetão dominado pelo êxtase de estar aqui.

Ostenta um gesto cavalheiresco para dar-me passagem, mas está sinceramente excitado:

— Bem-vindo à Nova Jerusalém, irmão Gert.

Os olhos riem:

— Bem-vindo você, Jan de Leiden, e cuidado para não ficar atrás.

Lançamo-nos colina abaixo, escorregando na grama ensopada, levantando-nos e rindo feito bêbedos.

## Capítulo 24

Münster, 13 de janeiro de 1534

O nome latim, *Monasterium*, nos lembra um lugar de paz e distante do mundo.

Münster, pelo contrário, pede ferro e fogo.

Nove portões de entrada. Em cada um, três canhões: paredes grossas, passagens estreitas.

Quatro torres baixas e maciças apontando para os pontos cardeais: o posto avançado que cerra a cidade.

Muralhas que permitem a passagem de três homens lado a lado por toda a extensão, a circundam por inteiro.

A água do fosso é o curso desviado do rio Aa, que corta a cidade em duas partes.

O fosso é duplo, água escura diante da primeira cinta de muros e água escura atrás, transposta por pequenas pontes que dão acesso à segunda cinta, mais baixa, marcada por torres toscas.

Inexpugnável.



— Irmãos e irmãs, os viajantes que esperávamos chegaram. Enoch e Elias cruzam o mundo e chegam em Münster para a anunciar que a hora está chegando, que os ricos têm os dias contados, e o poder do bispo será apagado para sempre. Hoje sabemos com certeza que a liberdade e a justiça estão nos aguardando. Justiça para nós, irmãos e irmãs, justiça para quem é mantido em servidão, forçado a trabalhar por um salário de fome, para quem tem fé e vê a casa do

Senhor manchada de imagens, e as crianças lavadas com água benta, como cães debaixo de uma fonte.

“Ontem perguntei a um menino de cinco anos quem era Jesus. Sabem o que ele respondeu? Uma estátua. Foi o que ele disse: uma estátua. Para a sua pequena mente, Cristo não é nada mais que o ídolo diante do qual os pais o forçam a rezar antes de dormir! Para os papistas, esta é a fé! Primeiro, aprender a venerar e obedecer, depois entender e crer! Que raça de fé pode ser essa, e que suplício inútil para as crianças! Mas eles querem batizá-los, sim irmãos, porque temem que sem o batismo, o Espírito Santo não desça sobre eles. Desta forma, o ato da fé torna-se secundário: as consciências são lavadas com água benta antes que possam cometer pecados. E assim o batismo cobre as abominações mais inomináveis: lucrar com o trabalho alheio, acumular as posses, a propriedade das terras que *vocês* cultivam, dos teares em que *vocês* trabalham. Os velhos crentes não permitem que alguém possa levar a vida que quiser, querem que *vocês* trabalhem para eles e sejam felizes com a fé que os doutores lhes entregam. A deles, é uma fé de condenação, é a fé do Anticristo! Mas nós, irmãos, queremos Redenção! Nós queremos liberdade e justiça para todos! Queremos ler livremente a palavra do Senhor e livremente escolher quem nos fala do púlpito e quem nos representa no Conselho! De fato, quem decidia os destinos da cidade antes que o enxotássemos a pontapés? O bispo. E quem decide agora? Os ricos, os insignes aldeões, ilustres admiradores de Lutero, só porque a doutrina dele lhes permite resistir ao bispo! E *vocês*, irmãos e irmãs, *vocês* que dão vida a esta cidade, nem podem colocar palavras nas sentenças deles. *Vocês* só têm que obedecer, como o próprio Lutero grita lá daquela toca principesca. Os velhos crentes dizem que os bons cristãos não podem ocupar-se do mundo, que devem cultivar a própria fé em particular, continuando a sofrer em silêncio a arbitrariedade, porque somos todos pecadores condenados a expiar.

“Mas eis os mensageiros da esperança, eis os que vêm anunciar-nos o fim do velho céu e da velha terra, porque nós queremos outros. Estes dois homens recolheram o nosso grito indignado e vieram trazer o testemunho, como Enoch e Elias, dizer-nos que não estamos sozinhos, que a hora chegou. Os poderosos da terra serão despojados, suas cátedras ruirão, pela mão do Senhor. Cristo não vem trazer a paz, mas a espada. As portas abrem-se agora aos que

saberão ousar. Se quiserem esmagar-nos com um golpe de espada, com a espada nos defenderemos daquele golpe e retribuiremos com cem!”

Bernhard Rothmann. À minha frente está a coragem, a raiva, o macho, a força imensa de uma fé que não via há muito tempo. Magister, se você estivesse aqui agora, se tudo tivesse acabado de outra forma, sentiria que nem tudo foi perdido, que alguma coisa, arrastando-se e saindo das cinzas, sobreviveu e aduba uma nova terra. Cem, duzentos? Já não sei contar as massas, você tinha ensinado, esqueci. Esqueci a força, Magister, e você não pode ensinar-me mais nada. Sou outra pessoa, talvez um filho da puta, desiludido e enraivecido, no entanto pela primeira vez, depois de tantos anos, no lugar certo. Era aqui que precisávamos chegar, ou nenhum outro lugar, a esta verdade: não há fé sem conflito. Foi sempre assim, e mesmo se já não me importo com a minha fé, hoje recomeça a arder aquilo que perdi na planície de maio. É a consciência que você me deu: nunca libertaremos os nossos espíritos, sem libertar os nossos corpos. E se não conseguirmos, não saberemos o que fazer com estes corpos: são tempos em que a miséria e a força nem são tão diferentes entre si. Então ainda vale a pena romper o jugo e aceitar o que o destino nos oferece no fim. Combateremos mais uma vez. Novamente. Ou morreremos tentando.

Agora é a vez de Jan de Leiden. Pronto, decidido, uma plateia para ele. O olhar desliza no vazio sobre as cabeças, não erre, Jan, é o seu momento: pose de ator, como sempre excessiva, ridícula, vomita palavras absurdas que aos poucos vão adquirindo sentido na mente, e encontram uma sequência particular, acertam na mosca. Serão os movimentos, os gestos, os olhos arregalados e logo em seguida fascinantes, será a beleza, a juventude, sei lá. Só sei que funciona.

— Jan anda por estas vias, sem meta como um naufrago ao sabor das correntes, e procura um sinal, um indício, que revele se este é lugar

onde encontrará o que procura. — O tom aumenta rapidamente: — Estúpido tolo, filho de uma cadela de Leiden! O sinal não está ao seu redor, não está nos muros, nos tijolos, no cal, nas pedras, não, não encontrará o que quer. O sinal é a própria procura, o sinal é você andando pela lama das estradas. São vocês. Somos nós que estamos à procura: nós que somos o agora, o já e não o ainda. Os velhos estão parados, já foram. Velhos crentes já estão mortos. O tijolo da Catedral não diz nada. Os olhares de vocês dizem que Deus está aqui, Deus está aqui agora, o Espírito d'Ele está entre nós, nesta juventude, nestes braços, estes músculos, pernas, seios, olhos. Algo grandioso apresenta-se à soleira da vida, suja, maldita, insossa vida de merda que você pensava ser um peido silencioso no plano divino. Mas não! Deus fará de você um soldado. Ouça: Ele o chama para uma façanha. Ouça, ouça o seu íntimo. Está aqui, está fazendo a chamada para a última batalha. Jan, ouça, maldito verme! — Os olhos apertam-se repentinamente, duas fendas azuis, num voo rasante sobre as cabeças, planam, depois sobem novamente, com um silvo: — Sim, bufão-charlatão-mulherengo, porque é disto que estamos falando, o que você pensa que é? Pensava em lutar por um pedaço de papel borrado de suas liberdades cívicas? Vá pro inferno! Deus está falando de outra coisa: não de Münster, não, não destas casas, estas pedras, estas ruas, não disto tudo como está agora. Mas daquilo que se tornam. De vocês e de mim na Cidade, irmãos! Deus não pede que combatemos por um tratado, não por uma paz imparcial: quer que combatemos pela Nova Jerusalém. Céu e terra novos! Um mundo, o nosso novo mundo deste lado do Oceano! — Pânico e novamente assombro nos olhares. — Esta é a promessa que expulsa os charlatães, os indecisos, os ineptos, a escória que não consegue ouvir a chamada. Que nos deixem agora e se dirijam ao cemitério da velha fé. Nós edificaremos a pirâmide de fogo, nós fundaremos a Nova Jerusalém. Sozinhos, você vai perguntar? Não, Jan, filho de um cão! Agora você pensa que aquelas mãos sujas e cheias de calos que sempre souberam construir somente castelos de merda nunca conseguirão usar a massa celestial. Você se engana, bufão-jogral-mentecapto! A promessa é clara: Eu lhes mandarei um profeta, que os guiará na batalha e reunirá toda a força de vocês para cuspi-la na cara dos meus inimigos. Ouçam! Abram caminho ao profeta, que hoje lhes enviou dois emissários, Jan de Leiden e Gert do Poço, para acender a faísca. Quando o profeta chegar, não

estaremos sozinhos e Münster será uma grande chama, uma enorme e gigantesca pirâmide de fogo erguendo-se para o céu, rasgando as nuvens e construindo a escadaria para o reino. Eu sei, o nome dele gela o sangue dos poderosos, dos ricos e dos ímpios, que correm a esconder-se debaixo dos cobertores de brocado, quando o ouvem ressoar entre os bandos de miseráveis. E redigem éditos, instituem prêmios, estúpidos gigantes de argila, não sabem que ele está em todo lugar, que os apóstolos deles chegaram às cidades, aos vilarejos, levando a notícia do fim dos tempos. Jan Matthys é o nome, irmãos! Ele é o verdadeiro Enoch, aquele que chegará no fim do tempo para inaugurar a cidade celestial! Depois de nós, Matthys, o Grande!

Estupefatos, confusos, calados. A ansiedade difundiu-se entre a multidão enquanto Jan falava, um mal-estar estranho, que força as pessoas a olharem-se bem no rosto para reconhecerem-se, para confirmar que continuam sendo as mesmas. Aldeões, operários, artesãos, mães, rostos rudes, mãos fortes. Jovens, todos eles, porque a miséria não oferece o tempo de envelhecer. Eu vim realmente dizer que em algum lugar ainda existe a esperança do resgate e do reino? A beleza madura de Rothmann, o pregador deles, e os vinte e cinco anos de Bockelson sussurram aos ouvidos deles que é possível.

Um homem corpulento, barriga de cerveja e ombros largos abraça Jan de Leiden, beijando-lhe a barba. A magreza de Rothmann e a sua voz convincente, aliadas ao porte de urso do representante das corporações artesãs de Münster: Berndt Knipperdolling, curtidor e alfaiate. Sobe na mesa em que estamos, provocando rangidos preocupantes:

— As boas vindas aos apóstolos do Grande Matthys, de parte de toda a comunidade dos irmãos de Münster. Os presentes falarão deste dia aos netos, porque este é o começo. Deus pousou o olhar sobre a nossa cidade de Münster e decidiu: é daqui que tudo terá início. Nós começamos a luta, nós a levaremos adiante. Estejam certos que não será fácil: precisaremos resistir ao bispo, precisaremos arrancar o poder das mãos dos ilustres, precisaremos suar e talvez também derramar o nosso sangue neste empreendimento. Mas a hora chegou, não podemos esperar muito. Eis porque lhes digo: quem não estiver disposto, que nos deixe agora e vá para o inferno. Amém.

Um só clangor de punhos erguidos, batidas de palmas e ferramentas de trabalho que se chocam.



— O seu nome viaja nas asas do vento: Bernhard Rothmann, o pregador dos oprimidos.

Ri, convincente, sincero, movendo as mãos e o corpo de uma forma que conquista a simpatia. Não saberia dizer se isso tudo é natural ou forçado, mas já fui informado das vozes que circulam sobre a irresistível atração exercida por Rothmann sobre as senhoras de Münster. Dizem que mais de um marido gostaria de vê-lo pendurado em uma forca, e não por razões de fé. Parece que as mulheres consideram irresistíveis os sermões dele e permanecem muito tempo, depois das funções, para discuti-los em particular com o pregador. Aliás, o que não lhe falta é a boa aparência, não aparenta de forma alguma os quarenta anos que tem.

— O nome de Matthys também já percorreu um bom caminho, se não for ainda maior. Está sendo esperado com ansiedade.

— Ele chegará logo. Esse encontro é muito importante para nós.

Aprova, enquanto me oferece bebida:

— Há muito que fazer. Você viu, somos firmes, mas ainda poucos. Tudo deve ser encaminhado a nosso favor, dia a dia.

— Hum! Vocês contaram quantos são?

Oferece-me uma cadeira carcomida, único móvel do cômodo em que está alojado, além do catre de vime.

— É difícil avaliar o contingente efetivo. A situação é incerta. O bispo von Waldeck caiu fora assim que as coisas começaram a pender para o lado protestante, e agora está a poucas milhas daqui confabulando com os feudatários dele. Os católicos estão escondidos e sujando-se nas roupas, aguardando que o porco volte, possivelmente armado, e ponha para fora nós batistas e todos os luteranos.

— E por que ele não faz isso?

— Porque sabe que despertaria o espírito municipal de Münster e reuniria todos contra ele. A cidade não quer voltar a ser uma propriedade particular dele. — Um sorriso. — Alguma coisa boa nós já fizemos, precisamos reconhecer. Von Waldeck é esperto, meu

amigo, muito esperto. Não devemos cometer o erro de subestimá-lo ou pensar que esteja fora da parada. Ainda é o nosso maior inimigo.

Começo a entender:

— E dentro da muralha?

Ele se acende:

— Os luteranos e os católicos se unem para hostilizar o nosso sucesso junto ao povo, os operários e os artesãos de Knipperdolling. Quase todos os grandes mercadores que votam pelo Conselho são luteranos, e elegeram dois deles para burgomestres: Judefeldt e Tilbeck. Judefeldt é um desleal, um frouxo que teme o bispo tanto quanto o demônio. Tilbeck parece ter alguma consideração por nós, faria de tudo para não deixar os bispados voltarem à cidade, mas é bom não confiar muito nele. O povinho pende para o nosso lado e isso os assusta, têm medo de ser destronados. É bom que tenham mesmo. Por outro lado, eles não confiam nos católicos, temem que entreguem a cidade de presente ao bispo. — Encolhe os ombros. — Como você vê, a situação está bem longe de ser definida. Precisamos jogar em duas frentes: o bispo lá fora, com os espiões dele na cidade, e os luteranos dentro, adversários dele mas certamente não amigos nossos. Até agora conseguimos derrotá-los toda vez que tentaram livrar-se de nós. O povo nos defendeu, ele é a nossa força.

— O povo, é. As suas palavras de hoje fizeram-me lembrar um homem que conheci há alguns anos, quando tinha mais ou menos a idade de Jan. Eu lutei por aquelas palavras. E confesso-lhe que pensei nunca fazer isso de novo.

— Isso é um elogio?

— Penso que sim. Mas saiba que naquela vez, perdi tudo.

Um olhar compreensivo.

— Entendo. Está com medo? O apóstolo do Grande Matthys teme uma segunda derrota?

— Não, não é isso. Só queria dizer que precisa tomar cuidado, ser prudente.

Passa uma mão entre os cabelos e arruma as pregas da roupa, um tecido pobre usado com uma elegância incrível:

— Sei disso. Mas agora conto com ótimos aliados — ele sempre consegue lisonjear as pessoas. — Jan de Leiden falou com fogo nas veias.

Rio:

— Jan é um louco, um enorme charlatão, um grande ator e um

mulherengo bem sucedido. Mas ele se dá bem, e muito. É importante tê-lo conosco, já o vi em ação: quando quer, é uma verdadeira máquina e guerra.

Desta vez, rimos juntos.

## Capítulo 25

Münster, 13 de janeiro de 1534, tarde

— Meu Deus, amigos, se a fé dos habitantes de Münster é tão abundante quanto as tetas das mulheres daqui, então eu nunca estive em um lugar tão perto do paraíso!

Jan de Leiden afunda o rosto excitado no amplo seio de sua primeira admiradora münsterense. As palavras dele são o estopim da risada de Knipperdolling.

— E você nunca viu o palmo enorme do chefe das corporações daqui — lhe retruca com pouca modéstia, após algumas tentativas frustradas de articular uma frase compreensível.

— Um palmo, amigo Berndt? — Pergunta Jan com uma ponta de sarcasmo. — Então os indígenas das Américas estão à nossa frente, no Reino dos Céus!

— O que quer dizer com isso? — pergunta Knipperdolling curioso, enquanto desabotoa o corpete de sua dama.

— Deixe para lá, amigo. Não quero ferir o seu orgulho.

— Um travesseiro acerta Jan em pleno rosto. As duas mulheres soltam gargalhadas e recompensam os respectivos cavalheiros com atenções sempre mais intensas.

A jovem que cuida de mim não perde tempo com conversa. Dois ou três beijos nos lábios e desce para cuidar do resto. Só consegui entender o nome dela e ainda deu tempo para esquecê-lo.

Enquanto isso, Knipperdolling agita-se entre as cobertas. Tenta virar e sentar sem afastar-se da amiga, mas a barriga atrapalha.

— Hei, Jan, você que é do ofício, sabe de alguma posição cômoda para nós que temos o tórax um pouco caído?

— Bom, amigo Berndt, não saberia. Mas posso contar da época em que trabalhava com a puta mais gorda da Europa. Você não imagina quantos fregueses tinha aquela vaca!

— Vamos! Como era gorda?

— Veja, uma balofa nojenta. Mas os tipos como você gostavam demais.

— Em que sentido?

Jan aperta os lábios e esmaga entre as mãos as tetas da loira. A voz dele é mais aguda que de costume:

— Sim, Matilde, a tua banha me faz gozar. As magras não, porque eu sou um pançudo.

— Vá tomar no cu!

— Eu juro! Todos a queriam: mesmo que fosse só para dizer que tinham comido uma que precisava de cinco para ser erguida.

Um beijo agressivo cala Knipperdolling. De minha parte, não preciso desse tipo de mordação. Meio deitado no chão, a nuca apoiada ao muro e uma jovem que me engole lentamente, já não tenho palavras.

Jan agora já foi quase sufocado pela descarada companheira. Parece que ela conseguiu mantê-lo quieto.

Assim, é no silêncio geral que Knipperdolling começa a emitir um surdo, ofegante, definitivo mugido.

— Você corta sempre a fita de chegada tão depressa, amigo Berndt? — pergunta Jan com a risada de sempre. — Tenho um remédio para isso. Você ferve umas cebolas na água, quando está fria, você o enxágua lá dentro. — Agita as mãos no ar. — Infalível, pode crer. Senão, se você passar por Leiden, chame a Hélène. Ela trabalhava para mim: é a única puta que conheço que consegue fazer você gozar sem ejacular.

— E como ela faz?

— Não sei, mas ela consegue. Imagine que eu a cobrava por hora e tinha até que fazer reservas. Veja só: uma dia apareceu um que queria uma rapidinha, entendeu? Ela, por outro lado, pensava que era para segurá-lo aí pelo menos durante uma hora. O sujeito empurrava feito condenado, mas nada. Passou um tempo e ele ficou muito bravo. Aí ele tirou a faca e cortou a cara dela, entendeu? Claro que essa foi a última coisa que ele fez na vida. Ou seja, caralho, estragou-me um capital e tanto!

Knipperdolling afasta os cabelos de sua bela da carona suada e

olha para o lado do Jan:

— Merda! — é só o que comenta.

Não consigo segurar uma risadinha, mas estou sem forças para ilustrar-lhe o estranho hábito do nosso ator: quando conta uma mentira, não consegue segurar aquele “entendeu?” É um método infalível para emoldurar as próprias anedotas.

Knipperdolling agora não quer perder uma só história do amigo cafetão:

— O que você ia dizer dos indígenas?

— Quando?

— Antes, não? Aqueles que estão na nossa frente no Reino dos Céus!

— Ah, nada. Quem me contou, foi um marinheiro cliente meu que esteve lá. Lá eles são muito mais baixos que nós, mas têm um cacete deste tamanho. E se quiser saber, um outro cliente que esteve na África, disse que lá eles se circuncidem, porque as mulheres gostam muito mais.

— Aqueles Judeus fedorentos! Então é claro que eles também fazem isso pelo mesmo motivo, povo eleito o quê!

Jan também já vai acabar. Só de lembrar Israel, está ainda mais excitado. Ergue os braços para o céu e não resiste:

— Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa!

Pronuncia a última vogal como uma longa lamentação, enquanto cai lentamente sobre o leito.

Se o conheço bem, não vai falar mais.

Poucos minutos e já está novamente na sela. Não o conheço tão bem assim.

— Senhores, senhoras, amigos, *por favor*. — Nu, braços abertos, ajoelhado na cama. — Algumas instruções antes, ou pedidos, como quiserem: você, amigo Berndt, pretende matar-me de sede, porco negociante sovina, é isso? Porque então sobre você recairão...

— Está bem, já vou, mas, mas você dá medo, bebe como uma esponja, não tinha percebido... — A barriga de Knipperdolling balança na direção do cômodo ao lado.

— Isso, muito bem, bom mesmo! — aplaude ruidosamente. — E você, amiga, minha devotada puta santa, continua brincando com o divino aspersório que tenho entre as pernas, enquanto o Santo Cafetão conta a história de suas nobres origens. Isso, bom, isso.

Knipperdolling volta com três garrafas de aguardente e um sorriso idiota estampado no rosto, que se apaga quanto percebe que a senhora dele já está afundando por completo o rosto na bunda de Jan.

— Bom, estou pronto, aliás, não. Gert! Gert, há alguém aí? Tem certeza que a mocinha aí não o derreteu todo? Há uma hora ela o mantém na boca, ela vai acabar sufocando!

— Vá cagar! — é a minha resposta.

— Não, meu caro, não seria o caso, também para o bem de Madame Beijabunda aqui embaixo. Mas agora chega, um pouco de atenção, *por favor!*

Knipperdolling não está muito convencido, ele vai entrar naquela mescla de carne, para ganhar uma posição.

— Minha mãe era uma imigrante alemã, solteira. Entregou-se em um fosso ao velho Schulze Bockel, grande mulherengo de Haia, e me pôs no mundo com o nome Johann, em holandês Jan. Aos dezesseis anos embarquei em um navio mercante: Inglaterra... Flandres, Portugal... Lubec... depois o contramestre começou a interessar-se particularmente por mim. Uma noite durante uma borrasca parti-lhe a cabeça com um remo e o joguei para fora. Depois de dois dias desembarquei em Leiden enfiando-me na cama da mulher dele. Consolei a viúva por uns dois anos, vivi na casa dela e consegui uma parte das suas economias. A senhora me arrumou um trabalho como alfaiate: dizia que eu levava jeito, não sei porque, nunca tive vontade de fazer nada. Uma grande vadia é o que ela era: trocara um marido gordo e beberrão por um maravilhoso jovem de vinte anos... Mas a minha vocação verdadeira era outra, não queria rachar as costas trabalhando a vida toda, merecia algo melhor, mais elevado e espiritual, ser ator, escrever versos, tinha que largar aquela velha meretriz... viver a minha vida... isso. Onde parei? Ah! Quando larguei a viúva e abri a minha taberna... Um prostíbulo luxuoso, bons lucros e poucos problemas. Entretinha os meus fregueses declamando os meus versos, antes que as moças cuidassem deles. Uma vez até representei em uma igreja, passagens do Velho Testamento de cor, não besteiras. A Câmara dos Retóricos me elegeu membro honorário. Sabem, eram assíduos frequentadores do meu bordel e eu lhes concedia descontos excepcionais, tarifas de favor. Eu, no meio das minhas putas, estava mais perto de Deus que todos aqueles literatos de nariz empinado que vinham tratar do pênis com

elas!

“Um dia chegaram no meu prostíbulo dois viajantes enviados por Deus. Um é Jan Matthys e o outro é aquele que Inge está massacrando no tapete. Gert, você ainda está vivo? E ele me dizem: ‘Jan de Leiden, o Senhor precisa de você, largue tudo e acompanhe-nos’.”

— E você fez isso...

— Claro, porque sentia que era o que tinha de fazer, era o meu destino, enfim. Deus falou comigo e disse: “Jan, bastardo-chupador-de-mulher, eu o caguei na terra por um motivo, não para que rolasse na lama e nos humores pela vida toda! Levante e siga esses homens, você tem um dever a cumprir”. E aqui estamos, recebendo as boas-vindas de vocês. E que o nosso agradecimento, amigo Berndt, o acompanhe até o céu, onde receberá o que merece!

Knipperdolling ri segurando os colhões:

— O caralho, agourento, o caralho, mas ouça, você estava falando aquilo dos indígenas, vamos, é uma besteira.

— Do tamanho de um braço, Berndt, de um braço.

Knipperdolling fica sombrio. Jan sorve da garrafa, caindo estendido sobre a cama. Começa a tagarelar:

— Quem sou? Adivinhem, quem sou?

Silêncio.

— Vamos, vamos, é fácil. — Pega uma borda do lençol com dois dedos e começa a cobrir-se lentamente: — Quem sou?

— Um bêbedo perdido.

Levanta, seríssimo, enrolado no lençol:

— Maldito seja, Canaã! Escravo dos escravos será para os seus irmãos! — Um berro para Knipperdolling: — Quem sou?!

O chefe das corporações olha para mim turbado, visivelmente assustado.

Quando vou tranquilizá-lo, Inge levanta a cabeça, vira-se para Jan e diz:

— Noé.

## Capítulo 26

Münster, 28 de janeiro de 1534

Münster exerce um fascínio particular, vielas estreitas, casas escuras, a praça do Mercado em cujos lados ergue-se São Lamberto: a arquitetura e a disposição dos edifícios, tudo parece casual e caótico mas, com o passar dos dias, você percebe que existe uma ordem, oculta no dédalo de caminhos. Passei o tempo livre explorando a cidade, andando sem rumo por horas, perdendo-me no labirinto e orientando-me novamente, cada vez em pontos diferentes da cidade. Descubro passagens quase secretas, converso com os comerciantes, as pessoas são acolhedoras com os estrangeiros, talvez porque o anabaptismo tenha chegado através dos profetas nômades holandeses. Conheci um deles, Heinrich Rol, ao qual foi entregue uma paróquia dentro da muralha. Falamos muito da Holanda, ela citou nomes de coirmãos daquela localidade, que não consegui lembrar. Dizem que Münster tenha quinze mil habitantes, mas nos dias de mercado há muito mais pessoas. Os aldeões são viajantes, trabalhadores têxteis e muitos operários. Pelo fato de terem enxotado o bispo, conseguiram abolir as taxas sobre os tecidos, podendo concorrer com os produtos dos conventos: os frades estão em apuros, os mercadores engordam. Aprendi a captar a força que os lugares emanam, esta muralha transpira excitação, descontentamento, vida: é uma encruzilhada importante, entre o Norte da Alemanha e o baixo Reno, mas há uma energia vital que emana daqui, do seu interior, do conflito que nasce entre a sujeira e as rodas das carroças.

Münster é um daqueles lugares que lhe passam a sensação que

cedo ou tarde, inevitavelmente, acontecerá alguma coisa.



Voo sobre a lama da rua, já envolvida na escuridão, sem preocupar-me com os respingos que emporcalham as minhas calças, voo rapidamente, na ponta das botas, até à casa. Knipperdolling mandou chamar-nos todos, encontraram-me na taberna, enquanto assistia a uma disputa teológica entre dois ferradores. Rápido, rápido, um grande problema, o menino que me localizou pediu para seguir até à casa do chefe das corporações e prender à capa o alfinete, um pedaço de cobre com o acróstico da nossa senha: DWWF, O Verbo se Fez Carne, senão, não me deixariam entrar.

Três batidas com o badalo e, depois de um instante, uma voz conhecida:

— Quem está aí?

— Gert do Poço.

— Qual é a senha?

Seguro o alfinete:

— O Verbo se Fez Carne.

Ferrolhos que correm: Rothmann convida-me a entrar, uma olhada rápida atrás de mim, antes de fechar novamente a porta.

— Ainda bem que o encontramos: o ar está muito pesado.

— O que está acontecendo?

— Você não soube de nada?

Encolho os ombros como se estivesse me desculpando.

A preocupação é bem visível em seu rosto:

— O bispo, aquele filho da puta, mandou afixar um edital: tolheu-nos todo direito civil, assim como dos que nos apoiam. Ameaça os cidadãos que continuarem acobertando-nos.

— Merda.

— Von Waldeck está aprontando alguma coisa, eu o conheço, quer dividir-nos, pensa em levar os luteranos para o lado dele e deixar-nos isolados. Venha, convocamos esta reunião para decidir a nossa reação. Precisamos do parecer de todos.

A sala de jantar já está repleta, umas vinte pessoas estão apinhadas em volta da mesa redonda, o murmúrio lembra o barulho do mercado quando é colhido ao longe. Knipperdolling e

Kibbenbrock estão discutindo em voz baixa, os rostos vermelhos dos dois representantes das corporações têxteis falam por si só.

Quando me veem, pedem que me aproxime. Chego até eles abrindo caminho com os cotovelos, Bockelson já está aí, um sinal grave de saudação:

— Ouviu sobre o edital?

— Rothmann falou, eu não sabia nada, zanzei o dia todo.

Rothmann interrompe o falatório com grandes gestos, os coirmãos calam, um comandando o outro:

— Irmãos, o momento é difícil, não adianta esconder, a ofensiva de von Waldeck é voltada a isolar-nos na cidade, colocar-nos à margem da lei para poder perseguir-nos, possivelmente com a conivência dos luteranos. Esta noite precisamos decidir o modo de defender-nos, agora que o bispo abriu o jogo e o perigo está pairando sobre nós.

Batem à porta, rostos atônitos, alguém corre para ver, ouve-se a senha daqui, mais de uma vez, são vários.

Uma dúzia de operários, martelos e machados na mão, à frente em pequeno magro e escuro, enorme pistola no cinto, olhar de filho da puta e gestos rápidos. É Redeker, bandido de rua por profissão, que se juntou aos batistas para aliviar as bolsas dos ricos, e depois convertido à causa comum. O próprio Rothmann batizou-o há alguns dias, depois que tinha oferecido uma prova de confiança, doando ao fundo batista o lucro do assalto mais lucrativo: quinhentos florins de ouro arrancados do cavalheiro episcopal von Büren, uma façanha memorável.

Rothmann os fulmina todos com o olhar:

— O que significa?

— Que o povo não quer ficar com as mãos abanando enquanto lhe põem uma corda ao pescoço.

— Não é um bom motivo para chegarem armados à casa de Knipperdolling, irmão Redeker. Não devemos oferecer aos nossos adversários um pretexto para atacar-nos.

— O Redeker tem razão. Não podemos esperar que entrem por aquela porta e nos degolem! — O eco vem de quem o seguiu, um coral de incitações:

— Isso mesmo! Vamos em cima deles e acabar com isso de uma vez por todas!

Rothmann aperta os olhos, um lobo:

— E o que pretendem fazer?

Redeker o esquadrinha, plantado no meio do cômodo:

— Eu digo: vamos aniquilá-los. Cortamos a garganta dos papistas, cortamos a garganta dos luteranos. Confiaria até em cobra, mas não em Judefeldt e os compadres do Conselho.

— E Tilbeck? O outro burgomestre não nos hostiliza, você quer degolar ele também?

— Estão todos combinados, Rothmann, você não vê? Um banca o bonzinho e o outro o durão, são uns vendidos, são mil vezes mais favoráveis ao von Waldeck que a nós, só esperam uma boa oportunidade para apunhalar-nos enquanto dormimos, e o bispo lhes serve essa chance em bandeja de prata. Vamos pôr um ponto final nesta situação e quem deve ir para o inferno, que vá logo.

Rothmann cruza os braços, dá alguns passos meditando feito histrião:

— Não, irmãos, não. Não pode ser este o caminho. — Deixa que as palavras colham a atenção das partes. — Lutamos durante dois anos, às vezes unidos, às vezes isolados, conquistando o apoio do povo de Münster, dos operários, passo a passo, semeando a nossa mensagem, colhendo adesões na cidade e também fora dela. — O olhar recai sobre mim, sobre Bockelson. — Os apóstolos de Matthys estão aqui. E está chegando mais gente, guiada pela esperança, até à nossa cidade. E eles, aqueles homens e mulheres cheios de fé em Deus e em nós, sim, irmãos, em nós, na nossa capacidade de vencer esta batalha, não podem ver tudo perdido em uma só noite, na onda do pânico. Não é só a fé deles que nos fortalece, mas também a contribuição material, até os patrimônios, irmãos, o dinheiro que nos é entregue. — Um murmúrio percorre o ambiente, olhares de interrogação à procura dos doadores.

A raiva contida de Redeker o interrompe:

— Eu também doeie à causa um monte de dinheiro. E agora eu lhes digo, com aquele dinheiro vamos comprar canhões!

— Isso, peças de artilharia e umas espadas!

— E pistolas!

— Não, não se resolve tudo assim, não os nossos esforços, Redeker, não o nosso trabalho. Se dermos início a um massacre, que dirão as cidades vizinhas, os irmãos que olham para Münster como um farol para a cristandade renovada? Pensarão que somos loucos sanguinários e se afastarão. O que você ofereceu à causa, o que os

outros doam hoje, não é um saque de guerra. E eu digo que podemos empregar a disponibilidade de maneira bem diferente e com proveito.

— Que porra quer dizer isso?

— Significa que hoje o bispo tenta colocar a população contra nós, ameaçando-a se nos apoiar. Pois bem, temos que achar uma maneira de mantê-la do nosso lado. Precisamos ser os capitães dos humildes, não só de nós mesmos. Você não entende o que Waldeck quer? Eu não farei o jogo dele, reagiremos, Redeker, mas de um modo mais eficaz. — Uma pausa para criar a expectativa. — Proponho que a assembleia delibere sobre o uso do dinheiro recolhido, a favor de um fundo para os pobres. Que todos os necessitados possam usufruir, conforme as modalidades que decidiremos, de uma caixa de mútuo socorro, e quem possui mais, que contribua como pode.

Sentados, Knipperdolling e Kibbenbrock concordam convencidos.

Redeker balança nas pernas, indeciso: não basta.

Rothmann insiste:

— Então os pobres entenderão que a causa deles é a nossa causa. O fundo de assistência mútua valerá mais que sermões, é algo concreto na vida deles. Os luteranos podem tramar quanto quiserem, mas seremos mais fortes, o bispo pode afixar mil editais, mas teremos o povo conosco!

Terminou, os dois olham-se por um longo momento. Atrás de Rothmann, cabeças consentindo, atrás de Redeker um murmúrio de incerteza.

O bandido torce a boca:

— E se decidirem pegar-nos por trás?

Levanto fazendo a cadeira voar, saco a adaga debaixo da capa colocando-a sobre a mesa, Rothmann e Knipperdolling sobressaltam.

— Se é ferro que querem experimentar, nós não deixaremos que lhes falte, irmão, palavra de Gert do Poço. Mas com o povo do nosso lado, as espadas serão milhares. — Silêncio sepulcral em toda a sala. — Agora sairemos e rasgaremos o edital do bispo e os luteranos verão que não tememos von Waldeck e muito menos eles. Que pensem duas vezes antes de atacar-nos.

O espanto de todos desaparece de imediato, a tensão de Rothmann também. Redeker fita-me arrogante, do outro lado da

espada, e simplesmente concorda.

— Está bem. Será como disseram. Mas nenhum de nós pretende bancar o mártir. Se acabarem comigo, estarei de espada na mão e levarei junto alguns daqueles bastardos.

Chegamos a um acordo, mérito das palavras de Rothmann e da atitude eficaz do apóstolo de Matthys. Votação para a criação do caixa para os pobres: unanimidade. Kibbenbrock, papel e pena, marca tudo nos livros contábeis, enquanto Redeker organiza grupos de cinco homens para arrancar o edital dos muros da cidade.

Rothmann e Knipperdolling chamam-me para uma conversa em particular, enquanto os coirmãos saem em grupos de três ou quatro, para não chamar a atenção. A noite dilui as silhuetas uma por uma.

Batida no ombro e um elogio:

— As palavras certas. Era o que queriam ouvir.

— E é o que eu penso. Redeker é um imprudente, mas sabe o que faz. Conseguimos fazer com que raciocinasse, e ele entendeu.

Knipperdolling encolhe os ombros:

— É um bandido de rua, difícil de lidar...

— Um bandido que rouba dos ricos cavalheiros e dá aos pobres coitados. Precisaria de mais gente como ele. Matthys diz que é na escória da rua que encontraremos os soldados de Deus, entre os últimos, os fora-da-lei, os saltimbancos, os cafetões... — Faço um gesto para o lado de Bockelson, acorado em uma cadeira perto da lareira, meio adormecido e segurando o saco entre as mãos.

O grande tecelão coça a barba:

— Você acha que chegaremos às armas?

— Não sei, von Waldeck não parece o tipo que deixa para lá.

— E os luteranos?

— Dependerá deles, eu acho.

Knipperdolling continua remexendo no queixo:

— Humm. Ouça, falta menos de um mês para as eleições de renovação do Conselho e dos burgomestres. Kibbenbrock e eu poderíamos candidatar-nos.

Rothmann abana a cabeça:

— Os que nos apoiam são pobres demais e não votam: ou você muda o ordenamento, ou já perdeu antes de começar.

O parecer dos apóstolos de Matthys parece ser essencial, insisto:

— Desejo sinceramente que consigam conquistar a cidade pacificamente, mas os ares indicam que as coisas podem ser bem

diferentes.

Rothmann concorda sério:

— É. Vamos ver. Mas que o fundo para os pobres funcione desde já. Eleições ou não, conseguiremos deixar luteranos e católicos em minoria. Por precaução, deslocaremos os cultos das paróquias para as casas particulares, para proteger-nos dos espiões.

— Que Deus nos proteja.

— Não tenho dúvidas, meus amigos. Agora, se permitirem, vou com os irmãos fazer o edital do bispo virar confetes.

— Vai deixar Jan aqui? — Knipperdolling lembra-me da carcaça do amigo, prostrada diante do fogo.

— Deixe que durma, não seria de grande ajuda...

Lá fora, a noite está gelada, nenhuma luz, os arrepios descem sob a capa, enquanto procuro o caminho para a praça do Mercado. Ajuda-me a memória das longas andanças por estas ruas. É só uma sombra, mas a sensação de uma presença me fez desembainhar a espada, está plantada diante de mim.

— Detenha a mão, irmão.

— Por que deveria?

— Porque o Verbo se fez carne.

Da escuridão, emerge um rosto, estava na reunião.

— Um pouco mais perto e o atravessaria sem pensar duas vezes... Quem é você?

— Alguém que admirou o seu modo de agir. Heinrich Gresbeck é o meu nome. — Uma cicatriz oblíqua divide a sua sobrancelha, olhos azuis, bem-apessoado, mais ou menos da minha idade.

— Você é daqui?

— Não, de um lugarejo aqui perto, e já se passaram dez anos desde a última vez estive por estes lados.

— Pregador?

— Mercenário.

— Não pensei que houvesse batistas treinados para o combate.

— Só eu e você.

— O que lhe sugere isso?

— Reconheço uma boa espada. Matthys sabe escolher os homens dele.

— É só o que queria me dizer?

O rosto é escavado, a cicatriz torna os traços mais duros e ameaçadores de quanto são realmente:

— Admiro Rothmann, ele me batizou. Temos um grande pregador, cedo ou tarde precisaremos também de um capitão.

— Você se refere a mim. Porque não você?

Ri, dentes brancos:

— Não brinque: eu sou o pequeno Gresbeck, você o grande Gert do Poço, o apóstolo. Seguirão você, assim como o ouviram esta noite.

— Irmão, eles não são mercenários.

— Sei disso. Não lutarão pelo saque, lutarão pelo reino, e por isso podem arrebentar todos. Mas alguém deverá guiá-los.

— Eu seguro o lugar de Matthys até que ele...

— Matthys era um padeiro, vamos parar de brincadeiras, aquele de Leiden era um gigolô, Knipperdolling e Kibbenbrock são tecelões, Rothmann, um homem da Bíblia.

Concordo, sem acrescentar nada. Um encorajamento:

— Quando será o momento, saberá onde encontrar-me.

— Estaremos todos lá. E agora vamos limpar o traseiro com aquele edital.

Penetra na noite da rua, à caça do fantasma de von Waldeck.

## Capítulo 27

Wolbeck, nos arredores de Münster, 2 de fevereiro de 1534

Tile Bussenschute, chamado Ciclope, fabricante de caixas por profissão, é um ser enorme, mitológico.

Bussenschute é uma daquelas criaturas que você ouve invocar quando as mães que já perderam a paciência dizem.:

— Se você não dormir, vou chamar o fabricante de caixas...

Nele, tudo adquire caráter de enormidade, exceto o cérebro. Não sei o que Kibbenbrock, quando foi tirá-lo de sua loja, possa ter-lhe contado, mas mesmo se lhe tivesse explicado tudo nos mínimos detalhes, o fabricante de caixas continuaria sem saber o que está acontecendo. Agita-se entediado na única roupa elegante que conseguimos vestir nele: vem do guarda-roupas de Knipperdolling e com impressionante dificuldade consegue conter a barriga, a bunda e os queixos duplos do nosso chefe de delegação. Geralmente, ele não fala, grunhe; dizem que ficou assim depois de três anos de prisão por homicídio: era carregador e na escadaria de um palácio jogou a um ajudante um fardo tão pesado que o fez perder o equilíbrio, rolar por toda uma rampa e acabar esmagado.

Logo depois de Bussenschute, todo encoberto pelo tamanho do primeiro, avança Redeker, que dividiu por algum tempo com o nosso fabricante de caixas uma das celas da prisão episcopal. Ele não perdeu o vício de apossar-se da bolsa dos outros e tem o péssimo hábito de vangloriar-se publicamente dos próprios gestos. Isso, mais dia, menos dia, ainda vai lhe trazer problemas.

Quem fecha o trio é Hans von der Wieck, chicaneiro, já candidato a participante da delegação. Acredita realmente que

poderá negociar a paz com o bispo e os luteranos, não voltando atrás nem quando decidimos transformar o encontro em carnaval.

O bispo convocou esta Dieta para chegar a um compromisso das partes que lhe permita voltar à cidade. Se fosse pelo burgomestre Judefeldt, ao qual caberia por direito participar da delegação urbana, o compromisso seria definido sem dúvida, a nosso desfavor: Waldeck concede algumas liberdades municipais para agradar os ricos luteranos amigos de Judefeldt, assume novamente o controle do seu principado, liquida os batistas e o povo se dana. *Divide et impera*, a história é velha.

Não há muito que fazer, além de expor toda a farsa. Obrigamos Judefeldt e o Conselho a aceitar a presença dos representantes do povo de Münster, escolhidos para a ocasião: um gigante monstruoso, um ladrão de rua, um advogado falido, e todos nós atrás.

Subimos as escadas um após o outro, em fila organizada, procurando manter a linha. Knipperdolling tem lágrimas nos olhos e, dos lábios fechados com dificuldade, cospe pequenos fragmentos de sua risada monumental. Foi ele o primeiro que indicou aquele nome, quando procurávamos um chefe de delegação à altura das nossas intenções:

— Tile o Ciclope! Isso, é o homem certo para o nosso caso!

Na sala da Dieta, na casa do cavaleiro Dietrich von Merfeld, uma das línguas mais ilustres dentre as que lambem a bunda do bispo: vigas do forro marchetadas, tapetes ornamentais nas paredes e um estilo grosseiro, um fanfarrão remediado. Os cadeirões em que estão os vassalos do bispo abrem-se como as asas de um pássaro. O dono da casa está sentado à direita do trono, triunfo do grande aparato: todos os braços estendidos para impressionar os pobres aldeões ignorantes.

O trono no meio, os braços de apoio de madeira em forma de cabeças de leão, o brasão episcopal ao lado daquele de sua estirpe, dominando o vértice do encosto.

Imponente, em preto da cabeça aos pés.

Botas reluzentes; calças de lã fina e uma camisa elegante; a fivela do cinto que segura a espada, de empunhadura entalhada; o anel episcopal brilha no dedo, ouro e rubi, e no peito o medalhão principesco do Império. Dentro, um corpo magro e ereto.

A cara do inimigo.

Cabelos prateados e barba cinzenta, rosto escavado, sem maçãs,

o caruncho do poder que o consome há anos.

Von Waldeck: cinco decênios bem suportados e o olhar da águia que avista a presa do alto.

Estamos aqui.

Tile Bussenschute, constrangido pelos ouros e estuques, mergulha em uma reverência, colocando em sério risco as costuras e os botões da roupa de Knipperdolling.

Um dos cavalheiros do bispo contorce-se no assento, estica o pescoço e ergue-se com as mãos sobre os braços de apoio, tentando entender quem se esconde atrás da montanha de carne que aos poucos avança para o centro da sala. Até que o ciclópico fabricante de caixas inclina-se ao ponto de permitir que surja o riso desabusado de Redeker.

Um instante. Melchior von Büren, assaltado por Telgte de rosto descoberto há menos de um mês, vê à sua frente o homem que lhe desviou as taxas que cobrara de suas terras. Talvez não o reconheça de imediato: espreme os olhos para ver melhor. Heinrich Redeker não resiste, pula à frente como se quisesse passar de uma vez sobre as costas que estão diante dele, rosto vermelho, peito para fora.

— Ainda desgastando o traseiro, amigo? — exclama com os dentes cerrados.

O assaltado, como resposta, desembainha a espada com um gesto rapidíssimo e a abana na cara do empalidecido Bussenschute:

— Lute, tratante, pagará cada florim com uma gota de sangue.

— Enquanto isso, vá pegando alguma gota disto! — grita o nosso delegado cuspendo-lhe no meio da cara, por cima dos ombros do chefe da delegação.

O cavalheiro episcopal tenta responder com um golpe de sua lâmina. O gesto deixa Tile Bussenschute muito nervoso, quando percebe que o ferro passa a um dedo de distância da sua orelha. A reação é imediata: carrega a mão aberta com o braço inteiro e a imprime na cara do espadachim, que cai junto com a cadeira, arrastando mais dois cavalheiros.

Judefeldt grita que precisam parar com isso e tenta refrear Redeker.

Von Waldeck, a águia, não se altera, não diz uma só palavra; nos observa com o melhor olhar de desprezo do seu repertório. Redeker vai fundo: insultos para os pais, para os mortos, para os santos protetores. Chega à raiz da árvore genealógica do adversário, com a

força do mais torpe linguajar.

O nosso von der Wieck cacareja no meio da confusão, procurando assumir o tom do advogado sério que nunca foi:

— No local escolhido para uma Dieta, vige a imunidade para todos e o banimento total de armas!

Os compadres seguram von Büren que quer chegar até Redeker, Judefeldt não economiza tentativas para tranquilizar todos, embaraçado e vermelho como uma criança impotente.

A cena pára quando von Waldeck levanta. Ficamos petrificados. Um olhar que aniquila a sala: agora sabe que o burgomestre é um zero à esquerda, os adversários dele somos nós. Ele nos fulmina em silêncio, vira-se com desdém e com seu andar coxo encaminha-se à saída, acompanhado de von Merfeld e de sua segurança pessoal.

## Capítulo 28

Münster, 8 de fevereiro de 1534

*Mais de uma, fora da Ordem ficou  
e em sua loucura do claustro escapou;  
muitas tomadas por carnal concupiscência  
entregaram-se à desenfreada delinquência*

Redeker concentra-se revirando a moeda nas mãos. Olha por um instante o muro, depois fecha um pouco os olhos, lança-a e vence a quinta cerveja, acrescida de aguardente.

— É a última — nos tranquiliza logo, enquanto voltamos à nossa mesa.

Há grupos ao redor das duas arenas formadas entre as mesas da taberna de Mercúrio. São os desafios do Carnaval desta noite: de um lado dança-se ao som do alaúde e o último a desistir das danças ganha um barril de cerveja; do outro, disputa-se uma porção de cerveja com aguardente; vencerá quem lançar uma moeda o mais perto possível do muro, mas sem tocá-lo. Redeker é o campeão absoluto.

Knipperdolling é credor do taberneiro e não perde a oportunidade. Já são quatro os canjirões enfileirados diante do seu nariz esponjoso. Sobe balançando na cadeira, tenta chamar a atenção dos presentes e começa a improvisar na melodia do alaúde uma canção sobre os acontecimentos que todos estão comentando:

*Foi um espírito impuro, um monstro peçonhento*

*que as empurrou para fora do convento  
Fugiram loucas das santas muralhas  
e encontraram guarida com a gentalha.*

Duas mesas à frente, alguém continua imediatamente as rimas do chefe das corporações, descrevendo a fuga de Überwasser. Nem chega a terminar, que outro acolhe o convite e celebra as façanhas de Rothmann sob os muros do convento. Funciona assim: quem começou a canção, neste caso o nosso Knipperdolling, paga a bebida de quem a conclui. É uma competição para ver quem consegue deixar a taberna inteira sem estrofes para acrescentar.

— Foi o máximo quando ele lembrou às freiras que tinham uma função procriadora. Nem sei como consegui permanecer sério — lembra Kibbenbrock abanando a cabeça incrédulo.

— Bem, ele não tinha razão? — rebate um outro. — Porque rir? A própria Bíblia diz que devemos multiplicar-nos.

— Claro, mas o que mais me divertiu foi a abadessa debruçada à janela, tentando reconduzir as irmãs ao amor pelo esposo único!

— Aquela velha meretriz von Merfeld! Puta e espiã do bispo! Saudações para as belas noviças.

Chega uma rodada de cerveja que Redeker paga com os lucros acumulados em Wolbeck. O pequeno bandido dança sobre uma mesa, no ritmo dos louvores em sua honra. Está bêbedo. Abaixa as calças balançando as ancas e repete em voz alta o convite que os que acompanhavam Rothmann haviam feito às freiras algumas horas antes:

— Força, irmãs, consolem estes coitados!

Um velho com dois bigodes enormes abraça por trás Knipperdolling e eu:

— Rapazes, eu ofereço a próxima rodada — exclama feliz. — Do momento que eu soube que possuía um pênis, no Carnaval vou com os amigos debaixo das janelas dos conventos fazer propostas às freiras mas, por deus, nunca as vi pular para fora daquele jeito. É merecimento de vocês, eu admito, foi demais!

Erguemos os canjirões para brindar ao elogio. O único que o deixa sobre a mesa é Jan de Leiden. É estranho que não tenha dito uma só palavra. Está quieto em seu lugar, com ar desinteressado. Se o conheço bem, está aborrecido porque não participou da confusão na torre de Überwasser. Ele tentou o mesmo resultado com as putas

de um bordel, convidando-as a oferecer sexo gratuito a todos os que fossem batizados por Rothmann, mas só havia conseguido colher insultos.

Levanta os olhos e vê que o estou observando. Começa a coçar um ombro com um jeito enfatiado, para manter compostura, mas não consegue. Aproveita do momento de silêncio e penetra:

— Pessoal, essa é fácil, olhem: Quem sou, heim? Quem sou? — Coça cada vez mais forte usando uma colher suja de sopa. Knipperdolling enrijece na cadeira. Alguém vira para outro lado, a fim de evitar a pergunta direta. Sinto o dever de salvá-los:

— Jan, é claro que você é Jó que coça a sarna. — Depois viro-me para os outros: — Como foi que não entenderam? Ele representou muito bem, não é?

Um coral:

— Isso mesmo, muito bem, Jan!

O ator se escarnece.

— Está bem, essa era fácil. Cuidado agora. — Da cadeira escorrega sob a mesa com um movimento felino, soprando com força entre os dentes: — Quem sou? Quem sou?

Knipperdolling levanta sem fazer barulho, murmurando que precisa urinar.

De baixo, a voz insiste:

— Não vão embora, ignorantes! Eu os ajudo: “quando desfalecia a minha vida, pensei no Senhor, minha oração chegou a vós, no vosso santo templo”.

— Quem recita de cor o livro de Jonas na taberna? — A voz incrédula e um pouco divertida é aquela de Rothmann, que acabou de encostar à nossa mesa. O profeta nem teve o tempo de sair das entranhas do grande peixe, que explode o grito de admiração pelo conquistador de Überwasser. Há uma semana fez com que as mulheres de Münster entregassem todas as joias para o fundo em favor dos pobres, hoje convenceu um bando de freiras a abraçar a fé renovada.

— Antigamente, para agradar às mulheres era necessário o dinheiro — é o comentário de um tecelão —, agora precisa conhecer as Escrituras. O que você faz às nossas mulheres, Bernhard?

— Sobre as mulheres de vocês, não abro a boca, mas às noviças de Überwasser bastou dizer que se não saíssem, Deus derrubaria na cabeça delas a torre dos sinos. — Um coral de risadas. — Além disso,

pessoal, lá dentro há pouca vocação: são aqueles gordos negociantes pais delas que convencem as noviças a renunciar do mundo, para não ter que desembolsar o dote.

Um copo de licor oferecido pelo taberneiro em pessoa “ao mais fascinante de todos os münsterenses” é depositado sobre a mesa. Rothmann sorve lentamente. Um olhar para Bockelson:

— Como parece abatido, o nosso Jan! O que lhe aconteceu esta noite, aonde tinha ido?

O santo gigolô pula em pé:

— Procurava a inspiração, está claro? Para o grande espetáculo desta noite. Eu rejeito com absoluta firmeza a ideia do pecado original! Por isso agora vou me despir e, nu como o pai Adão, andarei pelas ruas convidando os habitantes da cidade a resgatar o homem imaculado que está dentro deles. — Começa a tirar o jaquetão, cada vez mais agitado, atira-se contra o barrigão de Knipperdolling. — Coragem, amigo Berndt, você e eu seremos os atores principais desta grande comédia do Éden!

— Oh, Jan, está nevando!

Knipperdolling lança olhares assustados ao redor, depois se deixa convencer. Jan já está tirando o cinto dele:

— Arrependam-se, cidadãos de Münster, despojem-se do pecado!

O grito sobressalta os fregueses. Alguém começa a imitá-lo por brincadeira e quase como desafio, por causa do frio que está lá fora, uma dúzia de pessoas começa a despir-se. Tentando entender o que está acontecendo, Redeker distrai e joga contra o muro a sua moeda, perdendo assim a primeira de, pelo menos, quinze partidas.

Jan grita de rachar a garganta. Jan está todo nu. Jan sai da taberna. Knipperdolling imita todos os gestos dele. Atrás, uma dúzia de Adãos, no mínimo. Algumas pessoas aglomeram-se na porta da Taberna de Mercúrio. É necessário empurrar para assistir ao espetáculo.

Knipperdolling, apesar da gordura que o protege, não aguenta o frio e corre como um rio na cheia para aquecer-se. Jan o alcança. Coloca-se à frente da estranha comitiva. As pessoas descem à rua e fazem o sinal da cruz, não é possível saber se por devoção ou para afastar uma desgraça. Espalhamo-nos entre os vários grupos de pessoas jogando-nos ao chão, fingindo agitação, mas com vontade de rir. Rothmann declama as visões do livro de Ezequiel, Redeker

espuma pela boca, eu combato com a espada demônios imaginários.

Muitos nos imitam alegres, pensando em brincadeira de carnaval. Outros levam a sério até demais. Alguém começa a chorar, ajoelha e pede o batismo. Há quem deseja castigos corporais e quem joga os pertences na rua. Um velho, que foi um dos primeiros a tirar a roupa, cai ao chão e não consegue se mexer. Kibbenbrock o cobre com o próprio casaco de pele e o leva embora.

O alfaiate Schneider, cuja filha já foi raptada pelos anjos mais de uma vez, olhando para o céu, grita:

— Vejam: Deus domina entre as nuvens. Olhem para o estandarte da vitória que esmagará os ímpios!

Começa a correr ao longo da muralha, bate palmas, movimentando os braços como se voasse, pula, mas por não ter asas, cai na lama feito crucifixo.

## Capítulo 29

Münster, 9 Fevereiro de 1534, manhã

Uma série de batidas na porta me despertam.

Instintivamente minha mão vai para baixo do colchão, para o cabo do meu punhal.

— Gert! Gert! Levanta, Gert, mexa-se!

O sono desaparece, deixando uma dor entre meus olhos: quem diabos?

— Estamos ferrados Gert, acorda!

Levanto da cama, tentando manter meu equilíbrio.

— Quem é?

— É Adrianson! Vamos, todos estão correndo para a praça!

Enquanto visto minhas calças e meu velho casaco, já estou pensando no pior.

— O que está acontecendo?

— Abra a porta, temos que ir para o Conselho!

Enquanto ele diz a última palavra, abro a porta na sua cara.

Devo parecer um fantasma, mas o frio aguça meus sentidos em um momento ou dois.

Adrianson, o ferrador, não demonstra o ar jovial que normalmente traz para as nossas noites de discussões. Está completamente sem fôlego:

— Redeker. Ele trouxe um estranho para a praça, um homem que chegou... Ele diz que viu o bispo levantando um exército em Anmarsch, três mil homens. Estão prestes a nos atacar, Gert.

Uma pontada no estômago.

— Lansquenetes?

— Mexa-se, vamos. Redeker quer consultar os burgomestres.  
— Mas você tem certeza? Quem é esse estranho?  
— Não sei, mas se o que diz é verdade estão prestes a nos pôr sobre cerco.

No corredor bato na porta à frente:

— Jan! Acorde, Jan!

Abro a porta do meu amigo de Leiden, que, apesar dos conselhos, nunca está trancada. Sua cama não está desarrumada.

— Sempre está fodendo em um celeiro ou outro...

O ferreiro me arrasta escada abaixo. Quase caio no último degrau. Adrianson desce a rua à minha frente, esteve nevando a noite toda, a lama salpica nossas botas, alguém manda ir me foder.

Corremos para a praça principal: um campo branco. No centro, a massa negra da Catedral parece maior que o normal. A agitação se espalha pelos grupos de pessoas reunidas sob a janela de Rathaus.

— O bispo quer entrar na cidade com o seu exército.

— Ele pode ir se foder. Só sob o meu cadáver!

— Foi a vaca da abadessa que o chamou.

— Com as nossas taxas. Aquele bastardo está pagando um exército para nos ferrar.

— Não, não, aquela escória da abadessa de Überwasser... é tudo por causa do negócio com as noviças.

Apesar do frio, pelo menos quinhentas pessoas apareceram na praça por causa das notícias.

— Precisamos nos defender, precisamos de armas.

— Sim, sim, vamos escutar o burgomestre.

Vejo Redeker no meio de um grupo de umas trinta pessoas. Ele tem o ar arrogante de alguém determinado a ir contra a corrente.

— Três mil homens armados.

— Sim, estão nos portões da cidade.

— Você só precisa subir na torre de Jüdefeldertor para vê-los.

Sinto uma pancada no ombro e me viro. Redeker contra os outros, bolas-de-neve nas mãos. Alguém deve ter tentado calá-lo. De repente há tumulto. Gente olhando pra cima: burgomestre Tilbeck está na janela de Rathaus.

Um urro de protesto.

— O exército do bispo está marchando para a cidade!

— Alguém nos traiu!

— Fomos vendidos para von Waldeck!

- Temos que defender os muros.
- A abadessa, a abadessa, prendam a abadessa!
- Esqueçam a abadessa, é de canhões que precisamos!

Os pequenos grupos fundem-se em uma multidão geral. Parecem ainda mais numeroso que antes. Tilbeck levanta os braços rigidamente abraçando toda a praça.

— Povo de Münster, não percam a calma. Essa história de três mil homens ainda não foi confirmada.

— Besteira, eles foram avistados das muralhas.

— Isso mesmo, alguém chegou de Anmarsch. Estão a caminho.

O burgomestre não perde a postura. Sacode a cabeça e, com um gesto seráfico, tenta acalmá-los.

— Não se desesperem: vamos enviar alguém para verificar.

A multidão se entreolha impacientemente.

— Com ou sem exército, bispo von Waldeck garantiu-me pessoalmente que não violará privilégios municipais. Münster continuará uma cidade livre. Está pessoalmente empenhado nisso. Vamos mostrar-lhe que não perdemos a cabeça: esse é o momento de agir responsabilmente! Münster honrará sua antiga tradição de tolerância cívica e coabitação. Numa época quando todos territórios adjacentes estão envolvidos em guerras e revoltas sangrentas, Münster precisa continuar exemplar em...

A bola-de-neve acerta-o em cheio no rosto. O burgomestre cai no peitoril da janela, afogado em um mar de insultos. Um dos conselheiros ajuda-o a levantar. Sangue escorre de sua bochecha: devia haver algo escondido na neve.

Há apenas uma pessoa em Münster com uma pontaria dessas.

Tilbeck bate em retirada, seguido de gritos furiosos.

— Corrupção! Corrupção!

— Tilbeck, você é uma meretriz: você e seus amigos luteranos!

— Mas que merda você esperava? Se não fosse pelos malditos anabatistas, von Waldeck não levantaria um dedo contra a cidade.

— Bastardos, nós sabemos que estão em aliança com o bispo!

Algumas pessoas começam a empurrar. O primeiro golpe voa. Redeker ainda está sozinho. Há três deles, todos bem fortes. Não fazem ideia de quem estão enfrentando. O maior deles mira o punho na altura do rosto, Redeker se vira e leva na orelha, cambaleia e mira um chute entre as pernas do homem: o luterano se dobra, as bolas na garganta. Então um joelho no nariz e seus companheiros agarram

Redeker, que está chutando como uma mula louca. O maior o acerta no estômago. Não dou tempo de repeti-lo: um golpe com as duas mãos na parte de trás do pescoço. Quando se vira acerto-o no nariz. Ele cai de bunda. Me viro, Redeker livrou-se das garras dos outros dois. De costas um paro o outro, defendemo-nos contra ataques.

— Quem inventou essa história de três mil cavaleiros?

Ele cospe no adversário e me cutuca nas costelas.

— Quem falou em cavaleiros?

Quase desato a rir enquanto atacamos, cada um por si. Mas agora é um tumulto geral, somos arrastados por ele. Uma tropa de cinquenta homens emerge de detrás da Catedral: os tecelões de São Egídio, instigados pelos sermões de Rothmann. Em um momento os luteranos estão no lado oposta do praça.

Redeker, mais filho da puta que nunca, me olha zombeteiro:

— Melhor que a cavalaria!

— Ótimo, e agora o que fazemos?

Da praça do Mercado, os sons dos sino de São Lamberto. Como se estivéssemos sendo convocados.

— Para São Lamberto, para São Lamberto!

Corremos para a praça do Mercado e invadimos as barracas sob o olhar atônito dos mercadores.

— O bispo está prestes a invadir a cidade!

— Três mil soldados!

— Os burgomestres e os luteranos estão em conluio com von Waldeck!

Entre as carroças, as ferramentas de trabalho diário transformam-se em armas. Martelos, machados, atiradeiras, enxadas, facas. Em um piscar de olhos as próprias carroças viram barricadas, bloqueando o acesso à praça. Alguém retirou o oratório de São Lamberto para reforçar essa muralha improvisada.

Redeker me arrasta para a confusão:

— O pessoal de São Egídio trouxe dez bestas, cinco arcabuzes e dois barris de pólvora. Estou indo falar com Wesel, o armeiro, ver o que mais consigo arranjar.

— Vou encontrar Rothmann, precisamos dele aqui.

Partimos sem perder mais tempo, rápido, correndo em meio à multidão em polvorosa.

Knipperdolling e Kibbenbrock também estão no presbitério de São Lamberto. Estão sentados desconsolados na mesa e todos três

saltam de pé quando de me veem entrar.

— Gert! Bom te ver. Que diabos está acontecendo?

Encaro o pregador dos batistas.

— Uma hora atrás chegaram notícias que von Waldeck preparou uma força para marchar contra a cidade. — Os dois representantes das corporações ficam brancos. — Não sei o quanto é verdade, a notícia deve ter sido exagerada no caminho, mas com certeza não é uma brincadeira de carnaval.

Knipperdolling:

— Mas já estão desmontando tudo, soaram os sinos, eu vi a igreja sendo esvaziada...

— Tilbeck deu uma de idiota na frente de todo mundo. Pode ser que os luteranos tenham feito um acordo com von Waldeck. O povo está enlouquecendo, os tecelões já estão na praça, ergueram barricadas; Rothmann, eles estão armados.

Kibbenbrock chuta a calçada.

— Inferno! Todos enlouqueceram?

Rothmann tamboreia nervosamente os dedos na mesa, decidiu o que fazer.

— Redeker foi procurar mais armas, os luteranos podem tentar expulsar-nos, entregar a cidade para o bispo.

Irritado, Knipperdolling balança sua grande pança de um lado para outro.

— Aquele filho da puta traiçoeiro. É o único que podia inventar uma história assim. Mas você disse para ele que estava arriscando tudo que fizemos? Se chegarmos até confronto armado...

— Já chegamos a esse ponto, meu amigo. E se vocês não forem para as barricadas agora vamos ficar isolados, e o povo vai ter que avançar por conta própria. Vocês precisam estar lá.

Um longo silêncio.

O pregador me olha direto nos olhos.

— Você acha que o bispo decidiu agir?

— Esse é um problema para mais tarde. Agora precisamos controlar a situação.

Rothmann vira-se para os outros dois:

— Começou, muito antes do esperado. Mas hesitar agora seria fatal. Vamos.

Entramos na praça, há pelo menos trezentos, homens e mulheres gritando detrás das barricadas, suas ferramentas de

trabalho transformadas em lanças, porretes, alabardas. Redeker empurra uma carroça coberta com lona para o meio da praça. Quando retira a lona as lâminas reluzem no sol de inverno: espadas, machados, um par de arcabuzes e uma pistola. As armas são distribuídas, todos querem segurar algo com o que possam defender-se.

Com um passo rápido, espada e pistola no cinto, o ex-mercenário Heinrich Gresbeck vem na nossa direção.

— Os luteranos armazenaram suas armas no Überwasser. Estão levando-as para a praça central.

Ele nos estuda, como se esperando uma ordem minha ou de Rothmann.

O pregador agarra um balcão do mercado e arrasta para fora, pulando sobre o mesmo.

— Irmãos, não devemos começar a lutar uns com os outros. Mas se alguém não entende que o verdadeiro inimigo é von Waldeck, então cabe a nós defender a liberdade de Münster daqueles que ameaçam a cidade! E qualquer um que se juntar a essa batalha pela liberdade não apenas gozará da proteção que o Senhor reserva apenas para seus eleitos, como terá acesso ao fundo mútuo de assistência que está, a partir desse momento, disponível para nossa força de defesa comum. — Um urro de aclamação. — O Faraó do Egito está fora dessas muralhas, e quer retornar para escravizar-nos uma vez mais. Mas não o permitiremos. E Deus estará conosco nessa tarefa. “Assim diz o Senhor: Também cairão os que sustentam o Egito, e descerá a soberba de seu poder; desde Migdol até Sevené cairão nela a espada, diz o Senhor Deus. E saberão que eu sou o Senhor, quando eu puser fogo ao Egito, e forem destruídos todos os que lhe davam auxílio.”

Corações se levantam e a excitação é geral: o povo de Münster encontrou seu pastor novamente.

O imponente Knipperdolling e Kibbenbrock com o rosto vermelho vagam entre os grupos de tecelões: a maioria dos membros das maiores e mais organizadas corporações já estão lá.

Gresbeck me puxa para o lado:

— Parece que é o momento da verdade. — Uma olhada para trás.  
— Você sabe o que precisa fazer.

Eu aceno:

— Reunir os trinta homens mais fortes na frente da igreja,

homens familiares com a cidade e não muito incomodados com escrúpulos.

Nos reunimos com Redeker, que terminou de descarregar a carroça.

— Forme três esquadrões de quatro homens cada, e mande-os patrulhar ao redor de Überwasser: eu quero um relatório a cada hora sobre a posição dos luteranos.

O homenzinho parte.

Para Gresbeck:

— Eu preciso ficar móvel. Você está no comando da praça. Não deixe ninguém tomar iniciativa espontaneamente, não deixe ninguém nos atacar de surpresa: equipe as barricadas, ponha um sentinela na torre do sino. Quantos arcabuzes temos?

— Sete.

— Três na frente da igreja e quatro na entrada da praça central. Não serão de muito uso se estiverem espalhados.

— E o que você vai fazer?

— Preciso decidir como o campo de batalha será organizado, e quem fica em qual posição.

Redeker, no sétimo céu, está juntando os homens, ele me vê, ergue uma pistola imensa e grita:

— Vamos pegar os desgraçados!



O reconhecimento das muralhas foi tranquilizador: até onde o olho pode ver não há traço dos três mil mercenários de que fomos avisados.

A segunda patrulha aparece para dizer que os luteranos colocaram homens armados com arcabuzes na torre do sino da Catedral, e de lá estão dominando a praça Rathaus, cuja entrada está barrada por duas carroças colocadas de lado, exatamente oposta às nossas. Não há mais de dez luteranos atrás das carroças, mas estão bem armados, com os suprimentos de Überwasser: em caso de ataque não precisariam poupar balas. Nós, por outro lado, temos que nos virar com o que temos, e estamos com falta de munição.

A praça do Mercado onde nos barricamos é facilmente defensável, mas também pode virar uma armadilha. Precisamos dar

a volta nas barricadas, fechar as pontes sobre o Aa e isolar a Praça Rathaus do mosteiro.

— Redeker! Dez homens e dois arcabuzes. Queremos fechar a ponte de Nossa Senhora, atrás da praça. Agora.

Deixamos a guarnição pelo sul de nossa fortificação. Conseguimos fazer a primeira parte do caminho rapidamente, ninguém a vista. Então a rua se divide: temos que ir pela direita e seguir a curva que leva para a primeira ponte sobre o canal. Estamos lá, a ponte na nossa frente. Um tiro de arcabuz acerta a parede a um metro de Redeker, que está na nossa vanguarda. Ele se vira:

— Luteranos!

Mais tiros de arcabuzes vindo de um beco estreito que leva à praça central.

— Vamos, vamos!

Enquanto recuamos pela rua somos seguidos por gritos e uma confusão geral:

— Os anabatistas! Lá estão eles! Estão fugindo!

Paramos ao chegar em São Egídio.

Grito para Redeker:

— Quantos você viu?

— Cinco, seis no máximo.

— Vamos esperar por eles aqui, quando dobrarem a esquina, atiramos.

Carregamos: dois arcabuzes, minha pistola e a de Redeker.

Eles aparecem a dez metros de distância: conto cinco deles, não estavam esperando por isso, diminuem o passo, enquanto nossas armas disparam em uníssono.

Um deles é atingido na cabeça e cai duro, outro cai para trás, atingido no ombro.

Partimos para o ataque, e eles recuam confusos, carregando o homem ferido atrás deles. Outros aparecem ao virar na esquina, alguns entram em São Egídio. Mais tiros, então o impacto: defendo um golpe com meu punhal e o cano da minha arma racha a cabeça do luterano. Isso é uma bagunça dos infernos. Mais tiros.

— Vamos, Gert! Estão atirando da torre do sino! Vamos!

Alguém me agarra por trás, estamos correndo como loucos com bala assobiando ao nosso redor. Não vamos passar por aqui.

Alcançamos nossas barricadas e deslizamos para trás delas. Nos contamos na mesma hora: estamos todos lá, mais ou menos intactos

a não ser por um corte de espada na cabeça, que vai precisar de pontos, um ombro deslocado pelo coice de um arcabuz e uma boa dose de medo para todos.

Redeker cospe no chão:

— Os bastardos. Vamos pegar um canhão e derrubar São Egídio ao redor deles!

— Esqueça, foi um fracasso.

Knipperdolling e alguns de seus homens correm em nossa direção.

— Ei, alguém ferido? Alguém morto?

— Não, ninguém, por sorte, mas temos uma cabeça aqui que vai precisar de pontos.

— Não se preocupe agulha e linha é nossa especialidade.

Os tecelões cuidam do homem ferido.

Durante nossa ausência, no meio da praça, onde ficavam as barracas dos mercadores, um fogo foi aceso para cozinhar o almoço: algumas mulheres estão assando um bezerro inteiro.

— De onde diabos saiu aquilo?

Uma mulher gorda, de rosto vermelho, carregando uma panela, vem ao meu lado com uma cotovelada:

— Generosamente doado pelo conselheiro Wördemann. Seus criados não aceitaram nosso dinheiro, então nós pegamos... tão educado! — ela ri contente.

Eu balanço a cabeça:

— Cozinhar, é tudo que precisamos.

A mulher gorda se livra de sua carga, põe as mãos no quadril e fica parada lá desafiadora:

— E como você planeja alimentar seus soldados, Capitão Gert? Com chumbo? Sem as mulheres de Münster vocês estariam acabados, pode acreditar!

Me viro para Redeker.

— Capitão?

O bandido encolhe os ombros.

— Sim, Capitão. — A voz de Rothmann vem de trás de nós, ele está com Gresbeck, estão segurando alguns pergaminhos. O pregador parece não querer gastar tempo com explicações: — E Gresbeck é o seu tenente... — Nota a agitação de Redeker, enquanto o homem estica o pescoço entre nós, como se para ser notado, e adiciona imediatamente resignado: — e Redeker é seu oficial.

— Não saímos-nos bem. Eu queria dar a volta na praça, mas eles nos pegaram de surpresa antes que pudéssemos atravessar o canal.

— Nossas patrulhas informam que estão barricados em Überwasser. Burgomestre Judefeldt está com eles, junto com a maioria dos conselheiros, menos Tilbeck. Há cerca de quarenta deles, não acho que vão tentar nos atacar, estão na defensiva. Eles têm um canhão no cemitério do convento, o prédio é inexpugnável.

Eu suspiro. E agora?

Rothmann sacode a cabeça.

— Se o bispo realmente reuniu um exército, as coisas podem azedar.

Gresbeck desenrola o pergaminho na minha frente:

— Veja isso, no meio tempo. Conseguimos alguns mapas antigos da cidade. Podem ser úteis para nós.

O desenho não é preciso, mas mostra mesmo as passagens mais estreitas e cada curva e canto do Aa.

— Excelente. Vamos ver se nos dá alguma ideia. Agora, porém, temos coisas a fazer. Redeker me deu a ideia. Vamos pegar um canhão das muralhas, um pequeno, não muito pesado, um que seja facilmente transportável até aqui.

Gresbeck coça sua cicatriz.

— Precisaremos de um guincho.

— Arranje um. Sete arcabuzes não serão o suficiente se tivermos que resistir a um ataque. Leve quantos homens precisar, mas traga o canhão até aqui o mais rápido que puder, o tempo está passando, e quando escurecer precisamos estar bem protegidos.

Fico sozinho com Rothmann. A face do pregador mostra admiração misturada com um pingo de reprovação.

— Tem certeza que sabe o que está fazendo?

— Não. Não importa o que Gresbeck pensa, eu não sou um soldado. Isolar o pessoal na praça parecia ser uma boa ideia, mas eles claramente organizaram tropas para patrulhar as ruas em volta. Os bastardos estão tomando precauções.

— Você lutou antes, não lutou?

— Um ex-mercenário me ensinou a lutar com uma espada, muitos anos atrás. Eu lutei com os camponeses, mas era um garoto na época.

Ele acena decididamente.

— Faça o que achar necessário. Estaremos com você. E que Deus

o ajude.

Naquele momento, atrás de Rothmann, Jan de Leiden apareceu no fim da praça. Nos avista e vem em nossa direção, uma expressão quase divertida no rosto.

— Finalmente! Onde esteve?

Mexe a mão para cima e para baixo em um gesto alusivo.

— Sabe como é... Mas o que está acontecendo? Tomamos a cidade?

— Não, seu cafetão maldito, estamos barricados aqui, os luteranos estão lá fora.

Ele segue meu gesto e fica animado:

— Onde?

Aponto para a barricada de carroças na entrada da praça central.

— Estão lá atrás?

— Exatamente, e estão armados até os dentes.

Reconheço a expressão de meu santo cafetão, é a que ele usa para ocasiões especiais.

— Cuidado agora, Jan...

É tarde de mais, ele está indo para nosso perímetro. Não tenho tempo para pensar nele, preciso instruir nossas patrulhas. Mas enquanto falo com Redeker e Gresbeck, pelo canto do olho vejo Jan se aproximando dos defensores da barricada — que diabos ele está pensando? Me acalmo quando o vejo sentar e tirar a bíblia do bolso. Bom homem, apenas leia alguma coisa.

O mapa de Münster nos mostra quantos caminhos diferentes podemos tomar para contornar as fortificações dos luteranos. Redeker nos dá vários conselhos, nos dizendo quais as áreas mais expostas, quais prédios podem ser usados como cobertura se tentarmos nos aproximar. Mas todas essas conjecturas chegam a um impasse em face da inexpugnabilidade de Überwasser: retirar as noviças foi uma coisa, assaltar o lugar enquanto é defendido por quarenta homens armados é outra.

De repente um tumulto nos alcança vindo do outro lado da praça. Merda! Tenho tempo apenas de olhar de relance para nossas defesas, quando vejo Jan de Leiden de pé e de braços abertos no topo da barricada.

— Mas que merda está fazendo?

— Corra, Gert, eles vão matá-lo!

— Jaaaaan!

Corro pela praça, quase tropeçando no bezerro no rolete, cambaleio e me levanto novamente:

— Jan, desça daí, seu bastardo louco!

De camisa aberta, ele mostra o peito quase sem pelos, pedindo para ser baleado. Seus olhos flamejam sobre as carroças dos luteranos.

— Em breve minha ira será cumprida, e minha ira fúria cairá sobre vocês. Por seus trabalhos os conhecerei, e farei com vocês aquilo que nunca fiz, por causa de todas suas abominações, luteranos pecadores.

— Desça Jan! — É como se eu fosse invisível.

— E nem meu olho os poupará, nem terei pena, mas os considerarei responsáveis por sua conduta, e suas abominações serão aparentes entre vocês: então saberão que Eu, o Senhor, sou aquele os atacando. Você entenderam, seus luteranos filhos de puta, suas balas não podem me ferir. Elas ricochetearão em meu peito e retornarão para vocês, enquanto o Pai está em mim, Ele pode engolir suas balas e atirá-las pela Sua bunda quando Ele quiser, direto nas suas faces!

— Jan, pelo amor de Deus!

Ele está de pé ereto com a boca aberta, fazendo um barulho terrível. Então o louro louco de Leiden levanta a voz pra os céus:

— Pai, escute teu filho, escute teu bastardo: limpe esses montes de merda da rua! Vocês me ouviram luteranos, vão, caguem-se, vocês se afogarão no cuspe de Deus e o Reino será nosso. Eu jantarei com os santos sobre seus cadáveres!

O arcabuz dispara, e Jan congela. Por um momento achei que o atingiram.

Ele vira em nossa direção, um filete de sangue saindo de sua orelha direita, os olhos possessos. Ele cai, seguro-o antes de atingir o chão, ele desmaia, não, está acordando:

— Gert, Geeert! Mate-o, Gert, mate-o! Ele quase arrancou minha orelha! Dê-me minha arma até que eu o mate... por favor dê-me! Atire nele, Gert, se não atirar eu mesmo o faço... Ele está lá embaixo, você pode vê-lo, lá está ele, Gert, a arma, a arma... Ele me arruinou!

Eu o apoio contra a parede a digo algumas palavras aos nossos defensores: se ele tentar fazer isso outra vez, amarrem-no.



O sol está se pondo atrás da torre do sino da Catedral. Os cães mordendo os ossos de bezerro empilhados no meio da praça. Organizei o rol de guardas nas barricadas: duas horas cada, para que todos possam dormir. As mulheres prepararam camas improvisadas feitas de qualquer coisa que pudessem por as mãos, e acenderam fogos para a noite. O frio é intenso: alguns optaram por ter um teto sobre a cabeça. Mas os mais determinados ficaram, gente com quem você pode contar.

Nos aquecemos em volta do fogo, enrolados em nossas mantas. Um tumulto súbito na barricada da saída da praça nos faz pular em pé. Os sentinelas escoltam um garoto de uns vinte anos em nossa direção, sem fôlego e parecendo assustado.

— Ele diz que é servo do conselheiro Palken.

— O senador e seu filho... eles nos arrastaram, estão armados, não tinha nada que eu pudesse fazer, Wördemann... burgomestre Judefeldt também estava lá, eles foram levados...

— Acalme-se, recupere o fôlego. Quem eram eles? Quantos?

O garoto está encharcado de suor, faço alguém trazer-lhe uma manta. Seus olhos pulam de um rosto para outro. Entrego-lhe uma caneca de sopa fumegante.

— Sou servo na casa do conselheiro Palken. Meia hora atrás... uma dúzia de homens armados... vieram. Judefeldt estava liderando-os. Eles obrigaram o conselheiro e seu filho a acompanhá-los.

— O que fizeram com Palken?

Knipperdolling, furioso:

— Ele é um dos poucos que nos apoiava no conselho. Wördemann, Judefeldt e todos os outros luteranos odeiam ele.

Rothmann não parece convencido. Qual o sentido de um refém? Eles estão invulneráveis a ataques em Überwasser. Pânico nos olhos de Rothmann:

— As chaves!

— O quê?

— As chaves, Palken tem as chaves dos portões no lado noroeste das muralhas.

— Exatamente — o servente levanta o nariz da caneca —, era das chaves que eles estavam atrás!

— Gresbeck, o mapa!

Desenrolo-o à luz do fogo, com a ajuda de Knipperdolling. O Frauentor e o Jüdefeldtor: portões atrás de Überwasser, a estrada

para Anmarsch:

— Eles querem trazer os homens do bispo para dentro da cidade. As coisas parecem feias.

Dá para ver em seus rostos. Abarrotados na pequena praça do Mercado, isolados da margem oposta do Aa, onde os luteranos estão cometendo o crime atroz que vai acabar conosco. Deveríamos tentar um ataque? Escapar desse impasse e lançar um ataque surpresa a Überwasser? Um silêncio surreal cai sobre a cidade: fora os combatentes, todos estão trancados em suas casas. Mudos, sentados em volta de fogos tremulantes, esperando por nosso destino iminente e desconhecido. Quem está vindo para a cidade? Três mil homens seguindo von Waldeck? Uma vanguarda esperando pelo amanhecer? Esta noite nos trará as respostas.

Knipperdolling está furioso:

— Esses grandes desgraçados. Ricos malditos. Lembro-me de todos aqueles belos discursos contra o bispo, os papistas e todos falando sobre liberdades municipais, nova fé... Mas eles vão ter que dizer na minha cara se venderam-se para o bispo por um punhado de prata! Expulsamos o bispo juntos! Quero falar sobre isso, Gert, até ontem não podia imaginá-los entregando a cidade para mercenários. Deixe aquele porco do Judefeldt me dizer que promessas von Waldeck fez! Me dê uma escolta, Gert, quero falar com esses charlatões.

Redeker sacode a cabeça:

— Está louco. Suas palavras não valem nada, eles só pensam com as carteiras, você seria um idiota em gastar tempo com eles.

Rothmann intervém:

— Pode valer a tentativa. Mas não tomem nenhum risco tolo. Podem não estar tão convictos como parecem. Podem apenas estar assustados...

Dois esquadrões partem. Um direto para o Frauentor pelo sul, depois andando ao longo da muralha, umas dez figuras espectrais ao todo. Redeker segue na direção oposta para o Jüdefeldertor.

Nenhuma iniciativa ou ataque desesperado, não ainda. Mantendo um olho nas entradas que caíram em suas mãos, checando os movimentos para dentro e para fora da cidade. Tentando ler o futuro em suas atividades. Os dois esquadrões têm o objetivo de vigiar e manter olheiros ao longo do caminho e na rua para Überwasser: olhos para vigiar cada movimento, e mensageiros

prontos para trazer informações a qualquer momento.

Comigo, para escoltar o líder das corporações dos tecelões, mais ou menos vinte, quase todos garotos, dezesseis ou dezessete, mas corajosos, e com uma boa visão.

— Está com medo? — pergunto a um garoto com uma patética tentativa de bigode.

Com a voz rouca de sono, responde devagar:

— Não, Capitão.

— Qual a sua profissão?

— Assistente de loja, Capitão.

— Pare com o “Capitão”, qual o seu nome?

— Karl.

— Karl, você é um bom corredor?

— Tão rápido quanto essas pernas me carregarem.

— Bom. Se formos atacados e eu for ferido, se você ver que as coisas estão indo mal, não perca tempo me ajudando, corra como o vento e dê o alarme. Entendeu?

— Sim.

Knipperdolling leva três de seus homens e marcham na vanguarda carregando uma bandeira branca como sinal de trégua. Seguimos sete ou oito metros atrás.

Os líder dos tecelões já está perto do mosteiro, e começando a pedir que alguém saia para conferenciar com ele.

Paramos um pouco depois da igreja de São Nicolas, nossas armas carregadas e atiradeiras prontas. Silêncio em Überwasser. Knipperdolling continua a avançar.

— Certo, Judefeldt, saia! Que grande burgomestre, é assim que defende a cidade? Sequestra um conselheiro e abre os portões para von Waldeck? A cidade exige saber por que decidiu matar-nos todos. Saia e fale conosco como um homem!

Alguém grita de uma janela:

— Mas que merda você quer aqui, anabatista idiota? Trouxe alguma de suas prostitutas com você?

Knipperdolling vacila, perde a calma:

— Seu filho da puta! Sua mãe é a prostituta! — Dá mais um passo para frente, longe demais dessa vez.

— Está juntando forças com os papista, Judefeldt, com o bispo! Quem porra está pensando?

Volte, idiota, não chegue tão perto.

Os portões abrem e uns dez homens, armados, caem sobre ele.

— Atacar!

Nos arremessamos para frente, Knipperdolling está gritando com todos os pulmões, quatro homens o seguram. Eles recuam enquanto atiramos com atiradeiras e bestas. O primeiro tiro de arcabuz é ouvido, alguns de nós somos atingidos, estão atirando da torre. O portão fecha novamente e ficamos expostos, dispersamos, espalhando-nos pela praça, retornando fogo, o lugar ecoa com os gritos de Knipperdolling e os tiros de arcabuzes. Eles nos foderam. Não há nada a fazer, precisamos recuar, levando os feridos.

Dou a ordem:

— Recuar! Recuar!

Maldições e lamúrias acompanham-nos de volta à praça do Mercado.

Eles nos foderam e estamos na merda. Cruzamos nossas barricadas e paramos nos degraus de São Lamberto, tumulto, gritos, maldições, todos se aglomerando ao nosso redor. Deitamos os feridos, confiando-os às mulheres, as notícias da captura de Knipperdolling se espalham imediatamente, junto com um urro de raiva.

Rothmann está consternado, mas Gresbeck continua calmo, ordena que fiquemos em nossos postos, precisamos conter o pânico.

Estou furioso, sinto o sangue ferver, minhas têmporas pulsam. Estamos na merda e não sei o que fazer.

Gresbeck me sacode:

— Redeker voltou.

Também está exausto, o rosto como um trovão:

— Estão dentro. Não mais de vinte, galopando como loucos, cavaleiros de von Waldeck.

— Tem certeza?

— Vi suas bandeiras, seus brasões. Imagino que aquele porco do von Büren esteja junto.

Rothmann, cabeça entre as mãos:

— Acabou.

Silêncio ao redor.

Kibbenbrock tenta animar-nos:

— Calma. Até quando o grosso das tropas do bispo não entrar na cidade, não podem tocar-nos. Somos em número maior e sabem que não temos nada a perder. Mas precisamos fazer alguma coisa.

O tecelão tem razão, precisa pensar. Pensar

O tempo passa. Reforçamos a proteção das barricadas. O nosso único canhão é colocado no meio da praça, para deter o assalto, se uma das defesas cair.

Não podemos deixar aos homens o tempo de perder a coragem. Mais rondas e coleta de armas. Recuperamos outros arcabuzes. Dizem que os católicos estão colocando grinaldas nos portões das casas, para que as hordas de von Waldeck os poupem. Mais grupos para arrancá-las.

A cidade está imóvel, a praça, iluminada pelas fogueiras, poderia ser uma ilha no meio de um oceano escuro. Lá fora, como animais apavorados, todos esperando, entocados nas próprias casas.

Nas próprias casas.

Nas próprias casas.

Afasto-me com Gresbeck e Redeker. Confabulamos.

É possível fazer isso. Pelo menos tentar. Mais na merda que agora...

O último pedido a Gresbeck:

— Então ficamos assim. Avise Rothmann. Que se mexa. Dê a ele os melhores homens, só temos o tempo suficiente.

— Gert... — O ex-mercenário me oferece as pistolas dele, segurando-as pelo cano. — Fique com elas, um presente da campanha na Suíça.

Enfio-as, cruzadas, no cinto:

— Nos revemos daqui a uma hora.

Redeker abre caminho na escuridão quase total, andar decidido. Viramos duas ou três ruas estreitas, mais alguns passos e indica o portão. Em voz baixa:

— Jürgen Blatt.

Carrego as pistolas. Três socos na porta com força:

— Capitão Jürgen Blatt, da Guarda municipal. As tropas do bispo estão entrando na cidade. O burgomestre quer que escoltemos a senhora e as filhas até o mosteiro. Ande logo! Abra!

Passos atrás do portão:

— Quem é?

— Eu falei capitão Blatt, abra!

Prendo a respiração, ruído de ferrolho, apoio o cano à abertura da porta. Abre-se apenas a janelinha. Arranco-lhe meia cabeça.

Dentro. Aquele no topo da escada não tem tempo para apontar o

arcabuz: acerto a perna dele, cai, grita, desembainha um punhal, com dois pulos, Redeker está no alto da rampa e acaba com ele com uma faca. Depois cospe.

Adaga na mão, no fundo do corredor gritos de mulheres: uma velha aparece à minha frente:

— Leve-me até à senhora.

Um grande quarto de dormir, baldaquino e enfeites vários. A senhora Judefeldt, em um canto, abraçada em duas meninas, uma doméstica apavorada reza ajoelhada.

Entre nós e elas, um tolo de espada na mão, vinte anos no máximo. Treme, não fala. Não sabe o que fazer.

Redeker:

— Largue isso, você pode se machucar.

Olho para ela:

— Senhora, os fatos desta noite tornaram a minha visita necessária. Não pretendo fazer-lhes mal algum, mas sou forçado a pedir-lhe que me acompanhe. As suas meninas podem ficar aqui com todos os outros.

Redeker rindo:

— Vou dar uma olhada pela casa, quem sabe se não há mais algum criado solícito.

A mulher do burgomestre Judefeldt é bonita, de uns trinta anos. Altiva, segura as lágrimas e olha para mim:

— Covarde.

— Um covarde que luta pela liberdade de Münster, senhora. A cidade vai ser invadida por uma horda de assassinos pagos pelo bispo. Não podemos perder tempo.

Assobio para Redeker, que nos alcança nas escadas com um pequeno cofre debaixo do braço. A expressão do meu rosto não o desencoraja:

— Matamos os criados, levamos a mulher. E os florins ficam!?

Na porta, a velha joga um agasalho de pele nos ombros da patroa, enquanto murmura um Pai Nosso.

Escoltamos a senhora Judefeldt até à praça do Mercado. Quando a prisioneira é reconhecida, recebemos uma aclamação que revigora o espírito, as armas são apontadas para o céu: os batistas ainda estão vivos!

Do outro lado, chega Rothmann, trazendo uma dama distinta, enrolada em abrigo de pele, com um longa trança morena que

escorre pelas costas.

— Apresento-lhes a senhora Wördemann, mulher do conselheiro. A Madame é uma irmã: eu a batizei.

Redeker aproxima-se ao meu ouvido:

— Quando o marido, através de espiões, soube do batismo, a confirmou na fé a pauladas. Pensavam que coitada morresse: passou uns dias sem conseguir nem arrastar-se pelo chão.

Madame Wördemann, beleza austera, encolhe-se no agasalho:

— Espero, senhores, que nos deixem esquentar-nos diante de uma fogueira, depois de ter-nos tirado dos nossos quartos em plena noite.

— Seguramente, mas antes sou forçado a privá-las de um objeto pessoal.

Tiro os anéis dos dedos delgados, duas peças de ouro trabalhado.

— Karl!

O menino chega correndo, carinha impregnada de sono e fumaça.

— Pegue o pano branco e voe até Überwasser. A mensagem é para o burgomestre Judefeldt: diga-lhe que em meia hora nos apresentaremos ao mosteiro, precisamos falar-lhe. — Coloco os anéis no punho de Karl. — Entregue-lhe isto. Entendeu?

— Sim, Capitão.

— Vá, e rápido!

Karl tira as botas grandes demais e fica descalço na neve miúda. Cruza o acampamento correndo feito lebre, enquanto aceno às sentinelas que o deixem passar.

— Quem de nós vai até lá? — pergunta Rothmann.

Kibbenbrock o vermelho dá um passo à frente, tirando o cinto que segura a espada, que entrega a Gresbeck:

— Eu vou. — Olha para mim e para o pregador. — Se eles virem um de vocês, poderão sentir muita vontade de atirar. Eu represento a corporação dos tecelões, não abrirão fogo em mim.

Gresbeck intervém:

— Ele tem razão, Gert, precisamos de você aqui.

Tiro as pistolas do cinto:

— Estas são suas. Está escuro, não vão me reconhecer, usarei um nome diferente.

— Você quer morrer. — O tom já é resignado.

Sorrio para ele:

— Não temos mais nada a perder, esta é a nossa força. O mapa, rápido!

Para Redeker:

— Você conhece estas passagens atrás do cemitério?

— Claro, chega-se lá atravessando as passarelas do Reine Closter.

— É provável que tenham colocado sentinelas aqui e aqui. Forme uns grupos de três ou quatro e mande-os para a outra margem.

— Quantos homens ao todo?

— Pelo menos trinta.

— E as sentinelas?

— Tirem de lá, mas sem fazer barulho.

— O que pretende fazer? Ficaremos desprotegidos aqui. — Gresbeck acompanha o meu dedo no pergaminho.

— O mosteiro é inexpugnável. Mas o cemitério não.

Gresbeck tortura a própria sobrelha:

— É uma praça bem guarnecida, Gert, até canhão eles têm lá.

— Mas é de fácil acesso e está fora de alcance dos tiros do mosteiro. — Novamente a Redeker: — Aproximem-se o mais que puderem, eles estão entrincheirados dentro, não controlarão o muro externo. Mas andem logo, daqui a uma hora, no máximo, será dia.

Um olhar de acordo para Kibbenbrock.

— Vamos.

Enquanto nos dirigimos ao limite da praça, ouvimos a voz de Rothmann:

— Irmãos!

Recortado contra a luz da tocha, alto, palidíssimo, o hálito que se perde no frio noturno: poderia ser Aarão. Ou o próprio Moisés.

— Que o Pai dirija os passos de vocês... e proteja todos.



Pouco além da nossa barricada, cruzamos com a corrida de Karl, os pés congelados, respiração curta que quase o impede de falar:

— Capitão! Disseram que podem ir... que não abrirão fogo.

— Entregou os anéis?

— Ao burgomestre em pessoa, Capitão.

Uma batida no ombro:

— Muito bem. Agora corra e vá aquecer-se perto da fogueira, por esta noite já fez a sua parte.

Vamos em frente. Überwasser é um contorno negro sobre o Aa. A igreja de Nossa Senhora é ao lado do mosteiro: da torre do campanário as nossas rondas ouviram Knipperdolling urrando por uma hora, até perder a voz.

Agora, só silêncio e o suave fluxo do rio.

Kibbenbrock e eu avançamos lado a lado, com um lençol branco estendido no meio.

O rangido do portão que entreabre e uma voz alarmada:

— Parem! Quem são?

— Kibbenbrock, representante da corporação dos tecelões.

— Veio fazer companhia ao seu sócio? Quem é esse outro aí?

— O ferreiro Swedartho, porta-voz dos batistas de Münster.

Queremos falar com o burgomestre Judefeldt e o conselheiro Wördemann, trazemos as saudações das mulheres deles.

Ficamos à espera, o tempo não passa.

Depois outra voz:

— Sou Judefeldt, podem falar.

— Sabemos que deixou entrar na cidade a vanguarda do bispo. Precisamos conversar. Saiam, você e Wördemann, no cemitério. — Nenhuma benevolência inútil. — E lembre que se não voltarmos ao campo em meia hora, os operários de Santo Egídio pegarão a sua mulher, na frente e atrás, quem sabe se assim a senhora não lhe dará o filho homem que tanto deseja!

Silêncio e gelo.

Em seguida:

— Está bem. No cemitério. Os homens não abrirão fogo em vocês.

Contornamos o convento: o cemitério onde apodrecem pelo menos três gerações de freiras é limitado em três lados pela água e fechado ao fundo por um muro baixo de pedras. Entre as cruzes de madeira foi montado um acampamento. Uns vinte cavalos amarrados ao muro que dá para o mosteiro, nos indicam que a conta das rondas estava certa. Há um pequeno canhão despontando atrás de um monte de sacos, guardado por três luteranos, outros dois com arcabuzes estão na entrada e nos seguem cautelosos. Os cavaleiros de

von Waldeck lustram as espadas, enquanto descansam ao redor das fogueiras, olhares sinistros e a superioridade escrita no rosto: os assuntos destes aldeões não são da nossa conta.

O burgomestre e o homem mais rico de Münster vêm ao nosso encontro, tochas na mão, uma dúzia de armados atrás.

Eu os aviso:

— Wördemann, mantenha os seus milicianos afastados, ou a sua senhora vai ter a chance de decidir se o passarinho de Rothmann é melhor que o seu...

O mercador, seco e ameaçador, estremece e me olha enojado:

— Anabatista, o seu pregador é só um bufão rebelde.

Judefeldt faz um sinal pedindo que cale:

— O que vocês querem?

Cabeça descoberta, cabelos desarrumados pela noite insone, a mão transpira nervosa sobre o estilete na cintura.

Deixo Kibbenbrock falar:

— Você vai fazer a maior besteira da sua vida, Judefeldt. Uma besteira da qual vai se arrepender pelo resto dos seus dias. Pare enquanto é tempo. Ao alvorecer, as tropas de von Waldeck tomarão a cidade, ele reconquistará o domínio...

O burgomestre o interrompe nervoso:

— O bispo assegurou que não tocará nos privilégios municipais, tenho um documento que escreveu de próprio punho...

— Bobagens! — explode Kibbenbrock. — Uma vez reconquistado o poder, ele poderá limpar a bunda com os seus privilégios municipais! Quem poderá falar, depois que se apossar novamente de Münster? Raciocine, Judefeldt. E você também, Wördemann, faça as contas: quanto renderão os seus negócios, pagando os tributos ao bispo? A produção dos conventos esmagará novamente a sua e os franciscanos enriquecerão enquanto você paga os impostos a von Waldeck. Pense nisso. O bispo é um filho da puta bem experiente, prometer não lhe custou nada, os papistas estão acostumados a estes subterfúgios, vocês sabem melhor que eu.

Kibbenbrock levantou a voz demais. O chiado de armaduras e esporas nos avisa que os cavaleiros estão se aproximando, as tochas iluminam a barba bem cuidada e as luvas de couro de Dietrich von Merfeld de Wolbeck, irmão da abadessa de Überwasser, e braço direito do bispo. Ao lado dele, Melchior von Büren: provavelmente veio na esperança de acertar pessoalmente as contas com Redeker.

Judefeldt adianta-se às perguntas:

— Senhores, são batistas, estão aqui para conversar. Prometemos incolumidade.

Dietrich Bigodempinado ri surpreso:

— O que acontece, Judefeldt, ainda discutindo com esses andrajosos? Daqui a uma hora, eles serão só um monte de ossos. São mortos ambulantes, não ligue para eles.

— O senhor von Merfeld está certo — intervenho. — De todos os presentes nesta noite, os únicos que não têm nada a perder somos nós. A entrada do bispo na cidade, para nós só significaria a morte. Portanto, estejam certos que lutaremos e venderemos cara a nossa pele, deverão conquistar a cidade palmo a palmo.

Von Büren bufa:

— Vocês são uns coelhos, não aguentarão o tempo de um bocejo de Sua Senhoria. Ladrões de bolsas e de rua, é isso que vocês são.

Kibbenbrock sorri e abana a cabeça para chamar a atenção nervosa dos dois mercadores:

— Vocês têm tanto medo de perder o poder, que chamaram os vassalos de von Waldeck à casa de vocês, assustados com os nossos quatro arcabuzes. Ouça o que lhe digo, Judefeldt: von Waldeck sabia disso desde o início. Sabia que podia usar a separação entre vocês e nós, que cortaria a cidade em dois.

A testa larga do burgomestre é uma concentração de rugas, os olhos pulam do rosto de Wördemann, mais irritado que nunca, ao meu e ao de Kibbenbrock, que não lhe dá trégua:

— É só uma maldita intriga, você ainda não percebeu? O bispo jogou desde o início em duas mesas. Convenceu vocês, para conseguir um apoio dentro da muralha, alguém que lhe abra as portas no momento certo. Quando voltar, lembrará que vocês são luteranos, que repudiam como nós a autoridade do Papa. — Uma pausa, um tempo para deixá-los assimilar, depois: — Pode esquecer as suas liberdades municipais: depois de nós, o cadafalso ficará esperando por vocês. Pense nisso, Judefeldt. Pense bem.

Os dois aldeões estão imóveis, olhar pousado em Kibbenbrock e depois ao redor, à procura de um conselheiro invisível.

Von Merfeld incrédulo:

— Judefeldt, vai ficar ouvindo esses dois maltrapilhos!? Você não vê que estão tentando salvar a vida, já estão desesperados, quando Sua Senhoria estiver aqui, arranjaremos tudo, lembre que

fizemos um acordo.

Mais silêncio.

Ouço as batidas do coração, que dão um ritmo ao tempo que passa.

Wördemann repassa mentalmente o Rosário contábil.

Judefeldt pensa na mulher.

Judefeldt pensa no exército do bispo.

Judefeldt pensa em seus quarenta homens trancados no convento.

Pensa nos bigodes ridículos de von Merfeld.

Pensa naquela puta irmã dele, a abadessa, que sempre foi a espiã do bispo na cidade.

Pensa nas grinaldas nas portas dos católicos...

Abro os braços:

— Viemos desarmados. Vamos parar com esta luta para defender juntos a nossa cidade. E onde entram os nobres nesta história? Münster somos nós, não os papistas, não os episcopais.

Von Merfeld explode:

— Por deus, não deixem que esses dois caipiras de língua solta os convençam!

Judefeldt suspira e esmaga uma serpente imaginária no punho:

— Não são eles que me convencem, senhor de Wolbeck. Vocês nos trazem promessas.

— A palavra de Sua Senhoria Franz von Waldeck!

— Mas esses... caipiras, como os chama, oferecem a paz sem necessidade de tropa mercenária na cidade, é uma proposta que preciso considerar.

Von Merfeld execra:

— E vai acreditar nestas caras de merda!?

— Ainda sou o burgomestre desta cidade. Preciso pensar no interesse dos habitantes. Sabemos que os católicos receberam a ordem de pendurar grinaldas fora das portas da casa. Porque, senhor, poderia explicar-me? É para que os mercenários do bispo possam reconhecer quais casas devem poupar do saque? Nossos acordos não eram assim...

Von Merfeld fica petrificado, um luterano o está acusando abertamente, mas von Büren é o primeiro que reage:

— Se é assim, conheço a maneira de tratar os vira-casacas! — Desembainha a espada, apontando-a para a garganta do

burgomestre.

Os luteranos reagem, mas basta um sinal de von Merfeld para que os cavaleiros fiquem em pé: vinte armados até os dentes e treinados para cada um combater uma dúzia de aldeões assustados. Em luta direta, não haveria história.

Von Merfeld oferece-me uma careta de triunfo.

Um terrível grito a apaga, de ave de rapina grasnando, vindo do muro no fundo do cemitério, um grito que gela o sangue, arma os pelos dos braços, vai subindo pelas costas como uma aranha:

— Pare, porco!

Sombras alongadas de espectros avançam entre os túmulos, o exército dos mortos despertando. Alguns caem de joelhos e rezam.

— Falo com você, porco!

Macabros cruzam o campo, emergindo da noite, à luz das tochas, o exército das sombras, trinta fantasmas com balestras e arcabuzes apontados, o capitão na frente. Aproxima-se, duas pistolas maiores que ele, as asas do anjo da morte:

— Von Büren, filho de uma grande prostituta. — Pára, cospe no chão e avisa: — Vim comer o seu coração.

O cavaleiro empalidece, a espada vacila.

O Anjo da escuridão Redeker chega a poucos passos de nós:

— Tudo bem, Gert?

— Bem na hora. Diria que a situação, no mínimo, revirou. Agora é a vez dos senhores decidirem. Ou resolvemos já as nossas diferenças no campo, ou montam em seus cavalos e voltam de onde vieram.

Os bigodes permanecem alerta, von Büren já votou, baixando a espada. Judefeldt volta a respirar.

Somos o dobro deles e mais determinados. Não temos nada a perder, e von Merfeld sabe disso.

Um estalido da língua e uma imprecisão em voz baixa, um último olhar de desprezo ao burgomestre, vira e vai ao encontro dos seus homens, com um forte tinido de esporas.

Redeker encosta o cano ao peito de von Büren, este fecha os olhos e espera o tiro, petrificado. Uma mão bem treinada solta o porta-moedas do cinto:

— Vá embora, bastardo. Vá lambar a bunda do seu bispo.



O sol desponta opaco atrás de São Lamberto, enquanto voltamos à praça do Mercado. Os cavaleiros estão deixando a cidade, escoltados pelos homens de Redeker e os luteranos: tem gente que jura ter visto von Büren chorando de raiva, enquanto cruzava o portão da cidade.

As senhoras Judefeldt e Wördemann reencontraram os maridos e Knipperdolling caminha ao nosso lado com o conselheiro Palken e o filho, um fio de voz rouca, um olho roxo, mas de bom humor, como se estivesse passeando tranquilo à procura de uma taberna.

No acampamento nos acolhem com um grito de regozijo, os arcabuzes disparam para o céu, uma floresta de mãos nos eleva acima das cabeças, as mulheres nos beijam, vejo gente tirando a roupa. Jan de Leiden levado em triunfo por um grupo de moças, como se a força de suas palavras tivesse vencido a má sorte. O povo desmancha as barricadas e invade as ruas, as ruas que sentiram uma noite inteira o peso da maior das ameaças. Abrem-se as janelas, mulheres, velhos e crianças saem, apesar do frio intenso, apesar da hora, quando o alvorecer começa a dissipar a escuridão.

Knipperdolling distribui cerveja para todos.

Rothmann vem ao meu encontro, satisfeito, o rosto cansado mas sorridente:

— Conseguimos. Eu disse que o Senhor nos protegeria.

— É, o Senhor e os arcabuzes — sorrio. — E agora?

— Como assim?

— E agora, o que fazemos?

A resposta vem na voz de Gresbeck, enegrecido pela fumaça das tochas, rasgado e sujo, a cicatriz branca na sobrancelha que parece ter crescido, no meio daquele rosto escuro.

— Agora vamos respirar, Capitão Gert do Poço.

Sorri, aperto a mão dele enquanto o agradeço.

Knipperdolling está ouvindo a mensagem de uma das rondas, ar preocupado, cambaleia em nossa direção:

— Gert, só faltava isso...

— O que caralho aconteceu agora!?

— Von Waldeck desencadeou contra nós os camponeses das terras dele. Estão vindo aqui, três mil, dizem, querem acertar contas com a cidade, de uma vez por todas.

## Capítulo 30

### Münster, Carnaval de 1534

O urinol da guerra é o porão.

Se é o sangue dos homens que irriga o seu corpo podre, a urina que inunda o seu campo vem certamente da cerveja.

Cerveja que incha o estômago dos varões guerreiros, abrandando o medo antes do embate, exalta o arrebatamento depois da vitória. Mijo que enriquece extremamente o guardião da privada. Não menos importante que sangue e coragem abundantes, para decidir o êxito de uma batalha.

Mije no inimigo antes de atacá-lo, você poderia até despertá-lo, aplacar-lhe a ira, dissipar aquela névoa que envolve o desejo de sangue. Quem sabe se ele não consideraria absurdo o destino que está prestes a impingir, ou sofrer. E desistir.

Chegaram loucos da vida, foram embora podres de bêbedos.

Vinte barris de cerveja, o estoque do porão municipal. A homenagem dos cidadãos de Münster aos irmãos do condado, recebidos com todas as honras em Judefeldertor por uma delegação.

A aversão obtusa que sentiam os três mil camponeses, derreteu com a espuma.

O último perigo superado transforma os festejos em bacanal, rico de momentos grotescos.

Chega à praça do Mercado um grupo de mulheres despenteadas, meio despidas, ou até nuas. Jogam-se ao chão, em pose de crucificadas, rolam na lama, choram, riem e batem no peito invocando o Pai celeste.

Veem sangue gotejando do céu.

Veem fogueiras negras.

Veem um homem coroadado de ouro que galopa no céu em um cavalo branco, empunhando a espada que punirá aos ímpios.

Chamam em alta voz o rei do Sião, mas o único que as poderia satisfazer com a sua presença teatral está se embebedando em alguma taberna.

As pessoas riem e se divertem, até parecem participar de uma peça de Jan de Leiden. Mas não o ferrador Adrianson, cansado dos gritos histéricos, que com um arcabuz derruba com um só tiro a bandeirola do teto de uma casa. Cai com um barulho assustador. A cena pára. As mulheres voltam a si, parecem acordar de um pesadelo. Adrianson recebe os aplausos dos presentes.

Nos dias seguintes, é cada vez mais evidente que von Waldeck não conseguirá voltar à cidade.

Muitos católicos juntam os próprios pertences.

A força toda está do nosso lado, nem os luteranos podem enfrentar-nos: o burgomestre Tilbeck, como bom oportunista, até pediu que Rothmann o batizasse novamente, quem sabe na esperança de ser reeleito. Judefeldt nos recebeu no Paço, e só lhe restou tomar conhecimento da nossa decisão: todos os chefes de família votarão nas próximas eleições, sem distinção de renda. Para ele, foi um prato indigesto, mas uma objeção seria muito pior. A cidadania é nossa. Knipperdolling e Kibbenbrock candidataram-se.

Ficou claro que a cidade não continuará nas mãos dos ricos mercadores.

Muitos luteranos juntarão os próprios pertences.

Reúnem o ouro, o dinheiro, as joias, as pratas da casa, até os melhores presuntos. Mas precisam passar pela inspeção do chapeleiro Sündermann, incansável sentinela da praça do Mercado nos dias da nossa vitória. Wördemann o Rico, parado em Frauentor, pistola encostada à cabeça, é obrigado a cagar os quatro anéis que havia enfiado no ânus, enquanto a bela senhora é submetida a apalpadelas indecorosas. Os servidores do casal não conseguem segurar o riso.

Por causa das reclamações das mulheres, Sündermann é destituído do cargo: quem quiser ir embora, que vá livremente. E esta é a opinião do nobre Johann von der Recke, enquanto a mulher e a filha aproveitam da mesma liberdade para ficar, e voam para os braços do amável Rothmann, que as acolhe na própria casa. Quando

se apresenta para buscá-las, o velho trouxa só recebe insultos: descobre que já não é pai, nem marido, que não pode mais tratar as mulheres da casa a pauladas, nem ditar as lei a seu bel-prazer e que, aliás, é melhor para ele esquecer que teve mulher e uma filha e ir cuidar da vida em outro lugar, o mais longe possível. Quando ele sai da cidade, a notícia do papelão que fez já se espalhou entre a população feminina de Münster: von der Recke escapa sob uma chuva de objetos de todo tipo.



Adrianson arromba a fechadura com as ferramentas do ofício. Entramos. Uma sala grande, mobília luxuosa e tapetes. Os legítimos proprietários nem apagaram a brasa da lareira, antes de partir. Um dos irmãos Brundt a reaviva. A escada leva ao andar de cima. Um quarto de dormir, um cômodo menor. No centro, uma tina de madeira, o lavabo e o balde em um canto. Sais de banho e todo o necessário para a higiene pessoal de uma senhora.

Adrianson aparece na porta, com ar de interrogação.

Aprovo:

— Gosto. Esquente um pouco de água.

Tiro a roupa, afasto com um chute a camisa e o casaco, um só amassado escuro e malcheiroso. Saem as meias também. Queimá-las. Dentro de um grande armário encontro roupas novas, tecido elegante. Vão servir muito bem.

Adrianson derrama os primeiros dois baldes de água quente na tina, lançando-me um olhar incerto. Sai abanando a cabeça.

Na rua, um coro:

*Chegaram triunfantes e armados  
foram-se chorando desanimados  
naquela noite dentro do cemitério  
o fantasma negro pregou-lhes um susto sério.*

*Do burgomestre ele levou a mulher  
do porco bispo tirou o que ele mais quer,  
este é o destino de quem enfrenta Gert do Poço,  
pise no calo dele e ficará sem o pescoço.*

— Você ouviu!? — Knipperdolling entra gargalhando. — Eles o amam! Você os conquistou! Venha, venha ver.

Arrasta-me até à janela. Uns trinta fanáticos, que exultam em uníssonos quando me veem.

— Você já está nas canções deles. Münster inteira o aclama. — Debruça, coloca uma mão no meu ombro. Grita aos que estão lá embaixo: — Viva o Capitão Gert do Poço!

— Viva!

— Viva o libertador de Münster!

Rio e volto para dentro. Knipperdolling me detém e berra:

— Com vocês libertamos Münster e com vocês realizaremos o orgulho da cristandade! Viva o Capitão Gert do Poço! Toda a cerveja da cidade não será suficiente para brindar à saúde dele!

Confusão, gritos, lançamento de objetos, Knipperdolling bichona, colocaremos a sua pança em cima do Poço, risadas, canjirões erguidos...

Knipperdolling fecha a janela, cumprimentando com amplos gestos.

— Ganhamos. Ganhamos as eleições, basta uma palavra sua, e não haverá concorrência.

Aponto para a cidade fora do vidro:

— É mais fácil enxotar o tirano, que estar à altura das esperanças deles. Acho que o mais difícil vem agora.

Olha perplexo, depois desabafa:

— Não seja pessimista! Depois de ganharmos as eleições, decidiremos como administrar esta cidade. Por enquanto, aproveite da glória.

— A glória está à minha espera em uma bacia de água quente.

## Capítulo 31

Münster, 24 de fevereiro de 1534

A maré esteve calma até este dia crucial. Ontem Redeker discursou ao povo na praça municipal: como resultado, vinte e quatro deles foram eleitos para o Conselho. Ferradores, tecelões, carpinteiros, operários, até um padeiro e um sapateiro. Os novos representantes da cidade cobrem todos os ofícios menores, o segmento ao qual ninguém teria imaginado confiar o destino deste mundo.

A noite foi de festejos e danças carnavalescas, e esta manhã foram resolvidas as últimas formalidades. Knipperdolling e Kibbenbrock são os novos burgomestres. O Carnaval pode começar.

Inicia com os mendigos de Münster, que entram na Catedral e, como bons últimos, pegam um adiantamento daquilo que lhes é reservado no reino dos céus: desaparecem o ouro, os castiçais, os brocados das estátuas. As esmolas para os pobres passam diretamente para as mãos dos interessados, sem que os padres possam tirar o deles. Quando Bernhard Mumme, fiadeiro e cardador, vê diante dele o relógio que por anos marcou o tempo do seu cansaço, machado na mão, não pensa duas vezes para despedaçar aquelas engenhocas infernais. Enquanto isso, os colegas dele cagam na biblioteca do clero, deixam lembranças malcheirosas nos livros litúrgicos do bispo, arrancam as tábuas de madeira do altar e, para que possam servir de estímulo aos que têm o intestino preso, usam-nas para construir uma latrina pública no Aa. O batistério é desmanchado, assim como o órgão de tubos. Sob as arcadas, a baderna é geral, organiza-se um banquete no altar, finalmente é possível comer à vontade, finalmente é permitido fazer sexo entre as

colunas da nave, no chão, o espírito é libertado de todo fardo, todos mijando nas pedras sepulcrais dos senhores de Münster, em cima daqueles nobres esqueletos que jazem sob o piso. E depois de ter adubado muito bem aqueles despojos aristocráticos, todos lavar a bunda nas pias de água benta.

Chorem, santos, arranquem suas barbas, o culto acabou. Chorem, senhores de Münster, vocês que como bons devotos do ouro circulam ao redor do presépio de Cristo: a época passou. Nada do que por séculos representou o poder nefasto dos padres e dos senhores deve permanecer em pé.

As outras igrejas recebem o mesmo gênero de visitas, bandos de pobretões carregados de produtos de saques percorrem as ruas, distribuem paramentos de missa às putas, queimam os documentos de propriedade que eram conservados nas paróquias.

A cidade é uma festa só, as procissões carnavalescas percorrem as ruas sobre carroças. Tile Bussenschute com roupa de frade grudado a um arado. A puta mais famosa de Münster é levada em procissão ao redor do cemitério de Überwasser com acompanhamento de salmos, estandartes sacros ao vento e sinos repicando.



— É o senhor Gert Boekbinder? — Uma confirmação distraída. — Sou o enviado de Jan Matthys. Ele manda dizer que estará na cidade antes que o sol se ponha.

Desvio os olhos do palco. Um rosto jovem.

— Como?

— Jan Matthys. O senhor não é um dos apóstolos?

Procuro nos olhos dele um lampejo de brincadeira, em vão:

— Quando disse que chegará?

— Antes do anoitecer. Dormimos a trinta milhas daqui. Eu saí bem cedo.

Seguro-o pelo ombro:

— Vamos.

Abrimos caminho entre o povo. O espetáculo chamou muita gente: o melhor imitador de von Waldeck de toda Münster está representando. Hoje, cada praça tem uma atração: música e danças,

cerveja e leitão, jogos de habilidade, mundos ao contrário, representações bíblicas.

O meu jovem amigo deixa que um par de tetas exibidas com desenvoltura na esquina da rua o distraiam.

— Venha. Vou lhe apresentar um outro apóstolo.

Agora preciso dele. Bockelson é o único que pode improvisar alguma coisa em um momento destes. Se eu estiver bem lembrado, deve estar representando diante da igreja de São Pedro.

Um desfile de Carnaval vem ao nosso encontro e nos aperta contra os muros das casas. Na frente, três homens levando nas costas um pequeno burro. Atrás chega uma carroça, puxada com dificuldade por uma dezena de reis. No centro, uma árvore com as raízes para o alto, em uma tina, um homem nu sujando-se na lama. No canto, o Papa ora em recolhimento.

— Morra Sansão, com todos os Filisteus!

A voz de Jan nos chega de longe, está dando o melhor de si: parece vibrar no esforço sobre-humano de demolir as colunas do templo de Tiro. O entusiasmo dos espectadores não fica atrás.

Subo ao palco ao lado do Santo Cafetão e a enxurrada de aplausos pára quase instantaneamente. Uma situação de espera, um fervilhar de vozes que se tornam baixas.

Ao ouvido dele:

— Matthys estará aqui antes do anoitecer. O que fazemos?

— Matthys? — Jan de Leiden não sabe falar a meia voz. O nome do Profeta de Haarlem é um bloco jogado no pântano falante abaixo de nós. As ondas propagam-se rapidamente.

— Esta noite seria o banquete oferecido pelos conselheiros, a distribuição dos casacos de pele e todo o resto... — Uma carícia na barba: — Fique calmo, amigo Gert, eu cuido disso. Vá avisar os outros, se ainda não fez isso. Knipperdolling ficará entusiasmado em conhecer o grande Jan Matthys.

Aceito, ainda indeciso. Deixando-lhe o palco, quase uma súplica:

— Jan, por favor, nada de bobagens...

Quando anoitece, sopra um vento de esfriar até os lobos. Os sopros são carregados de uma neve fina, gelada e cortante. As ruas embranquecem.

A notícia da chegada de Matthys já chegou a todos os ouvidos da cidade. Ao redor da Aegiditor, no caminho que leva à Catedral, algumas pessoas já estão guardando o lugar. As tochas vão acendendo enquanto a luz esmaece.

— É ele! Enoch chegou!

Kibbenbrock e metade do Conselho de um lado, Knipperdolling e a outra metade do outro, empurram da parte de fora os pesados batentes. O rangido das dobradiças é um sinal. Os pescoços esticam-se na direção do portão. O resto de luz que permaneceu deste dia filtra antes como uma lâmina, depois se expande para preencher toda a arcada.

Jan Matthys é uma sombra escura, reta, a bengala na mão. Avança lentamente, sem um olhar para o povo. Os dois novos burgomestres, com todo o Conselho, encaminham-se atrás dele, a pouca distância, as tochas altas sobre a cabeça. Um cântico suave os acompanha.

Observo melhor: na neve que continua caindo no calçamento em flocos cada vez maiores, os pés do Profeta Padeiro estão descalços, nus. Nas mãos, não segura uma simples bengala, mas um ventilabro: a pá usada pelos camponeses para separar o trigo das escórias.

Enquanto Matthys avança, as duas beiras iluminadas de rua fecham-se atrás dele e o cortejo engrossa. Jan de Haarlem pára, agarra o ventilabro com as duas mãos, aponta-o para o céu. Os cânticos cessam imediatamente.

— Deus vai varrer o terreiro! — grita, de início sozinho, depois acompanhado pelo trovejar de centenas de vozes. A longa pá levanta a neve com braçadas raivosas.

— Deus vai varrer o terreiro!

O eco vem da voz da multidão, que informa os recém chegados:

— O profeta, o profeta está aqui.

— Ele chegou!

— Jan Matthys, o grande Jan Matthys está em Münster!

Empurra-se, acalca-se na direção da praça central. Todos querem ver o mensageiro de Deus, alto, magro, negro, hispido, descalço.

Está aí.

Eis Enoch.

Pára, talvez acenando um sorriso, talvez.

Bockelson chega diante dele, de braços abertos:

— Mestre. Irmão. Pai. Mãe. Amigo. Um anjo me avisou que você viria hoje. O anjo que vi entrar ao seu lado e que agora volteia ao redor de sua cabeça. Hoje, não ontem, não amanhã. Hoje, que a vitória é nossa e os inimigos foram vencidos. Anjo de Deus. Quanto o amo.

Matthys chega até ele e lhe desfere um soco no rosto que o joga para trás. Gelo geral. Ele levanta. Sorri. Os dois Jans abraçam-se forte, como se quisessem esmagar-se, ficam assim, naquele duplo aperto, balançando longamente. Bockelson chora de alegria.

Chego perto, procuro o olhar:

— Bem-vindo em Münster, irmão Jan.

Abraça-me também, com força, fico sem respiração. Ouço que murmura, comovido:

— Os meus apóstolos, os meus filhos...

Os olhos são tochas negras, os mesmos que há mil meses me confiaram uma missão. Há alguma coisa, um mal-estar estranho: percebo só agora que não pensei mais em Matthys, desde que chegamos aqui. Os acontecimentos me envolveram. Ele é alheio à luta e ao perigo que esta gente viveu. Fizemos tudo sozinhos, mas agora ele está aqui e lembrei que em nome dele viemos, com a palavra dele na boca. Münster nos sugou as energias, nos fez combater, empunhar as armas, arriscar a vida. Como posso explicar-lhe, Jan, como? Você não estava aqui.

Fico calado. Ele sobe ao palco dos espetáculos, erigido diante da Catedral. Os archotes desenham a sombra dele alongada na fachada da igreja, um demônio dançante que escarnece a reunião. A neve corta a luz, volteia sobre as cabeças: um arrepio gelado no corpo.

Altíssimo e magro como já não lembrava, observa os rostos, como se quisesse lembrar as feições, uma a uma, os nomes.

Agora o silêncio é irreal. Os olhares para ele, debaixo dos archotes, a respiração de centenas de homens e mulheres, suspensa na praça, assim como as vidas.

A voz é um gorgolejo profundo, que parece sair de alguma fenda da terra.

— Não eu. Não eu. Não sou eu quem você adora, grupo alegre de escolhidos. Não eu. A chama desta noite arde nos altares, corrói as estátuas, queima no inferno tudo que era. E nunca mais será. O velho mundo se consome como o pergaminho no fogo. O mundo, o céu, a terra, a noite. O tempo. Nunca mais será. Não eu, você eleva à glória

da eternidade. Não eu. A palavra não conhece o passado, o futuro, o Verbo é somente o agora. É carne viva. Tudo que você sabia, o conhecimento, o podre bom sentido do mundo que era. Tudo. É cinzas. Não sou eu quem você conduz à vitória. Não sou eu quem você entrega a este dia de glória. Não sou eu quem você defende de punho fechado contra o seu inimigo. Não sou eu o capitão desta guerra. Não é esta boca, estes ossos corroídos de paixão. Não. É o seu Senhor. Aquele que você sempre foi forçado a adorar nas igrejas, nos altares, reclinado diante das estátuas. Está aqui. Deus é este sangue, estes rostos, esta noite. A glória d'Ele não é de um dia, não dura a festa de uma estação, mas quer a eternidade. Ele a toma com o ferro, tritura, afunda, esmaga. Lá fora, além dessa muralha, o mundo acabou. Cruzei o nada, para chegar até aqui. E os campos afundavam atrás dos passos, os rios enxugavam, as árvores caíam e a neve descia como uma chuva de fogo. E de sangue. Um mar escorria ao encalço. Um oceano em cheia, uma onda de ira. Quatro cavaleiros galopavam ao meu lado, rostos de morte, peste, carestia, guerra. Cidades, castelos, vilarejos, montanhas. Não restou nada. Deus só parou diante destes muros, para pedir-lhe a alma, o braço e a vida. Agora vem anunciar que a Escritura morreu e sobre as suas carnes gravará a nova palavra, escreverá o último testamento do mundo e o deflagrará no fogo. Você, Babilônia de lama e meretrício. Você, última sobre a terra. Você é a primeira. Tudo começa daqui. Destas torres. Desta praça. Esqueça o seu nome, a sua gente, os seus ímpios mercadores, os seus padres idolatras. Esqueça. Porque o passado é dos mortos. Hoje você tem um novo nome, o nome é Jerusalém. Hoje você é dirigida na batalha por Aquele que o chama. Através da sua mão, o cutelo d'Ele edificará o Reino, passo após passo, tijolo sobre tijolo, cabeça sobre cabeça. Até o céu. Escória de humildes, pisoteados em uma era remota, você lutará sem medo, milícia de Deus do reino que chega. Porque o seu capitão é o Senhor.

Tremo. O instante é imóvel. Suspensos no tempo, a noite cancela o mundo além da praça, mais nada, só nós, aqui, reunidos em uma só respiração. Compacta, no terror das palavras, a tropa da Luz. Os olhos dele percorrem a multidão, convocando-nos um após o outro. Timor e orgulho, e mais a certeza, porque nada mais pode afastar o

medo daquelas palavras. Estar à altura da tarefa.

Tremo. Queríamos a cidade. Colocou o Reino à nossa frente. Queríamos o Carnaval da liberdade. Nos presenteou com o Apocalipse.

Meu Deus, Jan. Meu Deus...

## Capítulo 32

Münster, 27 de fevereiro de 1534

São geladas as chamas do inferno? Esperamos seminus, famintos, enfileirados, mudos, a hora de sermos arremessados pelo Cérbero através da porta para a geleira eterna da iniquidade?

O terreiro precisa ser varrido.

Qual infâmia, que não possa ser expurgada, marcou a fogo essas crianças em prantos, agarradas às mães desonradas, a velhos apavorados que mijam nos próprios trapos? Quem lhes explicará porque foram banidos do Éden?

Cabeça sobre cabeça, sentenciou Enoch. Cabeças empilhadas nas torres, na muralha enfeitando os parapeitos, amontoadas, arrumadas, dispostas de forma bem visível para o bispo e o viajante, a freira e o soldado, o piedoso e o ladrão, e mais que todos para tropa das travas que logo sitiará a Nova Jerusalém, foi o que o profeta ordenou.

Tanto que parece clemência este “Vão embora, semdeus! E não voltem mais, inimigos do Pai!”, que Matthys gritou sob a tormenta.

Desliza devagar sobre o manto branco de neve o êxodo dos velhos crentes. Nus. Olhos ao chão, contando os passos que restam antes de congelar. Talvez alguém espere atingir Telgte, ou Anmarch. Ninguém pode conseguir, talvez os adultos mais fortes, sozinhos, mas não deixariam as mulheres, os filhos, os pais para trás.

— Não há o que esperar. Agora o Pai quer fazer justiça.

— O que você quer dizer com isso?

— Eles precisam morrer. — Ele fala quase sereno, seráfico, o olhar firme.

Escorregam. Choram. Sustentam barrigas grávidas. Papistas, luteranos: o velho mundo sepultado pela tempestade evocada por Jan Matthys. Pode ler o sinal: a vontade de Deus.

— Está escrito, não precisa saber mais nada, é isso que você entende!? São condenados, precisam morrer. Quer cortar a cabeça deles todos?

— Este é o lugar escolhido. Esta é a Nova Jerusalém: não há lugar para os não regenerados. Eles ainda podem escolher, converter-se. Mas a hora já chegou ao fim. Que resolvam logo.

— E se não quiserem?

— Serão varridos daqui, com tudo que é decrépito.

— Então mande-os embora. Deixe pelo menos que partam, que encontrem aquele bispo miserável ou os malditos amigos luteranos.

A prestação de contas desenrola-se sob os nossos olhos. Vencemos, então. Mas onde está a alegria infinita, o sorriso vital, o desejo de unir os corpos, todos os corpos das mulheres comuns e dos homens, no abandono do abraço e no calor da luz?

Cumprimos o nosso dever: o tempo acabou, o Todo Poderoso Deus cuidará do resto. O Apocalipse, a Revelação, chega do alto, nos captura em um embuste trágico e terrível ao qual não podemos resistir, se não quisermos renunciar a tudo que conquistamos, perder o sentido de estarmos aqui, desafiando o mundo.

Vencemos? Porque esse gosto amargo em minha boca? Porque fujo como da peste ao olhar dos irmãos?

“Que sirva de advertência, advertência para todos.”

Parem-me obscenas as investidas dos mais exaltados. Cruéis as cuspidas e os pontapés nos vencidos. Não são mais os inimigos do povo de Münster, não aqueles que nos oprimiram por séculos, não são mais homens, mulheres, crianças, mas criaturas deformadas, monstruosas, repugnantes. Só a extinção deles pode dar-nos a vida, confirmar a palavra de Deus sobre o destino que nos espera.

Serei eu o vencido de todos os tempos, de todas as batalhas?

O Santo Jegral de Leiden percorre aquela fila tocando as cabeças com um pequeno bastão. A contagem pára em um menino, o olhar de Jan é dirigido ao céu.

— Porque? Porque um inocente? — Cai ajoelhado, chorando. — Este não tem culpas! O anjo da luz paira sobre ele! — Bate no próprio peito, grita mais alto, soluça. — Porque?

O pequeno afunda o rosto no colo da mãe. Ela é tomada pelo mais profundo desespero, dobra os joelhos, o abraça e o ergue contra o peito entre lágrimas. Depois com um gesto definitivo, a mulher o afasta de si e do próprio fim, e implora:

— Salve-o. Fique com ele.

O apóstolo de Matthys fica em pé, toca a barba e dirigindo-se ao anjo, anuncia:

— O Pai separa o trigo do folhelho — depois abaixa o olhar para o menino: — De hoje em diante, você será Seariasúb, “o resto que retorna”, aquele que foge do castigo através da conversão. Venha.

Ele o leva consigo, enquanto a porta já sorve o êxodo dos condenados.

A tempestade escurece a minha visão, como o mais tenebroso dos presságios.

O Carnaval acabou.

## Capítulo 33

Münster, 6 de março de 1534

A situação está tomando um rumo errado. Ruecher, o ferreiro, preso a uma grande roda de carroça por pesadas correntes, que provavelmente ele mesmo forjou, é vigiado por quatro guardas improvisados, como aliás é todo o resto nestes dias, e aguarda.

O povo, com o grande número de recém chegados, é chamado a reunir-se na hora segunda, pelo sumo Profeta: zangado, desiludido, aborrecido, enfurecido com o comportamento dos seus santos súditos.

Ruecher, o ferreiro, esse grande pedaço de merda, teve a ousadia de tecer pesados comentários sobre o êxito de três dias de meditação, total abandono, plena introdução da luz do Altíssimo no corpo terrestre do Grande Matthys, que o levara a tomar importantes decisões.

Caralho, dissera o ferreiro, expondo de viva voz o que muitos pensavam, está tudo bem, a abolição de toda propriedade, a plena comunidade de tudo que é disponível, riqueza de ninguém e para todos, claro, nós também tínhamos pensado nisso, e bem antes, o fundo para os pobres, sacrossanto, novas regras, mas caralho, indicar sete diáconos para a administração e a distribuição de todo recurso, para a solução de todo conflito ou necessidade, sem que um, ao menos um, tenha nascido e vivido naquela que era Münster, nenhum, todos holandeses, todos discípulos dele, e nós arriscamos a vida pelas liberdades municipais, faltou pouco para que as nossas cabeças enfeitassem os parapeitos da muralha, puta que o pariu, aí chega alguém, que seja, um grande profeta, iluminado pela palavra

santa, tudo bem, mas porra, nem um só, todos holandeses que nem estavam aqui quando tomamos a cidade, como funciona isso, chega um, acha tudo arrumado e manda, manda e coloca o pessoal dele dando ordens, manda e nós recomeçamos a levar no traseiro.

Preso, imediatamente.

Hubert Ruecher. Ferreiro. Münsterense. Batista. Herói das barricadas de 9 de fevereiro. Hubert Ruecher. Filho da causa. Fabricante de projéteis. Combatente pela libertação de Münster da tirania do bispo.

Hubert Ruecher arrastado acorrentado até à praça do Mercado: um traidor, um infame, que levantou a dúvida, falou contra, disse que Matthys pregou por três dias para depois nomear diáconos fiéis a ele. A comunhão de todos os bens, certo: recolhê-los naqueles grandes depósitos, um em cada bairro, e distribuí-los aos necessitados, sim, mas porque nas mãos de sete holandeses? Por quê? Porque excluir os münsterenses? Uma besteira, Jan, uma besteira imperdoável. Você está com medo? E do quê? Somos todos santos, você falou, fomos escolhidos, somos irmãos. Você não acha que centralizando todo o poder em suas mãos, fará surgir a dúvida em alguém? Em alguém que combateu para libertar a própria cidade e agora, depois da escolha daqueles sete holandeses, pode pensar que lutou por nada, pois ainda não consegue ser dono de escolher na própria casa.

Em alguém como Hubert Ruecher.

Vieram contar-lhe tudo — você espalhou espiões pela cidade? — mandou os seus milicianos prendê-lo à força. Acorrentado, agora, espumando raiva: exemplo para todos. Você enlouqueceu, Jan, não foi para isto que eles lutaram.

Eu o vejo, enquanto sai imponente para o palco, olhos de gelo e barba mais pontuda que nunca.

Eu o vejo, enquanto fala da falta de fé, agitando o ventilabro.

Eu o vejo.

— O Senhor está zangado, porque alguém levantou dúvidas sobre o dever do profeta d'Ele.

Lutou comigo, aquele homem, obedeceu às minhas ordens, e agora sei que está arrependido, talvez odeie o que fez, eu gostaria que nossos olhares se cruzassem, para entender: melhor não, talvez. Ele está aí, reto e paralisado pelas correntes, esperando que Deus sugira a Jan Matthys o Profeta o que deve ser feito.

— O tempo acabou. A escolha foi feita. Quem abandona a bandeira do Senhor revela que sempre foi indeciso, que seguiu os outros sem ter sido realmente chamado para as armas santas: é um inimigo. E hoje insinua a incerteza nas fileiras dos santos, para abalar a nossa vitória. Mas ela é inevitável, porque o Senhor nos dirige.

Você é um louco, louco padeiro charlatão, e eu sou um louco também, porque sim, eu lhe dei tudo isto.

— Se não afastarmos logo o pecador do povo dos santos, a ira do Senhor recairá sobre todos.

Espada na mão, anda ao redor de Ruecher, rosto vermelho e espantado.

O leguleio von der Wieck, com outros três ilustres, diz que em Münster nunca executaram ninguém sem um processo regular, com testemunhas, um advogado...

Matthys, em silêncio, rodeia, rodeia, avalia aquelas palavras, continua a rodear, a tensão sobe além das cabeças, chega até ele. Pára.

— Processo regular. Testemunhas, um advogado. Que apareçam.

Olhares vacilantes que se cruzam, com passos inseguros chegam ao palco.

Jan, o que você está fazendo? Percebi que empunhei a pistola. Poucas cabeças afastado, Gresbeck olha para mim, expressão dura, impassível, a cicatriz que vibra na sobrancelha, o único sinal de nervosismo.

Cuidado, Jan, estes homens aprenderam a lutar.

— Hoje vão ser testemunhas do maior dos acontecimentos. Verão o nascimento de Jerusalém: Münster não existe mais, na cidade de Deus a palavra d'Ele é a única lei. E Ele fala e age através da mão deste profeta. Vocês são as testemunhas.

A lâmina gira no alto e desce até à garganta de Ruecher, cortando-a em um único golpe.

Apreensão.

Von der Wieck, atingido pelo fluxo de sangue, está arrasado no meio da praça, Knipperdolling e Kibbenbrock olham para o chão, Rothmann mexe os lábios em oração, Gresbeck imóvel.

Um silêncio que gela os ossos mais que o frio invernal, rompido somente por invocações em voz baixa da vontade de Deus: alguns ajoelham.

Bockelson rouba a cena:

— Que imenso privilégio oferecer o sangue para purificar o povo dos santos da vergonha da dúvida! — Apanha um arcabuz, avança, acaricia o rosto de von der Wieck para recolher o sangue de Ruecher. Passa a mão no próprio rosto: — A este bastardo. A este verme imundo coube a maior das honras. Por quê? Porque ele!?

Atira no peito do cadáver à queima-roupa, molha as mãos nas feridas e benze o povo com amplos borrifos:

— Eu vos abençoo em sangue e espírito, irmãos meus santíssimos!

Ninguém se mexe.

Matthys abre os braços para reunir-nos todos:

— Rebanho de Deus, O Pai nos deu uma grande lição. Ele revelou a impureza, escavou a fundo a gana do privilégio e da posse que ainda serpenteava entre nós, e a extirpou. Alguém ainda pensava que o espírito pudesse ser contido nos mesquinhos privilégios municipais de uma cidade. Não. A Nova Jerusalém é hoje um farol para o povo dos santos, que chega de todo lugar para dividir a glória do Altíssimo. Nós não combatemos para privilégio de poucos, mas para o Reino de Deus. E na verdade, eis a maravilhosa notícia: eu lhes digo que a Páscoa deste ano saudará um céu e uma terra novos, e será o início do Reino dos Santos. O Pai chegará e varrerá todo palmo de terra fora desta muralha. No pouco tempo que resta, não eu, não serei eu aquele que preservará o rebanho das tentações do velho mundo. O Pai diz que está bem, que quem foi eleito pelos homens para esta tarefa, a cumpre em nome d'Ele também — oferece a espada a Knipperdolling. — Não hesite, irmão, é a vontade do Pai.

O burgomestre a recebe acanhado, incrédulo, depois procura ajuda no rosto de Matthys, que não lhe dá escolha:

— Somos somente o instrumento d'Ele.

O Profeta inicia o salmo e, aos poucos, todos o acompanham...

*O Senhor manifestou-se, fez justiça;  
o ímpio caiu na rede, obra das próprias mãos.  
Voltem os ímpios aos infernos,  
todos aqueles que esquecem de Deus.  
Porque o justo não será esquecido,  
para a esperança dos aflitos não haverá desilusão.  
Apareça Senhor, para que as gentes sejam jungadas à*

*Sua frente.*



Batidas na porta. Fico imóvel. Estou cansado, no escuro. Batidas secas, repetidas.

— Gert, abra. Abra esta porra de porta.

Mais batidas. Levanto, lentamente. Ele não vai mesmo embora.

Abro.

Todo enrolado em uma pesada capa escura, de viagem, Redeker está diante de mim.

Está indo embora.

Afundo na poltrona com a cabeça inclinada. Como um pouco antes que ele entrasse. Como nas últimas três horas. O que vou dizer agora? O cérebro não responde. Um sussurro sem convicção:

— Não pensei que acabaria assim.

— E o que pensava? Que besteira está dizendo? Vocês o trouxeram aqui.

Balucio alguma coisa. A raiva de Redeker afeta as minhas palavras.

— Acreditei no Deus de vocês, Gert, porque subia nas barricadas e se embebedava nas tabernas, saqueava as igrejas e assustava os cavaleiros. Ainda acredito, se quiser saber. Você sabe para que lado foi, quando saiu daqui!?

O eco das palavras que ricocheteavam na cabeça desde a chegada de Jan de Haarlem.

— Matthys é um cretino, Gert. Os juízes, os milicianos, o carrasco são os piores inimigos do coitados que combateram conosco. Aquele filho de cadela fala do Deus dos excluídos. Mas quem é o Deus dele? Ainda um juiz, um miliciano, um carrasco.

Três horas atrás, a pistola em minha mão. Eu engolia saliva e ar. E aguardava.

Os outros é que aguardavam. Eu.

— Aquele doido varrido estragou tudo. Gelou o meu sangue.

— E porque você fica parado? Porque não acaba com aquele filho da puta? Faça isso agora, Gert, enfie no rabo dele, do Poço! Vocês são os santos, lembre, eu o ladrão. Peguei o meu. Saindo daqui, vou embora.

Fecho a mão, as unhas enfiadas na palma. Não tenho resposta.

Tênue luz sobre um homem que não parece destas terras, ave de rapina pequena e nervosa, nos pés, única protuberância, calçados sólidos, imundos e velozes. Percebo o volume das pistolas e do alforje pequeno, cheio, crespo pelo curto sobre a estranha barba, rala, cuidada moldura que termina em ponta, afiada lâmina negra que olha para o chão, os bigodes finos desenhando o arco de união até o queixo, bizarra geometria de mestiço, uma aresta afiada que é melhor não encontrar nas noites incertas destas terras.

## Capítulo 34

### Münster, uma hora depois

Envelheceu. Sentado na beira da cama, a aura do amável pregador desapareceu. O rosto escavado, marcado pelo frio. Inclinado, abandona por um instante os pensamentos, concede-me um olhar vazio, volta a abaixar a cabeça.

— O que vamos fazer?

Bernhard Rothmann passa as mãos no rosto, fecha os olhos:

— Não vamos jogar fora tudo. Não é como havíamos pensado, mas está acontecendo.

— O quê, o que está acontecendo?

Um suspiro:

— Alguma coisa que nunca ocorreu antes: a abolição das camadas, a comunhão dos bens, o resgate dos últimos nesta terra...

— O sangue de Ruecher.

Melancólico, novamente as mãos no rosto.

— Cancelou a esperança, Bernhard. Leis novas não vão devolvê-la. Antes Deus lutava ao nosso lado. Agora tornou a apavorar-nos.

Rothmann continua olhando o infinito, murmura:

— Estou orando, irmão Gert, estou orando muito...

Deixo-o sozinho com a angústia que lhe dobra a espinha, enquanto sussurra invocações que não serão ouvidas.

O que eu preciso fazer.



Aparece à minha frente o suntuoso portal do palácio Wördemann,

adornado de placas e bulbos de bronze, gravações refinadas na madeira secular, até o alto. É aqui, na residência do homem mais rico da cidade, que o Profeta está instalado.

Quando entro, quatro homens armados: rostos desconhecidos, gente de fora, holandeses provavelmente.

— Preciso revistá-lo, irmão.

Ele me olha, talvez me reconheça, mas recebeu ordens.

Uma olhada truculenta:

— Sou o Capitão Gert do Poço, o que você quer?

Percebe:

— Não posso deixar subir ninguém, sem revistar.

O outro guardião concorda, arcabuz no ombro, cara de tonto.

Respondo em holandês:

— Você sabe quem sou.

Encolhe os ombros, embaraçado:

— Jan Matthys disse que ninguém pode entrar armado. O que eu posso fazer?

Está bem, deixo a pistola e a adaga. Um segundo olhar é suficiente para desencorajá-lo, não ousa tocar-me.

Ele me acompanha na subida das escadas, iluminando os degraus com a lanterna.

O que eu preciso fazer.

No topo da segunda rampa, um corredor, uma outra luz captura o olhar, vem de um cômodo lateral, a porta está aberta: está sentada, passa a escova nos cabelos luminosos, que quase chegam ao chão. O gesto repetido do alto para baixo. Vira: uma beleza terrível, a inocência no olhar.

— Vamos logo. — A voz do guardião.

— Divara. Não sabia que ele a tinha trazido.

— De fato, não existe. Você não a viu, é melhor para todos.

Abre caminho até o salão. Uma lareira gigantesca contém a chama que ilumina o ambiente.

Está sentado em uma cadeira imponente, desalinhado, o olhar voltado às chamas que devoram o cepo. O holandês faz um sinal mandando entrar, dá meia volta e se afasta.

Sozinhos. O que eu preciso fazer.

Os meus passos ressoam como os repiques de um sino, lúgubres, pesados.

Paro e procuro o rosto, mas a mente dele está longe, as sombras

desenham estranhas figuras naquela cara pálida.

— Estava à sua espera, meu irmão.

Os instrumentos para atizar o fogo estão enfileirados na parede da lareira, como lanças de guerra.

Um castiçal maciço, sobre a longa mesa de noqueira.

A faca que cortou a carne do jantar.

As minhas mãos. Fortes.

O que eu preciso fazer.

Ele vira simplesmente: um olhar sem determinação, sem ameaça.

— Os corações valentes amam o coração da noite. É o momento em que é mais difícil mentir, estamos todos mais fracos, vulneráveis. E o vermelho do sangue desaparece com todas as cores.

Coloca a perna no descanso para os braços e a deixa balançar inerte.

— Há pesos difíceis de carregar. Escolhas complicadas que a tosca mente dos homens não pode entender. Esforçamo-nos, lutamos cada dia, para compreender. E pedimos a Deus um sinal, uma confirmação para os nossos gestos mesquinhos. É o que pedimos. Gostaríamos que nos pegassem pela mão e nos guiassem nesta noite escura, até à luz do dia que virá. Queremos saber que não estamos sozinhos, que não erramos quando erguemos a faca sobre Isaac. E assim esperamos que o anjo venha deter a nossa lâmina e nos tranquilize quanto ao amor de Deus. Gostaríamos mesmo que nos fosse confirmada a inutilidade dos nossos gestos, que fosse somente uma pantomima ridícula, sem outra razão além da de provar o nosso absoluto abandono à vontade do Senhor. Mas não é assim. Deus não nos coloca à prova para brincar com estas míseras criaturas forjadas do barro, para testar a devoção, não. Deus nos faz testemunhas d'Ele, quer que sacrifiquemos nós mesmos, o nosso orgulho mortal que nos faz amar o sermos amados, aclamados, elevados a profetas, santos, Capitães. O Senhor não sabe o que fazer da nossa boa fé. Da nossa bondade. E nos transforma em homicidas, filhos da puta sem escrúpulos, assim como converte os homicidas e os alcoviteiros à causa d'Ele.

A voz de Matthys é um murmúrio que sobe até o teto, tocando as cabeças das nossas sombras alongadas. É a voz de uma enfermidade terminal, de uma gangrena profunda: há algo que gela naquelas palavras, naquele corpo que agora parece extenuado, algo que dá

arrepios a poucos passos do fogo. E como se soubesse a razão que me trouxe aqui. Como se um espelho refletisse o que existe dentro de mim.

— Às vezes o peso daquela escolha é insuportável. E desejamos morrer, fechar os ouvidos e abandonar Deus. Porque o Reino, Gert, aquele que sonhamos desde quando estávamos na Holanda, você lembra?, o Reino de Deus, é uma joia que você conquista só sujando as mãos na lama, na merda e no sangue. E é você quem precisa fazer isso, não um outro, seria fácil, não, é você. Representar a sua parte no plano. — Sorri torto para os espectros. — Uma vez um homem salvou a minha vida. Saiu de um poço e enfrentou sozinho aqueles que queriam acabar comigo. Quando confiei àquele homem uma missão, vir aqui, em Münster, e preparar o advento do Reino, sabia que não falharia. Porque era esse o papel dele no plano. Como o meu é manter o trono do Pai até o dia estabelecido.

O que eu preciso fazer.

A ferramenta para atizar o fogo.

O castiçal.

A faca.

— Qual é o dia, Jan?

Falei, mas a voz era outra, o pensamento se compôs dentro de mim e saiu sem precisar dos lábios. Era a voz da minha mente.

Não, ele vira, sem hesitar:

— Páscoa. Aquele é o dia. — Confirma para si mesmo. — E até então, Gert, irmão meu, confio a você a defesa desta nossa cidade das fileiras das trevas que estão se formando lá fora. Faça mais isto. Proteja o povo de Deus do último estremecimento do velho mundo.

É, você sabe o que eu vim fazer. Você soube assim que entrei.

Olhamo-nos longamente, a promessa nos olhos: você é um profeta com os dias contados, Jan de Haarlem.

## Capítulo 35

Münster, 16 de março de 1534

Estamos em perlustração. Andamos em círculos, afastando-nos aos poucos das muralhas da cidade. Somos sete testando a solidez do cerco episcopal. Movemo-nos em silêncio, afastados, mantendo a distância suficiente para um sinal acústico ou luminoso, frequentemente favorecidos pela escuridão, sobre a bloco nu assentado pelo Mestre Inverno e polido pelo Ferreiro Vento. Quando notamos as linhas mercenárias, avançamos cuidadosos pelos lados, até encontrarmos uma malha mais espaçada.

Esperas pacientes, geladas, deslocamentos leves, incursões ocultas, sinais disseminados e anotados em mapas improvisados, para gravar os percursos, falhas, vias de escape.

Já eludimos duas vezes o bloqueio de von Waldeck, vamos conseguir de novo, entendemos que é mal urdido, pouco eficaz, indolente.

Faz falta um catre para descansar os ossos dos corajosos irmãos Mayer, heróis das barricadas de fevereiro; seria útil também uma caneca para colocar uma infusão de ervas, bem guarneçada de aguardente, para o ferrador Pieter, simples e entusiasmado como o meio-dia.

Heinrich Gresbeck lamenta, sem dizer, a falta da lâmpada que ilumina as incessantes leituras noturnas desse soldado impassível e preciso, cuja anseio por conhecimento deve ser nascido em época diferente desta.

Por outro lado, quem está entre nós é o Flecha, falcão de caça que Bart Boekbinder, jovem e recatado primo, cria com cuidado

paterno e resultados surpreendentes.

De minha parte, não saberia descrever com clareza a condição desses dias: mente e corpo viajam separados, sem contrastes, mas distantes. O pensamento acumula, folha sobre folha, ação depois de lembrança, reflexão sobre decisão, fazendo de mim uma grande cebola, camada sobre camada, em cujo âmago ressoam, lancinantes e abissais, as palavras do Grande Matthys, o Deus Padeiro.

Incitamos os cavalos logo que saímos de Judefeldertor, para o Norte-Oeste, desviando das posições dos episcopais.

Gresbeck cavalga ao meu lado, com cinco dos melhores homens. Escolhi gente que combateu sob as minhas ordens em 9 e 10 de fevereiro: os recém-chegados da Holanda não me inspiram grande confiança, trazem armas, certo, mas são em maioria mulheres e crianças, bocas para alimentar em um inverno rigoroso; quase não sabem quem é von Waldeck e nem como tudo isto começou: só enxergam o farol de Jerusalém na noite. E a veemência do Profeta.

O bispo recrutou um exército ridículo, um milheiro de homens bem armados, mas mal pagos, com poucos motivos para arriscar a pele; quando sai da *cathedra*, o porco purpúreo não é mais nada. Dizem que o landegrave d'Assia Felipe Ihe enviou duas peças de artilharia gigantescas, que têm nomes impressionantes “o diabo” e “Sua mãe”, mas recusou-se a enviar tropas. Tenho certeza que von Waldeck está tentando convencer todos os senhores vizinhos a apoiá-lo contra a peste anabatista. Por enquanto limitou-se a escavar umas trincheiras para fechar as saídas na direção de Anmarsch e Telgte. E visto que não é nenhum estúpido, deve estar alertando todos os nobres senhores das terras entre a Holanda e aqui, para que detenham o fluxo dos hereges para Münster.

Galopamos até o bosque de Wasserberger, prosseguindo pelo atalho que reconduz à estrada para Telgte. Apeamos, calados, e levamos os cavalos até o limiar do brejo, etapa obrigatória para quem vem do Norte: os animais podem beber, uma velha casa abandonada oferece abrigo da neve e da chuva.

O frio intenso revela o hálito além das barbas. Agachamos no musgo úmido.

Contamos uma dúzia de homens, arcabuzes, uma fileira de estandartes, um pequeno canhão.

— Mercenários do bispo. — A cicatriz aparece mais branca que nunca.

— Você conhece os emblemas?

Gresbeck encolhe os ombros:

— Acho que não. Talvez o capitão Kempel... Já falei, já faz muito tempo que não venho por estes lados.

— É gente que luta por poucas moedas, chacais. Com o que tiramos dos luteranos e dos papistas, poderíamos oferecer-lhes um pagamento maior que o do Waldeck.

— Hum! É uma ideia. Mas é melhor ir devagar, a nossa força é a irmandade.

— Poderíamos imprimir uns folhetos e distribuí-los pelos campos.

— Münster não pode acolher gente infinitamente.

— Realmente. Precisaríamos entrar em contato com os irmãos holandeses e alemães. Münster pode servir de exemplo. Já provamos o que pode ser feito. Mas, porque não Amsterdã, ou Emden...?

Voltamos aos cavalos e à nossa investigação.

Decido falar com ele. Preciso saber com quem posso contar.

— Matthys é perigoso, Heinrich. Ele poderia queimar tudo que fizemos num só dia.

O ex-mercenário me olha de um modo estranho, alguma coisa o corrói.

Novamente:

— Não quero que acabe assim. Conheci Melchior Hofmann, ele também tinha estabelecido uma data para o fim do mundo. O tal dia já passou, não aconteceu nada e a reputação dele foi embora.

Cavalgamos à frente dos outros, não podem ouvir a nossa conversa.

— Ele é um homem macho mesmo, Gert: aboliu o dinheiro e desde que estou no mundo nunca pensei que fosse possível fazer uma coisa dessas. Ele a fez, simplesmente estalando os dedos...

— E calando os que abrem a boca.

— Fale duma vez. O que está pensando fazer?

Preciso contar.

— Quero pará-lo, Heinrich. Quero impedir que se torne o novo bispo de Münster, ou que nos arraste todos para uma hecatombe de sangue. Eu preciso fazer isso. Rothmann está doente, fraco. Knipperdolling e Kibbenbrock nunca enfrentariam a autoridade do profeta, eles se cagam.

Ficamos calados, ouvindo os cascos pisando o terreno, os

cavalos bufando.

Ele retoma a conversa:

— Não vai acontecer nada no dia de Páscoa.

Talvez isso seja mais que uma palavra de entendimento.

— Esse é exatamente o problema. O que Matthys pretende fazer naquele dia. Ele é um louco, Heinrich, louco e perigoso.

Parece incrível: há pouco mais de um mês, éramos os donos de Münster; hoje falamos em voz baixa, longe dos ouvidos de todos, como se a dúvida fosse um pecado mortal.

— Ele deu um prazo e até lá detém a autoridade absoluta. Podemos enquadrá-lo.

— Abrir o jogo diante de todos?

Engulo:

— Ou matá-lo.

Os ossos gelam assim que pronuncio as palavras, como se o inverno quisesse congelá-las em um aperto.

Mais alguns metros de silêncio. Tenho a impressão de ouvir a agitação dos pensamentos dele.

O olhar permanece fixo para o fundo da estrada:

— Seria a guerra na cidade. Os que vieram de fora o amam. Os münsterenses, talvez ficariam do lado dele, mas estão se tornando uma minoria, com o passar dos dias.

— Você está certo. Mas não podemos ficar olhando, enquanto o fruto da nossa luta vai sumindo feito fumaça.

Ouçõ novamente a inquietação na cabeça dele.

— Quem tentou contestá-lo derramou o sangue no piso da praça.

Concordo:

— De fato. Não é por isso que você disparou suas armas contra os luteranos e os episcopais.



A cidade parece deserta. Silêncio, ninguém pelas ruas. Olhamo-nos preocupados, como quem está sentindo no ar uma desgraça consumada; mas não falamos, deixamos os cavalos e nos dirigimos juntos, como se atraídos por um ímã, ao teatro central, à grande praça da Catedral. A cada passo aumenta a angústia de uma ameaça desconhecida, no entanto nítida, presente, que se abateu sobre a

cidade e a engoliu por inteiro. Onde estão os habitantes? Não há mais ninguém, nem um cão sarnento. Apressamo-nos ao mesmo tempo.

A nuvem esbranquiçada sobe além da fileira de construções que delimita a rua estreita que leva à praça.

Está cheia.

Murmúrio de gente que se coloca toda ao redor do centro, olha arrebatada o local onde domina a pira que esguicha línguas de fogo. Obsceno altar erguido ao esquecimento, a palavra de Deus expulsa aquela dos homens, vomita o próprio triunfo, sepulta o nosso olhar sob uma manta impenetrável; o hálito que emana sobrepõe-se às nossas cabeças; o olhar que nos localiza implacavelmente, nos caça até onde não podemos esconder-nos, nos nossos pensamentos, no desejo de sermos, um dia, mais sábios. De matar toda curiosidade, e toda genialidade.

Sobe devagar a fumaça da fogueira dos livros. Em braçadas recolhem os volumes que as carroças descarregam no chão, e os jogam nas labaredas; uma coluna de fogo alta até lambar o céu, para chamar os anjos com a fumaça de Pietro Lombardo, Agostinho, Tácito, César, Aristóteles...

O Profeta, reto no palco, segura uma Bíblia na mão. Tenho certeza que ele me vê. Sílabas que não se sobrepõem ao vozerio exaltado do povo, nem à crepitação do fogo, mas são pronunciadas para mim, por aqueles lábios estreitos.

— Vãs palavras dos homens, vocês não verão o dia do trovão. A Palavra, e só ela, cantará o julgamento do Pai.

A pilha cresce e é consumida, aumenta e se torna cinzas, vejo uma cópia de Erasmo, para demonstrar que aquele Deus já não precisa da nossa língua, e não nos deixará em paz. O velho mundo consome-se como pergaminho no fogo...

Ao meu lado, o rosto pálido de Gresbeck, sinistro e firme:

— Conte comigo.

## Capítulo 36

### Münster, Páscoa de 1534

Sobressalto com o suor frio de um sono agitado, transpiro apesar da chuva que bate furiosa nos batentes, sinto um pavor ancestral, liberto o peito com um gemido surdo, rouco. Arregalo os olhos, indefeso.

Relâmpagos amarelos rasgam a penumbra da manhã.  
Dia de Ressurreição.

Primeira cena: quando sol se põe, a praça está cheia, todos estão lá, aguardando um discurso do Profeta. Matthys sobe ao palco, fala ao povo, dá uma justificação qualquer pela falha do Apocalipse, como jogando a culpa nos eleitos ainda impuros. O palco é encostado ao lado meridional da Catedral. Vinte homens, eu incluso, entram pela fachada ocidental e saem pela janela do transepto localizado exatamente atrás do Profeta. Outros dez estão nas primeiras filas. Não deixamos tempo para os guardas reagirem. Gresbeck agarra Matthys pelas costas e lhe coloca a lâmina na garganta. O Capitão Gert explica porque Enoch deve morrer.

Segunda cena: Enoch dirige o povo dos santos para a batalha final. Deixe. O exército acanhado de von Waldeck pode ser envolvido. Vinte dos meus nos postos-chave da batalha. O resto cerca o Profeta e fica de olho na guarda pessoal. Na confusão geral, esperar o momento certo. A pistola do Capitão Gert deixa Enoch estendido no campo.

A Catedral escancara a bocarra.

Quatro degraus largos e finos, de um palmo cada um, estão na base dos dois pilares que sustentam o arco que precede e se sobrepõe ao portal; pontiagudo no cume, recortado na borda inferior por treze terminais em pedra, como dentes aguçados. Dois passos e mais quatro degraus, mais estreitos e íngremes, até às duas portas. No meio, parecendo a saliência posterior do véu palatino, uma estátua posta em cima de uma fina coluna. Em cada lado da segunda escadaria, três nichos fecham gradualmente a abertura. Do arco dos lábios e dos dentes até à garganta escura, uma multidão de estátuas, especialmente no palato, como condenados engolidos pelo monstro.

Sobre o ingresso, sobrepõem os olhos enormes de um vitral delicadamente trabalhado, com duas toscas janelinhas em cada lado. O rosto é delimitado pelo frontão triangular, encimado por três pináculos: os chifres.

A fachada é contida em maciças torres quadradas, perfiladas por duas carreiras de arcos pênseis, simples os primeiros, duplos os segundos, e abertas por duas fileiras de portais de tamanho progressivo. De um lado e do outro, as duas abas do transepto são patas gravemente acoradas no terreno.

Ensopado de chuva, deixo que me engula.

Quase a metade da atual população de Münster está reunida desde a véspera entre estas três imponentes naves. Ajoelhada, mãos juntas, aguarda cantando mansa o que o Profeta preconizou para este dia.

— Hoje farei com que tudo desapareça da terra, diz o Senhor. Destruirei homens e animais. Exterminarei as aves do céu e os peixes do mar, aniquilarei os ímpios. Exterminarei o homem da terra. O dia final é como um dilúvio. Esta nossa cidade é a arca construída com a madeira da penitência e da justiça. Ela boiará sobre as águas da vingança final.

“Deus não pediu que Noé avisasse o mundo sobre o que estava por acontecer. E quando as águas baixaram, prometeu nunca mais investir contra qualquer ser vivo como naquele dia. Desde então, toda vez que o Senhor decide destruir, escolhe um profeta para indicar aos semelhantes o caminho da conversão. Jeremias falou ao

Rei de Judá, Jonas atravessou Nínive, Ezequiel foi mandado aos Israelenses. Amós percorreu o deserto.

“Se lanço a espada contra um país e o povo daquela terra escolhe uma sentinela, esta, vendo que a espada está chegando ao país, toca a trombeta e dá o alarme ao povo. Se, quem ouve o som da trombeta, não presta atenção e é atingido pela espada, deve a si a própria desgraça. Se, ainda, a sentinela vê a espada chegando e não toca a trombeta, e a espada atinge alguém, este alguém é vítima da própria iniquidade: mas a sentinela deverá prestar contas de sua morte.

“Eu não me regozijo quando o ímpio morre, diz o Senhor Deus, mas quando ele desiste da própria conduta e vive. Se Deus quisesse julgar o mundo assim como ele é, não precisaria de profetas. Se Deus quisesse converter todos os ímpios, infundiria neles o próprio Espírito, e não recorreria aos profetas.

“Jan Matthys de Haarlem foi chamado para difundir a palavra de Deus no âmbito do alcance da própria voz. Além desse limite, o Senhor terá chamado outros profetas: o Turco, no Novo Mundo, no Catai.

“Fora desta muralha, onde a morte está afiando a foice, existem homens que deixaram de ouvir a trombeta não por distração própria. Os mercenários pagos pelos príncipes, são desesperados obrigados pela fome a combater em guerras alheias, e que só ouviram mentiras a nosso respeito. Quantos deles não entrariam na arca, se alguém lhes dissesse que o dinheiro foi abolido, que todo bem é comum, que a única erudição é a da Bíblia e a única lei é a de Deus?

“Se o Profeta da Nova Jerusalém não falar com eles para afastá-los de uma conduta infame, ditada só pela miséria, o Senhor pedirá somente ao Profeta prestar contas pela ruína deles.

“Há um tempo e um lugar para que tudo tenha um início e um fim. O nosso tempo acabou. O Senhor chega, e o profeta não é mais nada. As portas do Reino estão abertas. Ele cumprirá o mandato, como está escrito no Plano.”

Knipperdolling não consegue entender. Com olhar incrédulo acompanha os passos de Matthys para a saída. Tenta perguntar a Rothmann, mas não obtém resposta. O rosto doente do pregador não transparece emoções, os lábios trêmulos em oração. Quem sabe se o

conhecimento da Bíblia e dos profetas não o esteja ajudando a entender, melhor que eu e Gresbeck, o comportamento de Matthys. Heinrich, encostado a um pilar, parece uma estátua. Consegue com dificuldade virar o pescoço para procurar os meus olhos. E agora, o que fazemos? Jan de Leiden folheia freneticamente a Bíblia procurando respostas para traduzir a cena. Alguém entoia o *Dies Irae*. Uma espécie de procissão espontânea desliza ao longo da nave central.

Empurro para chegar até à porta, pronto para tudo.

Um raio de sol doentio acompanha o passo grave e solene dele.

O profeta de Münster transpõe Ludgeritor e deixa a cidade para trás, acompanhado de uma dúzia de homens. Ninguém mais pôde segui-lo: cada um tem o próprio papel no Plano.

Acalamo-nos em cima da muralha.

O acampamento do príncipe bispo é bem visível, a pouca distância, embaçado apenas pelo vapor que sobe da terra úmida.

Vemos quando eles avançam para a vala escavada pelos mercenários do bispo. Confusão nas fileiras inimigas, apontam os arcabuzes.

Matthys pede aos acompanhantes que parem.

Matthys continua sozinho.

Matthys está desarmado.

Atônitos. O que ele vai fazer?

Ninguém respira.

Matthys levanta os braços ao céu, altíssimos, os cabelos escuros desalinhados pela chuva.

Está fora de alcance dos tiros, mas basta uma rápida corrida, uns dez passos.

Todos calados, como se o vento pudesse trazer as palavras dele até o bastião.

Milhares de olhos concentrados em um ponto só. O último instante.

O Plano.

Avança mais. Sobe em pé no primeiro muro baixo da fortificação.

Meu Deus, ele vai fazer mesmo.

Até à Páscoa.

Um profeta com prazo de validade.

Parece que ouvimos alguma coisa, talvez o eco de uma palavra pronunciada mais forte.

Um movimento, um pulo para trás do Profeta. Alguém sobe, o brilho de uma espada. Caem para frente.

Um grupo de cavaleiros sai do acampamento, lançando-se pela estrada para bloquear o séquito de Matthys. Homens e cavalos em um emaranhado só.

O horror congela todos os olhos, como folhas secas no gelo.

Nenhum grito, nenhum suspiro.

O urro de regozijo dos episcopais.

Uma mão no ombro.

— Saia daí, Gert.

É Gresbeck, preocupado:

— E o que vamos fazer agora!?

— Ele fez mesmo...

Os münsterenses ainda estão na muralha, esperando que aconteça alguma coisa, que aquele corpo levante novamente e abra o céu com uma palavra de fogo.

— O que caralho fazemos, Gert!?

Ele me sacode. Quase descarrego a tensão com um sorriso idiota:

— Aquele bastardo conseguiu estragar os nossos planos...

— O importante é que ele caiu fora. Mas agora?

Olhamos para as pessoas voltando para as ruas, enquanto vamos à procura dos burgomestres. Esvaziados, inertes fantasmas e sonâmbulos que nem conseguem sentir medo. Extirparam-lhes o Apocalipse, o Profeta não existe mais. De Deus, nem a sombra. Mas esta é realmente a Última Páscoa, com os túmulos abertos e as almas dos defuntos vagando à espera do julgamento. Alguns o viram sendo levado ao céu pelos anjos, outros arrastado ao inferno por um demônio. Enchem as ruas, a praça do Mercado, sem vontade de rezar, porque já nem sabem para quem ou para que vale a pena fazer

isso. Grupos de pessoas que falam em voz baixa estão espalhados por todo lugar. É necessário tomar as rédeas da situação, encontrar Knipperdolling e Kibbenbrock, antes que a prostração se transforme em pânico.

Encontramos o segundo burgomestre sentado nos degraus de São Lamberto, cabeça baixa.

— Onde está Knipperdolling?

Confuso:

— Estava comigo na muralha, depois não o vi mais.

— Tem certeza que não está na igreja?

Abana a cabeça:

— Por aqui, ele não passou.

Vamos rapidamente para a praça da Catedral. Nem preciso olhar Gresbeck: respiramos os mesmos péssimos pressentimentos.

Pouco antes que chegue o escuro, a macabra confirmação.

O corpo de Jan de Haarlem em uma cesta jogada por sobre a muralha. Estraçalhado, em pedaços.

Knipperdolling enlouquecido. Correndo, no torpor da cidade, invoca rachando a garganta o nome de Jan Bockelson, o novo Davi.

No palco ao lado da Catedral, aparece a silhueta inconfundível do Louco de Leiden

Cena um: o sonho do Rei Davi (*Knipperdolling no papel de Matthys, Bockelson representando ele mesmo*).

MATTHYS: É, é. Você é um bastardo, Jan de Leiden. Um filho da puta. O bastardo e o filho da puta que será o meu sucessor para dirigir as fileiras do Senhor.

BOCKELSON: Não, não! Sou um verme viscoso e nojento, indigno, indigno!

MATTHYS: Jan, homônimo apóstolo meu, você sabe quanto o amo. E o meu amor não é nada mais que um reflexo do amor maior do Pai por você. Verme, você só era isso. E eu o tirei da lama dos bordéis para fazer com que lutasse em Münster ao meu lado. Verme. Régio verme incumbido de empunhar a minha espada e instaurar o Reino. Dentro de oito dias o Profeta deverá dar lugar ao Senhor. E o

Senhor escolherá você, como guia da Nova Sião.

BOCKELSON (*segura as lágrimas, não vê mais ninguém, ou talvez enxergue tudo bem claro. Muito mais que Gresbeck e eu*): Venha até aqui, Berndt.

Intervalo (*Knipperdolling, representando ele mesmo, avança desajeitado, a longa espada da Justiça na mão*).

KNIPPERDOLLING: É verdade. Há oito dias Jan de Leiden disse que havia sido visitado por Matthys em sonho, e recebido dele a incumbência de cumprir o Plano.

Cena dois: o cumprimento do Plano (*Bockelson no papel de Deus e de Davi, Knipperdolling representando ele mesmo*).

DEUS: Homens e mulheres de Münster, olhem este pequeno homem. Olhem Davi. Homens e mulheres da Nova Jerusalém: o Reino é de vocês! Por deus, eu venço! Tudo que foi prometido, concretizou-se. São donos do próprio reino. Corram à muralha para rir na cara do inimigo, peidem a própria alegria naquelas carrancas animais! Eles não podem nada, Matthys provou. Ele quis dizer-lhes que os ímpios lambedores de saco podem até reduzi-lo em pedaços do tamanho de melecãs do nariz, mas não abalarão o Plano! E o meu plano é vencer! Vencer! Uma funda! Uma funda para Davi!

(*Knipperdolling passa rapidamente um funda para Bockelson, daquelas que os camponeses usam para afastar os corvos da colheita*).

DAVI: Cidadãos da Nova Jerusalém, eu sou o homem que vem em nome do Pai: o novo Davi, o bastardo meio-irmão de Cristo, o escolhido! Admirem o Pai, que quis escolher um mentecapto, um gigolô, para torná-lo o apóstolo d'Ele, o capitão d'Ele. E pela boca do arcanjo Matthys lhe anunciou a gravidez. Sim, gravidez do cumprimento do plano. Jan Matthys não morreu! Matthys o Grande fecundou-me com a Palavra do Pai e vive em mim, vive em vocês todos, porque nosso destino e prosseguir até o fim, nós somos a força de Deus, somos os melhores, os escolhidos, os santos, aqueles que herdaram a terra e podem usá-la como bem quiserem. Não temos mais limites: o mundo acabou, está aos nossos pés! (*Respira fundo,*

*paira o olhar azul sobre o povo, que agora aumentou até encher a praça). Irmãos e irmãs: o Eden é nosso!*

*KNIPPERDOLLING (ao lado dele): Viva Sião!*

A resposta é um golpe que quebra as pernas, um pileque, um tiro, um soco no queixo, um balde de água gelada que me atordoa. É um viva gritado com todas as forças por milhares de pessoas, apagando o desespero, a aflição, a consciência de ter seguido um louco que agora jaz em pedaços em um cesto. Melhor acreditar até o fundo então, melhor continuar sonhando, ao invés de perceber a loucura coletiva. Leio isso nos olhos deles, nas expressões conturbadas daqueles rostos: melhor um cafetão saltimbanco, sim, sim, o filho de Matthys, melhor ele, mas queremos de volta o Apocalipse, queremos a fé. Queremos Deus.

Cambaleio emudecido, vejo Bocklson erguido por uma floresta de mãos e carregado em triunfo pela praça. Ri e distribui beijos para todos, sensuais, provocadores, talvez tenha um também para o compadre que mais de uma vez o salvou das encrencas e o acompanhou até aqui. Ou talvez o Santo Cafetão nem pense mais nisso tudo. Ele nunca mais terá outro papel, esta foi a melhor interpretação da vida dele. Jan, você finalmente conseguiu calçar o mundo como uma luva em seu repertório de ator. Ou, pelo contrário, os seus personagens é que encontraram o palco adequado no coração destes homens e nos acontecimentos do mundo. Agora você é Moisés, João, Elias, e quem mais quiser ser. Agora é para sempre: você não pretende de forma alguma voltar atrás. Está escrito em seu sorriso e no fato que não teria nenhum motivo para fazer isso.

*Grande final: O povo inunda a cidade, eleva o novo profeta de Münster em Aegiditor, para que os episcopais vejam que o moral do povo de Sião está alto e há um novo comandante. Mas um grito de repugnância e terror gela o cortejo triunfal. As mulheres que escancararam o portão indicam um dos grandes batentes.*

*Uma flecha prende alguma coisa pregada à madeira, como um saquinho sanguinolento. Uma brincadeira macabra dos episcopais: devem ter aproveitado da ausência das sentinelas para chegar até*

*à muralha e depois fugir.*

*O povo abre caminho e Jan de Leiden avança, decidido, tira a flecha e recolhe sem piscar o escroto de Jan Matthys, aperta-o na mão e faz um sinal de aprovação para os anjos. Ergue a voz e os colhões do Profeta, para que todos possam vê-los.*

BOCKELSON: Certo. Apesar de eu ter deixado uma esposa legítima em Leiden para seguir o Grande Matthys, ele me pediu que me tornasse marido da mulher dele. Terei que casar com a viúva do Profeta e usar os colhões no lugar dele. *(Coloca no bolso o grumo sanguinolento e anuncia):* Tragam Divara! A minha esposa destinada.

Aplausos.

Fim.

## Capítulo 37

Münster, segunda-feira do Anjo, 1534

— Não me chame de louco!

O soco acerta o meu rosto. Caio.

Jan é uma máscara vermelha e loura de furor.

Fico prostrado em uma cadeira:

— Com isto você provou que é um saltimbanco miserável.

Prende a respiração, dá uns passos massajando as juntas da mão esfoladas, abaixa a cabeça, balança o corpo. A explosão de raiva esconde-se logo no desespero.

— Ajude-me, Gert, não sei o que fazer.

Olho para ele prostrado: um pequeno alfaiate chorão e mesquinho.

— Ajude-me. Sou um verme, ajude-me, diga o que devo fazer. Porque eu não sei, Gert...

Senta sobre a escrivadinha que foi de Matthys, olha o chão.

— Você já fez muito.

Concorda:

— Sou um escroto, sim um miserável escroto. Mas eles queriam uma esperança, você viu, queriam que eu lhes dissesse o que disse. Eles me queriam assim e assim eu fiz, são felizes novamente, fortes.

Fico calado, inerte, a cabeça lateja, a pancada, a confusão destas horas.

Ele parece justificar-se:

— Ontem estavam perdidos, hoje enfrentariam von Waldeck de mãos limpas! — Procura o meu olhar. — Eu não sou Matthys. Podemos recomeçar outra vez, fornicar, heim?, banquetes, o que

quisermos. Somos livres, Gert, livres e donos do mundo.

Não tenho vontade de falar, não tem sentido, mas as palavras saem sozinhas, para mim e para o meio-irmão louco com quem compartilhei o fedor dos estábulos: o novo profeta de Münster.

— Que mundo, Jan? Von Waldeck não é tonto, os poderosos nunca são. Poderoso ajuda poderoso, príncipe apoia príncipe: papistas, luteranos... não importa, quando os que estão por baixo se rebelam, eles se unem, com os cavaleiros, as armaduras brilhantes, em formação pronta para atacar. Este é o mundo lá fora. E fique certo que não mudou só porque você deu de presente a este povo o belo sonho de Sião.

Choraminga feito um filhote, os dedos afundados nos cachos louros.

— Diga você o que precisa ser feito. Eu farei o que você disser, mas não me deixe, Gert...

Levanto atordoado:

— Você se engana. Eu também não sei. Já não sei mais.

Chego até à porta, entre os ganidos infantis dele.

Ela está ali atrás. Ouviu tudo.

Os cabelos são tão claros e luminosos, que parecem de platina.

Divara: uma roupa sucinta, que deixa transparecer o corpo perfeito. No rosto, a inocência de uma criança, branca rainha menina, filha de um cervejeiro de Haarlem.

Um toque leve levanta a minha mão na qual desliza uma pequena lâmina.

— Mate-o — murmura, indiferente, como se falasse de uma aranha na parede, ou de um velho cão moribundo ao qual conceder o descanso.

O chambre aberto no seio túrgido, revelando o prêmio. Os olhos de um azul intenso que incutem terror até os ossos, os pelos eretos como alfinetes, o coração feito tambor. Uma pilha de cadáveres: visão do que pode acontecer, o abismo escancarado por uma jovem de quinze anos. Preciso agarrar-me ao corrimão das escadas, cambaleando para baixo, longe da Vênus Distribuidora da Morte.



Münster, 22 de abril de 1534

Torpor. Dos membros, da mente. Não reconheço ninguém, não são os mesmos que enfrentaram os episcopais e os luteranos em uma noite só. Os meus homens, eles sim, me seguiriam até o inferno, mas não poderei levá-los comigo: alguém precisa ficar, para controlar o Jogral, a Rainha Branca e o Reino dos Milagres deles.

Sozinho. Ir embora já, procurar a saída do esgoto principal, antes que seja tarde demais.

Os acontecimentos destes dias assustam. No entanto, o moral subiu às nuvens. Em uma saída, capturei um grupo de cavaleiros que tentava atacar Judefeldertor e agora estamos negociando uma troca de prisioneiros. Fizemos também com que os episcopais perdessem a vontade de chegar perto da muralha, fora do alcance dos arcabuzes, para mostrar-nos aquelas bundas pálidas e gritar “Pai, dê para mim, desejo a sua carne!”, costume que eles tinham adquirido nas noitadas de bebedeira e farra. Com um pouco de boa balística, bastou acertar um deles com um tiro de canhão entre as nádegas, reduzindo-o a porções para os cães.

Durante uma semana inteira os homens nos bastiões mijaram e cagaram em um barril, que depois rolamos até o acampamento episcopal. Quando eles o abriram, o fedor quase chegou até aqui.

Organizei com Gresbeck treinamentos de tiro para todos, incluindo jovens e mulheres. Ensinamos às moças como ferver o pez e entornar cal virgem na cabeça dos sitiantes. Há turnos para a guarda da muralha envolvendo todos os cidadãos, de ambos os sexos, entre os dezesseis e os cinquenta anos.

Mandei colocar um sino em cada bastião, para tocar em caso de incêndio, a fim de saber onde precisa correr com a água.

Descobrimos que Matthys havia inventariado os bens sequestrados dos luteranos e papistas, assim como as disponibilidades alimentares da cidade. Ele tinha anotado tudo, até à última galinha e o último ovo. Dá para resistir no mínimo um ano. E depois? Aliás: enquanto isso?

Não basta, não pode bastar. As piadas do Profeta Saltimbanco não levam a lugar nenhum.

Os Países baixos, os irmãos. Contar o que acontece em Münster, organizá-los, escolhê-los, talvez também treiná-los para o combate. Procurar dinheiro, munições.

Não sei. Não sei se é o certo a fazer, nunca soube, cada vez que escolhi mudar o caminho. Você só percebe que não pode continuar

assim, que a muralha, as paredes, começam a ficar apertadas e a sua cabeça precisa de ar fresco, o seu corpo de milhas a percorrer.

Sim. Pode fazer mais uma coisa para esta cidade, Capitão Gert do Poço.

Impedir que ela fique só com a loucura dos próprios profetas.



Münster, 30 de abril de 1534

A bagagem é leve. Na velha bolsa de couro: bolachas, queijo e manjucas secas, o suficiente para alguns dias; um mapa dos territórios daqui até os Países Baixos; a pólvora, não pode molhar; as duas pistolas que Gresbeck insistiu em dar-me; as três velhas cartas desbotadas e ensebadas, que atraçoaram Thomas Müntzer. Relíquias inseparáveis estas últimas, única lembrança tangível do que morreu e está sepultado sob os escombros do Apocalipse que falhou.

— Você tem certeza que quer ir?

A voz rouca do ex-mercenário aparece à porta. Não é o tom de quem vai censurar, mas de quem pergunta porque não o levo comigo.

— Não calculamos bem, Heinrich.

— Você quer dizer com Matthys?

— Quero dizer com esta gente. — Uma olhada rápida, enquanto amarro os calçados. — Querem acreditar que são santos. Querem que alguém lhes conte que tudo correu conforme o previsto, que Münster é a Nova Sião e não há mais o que temer. — Teste o peso da sacola: está bem. — Eles deveriam estar apavorados. Você olhou fora da muralha? Von Waldeck está erguendo fortificações e tenho certeza que os vi derrubando árvore no nordeste. Sabe o que isso significa? Máquinas de guerra, Heinrich, estão preparando um assédio. Eles pretendem pregar-nos aqui o maior tempo possível, pelo menos até que as últimas besteiras do último profeta beijado na boca por Deus tiverem feito de nós todos uns idiotas. Os navios que traziam para cá os coirmãos da Holanda foram interceptadas no Ems. Havia armas e alimentos. Eles fecham as fronteiras e as estradas. Todos esses são

sinais, mas ninguém percebe. Eles planejaram tudo.

Gresbeck lança aquele olhar turvo:

— O que você está querendo dizer?

— Um assédio a longo prazo. Fechar-nos aqui dentro, apertar o cerco e esperar; a fome, o próximo inverno, revoltas internas, sei lá o que mais. O tempo joga a favor deles. Se eu fosse von Waldeck faria exatamente isto: deixaria os canhões apontados e cruzaria os braços.

A bolsa já está no ombro, Adrianson já deve ter selado o cavalo para baixos. Estou quase tranquilo.

— Precisamos de novos contatos com os irmãos holandeses. Precisamos de dinheiro para comprar os mercenários de von Waldeck e voltá-los contra ele. Precisamos descobrir passagens seguras para estourar o bloqueio. E acima de tudo precisamos entender se fora daqui alguém está pensando em pegar nas armas e acompanhar-nos, ou se realmente, como Matthys dizia, só existe o deserto. Temos que fazer tudo isso logo: cada dia que passa é dado de presente aos abutres que estão lá fora.

— E com Bockelson, como fica?

Tenho vontade de rir. Descemos as escadas: os jumentos estão prontos. O ferrador aperta as correias da minha sela.

— Eles o escolheram, o que podemos fazer?

Monto e puxo as rédeas para refrear o entusiasmo do animal.

— Jan é um fraco, um charlatão. É por isto que não levo você comigo. Quero que fique de olho nele, você é o único que pode: Knipperdolling e Kibbenbrock amoleceram, Rothmann está doente. Escolha bem os homens que podem ajudá-lo e mantenha firmes as defesas da cidade. E acima de tudo: von Waldeck tentará aproveitar de qualquer falha, qualquer distração. Responda ao ataque com ataque, mande os folhetos aos mercenários, eles valem mais que os tiros de canhão às vezes, lembre disso. Voltarei logo.

Um forte aperto de mão: mais uma vez a escolha do destino. Gresbeck não deixa transparecer emoções, não é o tipo. Nem eu sou agora, acabo de descobrir.

— Boa sorte, Capitão. E que nunca lhe falta uma pistola no cinto.

— Até logo, compadre.

Adrianson vai à frente. Os calcanhares incitando o cavalo: não olho as casas, as pessoas, já estou em Unserfrauentor, já estou fora da cidade, já percorri dez milhas da estrada para Arnhem.

Estou vivo novamente.

## Capítulo 38

Costa holandesa, nos arredores de Roterdã, 20 de julho de 1534

O vento agita os tufos de grama das dunas baixas, como se fossem barbas, queixos de gigantes. O pequeno barracão que protege os barcos dos pescadores parece manter-se em pé por milagre, de tão podre pela maresia e borrascas.

O sol já vai surgir, já não é noite, ainda não é dia: uma luz rosada que ilumina as gaivotas, enquanto planam plácidas disputando com os caranguejos os peixes mortos, que saíram das redes da noite. Ressaca lenta, maré baixa, uma fina neblina esconde o limite da praia ao Norte e ao Sul. Ninguém.

Pequenos insetos correm ao longo do tronco trazido aqui quem sabe de onde. As mãos apertam a casca úmida. O guia que os irmãos de Roterdã me indicaram, disse que o lugar é este. Não quis esperar: Van Braght não é o tipo que você encontra tranquilamente.

Três sombras alongadas na areia, na extremidade Sul. Chegaram.

As mãos escorregam sobre as pistolas, cruzadas sob a capa que me protege da brisa do Mar do Norte.

Chegam devagar, um ao lado do outro.

Rostos sérios e inexpressivos, barbas ríspidas, camisas gastas e espadas a tiracolo.

Não me mexo.

Chegam à distância da voz:

— Você é o alemão?

Espero que se aproximem mais um pouco:

— Quem de vocês é Van Braght?

Alto, corpulento, rosto corroído pelo mar e pelo sol, um corsário de cabotagem leve que diz ter assaltado vinte embarcações espanholas:

— Sou eu. Trouxe o dinheiro?

Balanço o saquinho na cintura.

— Onde está a pólvora?

— Chegou ontem à noite. Dez barris, certo?

— Onde?

Três pares de olhos sobre mim. Van Braght só move a cabeça:

— Os imperiais fiscalizam a costa, não era seguro deixá-la aqui.

Está no velho dique, meia milha para cima.

— Vamos.

Encaminhamo-nos, quatro rastros paralelos na areia.

— Você é Gerrit dos Boekbinder, certo? Aquele que chamam do Poço?

Não há curiosidade, nem ênfase, na pergunta.

— Sou o comprador.

O dique é um cercado de madeira podre, o mar o furou, criando um pequeno canal que adentra à terra. Em cima, sobressai o casebre baixo do guardião.

Os barris estão cobertos por uma vela gasta, sobre a qual passeiam as andorinhas marítimas. Quando a levantam, um enxame de moscas abandona o peixe fedido apinhado nas caixas. Embaixo: os barris enfileirados. Um dos três pede que eu escolha: indico o do centro, abre a tampa e se afasta.

O pirata quer tranquilizar-me:

— Vem da Inglaterra. O fedor dos peixes manterá os milicianos afastados.

Afundo a mão no pó preto.

— Está bem seca, fique tranquilo.

— Como vou transportá-la?

O indicador aponta atrás das dunas, onde aparece a cabeça de um cavalo e as rodas altas de uma carroça:

— Você vai continuar sozinho.

Solto a bolsa e a entrego:

— Enquanto você conta, os seus podem carregar.

Basta um movimento da cabeça e os dois, de má vontade, levantam os primeiros barris, encaminhando-se desajeitados pelo caminho.

Uma gaivota lança um grito sobre as nossas cabeças.  
Os caranguejos escorregam sob a carcaça de um velho barco.  
O sol começa a abrandar a brisa da manhã.

Paz absoluta.

Van Braght acaba de contar:

— São suficientes, compadre.

Aperto com força as duas empunhaduras:

— Não é verdade. É menos da metade de quanto foi concordado.

— A indecisão de um momento, não pode ver as pistolas sob a capa.

— O prêmio por Gert do Poço vale dez vezes mais.

Não lhe dou o tempo de mexer-se, o tiro explode no meio da cara dele.

Voltam correndo, espadas desembainhadas. Dois contra um, derramo a pólvora na pistola descarregada, enfio o chumbo, mais pólvora, rápido, para dentro, puxo o gatilho, estão a poucos passos, braços estendidos, uma respiração, sem tremer, aponto para os membros em movimento: dois tiros, quase em uníssono, o primeiro despenca aos meus pés, o outro cai, a pistola dele dispara, talvez eu já esteja morto, mas o meu fantasma extrai uma adaga curta que crava na garganta dele.

Um gemido.

Silêncio.

Fico parado. Olho as gaivotas que pousam novamente na praia.

Vou ter que carregar os barris sozinho.



**Roterdã, 21 de julho de 1534**

— Com mais estes são cinquenta.

Adrianson acaba de segurar as armas, depois me entrega a lista de embarque.

— Cinquenta arcabuzes, dez barris de pólvora, oito barras de chumbo. E dez mil florins.

— Vai precisar duas carroças. Reynard lhe deu os salvo-condutos?

— Estão aqui. Diz que são praticamente autênticos: o lacre é

praticamente igual àquele que usam em Haia.

— Servirão até à fronteira. Depois vamos pensar em alguma outra coisa. Partiremos assim que possível. Ainda temos etapas em Nimega e Emmerich e não sei quanto tempo teremos que ficar. Será uma viagem longa, teremos que evitar os caminhos mais visados.

O ferrador me oferece uns rolos de fumo seco das Índias, diz que aprendeu a fumá-los com os mercadores holandeses. Os espanhóis os chamam *sigari*, têm cheiro de um outro mundo, de choupanas, de couro e pimenta verde. O sabor é aromático e deixa um gosto agradável na boca.

Deitamos nos catres oferecidos pelo irmão Magnus, pregador da comunidade batista de Roterdã. A mesa dele é modesta, mas a generosidade dispensada à causa lhe perdoa qualquer falta de banquete.

Deixamos que a fumaça nos envolva junto com os pensamentos, para depois ficarmos suspensos no meio do cômodo, que já foi o sótão da casa.

Os irmãos daqui são pessoas calmas. Admiram Münster e estabeleceram ligações muito proveitosas para nós. Mas não desafiam as autoridades com uma insurreição: para eles basta praticar a própria fé secretamente, nos encontros noturnos, nas leituras comuns. Não encontrei o espírito lutador que procurava; o que há de sobra é generosidade e estima.

É difícil criticá-los, nas grandes cidades mercantis as coisas não são como na nossa cidade-estado alemã. Aqui eles têm os espanhóis a mais, têm o Imperador dentro de casa.

Mas descobri que existe um partido de descontentes, poucos irmãos turbulentos que gostariam de seguir o nosso exemplo. Poucos e inexperientes, sem um verdadeiro chefe. Obbe Philips desmente o próprio passado de apóstolo de Matthys e finge ter levado sempre a mesma vida moderada atual. Há ainda o jovem Davi Joris de Delft, brilhante orador, que o nosso hospedeiro enalteceu e descreveu como um guia promissor. Talvez o futuro do movimento dependa em boa parte dele, cuja mãe foi uma das primeiras mártires batistas, decapitada em Haia quando Davi era pequeno. Ele é procurado por toda a Holanda como o bandido mais perigoso, por esta razão é difícil encontrá-lo. Não tem residência fixa, sempre em movimento, chega e parte, usa frequentemente nomes falsos até com os coirmãos, por medo dos infiltrados. Parece que não desdenha os saques das

igrejas, mas ele também, como Philips, desaprova duramente o assassinato.

A situação não é estável, mas isto não significa que tudo não possa ser resolvido depois de umas conversas.

E amanhã estaremos novamente no caminho de volta, com o nosso precioso carregamento que deve ser resguardado dos postos de fiscalização e dos olhos mais indiscretos. Mais duas comunidades a serem visitadas. Dentro de um mês, Münster.

— Boa noite, Peter.

— Boa noite, Capitão.

## Capítulo 39

Münster, 1º de setembro de 1534

Aparece lúgubre atrás da colina. O vento frio nos joga a chuva no rosto, obrigando-nos a apertar os olhos: vejo a silhueta escura na planície, as margens do Aa, a linha da muralha, as lanternas das sentinelas, únicas estrelas em uma noite para lobos.

Incito ao máximo os cavalos ensopados, extenuados. Adrianson, com a outra carroça, me segue de perto: conseguimos. As rodas levantam o barro da estrada, prosseguimos lentos, cada vez mais perto da meta. Mais ao Norte avisto uma fileira negra de fortificações: as valas de von Waldeck transformaram-se em barreira intransponível que fecha os acessos para os caminhos de fuga.

— Alguma coisa está errada.

A voz do ferrador perde-se na chuva: ele tem razão, uma estranha angústia começa a apertar-me o estômago, uma sensação de terrível desventura.

— Os campanários, Gert... as torres. Que fim levaram?

É o que falta. A cidade é plana. E os canhões do bispo não podem chegar tão longe e tão alto. Onde foram parar os campanários?

Não é o frio da noite que arrepia os meus membros, uma mão invisível aperta-me com mais força as entranhas.

Apresentamo-nos para reconhecimento às sentinelas de Ludgeritor. Não conheço nenhum dos vigias, sim, talvez um, diria que é o sapateiro Hansel, encanecido, decrépito.

— Hansel, é você?

Os olhos arredios de um culpado:

— Bem-vindo, Capitão.

Uma batida no ombro:

— O que diabo aconteceu às torres de Münster?

Expressão séria, o olhar permanece baixo, nenhuma resposta. Aperto-lhe o braço, enquanto procuro segurar o pânico que sobe à garganta:

— Hansel, conte o que aconteceu.

Liberta-se do aperto, um ladrão diante do tribunal:

— Capitão, o senhor não devia ter ido embora.

O ar da noite fala de um crime consumado, algo terrível, inominável. Tomados pela ansiedade, entramos nas ruas desertas, para a casa de Adrianson. Ninguém diz nada, não precisa, apressamo-nos, ensopados até os ossos.

Vejo que bate à porta, abraça com força a mulher e o pequeno filho. Não há alegria naqueles olhares, são os gestos de quem compartilha de uma desventura.

A mulher nos oferece uma infusão quente, diante da brasa que esmaece na lareira:

— É tudo que posso oferecer-lhes. Desde que começou o racionamento, é difícil arranjar leite.

Magra, nervos tensos no pescoço, a força do luto que a segura. O olhar recai sobre o filho em cada frase, como se fosse protegê-lo de um perigo obscuro.

— A situação é tão grave?

— O bispo fechou o cerco, cada dia fica mais difícil sair para arranjar alimentos. Nós temos que fazer fila todos os dias para alimentar as nossas crianças. Os diáconos que controlam o racionamento entregam sempre menos.

Adrianson conseguiu animar o fogo, como se com esses gestos simples, domésticos, pudesse aliviar a tristeza que o invade.

— O que houve com os campanários, Greta?

Olha para mim sem tremer, forte, não compartilha da covardia dos homens:

— Não devia ter ido embora, Capitão.

É quase uma acusação, agora sou eu que procuro esquivar-me daquele olhar.

O marido dela intervém:

— Não ponha a culpa nele, que arriscou a vida por todos. Na Holanda arrumamos dinheiro, chumbo para os canhões, pólvora...

A mulher abana a cabeça:

— Vocês não sabem. Não souberam de nada.

— Do quê, Greta? O que aconteceu?

Adrianson não consegue conter o medo e a raiva:

— Fale, mulher. O que aconteceu com os campanários?

Aceita, aqueles olhos duros são para mim:

— Mandou derrubar. Nada deve elevar-se para desafiar o Altíssimo. Ninguém deve ser orgulhoso, precisamos olhar ao chão quando andamos pelas ruas, não podemos usar enfeites, são confiscados. Nomeou duas meninas e um menino juizes do povo. Arrancam do corpo qualquer objeto supérfluo, todo vestido colorido. Todo o ouro e a prata vai para os cofres da corte.

Adrianson pega as mãos dela:

— E o seu anel?

— Tudo... para a maior glória de Deus.

Respiro fundo, preciso manter a calma, tentar entender:

— Que corte, Greta? De que você está falando?

É ódio, raiva profunda a que pronuncia as palavras:

— Ele elegeu-se rei. Rei de Münster, do povo eleito.

A garganta não me deixa falar, mas ela prossegue:

— Foi Dusentschnuer, o ourives, aquele manco maldito, com o Knipperdolling. Uma encenação horrível: eles o lisonjearam, imploraram para que aceitasse a coroa. Disseram que Deus lhes havia falado em sonho, que devia assumir a coroa do Pai e guiar-nos na terra prometida. E aquele saltimbanco repugnante debochando, dizendo que não era digno...

O ferrador abraça a mulher pelas costas, protetor e furioso:

— Porco imundo. Cafetão de meia tigela.

Murmuro:

— Ninguém o deteve... Onde estavam os meus homens... Heinrich Gresbeck?

— Não os acuse, Capitão, não estão mais aqui. Estão escoltando os missionários enviados à procura de reforços. O rei é escoltado por homens armados, quem se atreve a abrir a boca contra ele é levado embora, desaparece, não se sabe onde, em alguma prisão subterrânea, talvez... depois no fundo do canal.

Preciso perguntar, tenho que saber:

— Bernhard Rothmann?

O silêncio precede um horror ainda pior, se possível, que o

esperado.

— Foi nomeado teólogo da corte. Knipperdolling, Kibbenbrock e Krechting receberam o título de conde. O rei diz que logo guiará o povo eleito através do Mar Vermelho dos exércitos inimigos e conquistará toda a Alemanha. Já designou os principados para os fidelíssimos dele.

A raiva e o medo vão se transformando em peso inerte que me arrasa. Estou exausto, mas ainda não acabou, posso ler isso na expressão férrea, naquela beleza altiva e sofrida.

— Rothmann disse que era necessário seguir os costumes dos patriarcas das Escrituras. “Ide e multiplicai-vos”, Ele disse, e que cada homem tome quantas mulheres conseguir satisfazer, para aumentar o número de eleitos. O rei tem quinze mulheres todas um pouco mais que crianças. Rothmann dez, e assim os outros. Se meu marido não voltasse dentro de um mês, eu também seria destinada a um deles.

As mãos de Adrianson, brancas de tensão, querem estraçalhar a armação da lareira.

— Nós gritamos, claro, dissemos que não era justo. Margharete von Osnabrück disse que se o Senhor queria a procriação, então as mulheres também deveriam poder escolher mais de um marido.

Engole o desgosto com um suspiro contido:

— Cuspiu na cara dos pregadores e mijou na cabeça daqueles que iam buscá-la. Sabia o que viria depois, mas não quis calar. Gritou para toda a cidade, enquanto a arrastavam, que as mulheres de Münster não tinham lutado ao lado dos próprios homens para tornarem-se vulgares concubinas.

Mais uma pausa, para conter as lágrimas de ódio. Há uma dignidade infinita naquelas palavras, a dignidade de quem compartilhou do gesto extremo de um irmão, de uma irmã.

— Morreu matando-os com as palavras. Muitas fizeram como ela, preferiram morrer insultando os tiranos, que aceitar as leis deles. Elisabeth Hölscher, que se atreveu a abandonar o marido. Katharina Koekenbecker, que viveu com dois homens sob o mesmo teto. Barbara Butendieck, denunciada pelo marido, porque teve a ousadia de contradi-lo. Ela não foi executada, não. Estava grávida, por isso foi salva.

Só a crepitação do fogo. A respiração profunda do pequeno Hans na caminha. A batida da chuva no telhado.

— Ninguém se rebelou?

Afirma:

— O ferreiro Mollenhecke. Com outros duzentos. Conseguiram prender o rei com o séquito no Paço, mas depois... O que poderiam fazer? Abrir as portas para o bispo? Seria condenar a cidade à morte. Não tiveram coragem. Alguém libertou o rei e duas horas depois as cabeças deles rolaram pela praça.

Peter Adrianson apanha a velha espada com a qual combateu nas barricadas em fevereiro. No rosto, as marcas do cansaço afastado.

— Deixe que eu o mate, Capitão.

Levanto. O que resta fazer.

— Não. Sua mulher e seu filho não saberiam o que fazer de um mártir.

— Ele precisa pagar.

Dirijo-me a Greta:

— Pegue os seus pertences. Vocês vão embora esta noite.

Adrianson aperta a empunhadura, cego:

— Ele acabou conosco, não pode ficar impune.

— Leve sua família para longe daqui. É a minha última ordem, Peter.

Vontade de chorar, olha ao redor: a casa, os objetos. Eu.

— Capitão...

Greta está pronta, o filho no colo, enrolado em um cobertor. Gostaria que Adrianson tivesse a mesma força dela, neste momento.

— Vamos. — Arrasto-o pelo braço, saímos sob o dilúvio, abro caminho. Passamos rentes aos muros, em um percurso que parece interminável.

Em uma virada, a mulher de Adrianson sobressalta.

Instintivamente, levo a mão à espada. Duas silhuetas baixas sob os capuzes.

Uma segura uma lanterna. Aproximam-se, passadas curtas no barro.

A luz é erguida à altura dos nossos rostos. Vejo olhos jovens, rostos lisos. No máximo dez anos.

Um arrepio.

A menina aponta para o embrulho que Greta segura no peito. Um dedo pequeno e branco.

Terror nos olhos da mulher. Afasta a beira do cobertor e mostra

Hans, retesado pelo frio.

A outra não afasta o olhar do meu rosto.  
Olhos azuis. Cachos louros que escorrem chuva.  
A indiferença ativa de uma fada.  
Horror puro.  
O instinto de esmagá-la. De matar.  
O coração retumbando.  
Passam adiante.

Em Ludgeritor.

Descarregaram as nossas carroças, os animais estão abrigados.  
— Parados! Quem está aí?  
— Capitão Gert do Poço.  
Chego perto, para que possa reconhecer-me. Hansel, o rosto  
espectral da fome.  
— Atrele os cavalos a uma das carroças.  
Incerto:  
— Capitão, lamento, ninguém pode sair.  
Aponto para o embrulho que Greta aperta ao peito.  
— O pequeno está com cólera. Quer que ele desencadeie uma  
epidemia?  
Aterrorizado, chama os companheiros. Os cavalos são atrelados.  
— Abram o portão, depressa!  
Empurro Adrianson para a carroça, jogando-lhe as rédeas na  
mão:  
— Vá o mais longe que puder.  
As lágrimas dele misturam-se à chuva que escorre do capuz:  
— Capitão, não vou deixá-lo aqui...  
Aperto com força a beira da capa dele:  
— Nunca renegue a si mesmo aquilo por que combateu, Peter. A  
derrota não torna a causa injusta. Lembre disso. Agora vá!  
Bato com força nas nádegas do cavalo.



Já não sinto a chuva. O hálito me precede pelo caminho que leva à  
praça da Catedral. Ninguém. Como se todos tivessem morrido: um

único cemitério mudo.

O palco ainda está montado ao lado da igreja, mas agora é dominado por um pesado baldaquino que cobre o trono. Embaixo, gravado em letras claras o nome do lugar para onde as mentes desta gente decidiram migrar: O MONTE SIÃO.

Continuo andando, até ouvir o ruído e a luz da festa chegando do alto, das janelas da casa que foi do senhor Melchior von Büren.

Encontrei a corte do Rei Jegral.

Tem coroa na cabeça.

Tem capa de veludo.

Tem cetro na mão, uma esfera montada com uma cruz e duas espadas pendendo do pescoço. Um anel em cada dedo, a barba em cachos bem tratados, as faces coradas, não naturalmente, como um cadáver maquiado.

Está sentado no centro da mesa, arrumada em ferradura, cheia de ossos despolidos, tigelas cheias de gordura de ganso, copos e canjirões com restos de vinho e de cerveja. A carranca imóvel de um leitão na brasa sobressai no meio da sala. À direita do rei, a rainha Divara, de roupa branca, mais linda de quanto poderia lembrar, uma coroa de espigas prendendo os cabelos. À esquerda um pequenino amuado: certamente o famoso Dusentschnuer. As mulheres sentadas perto dos cortesãos servem vinho aos respectivos senhores e patrões.

No fundo da sala, no trono de Davi, um jovenzinho está sentado desleixado, as pernas sobre os descansos para os braços. Brinca entediado com uma moeda. A roupa grande demais é coberta de enfeites dourados, as mangas enroladas nos cotovelos. Consigo com dificuldade reconhecer Seariasúb, o predileto de Bockelson, arrancado do destino dos velhos crentes em um dia de inverno.

O rei levanta apoiando as mãos na mesa. Estica a cabeça à procura de olhares. Inquietude entre os comensais. Olhares baixos.

— Krechting!

O ministro sobressalta. Os outros respiram. O rei prossegue:

— Para o Ducado de Saxônia, Krechting!

Imitando forçosamente um acento de aldeão:

— “Agora, porque grita assim? Dentro de suas muralhas não existe rei? Os seus conselheiros morreram, e a deixaram sofrendo as

dores de uma parturiente? Delire e gema, filha de Sião, como uma parturiente, porque logo sairá da cidade e morará no campo e irá até à Babilônia. Lá você será livre, lá o Senhor a resgatará das mãos dos inimigos.” Quem sou? Quem sou!

Krechting enrubesce olhando para a coxa despulpada que está debaixo do nariz dele, cutuca o vizinho à procura de ajuda.

O rei, amargurado:

— Chega, você não sabe...

Observa os comensais.

— Knipperdolling! Para o Eleitorado de Mogúncia!

Com a ponta do cetro faz a jarra retinir. Depois, com um golpe seco, a reduz a pedaços. A água espalha-se sobre a mesa.

— “O Senhor está entre nós, sim ou não?”

O burgomestre apressa-se em responder:

— Está, está!

— Não, você precisa dizer quem eu sou, quem sou!

Enrolado em uma roupa de brocado, provavelmente feita com alguma tapeçaria da casa de von Büren, Knipperdolling enrola nervoso a barba. A poderosa barriga de antigamente agora cai flácida junto com a papada. O chapelão preto despenca pelos lados, como orelhas de um perdigueiro. O olhar apagado, de cão espancado. Um velho animal amolecido e cansado. Tenta iluminar-se com uma resposta:

— Isaias?

— Nããão!

Está nervoso. Passa sobre a mesa:

— Palck! Para a Geldria e Utrecht!

Investe contra a cabeça do leitão e inicia uma luta desesperada com rugidos e berros, até parti-la em dois. Deixa cair os pedaços e vira de repente:

— Quem sou, quem sou?

O diácono está visivelmente bêbedo, consegue cambalear no lugar e precisa segurar-se à mesa. Um sorriso de satisfação:

— Claro, é fácil: Simeão!

— Resposta errada, imbecil.

Pega uma costela de porco e a joga em cima dele. Suspira e vira para Rothmann, quase escondido ao fundo da mesa.

— Bernhard...

Um velho corpo desbotado, fechado na roupa suja, a morte

estampada no rosto, os olhos minúsculos. Parece que passaram anos desde que um gentil pregador acolheu os discípulos de Matthys em Münster e outros tantos desde que o convento de Überwasser foi esvaziado por suas palavras.

— Miquéias, Moisés e Sansão.

O rei aplaude, logo acompanhado por todos.

— Muito bem. E agora, Divara, minha rainha, faça a Salomé para nós. Vamos, vamos, Salomé! Música, música!

Divara sobe na mesa e começa a girar e mover-se sinuosa ao som do alaúde e da flauta. O vestido desliza dos ombros, as pernas ficam descobertas. Chicoteia o ar com os cabelos e junta as mãos sobre a cabeça, as costas arqueadas.

A dança de Salomé para obter a cabeça de João.

De Jan Bockelson, alfaiate e cafetão de Leiden, comediante, apóstolo de Matthys, profeta e rei de Münster.

De Jan e de todos os outros.

Uma pilha de cadáveres. Ela sabe disso.

Olho para a morte dançando, escolhendo-os um a um, até que decido sair da sombra e deixar que percebam a minha presença.

Ela é a primeira que pára, de repente, como se visse um fantasma. Os comensais petrificados, bocas abertas olhando-me ressurgido, vendo si mesmos por um instante através dos meus olhos: fracos, loucos, malditos bostas.

E ainda ela, me concede um leve sorriso, como se só nós dois estivéssemos aqui.

Levem todos embora, todos eles.

**O olheiro de Carafa**

**(1535)**

*Carta enviada a Roma da cidade de Münster, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 30 de junho de 1535.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa, em Roma.

Senhor meu respeitabilíssimo, quando estas folhas estiverem em suas mãos, já terá certamente chegado ao seu conhecimento a notícia do fim do Reino de Sião na cidade de Münster. Enorme é o interesse de todos os estados quanto ao destino do assédio, e particularmente grande é a atenção que Vossa Senhora dispensa aos fatos que lhe dizem respeito. A esse interesse, e à curiosidade natural de um homem muito culto e instruído, apelo portanto para que esta minha carta possa revelar-se útil, ilustrando alguns detalhes que me pareceram significativos nestes últimos meses de silêncio, e sem esquecer que Vossa Senhoria sempre demonstrou apreciar sobremaneira as informações de primeira mão, sabendo que os acontecimentos mais perturbadores são os mais sujeitos ao enriquecimento com detalhes inexistentes, falsas interpretações, sobreposições fantásticas.

Peço permissão para iniciar a narração com uma reflexão quase íntima, que certamente servirá a Vossa Senhoria para ler na justa luz quanto exporei em seguida. Nunca, nos trinta e seis anos que Deus me concedeu, vivi meses tão cansativos para o corpo, tão exaustivos para a mente, tão inquietantes para o espírito, nas vestes de homem são que precise tornar-se um louco entre os loucos. Esse homem, por quanto procure controlar os limites do próprio espírito, enfrentará sempre a atroz suspeita de ter perdido irremediavelmente a própria natureza e, assumindo espontaneamente as atitudes do louco e estreitando a amizade com pessoas doentes, acaba compreendendo-as melhor que as pessoas sadias. Portanto, a volta a uma vida normal não será para ele nem fácil, nem imediata.

Nos meses decisivos da derrocada de Münster, vi o

abastecimento de víveres minguando, assim como os rostos dos habitantes. Em uma semana, vi desaparecer todos os ratos das ruas da cidade e comecei a suspeitar que não por mania, mas por um lúcido cálculo, Jan Bockelson tenha começado a condenar um número cada vez maior de súditos desobedientes: menos bocas para alimentar e mais carne à disposição.

Posso dizer que, se o fronte dos Anabatistas fosse realmente compacto, a minha tarefa não teria sido tão pesada. Teria identificado facilmente o povo trancado na muralha como forças de Satanás, e os mercenários acampados fora como tropas do Senhor. Mas o modo como os fatos foram acontecendo, fez com que ficasse cada vez mais difícil considerar o Rei do Sião e a corte dele os únicos verdadeiros inimigos e julgar o resto dos assediados um rebanho sem culpa. A terrível loucura de Bockelson tornava menos horrível a loucura anabatista de todos os outros.

Assim, mais de uma vez, enquanto o ouvia prometer ao povo que as pedras do chão se tornariam para eles pão e coxas de faisão, senti uma vontade irrefreável de matá-lo, de apagá-lo da face da terra, para libertar muitos coitados daquele jugo, só suportado pela presença de um perigo maior além da muralha.

Não obstante, exatamente quem escreve a Vossa Senhora foi o responsável em primeira pessoa pela rachadura criada na cidade. Desde a chegada de Jan Matthys, comecei a atrair a simpatia do primeiro pregador da comunidade, Bernhard Rothmann, um homem de fino cérebro e grande cultura, que mencionei em minha última carta, há mais de um ano. Quando vi a maneira como foi sobrepujado pelo novo profeta Matthys, percebi logo que aquela sabedoria poderia tornar-se útil para os meus planos. Eu poderia aproveitar da insatisfação do comandante destituído, do homem da Bíblia encostado por rudes gigolôs e padeiros. Mas Rothmann adoeceu gravemente, e assim como a saúde, enfraqueceu também a vontade de emergir e lutar. Acabou contentando-se com o cargo de teólogo na corte de Jan de Leiden. No entanto, nenhuma pessoa culta, por mais fraca e cansada, poderia suportar por muito tempo o espetáculo do Reino do Sião.

Não sei como tive a ideia da poligamia, provavelmente tive a inspiração pensando que os Anabatistas, além dos bens,

colocariam em comum as mulheres também. Discuti longamente com Bernhard Rothmann os hábitos dos patriarcas das Escrituras Sagradas quanto ao matrimônio, até que o pregador aconselhou Bockelmann sobre tal providência, tão odiosa que provocou a hostilidade do povo. Daquele momento tudo foi submerso em uma maré de sangue e Rothmann acabou ficando com catorze mulheres. Mas o espírito da cidade sediada, que até aquele momento havia resistido compacto aos ataques do bispo von Waldeck, nunca mais conheceria a unidade.

Assim, nem seria necessário um traidor, se as forças assediadas fossem melhor organizadas e menos assustadas pelos insucessos. No entanto, o assédio parecia destinado a não acabar. É bem verdade que a Nova Sião já estava no ponto de cair pela fome, e também é verdade que o cerco das tropas do bispo conseguiu, depois de um ano, tornar-se realmente eficaz, mas com o tempo um exército mercenário geralmente acaba desmanchando e perde o vigor, quando o pagamento começa a atrasar.

Cheguei no acampamento dos episcopais ao alvorecer do dia 24 de maio, com os arcabuzes dos mercenários apontados para a minha cabeça e os gritos das sentinelas da cidade que me intimavam a voltar. Venci a desconfiança do capitão Wirich von Dhaun construindo modelos em argila das fortificações de Münster e descrevendo em detalhes as falhas do serviço de sentinela. Tive que confirmar a exatidão do que dizia subindo à noite nos bastiões da cidade e saindo ileso por um dos portões.

Depois de um mês, as tropas episcopais entraram em Münster. Sobre a batalha dentro da muralha, não tenho detalhes a oferecer, porque não me foi permitido assisti-la. O que aconteceu depois, por outro lado, é algo que nenhum olho humano gostaria de ver e nenhuma boca poderia contar. As caças, as matanças, o massacre ainda continuam. Cada um é trucidado no local. Só Jan Bockelson com os dois homens de maior confiança, Krechting e Knipperdolling, foram capturados para serem interrogados. Na hora fatal, o rei dos Anabatistas não foi visto lutando na praça com os corajosos defensores da cidade, mas foi descoberto na sala do trono, escondido sob uma mesa, implorando que não castigassem um pequeno alfaiate e miserável gigolô. Quanto a Bernhard Rothmann, o destino dele é

matéria das mais variadas conjecturas: não foi aprisionado e o cadáver dele não está em lugar nenhum, há quem afirma ter visto um húngaro rasgar-lhe as costas e depois, por tê-lo reconhecido como um dos que o bispo ordenara capturar vivos, esconder o corpo.

Em todas as vielas jazem cadáveres e a cidade está impregnada de um cheiro insuportável. Na praça central há uma pilha de corpos brancos, despídos e amontoados uns sobre os outros.

A chegada do bispo von Waldeck não foi benéfica para a saúde de Münster. Até agora as ruas da cidade estão vazias mesmo ao meio-dia e as bancas para a venda das hortaliças não reapareceram sob os pináculos do Paço.

Será necessário muito tempo para que a vida volte a transcorrer em Münster, mesmo com os trabalhos para a reconstrução da Catedral já iniciados. Até agora procuro reencontrar as forças e a firmeza perdidas naquele carnaval de morte, mas a dança macabra desta cidade nos envolve todos em seus voltejos, como um contágio de peste, como se o cheiro dos cadáveres transformasse em cadáveres os vivos também.

E assim será para os Anabatistas daqui até os Países Baixos, agora que o farol da esperança deles foi apagado. Muitos partidários de Münster enviados por Bockelson a insuflar o povo da Holanda ainda estão andando por aquelas terras, mas os dias deles estão contados e sempre em número menor serão os loucos que lhes darão ouvidos. Eis porque penso que o destino desta execrável heresia já tenha sido traçado e o perigo já esteja debelado.

Pelo mesmo motivo considero esgotada a tarefa designada por Vossa Senhoria, dever ao qual sacrifiquei todas as forças do corpo e da mente, até ter sido profundamente marcado pela terrível tragédia da qual fui espectador e comparsa. Ao meu senhor não será portanto difícil compreender as razões que me impelem a pedir o afastamento do nauseabundo e mortífero cheiro destas terras, e de continuar a servi-lo, se ainda puderem ser-lhes úteis os meus préstimos, em outros lugares e circunstâncias.

Recomendando-me à benevolência de Vossa Senhoria, beijo-lhe humildemente as mãos.

Dado em Münster, em 30 de junho do ano de 1535.  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

## Capítulo 40

Antuérpia, 28 de maio de 1538

— Não esperei pelo fim. Deixei Münster no começo de setembro. Não tornei a pôr o pé lá.

Elói me acende um charuto com a brasa da lareira. As espirais sobem amplas, enquanto degusto o sabor da grande paz que desce lentamente pelos membros. Não esperava reencontrar aqui este agradável produto das Índias.

As andorinhas voam baixas sobre os tetos matizados de pôr do sol, sinal de chuva. O chiado regular de uma carroça que passa na rua, vozes, um latido ao longe.

Repassei nomes, rostos, sensações, aninhados nos sulcos das cicatrizes. Alguma coisa desapareceu, ficou esquecida para sempre no fundo do poço escuro.

A memória. Sacola cheia de coisas que rolam para fora ao acaso e acabam surpreendendo-o, como se não fosse você quem as guardou, quem fez delas objetos preciosos.

Sorrio ao tempo, aos eventos trágicos, aos heróis casuais de outras épocas. Sorrio.

Elói sabe conceder o tempo necessário, não é fácil encontrar um homem que saiba ouvir uma história narrada em frente à lareira.

Rompe o silêncio cheio de fumaça que nos envolve:

— E depois?

— Afundei. Sem conseguir pensar, sem perguntar-me mais nada. E como eu, muitos, os que saíram em tempo da cidade dos loucos, desnorteados, cansados. Dentro de nós, o rancor de ver desperdiçada a maior ocasião, uma gangrena lenta que nos corroía a mente. Não

tínhamos mais lugar no mundo.

“Os Países Baixos estavam tumultuados, parecia que fossem explodir de um instante ao outro. Por isso nos reencontramos todos lá, sem diretriz alguma, tentando juntar os pedaços. Na Holanda, a discussão entre os irmãos fervia mais que nunca: de um lado os favoráveis à ação pacífica, com Philips e Joris. Do outro, os mais determinados, os irredutíveis que queriam recorrer às armas. Nós os colhíamos pela rua, jovens, prontos para tudo.”

Elói me interrompe com uma tossida:

— Você se esquece de nós. Joris me odiava, ainda me odeia. Espere, espere, como ele me definiu? “Um libertino dedicado à cópula e à baderna”. Eu não saberia expressar-me de forma melhor!

Sorri, agora só posso falar de fatos que ele conhece bem.

— Em dezembro apareceu Van Geelen, aquele grande limburguense que eu havia conhecido em Münster, onde chegara procurando uma esperança para os oprimidos, mas encontrara somente um velho Deus enlouquecido devorador de homens. Bockelson lhe havia ordenado procurar novos adeptos nas comunidades dos irmãos holandeses, mas a Nova Sião não o veria morrendo como um rato para realizar as loucuras de um comediante. Ele não tinha intenção nenhuma de voltar para lá.

“E assim retomei a luta, não sabia fazer outra coisa, eu ainda combatia.

“Em março de 35 estávamos em Bolsfard, expugnando o mosteiro de Oldeklooster. Ficamos em barricadas por uma semana. Van Geelen pensava que de uma posição tão estratégica poderíamos dominar o golfo e sublevar a Frísia, onde os camponeses já estavam se rebelando. Mas o contatos revelaram-se mais difíceis de quanto prevíamos.

“Em maio tomaríamos o Município de Amsterdã. O plano de Van Geelen supunha que o homem do povo, rebelado, estaria do nosso lado. Esta tarefa seria minha, ele, enquanto isso, permaneceria trancafiado no paço municipal mantendo em xeque a Guarda Cívica.

“O último ato foi um desastre total. Ninguém se juntou a nós. Van Geelen estava errado: os humildes não tinham intenção nenhuma de arriscar a vida por nós, nós tínhamos percorrido caminho demais, avançado demais, sem perceber que, enquanto isso, o caruncho do medo e da miséria havia corroído profundamente os ânimos. Os ocupantes resistiram até o último tiro e, no fim, tentaram

uma saída com arma branca. Foram massacrados todos.

“Eu não pude fazer nada, Van Geelen estava morto, eu tinha uns trinta homens mal armados e um velho barco de pesca. Diante das circunstâncias, tomei a decisão de dissolver a brigada: com um pouco de sorte alguém poderia salvar-se, se permanecêssemos unidos seríamos logo identificados e capturados. Eles entenderam, ninguém fez perguntas. Aquela foi a última ordem do Capitão Gert do Poço.”

Elói tenta sorrir:

— Um outro nome?

— Nenhum nome, nenhum amigo. Os soldados vasculhavam a região, não havia lugar seguro, qualquer camponês poderia traí-lo, qualquer viajante poderia ser um caçador de recompensas seguindo o seu rastro.

“Andava por dias a fio, dormia em galpões, mendigava comida. Não tinha mais notícias dos coirmãos, não sabia o que estava acontecendo além do exato lugar onde eu estava. A orientação também começou a falhar, a mente ficava turva. Só sabia que me dirigia para o Norte. Tinha perdido tudo. Münster, os meus homens, Van Geelen, os coirmãos que em Amsterdã tinham acreditado em mim. Acabou. Depois de quatro dias de jejum as pernas já não me aguentavam, tive visões que prenunciavam a loucura iminente. Estava morto, um fantasma, tanto valia deitar no chão e esperar. Não tinha mais um motivo para esforçar-me a sobreviver.

“Encontraram-me lá, na lama, rasgado, desfalecido. Podia esperar a facada de um bandido: quase lamentei não possuir nada que valesse a pena roubar. Não me deram a graça daquele golpe, recolheram-me e me levaram com eles.”

Deixo que o charuto apague sobre a lareira, a lembrança é confusa, parecem imagens de sonho:

— “Então apareceu um cavalo pálido. Quem o cavalgava chamava-se Morte, e atrás vinha o Inferno.”

Elói está sério, acororado, um predador noturno afundado na poltrona. Ouço que murmura aquele nome:

— Jan Van Batenburg.



— Os Armados da Espada. Uma brigada andrajosa de supérstites de

Münster, que se alinhavam atrás do último cavaleiro do Apocalipse ainda em pé. O nosso tempo tinha acabado, como dissera Jan Matthys. Só podíamos acreditar que o mistério da iniquidade estivesse estendido sobre a terra, uma cabeça depois da outra, um irmão atrás do outro, para conduzir-nos finalmente àquela fúria cega. Não restava que dedicar-nos à morte do mundo e jurar fidelidade à sua deflagração. Acabariamos assim, de espada na mão e as calças remendadas, bêbedos destemidos e grandiosos, combatendo até o último sopro. Não esperávamos mais nada, já estávamos além do Apocalipse, longe de tudo, puros assassinos. A inocência não podia existir mais, aos nossos olhos transformava-se em covardia, danação. Assim cuspiamos os farrapos das nossas vidas na cara dos que sobravam.

Elói desapareceu na sombra, no fundo da poltrona, tenho a impressão de sentir o arrepio dele.

— Não tenho uma lembrança clara daquele período. Não é possível. Matei, torturei, aniquilei. Vi vilarejos inteiros ardendo, o terror dos camponeses que fugiam quando aparecíamos no horizonte. Vi empalar frades feito porcos no espeto, vi o espantalho do Cavaleiro Pálido galopando na margem das colinas, e nós atrás, na beira daquele abismo, traçando os limites da santidade. Depois de Matthys e Bockelson, o terceiro Jan da minha vida: a terceira maldição. Quando finalmente o prenderam, riu na cara da tortura e da morte. Do cadafalso, ainda lançou um grito de vitória: eu o ouvi...

Abandono-me à poltrona esticando as pernas entorpecidas:

— Isto é realmente tudo, glória e miséria.

Ouço o silêncio. Estou cansado.

A voz dele sem rosto embala o cansaço:

— É a história mais grandiosa que já ouvi. Você é sem dúvida a pessoa que eu procurava.

Aperto os olhos, mas é só uma mancha mais escura do outro lado da escrivaninha:

— Estou cansado, Elói. Cansado demais.

— Você está vivo. É o que interessa.



Estou cansado.

O corredor que me separa da cama é muito comprido, a luz fraca da vela o ilumina bem pouco, enquanto o percorro tateando.

Estou cansado.

Mas sinto que não vou conseguir pegar no sono. A vontade de saber de Elói despertou a minha. Münster caiu em 24 de junho de 1535. Gert do Poço foi embora há nove meses. E todos os outros?

Às batidas na porta responde uma voz sonolenta.

— Quem é?

— Sou Gert.

A luz de uma vela junta-se à da minha, observo o rosto amassado de Balthasar Merck. Sem perguntar nada, o velho batista aponta para uma cadeira ao lado da cama.

— Pode sentar, mas duvido que eu possa ser-lhe útil.

— Só isso: quem se salvou?

Deixa a vela na mesinha e senta na beira da cama, passando as mãos no rosto.

— O que posso dizer-lhe é que éramos cinco: Krechting o jovem, o moleiro Skraup, Schmidt o armeiro, o gravador Kerbe e eu. Todos homens de Krechting. Kerbe foi preso em Nimega, logo depois que nos separamos. Soube que Schmidt e Skraup foram executados em Deventer há dois anos. Krechting ainda está por aí e há quem diga que Rothmann também: o corpo dele não estava entre os cadáveres em Münster.

— Nenhum dos meus?

Abana a cabeça:

— Não faço ideia. Alguns deles nem estavam na cidade. Bockelson os afastara, porque tinha um medo terrível de você.

— Gresbeck, os irmãos Brundt...

— Eles voltaram ainda em tempo de assistir ao delírio final. Esperavam encontrá-lo, mas você tinha partido para sempre.

— Por que ficaram?

— Gresbeck e os Brundt tentaram cair fora, mas os episcopais os pegaram logo fora da muralha. Um fim terrível.

Suspiro exausto, sem força para imaginar, as perguntas saem automáticas:

— Qual foi a frente que cedeu?

— Kreuztor e Judefeldertor, o ponto mais desguarnecido da muralha: alguém deve ter informado os episcopais. Um grupo entrou durante a noite e, ao amanhecer, abriu as portas ao grosso do

exército. O massacre durou vários dias. Confiei minha mulher doente aos cuidados de uma carola, arrancando-lhe a promessa que não a denunciaria, e fugi com os outros. Há três anos não tenho notícia dela.

Ficamos em silêncio, ouvindo a crepitação remota das recordações, degustando esta solidariedade amarga de sobreviventes.

Levanto, quase arrependido:

— Desculpe.

— Capitão...

Viro: os olhos dele estão inchados de cansaço e lágrimas.

— Diga que aquilo por quê combatemos não estava errado.

Aperto o maxilar, os punhos fechados.

— Nunca pensei isso, nem por um instante.

**O mar**

**(1538)**

## Capítulo 41

Antuérpia, 29 de maio de 1538

Alvorecer esboçado. Céu cor de chumbo. Os pensamentos infiltram-se por debaixo do sono e afastam os cobertores.

Kathleen dorme, espetáculo incrível de cabelos e boca e respiração morna.

Levantar devagar, para não acordá-la. Frio intenso das primeiras horas da manhã que o deixa encurvado, entra nas vísceras, o faz envolver em uma grande pele de carneiro, enquanto arrasta os pés à procura de um balde para mijar, de um pouco de água para passar nos olhos, ou de uma gota de leite quente para renascer. Os anos passaram, levantar da cama não é como há uns tempos atrás: algumas vezes o frio ataca as juntas, reumatismo que corta os movimentos de repente, todos sinais que a corda permaneceu esticada por tempo demais. Músculos e achaques se enroscam e vêm dizer que o quinto decênio da vida deve ser levado com parcimônia, se não quiser ficar preso a uma cama antes que a razão o abandone. Fim miserável aquele, terrível.

Então, ficar. Ficar aqui, velho demais para aprender um ofício e cansado demais para retomar a luta. Talvez o buril, ou o torno, mas a espada não, aquela fica para a ferrugem do canal onde a joguei.



Magda observa em silêncio, os olhos arregalados de curiosidade, enquanto coloco o último pino entre o braço e o ombro do marionete articulado.

— Para quem é? — pergunta balançando os cachos com instintivo coquetismo.

— É para vocês, crianças — respondo. — Mas você será a mãe dele, está bem?

— Estáaa! — um agudo que perfura os ouvidos e o estalo de um beijo no rosto hirsuto.

Nunca fui beijado por uma menina.

Elói me olha e sorri, enquanto avança entre as colunas do pórtico. Nem tem o tempo de cumprimentar, que Magda pula diante dele agitando o boneco de madeira:

— Veja, veja o que o Lot fez!

Elói ajoelha para mexer os braços do marionete:

— É seu?

— É de todas as crianças — responde Magda, como lhe foi ensinado. — Mas eu cuidarei dele. Lot fez também as colheres e as tigelas para a mamãe, sabe?

Elói aprova, enquanto a pequena corre para mostrar a todos o novo brinquedo.

Um pensamento em voz alta e um gesto dos braços:

— Veja a minha aventura. Nos últimos dez anos não fiz outra coisa.

Irônico:

— Uma coisa de nada...

— Não sei se é de nada ou de muito. Certamente a minha história não está à altura da sua.

Ofereço-lhe a mão com uma careta:

— Se quiser trocar, fechamos o negócio em um piscar de olhos.

Ele me olha sério:

— Não, não é o seu passado que eu quero. Só entender, por qual estranha alquimia, o que você viveu nunca me envolveu e vice-versa.

— Certo. E se conseguir, tente explicar-me também porque não há nada como isto no meu passado: Magda, Kathleen, este lugar...

— Nascemos e crescemos em dois mundos diferentes, Lot. De um lado os senhores, os bispos, os príncipes, os duques e os camponeses. Do outro os mercadores, os ricos banqueiros, os armadores e os assalariados. Antuérpia e Amsterdã não são Mühlhausen e nem Münster. Esta cidade é o porto mais importante da Europa. Não passa dia sem carregamentos de lã, seda, sal, tapeçarias, especiarias, peles e carvão. Em trinta anos, os mercadores

transformaram as próprias lojas em agências comerciais, as casas em palácios, os pequenos barcos em navios de grande cabotagem. Aqui não existe uma ordem antiga e injusta que deva ser revirada e não há caipiras para instalar em tronos. Não é preciso fazer um apocalipse, ele já está sendo realizado há muito tempo.

Interrompo-o com uma batida no joelho:

— Já sei quando ouvi falar de você pela primeira vez! Foi Johannes Denck, em Mühlhausen, contando como você seduzia os mercadores em suas terras. Você o tinha convencido que sem dinheiro, na cidade, não dá para fazer nada.

Elói pega uma moeda e a vira nas mãos, joga-a para cima e a recolhe várias vezes.

— Está vendo? O dinheiro não pode ser revirado: ele sempre vai mostrar uma face.

Fica de olhos entreabertos para aproveitar do raio de sol que filtra entre os ramos, enquanto procura uma ordem, um ponto de partida para o que vai dizer.

Sorri:

— No começo, pensei em algo nos moldes das comunidades hutteritas...

— Aqueles loucos lá das bandas de Nikolsburg?

— Eles mesmos, vivem totalmente isolados do resto do mundo e pretendem ser autossuficientes.

Com ênfase estudada viro todo o tórax para o lado dele, visivelmente surpreso:

— Quanto ao dinheiro, eles não diriam com certeza o que você acabou de sustentar. O que lhe fez mudar de ideia?

Procura as palavras, é difícil, entende que vai precisar abrir-se, talvez arriscar perder-se nas voltas de um discurso demasiadamente amplo.

— O Apocalipse não é um objetivo a ser atingido, está no meio de nós. Nos últimos vinte anos ouvi tanto gritar o Apocalipse, que se hoje chegasse mesmo, seria muito difícil conseguir distingui-lo do destino cotidiano reservado aos homens. O verdadeiro Reino de Deus começa aqui — coloca o indicador no peito —, e aqui — toca a testa. — Ser puros não significa afastar-se do mundo, condená-lo, para obedecer cegamente à lei de Deus: se quiser mudar o mundo dos homens, você precisa vivê-lo.

Levanto para buscar água do velho poço no centro do pátio. As

costas doem, enquanto puxo a corda para levantar o balde. Olho para Elói: se ele não tivesse dito que tem a minha idade, pensaria que é muito mais jovem.

— Se quiser convencer-me que Batenburg era um louco, pode poupar o esforço, eu sei disso. Mas acho que ele tinha ideias muito diferentes das suas: acreditava que os eleitos já fossem puros, incapazes de pecar, pensava estar em pleno Apocalipse. Por esta razão matava e degolava sem pensar duas vezes.

Ele toma a água fresca:

— Naquele que exorciza nos outros o desprezo que alimenta por si mesmo, pelas próprias derrotas, naquele que culpa e julga para não ser nem julgado nem culpado, existe um padre que, mesmo desejando esconder-se, ainda grasna entre os corvos da velha fé. Quem revela inteligência suficiente para entender o mundo e muito pouca para aprender a viver, não pode esperar nada além do martírio. — Sorri novamente para mim. — Eu nunca falei em eleitos. Só disse que cada um pode descobrir dentro de si o espírito de Deus, que é livre, estranho a todo código, incapaz de prejudicar. Eu disse que o pecado está na cabeça do pecador.

Começo a entender.

Prossegue tranquilo:

— Aos vinte anos, pensava que Lutero nos presenteasse com uma esperança. Não levei muito tempo para entender que ele a vendera logo aos poderosos. O velho frade nos livrou do Papa e dos bispos, mas nos condenou a expiar o pecado na solidão, na solidão da angústia interna, colocando-nos um padre na alma, um tribunal na consciência para julgar todo gesto e condenar a liberdade do espírito em nome da inexpiável corrupção da natureza humana. Lutero arrancou a roupa preta dos padres, somente para recosê-la no coração de todos os homens.

Toma fôlego, brincando com as aparas de madeira no chão. Ele está com vontade de contar-me tudo, como se quisesse retribuir a minha história. E eu desejo ouvi-lo.

— Gostaria que entendesse que eu e você partimos da mesma desilusão. Os mesmos que quiseram reformar a fé e a Igreja, reformaram também o velho poder, deram-lhe uma nova máscara. As esperanças de vocês, Anabatistas, eram legítimas: desmascarar Lutero e prosseguir de onde ele havia parado. Mas a visão que vocês tinham da luta, fazia com que dividissem o mundo em branco e

preto, cristão e anticristãos. — Abana a cabeça. — Uma visão dessas serve para vencer uma batalha justa, mas não basta para realizar a liberdade do espírito. Pelo contrário, pode construir novas prisões da alma, nova chantagem moral, novos tribunais. O sentido disto tudo está contido na história que me contou: Matthys, Rothmann, Bockelson, Batenburg... A diferença entre um Papa e um profeta está somente no fato que eles se contendem, um perante o outro, o monopólio da verdade, da palavra de Deus. Eu penso que aquela palavra, cada um deva encontrá-la por si. Fiquei fora da contenda e trabalhei por isto. — Com um gesto, abarca todo o pátio que nos rodeia. — Não pense que foi fácil. Arrisquei várias vezes ser preso e por muitos anos precisei levar uma vida clandestina.

— Kathleen falou nisso.

Afirma:

— Fui processado também, umas duas vezes. Vilipêndio das leis municipais e trapaça contra um mercador de tecidos. Mas consegui livrar-me: merecimento do fato que muita gente andava pela Europa usando o meu nome, incluindo o velho Denck, que Deus o tenha. Eu sempre estava em lugares diferentes daqueles em que as autoridades me questionavam. Neste ponto, nós nos parecemos muito...

Penso em quantos eu já fui, até este momento, mas não consigo lembrar-me do número exato.

— Eu já fui muitos e muitos já foram você. É, a diferença é mínima.

Sentamo-nos nos degraus lado a lado, quase instintivamente pego um pedaço de madeira e começo a entalhá-lo com o canivete. O cheiro intenso do musgo que cresce por todo o jardim é inebriante, eu gosto, me faz lembrar as florestas da Alemanha.

Percebo que ele quer continuar, falar mais alguma coisa, alguma coisa pela qual esperou muito tempo.

— Em Antuérpia tudo parece mais claro. Até um simples montador de telhados como eu pode perceber muitas coisas que em outro lugar nem notaria. Aprendi a ler e escrever, aprender a falar, frequentando os mercadores desta cidade, seduzindo-os para a vida livre e fácil. Mas acima de tudo aprendi o que move o mundo, os homens, as religiões. Veja, os mercadores de todos os países passam por aqui, chegam e saem mercadorias de todo tipo: o cobre polonês que vai para a Inglaterra e o Portugal; as peles suecas para a corte imperial; o ouro do Novo Mundo que é trabalhado pelos artesãos

locais; a lã inglesa, os minérios da Boêmia. Esse comércio emprega um número incalculável de pessoas: comerciantes, armadores, marinheiros, artesãos, carregadores... e naturalmente soldados, para garantir a segurança das ruas, conquistar novas terras, aplacar as revoltas. A vida de países inteiros gira ao redor do comércio. O Império de Carlos V, sem o comércio dos Países Baixos não ficaria em pé. Os Países Baixos são o pulmão do Império: a maior parte dos impostos, Carlos a embolsa destas terras, aliás, destes comerciantes e artesãos.

— É por isto que estão em revolta fiscal contra o Imperador?

— Exatamente: estão cansados de financiar as guerras dele e a pompa improdutiva da corte.

Tira de novo a moeda e a lança para o alto, pegando-a na mão:

— Pagar os operários, transportar os produtos, construir um navio, recrutar a tripulação, montar um exército para defender as cargas dos piratas... Para isso tudo precisa uma coisa: dinheiro.

Não sei porque, mas quando pronuncia aquela palavra, sinto um arrepio, aquilo que você sente por uma verdade sabida, no entanto sempre espantosa.

— Todos dependem do dinheiro: os mercadores e o Imperador, os príncipes e o Papa, o luxo, a guerra e o comércio.

Pára, como se tivesse uma ideia repentina.

— Se você tiver acabado de entalhar bonecos, gostaria de mostrar-lhe uma coisa.

O olhar perplexo, ele levanta, faz o sinal de acompanhá-lo:

— Venha, alguns passos nos farão bem.



— Este é o porto onde circula a maior quantidade de mercadorias de toda a Europa.

Paramos diante um grande navio mercante de três mastros: a movimentação dos carregadores na passarela é impressionante, sacos nas costas e um esforço que parece sobre-humano. O cais está cheio de homens em intensa negociação, marinheiros e recrutadores. Vejo ao longe uma patrulha de espanhóis e sobressalto.

— Não, fique tranquilo. No meio desta confusão não vão reconhecê-lo. Aquela não é gente à procura de sarna. Viva e deixe

viver é o lema deles. Você teve azar, acabou entrando em um caso de represália. Venha.

Elói me leva diante de um pequeno local de alvenaria com uma inscrição desbotada: não consigo ler, nunca aprendi bem a língua escrita destas terras.

— Aquela é uma agência de câmbio. Os mercadores podem trocar as moedas inglesas, suecas ou dos principados alemães em florins ou qualquer outra moeda corrente, conforme o país no qual fecharam os negócios. A moeda muda, mas o dinheiro é sempre o mesmo: não importa qual é a imagem estampada.

Encaminhamo-nos para um grande edifício de três andares, desta vez consigo ler os dizeres: CASA DOS MERCADORES E DOS ARMADORES.

— Aqui os mercadores decidem o que vão realizar: quais podem ser os negócios mais convenientes.

Abrimos caminho com os cotovelos para sair da confusão, as línguas e os dialetos de meia Europa nos rodeiam como um só canto incompreensível, uma Babel ao contrário, onde todos parecem entender todos.

— Está vendo aquelas carroças? Vêm de Liège. Transportam tecidos de lã trabalhados pelos tecelões do Condroz: são carregados naqueles navios, que por sua vez reimportam para a Inglaterra a lã que os mercadores de Antuérpia adquiriram dos criadores ingleses.

— Isso é um absurdo!

Elói ri com vontade:

— Não. É lucro. Quem sabe se um dia os ingleses aprenderão que é mais conveniente para eles desenvolver oficinas têxteis em casa, mas por enquanto funciona assim.

Continuamos, afastando-nos do canal para dentro da cidade, através de ruas estreitas onde os raios do sol não conseguem chegar.

— O mecanismo todo é movido a dinheiro. Sem o dinheiro não levantaria uma só agulha em Antuérpia e talvez em toda a Europa. O dinheiro é o verdadeiro símbolo da Besta.

— O que você quer dizer com isso?

Paramos perto de um quiosque que vende repolhos e linguças defumadas, o cheiro penetrante nos envolve.

— Como pensa que Carlos V conseguiu ser eleito Imperador em 19? Pagando. Comprou os Príncipes Eleitores. Alguém colocou à disposição dele uma quantidade de dinheiro maior que a oferecida

por Francisco da França. E a guerra contra os camponeses? Alguém emprestou aos príncipes alemães o dinheiro para equipar as tropas que derrotaram vocês. E como pensa que Carlos V financia a guerra na Itália contra os franceses? E as expedições contra os piratas sarracenos? E a campanha contra o Turco na Hungria? Você acha que os mercadores daqui podem dispor de quantias tão grandes para armar as expedições comerciais? Nem sonhando. Dinheiro, rios de dinheiro emprestado em troca de uma porcentagem sobre as rendas. É assim que funciona, amigo meu.

A pergunta que ele já está esperando:

— E quem possui um patrimônio desses?

Ele olha à frente, aponta para o edifício diante de nós e murmura:

— Os bancos.

— Agora você pode entender onde se abriga o Anticristo que combateu a vida toda.

— Aí dentro? — aponto para o prédio imponente à nossa frente.

— Não. Nas bolsas que passam de mão em mão por todo o mundo. Você lutou contra os príncipes e os abastados. Estou dizendo que sem o dinheiro eles não seriam nada, vocês os teriam derrotado. Mas existe sempre um banqueiro que lhes segura a vela, financiando as iniciativas.

— Que seja para os empreendimentos comerciais, mas o que ganha um banqueiro, quando financia uma guerra contra os camponeses?

— E você pergunta? Que voltem a trabalhar no campo do senhorio, a escavar as minas. A partir daquele momento, os banqueiros vão receber uma boa parte de toda a produção. Veja, Carlos V e os príncipes são uma casta de parasitas que não produz nada, mas que precisa muito de dinheiro para esbanjar: guerras, cortes, concubinas, filhos, torneios, embaixadas... A única forma que eles têm de saldar os débitos contraídos dos banqueiros, é fazendo concessões, deixar-lhes o usufruto das minas, oficinas, terras, regiões inteiras. Assim, os banqueiros ficam cada vez mais ricos e os poderosos cada vez mais dependentes do dinheiro deles. É um círculo vicioso.

A expressão dissimulada de Elói não deixa dúvidas que está se divertindo pintando o mundo sob o ponto de vista dele. Compra uma linguiça quente e sopra antes de mordê-la.

Indica o banco:

— Você já deve ter ouvido falar dos Fugger de Augsburgo: os banqueiros do Império. Não há porto na Europa sem uma filial deles. Não há comércio sem que eles participem, nem que seja com um mínimo. Os nossos mercadores estariam perdidos sem o dinheiro que os Fugger colocam à disposição para financiar as viagens. Carlos V não deslocaria um só soldado se não tivesse um crédito ilimitado nos cofres deles. Afinal, o Imperador deve aos Fugger a coroa dele, a guerra contra a França, a cruzada contra os Turcos e o sustento de todas as putas dele. Ele retribuiu doando o usufruto das minas húngaras e boêmias, a cobrança dos impostos na Catalunha, o monopólio da extração mineral no Novo Mundo, e quem sabe mais o quê. — A linguiça aponta para o edifício existente aí em frente. — Acredite, sem os Fugger e o dinheiro deles, aquele homem já estaria arruinado há muito tempo. — Vira a cabeça em todas as direções. — E quem sabe não existiria nada disto.

Lambe os dedos enebados com a expressão mais natural do mundo.

Dou alguns passos para o centro da rua, observo a construção anônima, maciça, depois olho em volta um pouco confuso, sentimentos opostos sobrepõem-se dentro de mim, raiva, surpresa, também ironia. Paro e, em voz alta, jogo tudo para fora:

— Porque nunca me falaram dos bancos!?

## Capítulo 42

Antuérpia, 30 de maio de 1538

— A sua narração, a incrível história de Gert Dentro e Fora do Poço, me deixou sem fôlego. Não consegui dormir depois que nos despedimos tarde da noite. É por isso que amo os que sabem contar uma história, com as palavras, o pincel ou a pena. Você pintou Münster com a perícia dos Bruegel, e agora eu também vivi aquela história, e você duas vezes.

“Duas vezes, Lot: uma pela experiência e outra por livrar-se dela. Como pede o nome que lhe demos, olhe para a frente, reto diante de você, além das embarcações que esperam para zarpar, ao longo do estuário que aos poucos se abre por milhas e depois desemboca no mar aberto. O mar, Lot. Além daquele mar não passa dia sem que venham notícias de terras e gente nova. E de novos crimes também. Além daquele mar o Apocalipse surge toda manhã, junto com o sol.

“Não olhe para trás, não permaneça prisioneiro de sua história. Tome o mar, corte as amarras que o pregam à terra, mantenha a mente na proa e zarpe. Zarpemos. Um mundo acaba, um outro começa, este é o Apocalipse e nós estamos no meio. Ajude-me a equipar a embarcação que desafiará a tempestade.”

Elói levanta e dá alguns passos entre o quiosque das linguças e o grande edifício cinza, depois volta a sentar no degrau.

— O que tem em mente?

Olha para a fachada despojada, o portão de madeira maciça.

— Atacar a Besta. E conseguir um monte de dinheiro.



Ao longo do cais de tábuas pregadas aos postes que afundam na água parada, nesta ramificação do infinito labirinto de água podre e madeira, sigo atrás de Elói, que aperta o passo.

É uma pequena embarcação mercante, bojuda e desajeitada: estiva suficiente, dois mastros bem altos, uma pequena cabina sob o convés de popa. O ornamento é uma fênix de asas abertas que dá o nome ao navio: *Phoenix*.

— Lodewijck Pruystinck!

O homem que cumprimentou apareceu no parapeito da ponte: barba e cabelos grisalhos, rosto bexiguento, olhos pequenos e saltitantes.

— Polnitz, o mago dos números!

Elói segura o corrimão da passarela e, com um pulo, já está a bordo. Eu atrás.

Ele joga o sorriso de sempre:

— Gotz, este é Lot, que veio de um poço. Um mestre na arte de sair dos poços.

— Entrem, entrem.

Preciso abaixar-me para entrar na cabina. Uma mesa presa à parede da frente, duas cadeiras aos lados, um banco pregado no chão. A única luz entra pela porta de onde viemos, se excluirmos uma vela acesa sobre a mesa.

Elói deixa a cadeira para mim e senta no banco do lado, Polnitz à minha frente. Não tem jeito de marinheiro.

— Bom, senhores. — Dirigindo-se a Elói: — Suponho que o nosso amigo precise de muitas explicações.

— Claro. Mas se o trouxe aqui, é porque é a pessoa que procurávamos.

Ensaio uma careta e espero.

Polnitz acomoda-se na cadeira:

— Não vamos perder tempo, então. Você sabe quem são os Fugger de Augsburg?

O olhar se mantém sobre mim.

— Uns banqueiros.

— Os banqueiros. — Os olhos observam atentos, já sabe o que vai dizer. — Permita que lhe conte uma história.

Elói acende um charuto, e mergulha calado e dissimulado nos anéis de fumaça.

— Há dez anos, o mais poderoso banqueiro de Antuérpia era um tal Ambrosius Höchstetter: um velho esculpido na pedra que dominou a praça por decênios. Cada florim que o rei da Hungria Ferdinando gastava, vinha da bolsa dele, em troca de todo o mercúrio boêmio e muito mais. Para chegar àquela posição, o velho Ambrosius havia enxergado longe, muitos anos antes. Além da importância da amizade com os Habsburgo, compreendera que se os príncipes podiam conceder-lhe direitos de usufruto das minas e territórios, a moeda porém circulava por outras mãos, mais sujas e mais ágeis. Aquelas dos mercadores de Antuérpia. Assim começara a recolher as economias destes últimos: o fruto do comércio, dos manufaturados, e de todos os pequenos e grandes intercâmbios de que este porto é palco. Ele concedia juros consistentes até aos que depositavam pequenas quantias. Empréstava dinheiro aos mercadores emergentes, financiava-lhes as atividades, tinha tamanho poder sobre a sorte dos que estabeleciam negócios em Antuérpia, que ninguém nem poderia pensar em destituí-lo daquele trono.

Gotz von Polnitz mantém o olhar fixo em mim, para assegurar-se que não perderei uma só palavra da história.

— Em 1528 Höchstetter ainda era o rei de Antuérpia, mas enfrentava problemas. Estava velho, quase cego e fora da cidade muitos aspiravam suplantá-lo. Em 1528 Lazarus Tucher, um mercador de Nurembergue, administrava discretos intercâmbios entre Lyon e Antuérpia. Tucher tinha posses e era esperto, mas não gozava dos favores de Höchstetter; sabia portanto que o próprio crescimento estava limitado. Desde a primavera daquele ano, exatamente de Lyon, começaram a chegar vozes sobre a concreta disponibilidade monetária de Höchstetter: o velho estava exposto em todo lugar com quantias consideráveis, empréstava dinheiro aos mercadores, financiava os Habsburgo, e a guerra para o monopólio do mercúrio era muito cara. As economias dos pequenos mercadores e das corporações artesãs de Antuérpia estavam irremediavelmente distantes, nos navios a caminho do Novo Mundo, na corte de Ferdinando e nas minas boêmias. Parece incrível, mas em pouco tempo o povo reclamava a devolução dos próprios depósitos.

Gotz retoma a respiração, deixa que eu imagine a cena, depois

prossegue.

— A bancarrota foi inevitável. Höchstetter não tinha nos cofres o dinheiro suficiente para atender aos pedidos, procurou por todos os meios salvar-se, pedindo ajuda até aos mais fiéis concorrentes, mas o destino dele já estava traçado. Em 1529 o jovem, agressivo, Anton Fugger, neto do patriarca Jacó o Rico, entrava triunfante na cidade, garantindo a massa de credores e assumindo de vez as obrigações, os depósitos e toda a atividade de Höchstetter. Acusado de ter enganado os poupadores, o velho acabou os dias na prisão.

“Na verdade, o jovem Fugger coroava uma operação iniciada um ano antes, desacreditando Höchstetter, graças à habilidade do mais ambicioso agente dele: Lazarus Tucher. Antuérpia aclamou o novo rei.”

A pergunta sai automaticamente:

— Que fim levou Tucher?

Palavras calculadas:

— Não é importante, não está mais na cidade. O que esta história lhe ensina é a lei fundamental do crédito: quem quer recolher a economia de muitos, deve gozar da confiança de muitos.

Mais uma pausa. Elói é um ouvinte atento ao meu lado, não mexe um só músculo.

Gotz extrai do casaco uma folha de papel não muito grande e a apoia sobre a mesa.

— Você não vai acreditar, mas aqui a maior parte dos negócios é fechada com cartas de crédito. Pedacos de papel como este.

Pego a folha nas mãos: uma espécie da carta em caligrafia elegante, dois selos e uma assinatura no fundo.

— Anton Fugger ou quem, por ele, garante com a própria assinatura a existência do seu depósito nos cofres dele. Quando você tem em mãos um pedaço de papel como este, é exatamente como se tivesse o seu dinheiro que, na verdade, está em segurança no cofre do Fugger. Você pode embarcar, pode viajar, evitando o risco e o incômodo de levá-lo. Quando você quiser que as suas moedas de ouro e de prata sejam devolvidas, poderá dirigir-se a uma filial qualquer do Fugger espalhadas por toda a Europa e retirá-las mostrando a carta de crédito. Mas o ponto é que, exatamente com base na lei do crédito, você poderia nunca precisar fazer isso.

Gotz pára diante das minhas sobrancelhas encrespadas, une as mãos, procura as palavras exatas e prossegue:

— Eu sou um mercador de especiarias, você quer comprar a minha mercadoria e possui uma carta de crédito que garante o seu crédito junto aos Fugger de dois mil florins. Você pode pagar-me diretamente com ela. — Aponta para a carta em minhas mãos. — Basta endossá-la e escrever no verso que transfere o crédito para mim. A partir daquele momento, eu é que posso retirar dois mil florins do caixa dos Fugger, porque é a assinatura dele, não a sua, que me assegura isso. Entendeu? Não sou obrigado a confiar em você, não é você quem promete pagar-me, é suficiente que eu confie na palavra de Anton Fugger.

Viro o papel e vejo uma lista de cinco o seis anotações, todas com assinaturas diferentes. Por seis vezes, a carta que tenho em mãos substituiu o metal das moedas, sem que elas deixassem o cofre do banco.

— Até aqui, está tudo claro?

— Não entendo uma coisa: qual é o interesse do banqueiro nisso tudo?

Gotz responde:

— Enquanto a carta de crédito passa de mão em mão, o dinheiro permanece à disposição dele. Lembre o que fazia o velho Höchstetter: recolhia as economias e as investia em negócios lucrativos. É isso que o banqueiro faz. Os seus dois mil florins, com os dos outros credores, estão financiando o aparelhamento de frotas mercantes, o recrutamento de exércitos, a extração mineral, a manutenção das cortes principescas e tudo mais, para depois voltarem dobrados aos cofres do Fugger. Fugger tem dinheiro no caixa, Fugger o empresta a príncipes e mercadores, Fugger o recebe de volta com juros. — Ele me deixa o tempo de assimilar. — O dinheiro gera dinheiro.

O silêncio anuncia que chegamos ao ponto culminante da exposição. Elói não fuma mais, os braços cruzados, expressão meditabunda. Gotz continua dirigindo-se a mim.

— Agora você pode entender porque Fugger está disposto a aumentar o seu quinhão, se você o deixar depositado por muito tempo.

— Ou seja?

— Que você também recebe os juros, visto que para todos os efeitos, depositando uma determinada quantia no cofre dele, lhe deu a oportunidade de aumentar o volume dos investimentos.

Tento juntar os detalhes:

— Está dizendo que se deposito os meus dois mil florins no banco e os deixo lá, depois de um ano terei dois mil e cem?

Gotz esboça o primeiro sorriso:

— Exatamente. Assim os credores não cederão à tentação de retirar com frequência os depósitos, e não deixarão Fugger exposto a uma eventual hemorrhagia dos cofres — aponta novamente para a carta de crédito. — Sob esse ponto de vista, aquele pedaço de papel facilita a engorda das somas depositadas, pois até que alguém não as resgate, permanecem levitando nas mãos de Fugger.

Minha cabeça está um tanto confusa, o mecanismo parece simples nas palavras de Gotz, mas tenho a sensação que alguma coisa esteja escapando, inevitavelmente.

— Hummm, vejamos se entendi. A carta de crédito vale dois mil florins. Posso decidir trocá-la logo, como se fosse dinheiro, ou conservá-la e esperar que o depósito cresça com os juros. — Gotz acompanha o raciocínio com amplos gestos de aprovação da cabeça. — Bom, penso que a escolha dependeria da necessidade que tenho de usar aquele dinheiro imediatamente.

— Muito bem.

— É um mecanismo diabólico.

Elói ri e finalmente fala:

— Vamos deixar o diabo fora deste negócio. Já é bem complicado.

Gotz captura novamente a minha atenção:

— O mecanismo todo é sustentado somente pela confiança na assinatura de Anton Fugger. A palavra dele é que rege os intercâmbios.

— Isto ficou bem claro.

— Bom. — Pela primeira vez procura com o olhar a aprovação de Elói. Um leve sinal da cabeça do amigo e o rosto bexiguento de Gotz é novamente meu: — Vamos ao ponto, agora. O que você pensaria se eu dissesse que a carta de crédito que está em suas mãos é falsa?

Reviro a folha amarelada, observo bem as assinaturas, os selos.

— Diria que não é possível.

Gotz trai a própria satisfação. Da pequena bolsa que mantém pendurada de lado, extrai uma caixinha preta, anônima, uma folha das mesmas dimensões daquela que tenho em mãos, um tinteiro e uma longa pena de ganso.

Escreve lentamente, com cuidado para não manchar o papel, só o arranhar da pena no silêncio dos dois espectadores.

Com a chama da vela derrete duas gotas de um pequeno bastão de cera vermelha, deixando-as cair na folha. Depois abre a caixinha e extrai dois pequenos carimbos de chumbo, que acalca na cera quente. Vira a folha e a entrega para mim.

A letra é idêntica, mesmas palavras, mesmos traços. Os carimbos são aqueles, também a assinatura de Anton Fugger sobressai na mesma posição, os mesmos leves borrões de tinta nas consoantes, onde a mão pressionou mais.

Firmo o olhar no rosto de Gotz, tentando imaginar que diabo de tipo tenho diante de mim. Ele não se abala de forma alguma.

— É, as duas são falsas.

— E como conseguiu os carimbos?

Ele pára:

— Cada coisa a seu tempo, amigo meu. Agora olhe bem para estas duas cartas.

O olhar percorre uma e outra várias vezes:

— São idênticas.

— Não exatamente.

Olho com mais atenção:

— Nesta há uns sinais na margem direita, embaixo, mas são quase invisíveis.

— De fato. É um código secreto. O código com o qual os agentes de câmbio que trabalham para Fugger nas filiais espalhadas pela Europa se comunicam. O primeiro sinal indica a filial que emitiu a carta de crédito, ou seja, aquele onde foi depositado o dinheiro. O rabisco que você vê, por exemplo, diz que o depósito foi feito em Augsburg. O segundo é a assinatura pessoal, também em código, do agente que redigiu a carta, neste caso Anton Fugger em pessoa. O terceiro sinal indica o ano de emissão.

— Como é que você conhece o código?

Gotz finge que não ouviu a pergunta:

— Se você apresentasse uma carta sem código em qualquer agência Fugger, seria preso imediatamente. Por mais que saiba reproduzir a assinatura de um agente dos Fugger, se não conhecer o código não poderá falsificar uma carta de crédito.

— E como você o conhece?

Silêncio. Fitamo-nos.

Elói o encoraja:

— Diga, Gotz.

Suspira:

— Trabalhei sete anos como agente dos Fugger em Colônia.

Os pensamentos estão acavalados, confusão. Dirijo-me a Elói:

— É este o negócio? Falsificar cartas de crédito e pôr as mãos nos cofres de Fugger?

Elói ri:

— Mais ou menos. Mas não tão fácil quanto parece.

Gotz retoma a palavra:

— Fugger e os agentes conhecem pessoalmente os maiores credores, são os que lhes proporcionam os negócios mais rentáveis. Eles têm também uma ideia bem precisa das negociações mantidas nos portos entre o Báltico e o Portugal: é o reino deles, não esqueça. Antuérpia está exatamente no meio do tráfego comercial: é a capital deles. Se um dia um desconhecido qualquer com as calças remendadas entrasse no banco local com uma carta garantindo-lhe cinquenta mil florins, dificilmente sairia tranquilo com o dinheiro. Precisa trabalhar os detalhes. Passo a passo.

Gotz é bom, se vendesse fumaça, seria bem fácil. Mas agora quero saber do que estamos falando realmente.

— Quanto?

Sem titubear:

— Trezentos mil florins em cinco anos.

Engulo o monte de dinheiro que nem consigo imaginar: o golpe contra os banqueiros mais ricos de toda a cristandade.

— De que forma?

Faz um sinal de aprovação, ainda estou aqui, e já é um bom sinal.

— Vou explicar.



— Antes de mais nada, precisamos montar uma atividade de fachada. O que você sabe do tráfego de mercadorias?

— Assaltei um mercador no caminho para Augsburg e matei três piratas perto de Roterdã. Provavelmente é rendoso, mas parece arriscado.

Gotz exulta:

— Ótimo. De fato, uma outra atividade dos banqueiros é a de cobrir os carregamentos com seguro, porque na época atual os mercadores têm dificuldades em assumir todos os riscos sozinhos.

— Continue.

— Imagine que é um mercador com oportunidade de estabelecer um importante intercâmbio de mercadorias com a Inglaterra. Você compra açúcar de cana refinado das manufaturas de Antuérpia e Ostenda e o revende nas praças de Londres e Ipswich. É um comércio muito lucrativo e você pretende expandi-lo melhor. Fretou duas embarcações, mas o proprietário pediu-lhe para assumir todos os riscos do transporte, navios inclusos. O que você faz para ampará-los?

Penso por um instante e entendo qual é a resposta:

— Vou até à sede Fugger de Antuérpia contar essa história, para segurar o carregamento e os navios.

Os olhos pequenos e escuros de Gotz não se mexem:

— Está disposto?

— O que acontece com o carregamento e os navios?

Elói adianta a resposta:

— O primeiro carregamento de açúcar chega tranquilamente em Londres. O segundo, para Ipswich, e os dois navios que o transportam serão vítimas de uma emboscada de piratas zelandeses.

Gotz é quem continua:

— Você poderá assim receber os quinze mil florins do seguro.

Penso com calma, até aqui, tudo claro:

— E depois?

— Ao invés de receber o dinheiro, você pede o equivalente em cartas de crédito, confirmando a sua intenção de prosseguir na atividade e continuar como cliente da agência. E pedirá ao agente dos Fugger que vincule as suas cartas a um prazo de três anos, para que os que as descontarem no vencimento recebam bons juros, mas não antes.

— Três anos?

— Para ganhar tempo. Quanto mais tarde descontarem as nossas cartas, melhor para nós. Porque naqueles três anos você continuará fechando os seus negócios com as cartas de crédito que atestam o seu quinhão nos cofres dos Fugger, mas ao mesmo tempo começará a colocar em circulação aquelas falsas que eu lhe entregarei. Com todas

as cartas, verdadeiras e falsas, compraremos mercadorias em muitas praças diferentes e as revenderemos em moeda corrente. Uma parte será depositada novamente no banco. Isto servirá para manter a relação com a agência e provar que a atividade comercial prospera moderada. Todo o resto será o merecidíssimo prêmio à nossa esperteza.

— Como pode ter certeza que não nos descobrirão logo?

— Este é o meu ofício. É só uma questão de equilíbrio entre os pagamentos feitos com as cartas às quais corresponde dinheiro realmente depositado na caixa e aqueles feitos com as cartas falsas. Distribuiremos as falsas em maior parte nas praças periféricas, assim ganharemos mais tempo ainda e dificultaremos os controles dos Fugger.

— Quanto durará a brincadeira, se não nos liquidarem antes?

— De acordo com os meus cálculos, se tivermos o cuidado de difundir as cartas falsas em praças diferentes, para descobrir-nos levarão no mínimo cinco anos. Além disso, aquele é o tempo de que precisamos para garantir a nossa velhice. Cem mil florins cada um. Certo, senhores?

Paira um silêncio total, até o sacolejo da corrente contra a barriga da embarcação parece ter parado.

Olho para Elói:

— E a sua parte?

Os olhos do amigo brilham, mas é Gotz quem responde:

— Será o seu sócio na empresa. — Uma tossida. — Mais uma coisa, é bom não esquecer dos detalhes: você terá que acostumar com um nome falso.

Enquanto Elói desata a rir, respondo:

— Nenhum problema.



Ouçó o ruído dos nossos passos enquanto nos afastamos ao longo do embarcadouro. Gotz von Polnitz, o mago dos números, despediu-se marcando um encontro para depois de amanhã.

Caminhamos imersos nos mesmos pensamentos, talvez Elói esteja esperando a minha objeção:

— Há alguma coisa que não entendo.

Concorda:

— Sei o que está pensando. Porque ele precisa de nós. Porque não faz tudo sozinho ou não recorre a pessoas que já têm atividade comercial.

— Acertou.

Ele sabe que agora não adianta guardar segredos, vamos ser sócios nos negócios.

— Pelo mesmo motivo que o impede de mostrar a cara em Antuérpia. Polnitz é um nome conveniente. Aquele que você acaba de ver é alguém que resulta falecido há três anos.

— Quem diabo é ele, então?

Sorri:

— Aquele ao qual os Fugger devem o domínio de Antuérpia. O maior agente deles: Lazarus Tucher.

Arregalo os olhos, Elói ri e leva o indicador aos lábios:

— Schhh. Pelo mérito de ter preparado a cama para o velho Höchstetter e limpado o caminho para a ascensão de Anton Fugger na cidade, obteve o posto de primeiro agente na filial de Colônia. Mas quando em 35 Fugger decidiu organizar uma expedição para ir finalmente buscar o próprio ouro das minas do Novo Mundo, a gestão de uma operação tão importante foi confiada ao solícito Lazarus. Mas uma tempestade ao largo da costa portuguesa afundou toda a frota que acabara de zarpar. Isto é o que todo marinheiro do porto conta: o maior furo na água desde que Anton administra as atividades da família. O que ele não sabe, é que uma embarcação conseguiu salvar-se, a almirante, e com ela todo o dinheiro que financiaria as escavações no Peru.

— E Tucher estava naquele navio.

É possível imaginar como acabou, mas Elói não é de deixar um caso pela metade:

— Tomou a rota da Irlanda e, de lá, passou pela Inglaterra, onde ficou escondido por três anos, fechando negócios com os amigos de Henrique VIII.

— E agora decidiu dar o grande golpe no caixa do ex-patrão.

— Exatamente.

Entramos no estreito caminho que beira este trecho do estuário, os campanários de Antuérpia despontam nebulosos no horizonte, as gaiotas inspecionam a água do alto, uma cegonha nos observa imóvel do seu ninho, em cima do mastro de um resto de embarcação

encalhado.

Elói de cabeça baixa, pensa no que vai me dizer.

Pára:

— Não é simplesmente uma trapaça magistral.

Alguns passos adiante, espero que esvazie o saco.

— Não é só pelo dinheiro.

— E por que, então?

— Pelo crédito. Como você acha que reagiriam os comerciantes se soubessem que em todos os mercados da Europa circulam falsas cartas de crédito dos Fugger?

— Acho que não aceitariam mais nenhum pedaço de papel com a assinatura de Anton Fugger.

— Isso mesmo. E o que é um banqueiro sem crédito? É como um marinheiro sem barco. Se as pessoas não aceitam mais a assinatura dele como garantia, porque pensam que poderia ser falsa, acabou, ele é um homem morto. Lembra da história do velho Höchstetter? Com ele foi assim, desacreditando-o. Todos começam a enxugar os depósitos no banco, a desconfiança é um contágio que propaga rapidamente: quem vai fazer negócios com alguém que perde os clientes, ao invés de conquistá-los?

— Você está dizendo que Tucher quer pegar também os Fugger de Augsburg: prejudicar os que prejudicam?

Ele abana a cabeça:

— Ele só quer o dinheiro. Eu também. Mas se conseguirmos abalar de verdade o crédito dos Fugger, eles poderiam acabar arruinados em poucos anos.

O coração bate forte no fundo do estômago, as entranhas enfraquecem: Ferdinando, Carlos V, o Papa, os príncipes alemães. Todos ligados à bolsa de Anton o Astuto.

Falo em voz baixa, como se revelasse uma visão:

— E com eles as cortes de meia Europa.

Elói também abaixa a voz, mesmo estando sozinho a perder de vista:

— “Depois vi um novo céu e uma nova terra, porque o céu e a terra de antes haviam desaparecido.”

## Capítulo 43

Antuérpia, 2 de junho de 1538

— Ele viu o carregamento?

— Viu.

— Os navios?

— Também.

— Levantou alguma objeção?

— Algumas perguntas sobre as rotas que pretendemos seguir.

Lazarus Tucher, o renascido, Gotz von Polnitz o mago dos números, abana a cabeça desconsolado:

— Devem julgar-se onipotentes. Estão tão seguros da força que têm, que nem lhes passa pela cabeça que alguém possa ludibriá-los. Belos bastardos.

— Bom, é uma segurança que nos favorece, não?

Gotz ignora a pergunta, continuando com as próprias reflexões:

— Ele aceitou por quinze mil florins?

— Nem piscou. Pediu um depósito de três mil em garantia, que nos devolverá depois da primeira expedição. Fiz como você falou: entreguei sem problema, para que pensasse que tínhamos boa disponibilidade monetária.

— Certo. Mas se eu estivesse no lugar dele, as coisas não teriam sido tão fáceis.

— Então, sorte nossa que você está deste lado.

O ex-agente dos Fugger me serve um copinho:

— É o caso de brindar. Você se saiu bem. O primeiro passo foi dado.

A embarcação onde Lazarus Tucher esconde o segredo de sua

existência está em uma alça do rio. Dentro, parece uma casa normal, se não fosse pelos objetos esquisitos pendurados às paredes, que pendem de todo canto: espadas, pistolas, instrumentos musicais, mapas, o casco brilhante de uma tartaruga.

Sei que seria melhor se eu ficasse calado, mas não é sempre que encontramos um personagem desses.

— Elói me contou a sua história.

Não parece surpreso:

— Ele não devia. Se nos pegarem, quanto menos soubermos uns dos outros, melhor para todos.

Entrego-me à poltrona de couro:

— Quer dizer que Elói não contou nada sobre mim?

Gotz encolhe os ombros:

— Só sei que estive em Münster com os loucos, e eu lhe digo com toda sinceridade que se as suas credenciais fossem essas, nunca teria incluído você no negócio. Mas Elói disse que você é a pessoa certa e eu confio no faro dele: alguém que conseguiu permanecer boiando por vinte anos no meio dos tubarões nesta cidade sem sofrer nada, deve saber avaliar os homens.

Sorrio e acabo o licor:

— Você tem razão, eram uns loucos. Mas expugnaram uma cidade. Você já fez isso?

Os olhos de Gotz são dois pontos escuros afundados em cicatrizes. Não precisa responder-me, parece que o anabatista e o mercador conseguem entender-se bem.

— Precisa ser fanático para tentar coisas assim.

— Precisa acreditar.

— E você acreditava, mesmo?

Uma boa pergunta:

— Digamos que não era o dinheiro que me atraía, naquela época.

Sorri e enche mais um copo:

— Quer ouvir uma história interessante mesmo sobre Münster?

— Algo que ainda não sei?

— Algo que sabemos só eu, Anton Fugger, e talvez o Papa.

— Parece um segredo de estado.

Concorda sombrio alisando os bigodes. As gaiotas gritam fora da pequena janela, o resto é silêncio.

— No início de 34 eu cuidava dos negócios dos Fugger em Colônia. Foi lá que aprendi os truques do ofício e tudo que serve para

a operação. O caso é que um dia me entregam uma carta onde está marcado somente um valor. Sem assinatura, só um selo: uma grande letra Q.

— Um Q?

— Marcado na cera. Peço explicações ao contador da agência, um que trabalha para os Fugger há mais de dez anos e ele me diz que, quando chega uma carta como aquela, precisa preparar o dinheiro e esperar que alguém passe para retirá-lo, mostrando o carimbo.

Interrompo:

— Não entendo o que isso tem a ver com Münster.

Gotz estremece:

— Deixe-me acabar. Aí eu quero saber mais, como é possível dar dinheiro na mão de um desconhecido? O velho contador diz que, alguns anos antes, de Roma foi aberto um crédito ilimitado junto aos caixas dos Fugger para um agente secreto ativo nos territórios imperiais. “Messer Q” o chamavam os contadores das filiais alemãs.

— Um espião.

Não interrompe a história dele:

— Assim eu preparo uma carta de crédito pela quantia solicitada e fico à espera. Sabe quem se apresenta? Um clérigo. Enrolado em um saio escuro, com o capuz baixado nos olhos cobrindo-lhe meio rosto. Mostra-me o anel com o Q, idêntico ao estampado na carta. Mas, quando ele vê a carta de crédito, a rasga em mil pedaços diante do meu nariz e diz que precisa de moeda. Aviso que é perigoso viajar com grande quantidade de dinheiro no bolso, mas ele insiste: quer o ouro. Está bem, abro os cofres e lhe entrego a quantia solicitada. Depois disso ele pergunta se posso indicar-lhe um lugar para fretar cavalos pela distância até Münster. Encaminho-o à maior estrebaria de Colônia.

Fica calado. A história acabou. Um pressentimento obscuro aperta a minha cabeça, mas não consigo articulá-lo. Apoio o copo na mesa, leve tremor das mãos.

Gotz espera uma reação:

— Não é uma boa história? Talvez para expugnar uma cidade sejam necessários uns fanáticos que acreditam, mas para infiltrar um espião, precisa dinheiro. São necessários os Fugger. O dinheiro está sempre no meio.

Ele percebe o meu mal-estar.

A linha mais escura do licor na garrafa oscila devagar junto com a embarcação.

O casco da tartaruga emite reflexos da cor do ébano.

Uma ave aquática branca corta o pedaço de céu emoldurado pela janelinha.

O mapa da costa inglesa, no canto à esquerda, embaixo, tem uma rosa dos ventos que, daqui, parece uma flor branca e preta.

Gotz, afundado na poltrona, não move um só músculo.

Gotz. Lazarus. Nomes diferentes, homens diferentes. A mesma história.

Gustav Metzger, Lucas Niemanson, Lienhard Jost, Gerrit Boekbinder. Lot.

— Ninguém é o que parece.

Não sei se eu disse isso, ou se foi a voz de Gotz, ou só o pensamento que pulsava na cabeça.

As perguntas saem sozinhas:

— Quem tinha aberto aquele crédito?

— Nunca soube. Mas com toda probabilidade alguém importante em Roma.

— Descreva aquele homem, aquele que foi buscar o dinheiro.

— O rosto dele estava coberto, já falei. Pela voz, não parecia muito velho, mas já passaram quatro anos...

Ele está me atendendo, entendeu, se esforça:

— Lembro que eu fiquei me perguntando o que ele iria fazer em Münster com aquela quantia, não que fosse exagerada, dois, três mil florins, acho, mas para que enfrentar uma viagem assim de bolso cheio?

— Para não deixar rastros. Não levantar suspeitas.

Olho para ele. Agora sou eu quem deve refletir em alta voz e retribuir a história.

— No começo de 34, os batistas de Münster receberam as primeiras grandes doações em dinheiro, contribuições para a causa provenientes de varias comunidades e também individuais dos coirmãos.

— Está dizendo que aquele dinheiro seria empregado para travar amizade com os anabatistas...

— Que salvo-conduto melhor pode existir para um espião?

Ficamos novamente escutando a batida lenta da correnteza, os rangidos da madeira.

É ele quem fala primeiro, entre fingida modéstia e incredulidade:

— Eu não entendo muito de questões religiosas. Explique porque Roma deveria infiltrar um agente na comunidade batista de uma pequena cidade do Norte.

A resposta assume forma enquanto a pronuncio:

— Talvez porque aquela pequena cidade do Norte estava se tornando o farol do anabaptismo. Talvez porque aquela comunidade teria derrotado os senhorios e elevado ao povo a uma posição que ninguém tinha conseguido. Talvez porque alguém que olhava longe, lá na corte do Papa, estava se sujando na roupa.

Gotz abana a cabeça:

— Não, não tem sentido: os cardeais tem mais o que pensar.

— Precisam pensar em defender o próprio poder.

— E então, porque não encher o saco dos luteranos?

— Porque os luteranos podem revelar-se ótimos aliados contra a rebelião das castas mais humildes. Quem massacrou os camponeses em Frankenhausem? Príncipes católicos e luteranos, juntos. Quem emprestou os canhões ao bispo de Münster, para a retomada da cidade? Felipe d'Assia, admirador de Lutero.

— Não, não tem fundamento. Lutero desbancou o Papa, o jogou fora da Alemanha a pontapés, todos os bens da Igreja confiscados pelos príncipes alemães...

— Gotz, para sustentar a viga mestra, são necessárias duas colunas.

O ex-mercador pensa, olha-me atravessado:

— Adversários mas aliados. É o que você quer dizer?

Concordo:

— Um agente secreto ativo nos territórios imperiais. Há quanto tempo?

— Mais de dez anos, foi o que me disseram.

Novamente aquele pressentimento obscuro, uma pressão atrás dos olhos.

Metzger, Niemanson, Jost, Boekbinder, Lot.

Tantos e um. Os que eu fui.

Tantos e um. Um qualquer.

O homem do povo. Escondido na comunidade. Um dos nossos.

— “Deus chamará a julgamento toda ação, tudo que está oculto, bem ou mal.”

Gotz perplexo:

— O que significa?

A pressão relaxa, o pressentimento dissolve-se:

— É o fim do livro de Qoèlet, o *Ecclesiaste*.



O estuário amplia-se visivelmente, enquanto o navio escorrega veloz para o mar que já aparece no horizonte. O amanhecer projeta os seus raios no espelho de água diante de nós e nos ilumina o caminho.

O mar. Elói tinha razão: dá uma sensação de liberdade afastar-nos de uma costa, lançar o olhar sobre aquela massa infinita de ondas. Nunca naveguei no mar: uma inquietação estranha, arrebatamento, atenuado somente pelos pensamentos da noite passada.

A tripulação é composta de um timoneiro e oito marinheiros, subordinados ao capitão Silas, todos ingleses que já trabalharam com Gotz e nos quais podemos confiar cegamente. Falam naquela estranha língua deles, da qual já consigo identificar algumas expressões mais frequentes: exclamações e blasfêmia, acho.

Eu tinha chegado em Antuérpia com a ideia de migrar para a Inglaterra e nunca mais voltar. Agora estou indo para concluir negócios. Os fatos mudam de forma imprevisível: ontem eu era um maltrapilho preso pelos milicianos, hoje sou um respeitável mercador de açúcar, com um seguro de quinze mil florins sobre o carregamento e os navios.

Olho para trás, a segunda embarcação nos segue a um quarto de milha de distância. É conduzida pelo segundo de Silas, um jovem bucaneiro galês, que navegou nas Índias.

O mercador Hans Grüeb vai vender açúcar em Londres. As pequenas ilhas planas da Zelândia, a terra arrancada do mar com as unhas, desfilam diante dele, repletas de gaivotas, e quando elas começam a ficar mais espalhadas, o Mar do Norte o acolhe plácido e de um azul intenso, escuro como os pensamentos que lhe ocuparam a mente pela noite afora.

O relato incrível de Lazarus o ressurgido me obriga a voltar às lembranças de Münster, talvez hoje mais claras, por tê-las narrado a Elói.

A pergunta é sempre quem. Quem era o espião. Quem trabalhava desde o início para os papistas. Quem levou como garantia dinheiro para a causa, conseguindo ser acolhido entre os regenerados.

Quem.

Quem era o infame.

Repasso rostos, lugares, fatos. A minha chegada na cidade, a acolhida, as barricadas e depois o delírio, a loucura. Quem trabalhou para que tudo acabasse assim. Já disse ao Elói. Morreram todos. Não sobreviveu ninguém. Só Balthasar Merck e os amigos dele. Krechting o jovem? Nem pensar.

Mas esta também é uma forma como outra qualquer de rechaçar o pressentimento pior.

Um de nós. Um aliado. Em condições de ganhar a confiança. E de empurrar-nos para o massacre no momento certo.

As cartas.

As cartas para Magister Thomas.

Um espião ativo desde antes do ano 24.

Na Alemanha.

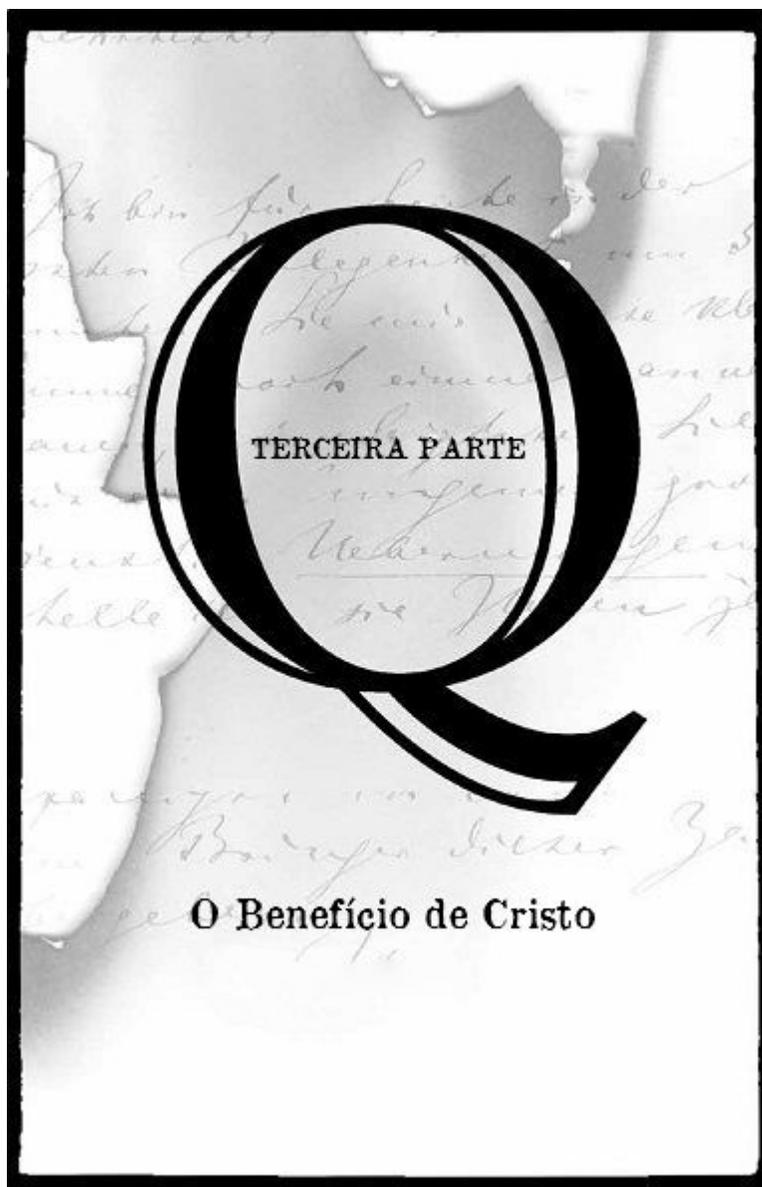
Um e ninguém.

Frankenhausen. Münster.

Mesma estratégia. Mesmos resultados.

A mesma pessoa.

Qoèlet.



TERCEIRA PARTE

O Benefício de Cristo

TRATTATO  
VTILISSIMO  
DEL BENEFICIO DI  
GIESV CHRISTO  
CROCIFISSO,  
VERSO I  
CHRI-  
STIANI.



Venetis Apud Bernardinum  
de Bindonis. Anno Do,  
M, D, XXXXIII.

*Carta enviada a Nápoles, da cidade pontifícia de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 1 de Maio de 1541.*

Ao meu honradíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa em Nápoles.

Meu Reverendíssimo Senhor, as notícias que Vossa Senhoria me dá sobre a derrota do Imperador em Algiers, e o desastre do seu exército na Hungria às mãos do Turco, enche este coração com esperança de que em breve veremos o Habsburgo colapsar sob os golpes dos seus adversários e fazer cair o seu grande poder. Se acrescentarmos estas notícias da França, a intenção de Francisco I de retomar a guerra, sinto que o momento é especialmente propício para as esperanças de Vossa Senhoria e deste seu devoto servo. Nunca antes o Imperador teve tantos problemas para controlar os seus imensos territórios; nunca antes as suas dívidas foram tão grandes e tão difíceis de pagar aos banqueiros alemães.

Portanto, não é surpresa nenhuma que ele tente unir a Cristandade sob o seu estandarte, fazendo concessões aos príncipes Protestantes Alemães para que eles possam ir em sua ajuda nas planícies da Hungria e nos Bálcãs, e para que possa resistir aos avanços de Solimão. Os luteranos consolidaram a sua posição na Saxônia e Brandenburgo, e o Imperador tem intenções de autorizá-los e permitir que Roma fique de fora desses principados.

No entanto, quem planeje ver o poder de Carlos V diminuído tem que ter esperança de que os príncipes não se rendam à sua lisonja, e continuem a considerá-lo um poderoso inimigo com quem podem forjar um pacto, mas com quem não convém forjar uma aliança. A simpatia de Felipe D'Assia não é, de fato, um bom sinal: o Imperador fechou os olhos à bigamia do Magistrado apenas para o tornar em seu aliado, e este último acatou o acordo covarde.

Mas seja como for: forçar a Igreja de Roma e os teólogos luteranos a sentarem-se à mesma mesa é o plano que Carlos V

persegue com todos os meios ao seu dispor, e não há a mínima dúvida de que ele entrará na batalha: desde o seu fracasso em derrotar os príncipes luteranos, que ele quer ser o campeão da Cristandade, unidos sob o estandarte da nova cruzada contra os Turcos, e está seguro que isso torna-lo-á invencível. Para este objetivo está disposto a gastar todos os recursos ao seu dispor.

Felizmente, tive o prazer de saber que Assembleia de Worms não outorgou os resultados que Carlos tanto desejava: os doutores luteranos continuam a ser uma ameaça para a Santa Sé e os príncipes Católicos.

Tendo conhecido pessoalmente Lutero e Melâncton durante a sua ascensão à proeminência, posso acrescentar que são demasiado orgulhosos e desconfiados para concordarem com uma reconciliação com Roma. Este fato joga a favor dos planos de Vossa Senhoria, e para já impede a aproximação entre Católicos e Luteranos, que seria fatal para nós.

Contudo o perigo, antes de chegar além dos Alpes, pode erguer-se dentro do próprio seio da Santa Igreja Romana. A nova aparência que a generosidade de Vossa Senhoria me permitiu assumir para que eu continue a servir a causa de Deus, e o privilegiado ponto de vantagem a que consegui aceder, permite-me reunir informação em primeira mão, e montar vários elementos que o serviço ao Meu Senhor Honradíssimo requer que não esconda. Mais uma vez a visão de Vossa Senhoria provou-se mais do que valiosa.

Portanto, posso afirmar com certeza que o que se está a formar aqui em Viterbo, dentro do Patrimônio de São Pedro, é uma facção genuína favorável ao diálogo com os luteranos e pode estender o seu apoio às aspirações do imperador. Vossa Senhoria costuma referir-se a eles como *Espirituais*, em alusão àqueles cardeais receptivos às perigosas doutrinas de Lutero e ao novo heresiarca de Gênova, João Calvino; de qualquer forma, enquanto é certo que o círculo Viterbense gravita à volta do bem conhecido Cardeal Pole, devo informar Vossa Senhoria que o círculo de pessoas que se formou à sua volta desde a sua nomeação para Governador Papal do Patrimônio inclui todos os tipos de literatos, leigos e clérigos de todos os lugares, unidos no objetivo comum de abrir as portas da Igreja às reivindicações do pérfido Lutero. Esta aceitação ingênua de qualquer intelecto

com vontade de servir a causa significou que o servo diligente de Vossa Senhoria pode fazer parte do círculo e ganhar a confiança dos seus mais ilustres membros: estão muito felizes por terem nas suas fileiras um homem de letras alemão com bons conhecimentos dos escritos que atualmente se fazem nas universidades alemãs.

Por conseguinte, gostaria que me permitisse dar a minha impressão sobre o homem que devia, sem sombra de dúvida, ser considerado inspiração por detrás desta congregação: o cardeal Inglês Reginald Pole. Goza da fama de ser um mártir Católico, tendo sido obrigado a fugir do seu país em resultado da cisma de Henrique VIII, e este assunto em si mesmo torna difícil levantar qualquer tipo de suspeita acerca da sua ortodoxia. É um homem muito culto e refinado, incapaz de suspeita ou má fé, um apoiador genuíno da possibilidade de iniciar um diálogo com os Protestantes, com uma visão de os trazer de volta para o seio da Santa Igreja Romana.

Então, como afirmei acima, não é surpresa nenhuma que o Imperador veja este pio homem da Igreja como um campeão dos seus próprios interesses.

Pole também aprecia a amizade do cardeal Contarini de Bolonha, o homem escolhido por Sua Santidade o Papa Paulo III para conduzir as novas negociações com os Luteranos em Regensburgo depois do fracasso da Assembleia de Worms. A estes podemos acrescentar o cardeal Morone, o bispo de Modena, Gonzaga de Mântua, Gilberti de Verona, e Cortese e Badia da Cúria Pontifícia. Todos estes homens são razoavelmente flexíveis na sua resposta às doutrinas Protestantes, pregando o uso da persuasão sobre esses irmãos que se desviaram do caminho de Roma, e conseqüentemente abominando a perseguição de tais ideias através da força coerciva.

Reginald Pole, como Vossa Senhoria bem sabe, é um homem de letras que estudou em Oxford com o mesmo Thomas More cujas experiências abanaram o mundo Cristão. Um mártir e um amigo de mártires: as suas credenciais parecem mesmo irrepreensíveis. Depois de Oxford completou os seus estudos em Pádua e a sua conseqüentemente familiaridade com a realidade da vida italiana.

Não é então difícil de imaginar a facilidade com que se relaciona com os homens de letras de quem se rodeia, e em particular com Marc'Antonio Flaminio, o poeta e tradutor amigo de Sua Santidade Paulo III, cujo nome deve ter ouvido ser mencionado por essa mesma razão. A relação entre Pole e Flaminio, que estão muito ligados aqui em Viterbo, não é, a meu ver, menos perigosa do que a consolidada há mais de vinte anos em Wittenberg, entre Martinho Lutero e Felipe Melâncton. Quando uma fé mantida teimosamente entra em contato com a sabedoria, o produto desse encontro é sempre algo de magnífico, seja para o bem ou para o mal.

Quanto mais cedo puder levar a Vossa Senhoria mais notícias acerca dos acontecimentos aqui em Viterbo, mais rapidamente satisfarei o meu desejo de o servir.

Beijo as mãos de Vossa Senhoria e imploro continuamente a sua graça.

Viterbo, 1º de Maio de 1541  
O fiel observador de vossa senhoria  
Q.

*Carta enviada a Roma, da cidade pontifícia de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 18 de Novembro de 1541.*

Ao meu reverendíssimo e honradíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa em Roma.

Meu Respeitadíssimo Senhor, foi com satisfação que soube do fracasso da iniciativa do Cardeal Contarini em Regensburgo. Conforme a minha previsão, os Luteranos mantiveram-se firmes na doutrina da justificação *unicamente pela fé* e, apesar da vontade de Contarini em acomodá-los, a habilidosa diplomacia de Vossa Senhoria conseguiu impedir e repelir o acordo que estava prestes a ser ratificado.

É um desapontamento amargo para os membros do círculo de Reginald Pole e ainda consigo ver o horror que fulminou os seus rostos.

Mas não é tempo de embainhar as nossas espadas; o perigo que estas mentes representam está longe de ter enfraquecido. E devo agora colocá-lo ao corrente de uma nova ameaça, para que Vossa Senhoria possa aconselhar este seu servo sobre as medidas que considere oportunas tomar.

A Assembleia de Regensburgo deu ares da ameaça que a doutrina da Santa Igreja Romana, no que toca à salvação, pode ser contaminada pelos ensinamentos dos hereges luteranos.

Como Vossa Senhoria sabe, os teólogos protestantes, reforçados por certas passagens mal interpretadas do Novo Testamento (Mt 25, 34; Rm 8, 28-30, Ef 1, 4-6), afirmam que aqueles que Deus escolheu como Santos desde o princípio do mundo, e só esses, serão salvos no Dia do Juízo. O cumprimento de boas ações como penhor para ganhar salvação eterna é, segundo eles, pura ilusão. A salvação está garantida para os eleitos não por ações meritórias, mas pela divina oferta da fé e nada mais. Consequentemente, nenhuma boa ação levada a cabo por um Cristão pode interferir na alteração desta dádiva original, que é recebida por alguns homens, os eleitos, aqueles que estão predestinados à salvação segundo o plano de Deus.

Não preciso de lhe lembrar do perigo que esta doutrina representa para a boa ordem Cristã, uma vez que se baseiam na livre escolha da fé ou na sua rejeição por parte dos homens. Além disso, não hesito em afirmar que a doutrina conhecida como justificação unicamente pela fé é o pilar que suporta todas as abominações cometidas pelos luteranos nos últimos vinte e cinco anos. Esta é a arquitrave da sua teologia de pernas para o ar, e é o que lhes dá força para investir contra a Santa Sé sem o mínimo de humildade, e trazer à discussão as hierarquias da Santa Igreja Romana, com o fundamento de que não faz sentido nomear um juiz das ações humanas, ou estabelecer um corpo eclesiástico para administrar a lei e avaliar quem pode entrar no Reino de Deus ou não. Vossa Senhoria com certeza lembrar-se-á de que uma das primeiras jogadas ousadas de Lutero foi recusar reconhecer autoridade do Santo Padre para praticar excomunhões.

Portanto, o que o Cardeal Contarini não conseguiu fazer — estropiar e mutilar a doutrina Católica da salvação *através de boas ações* — o grande grupo de acólitos do Cardeal Pole pode consegui-lo hoje.

Já tive oportunidade de informar Vossa Senhoria sobre a perigosa fascinação que exerce sobre as mentes ingênuas os escritos de um jovem genovês que parece ter captado a batuta de Lutero no que toca à disseminação da heresia. Estou-me a referir a João Calvino, autor de uma obra pútrida — *A Instituição da Religião Cristã* —, que confirma e reforça muitas das ideias que emergiram da mente herética do monge Lutero, a primeira delas conhecidas pela justificação *unicamente pela fé*.

Esta obra inspirou o que eu considero a mais perigosa publicação em terras italianas desde os dias dos pérfidos sermões de Savonarola, que devemos às mentes distorcidas de Viterbo, em cuja companhia me encontro.

Refiro-me a uma pequena dissertação cujo perigo excede o seu tamanho, uma vez que *expõe abertamente*, numa linguagem acessível a todos, *a doutrina Protestante da justificação unicamente pela fé não é inteiramente contrária à doutrina da Igreja*.

Não há qualquer dúvida de que esta é uma tentativa deste círculo de homens cultos e clérigos para introduzir a um nível

doutrinário elementos favoráveis à reconciliação entre Católicos e Luteranos, e aceitação completa da doutrina da salvação sustentada pelos últimos.

O autor da obra em questão é um frade Beneditino, um tal Benedetto Fontanini de Mântua, residente no mosteiro de São Nicolau da Arena, no sopé do Monte Etna. Mas as mãos que trabalharam na elaboração do texto, com traduções quase literais da *Instituição* de Calvino, foram as de Reginald Pole e Marc'Antonio Flaminio.

Investigações conduzidas com muito cuidado levaram-me à descoberta de que o Cardeal Pole teve a oportunidade de conhecer o frade Benedetto já em 1534 quando, na sua viagem de Inglaterra, passou pelo mosteiro na ilha de São Jorge Maggiore, em Veneza. Nessa altura, de fato, Fontanini estava lá. Vossa Senhoria deve estar ao corrente de que o superior do mosteiro de São Jorge Maggiore, na altura, era nada menos do que Gregório Maltese que hoje é um fervoroso apoiador dos *Espirituais* na Cúria.

A este precedente podemos acrescentar o fato de, dois anos mais tarde, em 1536, Marc'Antonio Flaminio ter ido a esse mosteiro, chamado por Cortese em pessoa com o pretexto do empreendimento da paráfrase Latina do Volume XII da *Metafísica* de Aristóteles.

Portanto: o Cardeal Pole, Cortese e Flaminio. Todos amigos e todos muito chegados às políticas conciliatórias do Cardeal Contarini de Bolonha. Estas foram as mentes que trouxeram à vida esta terrível dissertação. Se o frade Benedetto de Mântua fornecia o barro, era o círculo dos *Espirituais* que o moldava em forma de um veleiro repleto de heresia.

O título da dissertação fala por si, copiado literalmente de uma expressão usada muitas vezes por Melâncton nas suas *Loci communes*.

*O Benefício de Cristo, ou Uma utilíssima dissertação sobre o Benefício de Jesus Cristo Crucificado pelos Cristãos.* É este o título da obra, cuja edição foi completa há poucos dias por Flaminio, na qual é claramente afirmado que:

*a justiça de Cristo deve ser suficiente para nos tornar justos, e as crianças da graça, sem nenhuma boas*

*ações. Nem essas ações podem ser boas exceto se antes de as fazermos nos tornemos a nós próprios justos e bons pela fé.*

Vossa Senhoria pode facilmente julgar a ameaça que a difusão de ideias desse gênero pode representar para a Cristandade e, particularmente, para a Santa Sé, se forem aprovadas. Se, então, este pequeno livro for apoiado pelos homens importantes da Igreja, um acordo epidêmico com os Protestantes pode partir o coração da Igreja de Roma. Não me atrevo a pensar nas consequências odiosas que pode criar para as políticas da Santa Sé nos seus negócios com Carlos V.

Estou portanto preparado para receber novas diretrizes da sua mente engenhosa, certo de que mais uma vez conseguirá aconselhar da melhor maneira possível este seu servo zeloso.

Imploro a sua proteção na fé, beijando as mãos de Vossa Senhoria.

Viterbo, 18 de Novembro de 1541  
O fiel observador de vossa senhoria  
Q.

*Carta enviada a Roma, da cidade pontifícia de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 27 de Junho de 1543.*

Ao meu honradíssimo e reverendíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa em Roma.

Meu Honradíssimo Senhor, escrevo para dizer a Vossa Senhoria que sei com certeza que *O Benefício de Cristo* foi enviado para Veneza para impressão. Há alguns dias atrás Marc'Antonio Flaminio regressou da sua viagem como integrante do séquito do Santo Padre a Busseto, para o encontro com o Imperador. Ao interrogar um dos pajens de Flaminio consegui descobrir os seus movimentos. As minhas suspeitas provaram-se justificadas. De fato, Flaminio depois da reunião em Busseto e de ter passado o mês de Maio naquela cidade, fez um desvio estranho por Veneza no seu regresso a casa. O pajem mencionou que ele visitou a tipografia de um Bernardo de Bindoni, mas foi incapaz de me dizer mais. De qualquer forma estou certo que o seu objetivo não foi outro se não o da entrega, ou talvez da revisão final do texto em questão.

Desde que o Papa Paulo III colocou a Congregação do Santo Ofício nas mãos de Vossa Senhoria há um ano, estabelecendo que a heresia pode ser perseguida onde quer que se esconda, e com todos os meios necessários, os *Espirituais* tornaram-se mais astutos. A bula de Sua Santidade *Licet ab initio*, o conseqüente renascer da Inquisição e ainda a morte do Cardeal Contarini, levaram Pole e Flaminio a trabalharem com extremo cuidado. Suspeito que imprimiram o pequeno livro fora de Roma; além disso sabem muito bem que Veneza goza de um nível de liberdade fora do comum no que toca à impressão e à venda de livros, e se eu ainda tivesse a mais pequena dúvida sobre a visita de Flaminio às tipografias venezianas, elas seriam dissipadas por estas reflexões.

O Meu Senhor sabe muito bem quão perigosa a tipografia pode ser: sem ela, Lutero ainda estaria a ensinar numa universidade desconhecida em qualquer pequena cidade

saxônica cheia de lama.

Na expectativa de que em breve possa oferecer ao Meu Senhor novas e úteis informações, beijo as mãos de Vossa Senhoria.

Viterbo, 27 de Junho de 1543  
O fiel observador de vossa senhoria  
Q.

*Carta enviada a Roma, da sede da companhia Fugger em Augsburgo, datada de 6 de Maio de 1544.*

Ao ilustríssimo e eminentíssimo Cardeal Giovanni Pietro Carafa em Roma.

A Vossa Reverendíssima Senhoria envio saudações e as melhores felicidades, com a esperança de que estas linhas, escritas por um pio servo Cristão inteiramente dedicado à Santa Igreja Romana, possam chegar apenas ao olhar de Vossa Senhoria.

Os longos anos de amizade que ligam a minha família a Vossa Senhoria libertam-me da obrigação de usar falsas palavras para embelezar o favor que lhe estou prestes a pedir. Em mais do que uma ocasião Sua Eminência foi tão bondosa ao permitir que emprestássemos os nossos serviços aos assuntos que conduziu em solo alemão; em mais do que uma ocasião esta alma foi honrada ao emprestar a sua assistência, com os meios colocados à disposição na terra pela boa munificência do Senhor, em assuntos e negociações que Vossa Senhoria empreendeu aqui. Entre esses serviços posso certamente enumerar o fato de ter disponibilizado uma considerável quantia em dinheiro para os agentes que Vossa Senhoria mantém em solo alemão e na corte do Imperador.

Pois bem, tal dívida podia ser varrida como um raio, como se nunca tivesse existido nas contas da nossa companhia, se tiver em conta o nosso pedido.

Deve estar ciente de que a nossa companhia foi objeto de uma grande e terrível fraude, que tem que ser remediada o mais depressa possível; e como considero injurioso para os interesses da minha família permitir que tal assunto se torne alvo da atenção pública, sou impelido a pedir a intervenção de Vossa Senhoria.

Sem entrar muito nos pormenores deste ardil infernal, deve ser suficiente saber que já há algum tempo que notei uma certa incongruência nas contas anuais da companhia; alguma coisa

não estava bem: uma questão de algumas vírgulas, alguns números irrelevantes nos livros de contabilidade. E, no entanto, uma dúvida irritante permaneceu. Como a vastidão dos interesses dos Fuggers por toda a Europa é quase por definição incalculável, está longe de ser fácil localizar qualquer pequena fuga. Mas houve uma, e com o passar de cada ano tornou-se a suspeita gradualmente numa certeza. Foi como se as filiais periféricas da companhia estivessem a cometer pequenos erros nas suas contas, como se se estivessem a exceder nos seus arredondamentos nas somas processadas pelas cartas de crédito. Portanto, a princípio pensei que um dos nossos agentes fosse responsável pela fraude. Mas isso parecia-me estranho, uma vez que quando escolhíamos os homens a quem confiávamos o cuidado dos nossos interesses, investigávamo-los da cabeça aos pés e por vezes juntávamos as suas fortunas pessoais à nossa, de tal forma que os interesses da companhia também são os deles. E, de fato, estava enganado. O parasita veio de fora. Vossa Senhoria não consegue imaginar quanto tempo e dinheiro foi necessário para descobrir os culpados: fomos obrigados a enviar um comissário especial a cada filial e agência do banco Fugger, para supervisionar os empréstimos durante um ano. Investigamos todas as agências e filiais, mais de sessenta por todo o continente da Europa.

Levou um ano inteiro a encontrar o rasto, de mercador a mercador, das trajetórias das cartas de crédito que processamos e a perceber o que estava errado nas nossas contas. Dessa forma conseguimos descobrir que algumas cartas de crédito levantadas nas nossas agências eram falsas.

Pois bem, o fator comum a todos os negócios sob investigação foi a presença, aparentemente, inócua de um mercador de linho, açúcar e peles. Pareceu-nos tão peculiar que seguimos os seus movimentos comerciais e os consideramos bastante estranhos. Embora ele não negociasse bens preciosos, cobria o dobro da distância que era necessária para vender a sua mercadoria: produtos da Suécia que podiam ser vendidos no mercado de Antuérpia eram transportados para Portugal; produtos de Brest que podiam ter um excelente mercado na Inglaterra acabavam por ser vendidos em Hamburgo, e por aí afora. Em suma, o nosso mercador preferia mercados

periféricos. A princípio pensei que o fazia na esperança de ter lucros maiores, mas descobrimos que esse não era o caso, uma vez que os seus preços não eram maiores do que a média. Mas um pormenor ainda mais curioso é que ele é um credor da nossa companhia, que abriu uma conta na nossa filial de Antuérpia há seis anos atrás. O seu nome é Hans Grüeb, que indicava ser alemão de nascimento. No entanto, os meus comissários não encontraram o rastro desse nome em nenhum dos mercados alemães. Ao que parece, a sua primeira aparição deu-se na Antuérpia em 1538. Portanto, fizemos perguntas lá e descobrimos que o seu sócio no negócio é uma personalidade mais sombria e suspeita, um certo Loi, ou Lodewijck de Schaliedecker, ou Elói Pruystinck, que até há dez anos era um simples cobridor de telhados e já é conhecido pelas autoridades da Antuérpia, onde é suspeito de heresia.

Nesta altura estamos certos de que identificamos os responsáveis pela terrível fraude que se abateu sobre nós. Ainda não sabemos como conseguiram reproduzir cópias perfeitas das cartas de crédito dos Fugger; contudo, não temos intenção de esperar mais tempo e sujeitarmo-nos a mais danos.

Portanto, a razão pela qual decidi pedir a intervenção de Vossa Senhoria é porque não considero útil, numa situação deste gênero, denunciar os dois suspeitos às autoridades locais. Danos irreparáveis seriam imputados à companhia se notícias de cartas de crédito falsas circulassem nos mercados. Criaria uma terrível crise de confiança e em pouco tempo os credores retirariam o seu dinheiro dos nossos cofres. Devo acrescentar que isto teria graves consequências para muitas pessoas, e não só para os Fuggers: os interesses da companhia estão muito chegados a muitas cortes e não menos à Santa Sé.

Portanto, há um caminho pelo qual podemos enveredar para benefício comum, o que nos permitiria a ambos resolver este problema sem sofrermos grandes danos. Como disse, este Elói Pruystinck é suspeito de heresia há algum tempo, uma vez que pratica e prega a partilha de mulheres e o abandono de bens materiais, e nega, segundo os meus informadores de confiança, a existência de pecado. Até aqui, a astúcia deste pequeno herege tem sido tal que lhe têm permitido a ele e aos seus pares escapar das acusações de blasfêmia e apostasia. Mas desde que Sua

Santidade Paulo III restabeleceu a Inquisição, colocando-a sob o comando de Vossa Senhoria, tenho a esperança de que estes Loístas possam finalmente ser indiciados e levados a julgamento. Gostaria de implorar a Vossa Senhoria a magnanimidade de dirigir atenção do Tribunal do Santo Ofício para estes malvados hereges e baixos impostores, para que eles possam desistir da disseminação das suas ideias blasfemas e ao mesmo tempo parem de fazer mal à nossa companhia, assegurando-lhe de que ninguém tem conhecimento deste dano a que fomos sujeitos até agora.

Confiando humildemente na intervenção de Vossa Senhoria, e reafirmando amizade que nos une, beijo as mãos de Vossa Senhoria.

Augsburgo, 6 de Maio de 1544  
Anton Fugger, servo de Deus

**Basiléia**

**(1545)**

# Capítulo 1

Basiléia, terça-feira de Carnaval de 1545

— Não venha dizer que eu não tinha avisado, compadre Oporinus. Há dois anos estou repetindo que precisa ficar de olho naquele Sebastian Münster. Um aluno de Melâncton, um bem macho, entendeu?, que me escreve uma *Cosmografia* como nunca se viu antes, geografia e romance, cartografia e curiosidades, ilustrações e palavras, um estouro, entendeu? E vocês deixam que seja publicada por aqueles mofados da tipografia Hericpetrina, cinco mil cópias em cinco meses, está brincando?

Pietro Perna é um rio de palavras em alemão mal falado, permeado de italiano e latim, que transborda sem aviso na tipografia de messer Oporinus, uma das mais importantes de toda a Suíça.

— Como é, vamos providenciar logo uma tradução para o italiano desse gênio, ou vamos esperar que alguém mais a publique? E isto, o que é? — Pega um livro de uma prateleira, abre, quase amassa nas mãos gorduchas e depois joga na mesa com ar de desprezo. Aproxima-se de Oporinus e lhe aperta as costas, um pouco desajeitado, porque é pelo menos dois palmos mais baixo. Com um gesto da mão, chama a nossa atenção.

— Senhores, o grande Oporinus, que publicou há pouco o livro que lhe assegurará uma fama eterna, o extraordinário *De Fabrica*, do sumo anatomista e desenhista Vésale, que trata ao mesmo tempo de uma coleção de piadas sobre a circulação do sangue, um volume totalmente sem ilustrações, que pareceria mais superado que o do mais fiel seguidor de Aristóteles! Quer pôr na sua cabeça, compadre, que os tratados científicos que não mostram aquilo dizem precisam

ir pa-ra o li-xo?

Anda nervoso por entre as mesas esfregando as mãos, enquanto Oporinus nos dirige olhares desconsolados. Italiano, entre os homens mais baixos que já vi, excluindo os que são realmente anãos, blasfemo obstinado, quase calvo por completo e incapaz de ficar parado, Pietro Perna é um personagem muito conhecido em Basiléia. Ao que parece, passa por aqui todo mês, para aconselhar publicações, observar novidades, truncar obras, e acima de tudo abastecer-se de livros proibidos, clandestinos, suspeitos de heresia, que por sua vez comercializa nas livrarias de todos os ducados, as repúblicas, os estados e terras senhoriais da Itália setentrional.

— Stancaro? Largue, compadre Oporinus. É chato demais.

— Está dizendo que é chato? — A voz está cheia de ressentimento e surpresa. — Francisco Stancaro é um homem muito culto, um refinado perito em hebraica. No próximo texto, ele estabelecerá um paralelo entre Anabatistas e hebreus, quanto à vinda...

— Belíssimo, interessantíssimo e colendíssimo! — Abaixa o minúsculo braço e, com um gesto, afasta tudo que está à frente dele. — Quantos sonâmbulos vão querer comprar essa coisa?

— Vender, vocês só pensam nisso. Mas há livros que sempre é útil publicar: dão prestígio, acalmam alguns difamadores...

— O meu único prestígio é o seguinte, compadre: que os livros que aconselho e distribuo fazem os operários do prelo passarem as noites em branco. Em resumo, os ataques de frente, as disputas que partem o cabelo em quatro, as acusações, já não agradam mais ninguém. A ordem agora é miscelânea, entendeu? mis-ce-lâ-nea! Aquilo que prende a sua respiração, entendeu?, e até o fim você não sabe se o autor é herege ou ortodoxo. Livros como *O Benefício de Cristo*, escrito por um frade católico, mas cheio de temas apreciados pela fé Alemã. Stancaro! E quem lhe aconselhou? O nosso anabatista, lá no fundo?

Referiu-se a mim. Vem para cá. Uma série de rápidas batidas no ombro.

— Claro! A ideia até que é astuta. Não original, mas astuta. Este Stancaro vomita anátemas sobre os Anabatistas. Não os mesmos lugares-comuns. Assuntos sérios. Bom: qual a melhor forma para expor as características da sua fé por toda a Itália?

Um olhar atravessado:

— Eu? Fé? — Rio com prazer e lhe retribuo o tapa. — O senhor não me conhece mesmo!

Pietro Perna levanta do chão, batendo o pé da roupa.

— Porra, você é brigão, compadre! Lembro de um tipo, em Florença...

Oporinus intervém com ar paternal, sabendo que quando fala da Itália, Perna não pára mais:

— Coragem, messor Pietro, vamos aos negócios. Estes senhores estão à minha espera e o senhor passou à frente deles. Estaria interessado em quê?

O italiano anda mais um pouco por entre as mesas e as prateleiras, pegando um livro a cada passo:

— Este não, este não, este... também não. Este! — Esbofeteia a capa. — Quero vinte cópias deste e uma centena de Vésale.

Enquanto isso, os dobres me lembrar que é decididamente tarde. Faço um sinal a Oporinus que passarei outra vez e encaminho-me à saída.

— Não, espere. — A voz estridente de Perna e os passos dele rápidos atrás de mim. Come se não tivesse falado. — Falo com o senhor, espere. Oporinus, fique de olho: o terceiro livro da obra de Rabelais, traduzi-lo, espere aí!, depois Miguel Serveto, o senhor leu o tratado dele contra a Trindade, heii, não vai dizer que levou a mal aquela história da fé, não?

Consegue alcançar-me depois de meia milha de perseguição, enxugando com um lenço toda a generosa extensão da testa.

— Mas compadre, como o senhor é suscetível! É, vocês nórdicos não conhecem a ironia!

— Talvez — respondo soltando-me logo de sua mão suada —, peço desculpas por aquela pancada que dei mas, como deve saber, os nórdicos não são chegados a colocar as mãos no corpo dos outros, a não ser para bater.

O italiano esforça-se para retomar o fôlego após a longa corrida atrás de mim, enquanto acompanha com dificuldade o meu passo rápido:

— Disseram-me que o senhor é um tanto rico, que já viu mais do que é possível imaginar, que é anabatista e se interessa por comércio

de livros. Quanto ao anabaptismo, acho que entendi como estão as coisas. E quanto ao resto?

— Vamos colocar deste jeito: se isso tudo for verdade, o que vai me pedir?

— Proporia um negócio.

Abano a cabeça.

— A última pessoa que fez isso foi executada há poucos meses. Deixe para lá, é um conselho que lhe dou!

Insiste em segurar o meu braço com aquela mão:

— Não vai querer ser supersticioso com um italiano, compadre!

— Não é superstição. É o que tem acontecido até agora: todos os que se juntaram a mim acabaram mal.

— Mas o senhor ainda está vivo! — grita com aquele tom de voz sempre demasiadamente alto —, e eu tenho muita sorte.

Pára diante de mim, caminhando de costas com os braços abertos:

— Ouça pelo menos do que se trata! É sobre aquele livro que mencionei antes, *O Benefício de Cristo*. Um escritor es-tron-do-so. Vou explicar: O que ele diz, por si só, estaria bem para os mortos de sono, entendeu?, um melaço sobre a justificação unicamente pela fé, mas o que conta é que uns cardeais o escreveram. Isso significa um escândalo, entendeu?, e escândalo significa milhares de cópias.

Levanto a gola de pelo do casaco para proteger as orelhas do vento gelado.

— Fale com o Oporinus. Tenho certeza que o assunto é do interesse dele.

— Oporinus está fora da questão, compadre. *O Benefício de Cristo* é um livro que interessa exclusivamente a Itália. Em Basiléia não se publica um livro assim.

— E onde é que publicam?

— Em Veneza. É lá que o publicaram. Mas assim que proibirem a impressão, e é questão de poucos meses, talvez o editor atual parará com as cópias, entendeu?, e talvez os que agora o distribuem não vão querer continuar. O senhor sabe que em Veneza...

— Não sei muito sobre Veneza. Alguém me disse que lá há canais, como em Amsterdã.

O meu acompanhante não solicitado pára de repente, como se tivesse um ataque. Agarra com uma mão um anel que sobressai do muro, daqueles para amarrar os cavalos, e lentamente vira a cabeça

para o meu lado:

— Está dizendo que nunca viu Veneza?

— Vou dizer mais: esta cidade é o ponto mais meridional a que já cheguei em minha vida.

Com tom ofendido, sempre agarrado ao anel:

— Então tudo que me contaram a seu respeito é mentira. Não só não é anabatista, entendeu?, mas nem deve ter visto coisas incríveis, se entre elas não pode incluir Veneza, e certamente não está muito interessado no comércio de livros, se nunca passou pela capital da tipografia, e finalmente não pode ser muito rico, porque ninguém que tenha dinheiro, hoje em dia, dispensa uma viagem à Itália.

Olho-o por um instante e ainda não entendo por qual motivo este homem petulante e desajeitado, no fim das contas consegue ser simpático. Em todo caso, está na hora de despedir-me dele, porque já me desviou bastante do lugar que pretendia chegar.

— Se quiser ficar agarrado àquele ferro a manhã toda, por mim tudo bem. De minha parte, preciso entregar uma carta importante no posto do correio até o meio-dia.

Expressão de moribundo.

— Pode ir, compadre. Já sei que vai aceitar a minha proposta. Nem é preciso outro motivo: é a sua oportunidade de ver Veneza.

## Capítulo 2

### Basiléia, Cinzas 1545

Escrevi linhas insuficientes, que atravessarão as colinas, além do Franco Condado, para embocar o Sena, seguindo o seu curso sempre mais amplo e plano, onde as embarcações podem navegar com destino a Paris e ao mar. E depois a Marcha e as costas inglesas. Um mês, talvez mais. Assim escaparão da guerra, das tropas mercenárias e dos príncipes alemães, dos exércitos reunidos na fronteira dos Países Baixos pelos vassallos do Imperador.

Entrego a carta.

Endereçada a um fantasma cujo nome é Gotz von Polnitz, na cidade de Londres.

Ninguém dissera abertamente, mas sabíamos que havia sido atingida a última rodada. Em segurança já duzentos e cinquenta mil florins. E a sensação que Fugger começasse a suspeitar de alguma coisa.

Gotz von Polnitz, o único que sempre permanecera na sombra, insuspeito e, além disso, morto alguns anos atrás sob o nome Lazarus Tucher.

Confiei-lhe o destino das pessoas mais queridas. Kathleen. Magda: se surgir algum problema, vão até ele. Lot deverá correr mais que os milicianos, sem olhar para trás.

Assim que desci do navio, um menino aproximou-se desaconselhando-me a voltar para casa.

— Levaram todos.

O acordo com Gotz. Se conseguir levá-las com você, um pano vermelho na janela da casa onde escondemos o dinheiro.

O pano estava lá, talvez ainda esteja. A casa era de um velho mercador que mudara para Goa, nas Índias. O dinheiro também estava lá: cem mil florins.

Deveria ter alcançado Kathleen e Magda, a salvo, viver o resto dos dias em paz.

Mas não tive coragem: a história diz que os que eu toco morrem. Amigos, irmãos, companheiros de ventura. Atrás de mim há um rastro de sangue que vem de longe, de um dia de maio, e chega até aqui.

Thomas Müntzer: torturado e executado, há vinte anos.

Elias, o mineiro: decapitado pela espada de um mercenário em uma rua barrenta.

Hans Hut: sufocado no cárcere pelo incêndio do próprio leito.

Johannes Denck: arrasado pela peste nesta mesma cidade.

Melchior Hofmann: provavelmente morto de podridão nas prisões de Estrasburgo.

Jan Volkertsz: primeiro mártir das terras de Holanda.

Jan Matthys de Haarlem: despedaçado em uma cesta de palha.

Jan Bockelson de Leiden, Bernhard Knipperdolling, Hans Krechting: torturados com alicates candentes, executados e expostos ao escárnio público em três gaiolas, penduradas ao campanário de São Lamberto.

Jan Van Batenburg: decapitado em Vilvoorde.

Os nomes são nomes de mortos.

Último sobrevivente de uma raça sem sorte, um povo que a história quis exterminar. Único sobrevivente, junto com as mulheres, que dispensavam energia e cérebro aos guerreiros. Ottilie, Úrsula, Kathleen. Magda está salva, sob um outro céu. Os doze anos dela são a fenda que resta à vida para escapar de meio século de derrotas.

Sou o último supérstite de uma era, e arrasto comigo todos os seus mortos, fardo pesado ao qual não quero condenar ninguém mais. Muito menos a família que poderia ter. Estão salvas, é isto que conta. Gotz cuidará delas. Ele prometeu.

Você teria feito para mim também, grande mago dos números, mas eu era um risco, era um empestado, um rosto que muitos poderiam reconhecer. Por isso você não falou nada e zarpou sem olhar para trás. Você tinha dito desde o início: se as coisas forem mal, nunca nos conhecemos, não vamos ajudar uns aos outros, cada um cuide de si. Você pegou a sua parte, e aquela de Elói para Magda

e Kathleen. Você se revelou um filho da puta de bom coração.

Kathleen. Não bastam estas linhas para explicar, não bastariam mil cartas. Era eu quem eles procuravam, não vocês, ele pegariam também as mulheres e as crianças, claro, mas não Gotz o fantasma, e então ponha-as a salvo, na Inglaterra, nos braços dos seus amigos ingleses e do rei beberrão.

Kathleen. Acho que você leu em meu rosto, naquele dia, que tudo acabaria aí. Que nunca mais me veria novamente, mesmo se eu escapasse. Porque um velho destino tornou a apanhar-me e mil amigos perdidos morriam novamente com Elói.

Pegaram Balthasar, que não verá mais a mulher, pegaram Davion e Dorhout. Pegaram Dominique, a prosa morre junto com ele. E depois Van Hove, o dinheiro desta vez não lhe serviu; e Steenaerts, Stevens, Van Heer. A grande casa ficou vazia. Eu fugi e estou sozinho, mais uma vez.

Temíamos a ira de Fugger o Astuto: não podíamos imaginar que os cães de caça do Papa colocariam as mãos em nós.

Não falou um só nome. O espírito dele voou livre da carne dilacerada. Dizem que riu, que riu alto, que ao invés de gritar, ria. Prefiro lembrá-lo assim, enquanto a fumaça o envolve, ele rindo de estourar diante dos corvos. Mas deveria estar aqui, oferecendo-me o licor e aqueles charutos perfumados das Índias.

É destino que eu sobreviva, sempre, para continuar vivendo na derrota, consumi-la um pouco por vez.

Estou velho. Cada vez que um temporal faz o céu trovejar, sobressalto ao lembrar dos canhões. Cada vez que fecho os olhos para dormir, sei que os reabrirei depois que muitos espectros terão me visitado.

Kathleen, agora, em um lugar longe da guerra, passo o tempo que me resta escondido, entre gente fugindo por meia Europa, procurada como eu pela Inquisição do Papa ou por aquela de Lutero e Calvino. Gente pacífica que chega carregada de livros, histórias, aventuras; literatos, clérigos perseguidos, batistas: sou simplesmente um rosto entre tantos, rico o suficiente para permitir-me o silêncio. Dinheiro para acabar os meus dias. Cem mil florins. E nenhum modo decente de gastá-los.

Estou velho. Talvez seja só isso. Vivi dez vidas diferentes, sem nunca parar e agora estou cansado. O desespero já não me visita há algum tempo, como se a alma estivesse fechada na resignação e

conseguisse olhar as coisas de longe, quase lendo-as de um livro.

No entanto, daquelas páginas, ainda sai a Sombra Negra que me acompanha desde sempre, para dizer-me que nenhum preço pode saldar a conta, que nunca pagamos o suficiente e não existe refúgio seguro. Há uma partida que deve ser fechada; se deve ser até o fim, que seja. Tudo que estimava, está a salvo, só eu fiquei. Eu e os espectros que me acompanham. Todos eles.

Lodewijck de Schaliendecker, *alias* Elói Pruystinck: também queimado *extra muros* em 22 de outubro de 1544.

## Capítulo 3

Basiléia, 18 de março de 1545

— Em Veneza a gente se perde, compadre, mesmo quando acha que a conhece bem, entendeu? Ficamos entregues àquela cidade. Um labirinto de canais, vielas, igrejas e palácios que aparecem à sua frente como em um sonho, sem ligação aparente com o que viu até aquele momento.

Pietro Perna, como sempre, se perde quando fala da Itália, enquanto abre uma garrafa do “melhor vinho do mundo”. Pela janela dos fundos da loja de Oporinus, o céu de Basiléia é de um cinza que tende para o branco, como se alguém lhe tivesse tirado a cor, mas, será pelo cheiro do vinho ou o acento latino do meu interlocutor, tenho a impressão que o sol inunde o cômodo.

— O senhor não estava falando dos presumidos autores do *Benefício de Cristo*, messer Pietro?

— Exatamente — responde limpando o bigode com a mão —, não vamos nos afastar da questão principal. O livro, oficialmente, é anônimo, oficiosamente, dizem que foi escrito por frade Benedetto Fontanini de Mantova e subterraneamente afirma-se que seja obra de mentes próximas ao cardeal inglês Reginald Pole.

Interrompo-o logo:

— Imagino que não levará a mal se eu pedir algumas informações sobre assuntos da Itália, porque esta história de cardeais que citam Calvino não tem muito sentido para mim. E talvez o vinho não seja a melhor bebida para esta nossa discussão.

Arregala os olhos e enche mais um copo:

— Este é Chianti, senhor meu, pode beber quanto quiser e a sua

cabeça ficará cada vez mais leve. É engarrafado por meus pais, em um sítio perto do vilarejo chamado Gaiole. É um vinho que enalteceu a mesa de Cosimo de' Médici, entendeu? Uma bebida i-ni-gua-lá-vel!

Percebe o meu gesto e retoma:

— Vamos voltar ao assunto, compadre. O médico espanhol Miguel Serveto descreveu os italianos como diferentes deles em tudo: governo, idioma, costumes e traços somáticos. A única coisa que nos une seria a antipatia que sentimos uns pelos outros, a falta de coragem na guerra e a vanglória em relação aos transmontanos. Quanto à fé, é mais ou menos a mesma coisa: de um lado, há quem quer a conciliação com os luteranos, do outro quem apoia com firmeza a guerra contra a heresia e reaviva o Santo Ofício da Inquisição. Entre o povo, é muito difundido o ódio pelos padres e portanto a simpatia por aquela que todos chamam de “fé germânica”, mas poderíamos também dizer o contrário, entendeu? Como poderíamos também dizer que muitos camponeses ignoram o que é Trindade, comungam e confessam na Páscoa para agradar o pároco e no resto do ano vivem com as próprias superstições.

Tento imaginar a terra descrita pelas palavras de Pietro Perna, enquanto tomo o segundo copo daquele produto maravilhoso dele. A Itália: quem sabe se não é verdade que não posso morrer antes de visitá-la. Afinal, tenho a sensação que muito do que eu passei tenha partido de lá, incluindo o extermínio de Elói e dos Espíritos Livres, que exatamente a Inquisição denunciou a Carlos V como hereges, cidadãos perigosos e infiéis.

Perna não pára de falar, acompanhando toda frase de gestos eloquentes.

— A Liga de Smalkalde dos príncipes protestantes tem um embaixador em Veneza, entendeu? E não poucos gostariam que na Sereníssima República triunfassem as ideias luteranas. De toda forma, não pode perder uma cidade assim, compadre. Graças ao comércio, há tudo o que um homem rico pode desejar comprar, tudo que um espírito curioso pode desejar ver, tudo que a carne pode pedir à capital do meretrício, onde uma mulher sobre cinco é, ou foi, ainda que ocasionalmente, prostituta. Enfim, graças aos livros, há como engordar mais a bolsa, desde que tenha um pouco da coragem que, ao que parece, falta só a nós italianos

Terceiro copo:

— Desde que está falando em dinheiro, messer Pietro, vou lhe

dar uma ideia. Escreva um livro sobre Veneza, para que os ilustres europeus fiquem com vontade de visitá-la, e indique onde devem comer, onde devem beber, onde podem encontrar as acompanhantes, onde devem dormir. Tenho certeza que o livro terá muito sucesso e os proprietários dos lugares que o senhor mencionar saberão como recompensá-lo pela indicação.

Estica as mãos sobre a mesa e agarra as minhas antes que eu possa retirá-las:

— Compadre, ouça o que lhe digo, o senhor está desperdiçado aqui. Basiléia, sabe melhor que eu, é a cidade onde os pensadores mais inovadores, os heresiarcas mais perigosos, as mentes mais rebeldes da Europa, vêm para apagar o próprio rastro, descansar, respirar um pouco de paz. Tudo isto, seja sincero, não faz o seu gênero. O senhor é um homem de ação.

— Talvez. Mas passou bem pouco tempo desde a última ferida, a pele ainda precisa cicatrizar.

— Então beba, compadre, não há melhor unguento que este.

Quarto copo: a cabeça está leve mesmo.

## Capítulo 4

Basiléia, 28 de março de 1545

A casa de Johann Oporinus é suficientemente grande para conter-nos todos. A comunidade dos trãnsfugas que atracaram na Suíça é de uma vintena de pessoas, protestantes mais ou menos ilustres, cães soltos que conheceram as melhores mentes da Reforma: Amigos de Bucero, Enguia e Calvino, que exatamente em Basiléia fizeram publicar a primeira edição da *Institutio Christianae Religionis*.

Muitos desses literatos não concordam com os pais da Reforma quanto à constituição de uma nova organização eclesiástica. A escolha de Bucero em Estrasburgo e de Calvino em Genebra, aquela de transformar as capitais da Reforma em cidades igrejas, não é partilhada por todos. Muitos dos que fugiram para cá defrontaram-se com o ostracismo dos próprios mestres, hoje ocupados em reconstruir uma nova igreja que saiba substituir a velha: novos doutores que cuidem do ensinamento catequético, novos diáconos, novos pastores e idosos que protejam a vida religiosa e moral dos fiéis.

Disciplina é a palavra que hoje ressoa de uma ponta à outra das terras reformadas. Uma palavra que deixa insatisfeitos estes livres pensadores: gente incômoda para quem aspira à ordem e à hierarquia.

Oporinus nos convocou para falar a todos, não quis dizer o quê, mas acho que é sobre as vozes que circular quanto ao fato que o Concílio Ecumênico já várias vezes anunciado pelo Papa, será realmente realizado no fim do ano.

O único rosto conhecido é David Joris, até há poucos meses

dirigindo o anabaptismo holandês, que também chegou aqui com poucos seguidores, fugindo do aperto da Inquisição. Bocholt, agosto de 36: o concílio dos Anabatistas; Batenburg contra todos, contra Philips e Joris, lembro bem, a espada contra a palavra. Acho que ele não vai me reconhecer, passaram quase dez anos.

Vejo Pietro Perna escorregar para uma cadeira, um par de livros na mão, que agora folheia entediado, abanado a cabeça, como se estivesse confirmando uma péssima expectativa.

Sento-me também, um pouco afastado. Eu não tenho expectativa nenhuma, especialmente quanto ao Oporinus e àquela roda de amigos dele. Aprecio a atividade do nosso amigo editor: Paracelso, Serveto, Socini, são autores que podem trazer problemas, gente que Calvino está disposto a sacrificar, para galgar ao posto de novo Lutero. Mas este gênero de coragem não é suficiente, ainda que a época que vivemos não permita outro, lutei demais para entusiasmar-me ainda diante de uma disputa teológica.

O nosso hospedeiro pede com um sinal que abandonemos a conversa, quer assumir a palavra.

— Meus amigos — a voz é suave, o tom pacífico —, eu os convoquei hoje aqui porque considero útil para nós todos trocarmos ideias sobre o acontecimento que está se esboçando no horizonte. — Limpa a voz. — Deve ter provavelmente chegado até vocês a notícia da convocação de um Concílio com a participação de toda a cristandade dividida, para procurar um ponto de acordo e a possibilidade de uma reconciliação de todas as facções.

Leio a confirmação no rosto dos presentes, Perna boceja em um canto, trepado em uma cadeira demasiadamente alta, com os pés balançando.

Oporinus retoma:

— Pois bem, um acontecimento deste porte não pode deixar-nos de lado, como silenciosos espectadores. É muito provável que, para facilitar a intervenção dos melhores doutores do protesto luterano, o lugar escolhido para esse Concílio seja a cidade neutra de Trento, entre Roma e as terras alemãs, não muito distante da nossa Basiléia.

— Você quer que nos convidem todos ao Concílio? — O tom fica entre a ironia e a incredulidade, o aparte vem de uma das cadeiras na frente de Oporinus.

O editor abana a cabeça:

— Não estou dizendo isso. Mas talvez seja oportuno escrever

para Genebra para que Calvino e o pessoal dele saiba que não queremos ficar de fora, que queremos também dar a nossa opinião, talvez publicar alguma coisa, ainda que seja somente um documento a ser lido diante dos cardeais católicos. Poderíamos escrever a Serveto em Paris, fazer com que componha alguma coisa para a ocasião...

Da segunda fila levanta um homem pálido e magro, sotaque francês, Oporinus já deve tê-lo apresentado, mas não lembro mais o nome.

— Vocês acham mesmo que Lutero, Melâncton e Calvino vão querer participar desse Concílio?

— E porque não? Se os cardeais decidiram convocar um Concílio, significa que temem que a Reforma se alastre e estão dispostos a um compromisso, talvez à abertura para algumas instâncias...

Leroux, eis como ele se chama, animado:

— Se Lutero vai até o Concílio, não volta mais. E nem todos os outros. Se os papistas conseguirem tê-los todos sob a mira, não resistirão à tentação de prendê-los e queimá-los. Nós os conhecemos muito bem...

Cabeças que aprovam, alguns torcem a boca, Perna balança as pernas e folheia sem vontade os livros em seu colo.

Atrás do francês, Joris está em pé, alto e louro, agitando uma mão branca:

— Eu lhes digo que se Calvino e Lutero conseguissem colocar as mãos sobre alguns dos presentes, lhes reservariam o mesmo fim. O que nos interessa o Concílio? Admitindo que se realize de verdade, será uma armadilha para os tolos e se algum corvo de Genebra ou de Wittenberg entrar lá, eu não vou lamentar mesmo!

Oporinus intervém para aplacar os ânimos:

— Não, Joris, não diga isso. As desavenças que separam alguns de nós de Lutero e Calvino não devem impelir-nos a fazer de cada fio de grama um feixe. E quanto ao Concílio, não partilho de sua opinião.

O holandês encolhe os ombros e senta novamente:

— Deixem que aquele Concílio se realize, e teremos uma só opinião.

— O que quero dizer — prossegue o editor, sobrepondo-se ao falatório que o aparte do anabatista provocou —, é que Calvino e

Lutero farão de tudo para deixar-nos fora de toda negociação e, se obtiverem um acordo com Roma, será prejudicial para os que não estiverem plenamente incluídos nas propostas deles. O que será dos Michele Serveto, dos Lelio Socini, dos Sebastian Castellion? — O olhar de Oporinus percorre a sequência de rostos. — O que será de nós, irmãos?

Da cadeira mais externa, no fundo da fila, Serres, de Basiléia, intervém:

— Não haverá acordo, Oporinus, porque os papistas nunca cederão quanto à justificação *per opere*, e Lutero e Calvino, do outro lado, não estão dispostos a mover de um passo a justificação *unicamente pela fé*. Para eles significaria deixar ainda um espaço para o poder anticristão Papal, para as indulgências, a venda da fé...

— Não podemos saber disso com certeza absoluta, Serres. Existe mais de um cardeal na Itália que, pelo contrário, vê com bons olhos uma pacificação com os protestantes e aprecia a teologia luterana. Existe já uma literatura a este respeito, coisas simples talvez, mas que são sinais importantes. Todos vocês leram *O Benefício de Cristo*. Dizem que o autor seja um frade apoiado por importantes literatos italianos e até por um cardeal! Estes são os fatos, meus irmãos, não podemos ignorá-los. Se existe a possibilidade que este Concílio abra a brecha para uma aproximação e para uma reforma radical da Igreja romana, eu digo que não devemos deixar a iniciativa somente por conta de Calvino e Lutero. Arriscaríamos a nossa liberdade. — O olhar dele vasculha no conjunto de cabeças, até extrair a calva de Perna: — Gostaria de ouvir o seu parecer, messer Perna, o senhor mais que todos sabe dos assuntos italianos.

O pequenino distende os braços curtíssimos, não esperava ser chamado em causa, coça a testa e levanta, sem conseguir sobrepor-se às cabeças dos presentes.

Um longo suspiro:

— Senhores, ouvi palavras muito bonitas, mas nenhuma conseguiu chegar ao ponto central do problema. — Todos o olham, perplexos, propendidos para ouvir o insólito comentário do italiano. — Podem escrever ou encomendar as mais belas obras teológicas do século, se isso faz com que se sintam bem, mas não mudarão a realidade dos fatos. E a realidade, senhores, é que não serão as questões doutrinárias que marcarão o destino do Concílio, mas a política.

Desceu um silêncio sepulcral, o pequeno Perna desconhece meias medidas, percebo que está sendo arrebatado pela logorreia:

— Se este Concílio vai ser realizado, é por causa das pressões que o Imperador está exercendo sobre o Papa. É o Habsburgo quem quer reunir católicos e protestantes, porque o Império está escapando de suas mãos e o turco Solimão, homem que dizem consegue satisfazer vinte mulheres em uma só noite, e que não por nada é chamado o Grande, o está colocando em sérias dificuldades. Para Carlos V não importa como e sobre o quê os teólogos entrarão em um acordo, para ele interessa reunir os cristãos sob a bandeira dele para resistir aos Turcos e reassumir o controle das próprias fronteiras. — Abana a cabeça. — Agora, ouçam bem, lá em Roma existe um discreto número de cardeais que gosta muito de fogueiras. Mas não pensem que aqueles santos homens morrem de vontade de torrar Lutero, Calvino, Bucero, e todos os presentes. Porque, veja, até quando estes heréticos, como os definem, continuarem em circulação, eles poderão soltar a Inquisição à caça dos intelectuais mais incômodos, e primeiros da fila são os adversários políticos deles dentro da Igreja romana. Desde que o mundo existe os inimigos externos são cômodos para colocar em xeque os internos. Oporinus tem razão quando diz que há um partido de cardeais favoráveis ao diálogo com os protestantes, e é exatamente com estes que o Imperador conta para realizar o próprio projeto. Mas vejamos quem está do outro lado. — Perna conta nos dedos gorduchos. — Então, temos os príncipes alemães, o que corresponde dizer Lutero e Melâncton. Aqueles, exatamente para manter a autonomia em relação a Roma e ao Império, não estão de forma alguma interessados que os teólogos deles participem do Concílio. Pelo contrário, se no Concílio acabasse resultando que todos eles são apóstatas, o Imperador não poderia mais chamá-los à própria causa e deveria resignar-se com a perda dos principados alemães. Há, ainda, o rei da França, que significa todos os cardeais franceses: vinte anos de guerra estão aí, testemunhando a inimizade e Francisco I pelo Habsburgo. Precisa de mais alguma coisa para deduzir que os cardeais franceses votarão conta a hipótese de uma reconciliação? Enfim, há os cardeais romanos da Inquisição, aqueles que querem a linha dura e que são hostis ao diálogo com os protestantes.

Perna dá uma pausa, os rostos dos presentes estão atônitos, como se um urso mestrado tivesse entrado no recinto. Um instante e

o italiano retoma o ataque:

— O Concílio, senhores, será uma prestação de contas entre os potentados da Europa. Escrevam, escrevam, se quiserem, todos os tratados teológicos do mundo, mas não serão vocês, nem Calvino, nem Lutero quem jogará esta partida. Se quiserem sobreviver, deverão pensar em algo diferente.



— Messer Pietro, espere!

O pequenino pára de andar na lama, vira-se o suficiente para ver-me e fica imóvel no meio da rua.

— Ah, é o senhor. Pensei... — A distância não me deixa distinguir o resto da frase.

Chego ao lado dele:

— O que queria dizer? O que significa pensar em algo diferente?

O italiano sorri e abana a cabeça:

— Venha comigo. — Arrasta-me por um braço para a beira da rua, entramos em uma viela, que ridículo é do andar dele, é como se desse pulinhos, desenha um sorriso irreverente no meu rosto. Este homem tem o estanho poder de colocar-me de bom humor.

— Escute, compadre. Aqui não há mais o que fazer. Todos os seus amigos... — interrompe diante de minha mão erguida —, desculpe: todos os amigos de messer Oporinus, são pessoas ótimas, entendeu?, mas não irão a lugar algum. — Os olhinhos negros perscrutam as rugas do meu rosto à procura de alguma coisa. — As preocupações deles se esgotam nas divergências ou nos pontos de acordo entre o pensamento deles e aquele de João Calvino. E gente como eu, como o senhor, compadre, sabe muito bem que as alavancas do mundo são bem diferentes, entendeu?

— Aonde quer chegar?

Continua apertando o meu braço:

— Vamos, messer! Estamos brincando: precisa que um livreiro italiano diga a eles como estão as coisas? Isto quer dizer que aquelas belíssimas cabeças não enxergam além do próprio nariz! Escrevem tratados teológicos para outros doutores, entendeu?, e no dia em que virão buscá-los para amarrá-los a um poste com algum feixe embaixo, talvez abram os olhos! Só que será tarde demais. O que

estou querendo dizer, amigo meu, é que os jogos já estão feitos. Lá em cima, na Alemanha, você fizeram muito barulho, saiu muita pancadaria, e depois foram os holandeses, belos cabeças frescas, aqueles, doidos como cavalos, e agora os franceses e os suíços, e Calvino que se torna a estrela da revolta contra o papado. Tudo bobagem, messer meu, o poder, o poder, é por isso que eles se degolam. Entenda, não estou dizendo que o velho Lutero não acreditasse, nem que o galhardo Calvino não tenha plena convicção, mas eles são só peões. Se não fossem úteis para os poderosos, aqueles corvos negros não seriam ninguém, eu lhe asseguro, ninguém!

Liberto o meu braço, bêbedo de palavras. Perna encolhe os ombros e abre os braços incrivelmente curtos:

— Eu faço o meu trabalho, entendeu? Sou um livreiro, ando por aí, vejo um monte de gente, vendo os livros, descubro talentos escondidos sob montanhas de papel.... Eu propago ideias. O meu é o ofício mais arriscado do mundo, entendeu?, sou responsável pela difusão dos pensamentos, quicá os que mais incomodam. — Aponta para o lado da casa de Oporinus. — Eles escrevem e imprimem, eu propago. Eles acham que o livro tem valor por si só, acreditam na beleza das ideias em si mesmas.

— E o senhor não?

Um olhar de suficiência:

— Uma ideia vale se é difundida no lugar e no momento certos, amigo meu. Se Calvino tivesse imprimido a *Institutio* dele três anos antes, o rei da França o teria queimado no prazo de um bocejo.

— Ainda não entendo aonde o senhor quer chegar.

Saltita nervoso:

— Diabo, escute, não?! — Extraí da bolsa inseparável um livrinho amarelado. — Pegue *O Benefício de Cristo*. Pequeno, ágil, claro, cabe em um bolso. Oporinus e os amigos dele o veem como uma esperança. Mas sabe como eu o vejo? — uma pequena pausa para fazer efeito — Guerra. Este é um golpe baixo, este é uma arma poderosa. Pensa que seja uma obra prima? É um livro medíocre, enxágua e sintetiza a *Instituição* de Calvino. Mas onde está a força dele? No fato que procura tornar a justificação *unicamente pela fé* compatível com a doutrina católica! E o que significa isso? Que se este livro é difundido e obtém sucesso, quem sabe até entre os cardeais e os doutores da Igreja, talvez o senhor, e Oporinus, e os

amigos dele, e todos os outros, até o fim de suas vidas não sentirão mais o hálito da Inquisição aquecendo-lhes o pescoço! Se este livro obtivesse acolhida no meio da gente justa, os cardeais intransigentes arriscariam tornar-se minoria, entendeu? O livros mudam o mundo só quando o mundo consegue digeri-los.

Toma fôlego e me observa por um longo momento, depois de olhos apertados:

— E se o próximo Papa estivesse disposto a dialogar? E se fosse um daqueles contrários aos métodos do Santo Ofício?

— Um Papa é sempre um Papa.

Um gesto de desaprovação:

— Mas viver e poder continuar dando a própria opinião é bem diferente de morrer torrado.

Faz menção de recolher a bolsa e ir embora, mas desta vez sou eu quem o detém.

— Espere.

Ele pára. Olho para este pequeno homem que transpira astúcia e força por todos os poros. Há alguma coisa de Elói no brilho dos olhos, algo de Gotz von Polnitz na determinação da palavra.

— O que diria se lhe dissesse que não estou mais interessado em mudar coisa alguma?

Sorri:

— Diria que precisa partir logo para a Itália, antes que a lama desta cidade lhe sufoque a mente.

— Putas, negócios, livros proibidos e intrigas papais? É o que me promete?

Dá um leve pulo, enquanto se afasta tentando apressar-se:

— Existe mais alguma coisa que dá sabor à vida?

## Capítulo 5

Basiléia, 28 de abril de 1545.

— Ouvi dizer que está indo embora. Vamos falar de negócios?

Ri radiante e me faz entrar na sala, onde há uma lareira crepitando e duas poltronas nos esperando. A garrafa de vinho domina como sempre a mesa. Parece que estava à minha espera.

Esfrega as mãos, inclinado para frente, os ouvidos prontos.

Não consigo mesmo deixar de sorrir, diante deste homem.

— Se vou investir o meu dinheiro, vai ter que me explicar qual é a ideia.

Aprova com amplo movimento da cabeça:

— Claro, é sacrossanto. Mas em troca, quero que diga o que foi que o convenceu.

— Acho justo.

Saltita até à bolsa de viagem da qual extrai o livrinho amarelo.

— Está aqui: *O Benefício de Cristo*, do frade Benedetto de Mântua. Este é o negócio do momento. Foi imprimido em 43 em Veneza pelo Bindoni, que conseguiu vender alguns milhares de exemplares. Eu mesmo contribui para a difusão, o meu contrato com Bindoni me assegura a metade líquida dos lucros.

— Vamos à conclusão.

Assenta os pés e aproxima a poltrona à minha, a expressão esperta de quem sabe que pode vender casacos de peles aos suecos:

— Bindoni tem fígado, entendeu?, mas lhe falta dinheiro e uma visão mais ampla. Explico melhor: na República de Veneza não é difícil vender livros como este, digamos, não ortodoxos: os venezianos fazem questão de permanecer independentes do Papa

também quanto às disputas religiosas, senão o Bindoni não lembraria de imprimir o *Benefício*. Mas se uma pessoa esperta e com aquele mínimo de astúcia necessária para viajar pelo mundo, se encarregasse de andar pela Itália com algumas cópias, em Ferrara, Bolonha, Módena, Florença... entraria em um mercado potencialmente ilimitado.

— Hum. Precisaria aumentar a tiragem. O senhor tem certeza que esse Bindoni estaria disposto a atender-nos?

— E como não? Os venezianos têm faro para os negócios, e se ele não estiver interessado, acharemos outro facilmente, entendeu? Veneza é a capital da tipografia!

Fica mudo, procurando a minha aprovação de olhos arregalados.

Lá fora, um grupo de estudantes entoava uma canção vulgar, que se perde ao longo da rua.

Outras milhas, outras terras, cidades.

— Imagino que seria eu quem viajaria pela Itália com as cópias do livro.

— É um negócio que dividiríamos proporcionalmente, entendeu? Eu me encarregaria do Milanês e de Roma. O senhor ficaria com o Nordeste, a Emília e Florença. Mas é indispensável que alguém vá até Veneza para contatar os editores e colocá-los trabalhando no *Benefício*. Vá por mim, este livro pode vender dezenas de milhares de cópias.

Olho-o atravessado:

— Combati Lutero e os padres a vida toda, e agora deveria colocar-me a serviço dos cardeais apaixonados por Lutero?

— Um serviço bem retribuído, compadre. É útil para quem, como o senhor e eu, pensa que é melhor se os livros e as ideias continuam circulando livremente, sem tribunais da Inquisição no meio. Não estou pedindo para desposar os autores deste livro, mas ajudá-los a tornar a nossa vida mais fácil, e talvez salvá-la também, entendeu?

Novamente o silêncio, só o fogo e uma carroça que passa pela rua chiando. O italiano sabe o que quer, tem bons argumentos. Serve o vinho. Um suspiro, depois um tom quase fraterno:

— Amigo meu, quer mesmo passar o resto dos seus dias em Basileia? Não são chatas as discussões infinitas desta gente? O senhor é homem de ação, as suas mãos e o seu olhar transmitem isso.

Sorrio levemente:

— E o que mais lhe diz o meu olhar?

Voz baixa:

— Que já não lhe importa o rumo dos acontecimentos, mas uma paisagem desconhecida ainda o fascina. E é por isso que poderia embarcar no negócio. Senão não teria vindo aqui, ou estou errado?

Perna é um homem singular, grosseiro e tacanho, mas ao mesmo tempo profundo e refinado conhecedor do homem. Reúne a sabedoria doutrinal a um sentido concreto das coisas: uma mistura que raramente encontrei na vida.

Saboreio o vinho, o gosto forte enche a minha boca. Deixo que prossiga, já entendi que não é fácil refrear a língua dele.

— O senhor conheceu as letras e as armas. Combateu por algo em que acreditava e perdeu a causa, mas não a vida. Entenda, falo do sentido da vida que torna iguais pessoas como nós dois, a incapacidade de parar, de acomodar-se em qualquer buraco, à espera do fim; a ideia que o mundo nada mais é que uma praça à qual acorrem os povos e cada homem, individualmente, do mais inosso ao mais bizarro, dos cortadores de garganta aos príncipes, cada um com a própria história insubstituível, que já narra a história de todos. O senhor deve ter conhecido a morte, a perda. Talvez já teve uma família, em algum lugar, lá nas terras do Norte. Com certeza muitos amigos, perdidos pelo caminho e nunca esquecidos. E quem sabe quantas contas para saldar, destinadas a permanecerem abertas.

A luz do fogo lhe ilumina meio rosto, parece uma criatura de contos de fadas, um gnomo sábio e intrigante ao mesmo tempo, ou talvez um sátiro, que sussurra segredos ao seu ouvido. Os pequenos olhos dele brilham junto com as chamas.

— É disto que estou falando, entendeu? Da impossibilidade de parar. Não é justo. Nunca é. Poderíamos ter feito outras escolhas, há muito tempo, hoje é tarde demais. A curiosidade, aquela insolente, teimosa curiosidade de saber como a história vai acabar, como a vida terá o seu fim. É disto que se trata, nada mais. Não são só os ganhos que nos soltam pelo mundo, não é só a esperança, a guerra... ou as mulheres. Existe algo mais. Alguma coisa que nem eu nem o senhor poderíamos descrever, nunca, mas que conhecemos bem. Mesmo agora, mesmo no momento em que lhe parece ter-se afastado demais de tudo, está chocando a vontade de conhecer o fim. De ver mais. Não há mais nada a perder, quando já perdemos tudo.

Um sorriso ausente deve ter permanecido impresso em meu rosto pelo tempo todo. No entanto nasce da sensação de estar ouvindo o conselho de um velho amigo.

Ele toca o meu braço:

— Amanhã parto para Milão, vender os livros de Oporinus. Ficarei por lá um pouco para resolver alguns negócios que deixei em suspenso. Depois vou deslocar-me para Veneza. Se a minha proposta lhe agradar, o encontro fica marcado na livraria de Andrea Arrivabene, no emblema do poço, lembre deste nome... Por que está rindo?

— Nada, estava pensando nas coincidências da vida. Do poço, o senhor disse?

— Exatamente. — Ele me olha, perplexo.

Esvazio o copo. Ele tem razão: quarenta e cinco anos e mais nada a perder.

— Não se preocupe, estarei lá.

*Carta enviada a Roma de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 13 de maio de 1545.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa em Roma.

Senhor meu honradíssimo, escrevo a Vossa Senhoria para comunicar que a partida já começou. Reginald Pole decidiu movimentar a primeira peça.

Como certamente deve ser do seu conhecimento, Sua Santidade Paulo III encarregou Pole de redigir um documento ilustrando as intenções do Concílio, em vista de sua próxima abertura no mês de dezembro.

Pois bem, justamente hoje, tive a oportunidade de ouvir uma conversa entre o inglês e o Flamingo, versando sobre o conteúdo de dito documento, cujo título é bem neutro: *De Concilio*.

Parece que o primeiro assunto introduzido pelo inglês seja exatamente a definição da doutrina da justificação. Para expor o problema, ele empregou tons leves e aparentemente inocentes, que não deixam de ser tendenciosos, endossando já uma certa compatibilidade entre a doutrina protestante e a católica. Assim, é certo que o cardeal pretende empenhar logo de início os padres conciliadores, na busca de um compromisso com os luteranos.

A impressão e difusão do *Benefício de Cristo* emergem hoje sob a luz que lhes corresponde: a de uma estratégia ponderada.

De dois anos para cá, o Pole e amigos conseguiram difundir as próprias sementes de ideias cripto luteranas através daquele maléfico panfleto, assim como desencadear a discussão sobre o seu conteúdo, e agora esperam colher os frutos em Trento.

Que Deus Todo Poderoso nos proteja de tamanha desventura, iluminando a alma do meu senhor e aconselhando-lhe as indispensáveis ações preventivas.

Beijando as mãos de Vossa Senhoria, recomendo-me aos seus cuidados.

de Viterbo, no dia 13 de maio de 1545  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

## O diário de Q.

Viterbo, 13 de maio de 1545

No afresco, sou uma das figuras de fundo.

No centro, sobressaem o Papa, o Imperador, os cardeais e os príncipes da Europa.

Aos lados, os agentes discretos e invisíveis, que aparecem por detrás das tiaras e das coroas, mas que em verdade regem a inteira geometria do quadro, o preenchem e, sem deixar que sejam percebidos, permitem que aquelas cabeças ocupem o centro.

Com essa imagem em mente, decido escrever estas anotações.

Em toda a minha vida, nunca escrevi para mim; não há página do passado que possa comprometer o presente; não há sinal algum da minha passagem. Nem um só nome, nem uma só palavra. Simplesmente memórias que ninguém pode acreditar, porque são de um fantasma.

Mas agora é diferente: hoje talvez seja mais difícil e arriscado que em Münster. Os anos italianos ensinam que os palácios são mortíferos como os campos de batalha, só que aqui dentro os sons da guerra são mitigados, absorvidos pelo falatório das negociações e pelas mentes sagazes e assassinas destes homens.

Nada é o que parece nos palácios romanos.

Ninguém pode abranger o quadro em seu conjunto, ver contemporaneamente a figura e o fundo, o objetivo final. Ninguém exceto aqueles que seguram os fios daquelas tramas, homens como o meu senhor, como o Papa, como os decanos do Sagrado Colégio.

Pró memória: entender, anotar, não abandonar detalhes

aparentemente irrelevantes, que poderiam constituir as chaves de acesso a uma inteira estratégia.

Os elementos do quadro: um livro perigoso; um Concílio iminente; um homem poderosíssimo; o servidor mais secreto.

### *Sobre o Benefício de Cristo*

O livro foi editado há quase dois anos. Desencadeou polêmicas (o cardeal Cervini já o proibiu na diocese dele). Apesar de tudo, continua circulando livremente e, aliás, goza de grande difusão.

Os “viterbenses” continuam dissimulando, mas se preparam para levar as teses do livro ao Concílio de Trento (Reginald Pole: “Há tempos e lugares certos para as ideias, que escolhidos com cuidado podem impedir que os novos tribunais as barrem”). Pole espera vencer Carafa no tempo: a difusão das ideias reformadas contra a construção da Inquisição.

*O Benefício de Cristo* pode ser uma arma de duplo gume que fere quem a forjou? E como?

Fazer com que o Concílio o excomungue logo e desmascare os autores? Atribuí-lo a Pole e à sua roda de amigos?

Não, o inglês negaria tudo, a credibilidade dele é demasiadamente alta para acusá-lo de heresia, além disso não há prova que ele tenha redigido o livro. Se ele conseguisse justificar-se, sairia mais forte que nunca. O meu senhor sabe disso; é um homem prudente demais para conceder uma oportunidade desse tipo ao maior adversário.

Melhor é: tecer uma teia, onde um após o outro cairão todos os cardeais que olham com simpatia para os reformados. Um livro que passa de mão em mão, de biblioteca em biblioteca, e contamina os que o tocam. E ao recolher a rede, pegar todos os peixes grandes de uma só vez. Melhor deixar que circule, mesmo se o Concílio o excomungar, deixar que os amigos de Pole o leiam, fiquem fascinados, assim como estão fascinados por aquele belo intelecto inglês. Enquanto isso Carafa trabalha, constrói passo a passo a máquina que lhe permitirá prendê-los todos de uma só vez. É, é

assim que raciocina o meu senhor. Mas um jogo assim pode escapar das mãos, tornar-se grande demais, mesmo para a mente ubíqua dele.

### *Sobre o Concílio*

29 de junho de 1542: publicada a bula papal de convocação do Concílio ecumênico.

21 de julho de 1542: bula papal *Licet ab initio*, que institui a Congregação do Santo Ofício da Inquisição.

Entre estas duas datas, retomada da guerra entre Carlos V e Francisco I.

Ao que parece, se não é Concílio, é guerra, de exércitos ou de intelectos, não faz muita diferença.

*De Concilio*: uma defesa velada das teses do *Benefício de Cristo*. Os cardeais Espirituais querem transformar o Concílio de Trento na sede privilegiada para enfrentar a questão da justificação. O Concílio deveria tornar-se a força contraposta à Inquisição, que está engrossando sob a guia astuta de Carafa. Não há dúvida que o meu senhor fará de tudo para que as teses do *Benefício* sejam condenadas antes de serem discutidas.

### *Sobre Carafa*

É o caso de perguntar-nos o que encontraria André Vésale, o anatomista, dentro deste homem cujo olhar parece voltado para um horizonte muito longínquo, além desta terra. Talvez todo o temor que ele incute. Ou a graça divina da mente inexplorável do Criador, sob as ocultas feições da crueldade.

Mas, quem é ele?

Patrão meu e monge, mestre de simulação e dissimulação, de progênie nascida para comandar, bispo antes e depois pobre *teatino* membro da Ordem de S. Caetano por voto. Inimigo do Imperador, que segurou quando criança no colo, mas já desprezava; de intuito que pareceria diabólico, se não soubéssemos da fé dele; sumo

arquiteto do Santo Ofício, renascido por obra dele e às ordens dele, cujos segredos e objetivos tutela, e faz crescer como uma prole amada, com imensa energia, na idade em que a maior parte dos homens já transcorre há muito tempo entre vermes e terra; apóstolo do que mais o exalta: a guerra espiritual, luta interna e externa, sem quartel, contra a sedução da heresia da forma que se apresentar.

Mas, quem é ele?

*Sobre mim*

O olheiro de Carafa.

## Capítulo 6

### Passo de São Gottardo, 17 de maio de 1545

Não devia ter feito isso. Voltarei a controlar os gestos, a mente?  
Ridícula, sublime, assustadora visão.  
Ou abandonar-me por completo?

Os bosques ondulados do Mittelland até atingir o Aare, depois lentamente sobre a plana e ampla barcaça passando Olten, Suhrsee e finalmente Lucerna, na extremidade profunda do escuro lago dos cantões, onde cruza o Reus. Daí, o dorso de uma mula, aliás duas, uma para a bagagem e os livros de Perna, entre as centenas que sobem pelas encostas do turvo Monte Pilatus, bufando sobre picadas frequentemente intransitáveis, mas densas de trânsito e humanos e carros e animais. Subindo e descendo neste tráfego obrigatório de encostas batidas pelo sol e campos alpinos, de florestas selvagens e esplêndidas, contornadas de picos aguçados, nítidas de ar pungente cortado nas extremas alturas pelas asas do falcão peregrino. Límpida manhã de primavera, provo a tônica embriaguez da alta cota. Observo a transposição improvável para um novo horizonte, o passo que de Andermatt leva a Airolo, São Gottardo que aponta para o solo italiano.

Devo ter enlouquecido. Um velho sem juízo que destas montanhas rola para o grande bordel do mundo voltado de frente para o Turco.

Extravagante e sublime visão.

Pânico que irradia torpor aos membros. Um cervo passa

fulmíneo por entre as árvores.

Poderia morrer agora. No êxtase de uma terrível euforia, na paralisia do sol quente acariciando os músculos envelhecidos e doloridos. Agora. Sem saber quem sou. Sem um plano, e com dois pesados sacos de livros. Antes que a absurda inércia reapareça, que o insensato intelecto volte à sela daquela mula. Duas bolsas. Olho para os escarpados vales italianos que precedem a planície, até o mar. Para encontrar os espectros, sob o emblema do Poço. Venha comigo, cobridor de telhados, porque não sei quem sou. E as minhas pernas já não são mais seguras. Agora.



**Bérgamo, República de Veneza, 25 de maio de 1545**

Então umas poucas tragadas destas longas folhas enroladas, os aromáticos charutos de além mar que tinha trazido comigo das terras holandesas, e aqueles cumes, podem provocar tão intensas e desequilibradas emoções?

Ainda estou perturbado. Mas de um medo igual ao da vertigem pelo desnorreamento, ao fascínio pelo desconhecido e possibilidade extrema, pelas regiões inexploradas e pela visão profunda. Diferente da embriaguez pelo vinho, cerveja ou aguardente. Sem aqueles fumos e a amálgama dos pensamentos e a logorreia insensata.

Um outro ser dentro de você. Que leve desvanece, sem deixar rastros no corpo, mas inalteradas as perguntas.

Ao longo do Ticino até um pequeno lugarejo: Biasca. De lá, acompanhado de um guia, através das picadas de montanha, a Leste para Chiavenna, superando os vales Calanca e Mesolcina, a pedido do Perna, para entregar livros aos grupos de proscritos reformados que da Itália do Norte afluem para a República Rética.

Nas margens do rio Mera, um lugar impérvio e ao mesmo tempo pantanoso, em parte obstruído por antiquíssimos desmoronamentos, onde a terra se confunde com as águas do lago de Como, montanhas estéreis e altíssimas que dificultam o acesso. Chiavenna, a chave dos vales, se não fosse por sua posição estratégica e autonomia que lhe permite constituir um refúgio, um lugar a ser desaconselhado ao

viajante.

Dois dias de parada para descansar os ossos das marchas alpinas, e novamente para o Sul, até o ponto em que o Adda se joga no lago Lário. Meio dia de travessia até Lecco, nos confins com o território da Sereníssima.

Daqui, depois de tanto subir e descer, o caminho corre reto, através da planície, até Veneza. Com um bom serviço de interligação, quatro dias de viagem.

**Veneza**

## Capítulo 7

Veneza, 29 de maio de 1545

À primeira vista, de longe, ainda incerta envolvida nos véus de neblina que fazem do sol um disco esbranquiçado, você não sabe se a miragem está no mar que está singrando, ou se é terra firme, se os palácios e as igrejas apoiados sobre a água, são na verdade rochedos de formas arquitetônicas.

Depois a embarcação segue por um amplo canal. Janelas, sacadas e jardins dançam como manchas de cor e se difundem pelas margens.

Aos lados abrem-se caminhos navegáveis por uma só embarcação de cada vez, alguns tão estreitos que os telhados das casas parecem tocar-se, impedindo aos raios de sol de filtrar. Perna falou-me de igrejas, de palácios, de praças e bordéis; mas nunca pensei no milagre das ruas de água, o número impressionante de barcos de toda forma e dimensão que substituem as carroças, as liteiras e os cavalos. Esta cidade parece desconhecer a roda, o passeio aglomerado das ruas principais, construção absurda que desafia toda lógica de arquitetura e parece boiar sobre o mar, tanto que faz empalidecer Amsterdã e as terras da Holanda, arrancadas do oceano pela tenacidade das gentes do Norte.

As gaiotas rasgam o céu pálido e encontram apoio nos postes robustos, densos, frequentemente coloridos e decorados de brasões, que despontam, como troncos em um bosque, do fundo do mar e servem de amarra para barcos das mais variadas formas e dimensões.

O horizonte apertado aos poucos vai-se abrindo, e abraça mais

uma ilha, à direita, e um conjunto majestoso de construções em cores opacas, das quais sobressai altíssimo um campanário robusto, esquadriado, pontiagudo como uma flecha.

À esquerda abre-se outra via de água, verdadeira rua flutuante, com os portões e os degraus dos palácios diretamente mergulhados nas vagas, como nunca vi em país algum que tenha um rio ou alguma coisa parecida. A cidade e o mar parecem ter crescido juntos.

A embarcação pára, quase sob a magnífica sacada de um palácio todo revestido de mármore rosado, ao lado de uma coluna com a estátua do Leão alado e daquele que deve ser o palco das execuções capitais. Os instrumentos e os símbolos do poder da Sereníssima são as primeiras imagens exibidas ao estrangeiro.

Mas assim que se coloca o pé em terra, encontra-se uma impressionante confusão, o vaivém de pessoas, os gritos, as aglomerações, as saudações, as brigas; talvez o único elemento que separa o mar, lugar de ruídos abrandados, do resto da cidade.

Assim que eu coloquei o pé em terra, não sei por quais características, sou imediatamente reconhecido como estrangeiro de língua alemã e rodeado por uma vintena de jovens que se esforçam para explicar-me como seja impossível andar por Veneza sem conhecê-la profundamente, como seja grande o risco de perder-me, de acabar em má situação, de perder com o câmbio; e enquanto relacionam gentilmente esses riscos procuram de todas as formas enfiar as mãos em minha bolsa.

— Magnífico senhor, por aqui, por aqui, venha comigo, grande senhor, quer um lugar para dormir? Quer? Venha comigo, ilustríssimo, posso mostrar-lhe a mais bela cidade do mundo, onde está a sua bagagem, magnífico? No posto de troca? Lugar feio, meu senhor, não digno de um grande homem.

A voz sai de uma boca toda desdentada e lembra decididamente aquela de um velho, mas o jovem que por algumas moedas ofereceu-se para mostrar-me a cidade não deve ter mais de quinze anos.

— Venha, venha, quer tomar vinho? Não? Quer uma mulher? Aqui você encontra as mulheres mais bonitas desde Constantinopla até Lisboa, baratas, senhor, não caras, não, venha, quer uma mulher? Eu vou levá-lo onde estão as mais lindas, limpíssimas, nada de

doenças, não não, muito jovens. Está aqui a negócios, nobilíssimo? Seda? Especiarias? Não? Vou levá-lo ao lugar certo, aqui perto, venha, belíssimo lugar, grandes senhores como você, mercadores, venha...

Enquanto atravessamos a praça, a língua dele não pára, dirige-se em veneziano a quem tenta aproximar-se, mantendo-o à devida distância, levando uma mão ao peito para dizer que o estrangeiro é dele, que ninguém o toque.

— Siga-me, senhor, em um instante estamos em Rialto e no Empório dos Alemães. Lá pode trocar todo o dinheiro, negociar, é. Mas se quiser ficar satisfeito, eu estou aqui: lhe dou cinco ducados por trinta e dois florins de peso regular.

Praça São Marcos não parece pertencer a uma cidade, mas é o salão de danças de algum palácio, o convés coberto de uma grande embarcação, o mastro principal é aquele campanário robusto, largo na base e estreito no alto, e a torre com o relógio é o castelo de proa, sob o qual passamos agora, com os dois almirantes em cima prontos para fazer o grande sino dobrar.

— Aquela é a sede dos Procuradores de São Marcos, grandes magistrados da República, chama-se Procuratie. Agora vamos para o Comércio, quer comprar tecidos? Especiarias? Eu lhe digo onde pode comprar e vender por um bom preço. Quer fazer negócios em Rialto? Então fique perto de mim e não se deixe enganar pelos vendedores, gente horrível, nobilíssimo, desonesta.

Não tenho certeza se entendi tudo que aquele jovem disse. Fala olhando para frente, sem virar muito o pescoço, em uma língua que mal reconheço e no meio de um saltitar indescritível de rostos e de vozes. Balbucio um pedido de prosseguir e em um instante encontro-me cinquenta passos atrás dele, de nariz para o alto, como uma rolha na correnteza. Observo os rostos das pessoas que lotam estas ruas estreitas de lojas e bancas; escuto os dialetos e as cadências mais estranhas, uma língua que parece eslava, outra que diria árabe.

Esta ruela calçada me joga para longe do mundo que conheci até agora. Já outras vezes farejei o cheiro das especiarias, em diversas oportunidades aspirei a fumaça do tabaco, mas nunca como agora tive a sensação de estar em uma encruzilhada de lugares possíveis. Um *suk* de Constantinopla, um porto do Catai, um posto de troca em Samarcanda, uma festa pelas ruas de Granada.

— Grande senhor, então, quer comprar alguma coisa? Pergunte

para mim, eu o aconselho.

O guia já me reencontrou e me puxa violentamente pelo braço. Observa-me com expressão estranha; tenho a impressão que comece a duvidar das minhas capacidades mentais.

— Veja, excelentíssimo. Isto, que em todas as cidades da Itália é chamado *piazza*, aqui em Veneza você diz *campo*, e as ruas, as estradas, são *calle* bem estreitas, e *fondamenta* na beira do canal, e *salizada* e a *ruga*...

A rua reencontra a água em correspondência à embocadura de uma imponente ponte em madeira. Pelo número de navios ancorados nas duas margens do canal, à direita da ponte, e pelo movimento incessante de carregamento e descarregamento de mercadorias, parece que chegamos mesmo no coração do comércio da Sereníssima.

— Rialto, senhor!

Uma esplêndida ponte de madeira com a parte superior que se ergue, para dar passagem aos navios maiores.

À direita um edifício com arcadas enorme, as paredes externas com afrescos por toda a extensão.

— Pintados por Giorgione, eminentíssimo, e pelo aluno dele, Tiziano, conhece? Não? Grande maravilha, senhor... Pintores famosos, Tiziano retrata o Imperador.

No pátio interno, o ruído indistinto que emana das intensas negociações comerciais é composto, no mínimo, de quatro dialetos alemães. Gente do Norte, cabeças louras, bigodes pendentes, e botequins de cerveja.

— O Empório dos Alemães, nobilíssimo, para os seus negócios. Bancos, agentes, ricos. Vê aquela agência lá embaixo? Fugger, os maiores banqueiros do mundo, conheço o agente, posso apresentá-lo, senhor, se quiser, é meu amigo, eu arrumo as putas para ele, ele me ensina a sua língua...

— Se eu quisesse encontrar alemães, teria ficado na Alemanha, você não acha?

— Certíssimo, senhor, não interessa o comércio, melhor o prazer, não? Putas belíssimas...

— Um lugar para acomodar-me. Cama decente, comida decente.

— Onde não chamar a atenção? Certo, magnífico, está feito, venha, eu o levo, um lugar discreto, boa cozinha, boas camas e boas mulheres... muito boas mulheres, nada de perguntas. Corte

Rampani, em São Cassiano, venha, não é longe, do outro lado da ponte, dona Demetra vai ficar contente em conhecê-lo, um senhor importante como você...

— Calle de' Bottai, magnífico senhor, estamos chegando.

— Há putas por todo lugar. As mulheres desta cidade não têm outro ofício?

— Não tão rentável, senhor. O Conselho queria confinar os bordéis em Corte Rampani, mas não havia lugar para todos, então, como podemos dizer, fechou um olho, certo? Pronto, esta é a hospedaria do Caratello. Vou anunciar o meu senhor à dona Demetra.

As duas moças que estão na soleira dizem alguma coisa em veneziano, amplos sorrisos e tetas que transparecem sob os vestidos suficientemente sucintos. É uma casa de madeira e alvenaria, de três andares. Sobre a porta sobressai um emblema representando um pequeno barril. O guia entra, deixando-me na companhia das jovens putas.

— Alemão?

Respondo com uma meia reverência, retribuída por ambas. Aquela que parece mais jovem procura as palavras em meu idioma.

— Mercador?

— Viajante.

Traduz para a amiga e as duas riem juntas.

Descobre uma teta farta:

— Quer?

No tom mais gentil que consigo:

— Agora não, querida, preciso descansar os velhos ossos.

Não sei se entendeu, mas encolhe os ombros e torna a cobrir-se.

A pequena clareira na floresta de casas é interrompida por uma ponte, aparentemente muito fraca para sustentar o peso de dois homens. Embaixo, o canal lodacento escorre tranquilo. Percebo que perdi totalmente a orientação, percorremos um dédalo de vielas, pontes, praças e tenho quase certeza que não andamos em linha reta, nesta cidade seria impossível.

O guia aparece na porta, fazendo-me o sinal de entrar.

É um lugar grande, uma taberna, com enormes tonéis

enfileirados ao longo do muro, uma boa lareira e mesas no meio.

É uma mulher ao redor dos quarenta que vem encontrar-me e à qual faço uma reverência, cabelos escuros e um perfil afiado, traços exóticos, que falam do Mediterrâneo.

— Sou dona Demetra Boerio. O jovem Marcos diz que procura um alojamento, messere. Seja bem-vindo.

Dirigiu-se a mim em uma língua estranha, mas compreensível, alguma coisa em latim culto, que revela estudos discretos, mas a saudação foi em alemão.

Escolho o latim:

— Sou Ludwig Schaliendecker, alemão. Gostaria de ficar por uns dias.

— Todo o tempo que quiser. Temos camas cômodas e os quartos não são caros. Marcos disse que deixou a bagagem na estação. Não se preocupe, mandarei o rapaz buscá-la, podemos confiar nele, trabalha para mim desde que era criança.

As coisas estão ficando mais claras e me arrancam um sorriso.

— Quando a bagagem chegar aqui, pagarei o quarto adiantado.



Marcos o desdentado deixa cair a bolsa no chão e enxuga o suor dos olhos com a manga.

O ducado de ouro logo apaga o cansaço do rosto dele.

— Obrigado, generosíssimo senhor, mil vezes obrigado. Se precisar de mais alguma coisa, peça para mim e ficará sempre satisfeito.

— Por enquanto só quero uma indicação. Preciso ir a um lugar.

Ilumina-se:

— Diga, diga, senhor, conheço Veneza inteira, quer ir a algum lugar? Eu levo quando quiser.

— Não agora. Você conhece a livraria de Andrea Arrivabene?

— Arrivabene o livreiro, claro, senhor, fica no Comércio.

— No emblema do poço?

— Certo, nobilíssimo, pouco tempo a pé, além da ponte de Rialto. Quer ir até lá?

— Amanhã. Agora quero descansar.

Sai inclinando-se várias vezes.

Pela janelinha vejo as grandes cúpulas da Catedral e o campanário. Então foi lá que desembarquei. E de qualquer forma atravessei o labirinto desta cidade bizarra que agora me separa de São Marcos. Não saberia por onde começar, se quisesse percorrer o caminho de volta. Arriscaria encontrar-me a poucos passos da enorme igreja sem poder vê-la e acabar quem sabe onde. E é exatamente esta a sensação que prevalece: poder continuar caminhando infinitamente sem chegar a lugar algum, ou então em lugares nem imaginados, escondidos. A maravilha o espera atrás de cada esquina, no fundo de toda via.

Veneza. Mercadores, putas e canais, ao lado dos afrescos, das igrejas, dos palácios, dos embarcadouros. Perna tinha razão: respira-se contraste e possibilidade no ar úmido destas ruas.

A cama é cômoda, as pernas precisam descansar. Da Catedral até aqui, a distância nem é tão grande, mas todo aquele sobe e desce das pontes, aquelas vielas tortuosas. A primeira coisa a fazer é arranjar um barco.

## Capítulo 8

Veneza, 1º de junho de 1545

Pietro Perna chegou à cidade. Deixou uma mensagem para mim na Livraria do Arrivabene, marcando encontro na loja de Jacopo Gastaldi, um pintor ao qual deseja encomendar um quadro.

O mestre está ensinando um dos aprendizes sobre a cor a ser usada para completar um desenho.

— Messer Perna não chegou? — pergunto na porta.

Um sinal de cabeça convida-me a entrar. A tela sobre o cavalete é bem grande e retrata Veneza, vista como em um voo de ave, incrível labirinto de água e terra, pedra e madeira, habitada no mínimo por cento e cinquenta mil pessoas das mais diferentes raças, com igrejas em número superior a cem, sessenta e cinco mosteiros e talvez oito mil casas de meretrício.

Por alguns instantes eu também a sobrevoo.

Impressiona logo a ausência de muralhas e de portões, de torres de defesa e bastiões. A água da laguna parece suficiente para desencorajar os piores inimigos. Muitos palácios, por outro lado, são altos como ou mais que qualquer muralha e poderia apostar que serão necessárias todas as cores da paleta para justificar as pinturas e os mármoreos que preenchem todas aquelas fachadas.

Com a permissão do Gastaldi, engano a espera percorrendo as pinturas, acabadas e ainda em andamento.

Um quadro bem menor que o anterior representa um canal cheio de embarcações: desde a galé mais imponente, com remadores negros, ao mais simples barco, de um só remo. Na margem, distingue-se um turco, com o cafetã ornado de arabescos, e pelo

menos três mulheres, inconfundíveis, porque realçam do povo graças àqueles tamancos altíssimos que as vi calçando, louras, como são louras quase todas as moças daqui, não de nascença, como na Alemanha, mas graças ao hábito de expor os cabelos ao sol, banhados de essências e estendidos sobre aqueles estranhos chapéus de aba larga, mas sem cúpula.

Atrás desta, há outras duas telas, de dimensões idênticas. Dois retratos incompletos: um de mulher e aquele de um magistrado. A mulher está cheia de joias da cabeça aos pés, até pendentes de ouro nas orelhas, segundo o costume das fêmeas de Veneza de expor em todo o corpo um número absurdo de joias, pérolas e pedras preciosas. O magistrado veste uma toga de tonalidade forte, que deveria indicar a participação de uma das numerosíssimas congregações do sereníssimo governo.

Da blasfêmia às rixas, dos forasteiros à vida noturna: não há faceta da vida dos venezianos que não seja regulada por uma magistratura específica. Pietro Perna sustenta que o sistema é realmente muito complicado, tanto que o povo praticamente desistiu de entendê-lo e se abstém de protestar e contestar o poder, direcionando todas as tensões para os jogos mais brutais, como a caça aos touros, e as rixas tradicionais entre Castelões e Nicolaístas, pela conquista de uma ponte, com socos e pauladas.

Uma moldura preciosa, com estuques e entalhes, envolve um quadro um tanto misterioso: a laguna aparece cheia de embarcações de todo tipo, entre as quais ressalta uma, cheia de festões e cores, do alto da qual um homem, que poderia ser o Doge, faz um gesto estranho na direção do mar aberto.

— Interessa-se por pintura, compadre? — A voz estrídula de Perna me surpreende por trás. — Ou é o tema da tela que o surpreende?

Indico a figura no centro da pintura:

— O Doge, não é?

— Em sereníssima pessoa, no ato de casar com o mar, jogando um anel de ouro entre as ondas, como é tradição na festa da Sensa, a Ascensão da Virgem. Os venezianos são loucos por este gênero de rituais. — Aperta a minha mão e abre-se em um sorriso: — Bem-vindo a Veneza!

— Feliz em revê-lo, messer Pietro. Agora que está aqui, espero que me dirija neste labirinto, ainda não consegui orientar-me. E se

em troca puder ser útil em alguma coisa...

O olhar circunspecto, chega bem perto:

— Bom, poderia, poderia... é por causa de uma senhora, entendeu?, tenho uma carta aqui, mas não posso entregá-la à doméstica dela, porque se o marido me visse, ficaria particularmente nervoso. Estive pensando se o senhor não poderia fazer a gentileza... Sem chamar muito a atenção, claro.

— E vai me oferecer finalmente o jantar que prometeu em Basileia?

— Peça e lhe será dado, amigo meu, um coração louco de amor não liga para despesas!

## Capítulo 9

Veneza, 12 de junho de 1545

A confusão que vem de baixo me faz pular em pé. Gritos, cadeiras reviradas. Alguém sobe as escadas correndo. Pego o punhal.

A porta escancara, os olhos aterrorizados de Marcos me fitam.

— O que está acontecendo?

— Grande desgraça, senhor, terrível... Quer matá-la, tenho certeza que quer matá-la! — A falação continua em veneziano.

— Não entendo nada. O que está acontecendo!?

— O Mulo, senhor meu, o Mulo está lá embaixo, com mais dois, quer castigar dona Demetra, Deus Santíssimo, ele vai matá-la!

Empurro-o para fora do quarto.

— Quem é o Mulo?

— Ele administra as putas da calle de' Bottai, diz que dona Demetra roubou as moças dele... — O resto fica incompreensível.

Desço as escadas. Na taberna, parece que passaram os lansquenetes: mesas reviradas, cadeiras quebradas. As moças apertam-se em um canto apavoradas, três homens em pé, um com uma faca na garganta de dona Demetra.

Cinco passos me separam do que está mais perto: trinta anos no máximo, um bastão pontiagudo na mão. O mais forte segura dona Demetra pelos cabelos, a lâmina encostada na pele, o terceiro está na porta.

Eles me veem. O grandalhão diz alguma coisa em veneziano. Cara boba assassina. É o chefe.

Aquele com o bastão avança, um golpe desastrado, paraliso o braço dele e quebro-lhe o nariz com uma cabeçada. Vacila para trás

surpreso. Recolho o bastão, olho o Mulo nos olhos e cuspo no piso.

Ele faz uma cara feia. Joga dona Demetra ao chão e grita alguma coisa, com o indicador em riste.

Tenta aproximar-se: quebro o bastão em seu ombro e, com o pedaço que ficou, acerto-o no estômago. Ele agacha, machuquei.

Saco o punhal e o encosto em uma narina dele, a cabeça segura pelos cabelos.

Uma olhada aos outros dois: as mãos no nariz escorrendo, fora da jogada, o segundo já está pensando em ir embora, o olhar dele diz isso.

— Marcos!

O menino está atrás de mim:

— Santodeus, senhor, quer matá-lo!?

— Diga-lhe que se aparecer de novo por aqui, arranco a cabeça dele.

O menino resmungava alguma coisa em veneziano.

— Diga-lhe que se tocar em dona Demetra ou em uma das moças dela, eu vou procurá-lo para arrancar-lhe a cabeça.

Marcos cria coragem e insere a raiva que faltou em minha ordem.

Empurro o Mulo para fora, o último arremesso vem de um pontapé no traseiro. Os dois compadres seguem atrás dele.

Dona Demetra levanta, arruma a roupa e os cabelos.

— Agradeço-lhe, senhor. Nunca poderei retribuir pelo que fez.

— É suficiente que me diga em quem eu bati, dona Demetra, e estaremos quitados.

Recolhe uma cadeira, enquanto as moças a cercam de atenções e Marcos lhe traz água.

— O Mulo tem a posse dos bordéis de calle de' Bottai.

— E a odeia tanto assim?

Solta os cabelos:

— Algumas das moças que trabalhavam para ele decidiram ficar comigo. Não estavam satisfeitas com o tratamento que o Mulo lhes dispensava. Pagamento minguido e cintadas, não sei entende...

— Posso imaginar, não tinha a aparência de um cavalheiro.

Dona Demetra sorri:

— Os cavalheiros podem fazer coisas até piores, senhor meu, e é por isso que a sua intervenção de hoje não basta para prevenir todos os riscos do ofício.

— Entendo. Enquanto estarei aqui, então, dona Demetra, espero que aceite os meus préstimos.

## Capítulo 10

Veneza, 20 de junho de 1545

Pietro Perna apanha uma fatia de pão com manteiga e, entre uma mordida e outra, parte para a descrição do prato principal da noite.

— Senhores, uma pequena aula de como a arte culinária destas terras soube dar sabor e renovar uma típica receita de além dos montes: o bacalhau seco. Os nossos amigos nórdicos limitavam-se a ferver este peixe depois de mantê-lo de molho por dois dias. — Aproxima-se e me abraça com ar de compaixão. — Eu digo: que imperdoável falta de fantasia. Por falar nisso, compadre, já o experimentou antes?

— Claro, muitas vezes.

O italiano sopra uma risada entre os lábios e ergue o olhar para as vigas do forro:

— Certamente é uma experiência que escorregou pelo seu paladar. Os sabores que provará hoje, pelo contrário, deixarão uma lembrança imperecível. Pois bem: depois de cozido, o nosso bacalhau é enfarinhado, temperado com sal, pimenta e uma especiaria oriental que chamamos canela. Depois fritamos manteiga, alho e cebola, certo?, e depois de um pouco, acrescentamos enchovas picadas, salsinha moída e vinho. Aí, quando o vinho evapora, jogamos o leite, entendeu?, jogamos tudo sobre o peixe e cozinhamos até que o leite engrosse. No fim, o servimos deliciosamente acompanhado de fatias de polenta. Prove, sinta que maravilha!

A doméstica do livreiro Arrivabene deita no meu prato grandes colheradas, enquanto o Bindoni enche o meu copo com religiosa lentidão. Fala em uma mistura de latim, alemão e italiano, esta

última uma língua que lembra a dos mercadores da Espanha e da qual consigo entender algumas palavras.

— Nenhuma bebida sabe acompanhar o peixe quanto os vinhos das colinas ao redor de Verona, messere.

Perna dá um pulo na cadeira e dirige-se a mim em alemão:

— Espero que não tenha entendido o que o nosso editor falou, senão vai ter que fazer uma anotação em seu bloco de papel sob o título “Besteiras do Bindoni”. — Depois muda para o latim. — Os nossos amigos não sabem que o senhor já teve oportunidade de experimentar o melhor dos vinhos toscanos, entendeu?, e querem fazer com que acredite que a Sereníssima não tem rivais, em termos de vinho.

— Vamos, messer Pietro, na Toscana vocês não imaginam o que deve ser tomado para acompanhar um prato de peixe, todos sabem disso!

— Como todos sabem que o Doge manda trazer os garrafões de mon-te-pul-cia-no!

— Ouvi dizer — esboço em um latim estropiado —, que os mercadores de Veneza, depois da descoberta do Novo Mundo, estão preocupados com a importância comercial que os portos ocidentais poderiam assumir. Certamente, se todas as vezes que precisam tratar de um negócio, colocam-se à mesa e começam a discutir sobre molhos e vinhos, não poderão imputar somente a Colombo a própria decadência.

Perna me olha por um instante, aponta e dispara:

— Se, por outro lado, os mercadores do Norte não pararem de falar somente de negócios, cedo estarão com um monte de dinheiro, entendeu?, mas não saberão como gastá-lo, porque o arenque defumado será o único alimento, a cerveja a única bebida e a Bíblia de Lutero o único livro.

— Está bem — sorri Bindoni —, então vamos falar de livros, que pelo menos em matéria de estampa os toscanos precisam baixar a crista. O que propõem, exatamente?

Perna é incrivelmente sintético, talvez para permitir que eu colha cada palavra:

— O *Benefício*. Ele financia e distribui no território da República, você imprime, Arrivabene vende em Veneza e eu me ocupo do milanês.

Bindoni coça a barba morena. É um homem ao redor dos

quarenta, as têmporas já um pouco descobertas e pele escura.

— Devagar, Perna, v  devagar. Você está deixando a coisa fácil demais.

— Como? Quantas cópias você vendeu até agora?

— Umas três mil, toda a tiragem. Mas agora precisamos ser mais prudentes. Desde o ano passado, a Magistratura dos Executores não supervisiona somente o jogo de azar e a blasfêmia, mas também a viola o das leis sobre a estampa.

Perna tem o cuidado de informar-me em alemão:

— São os censores de Veneza. — Olha então para Bindoni amuado e toma um gole de vinho: — Mas em Veneza sempre imprimiram de tudo.

Bindoni:

—  , mas agora os Dez ficaram mais espertos. Cada livro, antes de ser impresso, deve obter a autoriza o dos Executores. Tenho minhas d vidas se eles a concederiam ao *Benefício de Cristo*.

Perna olha para mim, para assegurar-se que eu tenha entendido tudo, então dirige-se aos dois compadres:

— Há algum problema em imprimir-lo clandestinamente?

Bindoni:

— Não, mas precisa de algum título de cobertura. Se peço autoriza o para nove obras, há boas possibilidades que a décima passe inobservada, está claro?

Perna lança-me um olhar feio, quando vou pegar o bacalhau com as mãos, e abana sob o meu nariz um apetrecho bifurcado:

— Gar-fo!

Ele espeta então um pedaço de peixe, leva-o   boca e espera que eu o imite:

— Assim não untamos as mãos.

Arrivabene é um tipo gorducho, ele também ao redor dos quarenta, uma pequena calota de cabelos escuros e ralos e uma maneira de falar um pouco afetada, de boca semi fechada:

— Para a impressão não deveriam surgir problemas, a não ser de fundos. Que tiragem vocês tinham pensado?

Um sinal   doméstica que chega com uma bandeja de conchas longas e pretas, meio abertas.

Perna faz as apresenta es:

— Mexilhões. Estas comemos com as mãos. — Pega uma, abre bem, espreme algumas gotas de limão e chupa o molusco. — Vocês

colocam salsinha? Deveriam experimentar, em vez disso, com farinha de rosca, pimenta vermelha e um pouco de azeite... toscano, naturalmente! Eu estava pensando em dez mil cópias em três anos.

Bindoni engasga com o vinho. Tosse enquanto Arrivabene lhe dá uns socos nas costas.

Retoma o fôlego:

— Está brincando?! Quem você pensa que eu sou? Manuzio? Não posso investir tanto dinheiro e tantas energias em um título só.

— Porque ainda não farejou o porte do negócio — rebate Perna.

— O nosso amigo alemão pode financiar as primeiras dez mil, entendeu?, e junto comigo distribuí-las pela península.

Arrivabene está receoso:

— Como pode ter certeza que vai vender tantas assim?

Perna abre os pequenos braços:

— Exatamente porque há muita probabilidade que seja proibido. Um livro clandestino você vende pelo preço que quiser, entendeu?, sobre o conteúdo dele é que repousam as expectativas. Vamos distribuí-lo como pão! Savonarolianos, antitrinitários, sacramentistas, cripto luteranos e além deles todos os curiosos. Não subestimem a curiosidade dos homens, amigos, pode mover montanhas...

— Hum. Aqui em Veneza — esclarece Arrivabene —, o círculo de compradores é aquele dos amigos do Strozzi e do embaixador inglês: todos simpatizantes de Lutero e Calvino... além, claro, de viajantes, mercadores e homens das letras.

— Tenho certeza — tranquiliza-o Perna —, que em Milão o livro tem boas possibilidades de ser vendido, e ainda mais em Ferrara, ou Bolonha, que é cheia de estudantes, em Florença. Começaremos cobrindo o território da República; Depois, se os negócios forem bem, nos expandiremos cada vez mais.

Bindoni permanece pensativo, alisa a barba e vira os olhos avermelhados. Pondera os riscos e as vantagens, conhece bem uns e outras e ainda não está convencido.

Perna o acossa:

— Metade dos lucros para nós e metade para vocês.

Bindoni aprova:

— Se a tiragem deve ser clandestina, não vamos mencionar o meu nome.

Perna oferece-lhe a mão:

— Negócio feito. Se estivéssemos na Toscana, firmaríamos o trato de uma forma mais digna, mas desde que estamos na laguna, podemos satisfazer-nos com este discreto vinho das colinas vênetas.

## Capítulo 11

Veneza, 10 de julho de 1545

O perfume de dona Demetra é um eflúvio doce e sutil, essência de lírios dos convales mais ou menos intensa, que deixa rastros de sua passagem, ou marca a sua presença nos cômodos do prédio.

Sentada à escrivaninha, na antecâmara do seu quarto, com a ajuda de papel e pena, examina as contas do mês.

— Entre, dom Ludovico, acomode-se aqui.

Olhos de um verde cinzento que convidam ao diálogo e poucos cabelos branco propositadamente não incluídos na tintura, são as únicas marcas que quarenta anos de vida deixaram naquela mulher de Corfu, filha de um capitão veneziano e de uma grega. O corpo dela emana uma energia ainda intacta.

— Queria falar comigo, dona Demetra?

— Realmente — responde com um sorriso esperto. — Mas sente-se, por favor.

As lembranças remotas da universidade me ajudam a compreender o alemão dela misturado com latim e grego, uma amálgama variada que parece ser a língua universal à qual os mercadores desta cidade já se adaptaram: o idioma dos negócios, das especiarias, dos tecidos e das porcelanas.

A luminosidade daqueles olhos tem um quê de mágico, de antigo e fascinante. Aí brilha a inteligência de uma mulher conhecedora dos fatos do mundo, aquele mundo multiforme e multicolor que fez de Veneza uma etapa obrigatória.

— Eu lhe confesso, dom Ludovico, sinto um certo embaraço.

É uma frase pensada, falsa no conteúdo e por nada no tom;

anuncia a espontaneidade que estou esperando.

Dona Demetra junta as mãos no colo:

— O senhor é alemão, e sei que lá na sua terra não é comum, para não dizer que é raro, que uma mulher fale de negócios a um homem.

Eu a tranquilizo:

— Se é este o motivo do seu embaraço, não se preocupe. Os acontecimentos da vida me ensinaram que as mulheres são genuinamente práticas e de longe preferíveis à tacanha materialidade dos homens.

O sorriso se abre:

— Pensei em fazer-lhe um favor, parecendo ingênua: geralmente os homens sentem um prazer especial em poder compreender a mente de uma mulher, de dominar do alto das próprias experiências. Para tratar com vocês de igual por igual, é necessário fingir desorientação e inferioridade, para não arriscar ofender um orgulho facilmente suscetível.

Aprovo, deixando o olhar deslizar pelo pescoço moreno e o amplo decote.

— Vamos deixar o orgulho para os inábeis então e, por uma vez, vamos fazer uma exceção à regra.

É o que ela queria ouvir:

— Gostaria de fazer negócios com o senhor, e fazer deste lugar o mais exclusivo e o mais solicitado local do amor de toda Veneza. Tenho algumas ideias a respeito e o senhor tem o dinheiro para colocá-las em prática.

Acomodo-me na cadeira e apoio o rosto em uma mão:

— Proposta singular, dona Demetra, o hóspede que se torna proprietário.

Ergue uma mão para pedir que a deixe prosseguir:

— Não posso reclamar do andamento dos negócios. Mas a experiência me diz que alguma modificação poderia melhorá-los sensivelmente.

Refreio a surpresa, divertido: não há mulher entre o Oder e o Reno que falaria com tamanha naturalidade de assuntos assim.

— Agora as coisas estão assim: os homens olham para as moças na rua, ou chegam até aqui, cruzam o corredor entre os sofás das moças, sentam-se ao lado daquela que mais lhes agrada, a convidam e quando decidem ir embora, pagam o quarto e o serviço. O que

agrada aos homens, neste mecanismo?

Espera uma resposta, coloco rapidamente as ideias em ordem, para não fazer feio:

— Muitas coisas, eu diria, considerando como eles se afeiçoam. Em primeiro lugar, a naturalidade de todo o ritual.

— Isso mesmo. Como eu sempre digo às moças: não passem a impressão que estão trabalhando, e quando são convidadas, levantem-se como se fossem chamadas para uma dança... Então seria o caso de tornar tudo ainda mais natural. O cliente deveria ter a impressão que seduziu a escolhida. No andar térreo, deveríamos ter uma taberna bem luxuosa, com bons vinhos e cozinha. Um lugar onde um rico mercador possa desejar frequentar até só para comer.

— Devagar, devagar, dona Demetra, já estou com tonturas.

Sorri com a brincadeira e continua:

— Pense assim: em um certo momento, as moças entram na sala. Umas sentam, outras servem às mesas, outras ainda ficam no balcão dos vinhos. Os clientes mais desembaraçados as convidam para sentar à mesa, os mais tímidos pedem a intermediação de um garçom.

Dona Demetra levanta lentamente, e tenho certeza que a maneira com que faz isso é estudada exatamente para oferecer-me uma nova e rápida perspectiva do decote. Coloca-se atrás de mim e começa a massajar o meu pescoço com a ponta dos dedos. Um arrepio faz com que eu deixe escapar um suspiro.

— Eu penso, dom Ludovico, que conquistar uma mulher no jantar, mesmo que seja fingimento, é muito mais agradável que fazer isso no sofá de um corredor. Ou estou enganada?

— Certíssimo...

— A segunda proposta é ampliar o círculo de moças. Umas quinze fixas e outras quinze que vêm quando quiserem, quando precisam de dinheiro, quando têm vontade. Quanto mais variadas, mais os clientes afeiçoados terão a ilusão de não estarem lidando com mulheres do ofício, e terão a oportunidade de levar para a cama, aqui, aquela jovem que, fora, não teriam coragem de abordar.

A massagem alivia a tensão do pescoço e das costas: são as mãos mais habilidosas que já me tocaram.

— Por que pensa que eu estaria interessado em um lugar como este?

Os cabelos dela resvalam na minha orelha:

— Se um estrangeiro vem a Veneza, é para fechar negócios... ou esconder-se. Ao mercador proponho um comércio rentável. Ao fugitivo uma atividade que garanta discrição e nenhuma intervenção de parte das autoridades.

Concordo:

— Eu fui um e outro. Mas vou lhe dizer que hoje o que mais me interessa são as informações.

A risada fresca de uma menina:

— Senhor meu, deixe então que a experiência fale por mim: na cama os homens revelam coisas que não deixariam escapar nem em confissão. Eu sei mais dos sórdidos negócios do Doge que os conselheiros dele.

Esta mulher continua deixando-me atônito.

— Sabe, dona Demetra, acho que vou fazer a sua fortuna. Em pouco tempo será a Vittoria Colonna da República de Veneza.

Deixa os braços escorregarem sobre o meu peito e encosta a boca no meu ouvido:

— Com a diferença, dom Ludovico, que Vittoria Colonna faz um serviço igual ao meu, mas não quer admitir. Ela assume ares de grande sedutora e finge não saber o que os artistas como Michelangelo esperam dela.

— Então digamos simplesmente que a senhora ficará rica.

— E o senhor também. E talvez me conte alguma coisa mais sobre o motivo que o trouxe aqui. Mas aconselho que se apresse, se quiser ter o prazer de contar a uma mulher o que ela ainda não intuiu.

## Capítulo 12

Veneza, 28 de fevereiro de 1546

— Devagar com isso, mandei vir especialmente de Pádua!

Os operários rolam com cuidado o tonel para o fundo da sala.

As velhas mesas sumiram, substituídas por peças do melhor marceneiro de Veneza. Véus coloridos cobrem as velhas paredes úmidas recém pintadas e um grande espelho sobressai atrás do balcão dos licores. Reflete a imagem de um homem robusto, rosto marcado pelo tempo e cabelos grisalhos. Fico a olhá-lo por um instante, a observar o que me tornei em quarenta e cinco anos de vida. O corpo parece conter uma força ainda intacta, mas não tão pronta e ágil aos olhos de quem a fez arremessar-se sobre barricadas. Que absurdo milagre os espelhos, e esta cidade está cheia deles, não há loja ou mercearia que não ostente uma das finas obras dos mestres vidreiros locais. Um mundo às avessas, simétrico, onde a direita torna-se esquerda: não pensei que o meu nariz fosse tão torto.

Preciso afastar logo os pensamentos, há muito que fazer ainda; a inauguração é hoje à noite.

Dona Demetra vem ao meu encontro com um sorriso:

— As moças estão prontas.

— Os assados?

— A cozinheira está fazendo o melhor possível.

Olha ao redor, quase perdida:

— Este lugar não parece mais o mesmo!

— É acima de tudo merecimento seu, escolheu com gosto.

— Vai usar a roupa nova, esta noite?

— Não se preocupe: não gastei aquele dinheiro para deixá-la

mofando na gaveta.

Pietro Perna entra na taberna de braços abertos. Pára de boca aberta, vê dona Demetra, tenta recompor-se e avança com uma mesura:

— Minhas homenagens à mais bela joia de toda Veneza!

— O senhor é o adulator mais galante que já tive, messer Perna. Mas está adiantado, não serviremos antes do anoitecer.

— Eu lhe asseguro que não vejo a hora de degustar os pratos que reservou para nós.

— Então, o que o traz por aqui?

— Antes de passar pela soleira tinha a certeza que sabia, mas a luz dos seus olhos confundiu os meus pensamentos.

Dona Demetra desata a rir, enquanto pego Perna por um braço e o levo para o fundo da sala.

— Deixe de lado a denguiça, o que está acontecendo?

Dá um passo para trás e joga as mãos à frente:

— Tudo bem, compadre, você está pronto?

— Sou todo ouvidos, pode falar.

— Martinho Lutero morreu.



O vinho escorre em rios dos tonéis, enquanto os copos passam de mão em mão, em uma longa corrente humana que serpenteia na aglomeração do local. Vozerio de mulheres e homens alegres, mercadores, homens de negócios e até algum aristocrático de segunda linha.

Bindoni está ocupado com a coxa de um faisão, que despolpa com cuidado, preocupado em não manchar a roupa boa. Arrivabene deixa que uma das moças alise os seus cabelos, rindo maliciosamente com o que lhe é sussurrado ao ouvido.

Perna domina uma das mesas, contando fatos curiosos da vida passada entre uma cidade e outra:

— Nããão, senhores, o Coliseu é uma besteira... um lugar horrível, eu lhes digo, cheio de gatos sarnentos e ratos do tamanho de bezerras!

Na mesa ao lado, quatro jovens rebentos da corporação dos boticários despulpam o que ficou de um leitão no espeto, trocando

olhares muito explícitos com as moças sentadas no fundo da sala.

Atrás de um grupo de cabeças, em uma mesa apoiada ao muro, um homem e uma jovem mulher trocam efusões.

Chego perto de dona Demetra, atrás do balcão.

— Quem são aqueles dois sentados ao fundo? Ninguém traz a amante para um bordel...

Observa e concorda:

— Se é a mulher de outro, traz. Ela é Caterina Trivisano, mulher de Pier Francesco Strozzi.

— Strozzi? O prófugo romano? Aquele do caso com o embaixador inglês?

— Ele mesmo. E o que está com ela é o amigo do marido, espere... Donzellini, sim, Girolamo Donzellini. Teve que fugir de Roma com o irmão e o Strozzi, porque estavam atrás dele. É um estudioso, traduz do grego antigo, acho.

— Sabe por que estavam atrás dele?

Dona Demetra aperta os olhos luminosos:

— Não, mas em Roma parece que não sabem fazer outra coisa, de uns tempos para cá.

Rio e confio o nome à memória. Uma roda de literatos dissidentes por perto.

Mais além, três sujeitos estão apartados apreciando o espetáculo do alegre grupo ao redor de Perna.

Dona Demetra se adianta:

— Nunca vi. Pela roupa, diria que são estrangeiros.

Pego uma garrafa e um copo e chego à mesa dos solitários, não antes de ter colhido um fragmento das bazófias de Perna:

— ... Florença, claro. Florença, meu senhor, posso até escrever, se quiser, é a mais bela cidade do mundo!

As roupas são elegantes, tecidos refinados e bom caimento, os traços dos rostos sem dúvida mediterrâneos: cabelos escuros, mais compridos que o normal, presos atrás da nuca por fitas de couro escuro. Barbas muito finas, que descem das orelhas até terminar em ponta levemente marcada.

Dirijo-me a eles em latim:

— Salve, senhores, sou Ludwig Schaliendecker, dono da casa.

Uma leve inclinação da cabeça:

— Lamentavelmente o meu latim fica atrás do português e do flamingo.

— Então poderemos compreender-nos através do idioma de Antuérpia, se quiser. Espero que tenham apreciado o jantar oferecido pelo Caratello.

Um pouco surpreso:

— Meu nome é João Miquez, português de nascimento, flamengo por adoção. — Indica o jovem à direita:

— Meu irmão Bernardo. E este é Duarte Gomez, agente da minha família em Veneza.

Se ainda tivesse dúvidas sobre a riqueza deste homem, o anel de ouro maciço em sua orelha esquerda as dissiparia sem dúvida. Pouco mais de trinta anos, olhos de negro intenso e um bom cheiro de limpeza, misturado com especiarias e essências marinhas.

— Aceitam beber comigo?

— Ficaríamos satisfeitos em beber à saúde de quem ofereceu esta excelente refeição. Se quiser honrar-nos com a sua companhia...

— Oferece-me a cadeira com um gesto elegante.

Sento-me:

— Na verdade, senhor, hoje um velho inimigo decidiu finalmente partir desta para uma vida melhor. Sou tentado a brindar a este feliz acontecimento.

Os três lançam-se um olhar incompreensível, como se quisessem comunicar-se através do pensamento, mas é sempre o mesmo que fala por todos:

— Gostaríamos que dissesse quem era a pessoa que alimentava o seu ódio.

— Só um velho frade agostiniano, alemão como eu, que quando jovem soube atraiçoar covardemente eu e outros milhares de desventurados.

O português sorri cordialmente, dentes muito brancos e perfeitos.

— Permitam então que brinde à morte dolorosa de todos os traidores, de que infelizmente este mundo está cheio.

Os copos se esvaziam.

— Estão há muito tempo em Veneza, messeres?

— Chegamos antes de ontem. Viemos encontrar minha tia, que vive aqui há mais de um ano.

— Mercadores?

O irmão mais jovem:

— E quem vem para Veneza, não é? E o senhor, disse que é

alemão?

— É. Mas tive muitos negócios em Antuérpia, por isso falo a língua daquelas terras.

Miquez ilumina-se:

— Esplêndida cidade. Mas não quanto esta... e certamente menos livre.

O sorriso é impenetrável, mas há uma centelha de alusão naquela frase.

Encho novamente os copos. Não preciso dizer nada, estou em minha casa.

— Conhece Antuérpia?

— Passei lá os últimos dez anos, estranho que nunca nos tenhamos encontrado.

— Decidiu então transferir os seus negócios para cá?

— Isso mesmo.

— Quando cheguei, disseram-me que os que vêm a Veneza são mercadores ou fugitivos. E frequentemente uma coisa e outra.

Miquez pisca, os outros dois parecem constrangidos:

— E o senhor, a qual espécie pertencia?

Parece que nada o faz perder aquele ar tranquilo, o de um gato que toma sol no peitoral de uma janela.

— À dos ricos fugitivos... Mas não tão rico quanto o senhor, creio.

Ri com prazer:

— Agora eu gostaria de propor um brinde, senhor. — Ergue o copo. — Às fugas bem sucedidas.

— Às terras novas.



Os últimos convidados dirigem-se à porta de pernas bambas, ondulantes como barcos contra o vento. Recolho Perna da mesa onde ficou prostrado.

— Onde foi parar o seu auditório?

Levanta a cabeça com muito esforço, os olhos turvos, regurgita um zurro desarticulado:

— São todos uns bostas... levaram embora as moças também...

— Moças o quê, é melhor que vá para a cama. Não foi com o

néctar toscano, mas mesmo o vinho vêneto dobrou você de jeito.

Ajudo-o a levantar-se e o arrasto para as escadas. Dona Demetra vem ao nosso encontro.

— O que podemos fazer com esse galante livreiro, que tão gentilmente entreteve os nossos hóspedes?

Perna, voz estrídula, dá um pulo, olhos arregalados:

— Minha rainha das noites insones! Estes deformes traços não me impedem que a admire, louve, a-do-re... — Joga-se a peso morto na saia de dona Demetra, que o segura divertida.

— Se não o conhecesse como irremediável sedutor, pensaria que tem uma queda por mim, mulher de mísero conhecimento e infinitas fraquezas.

Arrasto-o para cima, segurando o impulso dele para trás:

— Por favor!

Consigo jogá-lo na cama, agora totalmente inócuo, quase desfalecido.

— Então, toscano, por hoje já é o suficiente, nos veremos amanhã cedo...

Com um fio de voz:

— Não, não... espere. — Agarra o meu braço. — Pietro Perna não leva para o túmulo os segredos. Chegue perto.

Não tenho escolha, o hálito terrível de bêbedo me envolve.

Sussurra:

— Eu sou... — hesita —, de Bérghamo.

Quase chora, como se estivesse confessando um pecado terrível:

— Gente sórdida... mulheres repugnantes... montanheses... ignorantes... Menti para você, compadre, menti para todos.

Controlo-me para não rir na cara dele. Enquanto abro a porta, ouço que diz ainda:

— O espírito... o espírito é toscano.

## Capítulo 13

Veneza, 6 de março de 1546

Descemos a pequena ponte na calle de' Bottai. Marcos deslancha com o carrinho, repleto de mantimentos. Vou à frente, mas percebo logo algo estranho: não há passagem, quatro sujeitos de um bom tamanho bloqueiam o caminho. Um deles é o Mulo.

Marcos também os vê, reduz a marcha. Uma olhada, pego o carrinho:

— Venha atrás de mim.

Desço devagar, aponto para eles, o carrinho feito aríete.

Prengo um na parede, os outros avançam, facas na mão. Barulho atrás de mim e os gritos apavorados de Marcos. Três silhuetas despontam correndo, espadas desembainhadas e imprecações em português.

O Mulo e companheiros acalmam, um dos portugueses chega ao meu lado, os outros dois correm à frente, espadas apontadas. Os comparsas do Mulo dão no pé.

Duarte Gomez mantém a ponta na garganta do único que ficou:

— Gostaria de matá-lo feito cachorro, *senhor*.

Os irmãos Miquez voltam rapidamente, João sorri e grita em flamengo:

— Não vale a pena, compadre!

Gomez lhe desenha uma vírgula na face, um bigode de sangue:

— Suma, bastardo!

Foge para o Canal Grande.

— Parece que lhe devo um favor, dom João.

O português guarda a espada, faz uma reverência e ri:

— Coisa de nada, comparada à hospitalidade da outra noite.

O menor dos Miquez, Bernardo, tranquiliza dona Demetra:

— Não há mais o que temer, senhora. Aqueles quatro esfarrapados não a aborrecerão mais.

— Assim espero, messeres, espero mesmo. Sou infinitamente agradecida.

— O senhor tem tanta certeza disso?

É o maior, quem responde:

— Não há dúvida. Em certos ambientes, as notícias correm rápidas. De agora em diante todos saberão que uma ofensa ao senhor ou às suas moças, será considerada contra nós.

— Então a sua família é tão poderosa?

Dom João fala devagar, tentando colher a minha reação:

— A sefardita é uma grande família, cujos membros costumam ajudar-se reciprocamente, para resistir às dificuldades de ser sempre estrangeiros em terra estrangeira.

Um instante de silêncio.

— Estou surpreso. Não entendo como eu e dona Demetra possamos pertencer à sua família.

— Se aceitarem o meu convite para o almoço, darei com prazer algum esclarecimento.



A longa embarcação corta o Canal Grande para entrar no rio de São Lucas.

É impossível contar todos os palavrões do corcunda Sebastião, barqueiro dos Miquez, dirigidos aos que cruzam a proa.

Quando jovem, é assim que sempre imaginei o barqueiro do Hades, durante as aulas clássicas do douto Melâncton. Sujo, com uma massa de cabelos emaranhados que o chapéu não consegue conter, emana um cheiro de podre que vindo da popa abre caminho e chega até nós. Encurvado, empurra o longo remo quase na vertical sobre o espigão.

Miquez é homem que tem intuição:

— Brindamos à morte dos traidores, lembra? A boa aparência e

as boas maneiras não contam diante da lealdade de um servidor fiel.

Descemos o canal dos Barqueiros, superando um alargamento que parece uma piscina, que depois torna a restringir-se na altura de uma pequena ponte.

Miquez aponta à esquerda:

— A igreja de São Moisés. Veneza é a única cidade cristã com igrejas dedicadas aos profetas do Velho Testamento. Não pensem que isso tudo seja concedido por generosidade aos Judeus convertidos ao cristianismo, os chamados Novos Cristãos, ou com maior desprezo, Marranos. Temos a nossa importância, aqui.

— Dom João, tenho muito interesse em ouvir sobre este assunto. A simpatia pelos prófugos de todas as confissões é quase um impulso instintivo para quem escapou a vida toda de padres e profetas. Espero que não se refreie em sua narração.

— Sentados a uma mesa bem posta, não precisaremos esconder-nos nada.

Desembocamos no fundo do Canal Grande, diante da alfândega. Não consigo reter o espanto pelo enorme tráfego de entrada e saída do canal. Um fervilhar de embarcações de todo tipo e forma na rua principal de Veneza. Bergantins e navios de transporte atracados no grande paredão de São Marcos; galés que partem, um vaivém de embarcações a remo e a vela de todo tamanho. E as imprecações de Sebastião, abrindo o caminho.

Dirigimo-nos para a ilha Giudecca.

## Capítulo 14

Veneza, 6 de março de 1545

Campo Bárbaro. O ponto extremo da Giudecca.

Da esplêndida moradia dos Miquez, vê-se de frente a praça São Marcos, que em um dia límpido de sol como este, parece ser possível pegar com a mão.

A casa é distinta, com um jardim interno rico de vegetação e plantas desconhecidas. Os objetos relatam uma vagabundagem interminável: tapetes, porcelanas, móveis, tecidos, desde as estirpes africanas que beiram a Espanha e o Portugal, às portas do Oriente, ao Turco que lambe o Adriático e aqui se encontra com as formas mouriscas ibéricas. Uma mistura bizarra e original. Cruzes gregas e enormes crucifixos de prata espanhóis, mas também castiçais de sete braços e urnas contendo pergaminhos e moedas, que parecem retiradas de sepulcros dos profetas da Bíblia.

Sou acomodado em um amplo pátio, de frente para o jardim. João Miquez abre com cuidado uma caixa de madeira e me oferece um charuto. Não consigo reprimir um gesto de entusiasmo e de agradáveis recordações.

— É bom encontrar uma pessoa que sabe apreciar os aromas das Índias.

Uma sombra repentina cobre os pensamentos.

— Em minha vida conheci pouco o fausto e o luxo e sempre precisei confiar na intuição. — Um olhar ao redor. — Pela aparência, o senhor é um dos homens mais ricos de Veneza. Veio ao jantar do meu bordel, salva a minha vida e me convida à sua casa. Porque?

Um sorriso que desmonta, aprova:

— Até que enfim uma reação de alemão. — Serve-me um pouco de vinho em um pequeno copo de cristal. — E se não fosse porque o chamam assim, eu teria dificuldade em acreditar. Sabe, quando chegamos em uma cidade decididos a não ficar de mãos abanando, precisamos entender rapidamente quais oportunidades existem e quem vale a pena contatar. — Lança-me um olhar alusivo. — Os seus conterrâneos chamam isso de negócios. Eu chamaria de afinidades que tornam a vida mais interessante e abrem perspectivas.

Interrompo-o:

— Tem certeza que um dono improvisado de bordel é o que estava procurando?

— Um alemão chega em Veneza, vindo da Suíça. O passado dele é um tanto ignorado, uma considerável fortuna acumulada, ao que parece, nos portos do Norte, frequenta os livreiros e os editores locais de igual por igual, sabe controlar as cabeças quentes e abre o melhor bordel da cidade. Além disso, usa o nome de um herege que eu vi arder fora da muralha de Antuérpia: Lodewijck de Schaliendecker, mais conhecido como Elói Pruystinck.

O sangue lateja loucamente. Não posso perder o controle. Uma respiração funda: sopro a tensão para fora.

Olho fixamente para ele:

— Como pensa prosseguir esta conversação?

Os olhos negros contrastam com os dentes alvos, que apenas se entreveem:

— Somos todos mercadores e fugitivos. Não precisamos de cerimônias.

— Quanto a isso, estamos de acordo. Então diga-me quem é.

Acomoda-se na cadeira, relaxado, o charuto em uma mão, o copo na outra:

— A minha fuga começou vinte anos antes do meu nascimento, quando em 1492 os Catolicíssimos Ferdinando e Isabel, soberanos de Aragão e Castela, decidiram saldar o débito desmedido contraído dos banqueiros judeus, desencadeando contra eles a Inquisição. Os meus avôs tiveram que fugir rapidamente pela primeira vez, indo para o Portugal onde, por óbvia conveniência, abraçaram a fé cristã e colocaram a salvo o patrimônio. Nasci em Lisboa em 1514 assim como minha tia, Beatriz de Luna, quatro anos antes de mim. Minha família era rica e uma das mais respeitadas do Portugal. Minha tia, dona Beatriz que logo conhecerá, uniu a própria fortuna à do

banqueiro Francisco Mendez, pouco antes de 1530. Alguns anos depois, a história se repetiu: os monarcas portugueses, dramaticamente desprovidos de dinheiro, lançaram a Inquisição e a desencadearam contra os Judeus para confiscar-lhes as propriedades. Mas já estávamos preparados, já estávamos há quarenta anos: minha tia ficou viúva e herdeira da fortuna dos Mendez no momento em que nos preparávamos para deixar Portugal para sempre. E em 1536 chegamos aos Países Baixos.

Uma pausa. Encolhe os ombros:

— João Miquez, Juan Micas, Jean Miche, Giovanni Miches, ou Zuan, como me chamam aqui. O meu nome tem tantas versões quantos são os países que percorri. Para o Imperador Carlos V eu era Jehan Micas.

A tensão aliviou um pouco, a expressão aberta do rosto dele sugere que eu confie.

— Foi banqueiro do Imperador?

Confirma:

— Fui, mas conosco não foi tão generoso quanto com os Fugger de Augsburgo. Tivemos que abrir o nosso pequeno canto arrancando-o da cobiça daqueles seus conterrâneos que não gostam de concorrência. Depois de algum tempo, o Imperador também começou a olhar para o nosso patrimônio e propôs que minha prima casasse com um parente dele, um nobre, Francisco de Aragão. Minha tia, que alimentava uma sadia desconfiança quanto às estratégias matrimoniais do Imperador, recusou. E assim o Catolicíssimo decidiu acusar-nos de criptojudaísmo, fomos denunciados à Inquisição como falsos cristãos. É muita cara de pau, não acha? Antes nos forçam a mudar de credo, depois nos censuram. Mas dinheiro é dinheiro e a Inquisição nos Países Baixos ocupa-se, acima de tudo, dos interesses de Carlos e dos amigos Fugger...

Pára, espera que eu colha aquela que, tenho quase certeza, é mais que uma alusão. Não pode saber exatamente quem está diante dele, mas as hipóteses e os pressentimentos devem estar atormentando o cérebro dele pelo menos quanto o meu.

Retoma:

— Sabíamos que Carlos V não nos deixaria sair dos próprios territórios facilmente, então arquitetamos um plano. Fingi uma fuga de amor com minha prima Reyna, fomos na direção da França. Minha tia, com o pretexto de seguir a filha enganada, veio atrás. Eu

parei na fronteira e, uma vez colocadas a salvo as mulheres, voltei para Antuérpia para evitar o sequestro do patrimônio de família. Consegui somente depois de dois anos de extenuantes negociações com o Imperador e comprando os inquisidores a peso de ouro. E finalmente estou aqui.

Um servidor desliza atrás dele e lhe sussurra alguma coisa ao ouvido.

Miquez levanta:

— O almoço está na mesa. Continua com a ideia de sentar-se conosco?

Vacilo, olhando-o firme nos olhos.

— Hoje salvaram a minha vida. Não estavam lá por acaso, certo?

Sorri:

— A vantagem de ter uma família tão grande é que os olhos e os ouvidos se multiplicam. Mas espero que aprenderá a apreciar-nos por todas as nossas outras qualidades.



— Quando começou a sua fuga?

Uma biblioteca luxuosa, estreita e comprida, estantes de madeira trabalhada, volumes antigos; atrás da escrivaninha dele, pendurado à parede, um sabre mourisco.

— Já disse, desde que padres e profetas pretenderam tornar-se donos da minha vida. Estive com Müntzer e os camponeses contra os príncipes. Anabatista na loucura de Münster. Justiceiro divino com Jan Batenburg. Companheiro de Elói Pruystinck entre os espíritos livres de Antuérpia. Cada vez, uma fé diferente, sempre os mesmos inimigos, uma só derrota.

— Uma derrota que lhe deixou um discreto patrimônio. Como conseguiu?

— Enganando os Fugger com as mesmas armas deles e pagando o preço que não queria. Elói me recolheu quando eu já estava morto e me ofereceu vida, chances, pessoas para amar. E aflorou o velho instinto da luta, com objetivos e armas novas. Deu certo até que a Inquisição caiu sobre nós. A ironia da sorte é que esperávamos os milicianos, mas vieram os padres.

Ele me interrompe:

— E está surpreso? A nossa história deveria ter-lhe contado alguma coisa a respeito. Sempre pensei que aquilo sobre a trapaça contra os Fugger fosse uma lenda, circulavam vozes em Antuérpia, mas não parecia ser possível. Quanto tiraram deles?

— Trezentos mil florins. Com cartas de crédito falsas.

Uma expressão de regozijo, assobia:

— E pensavam que Anton o Chacal ficaria só olhando? Poderia apostar que os corvos do Santo Ofício foram atraídos por ele. Nos Países Baixos a Inquisição também é uma filial dos Fugger e certamente para Anton foi mais conveniente liquidar vocês como hereges, ao invés de denunciar que havia sido enganado. Penso que por milagre o senhor ainda esteja vivo.

Fico refletindo. Simples e diretas, as afirmações de Miquez deixam poucas dúvidas.

— Qual é a lição? Você sempre sai mal. Precisa parar, nunca atrever-se.

Miquez, sério:

— Exatamente o contrário: precisa mexer-se rapidamente. Mais rápidos que eles. Confundir-se entre os muitos, apontar para um objetivo, abrandar os inimigos, e segurar sempre uma bagagem leve.

— Abre os braços abrangendo todo o redor: — Senão, o que faríamos aqui? Em Veneza, no bordel do mundo.

Estimulo-o:

— Vamos ao ponto, então. O que tem em mente?

Torna a acender a ponta do charuto e, por um instante, os traços regulares do seu rosto se perdem na fumaça.

— A imprensa. — Procura as palavras. — A imprensa é o negócio do momento. E não é importante só pelo lucro: circula as ideias, fecunda as mentes e, coisa que não pode ser deixada de lado, reforça as relações entre os homens. Para uma família importante, mas sempre exposta ao risco como a minha, e de forma mais ampla para todos os Judeus, pode ser decisivo estabelecer relações com homens de letras, estudiosos, pessoas reconhecidas e acreditadas que podem influenciar outras, nas comunidades a que pertencem. Se quiser entendê-lo assim, é um mecenato interessado e é por isso que não me atrai só a estampa judia. Já estou negociando com os maiores editores venezianos: Manunzio, Giolito. Com dona Beatriz, minha tia, pesquisamos editoras aqui e em Ferrara. Publicamos o Talmude, mas também Lando, Ruscelli, Reinoso. Encorajamos a paixão pelas

letras. Dona Beatriz poderia renunciar a todas as outras atividades, exceto a esta. Não tenho dúvidas que ela seja uma das mulheres mais cultas da Europa. — Inclina-se sobre a escrivãinha. — Não terá dificuldade em entender porque me interessa favorecer o partido dos tolerantes e dos moderados dentro e fora da Igreja, e colocar obstáculos à difusão da intransigência religiosa e da guerra espiritual movida pelo Santo Ofício. Preciso de pessoas capazes de perceber as novas correntes de pensamento, as obras destinadas e despertar os ânimos e mudar o curso dos acontecimentos.

Percorro os títulos dos livros enfileirados nas estantes, textos árabes, hebraicos, cristãos, reconheço a Bíblia de Lutero. Depois volto para ele:

— Não posso fingir que este campo seja estranho para mim. Estou trabalhando em uma operação deste tipo. Já ouviu falar no *Benefício de Cristo*?

Olha para o alto, girando os olhos:

— Não, mas não excludo que dona Beatriz saiba algo a respeito.

— Oficialmente, o autor é um frade beneditino de Mântua, mas atrás dele há alguns importantes literatos que nutrem simpatia por Calvino, e expoentes do partido moderado romano, chamados Espirituais. Trata-se de um livro ardiloso, destinado a levantar muitos vespeiros, porque possui conteúdos ambíguos expressos em linguagem que todos podem entender. Uma obra prima da dissimulação, que já atormenta muitas pessoas. Foi editado pela primeira vez há três anos, exatamente aqui, em Veneza. Desde então, o sucesso dele não parou de crescer. Já temos mil cópias prontas para distribuir, além daqui, nos territórios ao Oeste e Sul da Sereníssima. Pensamos que seja possível circular dez mil em três anos.

Um sinal de aprovação com a cabeça, tamborila os dedos sobre a mesa:

— Hum. Muito interessante. Um empreendimento ambicioso, que requer meios adequados. O senhor falou em territórios a Oeste e Sul da República. E porque não incluir o Leste e o Norte. Quinze, talvez vinte mil cópias, utilizando outras gráficas, envolvendo outros editores. Tenho boas ligações na Croácia e na França. Depois teríamos a Inglaterra, lugar de possibilidades infinitas. Eu tenho os navios, as redes de contato e dezenas de mercadores condescendentes dispostos a circular de tudo. Espero que pense

nisso. De toda forma, gostaria de ter uma cópia do livro para dar de presente à minha tia, que está sempre à procura da última pedra do escândalo.

— O senhor sabe mesmo apresentar propostas. Mas não posso tomar decisões antes de consultar os meus sócios. Estabelecer negócios com o senhor significaria ampliar muito as perspectivas da operação.

Miquez abre os braços e o sorriso:

— Compreendo muito bem. Leve o tempo que precisar. Saberá onde encontrar-me.

— O senhor também, espero ter a oportunidade de retribuir a hospitalidade. Não foi uma só de nossas moças que notou a sua presença.

Encolhe os ombros e olha para mim com ironia:

— Pois é, as mulheres são frequentemente atraídas por aquilo que não podem ter. O prazer é matéria particular e escolhe diferentes caminhos. — Percebe a minha surpresa e acrescenta: — Não tema, Duarte e eu não nos privaremos da boa cozinha e da ótima cantina do Caratello.

*Carta enviada a Trento da cidade pontifícia de Bolonha, endereçada a Gianpietro Carafa, membro do Concílio ecumênico, datada de 27 de julho de 1546.*

Ao senhor meu reverendíssimo Giovanni Pietro Carafa.

Senhor meu honradíssimo, as notícias que chegam em Bolonha de Trento nestes meses só podem alegrar este coração zelante.

De fato, o Imperador não só viu esvaecer as próprias esperanças que os luteranos tomassem parte do Concílio, mas teve que assistir também à definitiva condenação da teologia dos protestantes, da doutrina sobre o pecado original e da justificação *unicamente pela fé*. Hoje, os príncipes protestantes da Liga de Smalkalde, adversária dele, devem ser considerados apóstatas e inimigos da religião; e assim vão definhando as esperanças de Carlos de retomar o controle de toda a Alemanha e chamar os príncipes alemães para auxiliá-lo contra o Turco.

Os esforços do cardeal Pole contra os decretos conciliários que sancionam a separação definitiva dos luteranos da Santa Romana Igreja resultaram fracassados e esta talvez seja a maior vitória de Vossa Senhoria e do partido dos Zelantes.

Venho, de fato, confirmar a Vossa Senhoria que os motivos de saúde alegados pelo cardeal inglês, para abandonar prematuramente os trabalhos conciliares, nada mais são que uma desculpa: o afastamento dele é ditado pela necessidade de voltar a Viterbo para lamber as feridas, não é devido às febres alpinas.

Mas os longos anos a serviço de Vossa Senhoria ensinaram que não devemos cantar vitória antes que o inimigo seja definitivamente derrotado. Reginald Pole permanece o preferido do Imperador, o homem no qual o Habsburgo deposita as esperanças de um desvio da rota em relação aos protestantes e não há dúvida que ele retornará às intrigas, para a facilitar a carreira e a fama do inglês.

Por isso a excomunhão do *Benefício de Cristo*, de parte dos padres conciliários, fornece a Vossa Senhoria uma arma a mais

para fender as estratégias subterrâneas dos Espirituais e dos simpatizantes de Calvino nos territórios papais. A intenção anunciada por V.S. de fazer trabalhar a Congregação do Santo Ofício na redação de um Índice de livros proibidos, revela-se hoje uma exigência de primeira ordem. O perigoso livreco de Benedetto de Mântua, de fato, continuou circulando e fecundando as mentes predispostas à heresia, a tal ponto que hoje poderia ser suficiente descobrir quem o possui, para identificar os simpatizantes do Polo e acusá-los. Eu mesmo já teria condições de fornecer muitos nomes à Inquisição.

A situação é essa. Hoje talvez já baste alegrar-nos das vitórias imediatas, deixando para outro momento a avaliação das medidas a serem tomadas, quando esse entusiasmo já estiver refreado e ceder lugar à sabedoria.

Recomendando-me à graça de Vossa Senhoria e aguardando novas diretrizes, beijo as suas mãos.

De Bolonha, no dia 27 de julho de 1546

O seu fiel observador

Q.

## O diário de Q.

27 de julho de 1546

Lutero está morto.

Reginald Pole sai de Trento derrotado.

O imperador vomita bílis.

O círculo viterbense e todos os cripto luteranos estão apavorados.

O *Benefício* é excomungado.

Velhice, talvez seja o único motivo que nos leva a deitar linhas que nunca, ninguém lerá. Loucura.

Anoto nomes e lugares. O cardeal Morone de Módena, o Gonzaga de Mântua, os Giberti de Verona, o Soranzo de Bérgamo, o Cortese. Alguma dúvida sobre o Cervini e sobre Del Monte. Amigos de Pole, mas tímidos, estes últimos, pequenos homens.

Sua Santidade Paulo III escolhe os membros do Sacro Colégio com a balança: um Zelante e um Espiritual; um intransigente por um moderado. Esta política de equilíbrio tem vida curta, as contas precisam ser saldadas. Paulo III Farnese é um homem à antiga, de manejos, de nepotismo e filhos ilegítimos para colocar em postos de poder. Último Papa de uma era moribunda, enraizado atrás de uma escrivaninha e de contrabandos ridículos, não percebe que aquele tempo acabou, que estão avançando novos soldados, aqui e também nas terras do Norte: os santos predestinados de Calvino, comerciantes consagrados à causa da fé reformada do próprio Deus terrificante; os homens da Inquisição, zelosos, inexoravelmente devotados à própria e mesquinha tarefa de policiais submetidos ao dever, detalhistas coletores de informações, vozes, denúncias.

Inácio de Loyola e a ordem dos soldados de Deus, a Companhia

de Jesus; Ghislieri e os novos dominicanos; e atrás de todos Gianpietro Carafa, o homem do futuro, septuagenário, incorruptível e eficiente senhor da guerra espiritual, da batalha para o controle das almas.

E eu no meio. Eu também entre os que pagaram o preço do tempo, dos acontecimentos que viveram. Lutero, Müntzer, Matthys. Não lamento tê-los abatido no campo, mas aquele que os enfrentou, eu naquele tempo. Hoje o que me é concedido é um Pole, piedoso literato que crê que Deus queira ser servido com honestidade. Ele e os amigos não sabem o que é a verdadeira fé, nunca tiveram que experimentar o sacrifício, dos outros antes que de si mesmos, e de si mesmos através da aniquilação dos outros; o homicídio, sim, o extermínio, a traição da boa fé. Müntzer, os Anabatistas, e quem sabe quantos: quanta maldita boa fé, quanta inocência naquela loucura. Quanto desperdício. Mas a pior presunção de inocência é exatamente esta, a que se oculta atrás da penitência mais fácil, atrás da honestidade. E ainda somos brindados com um Tomás Moro, um Erasmo, um Reginald Pole. Loucos idiotas, prontos a morrer pela incapacidade de entender o poder: de servi-lo, como de combatê-lo.

São mais velhos que eu, perdidos em um sonho tão distante do trono, quanto da lama dos miseráveis. Vocês não me agradam e gostaria de ter o estômago de um tempo, mas eu o perdi ao longo do caminho que me trouxe até aqui. Os anos não reforçam o espírito, o enfraquecem, e você acaba olhando nos olhos dos adversários, penetrá-los, notar o vazio, a miséria do intelecto e descobrir-se disposto a agraciar a estupidez.

No meio. Até quando os olhos ainda terão alguma serventia, até quando descobrirão que a fé o está abandonando e que agora só bêbedo consegue baixar o cutelo, como um velho carrasco enevoado.

## Capítulo 15

Veneza, 28 de julho de 1546

O pequeno italiano me aperta forte em um abraço fraterno.

— Amigo meu, fechei ótimos negócios. Milão é uma grande praça, pode ter certeza, cheia de comedores de repolho como você, mas também um monte de espanhóis, suíços, franceses. Bons leitores os milaneses também, gente que sabe apreciar uma obra, vendi quase trezentas cópias do *Benefício* e deixei outras cem com um livreiro amigo meu, que logo me prestará contas das vendas.

A única maneira de fazer com que pare, é pegá-lo pelos ombros e obrigá-lo a sentar. Ele cala, observa o meu olhar eloquente, torce a boca:

— O que aconteceu? — O tom é de quem espera uma desgraça. Sento diante dele e peço a uma das moças que traga bebida.

Uma tossida:

— Ouça Pietro, aconteceram muitas coisas. E não todas graves.

Levanta os olhos para o teto:

— Eu sabia, eu sabia que não podia afastar-me daqui...

— Deixe-me falar. Já soube da excomunhão do Concílio?

Afirma:

— Claro, precisaremos ter mais cuidado, mas já era previsto, não? Qual é o problema? Agora vendemos pelo dobro do preço e mais ainda...

— Você quer ficar quieto um momento!?

Cruza os braços no peito e aperta os olhos.

— Prometa que não vai interromper.

— Está bem, mas fale.

— Bindoni saiu da operação.

Nenhuma reação imediata, a não ser o movimento quase imperceptível de uma sobrancelha, fica imóvel, prossigo:

— Ele diz que agora que sobre o livro pesa a excomunhão, está com medo de enfrentar problemas e de ver a gráfica dele sendo fechada. — Levanto uma mão para deter a reação dele. — Um momento! Penso que na verdade estava só esperando uma boa desculpa para afastar-se, por causa do... nosso novo sócio.

Levanta a outra sobrancelha também, o rosto assume uma cor avermelhada. Não vai conseguir controlar-se por muito tempo ainda.

— Eu sei. O combinado era que eu deveria ir a Pádua para difundir o livro entre os amigos de Donzellini e Strozzi. Fiz isso e muito mais.

O vermelho desaparece, o olhar se apaga, a cabeça redonda de Perna inclina-se sobre a mesa, a raiva vira depressão.

Com voz prostrada:

— Conte tudo desde o começo e não deixe nada para trás.

Trazem aguardente de uva. Perna esvazia o primeiro copo e enche o segundo.

— Há um grande, bem grande banqueiro interessado em entrar no negócio *Benefício*. Oferece a própria rede comercial para difundir o livro. — O olhar de Perna reanima. Ele poderia mandar traduzir em croata e em francês — até as orelhas dele parecem aguçar —, mantém contatos com grandes editores e também com gráficas clandestinas dentro e fora de Veneza — os olhos dele brilham —, e estaria disposto a aumentar a tiragem de pelo menos dez mil exemplares. — Perna dá um pulo na cadeira.

— E o que está esperando para apresentá-lo?

— Calma, calma. Bindoni nem quer saber disso, diz que ele é um peixe grande demais, que seremos esmagados...

— Ele é que será esmagado! Pela própria inaptidão! Quem é esse banqueiro, qual é o nome dele?

— É um marrano, um sefardita, português de origem. João Miquez: teve negócios com o Imperador... Vive em um palácio na Giudecca.

Perna fica em pé:

— Que cague nas calças, o Bindoni. Eu falei que o *Benefício* era um grande negócio, se um pequeno estampador medíocre não consegue entender isso, problema dele. — Dá alguns passos falando

sozinho. — Negócios junto com os Judeus... negócios com os maiores negociantes do mundo...



Francesco Strozzi. Romano. Literato, cultíssimo, leu Lutero.

Girolamo Donzellini. Romano. Literato cripto luterano. Conhece o grego antigo. Estuda a nova ciência. Esteve a serviço do cardeal Durante de' Duranti. Fugiu de Roma porque um monge copiadador de espanhol o delatou à Inquisição.

Pietro Cocco. Literato de Pádua. Possui uma das bibliotecas mais abastecidas de toda a Sereníssima. Adquiriu o *Benefício de Cristo* com entusiasmo.

Edmund Harvel. Embaixador inglês junto à República de Veneza. Manuseava o volume perplexo e ao mesmo tempo entusiasmado. Mais que os outros observava-me com atenção, esforçando-se para entender quem eu era.

Benedetto del Borgo, escrivão público, Marcantonio del Bon, Giuseppe Sartori, Nicola d'Alessandria.

Literatos abastados apaixonados por Calvino e por si mesmos.

Tontos.

Úteis tontos.

Ignoram a cilada do confronto em andamento, amam discursar sobre belas ideias. O destino deles é serem os primeiros a cair na prensa da guerra espiritual.

O hálito deles deve empastar a mente de gente de respeito, os salões cultos. É bom que não saibam do que estão falando, o importante é que continuem.

Na névoa de uma dissensão difusa, movimentamo-nos tranquilamente.

Abrem-se novas perspectivas, mais amplas. As notícias que nos chegam do Concílio de Trento confirmam o frágil caráter dos honestos Espirituais. Não é gente de luta, imagem refletida na Igreja destes sereníssimos literatos. É necessário sacudi-los: mas como? Eu nem imaginava voltar a jogar em uma partida tão importante, nem imaginava que contaria com um aliado poderoso como o judeu Miquez, não menos interessado que eu em conter o avanço da Inquisição.

Qual é o meu papel? Dissimular para que os outros façam a batalha? Acossar os Espirituais sem que eles mesmos saibam?

Por enquanto, observar melhor o campo inimigo; repartir as forças, identificar os chefes, compreender a estratégia.

## Capítulo 16

Veneza, 1º de agosto de 1546

Nesta terra que não é terra, a visão estremece com a sucessão de cores, e a vestimenta onírica dos humanos parece especificamente destinada a desnortear o transeunte, com suas bizarras formas geométricas, pós de arroz e seios descobertos, chapéus alongados, penteados fantásticos e calçados incríveis. Provocam alucinadas emoções e sobressaltos em cada calle, acompanhados de repentinos ataques de ira, que parecem tão do agrado dos habitantes desta cidade única de outros mundos.

Nesta terra que não é terra, a força das mulheres modifica o curso dos acontecimentos, impõe desvios repentinos na cansada razão masculina, confirma em minha mente uma sensação profunda, já experimentada várias vezes em outros lugares, quanto às virtudes superiores que elas possuem, fruto de recursos aos quais nos é negado o acesso.

Nesta terra que não é terra, cheio de curiosidade e de tensão que afrouxa os sentidos, preparo-me para ser recebido por aquela cuja fama, mais de qualquer outra, parece confirmar o caminho certo destas considerações: dona Beatriz Mendez de Luna.

Espera-me em um dos suntuosos salões de casa Miquez: finas sedas revestem os divãs de leves bordados, tapetes com arabescos nas paredes, junto com cenas da vida flamenga de Bruegel o Velho, uma xilografia do mestre Dürer, um doce retrato de Tiziano, a grande celebridade local, e móveis entalhados pelos incansáveis mestres marceneiros vênéticos, primeiros a acordar e últimos a deitar, aos toques da Moveleira.

O negro dos olhos brilhantes espreitando-me. Maturidade impetuosa de fêmea hispânica emoldurada de cabeleira morena com leves mechas brancas, ornamento refinado que não revela temor. Dentes branquíssimos engastam o ambíguo, mudo sorriso que me acolhe. Movimentos estudados a erguem do divã para vir ao meu encontro, esticando felina o pescoço esculpido de pérolas orientais.

Inclino-me.

— Lodewijck de Schaliender, o Alemão, que tanto impressionou João, meu sobrinho predileto, finalmente! Alemão, mas com nome de flamengo, e que nome! O primeiro inimigo da autoridade religiosa e civil de Antuérpia, nos dias difíceis de minha partida daquelas terras laboriosas e ambiciosas. Que bizarras conjecturas despertam os nomes, não é verdade? Os homens parecem tão ferozmente ligados a eles, mas basta passar por mais de um batismo, e de uma terra, para descobrir como é útil, e até agradável, ter muitos deles. O senhor concorda?

Afloro com os lábios a mão coberta de anéis. Estou transpirando.

— Sem dúvida, dona Beatriz. Aprendi a reconhecer os homens pela coragem que possuem, não mais pelos nomes que levam. O meu prazer em encontrá-la é enorme.

— A coragem. Disse muito bem, messer Ludovico, está bem Ludovico?, disse bem. Por favor, sente ao meu lado. Eu também estava ansiosa por conhecê-lo, e aqui estamos.

À nossa frente, sobre uma mesinha decorada, uma bandeja de prata com amplas alças em forma de serpentes trançadas, amparando uma vasilha fumegante de uma infusão de ervas aromáticas.

— A fama que o precede é um tanto enigmática, sabe? — retoma servindo a infusão em grandes xícaras de porcelana. — Não vou estender-me, mas as notícias a seu respeito trazidas por meu sobrinho deixaram-me, no mínimo, surpresa. Os meios frequentados, no presente e no passado, o halo de mistério que emana e os caminhos que percorre formam uma mistura de interesse indubitável. São muitos, creia, os motivos que me levaram a insistir neste encontro, e o primeiro, espero que me atenda, consiste em recomendar-lhe a maior cautela de que for capaz, em cada movimento, palavra, ou mesmo somente alusão. Peço-lhe que não considere excessivo esse meu cuidado.

Observo-a mudando de posição no estofado macio do divã que hospeda nós dois, levar a xícara à boca com ambas as mãos, tomar o líquido quente e perfumado. Seguro a respiração.

— Não duvide. Levarei em consideração ao máximo, mas permita perguntar-lhe a que é devido esse explícito convite à reserva. Tão premente, que faz alusão a perigos ocultos e sempre à espreita.

Deposita a xícara na bandeja:

— É isso mesmo. Deixe que lhe apresente alguns detalhes sobre o funcionamento das coisas aqui. O enorme poder desta cidade, ponte entre o Oriente e o Ocidente, não está fundado na água sobre a qual tolos e geniais fugitivos a conceberam, e muito menos no cadinho de artistas e literatos que a povoa. Há séculos os senhores desta laguna constroem um complicado enredo de poder e espionagem, vigias e magistrados aos quais pouco ou nada escapa. Refinados equilíbrios sustentam as relações que essas gentes mantêm com o rei e diplomatas de toda região, com teólogos, clérigos e as mais altas autoridades de cada confissão e com os detentores de riquezas, plantações ou qualquer produto conhecido no mundo. Dentro, distende-se a inextricável rede de controle sobre cada indivíduo que a atravesse ou aqui venha morar por algum tempo. Há uma polícia para a blasfêmia e uma para as prostitutas, aquela para os alcoviteiros e outra para os desordeiros, há quem controla os barqueiros e outros que vigiam os armadores. Ninguém tem condições de dizer quem manda aqui, mas todos devem temer os mil olhos que observam estes caminhos de água. Pesos e contrapesos asseguram o poder da Sereníssima, e é só o que conta, nesse jogo de espelhos que refletem imagens distorcidas, onde o que parece não é, e o que é real frequentemente permanece oculto atrás de pesadas cortinas. Veja o Doge, por exemplo, venerado pelo cortejo de embarcações e pelo povo, desde a nomeação até à morte. Pois bem, ele não conta nada, nem pode abrir as cartas que lhe são enviadas, sem prévio consentimento dos conselheiros encarregados de tal função. Isso sem falar das mentes refinadas que disseminam o ódio entre os humildes, alimentando-lhes o rancor surdo que sempre existiu contra si mesmos, dividindo-os em facções e criando mil pretextos e mil jogos para que desabafem entre si, com derramamentos de sangue tão cruéis quanto sem motivo, e nunca contra os que empunham o bastão do comando. Multidão de prostitutas e cores berrantes, bandos de artistas e prazeres da mesa,

Ludovico meu, servem para ocultar espíões e milicianos, juízes e inquisidores que, palmo a palmo, observam incessantemente.

O meu olhar desce para o decote, ainda tenho dificuldade em acostumar-me ao generoso modelo veneziano. Surtos de calor. Observo com apreensão o fundo da xícara: uma papa de folhas pretas. Sinto os ossos frouxos, afundo no divã. Uma risada sem motivo.

— Considera isso divertido?

— Perdoe, mas esta agradável situação não está alinhada com o seu relato sombrio. Vi guerras e massacres e não estou muito acostumado às armas sutis do poder.

— Não as subestime. O que quis dizer é que quando a autoridade não está nas mãos de um só príncipe, mas é distribuída entre várias magistraturas e corporações, é possível pensar em empreendimentos mais ousados. Com a condição porém de saber reconhecer e gratificar tais poderes, quando se tornar necessário. Esta é a liberdade que vigora em Veneza, não o ordenamento dela, que tantos louvam, mas ninguém entende.

Aproxima-se mais, um eflúvio de essência me embriaga:

— Veja, nós emprestamos dinheiro. Sempre foi assim, os mesmos que nos agradam, cedo ou tarde começam a explorar-nos. Nós aprendemos a fazer a mesma coisa. Prendemos a nós homens importantes, sustentamos atividades e interesses vitais, decidimos quando e como afrouxar o cordão da bolsa. Os mercadores de Rialto são nossos devedores, assim como os armadores do Arsenal. Famílias patricias do Conselho e linhagens que fornecem bispos e magistrados à República, sempre inclinados ao esbanjamento, devem a nós boa parte da ostentação que as reveste. Para eles, o nosso dinheiro é importante como o ar que respiram: precisam refletir antes de opor-se a nós. Por outro lado, nós precisamos saber que o sodalício não durará muito tempo.

A frase do sobrinho:

— Carregar uma bagagem leve.

Sorri:

— A corrupção é um fio delicado que pesos e contrapesos mantêm estendido. Esta é a cautela de que lhe falava. — Uma expressão preocupada desliza pelo rosto dela. — Precisa saber de quem proteger-se, quais são as forças que podem romper o equilíbrio. Há esta nova leva de inquisidores, gente astuta e fanática,

açulada pelo cardeal Carafa, perigoso como ninguém mais. Há decênios sempre no lugar certo, promoveu a Congregação do Santo Ofício, que o Papa instituiu para ele, e desde o 1542 controla, criando uma matilha de cães ferozes, devotados e incorruptíveis. É deles que precisa proteger-se, eles farejam a presa, apontam-na e a perseguem até derrubá-la.

Dona Beatriz consegue transmitir-me toda a inquietação, um medo antigo, que parece acompanhá-la desde a noite dos tempos. Sinto um arrepio.

— Conheço a raça. O medo é a arma deles para subjugar os homens. O medo de Deus, do castigo, e daqueles como eles. Não podemos reunir exércitos para combatê-los, mas levar outros a fazer isso por nós. Existe aquele partido de cardeais contrários à Inquisição, os Espirituais, mas infelizmente é composto de pessoas pouco habituadas a enfrentar: enquanto os outros cerram as fileiras, este é o único movimento de destaque que conseguiram produzir.

Tiro o pequeno volume da manga.

Faz um sinal de aprovação:

— *O Benefício de Cristo*. Li com muito cuidado e concordo com o senhor. Talvez não baste para segurar os cães, mas possui uma força que nem os Espirituais percebem. Existe uma ampla fauna de padres, doutores, clérigos, literatos e também homens importantes da Igreja que pode acolher estas ideias. Paulo III é um inepto, mas se o próximo Papa for um Espiritual, quiçá aquele inglês estimado por todos, Reginald Pole, então os ares mudariam. — Mais um sorriso. — Feche o negócio conosco, dom Ludovico.

Aperta minha mão entre as dela.

— Que par fantástico!

João Miquez entra na sala, Duarte Gomez atrás dele. Dentes brilhantes e ruído de botas.

— Então, Beatriz, conseguiu envolver direitinho o nosso convidado? Cuidado que ele, ao contrário do seu sobrinho pervertido, prefere as mulheres.

Dona Beatriz tem a resposta pronta:

— Mas está rodeado de jovens na flor da idade, pelo que você me contou.

Olho ao redor, perdido. O constrangimento toma conta de mim:

— Parem, por favor.

Miquez se exhibe com uma ampla reverência e Gomez desata a

rir. Retiro-me do fogo cruzado.

— Amigos, poucas pessoas me acolheram com tanta familiaridade e cordialidade. A refinada intuição de que vocês são capazes não para de surpreender-me, abrindo-me horizontes fascinantes. A marca que pesa sobre a sua gente, aparece-me agora em toda a sua inconsistência. É necessário ter percorrido o mundo ao longo e ao largo, para poder pintá-lo com tanta clareza. Agradeço a confiança que me concedem. Espero que volte a honrar a minha mesa, João. Quanto à senhora, dona Beatriz, cada uma das jovens que frequentam o Caratello deveria renascer três vezes antes de adquirir um fascínio igual ao seu.

João e Duarte aplaudem alegres.

— A minha despedida só pode ser de poucas palavras: considerem o nosso primeiro negócio já fechado.

## Capítulo 17

Veneza, 7 de outubro de 1546

Quarenta e cinco ducados. Mais trinta, oitenta e um, dezesseis. Menos o pagamento das moças, os víveres e o vinho.

— Demetra! Acabou a tinta!

A voz chega brincalhona e irreverente da cozinha:

— Use a memória, Ludovico, a memória!

Quarenta e cinco mais trinta: setenta e cinco. Mais oitenta e um: setenta e cinco mais oitenta e um...

— ... Grandes filhos de uma boa mãe, minha cara, se eles pegam você na mira, não largam mais. E querem enfiar-se em todo lugar, ouvir tudo...

Berra como um condenado, enquanto isso, a mão revista sob a saia. Setenta e cinco mais oitenta e um dá cento e cinquenta e seis... isso, mais dezesseis.

— ... Ah, mas os milicianos de Carafa têm a vida dura, aqui em Veneza, nós não deixamos que nos pisem na cabeça... meter o nariz nos nossos negócios. Nós mesmos acertamos as contas com os hereges e os blasfemadores....

Mais dezesseis, e pare com isso, cagão, mais dezesseis: cento e setenta e dois.

— ... além disso, belíssima, você sabe quem é o cardeal Carafa? Não? Eu lhe digo, um velho enrugado e desdentado que se encontrar à noite, você se suja todo de medo... Eu conheci, é, mas o velho não aparece muito, não, ele não gosta... prefere a escuridão, como os demônios, como os bruxos.

Com o rabo dos olhos vejo um movimento de mãos nas saias e

decotes. Então, menos o pagamento das moças, aí...

— Um grande espião, quer saber tudo de todos e eu, minha cara, seria o primeiro da lista, só porque gosto de vinho e de putas.

Doze, mais quinze, mais...

— Ninguém sabe a idade dele, aquele lá existe desde sempre, ele já espionava quando eu e sua mãe ainda tomávamos leite. Espionava o Imperador, o rei da Inglaterra, espionava Lutero, espionava os príncipes e os cardeais. Depois o Papa quis agradá-lo, montou a Inquisição, aí é que ele pôde divertir-se. Ele quis ser reconhecido, e como... Chamou todos os espiões espalhados pela Europa, sim, para infiltrá-los na Igreja. — O pagamento das moças. — Aquele lá nasceu para espionar, pode crer, é perigoso, se não fosse que em Veneza estamos protegidos, aquele lá viria aqui colocar-nos todos na linha... — *espionava Lutero, vinte e sete escudos, espionava Lutero, chamou todos os espiões espalhados por aí, vinte e sete mais quarenta e dois, a Inquisição, existe desde sempre, já espionava quando eu e você ainda tomávamos leite, espionava Lutero, vinte e sete mais quarenta e dois dá sessenta e nove, mais todo o restante, chamou todos os espiões para infiltrá-los na Igreja, a Inquisição, prefere a escuridão, sessenta e nove, você sabe quem é o cardeal Carafa? Mais quinze do vinho, ninguém sabe a idade dele, aquele lá existe desde sempre, espionava o Imperador, espionava Lutero.*

*Espionava Lutero.*

Levanto os olhos, perdi a conta: só as moças, nenhum movimento de mãos. Cadeira vazia. Pressão na cabeça, atrás dos olhos e na base do pescoço, pesa como uma pedra.

— Aonde ele foi?

Encolhem os ombros, mostram as moedas entre os dedos.

Fora. É noite, deslizo no piso escorregadio, um tagarelar ao longe me diz que está dirigindo-se para o Rialto. Corro, rápido, senão o perco, corro. Um canto, outro, uma pequena ponte, seguindo a voz, é uma canção murmurada, em veneziano, rapidamente na noite, no fundo da calle uma sombra gorda cambaleia de vinho.

Os meus passos pesados o assustam, ele tira um estilete de pelo menos dois palmos.

— Não tema! Sou o administrador do Caratello.

— Eu paguei, messere...

— Sei disso. Mas não provou do vinho que reservamos para os hóspedes importantes.

— Está brincando comigo? — Aperta os olhos vermelhos, a cabeça dele deve estar rodando muito.

— De forma alguma, é oferta da casa, não posso permitir que vá sem antes ter experimentado daquela garrafa.

— Bom, sendo assim, se quiser ir à frente, o acompanharei com prazer.

Pego-o pelo braço:

— Vai aguentar sem acabar dentro de um canal?

— Não se preocupe, Bartolomeu Busi já tomou piores...



— Bartolomeu Busi, tempos atrás frade teatino. Antes que aqueles corvos negros de Carafa me jogassem para fora. Há dois anos, sim senhor, servo de Deus, mas da minha maneira ainda sou, porra. Ando com putas, certo, talvez exagere um pouco no vinho, mas são coisas que se você explicar bem, o bom Deus não vai criar problemas, não. Agora vou ter que me arreentar no Estaleiro, costurar velas o dia inteiro, olhe só as minhas mãos! Bastardos! No convento não era assim, a vida não era ruim: cuidava da horta, ficava na cozinha, lá havia sempre um monte de gente, hóspedes importantes, cardeais, príncipes. O senhor pensa que um convento é um lugar de clausura? Engano seu, é um movimento contínuo, de mulheres também. Eu ficava lá no começo, porcos imundos, eu não queria seguir carreira, porque sempre fui ignorante, espiões! Certo, de vez em quando eu escondia umas batatas, um pedaço de carne de vaca, para vender lá fora, mas só isso. Mas eles foram arrumar uma história que eu era sodomita. Um sodomita! Todos sabiam que sempre gostei de mulheres, não de meninos e de todas aquelas porcarias dos abades. Só desculpas. A verdade é que as coisas não andavam bem há uns tempos, meu caro. Havíamos entendido que espiões, delatores e milicianos estavam tomando conta de tudo. Fácil dizer voto de pobreza, renovar a Igreja, libertar-se dos ladrões de Roma. Tudo pelas costas daquele santo homem, Caetano de Thiene. É, santo, grande bobão. E quem estava lá? Sabe quem estava lá, quem o manipulava como um marionete? Eu lhe digo, o pai de todos os espiões: Giovanni Pietro Carafa. O velho, sim senhor, sempre ele, puh! Aquele lá, daqui a cem anos, quando até os vermes sentirem

nojo das nossas carcaças, ainda estará espionando. Ele ainda vai ser Papa, ouça o que lhe digo. Imagine, há quarenta anos já era bispo, quarenta, meu caro. Núncio pontifício na corte inglesa e espanhola, precisava ouvir, ele contava que tinha segurado no colo o Imperador, quando este tinha sete anos, o Imperador! Antes do ano 20, era arcebispo de Brindisi e depois o que faz? Sente o cheiro de merda: Lutero, as zonas, e Roma que vai para o prostíbulo. E ele o que faz? Larga tudo, modo de dizer, renuncia aos cargos e põe para trabalhar os próprios espões por toda a Europa. E aqui ele banca o santo com o pobre Caetano, o bobão, e funda a nossa ordem. E assim, depois do 27, depois que os alemães cagaram em São Pedro, todos babam por ele, pedem, imploram que volte para dar um jeito nas coisas. E ele o que faz? Nem precisa dizer que aceita, mas diz: as coisas precisam mudar, precisamos ser firmes senão Lutero põe nós todos para correr. Então, dá-lhe em cima de todo mundo. Em 37 o fizeram cardeal, estabelecendo as diretrizes para salvar a Igreja dos corruptos, dos sodomitas, e dos hereges espalhados por todo lugar. E assim você não se livra mais dos espões. Estão em todo lugar. Mas ele não cansa, sempre tramando, como se nunca fosse morrer. Mas eu lhe digo, a troco do quê? Em 42 o Papa, outra ótima pessoa, lhe dá de presente a Congregação do Santo Ofício, uma bela roupa sob medida para ele. Bastardos! Ele diz: chegou a hora de arrumar as coisas. E o que faz? Chama todos os espões, todos, mesmo os que não ficavam contando as mijadas de Lutero. Eu os vi, espanhóis, alemães, holandeses, suíços, ingleses, franceses, todos no convento, todos passaram por lá, para receber as novas ordens. E ele diz: senhores, os tempos mudaram, há um tempo para semear e um para colher, este é o tempo da colheita. E lá vão eles espionar de novo e quanto a mim, levo no traseiro só porque não gostei daquilo, está certo fazer limpeza na própria casa, mas ficar espionando até nas cuecas, esperar que você diga uma palavra errada, para pegá-lo e processá-lo. Deus não é um tribunal, é amor, caralho, quem diz isso é Jesus, não sou eu, Jesus Cristo em pessoa. Mas ele nada, você se caga nas calças de medo e chega. Aí vem a acusação: frade Bartolomeu o sodomita, com testemunhas e tudo. Nojentos! Eu ainda me saí bem, sabe?, se não fosse um peixe pequeno, arrancavam minha cabeça do pescoço. E agora, toca trabalhar o dia inteiro no Estaleiro por um pedaço de pão. Depois de velho, quase cinquenta anos. É por isso que gosto de puta e tomo vinho. Ah, mas o senhor é pessoa distinta, o seu

bordel parece o jardim das delícias. Que fêmeas! O caso é que eu não tenho como aproveitar, com o salário de miséria que recebo. Só posso apalpar, nada mais. Perdoe, sabe, mas quando lembro daqueles suínos, o meu sangue sobe à cabeça.

A tisana de Demetra já o despertou um pouco e ele já lança uns olhares para a garrafa sobre a mesa. Abro-a.

— Alemães. Conheceu alguns alemães no convento?

— Os alemães? São os preferidos dele, gente de confiança, cabeças quadradas. Depois tem os espanhóis, é, porque é só dizer-lhes quem devem matar, e eles matam. Bastardos!

— Estou interessado nos alemães. — Encho o copo dele.

— Os alemães, certo, eu vi. Sempre falando de Lutero... — Engole o vinho. — Ele dizia isso, Carafa, que os alemães anotam tudo, são minuciosos, não como nós esfarrapados, que perdemos tempo com conversas. Eles são os mais confiáveis.

— Você lembra de algum nome?

A barriga estremece contra a mesa:

— Ah, já é pedir demais. Nomes. Em um convento você é só Bartolomeu, João, Martim... Os nomes não significam nada.

— Quantos você viu?

Um arroteo ao vinho tinto:

— Seis, pelo menos sete, talvez dez, mas contando os suíços também, que falam a mesma língua. Alemães... gente perigosa.

A cabeça dele começa a balançar. Passo-lhe o dinheiro sobre a mesa:

— Peça às minhas moças que o tratem bem.

Ele reanima:

— Senhor meu, Deus o abençoe, falei que o senhor era uma pessoa distinta, se quiser lhe conto mais alguma coisa, quando quiser ouvir as histórias do Bartolomeu, é só assobiar...

## Capítulo 18

Veneza, 8 de outubro de 1546

A ponte de Rialto transborda de bancas, vendedores, transeuntes, que parecem cair no Canal de um momento ao outro, de tão apinhados. Abro caminho a cotoveladas, sem prestar atenção aos xingamentos que chovem de todo lado. Entro no Comércio, vielas onde ecoam os brados dos mercadores de tecidos, dos ourives, mas pelo menos é possível respirar.

Um velho alemão andando à-toa como tantos. A ideia era chegar ao convento dos Teatinos, mas agora não tenho mais vontade, não adiantaria.

O convento. Ninguém sabe o que acontece dentro de um convento, ninguém sabe quem você é: no convento o seu nome é um nome qualquer, foi o que Bartolomeu disse. Um centro de reunião de espões no lugar mais impensado.

Alemães, pelo menos meia dúzia de alemães. Gente que contava as mijadas de Lutero, instalada nos lugares certos desde o início, desde quando um desconhecido frade agostiniano afixou as suas teses em Wittenberg.

Passo o canal São Salvador, na direção de São Lucas. O vozerio do comércio diminui um pouco.

Wittenberg. Já passou uma vida. A minha. Lutero morreu. Os protestantes fundaram a Igreja reformada deles, os jogos estão fechados. Os espões são chamados à Itália para novos empreendimentos. A aposta é o poder de Roma, talvez o Trono Pontifício. Novas diretrizes, não é difícil imaginar quais: infiltrar no partido adversário dentro da Igreja romana, os Espirituais, aqueles

que gostariam de chegar a um acordo com os protestantes, espionar cada movimento deles e informar o chefe. Quem sabe cortejá-los, gratificar os luminosos intelectos deles, esperar por um passo em falso e desferir-lhes o golpe fatal. Exatamente como na Alemanha.

Como em Müntzer.

Como com os Anabatistas.

“Há um tempo para plantar e um tempo para erradicar as plantas.”

Qoèlet 3, 2.

Sento-me em uma pilastra, ao longo do canal Fiadores.

O papel desmancha entre os dedos, mas as palavras ainda são legíveis onde as manchas do tempo não apagaram a marca de tinta. Cartas que contam uma história de vinte anos atrás, quando a Alemanha ardia com as palavras de Magister Thomas, e guardadas com cuidado. Agora sei porque as trouxe comigo durante todos estes anos. Para lembrar-me de você.

Qoèlet.

Lanço ao alto a moeda e a recolho no ar. A escrita ainda é bem visível: UM DEUS, UMA FÉ, UM BATISMO. Relíquia de outra derrota. Peça rara, quase única, forjada pela casa da moeda de Münster.

Um barqueiro lança o aviso antes de adentrar a curva do rio e desaparecer da visão, as gaivotas boiam tranquilas, observando o fundo.

Você espionava Lutero. Espionava Müntzer. Espionava os Anabatistas, aliás, era um deles. Um de nós. Talvez eu o tenha conhecido.

Qoèlet.

Os camponeses na planície.

Os cidadãos de Münster presos dentro da muralha.

Mulheres e crianças.

Pilhas de mortos.

Você está aqui. Carafa não vai abrir mão de uma peça importante como você. Você o serviu bem, mas agora existe a Inquisição, chega de soldados solitários: reunir vozes, informações, espionar os Espirituais para colher o melhor momento.

Você está aqui. Onde será jogada a partida decisiva, como sempre, como nestes últimos vinte anos. Os meus vinte anos.

Pilhas de mortos.

Magister Thomas, Heinrich Pfeiffer, Otilie, Elias, Johannes Denck. Jacob e Matthias Ziegler, pouco mais que crianças.

Melchior Hofmann, que morreu há alguns anos na prisão de Estrasburgo. O fiel Gresbeck e os irmãos Brundt, aprisionados e executados fora da muralha de Münster. E os Mayer e Bartholomeus Boekbinder que me emprestou o nome, que pereceram defendendo corajosamente a cidade.

E mais Elói Pruystinck e todos os irmãos de Antuérpia.

Uma procissão de fantasmas na margem deste canal.

Só ficamos eu e você.

As últimas testemunhas de uma era que está terminando. Duas velhas sombras cansadas.

Aquele ódio me abandonou, não é desvantagem: posso ser mais cuidadoso, também mais astuto. Mais de quanto você pode ter sido.

Hoje posso descobri-lo.

Além da praça São Marcos, o paredão estica-se para o Estaleiro, onde os insuperáveis navios dos venezianos aguardam o primeiro lançamento ao mar.

Na frente, a ilha de São Jorge Maior, com o convento beneditino. A bacia do Estaleiro abre-se à esquerda: os carpinteiros trabalham nos esqueletos de duas imponentes galeras.

Sento para observar a perícia destes homens famosos em todo o mundo, mas não é fácil afastar os pensamentos.

Os elementos do tabuleiro são sempre os mesmos. De um lado um cardeal inglês amado por todos os que desejam a reconciliação com os protestantes, cavalo vencedor do Imperador, que espera a pacificação religiosa da Cristandade porque o Império está fugindo de suas mãos; o mais odiado pelos cardeais que fomentam a guerra espiritual da Inquisição.

Do outro, o príncipe negro do Santo Ofício, o cardeal Carafa, que constrói a máquina peça por peça e se prepara para a batalha. Chamou todos os espões na Itália, para grudá-los aos Espirituais. Um exército de observadores, um exército de olhos e, obviamente, de delatores.

Um deles é o mais importante, o mais confiável. O melhor, se é verdade que estava em Wittenberg e em Münster.

Münster.

Os Anabatistas, velho conhecido.

Uma ideia. Só uma intuição.

Aqui, ninguém jamais conheceu o anabaptismo. Mas ele sim, estava em Münster e soube atraí-los no momento exato.

Os elementos à disposição: um livro, *O Benefício de Cristo*, manual de calvinismo adaptado para os católicos: mas é possível extrair alguma coisa mais. Como os Anabatistas fizeram com os textos de Lutero. Acender o conflito. Radicalizar os conteúdos do livro: do calvinismo ao anabaptismo.

Levanto-me, sem parar minha reflexão, dirijo-me apressado para a praça.

Os inquisidores são cães de caça, farejam a presa, apontam e não a largam mais. Foi o que dona Beatriz disse.

Precisamos de uma lebre.

Um alvo que os traga para o campo aberto. E quem sai à caça, deve ser o melhor, o mais experiente. Quèlet.

Se a presa for um anabatista, talvez alemão, mandariam ele. Aquele que já os derrotou em Münster, aquele que os conhece bem.

Atravesso a praça São Marcos com andar frenético, direto para o Comércio.

Um anabatista na Itália, alguém que sabe como agir.

Paro diante do Empório dos Alemães ofegante e o coração na garganta.

Respiro fundo.

Uma partida a dois. Dois que lutaram nas mesmas batalhas.

Uma só velha conta para acertar.

Posso descobri-lo.



O que aconteceria se *O Benefício de Cristo* se tornasse um livro muito mais perigoso que agora? O que aconteceria se alguém começasse a circular batizando novamente as pessoas com o *Benefício* na mão?

Carafa e os cães dele iniciariam a caçada. Mas, acima de tudo, o cardeal Reginald Pole e todos os Espirituais seriam obrigados a descer para o campo e lutar para defender-se do ataque dos Zelantes.

É melhor que isto aconteça antes que seja nomeado Papa um intransigente, um zelante, um amigo de Carafa, ou pior ainda, o próprio Carafa. Melhor acertar as contas logo, antes que os delatores e os espões do príncipe negro consigam obstruir Pole o Honesto e os seus ingênuos seguidores.

Acelerar o conflito. Forçar Pole a rebater golpe com golpe, ao invés de continuar apanhando em silêncio. Empurrar aquele belo intelecto inglês para as armas. Ele precisa ser o próximo Papa. Ele tem que acabar com aquele velho teatino.

O espelho reflete os anos todos de uma vez só, mas ainda há um brilho nos olhos. Alguma coisa que deve ter cintilado nas barricadas de Münster, ou entre as fileiras camponesas da Turíngia. Alguma coisa que não ficou perdida pelo caminho, porque o caminho não poderia matá-la. Loucura? Não, mas como disse Perna: a vontade de ver como isto vai acabar.

O homem no espelho tem os cabelos mais compridos. A barba também vai crescer. Roupas menos elegantes, nada de tecidos venezianos, mas velhos trapos alemães.

O rosto marcado quase encosta ao vidro, olhar penetrante, que escava por dentro e de vez em quando se ergue, para consultar o Pai.

— Ontem perguntei a uma criança de cinco anos quem era Jesus. E ele respondeu: uma estátua...

O velho louco ri, alegre.

Encontrei o anabatista.

*Carta enviada para Trento da cidade pontifícia de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 1º de janeiro de 1547.*

Ao ilustríssimo senhor meu Giovanni Pietro Carafa, em Trento.

Senhor meu respeitabilíssimo, o estranho fato que venho relatar, merece ser devidamente ponderado.

Sei com certeza que *O Benefício de Cristo* recomeçou a circular em várias praças. Nos últimos meses foi adquirido em Ravenna, Ancona, Pescara, e mais para o Sul, ao longo do litoral do Adriático. Isto significa que os lotes viajam por via marítima, em navios em condições de transportar discretas quantidades de livros. E não deve tratar-se de poucas centenas de exemplares, meu senhor, mas de milhares, sendo portanto difícil acreditar em trabalho executado por uma única gráfica. Considerando a zona de difusão, deve tratar-se de algum editor de Veneza ou Ferrara, certamente residente nos territórios dos estados que mais dificultam a entrada da Inquisição romana.

Sei que a autoridade de V.S. não se estende até o território da Sereníssima, mas apesar disso, poderia ser útil colocar a pulga atrás da orelha dos inquisidores venezianos e do duque Hercules II d'Este. De fato, não creio que eles queiram passar a imagem de quem permite a impressão de um livro excomungado pelo Concílio.

O fato intrigante é que aqui em Viterbo, aparentemente ninguém sabe coisa alguma sobre os responsáveis por esta nova difusão. Parece que, desta vez, o cardeal Pole e os amigos dele não estejam envolvidos. Pode-se suspeitar que se trate de uma operação ampla, dirigida por uma mente brilhante, mas estranha ao círculo dos Espirituais.

Pois bem, como o meu senhor sabe, em Veneza encontram refúgio muitos radicais cripto luteranos. Poderia portanto ser útil colher maiores informações sobre as atividades deles, sem levantar suspeitas nos venezianos que, como é sabido, são muito suscetíveis quanto às ingerências nos negócios deles, de parte da Santa Sé.

Beijando as mãos de Vossa Senhoria, recomendo-me à sua  
graça.

de Viterbo, no primeiro dia do ano de 1547  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

## O diário de Q.

Viterbo, 14 de janeiro de 1547

### *Sobre o Concílio*

O Imperador não perdeu tempo. O velho leão ainda tem as garras. Fez os lansquenetes descerem pelo Trentino. E com eles a peste, que sempre os acompanhou.

A mensagem é clara: depois da desfeita do paladino dele no Concílio, os cardeais que se cuidem. Aquele Papa inepto tinha começado a lançar sinais de entendimento com os Franceses. Mas Carlos é sempre Carlos, regente do Sacro Romano Império, que ninguém experimente tramar por trás dele.

O Concílio foi suspenso, será transferido para Bolonha, longe do hálito pestilento dos lansquenetes. É o que dizem.

### *Sobre Carafa*

Carafa precisa tomar cuidado: o Imperador não é homem que se deixe pisar na cabeça, acabou de demonstrá-lo. É talvez por isso que o velho tarda em arremessar a Inquisição nos rastros do *Benefício de Cristo*, de quem o possui ou de quem o redigiu. Reginald Pole ainda está em alta no coração de muitos, agrada ao Papa e ainda mais ao Imperador.

Ou talvez seja simplesmente uma pausa premeditada. Talvez o velho ache os tempos ainda prematuros, muitos peixes ainda precisam cair na rede, é necessário deixar o livro circular. Mas ele está brincando com o fogo, porque com o livro, difundem-se as ideias.

*Quanto à nova difusão do livro.*

Quem pode estar interessado em arriscar tanto para imprimir e vender *O Benefício de Cristo*?

Se Pole e os Espirituais não estão envolvidos, quem é o responsável?

Um mercador, um homem, ou vários homens, pensando no negócio. Mas, por quê? Pode-se lucrar com outros textos, não é necessário arriscar a prisão ou a vida por um grosseiro compendio de calvinismo.

Há alguma coisa que ainda não entendo. Preciso seguir o instinto.

**Tiziano**

## Capítulo 19

Pádua, 22 de janeiro de 1547

— Ontem perguntei a uma criança de cinco anos quem era Jesus. Sabem o que ela respondeu? Uma estátua.

Rostos curiosos só iluminados pela vela. Uma dúzia de estudantes ao redor da luz, os onze que desafiam o sono e as rígidas normas do internato. Conheci uns poucos esta tarde no gabinete anatômico, após a aula de teologia. Poucas conversas nos corredores bastaram para que me propusessem segui-los no internato dos beneditinos para passar a noite.

— O que é Cristo para uma mente simples? Uma estátua. Esta é uma blasfêmia? Não, porque não contém a vontade de ofender. É a mentira de um ignorante, então? Também não. Eu lhes digo que aquela criança não mentiu, aliás, disse a verdade duas vezes. A primeira, porque diante dos olhos dela, enquanto a ensinavam a ajoelhar-se, havia um crucifixo de pedra. O que infunde vida àquela pedra? O que a torna diferente das outras? O conhecimento daquilo que ela representa, O conhecimento: aquilo que dá um sentido às coisas, ao mundo e também às estátuas. Então, para fazer com que aquela estátua viva, precisamos conhecer o Cristo. Podemos dizer com poucas e simples palavras quem é o Cristo? Podemos, amor e graça. É Deus, que por amor aos homens imola-se na cruz, redimindo-os do pecado, salvando-os das trevas. E a fé neste único ato justifica os homens diante de Deus: este é o benefício que Cristo nos traz. O Benefício de Cristo.

“Portanto, se conhecimento e amor fazer viver aquela estátua, o nosso dever é cultivá-los como o mais precioso dos dons e escapar,

aliás, combater, quem nos afasta deles.

“Isto nos leva à segunda verdade da criança. Hoje assistimos realmente à agonia de Cristo. Nem com amor, nem com conhecimento, a Igreja torna vivo o Cristo ao qual aproxima as crianças. Ele se torna obediência incondicional à autoridade secular, à hierarquia corrupta de Roma, ao Papa simoníaco, torna-se medo do castigo divino posto em cena pelo Santo Ofício. Tudo isto não é o Deus vivo, mas realmente uma estátua árida e muda.

“Precisamos então voltar à infância, adquirir novamente a mente simples daquela criança cheia de sabedoria, e sancionar outra vez a descida da graça sobre nós. Um novo batismo, que nos torne ainda partícipes do benefício de Cristo.

“Com esta certeza renovada, não podemos temer a profissão da verdadeira fé, mesmo contra a hipocrisia dos tribunais e dos homens corruptos. Eis porque eu lhes digo que, se alguém perguntar quem lhes falou desta forma, não temam em dizer que fui eu, Tiziano, o batista.”

## Capítulo 20

Rovigo, 30 de janeiro de 1547

— Exatamente ontem, na saída de uma igreja, encontrei uma criança de cinco anos e lhe perguntei quem era Jesus. Sabem o que ela respondeu? Uma estátua.

O frade Vitório encolhe os ombros e deixa transparecer um sorriso sob a barba espessa:

— Se isso servir de consolo, há um homem em nosso lugarejo, um marceneiro ao redor dos quarenta anos, que vai três vezes ao dia à igreja, reza um *Pater* na frente do crucifixo e volta para o trabalho. Perguntei porque as visitas dele ao Senhor eram tão assíduas. Ele respondeu que eu havia dito que três orações diárias a Jesus lhe curariam a dor nas costas. Este é o lugar mais perto para encontrar Jesus, acrescentou. Não imagina a cara dele quando tentei explicar que Jesus pode estar em todo lugar: nas mulheres e nas crianças, no ar e no córrego, na grama e nas árvores.

Bato as palmas e as reabro com resignação. O gesto atrai a atenção de mais dois frades. Aproximam-se para entender do que se trata.

— O seu exemplo não me consola de forma alguma, irmão. Se um homem de quarenta anos pensa que Jesus seja uma estátua, exatamente como uma criança de cinco, significa que trinta e cinco anos de normas e preceitos, dogmas e castigos não aumentaram de uma só vírgula a fé do cristão. Como é possível, eu pergunto, que uma criança seja obrigada a receber os sacramentos, ajoelhar-se diante daquela que, na inocente cabeça dela, só pode ser uma estátua, ouvir o Evangelho que para ela é só um conto por nada

melhor que aqueles que escuta diante de uma lareira? Isso tudo lhes parece sensato? Eu digo que isso tudo não é só absurdo, mas também perigoso. Que crente estamos criando? Qual sincera devoção a Cristo podemos esperar que amadureça naquele pequeno ser, se o acostumamos desde a tenra idade a aceitar passivamente o que não compreende? Ajoelhar-se diante das estátuas? Eu lhe digo, irmãos, que Cristo só pode ser uma escolha consciente e motivada, não um conto inculcado nos ingênuos. Mas hoje é isto que nos pedem. Pedem que acreditemos sem compreender, que obedecemos em silêncio, até temer, vivendo no terror de sermos castigados, processados, encarcerados. Pode a verdadeira fé nascer entre tais sentimentos? Certamente não, irmãos.

Os três franciscanos trocam olhares incertos. Hesitam em romper o silêncio que segue as últimas palavras. Um deles faz um sinal para que os outros cheguem perto.

Sou Tiziano, peregrino alemão a caminho de São Pedro. Os franciscanos deste pequeno convento no campo me acolheram com gentileza e hospedaram com grande cortesia.

Falam baixo entre si: o resumo para os recém chegados.

Frade Vitório fica rígido em pose plástica, depois não consegue segurar uma risada:

— Não coloque as coisas assim, irmão Tiziano. Pense de outra forma: perto de um vilarejo da nossa diocese há um álamo secular, talvez a árvore mais imponente que já tive a oportunidade de ver. Pois bem, os camponeses afirmam que durante o plenilúnio de outubro, quem ficar debaixo da árvore e receber nas mãos uma folha trazida pelo vento, comendo-a ganhará força e longevidade.

Um olhar carrancudo:

— Não entendo aonde quer chegar.

— Um peregrino como o senhor — retoma cruzando as mãos nas costas —, vinte anos atrás veio revigorar-se neste convento. Contamos a ele a história do álamo e explicamos onde ele estava. Ele estava convencido que ocorriam prodígios naturais nos lugares onde a Nossa Senhora deseja mostrar-se aos próprios filhos. Foi até lá e a Nossa Senhora lhe apareceu, dizendo: “O corpo e o sangue de meu Filho concedem a vida eterna”. Desde então, no plenilúnio de outubro, festejamos a Nossa Senhora do Álamo, os camponeses vêm para receber a Eucaristia e as folhas da árvore que caem no altar são benzidas e distribuídas a todos os fiéis.

Sento-me em um dos bancos de pedra ao lado do muro. Os frades multiplicaram-se: pelo menos uns dez. Os mais idosos sentam ao meu lado, os outros ficam acorados no chão.

— Então — pergunto dirigindo-me ao grupo todo —, o que quis dizer o nosso coirmão com a história do álamo?

Responde um jovem frade, todo nariz e zigomas ossudos:

— Que para levar o Cristo ao povo do campo, não podemos sutilizar: alguns acreditarão que ele é uma estátua, outros comerão o corpo dele como, quando jovens comiam as folhas de uma árvore.

Agora que estão todos sentados, levanto-me de repente:

— “O corpo e o sangue de meu Filho concedem a vida eterna.” A Nossa Senhora do Álamo anunciou ao peregrino o coração da fé cristã. O povo do campo não entende o Cristo, porque vocês o tornam complexo demais. Eis porque eles precisam de uma estátua ou de uma lenda antiga para aproximar-se d’Ele. Deus se fez homem e morreu na cruz para que nós também pudéssemos ressurgir para a vida eterna. Esta é a fé que salva: nada mais. Esta é a fé que nenhum recém-nascido pode professar: por isso eu lhes digo que batizar um recém-nascido não tem valor maior que molhar um cachorro. O único batismo é aquele da fé no benefício de Cristo!

Pula em pé e quase tropeça na longa veste, espessas sobancelhas negras e barba até debaixo dos olhos. Abraça-me em um impulso, beija-me, depois me olha com expressão incandescente:

— Adalberto Rizzi o agradece, irmão alemão. Há vinte anos vivo aqui dentro, desde que Nossa Senhora me apareceu entre as folhas do álamo e com muitos sinais forneceu o testemunho de sua presença. — Os frades mais jovens o olham desnorteados. — Isso, isso, perguntem ao frade Miguel, se não estou dizendo a verdade. Depois da aparição comecei a pregar o que você, irmão Tiziano, disse hoje. Palavra por palavra, eu lhe asseguro. Mas afirmaram que eu estava perturbado, que precisava de descanso e meditação, que a Nossa Senhora não tinha de forma alguma pedido que eu dissesse aquilo. Eles me convenceram. Mas agora sinto que você me devolveu o que me haviam subtraído e com a língua de fogo proclamarei ao mundo a fé no novo batismo e no benefício de Cristo!

Joga-se em joelhos, como se as pernas não o segurassem mais.

— Batize-me, irmão Tiziano, porque aquele enxágue que me deram quando criança não vale mais nada para mim. Batize-me, até com a água suja daquela poça: a minha fé bastará para purificá-la.

Olho ao redor: todos imóveis, de boca aberta, exceto o frade Vitório, que abana a cabeça desconsolado. Já fiz o suficiente, para o lugar onde estou. Melhor não arriscar com gestos espetaculares demais.

— Você mesmo pode batizar-se, irmão Adalberto. Você é a testemunha de sua conversão.

Olha-me por um instante com o rosto extasiado, depois joga-se de cabeça na água barrenta e começa a rolar, gritando até rachar a garganta.

Enfim, bem espetacular.

## Capítulo 21

Ferrara, 4 de fevereiro de 1547

O depósito secreto dos livreiros Usque é debaixo da terra. O único acesso é um alçapão de diâmetro não maior que o comprimento de um braço, dissimulada por três tábuas do piso. Depois descendo por uma escada, encontramos um lugar que parece um porão. Mas o lugar é seco, os Usque pensaram em uma forma engenhosa para evitar que os livros mantidos aqui embaixo, os que poderiam ser mais incômodos e perigosos, não sejam atacados pela umidade. Escotilhas de entrada e saída permitem a circulação do ar, tanto que sinto arrepios: está mais frio que na superfície.

O nosso editor abre caminho com uma lanterna até uma pilha de volumes bem assentada.

— Eis aqui, senhores. Mil cópias prontas para despachar. As próximas dentro de um mês.

Miquez indica a metade da pilha:

— Quinhentas cópias serão retiradas pelos meus encarregados daqui a alguns dias e serão embarcadas na costa. As outras vou levar já, para Milão, comigo. Acertarei as contas até à Páscoa.

Usque o interrompe:

— Deixem cem cópias para mim. Acho que posso vendê-las aqui.

Os traços mediterrâneos ressaltam na luz da lanterna:

— Pegue da minha parte, então. A carroça está aqui fora, pode carregar já.

Subimos novamente para a elegante oficina dos mais importantes gráficos judeus de Ferrara. Seis prelos, uma dúzia de operários atarefados, fico encantado olhando o sincronismo dos

movimentos: enfiar a matriz no estampo, pincelá-la com tinta, inserir a folha no torno e depois baixá-lo e apertar bem para imprimir as letras no papel. Mais adiante compõem-se as páginas, colocando as letras uma por uma nas cunhas específicas, retirando-as de grandes caixas, com um olho no manuscrito e outro nas pequenas peças de chumbo.

No fim da corrente os encadernadores, agulha, fio e cola de peixe, dando acabamento aos volumes.

Miquez chega ao meu lado com indiferença. Em voz baixa:

— Os Usque publicam exclusivamente obras inerentes ao judaísmo. Para o *Benefício* abriram uma exceção.

Sorriso:

— Os favores recíprocos de uma imensa família...

— É. E a força convincente de um bom negócio.

Usque pergunta alguma coisa em espanhol.

— Claro. Pode prosseguir. Lá fora está o meu irmão Bernardo, ele cuidará do seguro do carregamento.

O editor parece indeciso:

— Mais uma coisa, dom João... — Uma olhada de Miquez o convence que pode falar em minha presença. — Chegou-me um pedido estranho. Da corte. Uma cópia do *Benefício de Cristo*.

Olhamo-nos perplexos, é ainda Miquez a falar:

— O duque?

— Não. A princesa Renata, a francesa. Interessa-se por teologia.

Chiavenna. República Rética.

Há dois anos.

Camillo Renato e seu círculos de exilados.

Eu lhe levava os livros a pedido de Perna, enquanto descia pela primeira vez à Itália.

Camillo Renato, *alias* Lisia Fileno, *alias* Paolo Ricci. Siciliano, literato, filo reformador, predestinacionista, sacramentista, celebrava a Última Ceia com um banquete que despertava o escândalo em qualquer um. Quando o encontrei, estava hospedando Lelio Socini e outros literatos exilados. Fiquei lá pouco tempo, mas o suficiente para saber que tinha andado pela Europa, tinha estado em Estrasburgo com Enguia e em Bolonha o tinham submetido à inquisição. Condenado à prisão perpétua em Ferrara por heresia, tinha conseguido fugir graças à ajuda de uma nobre dama da corte. A princesa Renata. O reconhecimento dele o tinha levado a assumir o

nome da própria salvadora.

Para Usque:

— É importante que ela receba hoje mesmo uma cópia.

Pego-a da bolsa, na escrivania de Usque encontro pena e tinteiro. Escrevo na primeira página.

*Não há boa obra ou ação que possa equiparar-se ao benefício de Cristo para com os homens. Só a Graça recebida do Salvador e o dom incomensurável da fé podem marcar o destino de uma alma. Este renascimento é que reúne em Cristo os verdadeiros crentes.*

*Na esperança de encontrar a dama que salvou um amigo comum.*

*Tiziano Renascido. Hospedaria do Pan.*

Os dois judeus me olham estarecidos.

Entrego o volume a Usque:

— Este é o exemplar.

Para Miquez:

— Deixe acontecer.

Alegre:

— Desde que deixou crescer essa barba, seu comportamento anda estranho.

— Você me ensinou a cultivar as amizades de alto nível.

Abana a cabeça, cumprimenta o editor em espanhol. Fora, Fernando e Duarte estão à nossa espera; as caixas de livros já foram carregadas e amarradas com correias.

João envolve os meus ombros:

— *Hasta luego, amigo.* Até à primavera.

— Lembranças minhas ao pequeno Perna.

Um sinal para os dois compadres, enquanto a carroça começa a mover-se.

## Capítulo 22

Veneza, 11 de fevereiro de 1547

A moça disse que o sujeito era moreno, um tanto alto, com uma sereia tatuada no ombro.

A moça disse que ele ficava brincando sem parar com os dados, que segurava sempre um na mão, porque gostava de apostar e dizia que quanto mais tocasse os dados, mas a sorte permaneceria ao seu lado.

A moça chorava. Porque um corte como aquele, quando fecha, deixa uma cicatriz branca e comprida, que nos dias frios se torna roxa e parece uma doença.

Chorava enquanto contava, mesmo depois de quatro dias, porque o rosto dela estava marcado para sempre.

Os olhos de Demetra eram de gelo. Era possível ler neles a repreensão, quase uma acusação: eu não estava aí e ela não pôde fazer nada. O jovem Marcos estaria sujeito a levar uma facada, e o que adiantaria?

Entre os soluços a moça dizia que o sujeito falava de um modo estranho, não, não um sotaque como o meu, diferente, grego talvez, ou eslavo. Não, não tinha batido nela, só a faca, mas pensava que quisesse matá-la e dizia que se gritasse, a degolaria feito carneiro.

Não falei nada. Acho mesmo que não falei uma só palavra. Cruzei com os olhos de Demetra e foi o suficiente.

O que precisava fazer.

Um grego que gosta de jogar.

Não lembro de ter percorrido a cidade. Mas fiz isso, porque quando os sinos repicaram, estava diante da casa de jogos do Mouro,

com os olhos fixos na cara do gigante na porta.

— Diga ao Mouro que o Alemão quer vê-lo.

O Golias deve ter escarnecido, ou quem sabe se era uma expressão natural, antes de entrar pela portinhola.

Esperei até que a abertura reabrisse e os dentes brancos do Mouro refletissem a luz da lanterna.

O sorriso de um tubarão.

Ninguém sentiu a falta de cumprimentos:

— Um grego, talvez um dálmata, gosta de jogar dados, roupa elegante e uma tatuagem no ombro, uma sereia. Desfigurou o rosto de uma das minhas moças.

O Mouro nem piscou, mas o olhar dele dizia que a notícia já tinha chegado até ele:

— Com uma condição, Alemão. Pago os milicianos para ser deixado em paz: o assunto você resolve fora daqui. E o seu punhal fica com o Kemal.

Concordei, extraindo a lâmina da bainha e entregando-a ao gigante. O Mouro afastou-se, com um gesto convidativo.

A pequena sala era silenciosa, só o ruído dos dados que rolavam sobre as mesas e imprecisões em voz baixa.

As raças do mundo tinham marcado encontro lá embaixo. Alemães, holandeses, espanhóis enfeitados, turcos e croatas empenhados em marcar os pontos em pequenas lousas penduradas às paredes. Nada de vinho ou aguardente, nada de armas: o Mouro previne-se dos problemas.

Analisei um por um, concentrando-me nas mãos. Mãos explícitas, em condições de contar histórias, dedos faltando, luvas para dar sorte, anéis avaliados no lugar e colocados sobre a mesa.

Depois vi o dado que girava na direita, um pequeno objeto de osso que deslizava entre os dedos, para frente e para trás, cada vez que a esquerda ia lançar.

Não deve ter percebido nada, até encostar o rosto no piso.

Alguém segurava o braço dele atrás das costas e descobria-lhe o ombro esquerdo.

Xingou na língua dele, enquanto os dados de marfim lhe escapavam do bolso, junto com a sorte.

Depois só pôde urrar e ver a lâmina decepar-lhe os dedos da mão.

Foram encontrados ao amanhecer pelos vendedores de peixe, pregados um por um aos cavaletes do mercado.

Em Veneza sou novamente dom Ludovico o Alemão. E preciso ocupar-me dos negócios do bordel.

## Capítulo 23

Veneza, 12 de fevereiro de 1547

Miquez e Perna estão em Milão.

O Alemão deu a entender a todos que não é bom provocá-lo.

Tiziano apareceu em três oportunidades diferentes. Em Ferrara até encontrou a princesa Renata da França, amiga dos exilados e muito interessada no *Benefício de Cristo*. O anabatista impressionou.

Posso estar satisfeito, mas isso não basta. Estou pensando em uma segunda volta. Treviso, Asolo, Bassano e Vicenza, para depois voltar a Veneza. Agora que já adquiri o porte do meu pregador anabatista, posso encurtar os prazos. Dez dias, duas semanas no máximo.

Esta noite sonhei com Kathleen e Elói. Só imagens confusas, não lembro mais nada, mas acordei com a sensação de alguma ameaça pairando sobre o destino de todos. Como uma sombra escura pressionando a mente.

Afastei o mau humor com um passeio até São Marcos, colhendo as saudações de muitas pessoas que não conheço. Na volta, tive a sensação que estava sendo seguido, talvez um rosto que já havia notado esta manhã na Praça São Casciano. Dei uma ampla volta, só para confirmar a suspeita. Dois sujeitos, casacos pretos, trinta passos atrás. Talvez milicianos. Não deve ter sido difícil intuir quem mutilou a mão daquele marinheiro grego. Terei que acostumar com alguém por perto nos meus deslocamentos pela cidade. Um motivo a mais para partir logo.



— Vai embora outra vez?

Apareceu em silêncio atrás de mim, os olhos de esmeralda pousados na bolsa que acabei de fechar.

Tento evitar o olhar dela.

— Estarei aqui em duas semanas.

Um suspiro. Demetra senta na cama ao lado da sacola de viagem. Perco tempo amarrando um lenço no pulso: há um pouco de tempo o reumatismo não me dá paz e preciso limitar os movimentos.

— Se tivesse ficado aqui, Sabina ainda teria um rosto lindo.

Finalmente olho para ela:

— Aquele bastardo pagou por isso. Ninguém torcerá mais um fio de cabelo das moças.

— Devia tê-lo matado.

Controlo a agitação:

— Assim teríamos os miliciano em cima de nós. Hoje eles me seguiram no mercado.

Outro suspiro para engolir a vontade de jogar na minha cara aquela desfiguração.

— É por isso que está partindo? Está com medo?

— Tenho um assunto para resolver.

— Mais importante que o Caratello?

Paro. Ela tem razão, preciso dizer-lhe mais alguma coisa.

— Há coisas que devem ser feitas, só isso.

— Quando os homens falam assim, ou estão indo embora para sempre, ou estão pensando em vingança.

Sorrio à sabedoria dela, sentando ao seu lado:

— Voltarei. Pode ter certeza.

— Aonde vai? É algo ligado aos judeus com quem está fazendo negócios?

— É melhor que você não saiba. Há uma velha conta que precisa ser acertada, você tem razão. Tão antiga quanto eu.

Demetra balança a cabeça, um véu de tristeza ofusca o verde dos olhos:

— Precisa escolher os inimigos, Ludovico. Não se ponha contra as pessoas erradas.

Ofereço-lhe um sorriso aberto, está mais preocupada comigo que com o bordel.

— Não tema: salvei a pele em situações piores. Sou perito nisso.

## O diário de Q.

Viterbo, 5 de abril de 1547

Movimentos imperceptíveis. Insetos arrastando-se lentamente, que você só percebe se firmar o olhar e deixar que o leve movimento dos fios de grama o encante.

Difícil imaginar que haja uma ordem secreta naquele enxamear, uma harmonia, uma finalidade.

Preciso seguir o intuito. Descobrir onde está o formigueiro. Identificar os percursos que o abastecem.

Estou partindo para Milão. Escrevi a Carafa que estava seguindo uma pista para descobrir os responsáveis pela nova difusão do *Benefício de Cristo*. É a verdade. Em Viterbo já não há o que fazer, alguém está favorecendo os Espirituais, sem que eles saibam, difundido o livro por toda parte. O que eles almejam? Adesões, ajuda, desencadear uma revolução filo reformadora?

É essencial entender quem são eles, descobrir o que querem.

Milão: os inquisidores de lá detiveram um judeu convertido, sob a acusação de contribuir à difusão de uma obra herética: *O Benefício de Cristo*.

Parece que é veneziano, original de Portugal: um tal Giovanni Miches.

Onde entram os marranos nesta história?

## Capítulo 24

Veneza, 10 de abril de 1547

João e Bernardo Miquez aparecem à porta como dois gigantes, se comparados ao pequeno homem de têmporas lisas que desponta ao meio, contrabandista de livros e perito em vinhos. Pulam ao meu encontro, agarrando-me a mão estendida.

— É mesmo um prazer, meu velho, nem pode imaginar o que aconteceu... As vendas foram ótimas, praticamente na casa do Catolicíssimo Imperador, mas, caralho, o Santo Ofício não precisava entrar nessa!

Freio a língua do Perna cumprimentando os dois irmãos:

— Bem-vindos.

Uma batida no ombro:

— Espero que não nos deixe de boca seca. Tivemos bem poucas paradas durante a viagem.

— Vou pegar uma garrafa. Sentem e contem tudo.

Perna agarra uma cadeira e ataca:

— Saímos de uma, caralho. Quase que eles pegam o seu amigo judeu, é, agora ele dá risada, mas a coisa ficou feia, posso assegurar-lhe, e se não fosse pelo belo dinheirão vivo que entregou àquele frade, não teríamos ao que brindar, entendeu? Agora ele estaria fazendo companhia aos ratos das masmorras de Milão.

— Devagar. Expliquem tudo do começo.

Perna se acalma, as mãos frementes sobre a mesa. É Bernardo quem fala, enquanto João extrai um daqueles seus sorrisos cativantes.

— A Inquisição o manteve detido por três dias. Acusaram-nos de

vender publicações heréticas.

Olho para o maior, que permanece calado e deixa o irmão prosseguir:

— Um monte de perguntas. Alguém deve ter delatado. Saímos bem, foi só passar o dinheiro às pessoas certas e o soltaram, não era gente séria, mas da próxima vez, as coisas podem não ter o mesmo bom êxito.

Um instante de silêncio, Perna está agitado, espero que João diga alguma coisa.

Cruza os dedos afunilados, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

— Eles exageram. Aqueles não sabiam nada do *Benefício*, só suspeitas em geral. Alguém indicou o meu nome e eles vieram procurar-me. Só isso. Se eles estivessem realmente seguindo uma pista, não teriam aceitado o meu dinheiro... — um gesto de deboche — ou teriam pedido mais.

O nosso livreiro explode:

— É, é, ele está deixando a coisa simples demais, mas precisamos tomar cuidado. Também sei que eles não estavam ao par de nada, aqueles quatro corvos, mas quem volta para Milão agora? Quem? É uma praça queimada, terra que arde, entendeu? O ducado inteiro, fechado, nada, não podemos mais pôr o pé, é arriscado e perigoso. Como vamos fazer a cobrança dos lotes que entregamos?

João o tranquiliza:

— Recuperamos de outro lado.

Sirvo uma segunda rodada de vinho:

— Por uns tempos, vamos deixar Milão de lado. Mas vamos todos manter os olhos bem abertos: a Inquisição está se organizando melhor. Paulo III é um assustado, um intrigante, mas não vai durar para sempre. É do próximo Papa que todos os destinos dependem. Os nossos também.

Os três sócios concordam em uníssono. Não precisa dizer mais nada: compartilhamos dos mesmos pensamentos.

## O diário de Q.

Milão, 2 de maio de 1547

A carta de apresentação de Carafa surtiu o efeito desejado: pude constatar isso lendo na testa brilhante de suor do frade Anselmo Ghini e nos gestos afetados dos seus colaboradores. Um estranho zunido ao meu redor. Orelhas estendidas e olhos baixos.

Frade Anselmo Ghini, 42 anos, os últimos dois passados avaliando escrupulosamente textos com cheiro de heresia, por conta da Congregação do Santo Ofício. Atormentou as próprias mãos ao longo de todo o colóquio, atrás de uma escrivaninha da sala de leitura do convento dos dominicanos. O vaivém agitado atrás de mim não parou um só instante, como se eu fosse o inquisidor. Um nervosismo palpável em todos os presentes na sala. Falamos em voz baixa.

Giovanni Miches, foi o nome declarado por um livreiro encontrado com dez cópias do *Benefício de Cristo*. Constatada a presença dele na cidade, Miches foi detido em 13 de março. Estava acompanhado do irmão Bernardo, do segurança deles Odoardo Gomez e do livreiro Pietro Perna, que não foram detidos. O primeiro interrogatório foi conduzido pelo frade Anselmo Ghini.

Perguntado sobre o motivo de sua presença em Milão, Miches falou de um encontro iminente com o Governador duque Ferrante Gonzaga sobre uma intercessão junto ao Imperador para desbloquear algumas propriedade da família nos Flandres.

Negou estar envolvido na difusão do *Benefício de Cristo*, mas admitiu o interesse pela estampa, declarando que era sócio nos negócios dos maiores editores venezianos: Giunti, Manuzio e Giolito. Miches acrescentou que conhecia a existência do *Benefício de Cristo*, mas não do conteúdo, porque não lhe interessava por nada. Além disso, declarou-se surpreso pelo interesse em um texto que em Veneza circula sem nenhuma limitação.

No dia seguinte, depois de um segundo colóquio do qual não foi redigida ata, Miches foi solto. À minha pergunta sobre o motivo de tal omissão, frade Anselmo respondeu que naquela oportunidade não havia surgido nenhum outro elemento em relação ao dia anterior.

Primeiras evidências: Giovanni Miches é sem dúvida um tipo astuto, favorecido por surpreendentes ligações. Não se ostentam conhecimentos de tão alto nível, sem ter condições de comprová-los.

Quem é Giovanni Miches?

Frade Anselmo não diz toda a verdade. Perplexidade demais, incongruências demais.

Porque os compadres de Miches não foram detidos?

Porque não há rastro da ata do segundo interrogatório?

Por hoje só anotei. Amanhã fundamentarei os mal dissimulados temores do frade Anselmo.

### Milão, 3 de maio de 1547

Na cela de frade Anselmo. Ninguém ouvindo.

Bastou menos de quanto pensava: o nome de Carafa evoca medo cego.

Miches pagou.

O frade começou a balbuciar assim que o mandei parar de contar mentiras. Tremia, sentado no catre, eu em pé, curvado sobre ele. Precisou de algum tempo antes de começar a justificar-se.

Eles tinham ido conferir: Miches conhece mesmo o Governador de Milão. Muitos nobres mantêm negócios com ele, dependem de sua bolsa, aqui as coisas não são como em Roma, aqui manda o Imperador e o Gonzaga não gosta que amolem os amigos dele. Aqui não é como em Roma, precisa tomar cuidado.

Eles tinham ido conferir: uma pessoa de peso, uma família poderosa. Por essa razão não tinham detido os outros. Banqueiros, o Imperador tem sacado dos cofres deles. Como você pode manter no xadrez alguém assim? Os próprios guardas do duque teriam vindo buscá-lo. Então melhor ganhar alguma coisa. Alguma coisa para o convento. Não se trata de corrupção, é um trabalho difícil, enfrenta mil obstáculos. Aqui não é como em Roma.

Implorou-me para que não apresentasse relatório a Carafa. Medo cego.

Eu disse que de hoje em diante trabalhará para mim, passando-me todas as informações úteis.

Agradeceu, beijou a minha mão.

Alejandro Rojas. Conselheiro particular do arcebispo de Milão. Ou seja, o informante espanhol que Carafa grudou aos calcanhars dele.

Envelheceu e está muito mais gordo: merecimento da mesa do bispo. Confirmou tudo e acrescentou outras notícias.

Juan Micas, *alias* João Miquez, *alias* Jean Miche, *alias* Johan Miches, *alias* Giovanni Miches. Da rica família sefardita dos Miquez que se uniu à dos Mendez, banqueiros do Imperador.

Um patrimônio considerável e passado tortuoso. Sempre oscilando entre a glória e a desventura, mas também sempre capazes de encontrar uma saída. A conversão ao cristianismo não serviu para impedir que os amigos deles de um dia, no seguinte se transformassem em perseguidores. Hábeis e astutos como poucos, a fortuna deles é almejada por muitos, mas aprenderam a defendê-la. Há alguns anos mudaram para Veneza, onde iniciaram várias atividades comerciais.

Judeus convertidos. Banqueiros sem preconceitos. Conhecidos pelas cortes de meia Europa.

Que interesse podem ter em difundir *O Benefício de Cristo*? Simples negócios? É caso de duvidar.

Aliados secretos dos Espirituais? Verificar.

Certamente eles têm os meios e os contatos para difundir o livro como mancha de óleo.

Outras considerações: a máquina que Carafa constrói dia a dia ainda está bem longe da perfeição. Nem todos os homens são confiáveis. Milão e Veneza não são Roma. Cada estado tem um dono, cada dono estabelece os limites aceitáveis da corrupção.

Carafa precisará lembrar disso.

Milão, 4 de maio de 1547

Posso ir embora daqui. O frade Anselmo e os outros covardes pularão a cada meu pedido. Os deslocamentos dos Miquez e sócios por estes lados não passarão despercebidos. Colher todo detalhe útil. Consegui dominar todos.

*Carta enviada a Bolonha, junto ao Concílio Ecumênico, da cidade ducal de Ferrara, endereçada a Gianpietro Carafa e datada de 13 de junho de 1547.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo cardeal Giovanni Pietro Carafa, em Bolonha.

Senhor meu respeitabilíssimo, resolvi comunicar a Vossa Senhoria os resultados da minha investigação somente agora, porque não foi fácil obter os elementos necessários para compor o quadro em seu conjunto.

Mas preciso acrescentar que ainda não tenho certeza absoluta do que vou expor, considerando que as pessoas envolvidas são muito astutas e previdentes.

Mas vou entrar logo no mérito. Após ter viajado entre Milão, Veneza e Ferrara e entrado em contato com os Inquisidores daquelas cidades, graças às credenciais fornecidas por V.S., consegui reunir indícios suficientes para afirmar que a inexplicável difusão por toda a península do *Benefício de Cristo* deve ser imputada a uma das famílias judias mais importantes da Europa, cujos componentes, convertidos à verdadeira religião, são conhecidos na corte imperial como Mendes, nome proveniente do falecido Francisco Mendez, banqueiro espanhol, íntimo do Imperador e consorte de Dona Beatriz de Luna. Esta pode ser considerada a matriarca da família, até hoje residente em Veneza, que sempre se interessou de publicações e literatura em geral, além de participar de negócios e de comércio. Ao lado dos sobrinhos, ela financia não somente a maior parte das publicações de conteúdo judaico, mas também de autores cristãos, aproveitando da própria dupla religião.

A família não é muito grande: Dona Beatriz tem uma filha, Reyna, e uma irmã, Brianda de Luna, viúva nada mais nada menos que do irmão de Francisco Mendez, Diego, e por sua vez mãe de uma jovem em idade de núpcias, Gracia la Chica.

Os homens da família são os filhos de um irmão falecido: João (que os venezianos chamam Zuan) e Bernardo Miquez. No

total, não mais de seis componentes, quatro dos quais são mulheres.

Não obstante este fato, as transações que os Mendes mantêm com os mais importantes armadores e mercadores venezianos são surpreendentes. A riqueza deles deve ser enorme e nos negócios chegam a envolver algumas das famílias aristocráticas mais antigas de Veneza.

Mas o que mais interessará Vossa Senhoria é sem dúvida o intenso comércio de livros que os insere no papel de Mecenas, sócios dos editores e também responsáveis pela difusão. É sobre esta atividade que, em particular, investiguei durante a estadia veneziana do último mês. Os resultados revelaram-se bem interessantes, ao ponto de deslocar-me para cá, em Ferrara, seguindo o rastro do livro proibido.

Mas é necessário avançar por etapas.

Cheguei em Veneza com fracos indícios sobre o envolvimento de João Miquez na difusão do *Benefício*.

A única pessoa que considerava em condições de fornecer-me alguma informação útil era Bernardino Bindoni, o primeiro editor do *Benefício de Cristo*. O Bindoni é um modesto editor rancoroso em relação aos maiores colossos, como Giunti ou Manuzio, mesquinho e em resumo reticente e pouco propenso a falar no assunto; assunto ao qual se referiu sempre no passado, nas poucas vezes que deixou escapar alguma alusão.

Mas quando já ia saindo da loja dele, teve a ousadia de aconselhar que recorresse aos Judeus, caso estivesse mesmo interessado em adquirir um lote do *Benefício de Cristo*.

Foi mais que uma confirmação.

O editor judeu Daniel Bomberg, finalmente, encaminhou-me aos colegas Usque de Ferrara.

E aqui estou nos territórios do duque Hércules II d'Este. Se quisesse imprimir um livro declarado herege pelo Concílio, este seria sem dúvida o local que escolheria. Aqui, onde a Inquisição tem as mãos amarradas pelo duque, homem sanguíneo que não tolera ingerências de Roma. Ferrara, a meio caminho entre Veneza e Bolonha, entre a Sereníssima e o Estado Pontifício, independente e com saída fácil para o mar.

Foi um trabalho lento, de espera, mas valeu a pena. Embarcações fluviais descem a ramificação do Po, de Ferrara até

à costa, onde embarcam o carregamento em navios mercantis dirigidos ao Sul.

Há boas razões para pensar que os Usque adotem esse sistema para entregar os lotes de livros aos navios venezianos que fazem escala a umas milhas do litoral. Assim ficaria explicada a difusão do *Benefício* ao longo do Adriático. Os navios armados pelos Mendes em Veneza são enviados ao largo das costas de Ferrara, lá acrescentam-se os livros à carga normal, para depois seguirem na direção Sul, circum-navegando a península.

Mas isso tudo, ainda não revela nada. De fato, senhor meu respeitabilíssimo, o que ainda escapa é o porquê, porque uma rica família sefardita estaria interessada na difusão de um livro cristão.

Para favorecer os adversários de Vossa Senhoria, para ajudar o cardeal Pole e os Espirituais. Esta é a resposta provável. Para tornar cada vez mais difícil isolar e atacar os promotores do panfleto herético, como deseja Vossa Senhoria.

Em Veneza pude perceber as sutis estratégias de sobrevivência adotadas por esses ricos judeus. Os Mendes mantêm as próprias fortunas apoiadas em calibrados equilíbrios de poder, troca de favores, participações comerciais, subornos. Esta é forma que sempre lhes permitiu escapar das perseguições. Pessoas assim só teriam a perder com o aumento do poder da Congregação do Santo Ofício, com o advento da intransigência. Com toda probabilidade eles querem que os do tipo Reginald Pole vençam os Zelantes, ou seja, homens de letras de vida exemplar e tolerantes, hoje dispostos a dialogar e estabelecer acordos com os luteranos, e amanhã talvez com os Judeus.

Em Veneza essa gente é muito poderosa, não ao ponto de ser intocável, mas certamente difícil de atingir com os meios normais. Os Judeus em geral são um componente essencial da vida da cidade, integram-na ao ponto que, sem eles, Veneza arriscaria afundar. Como Vossa Senhoria bem sabe, a ordem da Sereníssima é constituída de um delicado enredo de competências e poderes, de política e comércio, no qual é quase impossível encontrar uma brecha. Atacar uma família como os Mendes significaria tocar um nervo vivo de Veneza, com todas

as consequências do caso.

Por enquanto permanecerei em Ferrara aguardando uma resposta de Vossa Senhoria e procurando colher ulteriores elementos sobre a evolução do assunto *Beneficio*.

Beijo as mãos de Vossa Senhoria e recomendo-me à sua graça.

de Ferrara, no dia 13 de junho de 1547

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

*Carta enviada a Bolonha da cidade de Viterbo, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 20 de setembro de 1547.*

Ao ilustríssimo e reverendíssimo Giovanni Pietro Carafa.

Senhor meu honradíssimo, a notícia do assassinato do filho do Papa, Pier Luigi duque de Parma e Piacenza, chegou até aqui, despertando no servidor de Vossa Senhoria tristes presságios.

Creio realmente fundadas as vozes que atribuem ao Gonzaga tal delito. Aliás, não é difícil incluir este homicídio no quadro complexo dos acontecimentos que está se delineando; se pensarmos que Ferrante Gonzaga governa Milão por conta do Imperador, e que há algum tempo tem objetivos de expansão em Piacenza, não é difícil entender qual mesquinha permuta possa ter sido urdida; a eliminação de Pier Luigi Farnese favorece o Gonzaga tanto quanto Carlos V, que lucra com uma intimidação gravíssima à Sua Santidade Paulo III.

Creio que se trate da advertência imperial em resposta aos débeis sinais de aliança direcionados por Sua Santidade ao novo rei francês.

Mas Carlos não tem nenhuma intenção de ignorar a oportunidade favorável que o destino lhe reservou: em um único ano morreram dois dos seus mais antigos adversários, o cismático Henrique VIII da Inglaterra e o beligerante Francisco I da França. A isto acrescenta-se a vitória do exército imperial sobre a Liga de Smalkalde em Mühlberg: os príncipes protestantes sentiram o duro golpe, e isto revigora não pouco o Imperador.

Não há portanto por que surpreender-nos que o Habsburgo volte a atacar na Itália. O que não conseguiu com a diplomacia no Concílio de Trento, poderia obter colocando no Trono Pontifício o próprio candidato papal, ou seja, aquele Reginald Pole que Vossa Senhoria preferiria ver afastado da Itália uma vez por todas.

Hoje, mais que nunca, é necessário agir com a devida cautela, para evitar que o prejuízo se torne irreparável.

E venho portanto relatar os mais recentes desenvolvimentos da tarefa que V.S. me designou.

Graças às referências que V.S. me forneceu, mantenho contato epistolar com as autoridades de polícia e com os Inquisidores de algumas grandes cidades da península. Pude portanto averiguar que o raio de ação dos distribuidores do *Benefício de Cristo* está se abrindo: há dez dias foram encontradas duzentos exemplares do panfleto em Nápoles. E este é o maior dos seis sequestros ocorridos até hoje. Em dois deles, para encobrir o transporte dos livros, havia negócios que remetiam à rica família sefardita dos Mendes, de cujo envolvimento na operação podemos agora ter mais que certeza.

Obtive das autoridades locais uma primeira lista de nomes de pessoas que considero melhor vigiar à distância.

Simone Infante, no Reino de Nápoles; Alfredo Bonatti, para os Ducados de Mântua, Módena e Parma; Pietro Perna, no Ducado de Milão, Nicolò Brandani, na Toscana; Francisco Strozzi e Girolamo Donzellini em Veneza.

Trata-se de um fornecedor da corte de Nápoles, de um cortesão favorecido pelo duque de Mântua, de um negociante itinerante que troca livros com os exilados de Basiléia, de um membro da corporação dos lanifícios de Florença e de dois literatos fugidos de Roma.

Esta gente nos revela muito sobre a fruição do *Benefício* na Itália. Trata-se de pessoas cultas, frequentadoras das cortes dos respectivos senhores e em condições de configurarem um veículo de ideias entre a nobreza e os membros das camadas de mercadores e artesãos. Peixes pequenos que podem tornar-se perigosos com o passar do tempo.

O meu conselho é que, não sendo possível submeter os Mendes à Inquisição, comecemos pelos últimos aros da corrente, fazendo com que o pescoço dos Sefarditas sinta o hálito do Santo Ofício.

Nada mais tenho a comunicar, a não que aguardo as ordens de Vossa Senhoria, recomendando-me à sua graça.

De Viterbo, no dia 20 de setembro de 1547

O fiel observador de Vossa Senhoria

Q.

## Capítulo 25

Veneza, 2 de janeiro de 1548

No crepúsculo, em um salão da casa dos Miquez. Beatriz, agora em pé diante de mim, silenciosa, silhueta retalhada em uma janela virada para o poente. Na contraluz, os traços dela são mais difusos e confusos. Sentando em um divã, bebo vinho grego. Chamam-no Retsina. Vinho aromático, com resina de pinho marítimo.

Convocado uma hora atrás, uma mensagem entregue por um menino. Pensei que houvesse novidades, mas João não está, nem o irmão, nem Duarte Gomez, ninguém. Os empregados também sumiram, depois que cheguei. Passado o portão, dois passos além da soleira: Beatriz, sorridente.

Ruídos amortecidos, vozes longínquas, enquanto tomo este vinho de que Perna nunca falou, entre tapetes, quadros, objetos e cores nunca vistos, nem em Antuérpia.

Uma calma não encontrada nas vielas e catacumbas pelas quais ando todo dia e toda noite desde sempre. Uma calma que me leva além deste inverno, além de todos os invernos. Não o que devo fazer, mas o que poderia ser.

Com esta mulher, diferente de toda mulher que conheci.

O flamingo dela que nenhum flamingo saberia cantar, livre de todas aspereza, feito de silvos, longas vogais e fonemas singulares para mim. Ecos de várias línguas nórdicas e neolatinas trazidos ora pelo nordeste, ora pelo sudoeste, vindos de levante e de poente para ressoar ao longo da minha espinha. Talvez, um dia, todos os homens e as mulheres modularão estas notas, calmo canto pan-europeu, polifônico, rico de mil variantes locais.

O sorriso dela. Sozinha. Sozinha aqui comigo. A Rainha Mãe da dinastia dos Miquez, que lida com aristocratas e mercadores, protege os artistas e os estudiosos. Uma rainha em uma cidade de rufiões e cortesãs. Os poetas dos quais é mecenas lhes dedicam as próprias obras. Folheio um livro de um certo Ortensio Lando: “À mui ilustre e honradíssima Beatriz de Luna”. A risada dela, não é embaraço, mas alegre comiseração.

Pergunta-me do Caratello, da administração, das moças. Senta ao meu lado. Esta mulher que não está ansiosa por conhecer o que fui, saber quais e quantos rios de sangue atravessei. Esta mulher à qual não importam os meus muitos nomes. Esta mulher está curiosa de mim *agora*. De mim *agora*. Esta mulher que agora fala de minha humanidade, que diz sentir-se desafiada por mim, que declara poder perceber a minha humanidade sob a couraça que visto há tempo demais, sob a matéria refratária em que transformei a minha pele, para não ser mais ferido.

Um outro gole de vinho.

Esta mulher. Esta mulher que me quer.

Beatriz.

O que poderia ser.

Agora.

## Capítulo 26

Delta do Po, 26 de fevereiro de 1548

Ao longo da ramificação do Po que liga Ferrara à costa, com quinhentas cópias do *Benefício de Cristo* carregadas nas duas embarcações colocadas à disposição pelos Usque. O sol está alto sobre as águas lamacentas, sondadas pelas aves à caça de alimento sobre as nossas cabeças, e na sinuosidade do rio. O frio úmido nos enrijece, sob as pesadas capas de lã.

Percebo tarde demais.

O barco que transporta a primeira metade do carregamento desvia subitamente diante do nosso: a proa à direita, para evitar a balsa que desponta de repente das canas para o centro do rio. Atrás de mim a imprecação do timoneiro. Em um instante, o barco desaparece em um canal secundário, a entrada escondida pela densa vegetação. A balsa logo atrás, a bordo, três figuras encurvadas.

Instintivamente pego o arcabuz, tento mirar, mas já desapareceram. Ao timoneiro:

— Atrás deles!

Uma virada brusca, para não ficar atrás. Ouvem-se gritos e baques na água, entramos no canal estreito, só para encontrar a gesticulação confusa dos dois barqueiros. A balsa e o barco estão se afastando. Puxamos os dois a bordo. Um está sangrando na têmpora, a cabeça meio arrebitada.

— Não os perca!

Sebastião o Corcunda xinga e enfia a longa vara no fundo, empurrando para frente.

Enquanto enrolo a cabeça do ferido em um pano, viro-me ao

outro supérstite:

— Quem diabo são?

Responde de uma vez só:

— Bandidos, dom Ludovico, uma emboscada. Bandidos sem Deus. Olhe o que fizeram com ele!

Pego uma vara também, reto na proa, sulcando uma curva desconhecida. A voz cavernosa do barqueiro dos Miquez:

— Pior que um labirinto, Senhor. Brejo e serpentes, por milhas e milhas. Ninguém volta.

Protesto:

— Há mais da metade do carregamento naquele barco. Não tenho nenhuma intenção de perdê-lo.

Entrevejo a popa do barco, não viajam rapidamente, talvez não esperavam que os seguissemos. Mais uma curva à esquerda e depois a entrada de um canal muito estreito, nos faz perder a orientação. Meio dia, sol a pique, o horizonte inacessível: nenhum ponto de referência. Já estamos a um par de milhas longe do rio.

Empurro a vara com toda a força, enquanto penso que vim a Ferrara somente para retirar um carregamento. Se permito que os pensamentos se detenham sobre onde estou e o que estou fazendo, tenho vontade de rir, mas me controlo, porque atrás de mim Sebastião cospe, xinga e verte suor enquanto bate no fundo do rio.

Vejo as duas embarcações desaparecerem diante dos meus olhos, como se engolidas pela água. Procuo um detalhe, um sinal na beira do canal para marcar o ponto exato em que as perdi. Uma árvore morta, com os ramos imersos.

— Mais rápido, mais rápido!

As blasfêmias de Sebastião marcam o ritmo das braçadas. Eis a árvore. Faço um sinal ao Corcunda, pedindo que pare. Sondo a beira oposta com a vara, até descobrir um ponto em que o canavial é só um pouco menos denso. Não parece uma abertura que dê passagem, mas não podem ter ido para nenhum outro lado.

— Entre!

Sebastião insiste:

— Senhor, ouça o que eu digo, aí não dá passagem.

Uma olhada no ferido. O sangue parou, mas ele perdeu os sentidos. O outro barqueiro olha para mim com determinação e recolhe um pequeno remo:

— Vamos.

Abro caminho ao barco empurrando as canas, que se fecham sobre nossas cabeças e atrás de nós. Com a ajuda da vara testo o canavial palmo a palmo, poucos braços diante da proa. Esta floresta poderia estender-se uniforme e compacta por muitas milhas ao nosso redor. Preciso pensar somente na invisível picada de água que a atravessa, sentindo onde a vegetação opõe menos resistência. Avançamos com cuidado, em silêncio absoluto. As canas terminam de repente. Um lodaçal se abre até uma ilhota plana de areia.

O barco. Cinco homens: um segura a balsa, os outros quatro transportam as duas caixas. Penetram em uma língua de terra. Os meus dois remadores retomam o ritmo, enquanto pego o arcabuz. Não nos viram. Cruzamos rapidamente a água estagnada. Ergue o olhar tarde demais, quando já estou apontando. O tiro assusta bandos de aves que voam em todas as direções. Quando a fumaça diminui, vejo que se arrasta para os companheiros. Deixam uma caixa, carregam-no nas costas. Arremessamo-nos e encalhamos na ilhota. Desembainho a adaga e sou o primeiro a pular: na lama até à cintura, plantado como um poste. Ainda tenho vontade de rir. Sebastião desce mais à frente e me arranca daquela posição.

— Vamos, vamos, senhor, estão fugindo!

Ao outro barqueiro:

— Carregue o arcabuz e fique guardando o barco.

Em trote leve pela língua de terra. Vemos que avançam com a caixa e o ferido. Os palavrões de Sebastião são projéteis disparados nos fugitivos. Estou ofegante e com muita vontade de rir.

Outra clareira alagada e cheia de ilhotas cobertas de canas. Se correr mais um pouco, meu coração estoura.

De repente, eles param.

Reduzo a marcha.

Sebastião ao meu lado cuspiendo. Respiro fundo, carrego a pistola. Avançamos, parecem armados só de paus. O ferido está estendido no chão, pode estar morto. Caras imundas e assustadas, trapos sujos no corpo. Magros, cabelos grudados na cabeça como grumos de lama. Magros de impressionar, descalços. Agora já estamos muito perto, aponto a pistola, uma olhada ao coitado no chão: não desmaiou, bate as pálpebras. Não vejo sangue.

Naquele momento, aparecem.

Um rápido farfalhar de canas e aparecem uns trinta fantasmas andrajosos, paus apontados e foices na mão.

Merda.

Em volta, brejo a perder de vista, as minhas belas roupas, o corcunda Sebastião apoiado à vara, rodeados de selvagens.

Então, é assim que tinha que acabar?

Desta vez eu rio. Rio forte, desafinado. Rio para fora o cansaço e a tensão. Devem estar muito surpresos, porque apertam as ferramentas ao peito e voltam para trás, duvidosos.

Na vegetação densa, ouve-se um barulho. A figura sobressai sobre todas as outras. Um saio coberto de lama, duas madeiras pendem do seu pescoço, formando um crucifixo. Nas mãos, um bastão nodoso, com o qual bate à direita e à esquerda, pronunciando palavras incompreensíveis.

Aproxima-se da caixa e a abre. Vejo que levanta os olhos para o céu, desconsolado. Fala com o grupo em tom de reprovação.

Vem em nossa direção:

— Perdão, perdão *fratres*, perdão. — A barba grisalha mais longa que a minha, cheia de barro e insetos. Os olhos, duas centelhas azuis entre as rugas em que parece aninhada uma sujeira secular. O cabelos descem até os ombros e lembram o ninho de uma ave.

— Perdoem *fratres*. Simples intelectos, *sicut pueri*. Para comer, comer *solum*. *Numquam libres* viram, não sabem.

Naquele momento começo a perceber o movimento nas ilhotas. O canal tem uma ordem artificial, é possível ver aberturas, sombras animadas. amplas redes levantadas por cordas e bastões no nível da água.

Um vilarejo. Por deus, o canal é um vilarejo!

— Eles não sabem de sua missão. Não podem. Não sabem ler. Não maus, ignorantes. Eu — leva a mão ao peito —, Frade Lúçifer, franciscano.

Procura as palavras:

— Não temam, *fratres* reverendíssimos, eu sei. Missionários da abadia. — Indica a caixa. — Livros cristianíssimos. Eles não sabem.

Vira-se para o bando, com frases incompreensíveis para nós, mas que soam como uma tranquilização.

— Venham, venham.

Uma espécie de sinal, e a clareira adquire vida. Mulheres e crianças saem das choupanas diante do lodaçal. Os homens afluem para as habitações no meio de um vozerio difuso. O ferido é levantado, fala, participa também do espanto dos outros.

Sebastião está boquiaberto. Arrasto-o comigo, pedindo-lhe silêncio.

Frade Lúcifer, portador de luz ao povo dos rejeitados, escondido nos brejos do Po como em uma fortaleza inatingível. Um lodaçal que se estende da foz do rio até a Romanha. Terra de ninguém, afastada e selvagem como o Novo Mundo, Frade Lúcifer, enviado para evangelizar estes esquecidos há quase trinta anos, e por sua vez esquecido aqui. Longe da língua atual e do destino dos estados. Perdido em uma mancha de tinta dos mapas, seguindo o exemplo do frade Francisco de Assis, quase tivesse extirpado a cruz de Cristo para cravá-la nas areias movediças destas terras, desafiando a superstição pagã.

Trinta anos.

Quase impossível imaginar. Trinta anos de distância dos destinos da Igreja. De Lutero, Calvino, da Inquisição e do Concílio. Cultivando uma fé fundada na pura caridade para os humildes.

Sem prestar atenção às nossas roupas, confundiu-nos com missionários como ele, frade Tiziano e frade Sebastião, enviados pela abadia de Pomposa para difundir a doutrina e o livro para ensiná-la. Nos cobriu de lisonja sincera e pediu que oficiasse a Missa em seu lugar. Não pude recusar.

E assim dom Ludovico, administrador do bordel mais luxuoso de Veneza, nas roupas de frade Tiziano, encontrou-se diante do inteiro povo do brejo celebrando o único rito religioso que sabe. Batizou novamente todos os adultos. Do primeiro ao último.

No momento de voltar, nos foi cedido um guia e, de presente, um barril de enguias vivas, em troca de uma nova fé e dois exemplares do *Benefício de Cristo*.

## O diário de Q.

Viterbo, 26 de fevereiro de 1548

Se é que conheço o velho, ele começará pelos peixes pequenos, como eu sugeri. Os livreiros, os intermediários, os editores. E se isso não bastar para intimidar os peixes grossos, os financiadores da operação, ele saberá pensar em algo para tirá-los do meio. O velho nunca age de impulso, sabe esperar. A morte, que já parece estar à espreita, talvez não queira levá-lo antes que ele consiga terminar o plano. Gente como Reginald Pole não é removida facilmente, e muito menos famílias influentes como os Mendes. Você precisa excogitar algo complexo, deslocar equilíbrios consolidados. Os ricos Judeus venezianos são pessoas astutas, acostumadas a serem caçadas, a pagar para salvar-se, a estabelecer ligações fortes com literatos e comerciantes, e com eles constituírem uma unidade. Os Mendes despertam uma admiração forçada, e acima de tudo as mulheres, essas mulheres que aprenderam a arte do trato e do subterfúgio, os negócios e a política.

Mas colocar-se contra Carafa é sempre um erro. Um erro fatal. Quem melhor que eu pode dizer isso, estando a serviço dele há trinta anos?

No entanto, as notícias dos inquisidores venezianos anunciam novas preocupações quanto à difusão do *Benefício de Cristo*. Parece que no campo esteja propiciando acontecimentos fora de controle.

### *Notícias de Veneza*

A inquisição veneziana está seguindo o rastro de um franciscano conhecido como frade Álamo, ativo no Polesine. Muitos camponeses daquela região revelaram em confissão terem sido batizados por ele

“na nova fé do benefício de Jesus Cristo”.

Do outro lado do Po, uma família de pescadores não permitiu que batizassem o próprio filho, “que ainda não pode compreender o mistério de Jesus Cristo na cruz”. Não mencionaram de forma alguma frade Álamo.

Em Bassano, uma mulher pediu asilo em um convento de freiras, porque apanhara do marido que tentava convencê-la a submeter-se a um novo batismo. Na casa do homem foi encontrada uma cópia do *Benefício de Cristo*.

A rude religiosidade popular consegue dar vida às mais absurdas combinações. Ideias fortes nas mãos de mentes simples. De onde saiu a ideia de batizar novamente os adultos? Não foi certamente do conteúdo do fascículo herético.

Obter informações adicionais.

Falar com Carafa?

27 de fevereiro de 1548

Por que o velho ainda não usou o *Benefício de Cristo* como arma contra Pole e os Espirituais? Por que ainda não rechaçou os adversários? Bastaria pouco: sobre o livro pesa a excomunhão do Concílio, para o velho seria suficiente prender Frade Benedetto de Mântua e fazer com que entregue os nomes dos tutores dele, de quem recebeu o texto em consignação, redigiu e imprimiu.

É provável que Carafa não queira jogar as próprias cartas cedo demais. Ainda está esperando. Mas o quê? Paulo III não vai durar muito e o inglês poderá tornar-se Papa, para grande alegria do Imperador, que veria acontecer uma reconciliação com os protestantes.

Talvez seja exatamente isso que o velho espera pacientemente, o golpe letal, desferido no último momento. Mas quanto ele pensa que vai viver ainda?

## O diário de Q.

Viterbo, 4 de maio de 1548

Frade Miguel de Este, prior do convento de São Boaventura em Rovigo, ouvido pelos inquisidores da Sereníssima em data 12 de março de 1548, sobre a atividade de um certo frade Álamo, suspeitado de heresia.

Um nome e um sobrenome: Adalberto Rizzi, franciscano do convento de São Boaventura, desaparecido no fim de janeiro de 1547 com um hóspede alemão, um peregrino que dissera chamar-se Tiziano, o qual o teria batizado novamente com a água de uma poça.

### *Outras notícias recebidas dos inquisidores venezianos*

Vicenza, 17 de março de 1548: detido um marceneiro e um taberneiro, surpreendidos latindo durante um batizado. Interrogados sobre quem os teria convencido que “batizar recém-nascidos é como lavar os cães” responderam: “alguém que professa a fé da Alemanha, e faz isso com autoridade, porque é alemão”.

Pádua, 6 de abril de 1548: o estudante Luca Benetti sustenta publicamente que “o batismo é inútil para as mentes que não podem conhecer os mistérios da fé, e especialmente aquele do benefício de Cristo para toda a humanidade”.

Ouvido a respeito de suas afirmações, declara que foram sugeridas por um literato alemão chamado Tiziano.

### *Elementos do quadro*

Rovigo. Bassano. Vicenza. Pádua.

Um percurso, um caminho. Uma viagem? Ou um semicírculo, cujo centro é sem dúvida Veneza.

Um alemão. Um alemão, cuja presença talvez explique a origem da ideia do segundo batismo.

(Um anabatista?).

Um alemão que diz chamar-se Tiziano. Distribui cópias do *Benefício de Cristo* e batiza novamente os camponeses.

Tiziano o alemão.

O Empório dos Alemães em Veneza. Os afrescos pintados por Giorgione e o discípulo Tiziano nas paredes externas.

O nosso anabatista é um alemão que vive em Veneza.

Como dizer uma agulha em um palheiro.

**5 de maio de 1548**

Há um tempo e um lugar para tudo iniciar e terminar. Mas há coisas que, pelo contrário, voltam. Erguem-se das fendas da alma para boiar como pedaços de cortiça na superfície de um lago. Quase ameaças obscuras, ou razões para viver, vinganças, fragmentos, lascas.

Há um tempo para a guerra e um tempo para a paz. Há um tempo em que tudo pode ser feito e aquele que não lhe oferece escolha, porque de repente a coragem e o ardor de vinte anos desaparecem sob as rugas do rosto.

E começa a temer a chegada de um mensageiro. Qual será a sua próxima tarefa? Temo a inquietação que percorre o curto caminho entre o estômago e a mente. Alguma coisa para esconder atrás da autoridade das missões cumpridas, atrás da experiência, mas que não pode desaparecer, aliás, torna-se mais forte a cada dia, por mais que queira rechaçá-la lá para o fundo, incapaz de encontrar um motivo, a ligação com mil rostos, de homens e mulheres empurrados para inferno.

E um belo dia descobre-se dizendo a si mesmo que não foi você.  
Que você nunca empunhou uma espada. Aí percebe que está  
acabado.

## O diário de Q.

Viterbo, 10 de agosto de 1548

Chegou de Ferrara a ata do interrogatório de um tal frade Lúçifer, sobre a difusão da heresia entre a comunidade dos chamados “piratas do Po”, já uma praga dos mercadores daquela localidade, recentemente extirpada pelo duque Hércules II d’Este.

O interrogado demonstrou evidentes sinais de loucura, declarando ignorar em que ano da graça estamos vivendo e manifestando a convicção que Leão X ainda seja o Papa.

Acusado de ter introduzido rituais hereges e pagãos entre os fora da lei dos alagados, e em particular de praticar o batismo dos adultos, defendeu-se afirmando ter recebido aquela incumbência de um missionário, um tal frade Tiziano, enviado pela abadia de Pomposa. Dito frade o teria presenteado com o “*librum de nova doctrina*”, o *Benefício de Cristo*, impondo em seguida o segundo batismo.

Rasguei a carta. Os inquisidores de Veneza são somente ineptos servos do Doge. Nem sabem o que é o anabaptismo. Não encontrariam o nosso missionário anabatista, nem se o procurassem por cem anos. Nunca duas vezes no mesmo lugar. Cada notícia vem de uma localidade diferente e todas têm como epicentro Veneza. Quase um desenho. Basta juntar as peças. Um só homem circula nos territórios da Sereníssima e ferrarenses batizando as pessoas e deixando marcas do nome que escolheu. Quando a Inquisição chega, já desapareceu no nada, recaindo nos meandros da história que o vomitou. É bem óbvio: não se trata de uma peregrinação, não é possível segui-lo. São capítulos individuais, certos, batiza, deixa o próprio nome bem gravado nos ouvidos e desaparece. De outra forma, porque escolher um nome tão bizarro e famoso?

17 de agosto de 1548

Da confissão do frade Adalberto Rizzi, conhecido também como frade Álamo, capturado na margem ferrarense do Po em data 30 de junho de 1548 e detido nos cárceres do duque d'Este:

“E ele me convidou a considerar que, tendo perguntado a uma criança de cinco anos quem era Jesus Cristo, esta respondera: uma estátua. Por isso deduzia que não era justo ministrar a doutrina a mentes incapazes de compreender...”

“Disse que a devoção para estátuas e simulacros abria o caminho para uma fé ignorante e inepta...”

“Sim, afirmou chamar-se Tiziano e estar dirigindo-se a Roma...”

A criança e a estátua.

Arrepios. Arrepios dentro da cabeça.

A criança e a estátua.

Alguma coisa vem de longe e se aproxima velozmente, arrastada por um vento que varre a memória.

A criança e a estátua.

## Capítulo 27

Veneza, 30 de agosto de 1548

Silhueta escura desenhada na porta. Duarte Gomez dá um passo, pára e bate o salto da bota. Rosto moreno, traços cuidados, levemente femininos, interrompidos por uma dobra na testa.

Um sinal para Demetra, que afasta as moças.

— O que está acontecendo?

— Venha, por favor.

O segurança dos Miquez me acompanha para fora, sob o portal e depois na viela que dá passagem a um de cada vez.

Os dois irmãos estão aí, como dois sicários que interceptam a vítima.

João, mais alto, com um grande chapéu preto guarnecido com uma fita de couro. Bernardo com jeito de menino e um ridículo sinal de barba sob o queixo. As armas despontam debaixo das capas. A luz vai baixando cada vez mais.

— O que acontece, senhores? O que significa este mistério?

O sorriso de sempre está partido, no esforço de oferecê-lo, mesmo se o estado do seu ânimo não o permitiria:

— Prenderam Perna.

— Onde?

— Em Milão.

— E porque ele foi se meter em Milão? Não tínhamos decidido abandonar aquela praça?

Os rostos dos três sefarditas ficam mais sérios, a luz continua a diminuir.

— Precisava parar em Bérgamo, para cobrar os livreiros e voltar.

Parece que quis arriscar. A acusação é venda de livros heréticos.

Ouçõ o meu suspiro ressoar de uma ponta à outra da viela, apoio-me ao muro.

— O Santo Ofício?

— Pode apostar.

Gomez, nervoso, continua batendo os saltos no piso.

— O que fazemos?

João mostra uma folha de papel enrolada.

— Pagamos e o tiramos de lá, antes que a coisa fique séria demais. Duarte parte esta noite. O Gonzaga me deve algum dinheiro: propus extinguir o débito dele, caso interceda.

— Vai dar certo?

— Espero que sim.

— Merda. Não gosto disso, João, não gosto mesmo.

— Foi um caso, tenho certeza. Falta de sorte e imprudência.

Péssimos pressentimentos, não consigo pensar.

O maior dos Miquez oferece-me o seu sorriso mais sincero:

— Fique tranquilo. Ainda sou o financiador mais importante na cidade. Não ousarão tocar-nos.

Encosto as mãos com força em ambas as paredes, como se quisesse deslocá-las:

— Até quando, João? Até quando?



### Veneza, 3 de setembro

Alguém deve ter conseguido juntar as peças. Más notícias de Nápoles: Infante, o nosso representante de lá, foi aprisionado e será espremido pelos inquisidores.

Lentamente estão descobrindo a trama que tecemos nestes dois anos.

O cardeal Carafa ainda não colocou no campo as suas peças fortes: até quando permanecerem no auge Pole, Morone, Soranzo e todos os outros Espirituais, tem as mãos amarradas.

Se Reginald Pole for Papa antes que o Carafa consiga passar ao ataque, a Inquisição será detida: todos os jogos reabertos, até a

excomunhão do *Benefício de Cristo* será suspensa.

Tramas extensas demais para um único homem. Talvez fascinantes também, para quem chegou ao quinto decênio da vida e consegue apreciar a sua geometria, o desenho, mas ainda há alguma coisa que deve ser feita. Alguma coisa pessoal.

Alguma coisa que espera há vinte anos. Quando os músculos começam a ficar rígidos e os ossos doem, as contas ainda em aberto se tornam mais importantes que as batalhas e as estratégias.

Tiziano o anabatista deverá atacar outra vez, mas longe daqui: com os ventos que estão soprando, precisa manter a vingança afastada dos negócios venezianos.

Você precisa vir atrás de mim. Para que eu possa pegá-lo.

## O diário de Q.

Veneza, 28 de setembro de 1548

Em Veneza a heresia está em todo lugar.

Na forma em que as mulheres se vestem, com os seios fora da roupa e as solas dos calçados de um palmo de altura. Nas mil vielas estreitas, onde sussurram doutrinas proibidas. Nos alicerces impossíveis que a sustentam.

Em Veneza, os alemães também estão em todo lugar. Não há calle, praça ou canal que não conheça o som da língua de Lutero.

Veneza: o terreno ideal para farejar o rastro.

Cervejaria do Empório. Insinuações do anabaptismo jogadas aqui e aí: olhares surpresos, referências ao extermínio de Münster, nenhuma notícia útil. Tiziano: *Quem, o pintor?* Nada de nada.

Uma volta pelo mercado de Rialto, cheirando o ar. Para cima e para baixo da ponte, depois até São Marcos, ao longo do caminho do Comércio. Gente ocupada nos negócios, alemães vendedores de peles, nem pensar batizando um frade em um convento em Rovigo, muito menos entre os estudantes de Pádua.

Os estudantes: Tiziano é um sujeito culto, alguém que pode falar a língua das Universidades tão bem quanto a do taberneiro e do marceneiro de Bassano.

Uma ideia: o homem que procuro não frequenta estes lugares.

Veneza, 30 de setembro de 1548

Arquivo da Inquisição.

Três alemães implicados em processos de heresia:

Mathias Kleber, trinta e dois anos, da Bavária, fabricante de instrumentos de cordas em Veneza há doze anos, surpreendido roubando hóstias consagradas do tabernáculo da Igreja de São Roque, condenado à expulsão e remido pelo arrependimento e conversão à fé católica.

Ernst Hreusch, quarenta e um anos, mercador de madeira, original de Mogúncia, processado por escrever louvores a Lutero nos muros de São Moisés e São Zacarias. Condenados a apagá-los e oferecer cento e cinquenta ducados às duas igrejas.

Werner Kaltz, vinte e seis anos, vagabundo, proveniente de Zurique, acusado de bruxaria pelas atividades de quiromante, alquimista e astrólogo. Evadiu do cárcere Piombi, ainda foragido.

Um meio iconoclasta, um fanático de Lutero e um bruxo. Tento imaginá-los nas várias situações que tiveram Tiziano como protagonista, mas nenhum parece realmente adequado para o papel de missionário anabatista.

Operação contrária: imaginar Tiziano dando vida ao próprio fantasma, movê-lo como um fantoche pelas ruas e lojas da cidade. Não.

Em Veneza Tiziano não é Tiziano. É outra pessoa. Se tivesse batizado aqui, em algum lugar lembrariam. Tiziano esconde a própria identidade: aos feitos, pelo contrário, parece querer atribuir a máxima evidência.

Quem é, quem foi, Tiziano em Veneza?

## Capítulo 28

Veneza, 18 de outubro de 1548

Avisaram por carta. É por isto que estamos aqui no paredão, o olhar insistente no canal da Giudecca, de onde deveriam aparecer.

Bernardo Miquez passeia de um lado ao outro. João está parado como uma estátua, elegantíssimo como sempre, luvas de couro enfiadas no cinto e amplas mangas do casaco que esvoaçam ao vento.

Demetra me fez um cachecol de lã para este outono frio. Sou agradecido, porque o pescoço de uns tempos para cá me incomoda um pouco.

Observo as barcaças que desfilam lentamente para os atracadouros e esvaziam a carga humana colorida e bizarra.

— Para o Doge e São Marcos!

Sobressalto com a voz ressonante de um gigantesco melro preto transportado em uma gaiola.

João ri com entusiasmo da expressão do meu rosto:

— Aves falantes, compadre! Esta cidade nunca deixará de surpreender.

Bernardo debruça na beira do cais, quase arriscando perder o equilíbrio:

— Estão chegando!

— Onde? — guardo para mim o fato que a vista já não é tão boa como antes.

— Lá ao longe, apareceram agora!

Finjo reconhecer a embarcação, que ainda é uma mancha escura:

— São eles mesmo?

— Claro! Veja o Sebastião!

— Por Moisés e todos os profetas! Eis o Perna. Ele conseguiu! Duarte conseguiu! — João concede-se um gesto de regozijo.

— Bastardos, nojentos, infames, pedaços de merda, mais um pouco e ficava lá embaixo, cristo, cheio de fungos e musgo, tomar no cu!

Solta a respiração, com o terror ainda estampado nos olhos.

— Assassinos, é o que eles são. Coisa de loucos, Ludovico, amigo meu, tinha ratos que pareciam filhotes de cachorro, entendeu?, você não acredita, precisaria ver, deste tamanho, bastardos, um mês naquela latrina, prisão eles chamam, tomara que os Turcos empalem todos eles, bastardos, veja, Ludovico, deste tamanho os ratos e uns guardiões que pareciam os monstros do Apocalipse, mantenha um homem por um ano naquelas masmorras e ele confessará qualquer coisa, até que... ah, e depois eles escrevem tudo, tudo, não perdem uma só palavra, tem sempre um escrevinhador do caralho que escreve o que você diz, rápido, bem rápido, sem nunca levantar os olhos do papel, você espirra e ele escreve, entendeu?.

Os ralos cabelos estão emaranhados na cabeça, olheiras profundas e mandíbulas loucas para moer o bife que Demetra lhe serviu, se não estivessem empenhadas naquela torrente em cheia.

Engole finalmente o primeiro pedaço e parece recuperar a lucidez necessária.

Levanta os olhos do prato:

— Pegaram alguém mais?

— Infante em Nápoles.

Bufa.

— E não é a notícia pior.

Os olhinhos de Perna fitam-me apreensivos:

— Quem ainda?

— Benedetto Fontanini.

O livreiro passa a mão na cabeça para pentear os poucos cabelos que ficaram:

— Nossa, estamos na merda...

— Foi preso no mosteiro de Santa Justina, em Pádua. A acusação é ser o autor do *Benefício de Cristo*. Está arriscado a apodrecer lá dentro para sempre.

Perna levanta novamente a cabeça:

— Daqui para frente precisa tomar muito cuidado. — Olha-nos,

um a um. — Todos. — Detém-se sobre João: — E você não pense que está muito mais seguro que nós, sócio, que se eles resolverem levar a coisa a sério, vamos dançar todos. Aqui em Veneza por enquanto estamos garantidos, mas nos deram um belo aviso.

— O que está querendo dizer? — Encho o copo dele de vinho.

— Eles entenderam. Sabem quem somos, quem está metido. Antes pegaram João, depois eu e aquele coitado do Infante. Depois vão pescar Benedetto de Mântua... — Mastiga e engole.

Duarte olha nós todos:

— De quem estamos falando?

O garfo de Perna cai sobre o prato. Silêncio. O Caratello está fechado, estamos sozinhos, três sefarditas e dois descrentes inveterados sentados ao redor de uma mesa conspirando: a alegria de qualquer inquisidor.

Perna agacha-se como um gato:

— Estamos falando do Caralhoduríssimo, senhores, é, de Sua Eminência Caralhoduríssimo Giovanni Pietro Carafa. Falamos dos Zelantes. Daqueles que gostariam de fazer um berloque com as bolas de Reginal Pole e dos amigos dele. Belos bastardos, eles e os milicianos que têm. Ainda não os soltaram por aí, mas não vão demorar, podem crer. — Uma olhada para João. — E aqueles, sócio, você não compra, entendeu? Incorruptíveis bastardos.

Interrompo-o:

— Nem Milão, nem Nápoles, muito menos Veneza, deixarão que a Inquisição de Roma coloque o nariz nos negócios delas.

— Negócios, esta é palavra certa. Por enquanto não veem nenhuma vantagem em deixar-lhes o campo livre, você tem razão. Mas tudo dependerá de quem vai sentar no Trono Pontifício, de quem estabelecerá as regras, depois que Paulo III tiver esticado as canelas. De toda forma, para evitar as ingerências de Roma, os venezianos poderiam pensar em fazer por conta própria os acertos conosco, sem esperar Carafa e os amigos dele.

Engole:

— Que nojo, quando volto a pensar naquela latrina, perco a vontade de comer.

## O diário de Q.

Veneza, 5 de novembro de 1548

A criança que pensa Jesus como uma estátua.

Percorri a cidade de canto a canto. Procuo um alemão, confiando na intuição: as livrarias onde poderia ter adquirido o *Benefício de Cristo*.

Visitei a loja e André Arrivabene, o livreiro na insígnia do poço, um lugar que Tiziano conhece sem dúvida. Fingi estar interessado nas doutrinas do anabaptismo, esperando que me indicassem *alguém* a quem dirigir-me.

Nada de nada.

Veneza, 7 de novembro de 1548

A criança e a estátua de Cristo.

A criança que pensava que Jesus fosse uma estátua.

A criança *de cinco anos*

A criança a quem Bernhard Rothmann, pastor de Münster, perguntou quem era Jesus.

Uma estátua.

A história repetida infinitamente, nos dias da enfermidade.

Os dias de Rei David.

É difícil voltar atrás. Doloroso. Lembranças de conversas, longas, intermináveis, seduzindo a loucura do pregador, sugerindo a uma mente desiludida e perdida as escolhas mais insanas.

Terror e lenta dissolução.

Os últimos dias de Münster.

Fora daquela muralha, o primeiro arrepio de incerteza. Quis esquecer.

Tiziano, o peregrino alemão que batizou Adalberto Rizzi, *alias* frade Álamo, frade Lúcifer e os piratas do Po, conheceu Bernhard Rothmann.

Alguém de Münster, alguém que conheci.

Desci novamente à rua, desta vez procurando um rosto. Virei de repente cada vez que ouvi uma palavra pronunciada na minha língua. Examinei os rostos, sob as barbas, além dos cabelos longos ou curtos, entre as cicatrizes e as rugas. Como uma alucinação, em cada um havia algo que confirmava uma suspeita.

Isto não vai adiantar.

## Capítulo 29

Veneza, 11 de novembro de 1548

Não é fácil explicar-lhes que preciso partir. Não é fácil falar de um inimigo antigo. Quèlet, o aliado de sempre, o traidor, o infiltrado.

Não será fácil, mas é necessário. Explicar as viagens dos últimos meses, esta barba: Tiziano, o apóstolo com o *Benefício de Cristo* em uma mão e a água do Jordão na outra. Fechar uma conta aberta há mais de vinte anos. Procurando colocar o miliciano de Carafa, o melhor, o mais esperto, no rastro de um heresiarca anabatista feito sob medida para ele. Não há mais tempo disponível. O cerco começou a fechar antes do previsto, mas eu sabia que aconteceria. Estou brincando com o fogo e não posso mais arriscar que eles sejam prejudicados. O mesmo imperdoável erro da vida inteira: o meu passado invade o presente e traz a destruição, dilacera a carne dos amigos, solidais, amáveis. Demetra, Beatriz, João, Pedro. Nomes de mortos iminentes. Ir embora antes que aconteça. Arrastar comigo o Anjo Exterminador e o eterno miliciano, longe dos efeitos da última campanha. Andar até às últimas extremidades, para o cu desta terra da Europa que percorri de ponta a ponta. Fazer com que me persiga até lá, e naquela cloaca fétida esperar e acertar as contas de muitas vidas. Sozinhos.

Não importa quanto tempo, Elói pode receber o nome dele de volta, serei somente Tiziano, o batista louco.

João cuidará do bordel e de Demetra em meu lugar. Circularrei, sementeirei indícios, andarei até trazer Quèlet à luz do sol.

Perna, você disse isso: é necessário descobrir como isto vai acabar, jogar a sorte e a vida para dar um significado a ambas. Para

justificar todas as derrotas e também o que resta para viver. Não vou abandonar a partida, quero concluí-la. De qualquer forma.



Dos olhares atônitos e das bocas fechadas emerge somente a voz límpida de Beatriz:

— Os subterfúgios a que a vida submeteu a minha família, nunca impediram de apreciar a sinceridade, Ludovico.

Sorri, as minhas palavras não desarmaram aqueles olhos negros:

— Deixe portanto que eu retribua a sua franqueza. Não é você a causa do perigo que nos ameaça: todos sabíamos desde o começo quais riscos enfrentaríamos no empreendimento comum de difundir *O Benefício de Cristo*. Desafiamos a excomunhão do Concílio, a Inquisição, as ambíguas estratégias dos poderosos venezianos. Por que razão? A guerra espiritual conduzida pelos cães negros do Santo Ofício é uma ameaça para todos nós. Fingir não saber disso não nos salvaria. Olhe quem está à sua frente: um livreiro clandestino, a dona de um bordel e uma rica família judia fugindo há meio século. Depois vem você: herege, rejeitado, ladrão e cafetão. Somos tudo que eles querem varrer. Se vencerem tomarão tudo, ocuparão cada espaço. Seremos detidos, os mais afortunados morrerão.

Beatriz aproxima-se da janela, além da qual é visível o canal da Giudecca e ao fundo São Marcos. Permanece uma silhueta escura.

Prossegue:

— Você falou de um destino pessoal com o qual deve acertar as contas. Da asa preta que esvoaça sempre ao redor da sua cabeça e aniquila o que você ama. As suas preocupações são nobres e sensatas, mas cada um precisa cumprir o próprio papel. Também penso que seja útil separar-nos, mas mantendo-nos unidos nas intenções de um projeto comum. O rastro de Tiziano que se afasta, semeando heresia e confusão, pode tirar os cães do caminho, confundir o olfato, reduzir a marcha, à espera do novo Papa. Mas se esta é a sua tarefa, cada um de nós deve assumir uma outra.

João levanta, sem sorrisos:

— Você, tia, poderia manter aberta a porta de saída. O seu carisma e os conhecimentos na corte de Ferrara, onde somos benquistos, por causa dos empréstimos ao duque e pelo seu requinte,

podem garantir um porto seguro para todos, se os acontecimentos precipitarem. Eu permanecerei em Veneza, para cobrar a nossa benevolência. Já é tempo que os nobres e os mercadores desta cidade reconheçam devidamente os que sustentam o luxo e os negócios deles. Enquanto isso posso cuidar dos novos comércios, das rotas que abrimos com o Turco.

Dirige-se a Perna:

— É melhor que você se afaste por um pouco de tempo. Será o meu agente nas costas orientais. Difundirá a nova tradução do *Benefício* na Croácia e Dalmácia, até Ragusa e além. Não se ocupará somente de livros, será o meu agente de contato fora do âmbito da Inquisição.

O pequenino dá um pulo:

— Vender livros aos Turcos!? Estou sonhando! Ir para cima e para baixo naquelas tinas malcheirosas!? Eis o que sobra para Pietro Perna, alguém que tem um nome, que é respeitado de Basileia a Roma! Ludovico, diga alguma coisa!

— É mesmo, você precisa de um novo nome. Talvez não tão respeitável, mas menos conhecido dos milicianos.

Perna fica prostrado na cadeira, quase desaparecendo, os pés balançado.

João sorri para Demetra:

— A fascinante dona Demetra continuará administrando o Caratello como se nada tivesse acontecido, com as orelhas sempre estendidas para toda indiscrição dos seus abastados clientes. Toda informação poderá ser preciosa. Cuidaremos da senhora e das moças, na ausência de Ludovico.

Beatriz:

— É inútil negar que o nosso destino depende em boa parte de quem será o próximo Papa. Aguardaremos aquele momento para decidir como movimentar-nos na nova situação.

Bernardo está enchendo os copos. João levanta o primeiro, readquiriu o sorriso:

— Ao futuro Papa, então!

Desabafamos com uma ruidosa risada.

## O diário de Q.

Veneza, 14 de novembro de 1548

Notícias recolhidas sobre os lugares frequentados ou geridos por alemães:

Livraria “Lírio de Prata”, especializada em livros luteranos e sacramentistas, de propriedade de um certo Hermann Reidel.

Friedrich von Melleren, conde, animador do restrito grupo de literatos alemães em Veneza, possui um prédio próprio atrás do Empório.

Taberna “Floresta Negra”, gerida por uma alemã casada com um mercador veneziano. É local de encontro dos artesãos: entalhadores, ourives, sapateiros...

Taberna “Il Caratello”, de propriedade de Ludwig Schaliendecker, conhecido como o Alemão, e de uma mulher grega. O bordel preferido dos alemães de boa posição e bolsa.

Taberna “Seda”, lugar de encontro de mercadores, de propriedade de Hans Gastwirt. Jogos e azar e câmbio a taxas vantajosas.

Loja de Jacopo Maniero, vidreiro, toda quinta-feira, ao entardecer: reunião da comunidade calvinista (italianos, helvéticos, e alemães).

Veneza, 15 de novembro de 1548

Dia transcorrido na “Floresta Negra” e na livraria de Hermann Reidel.

Nada.

Um nome já conhecido: Ludwig Schaliendecker. Onde? Entre os apóstatas alemães? Alguma coisa ligada a Wittenberg.

Ludwig Schaliendecker, administrador do “Caratello”.

Verificar amanhã.

## Capítulo 30

Veneza, 16 de novembro de 1548

Apoia-se a mim, para não perder o equilíbrio, enquanto sobe na barcaça que nos levará à embarcação dos irmãos Miquez, ancorada além da ilha. Com a outra mão segura a saia pesada, ajudada por uma serviçal, preocupada em não deixar que a barra molhe. Consegue manter uma dignidade infinita em uma situação onde outras mulheres pareceriam simplesmente desajeitadas e embaraçadas pelas armações que a vestem. Não posso deixar de pensar que Beatriz é uma criatura especial, luminosa.

Ajudado-a a sentar, a saia enrolada sob os braços.

O corcunda Sebastião está pronto com o remo na popa.

João e Bernardo nos abraçam.

— Tia, não tema, deixo-a em boas mãos. Escreva assim que chegarem em Ferrara e dê minhas lembranças ao duque Hércules e à princesa Renata.

— E você, João, tome cuidado, estes caminhos podem ser mais perversos que o calabouço de um castelo. E cuide de seu irmão Bernardo, se algo lhe acontecer, considerarei você responsável.

— Não tema. Nos encontraremos todos logo mais.

João solta o sorriso:

— Amigo meu, boa sorte. Segure firme a pele, e não seja imprudente demais. Aquela gente é perigosa...

— Eu também posso ser, dependendo da ocasião.

Sebastião já soltou o barco do atracadouro, os dois irmãos nos cumprimentam, mãos erguidas ao céu.

A notícia chegou ao amanhecer. Um franciscano que veio trepar escondido no Caratello: a Inquisição veneziana cogita a detenção de Beatriz. Hoje deveria ser interrogada sobre algumas denúncias que a apontam como criptojudia, falsa cristã.

Uma intimidação, a fraca tentativa de pressionar uma família incômoda para todos, talvez extorqui-la e obter descontos no crédito. Os sereníssimos patrícios estão se sujando na roupa. Quem não obteve empréstimos dos Mendes, como os chamam aqui? Quem não cobiça a imensa riqueza familiar?

João mandou preparar imediatamente a embarcação, não havia tempo a perder.

Assim, partimos sem ter tempo de pensar.

Ferrara. De lá iniciará a viagem de Tiziano. Uma viagem longa, desta vez, com a cidade do duque d'Este servindo de abrigo seguro para voltar e saber da situação em Veneza. Quero ir para o Sul, na direção de Bolonha e passar os Apeninos, atingir Florença. Antes de despedir-nos, Perna disse que eu não poderia morrer sem antes ver Florença. Pobre pequeno Perna, enviado para a costa croata. Não tenho dúvidas que terá bom êxito lá; chora e se desespera, o livreiro Pietro, mas no fim a grande cabeça lisa dele sai sempre ilesa, pronta para retomar a infinita verborragia.

Aqui estamos. Estamos na derradeira corrida, o último trecho de caminho e uma nova aventura. Sou um louco, velha ave acorada neste assento, com a minha barba grisalha e os achaques que não dão trégua. Sou um doido e tenho novamente vontade de rir. Não posso acreditar que estou novamente por aí, que volto a pregar tempestade. Quase penso no momento em que tudo começou. Quase penso que a vida coincidiu com a guerra, a fuga, centelhas que incendeiam a planície e vagalhões que a recobrem. Deveria enfiar os ossos cansados em algum buraco e escorregar embora tranquilo, um pouco por vez, embalando na memória os rostos das mulheres e dos amigos. Mas não, estou novamente aqui, servindo de isca para os cães e fechar a conta de todos aqueles rostos. A obsessão de um velho herege não conhece a paz.

Último desafio, última batalha. Poderia ter morrido em Frankenhansen, nas praças de Münster, na Holanda, em Antuérpia nos cárceres da Inquisição. Estou aqui. E fechar o jogo, resolver o enigma, é só o que falta fazer.

## O diário de Q.

Veneza, 16 de novembro de 1548

Visita ao “Caratello”. Ludwig Schaliendecker, ou “dom Ludovico”, o administrador, não estava. Partiu, não se sabe para onde. Perguntas lançadas aqui e aí, não quero despertar nenhuma suspeita.

Lembranças mais nítidas: Eloisius de Schaliendecker. Wittenberg, há mais de vinte anos, um homem veio desafiar Lutero e Melâncton. Chamou a atenção da universidade toda, pelas suas ideias bizarras quanto ao pecado e à perfeição.

Ele vinha talvez dos Países Baixos ou dos Flandres, não lembro mais.

Obter informações. Escrever à Inquisição de Amsterdã e Antuérpia. Seria necessária uma recomendação de Carafa. E isto significaria colocá-lo a par das minhas suspeitas.

Isto levaria meses.

Continuar as investigações aqui em Veneza. Vigiar o “Caratello”, esperando que ele volte.

Escrever aos Inquisidores de Milão, Ferrara e Bolonha para obter novas informações sobre Tiziano o anabatista.

*Carta enviada a Roma de Veneza, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 17 de novembro de 1548.*

Ao ilustríssimo e honradíssimo Giovanni Pietro Carafa.

Senhor meu, recebi hoje a urgentíssima comunicação de V.S. A presente estará em suas mãos, no máximo, dois dias antes de minha chegada em Roma. Coloco-me desde já à disposição para as tarefas que Vossa Senhoria quiser confiar-me.

É meu dever e desejo informá-lo que a repentina piora do estado de saúde do Papa Farnese me afasta, com um desgosto que não escondo, de uma pista proveitosa quanto à difusão do *Benefício de Cristo*. É minha presunção imaginar que os planos de Vossa Senhora para dificultar Reginald Pole conttenham a questão daquele tratado ridículo. Espero portanto que os eventos atuais acarretem somente a suspensão da investigação em que estou empenhado há meses, mas ainda longe de ser concluída e de ter esgotado o interesse.

Confiando na rapidez dos ginetes italianos para poder estar logo à sua disposição, beijo as mãos de Vossa Senhoria.

De Veneza, em 17 de novembro de 1548  
O fiel observador de Vossa Senhoria  
Q.

## Capítulo 31

### Fim da Emília, fronteira alfandegária entre os Ducados de Modena e Ferrara, 2 de abril de 1549

O posto de troca é um prédio isolado no meio de um território plano e monótono. Alguns pequenos aglomerados de árvores espalhados interrompem a linha contínua do horizonte. O cavalo está cansado, minhas costas e pernas também.

O pátio interno é um vaivém de galinhas e aves disputando migalhas invisíveis no pedrisco. Um velho cão late sem muita convicção, provavelmente obrigado pelo dever dos anos perdidos na guarda deste lugar.

— Olá, há um lugar para este pobre cavalo esgotado?

Um sujeito robusto, bigodes que descem pelo queixo. Indica uma porta baixa, com o batente superior fechado.

Apeio com dificuldade e dou alguns passos ainda com as pernas alargadas pela sela.

Pega as rédeas:

— Dia ruim para viajar.

— Porque?

Um gesto vago para o Oeste:

— Temporal. A estrada vai virar um rio de lama.

Encolho os ombros:

— Quer dizer que terei que parar.

Abana a cabeça:

— Nenhuma cama. Tudo lotado.

Olho ao redor à procura de sinais de multidão, mas o pátio está vazio, da casa não chega som algum.

O homem estala a língua, o bigode pula para o alto:

— Estamos esperando um bispo.

— Eu poderia arranjar-me no depósito de feno.

Encolhe outra vez os ombros, enquanto desaparece no estábulo com o cavalo.

O cão voltou a estender-se ao sol, os tufo de pelo cinza ao redor do focinho fazem dele uma cópia animal do encarregado do posto. Quando o vejo reaparecer da sombra, sorriu pensando na semelhança.

— Que idade?

— Do cão? Ah, oito, nove, mais ou menos. Está velho, está perdendo os dentes, daqui a pouco, terei que matá-lo.

Olhos apertados em duas frestas e patas estendidas, só um leve movimento do rabo e de uma sobrancelha. As expressões também lembram aquelas do dono.

Espreguiço-me produzindo um razoável rangido dos ossos.

— Lá dentro tem sopa quente, se quiser. Peça à minha mulher.

— Ótimo. Mas não ia servi-la ao bispo, espero!

Pára perplexo, coçando a nuca suada:

— Bom, não temos grandes senhores, por estes lados. Nunca recebi um bispo aqui.

Inclino-me para verificar se os joelhos ainda funcionam, giro a cabeça e me sinto como novo.

Ele pensa:

— De fato, é um belo problema. Todo o séquito, os lacaios...

— Os secretários, os servidores, a segurança pessoal...

Bufa preocupado e encolhe os ombros:

— Vão ter que se contentar.

Sobe as escadas para voltar à casa.

— Para os lacaios e a guarda, a sopa está bem. Mas para o bispo precisaria carne de caça... Por falar nisso, quem é ele?

Pára na porta:

— Bispo cardeal, Sua Senhoria Giovanni Maria Del Monte Ciochi. Vem de Mântua, em viagem para Roma.

— Ah, sim. Deve ser para o Conclave... Dizem que o Papa está mal, mas os papas são duros de morrer...

Olha para a ponta dos sapatos perplexo, indeciso se mandar-me para o inferno ou dar-me trela.

— Eu não sei de nada. Só preciso hospedar o bispo e o séquito

por uma noite.

— Claro. Mas não tem carne de caça para servir no jantar.

Fica roxo, se não houvesse uma escada dividindo-nos, temeria pelo meu pescoço:

— Hoje não tem! Isto é um posto de troca, não um albergue!

Entra em casa.

Rio sozinho e aproximo-me ao cachorro. Agora parece tranquilo, deixa que o acaricie, não deve ter mais grande vontade de rosnar, nem de viver. A hora dele já está chegando.

— Você não está melhor que o Papa. Pelo menos não tem um bando de abutres girando ao redor de sua cabeça.

O cardeal Del Monte.

Zelante ou Espiritual?

Com Carafa ou com Pole?

De Mântua.

O cachorro oferece-me um grande bocejo desdentado.

De Mântua, como frade Benedetto Fontanini.

Zelante ou Espiritual?



O emblema episcopal nas portas da carroça está respingado de barro. Uma dúzia de homens armados descansa no pedrisco do pátio. Vaivém pelas escadas. O dono do posto corre para limpar o emblema com um trapo.

Os soldados me lançam um olhar cansado. A boa roupa que visto deve conferir-me um ar de cortesão.

Um sujeito magro desce as escadas saltitando, fechado em uma capa elegante, um chapéu ridículo na cabeça. Ao redor dos trinta.

Dirige-se ao encarregado:

— Sua Senhoria gostaria de água quente *antes* do jantar. — Tom de sabe-tudo enojado.

O bigodudo aprova com a expressão mais tola do mundo, esquece da carroça e corre escadas acima.

Aproximo-me.

— Nestas estações de troca, o serviço deixa cada vez mais a desejar.

Peguei-o desprevenido, não encontra outra saída senão

concordar:

— É realmente escandaloso...

— Um homem desse nível...

Não consegue olhar-me, o tom cordial deixa-o desorientado:

— Depois de tanto caminho, na idade dele...

— E com tantas preocupações...

Decide reagir, olhinhos cinza que olham do alto:

— Por acaso, é conterrâneo de Sua Senhoria?

— Não, messer, sou alemão de origem.

— Ah. — A expressão de quem colheu uma profunda verdade. —

Eu sou Felice Figliucci, secretário de Sua Senhoria.

— Tiziano, como o pintor. — Uma leve reverência recíproca. —

Estão indo para Roma, imagino.

— De fato. Retomamos a viagem amanhã cedo.

— Tempos difíceis...

— Realmente. O Papa...

Ficamos em silêncio por um instante, olhar baixo, como se estivessemos refletindo sobre profundas questões teológicas; sei que ele gostaria de despedir-se, mas não lhe dou tempo:

— Se puder ser útil à Sua Senhoria, não hesite em pedir.

— Gentileza de sua parte... Certamente... De fato, preciso subir novamente para certificar-me se tudo está bem.

Despede-se embaraçado.



Chove muito, mas estou com vontade de fumar um charuto. Protegido sob um telhado, sopro a fumaça na cara do temporal. Do velho cão, nem a sombra. O reflexo dos olhos de um gato, antes de desaparecer atrás de uma grade.

Batizarei com método, as pessoas certas que possam constituir o núcleo de uma verdadeira seita. Os inquisidores gostam de seitas, elas rendem ao infinito, você pode atribuir-lhes tudo: o descontentamento popular, a peste, a prostituição, a esterilidade de sua mulher... São necessários uns apóstolos, para sair por aí batizando, exatamente como fez o velho Matthys. Já tenho alguns na cabeça, alguém de Ferrara, mas preciso chegar mais longe: Módena, Bolonha, Florença. Depois as regiões da Romanha. Parece que os

habitantes daquelas terras são os mais turbulentos súditos do Papa. Poderia ser interessante atingir alguém de lá. Heresia e revolução: o que mais?

Seguro o charuto entre os dentes e cruzo as mãos nas costas. Um arrepio avisa que é melhor voltar para dentro. Não posso permitir que uma doença me ataque.

Na sala, a lareira ainda está acesa, alguém está reanimando o fogo com o atizador, figura escura de costas, sentada em uma das cadeiras de madeira da pousada. Uma camisa de flanela até os pés cobre o porte e a papalina purpúrea sobre a tonsura.

Vira-se, assim que percebe a minha presença.

Apresso-me em tranquilizá-lo:

— Não tema, Senhoria, é só o andar de um insone.

Um som estranho, a meio caminho entre o resmungo e o bufo, olhos afundados no rosto enrugado.

— Então somos dois, filho.

— Posso ajudá-lo?

— Estava tentando reanimar este fogo, para conseguir ler algumas linhas.

Aproximo-me, apanho o fole e começo a soprar na brasa.

— A insônia é um bicho terrível.

— Sem dúvida. Mas quando chegamos à idade de sessenta e seis anos, não devemos queixar-nos muito e aceitar com humildade o que o bom Deus nos manda. Precisamos ser agradecidos por ter ainda a vista em condições de ler e enganar as horas noturnas.

O fogo já está crepitando novamente, o cardeal Del Monte apanha o livro aberto do chão. Noto o título na luz da lareira e não consigo reter a surpresa:

— Está lendo Vésale?

O resmungo embaraçado:

— O bom Deus haverá de perdoar a curiosidade de um velho que não reserva para si outro prazer senão o de manter-se ao par das bizarras geradas pela mente humana.

— Também li aquele livro. Realmente bizarra aquela manipulação de cadáveres, mas o que no fim parece surgir é uma grande homenagem à grandeza de Deus e à perfeição que soube criar, não concorda? Se mais pessoas cultivassem uma curiosidade como a sua, evitariam talvez muitos mal-entendidos, como o de ver maldade onde não há nenhum indício.

Observa-me com expressão dissimulada, parece um velho urso bonachão, acorçado na cadeira:

— O senhor leu, então? Mas a que se referia falando em mal-entendidos?

Vou tentar.

— Muitos fervorosos cristãos arriscam hoje a prisão pela vontade que têm de renovar e trazer linfa nova à Igreja de Roma. São apontados como membros de seitas perigosas, como alquimistas, magos, propagadores de contágios. São processados como inimigos da Igreja, luteranos, apesar deles nunca terem ousado colocar em discussão a autoridade infalível do Papa e dos teólogos. Se simplesmente alguém dedicasse às ideias daquelas pessoas um centésimo da atenção que agora o senhor está demonstrando, creio que não seria difícil distingui-los dos hereges de além-Alpes e dos cismáticos.

Del Monte olha para mim com ar paternal:

— Filho, agora, diante deste fogo, eu e você somos somente dois insones. Amanhã eu serei novamente o cardeal bispo de Palestrina e poderei não permitir-me esta liberalidade. É difícil coser harmoniosamente juntas a responsabilidade de defender um rebanho amado e a medida certa para recolher as ovelhas perdidas ao longo do caminho, desviadas pelo intelecto, más leituras e insanas induções.

Decido ir até o fundo:

— Eu temo a leviandade e o medo dos juízes, temo que eles amputem o espírito renovador, fazendo de cada fio de grama um feixe...

O cardeal aperta os olhos:

— O senhor está com alguma ideia precisa, não é?

— Realmente. Não sei se posso ousar tanto perante Vossa Senhoria, mas a hora já avançada e a intimidade que me concede encorajam-me a dizer algumas palavras sobre um assunto que me aflige há algum tempo e que envolve um seu conterrâneo.

— Membro da minha diocese?

— E homem piedoso, Eminência. Frade Benedetto Fontanini de Mântua.

Nenhuma reação, o passo já foi dado, agora precisa continuar.

— Há meses está detido no mosteiro de Santa Justina de Pádua, acusado de ser o autor do *Benefício de Cristo*. E suspeito de

apostasia.

Uma leve tossida:

— Sobre aquele opúsculo pesa a excomunhão, filho.

— Sei disso, Eminência. Mas, acompanhe o meu raciocínio, por favor. A excomunhão do livro de parte do Concílio de Trento remonta a 1546, e por um motivo bem preciso: só naquele momento, de fato, os doutores da Igreja estabeleceram definitivamente a doutrina católica em matéria de salvação, declarando herética a luterana. Pois bem, frade Benedetto escreveu *O Benefício de Cristo* em 1541, cinco anos antes do pronunciamento definitivo do Concílio!

Concorda sem emitir som algum.

Prossigo:

— Frade Benedetto escreveu o livro movido pela sincera intenção de oferecer um apoio para a reconciliação com os luteranos. Não há página no *Benefício de Cristo* que coloque em discussão a autoridade do Papa e dos bispos; não há nada escandaloso. Enuncia simplesmente em claras letras a doutrina da salvação *unicamente pela fé*. Mas o senhor sabe melhor que eu, Eminência, que há passagens na Bíblia que favorecem aquele tipo de interpretação...

— Mateus, 25, 34 e Romanos 8, 28-30...

— E Efésios I, 4-6.

Del Monte suspira:

— Sei do que está falando. Li *O Benefício de Cristo* e o destino do frade Benedetto entristece-me também. Mas há equilíbrios muito delicados aos quais devemos pagar um tributo, conflitos difíceis de sanar...

Inclino-me um pouco para ele:

— Não gostaria de pensar que o aprisionamento do frade Benedetto tivesse alguma relação com a guerra interna que racha a Igreja, não com os luteranos. Porque nesse caso seria mais que nunca necessária a intervenção de personalidades superiores às partes, para evitar que inocentes sejam vítimas de uma disputa que não lhes concerne.

Aprova, simplesmente:

— O senhor consegue ser muito explícito. Mas lhe digo que não é fácil, especialmente agora que o Papa está doente e, de Roma, sopra o vento das macabras negociações. Não é fácil, para quem quer ser homem de paz, mas permanecendo fora do conflito. Todo gesto, mesmo aquele ditado pela mais simples caridade, hoje seria

interpretado como alistar-se a um ou outro partido. Para os que querem impedir o castigo dos inocentes, o único caminho é o do apelo à caridade e ao bom senso dos homens da igreja.

Acosso-o:

— Há porém gestos modestos que podem significar muito.

Olha para as chamas já estão se apagando, como se procurasse alguma coisa. Sua expressão é resignada e cansada:

— Conheço bem o General dos Beneditinos. — Por um instante parece não querer prosseguir. — Uma carta a Monte Cassino é tipo de atitude que ainda posso permitir-me...

— Já seria muito.

— Agora acho que conseguirei dormir.

Uma mensagem bem explícita. Está na hora da despedir-me.

— Eminência, sua magnanimidade é rara nestes tempos. Não são muitos os homens santos da Igreja que aceitariam falar com um desconhecido no coração da noite, acolhendo até os seus argumentos. O meu nome é...

Levanta uma mão:

— Não. Amanhã o bispo de Palestrina não poderá permitir-se a liberdade desta noite. De minha parte, será o insone erudito que me fez companhia.

## O diário de Q.

Viterbo, 25 de junho de 1549

O Farnese está à beira da morte. Poderá ser amanhã, ou daqui a seis meses. O frenesi das negociações aumenta na mesma medida que a saúde abandona o corpo cansado de Paulo III.

Os equilíbrios não são favoráveis aos Zelantes. Reginald Pole é o cavalo do Imperador e a fama dele sobe às estrelas. O campeão da fé parece poder conciliar muitos. Se o Conclave iniciasse amanhã, os jogos estariam definidos. Nesse caso, toda a trama tecida por Carafa nestes anos desmoronaria. O grande adversário dele no trono papal eleito pelo mais acirrado inimigo: o Imperador. Não há um dia a perder: Carafa incita o aliado francês a tentar jogadas defensivas. Ele quer conturbar o quadro atual, reduzir o avanço dos tempos, reabrir os jogos.

O rei da França, Henrique II, seguindo as pegadas do pai, renovou a aliança com os príncipes protestantes. Carafa o incita a retomar a guerra, mas há muitas resistências: finanças sempre no vermelho, equilíbrios internos bambos, afastamento progressivo dos assuntos italianos. O chefe do Santo Ofício precisa colocar em campo toda a sua arte, para revirar um desfecho que para ele seria fatal.

O clima é de acerto de contas. Quem sair ganhador, não hesitará em varrer o adversário. O cálculo é incessante: cada voto deslocado pode ser decisivo. Promete-se tudo a todos. Os privilégios a serem distribuídos e o tempo que ainda resta são os verdadeiros donos deste embate.

Carafa enfrenta o momento mais importante, exatamente quando a sorte do odiado Imperador está no ápice; parece ser possível tocar o humor negro e a fria determinação dele. Aqui em Viterbo, pelo contrário, os rostos estão bem mais tranquilos, difundindo-se a confiança na iminente “colheita de uma antiga sementeira”, como eles amam chamar o êxito esperado. O inglês distribui sorrisos e poucas, pacatas palavras, enquanto ao redor dele a euforia cresce.

Viterbo, 7 de setembro de 1549

O Farnese é duro de morrer. Os Espirituais agitam-se, os sorrisos são mais reprimidos: a espera os desgasta. Temem acontecimentos que podem alterar os equilíbrios que lhes são favoráveis. Temem, sem dissimular, todo movimento de Carafa.

Eles têm razão. O velho Teatino sempre conserva uma arma secreta, como *extrema ratio* de uma guerra que não pode perder: *O Benefício de Cristo*.

Se as previsões se mantiverem inalteradas, não hesitará em usá-la. Pediu-me para ficar atento, mas ainda mantém os planos em segredo.

Ele poderia usar *O Benefício* para um ataque frontal a Pole e os Espirituais, acusando o inglês de ser o verdadeiro redator de um livro excomungado pelo Concílio. Poderia apertar algum peixe pequeno da roda de Viterbo e forçá-lo a confessar. Mas deveria fazer isso agora, expor-se pessoalmente. Seria um risco, Carafa não gosta de colocar-se no centro do fogo adversário. Se é que o conheço bem, ele escolherá um outro caminho: circular vozes, sempre mais insistentes, mais detalhadas, sobre as consequências da ascensão de Reginald Pole ao Trono Pontifício. O Papa que apoia doutrinas excomungadas pelo Concílio de Trento. Imagens de desagregação, obscuros presságios de um conflito paradoxal e insolúvel, o dramático enfraquecimento da Igreja de Roma, a sua total dependência da autoridade secular do Imperador.

Um quadro nebuloso que deveria assustar muitos, deslocar votos determinantes.

Só então Carafa entraria no jogo, durante o Conclave, como aquele que traz a ordem e uma razão superior. Carafa o Conciliador.

Tenho vontade de rir.

Roma, 10 de novembro de 1549

Paulo III Farnese faleceu. Termina uma das dinastias mais influentes da Europa.

Uma longa agonia e agora todos prendem a respiração, como se congelados por uma sensação de ameaça. Não é mais questão de qual será a próxima família que segurará as rédeas do poder pontifício, isto já não está em jogo. É o papel da Igreja, a concepção do poder que ela deverá exercer. Estamos no fim de um tempo e perante o duríssimo confronto entre duas facções, dois modos contrapostos de pensar a Cristandade.

Só uma coisa é certa: não haverá retorno.

Não mais potentados familiares alternando-se, aliando-se e dividindo-se, mas a necessidade de manter em equilíbrio, uma constelação de forças, aparatos e novas entidades que emergem com vigor. A Igreja luterana, Calvino e seguidores, a Inquisição, as ordens caridosas, os Jesuítas, com aquele Inácio que não dá trégua a ninguém. E tudo isto enfrentando os inconstantes destinos de impérios, reinos, principados.

Ainda que acirrados adversários e com diferentes metas, seja Carafa, seja Pole, sabem que a Igreja deverá ser bem diferente do que foi até agora. Olham para frente, afastados dos velhos modelos.

### Roma, 29 de novembro de 1549

Os cardeais entraram em Conclave. Nas vielas de Roma aposta-se em Pole, o favorito.

Eu apostei contra.

Seguindo as diretrizes de Carafa, percorro os ajuntamentos de padres, clérigos, curiosos, jogadores e gente do povo, que lotam as praças. Desoriento-os com as indiscrições sobre os verdadeiros autores do *Benefício de Cristo*. Não sou o único.

Os Espirituais tentarão resolver a partida logo, aproveitando do fato que os cardeais franceses estão atrasados. Um percurso difícil o deles, tanto por terra quanto pelo mar, atravessando os territórios do Imperador que lhes dificulta a chegada.

Faltam os números para contrastar os Espirituais, Carafa precisará incutir todo o proverbial temor dele no coração dos indecisos.

### Roma, 3 de dezembro de 1549

Fumaça negra. 21 votos para Pole. Ele precisa de 28 para atingir os dois terços necessários.

Como as notícias conseguem vazar é sempre um mistério, mas com certeza, umas duas vezes ao dia chegam pontuais e detalhadas.

### Roma, 4 de dezembro de 1549

Fumaça negra. Pole recebeu 24 votos. O consenso aumenta, mas circulam vozes que os cardeais franceses estão chegando. Se Carafa conseguir atrasar de um dia a eleição de Pole, o inglês poderá sair do jogo.

### Roma, 5 de dezembro de 1549

Dizem que Carafa lançou a acusação.

Não em ataque frontal, ele não age assim. Mas uma advertência, um convite a raciocinar sobre os riscos que devem ser evitados. Ele terá certamente sugerido àqueles veneráveis ouvidos que paradoxo e que enorme problema representaria defrontar-se com um Papa coautor do *Benefício de Cristo*, um livro excomungado pelo Concílio. Deve ter certamente desfraldado diante daqueles anciãos o espantinho das lutas entre bispos e pontífices, que a Igreja já conheceu no passado.

Insinuou a dúvida nos que já retribuía o seráfico sorriso inglês.

Hoje à tarde a votação.

Fez chegar às minhas mãos uma mensagem. Poucas palavras, suficientes para transmitir a tensão do velho Teatino. Os Espirituais entraram em acordo com três cardeais neutros: se Pole obtiver 26

preferências, transferirão os votos para ele. Se conseguir, a ordem é chegar imediatamente à matriz dos dominicanos.

Se ele conseguir, acabou.

Daqui a uma hora, a votação.

Engano o tempo nervosamente.

25 votos. Falta um, apenas um.

Olharam-se por muito tempo.

Nenhuma mão levantou.

Fumaça negra.

**Roma, 6 de dezembro de 1549**

Cardeais franceses no Conclave. Pole não vai mais conseguir.

Ficamos presos a um fio que não se partiu.

**Roma, 14 de janeiro de 1550**

Extenuante. Estão fechados lá dentro há quarenta e oito dias. Não há acordo: cada dia um novo nome, sem que ninguém acredite.

Aposta-se também em quem não sairá vivo do Conclave. Poderosíssimos velhos que se desgastam em cômodos fechados com cheiro de mijo e excrementos. Imagino os rostos cansados, os corpos enfraquecidos, as mentes anuviadas. O ideal para Carafa.

**Roma, 8 de fevereiro de 1550**

Fumaça branca.

*Nuntio vobis magnum gaudium. Habemos papam. Sibi nomen*

*imposuit Iulius III.*

Setenta e três dias para dobrar a metade deste século e encontrar o comprometido: Giovanni Maria Del Monte, bispo cardeal de Palestrina.

Júlio III.

## Capítulo 32

Ferrara, 21 de março de 1550

Deslizamos silenciosos atrás da viela, sem olhar para trás. Paramos fingindo conversar: ninguém nos segue.

Prosseguimos até à casa: três batidas mais uma.

— Quem é?

— Pedro e Tiziano.

Abrem a porta, uma cara redonda, barba morena enrolada e bigodes pontudos:

— Venham, venham. Estávamos esperando.

Nos conduz através de uma loja cheia de ferramentas e bancadas, o chão está coberto de aparas que rangem sob os nossos pés.

Subimos uma escada até à habitação, quatro nos esperam, recrutados no último ano e batizados novamente por Tiziano em pessoa.

O marceneiro nos oferece bancos com cheiro de madeira recém cortada.

— Você explicou tudo?

— É melhor que você faça...

Concordo antes que ele termine a frase.

Olho-os: caras submissas.

— É bem fácil. Pedro e eu estamos pensando em reunir os coirmãos em um concílio. Precisamos conhecer-nos, contar-nos. — Alguns estremecimentos. — Até agora não fiz outra coisa a não ser batizar. Pregiar e batizar, sem parar um segundo. Pedro nos últimos meses percorreu o Grão-ducado e a região de Marche de ponta a

ponta. Agora precisamos colher. E que vocês também façam a sua parte.

Um deles não se acanha em interromper-me:

— Quando?

Olhares de censura vindos dos outros, mas não dou importância:

— No outono. Onde, ainda vamos decidir. Por enquanto, é necessário colocar-nos a caminho para contatar todas as comunidades daqui até os Abruzzi. Cada comunidade deverá enviar dois representantes. O lugar que escolheremos para o concílio será conhecido depois que chegarão em Ferrara. É melhor não correr riscos inúteis.



### Ferrara, 21 de março de 1550, uma hora antes

— Porque um concílio?

— Precisamos saber quantos somos. Precisamos organizar-nos.

— É perigoso, Tiziano, a Inquisição...

— A Inquisição mal sabe quem eu sou. De você, não sabe nada, e certamente nem suspeita que somos muitos. Não se preocupe. Continue dizendo só o meu nome, é o único que os irmãos devem conhecer.

— Mas se algum deles for capturado, você seria o primeiro a pagar.

— Eu. Só eu, ninguém mais. Você os conhece: eles não se interessam pelos prosélitos, só querem o heresiarca.

Rimos.

— Deus nos livre, mas um concílio exporia todos ao risco de serem descobertos.

— Será clandestino. Ouça bem, Pedro: é por isso que não quero mais de dois representantes por comunidade. Não seremos menos de cinquenta, mas também não chegaremos a cem.

— E se esperássemos para ver o que fará o novo Papa? Não sabemos se ficará do lado dos Zelantes ou dos Espirituais...

— Ele não ficará.

- Como?
- Não ficará, eu o conheci. Não escolherá um partido, é o caminho mais difícil, porque o condena a satisfazer todos: e os interesses de uns são a ruína dos outros.
- Como... Quando você conheceu o Papa?
- Antes de ser eleito. Conversei muito com ele. Quanto à Inquisição, ele pensa como nós. É contrário aos métodos de Carafa e amigos. Sabe que se lhes der carta branca, muitos inocentes serão prejudicados. Mas prometeu interceder pessoalmente junto ao General dos Beneditinos para libertar o Fontanini.
- Aquele Fontanini? Benedetto de Mântua? O autor do *Benefício de Cristo*?
- Agora ele foi libertado. Não lhe parece um sinal suficiente para deixar-nos respirar um pouco? Precisamos realizar o nosso concílio assim que possível, antes que os equilíbrios mudem novamente e alguém force a mão do Papa. Tenho quase certeza que Júlio III no fundo é aberto ao diálogo com a fé reformada, só que não pode dizer nem dar a entender isso explicitamente, porque sabe que a eleição dele foi fruto de um compromisso. Ele precisa comportar-se de acordo. Como é que vocês dizem? Dar uma pancada ao aro e outra ao tonel.
- Se você acha que é o certo a ser feito, estou do seu lado.

Pedro Manelfi anda ao meu lado na Rua Volte. Conheci-o em Florença: clérigo da região Marche, súdito rebelde do Papa, um afã espiritual que começou há alguns anos o levou a abandonar o seminário e escorregar cada vez mais rapidamente para aquela sutil soleira que separa a inspiração mística da heresia. Dei-lhe as respostas que procurava e ele uniu-se a mim como um cão ao dono: o primeiro discípulo de Tiziano. Para testá-lo, mandei-o conquistar prosélitos em sua terra. Depois veio encontrar-me aqui, cheio de esperança. Prega demasiadas vezes ao dia, mas possui uma memória excepcional, lembra lugares, nomes e ofícios de todos os batizados, ajuda-me na correspondência com os coirmãos. Fala de mim a todos, fora de Ferrara ninguém conhece nenhum outro a não ser o misterioso Tiziano. Se eles forem detidos, não terão como contradizer-se: só Tiziano, a lebre, o alvo.

Passamos sob os arcos que atravessam a rua. Uma rua que não dorme: movimento de curtidores, ferreiros e sapateiros durante o dia: de coxas e tetas à noite. Deslizamos silenciosos pela viela, sem olhar para trás. Paramos fingindo conversar: ninguém nos segue.

Prosseguimos até à casa: três batidas mais uma.

— Quem é?

— Pedro e Tiziano.



Em Ferrara vive-se bem. É uma cidade onde tudo gira em ritmo particular, tudo se encaixa. Mas não como em Veneza. Veneza é complicada, em Veneza você mexe um alfinete e arrisca picar a bunda de um gigante.

Ferrara é pequena e enraizada contra o rio, mas mesmo assim lhe permite perder-se nas vielas mais antigas. Ferrara é mais livre, ou seja, mais leve, menos apinhada, com menos milicianos e espiões. A Veneza você tem sempre os olhos de alguém espionando-o, aqui não, você passeia sem precisar parar, fingir que perdeu o caminho, para controlar se atrás vem alguém fingindo-se de tonto. Um costume salutar, mas inútil em Ferrara, aqui você fica tranquilo. Hércules II enche a boca de sorrisos para o Papa, mas enquanto isso deixa que na cidade dele encontrem abrigo as mentes mais ativas e perigosas da Itália. Ama ter o palácio cheio de literatos e nunca deixa que apague o lume sobre o túmulo daquele Ludovico Ariosto, que aqui veneram como um santo. Ele deve lamentar muito não ter à mão gente daquele calibre. Depois tem Renata, a viúva de Afonso d'Este que não se preocupa em demonstrar as próprias simpatias calvinistas. Muitos estão refugiados na barra da saia da princesa, para fugir de milicianos e inquisidores.

Os Judeus também não podem queixar-se da vida, como em Veneza, mas aqui eles são acima de tudo usurários, emprestam o dinheiro a juros mais baixos que os irmãos lá da Laguna e fazem ótimos negócios. O dinheiro circula, não pára, e este é o sinal da boa saúde que goza a cidade. A justiça é administrada com equanimidade, sem muitos magistrados e policiais e tribunais que levariam meses para decidir as respectivas competências sobre um caso de rixa com agravante de morte. Aqui são rápidos, se começar a

aparecer demais, levam-no até à fronteira. Se matar alguém, levam-no até o carrasco, um velho bebedor que vive na muralha setentrional e, enquanto trabalha, cantarola versos obscenos. Se dois têm contas a acertar, marcam encontro na viela dos duelos, uma rua estreita e fechada nos dois lados por dois portões pesados: dois entram, só um sai. Tudo sem muito barulho, sem perturbar a calma ativa desta cidade.

O meu anabatista sente-se como um peixe no charco.

Reuni uma meia dúzia de adeptos, não só ferrarenses, dispostos a visitar outras cidades para difundir a nova fé e batizar. Enquanto isso, administro a minha outra metade, encontrando Beatriz na casa dela, onde entro passando por uma abertura dos fundos.

Os Miquez me enviam mensagens através de Chiú, o taberneiro do Gorgadello, a melhor cantina da cidade, bem ao lado da Catedral. Dizem que o Ariosto ia encher a cara lá e alguém lembra tê-lo ouvido declamar mais de uma vez os versos do seu poema *Orlando Furioso*. O Chiucchiolino, chamado Chiú por aqueles que têm crédito com ele, é um ser impressionante: os olhos são posicionados nos lados da cabeça, como aqueles de um sapo e apontam para direções diferentes. Uma crista leonina de cachos morenos, grossos e embaraçados como as cerdas de um javali, lhe cobre a testa. É um homem importante, essencial para esta cidade. Se você tiver um problema, pode falar com o Chiú e ele indicará logo uma pessoa que quase com certeza resolverá os seus problemas. O Chiú é o banco dos segredos. Pode contar-lhe tudo e ter certeza que não abrirá a boca com ninguém, que acumulará as informações no cofre e as devolverá com juros em forma de conselhos, nomes e recados. Os meus segredos também estão naquele banco. A chave: poucos sinais convencionais. Vinho: nenhuma novidade. Aguardente: notícias importantes.

Hoje ele ofereceu aguardente. Na casa dos Miquez ao anoitecer.

Atravesso a cidade até chegar à minha casa. Um pequeno quarto para tirar a roupa de Tiziano e descansar algumas horas.

Acendo o fogo na pequena lareira e coloco água para esquentar: Veneza acostumou-me a banhos frequentes, tanto que já se tornaram um hábito. Hábito incômodo e caro este, para quem está sempre

viajando.

Fico nu, observando os cinquenta anos acumulados nos membros. Marcas antigas e algum pelo branco no peito. Por sorte não dei tempo aos músculos para relaxarem demais: a força ainda existe, mais estática, mais sólida e coriácea. Mas o reumatismo não me abandona mais. Só no verão ainda tenho um pouco de paz, esticando ao sol como uma lagartixa e deixando enxugar toda a umidade destas terras baixas. Descobri também que não consigo mais dobrar a espinha por completo, sem arriscar pontadas lancinantes, e sempre que posso, evito os cavalos.

Estranho como na velhice aprendemos a apreciar os gestos simples, estamos mais dispostos a perder tempo deixando que uma poltrona cômoda nos embale, na sombra de uma árvore, ou revirando na cama à procura de um motivo válido para levantar.

Enxugo cuidadosamente cada canto do corpo, estendo-me na cama e fecho os olhos. Basta um só arrepio para fazer-me tirar a roupa limpa do único baú que decora o quarto. A minha elegante roupa veneziana. Um chapéu largo, sob o qual escondo o rosto, o estilete fino para carregar no cinto. O repique dos sinos: está quase na hora.



Os cabelos morenos no ombro têm cheiro de essências. Percebo aquele corpo quente, ainda rente ao meu, que posso envolver em um abraço de mãos e pernas e pés.

Quase não acreditavam nas minhas palavras. O encontro com o futuro Papa, a intercessão para libertar Fontanini.

Não vejo o rosto, mas sei que está acordada e talvez sorria.

Um paradoxo. Ou o Concílio errou excomungando *O Benefício de Cristo...* ou o Papa é herege, disse João.

Gostaria de dizer-lhe alguma coisa, alguma coisa que descreve a emoção que trava o meu estômago e quase me faz chorar.

Nem Zelante, nem Espiritual. Júlio III é um equilibrista. No fim ficará com quem se sair melhor. Os jogos ainda estão sendo disputados.

Sou velho demais para falar em amor, uma coisa que deleguei aos cantos da vida e que sempre consegui sacrificar, negando-me a

intimidade de momentos como este, a possibilidade de estendê-los por anos, permitindo-lhes mudar o destino.

Com enfrentar esta situação, perguntou Duarte. O que fazer com o *Benefício*, agora que é o primeiro da lista dos livros proibidos recém promulgada pela Inquisição veneziana?

Para ela não deve ter sido diferente. No fundo, as nossas histórias se assemelham. Histórias que não contamos um ao outro. Perguntas não feitas.

Ir para frente, ela disse. Segura, surpreendendo-nos mais uma vez. A Inquisição não pode fazer nada sem o apoio da autoridade local. Veneza sabe como defender-se das ingerências de Roma. Ir para frente. Prosseguir fomentando o descontentamento em relação à Igreja.

Beatriz permanece imóvel e deixa que eu sinta a sua respiração, como se soubesse o que é importante, como se partilhasse dos mesmos pensamentos.

— Você o encontrou?

— Quem? — Minha voz parece sair de uma gruta.

— O seu inimigo.

— Ainda não. Mas sinto que está por perto.

— Como pode ter certeza?

Sorriso sarcástico:

— Só assim encontro a força de não ficar aqui com você até à morte.

## O diário de Q.

Roma, 17 de abril de 1550

O novo Papa reformou a Congregação do Santo Ofício: Carafa e De Cupis, *Zelantes*, Pole e Morone, *Espirituais*, Cervi e Sfondrato, *não alinhados*. Quer agradar todos e ninguém. Júlio III é um armistício temporário, um cobertor que Zelantes e Espirituais disputarão até à morte.

Carafa passa os dias em intensas negociações, como se o Conclave não tivesse acabado. Escreveu-me que pegou piolhos lá dentro “no meio daqueles velhotes mais mortos que vivos”. Setenta e quatro anos, mais velho que o Papa, e quase não dorme.

Gostaria de ter a energia dele. Mas estou aqui, aguardando as ordens, parado há semanas, dando inúteis passeios pelas colinas de Roma, apreciando o clima suave desta estação, como uma velha ferramenta no fim dos próprios dias.

Escrevi novamente aos inquisidores de meia Itália para obter informações sobre Tiziano. Ainda nada.

Roma, 30 de abril de 1550

Tiziano em Florença.

Pier Francesco Riccio, mordomo e secretário de Cósimo de' Médici.

Pietro Carnesecchi, velho conhecido de Viterbo, já processado em '47 e absolvido por intercessão papal.

Benedetto Varchi, leitor da Academia Florentina, proveniente do círculo dos Inflammados de Pádua.

Cosimo Bartoli, cônsul da Academia Florentina, e já leitor do *Benefício de Cristo*.

Anton Francesco Doni, literato, ligação entre Florença e Veneza.

Piero Vettori, amigo de Marc'Antonio Flaminio e

correspondente do cardeal Pole.

Jacopo da Pontormo, pintor excelente, e o seu discípulo Bronzino.

Anton Francesco Grazzini, chamado o Lasca, poeta instigador da Igreja.

Pietro Manelfi, clérigo da região Marche.

Lorenzo Torrentino, editor.

Filippo Del Migliore e Bartolomeo Panciatichi, nobres.

A alimentada roda de cripto luteranos florentinos. Passados distintos, ancorados no mesmo lugar, sob a asa protetora do duque Cósimo I de' Médici, mecenas e aguerrido adversário dos Farnese, sempre pronto para atizar a chama da polémica antipapal por interesse próprio.

Tiziano esteve nadando à vontade durante todo o inverno passado naquele brejo. Foi lá que ele transcorreu os dias do Conclave, entre os mais implacáveis partidários de Reginald Pole.

Os inquisidores informam que ele prefere, acima de tudo, a companhia do pintor Pontormo com o discípulo Bronzino.

Agora sexagenário, Jacopo da Pontormo transcorre noite e dia empenhado naquele que parece o seu maior esforço, o afresco da basílica de São Lourenço, encomendado por Pier Francesco Riccio por conta de Cosmo I. Os trabalhos são desenvolvidos em segredo, até os rascunhos dos desenhos são escondidos. Só o Bronzino e pouquíssimos outros podem observar o que o mestre está executando.

Vozes, cartas anônimas enviadas à Inquisição florentina, o olhar indiscreto de algum frade: Pontorno está representando em detalhe *O Benefício de Cristo* na abside da igreja que conterà o túmulo de Cosimo de' Médici.

Desde o fim do Conclave, não há mais notícias de Tiziano em Florença.

**Roma, 8 de maio de 1550**

Carafa contava com os franceses. Mas as notícias que chegam da França relatam que Henrique II não tem condições de retomar a guerra contra o Habsburgo do ponto em que o pai dele a deixou,

porque precisa dos financiamento que ninguém está disposto a conceder-lhes.

Carafa diz que o Imperador está empenhado em estabelecer um acordo com os teólogos luteranos e, se conseguir, os Espirituais ainda poderiam ser beneficiados.

Carafa quer afastar Pole de Roma. Quer que saia da Itália.

Carafa diz que na Inglaterra está por estourar uma guerra de sucessão. Henrique VIII morreu deixando atrás de si um bando de filhos que disputam a coroa.

Carafa diz que precisa preparar o terreno para a reconquista católica da Inglaterra, e que precisa dar um jeito a fim de que a tarefa seja confiada a Pole.

Carafa diz que eu preciso ir à Inglaterra para entrar em contato com os partidários de Maria Tudor, devota do Papa, que pretende contestar a coroa do meio-irmão.

Carafa fala de uma missão delicada e importantíssima, da qual só pode encarregar o seu servidor mais confiável. Carafa nunca falou assim.

Carafa serve cicuta em taça de prata.

Um dia ou outro teria que acontecer.

Carafa me afasta da minha melhor partida, aquela que joguei desde o início.

A estrela de Quèlet se pôs.

Na Inglaterra. Negociando com quatro nobres de linhagem duvidosa, ignorantes e mal vestidos.

Na Inglaterra. A operação *Benefício* já não é minha.

Acho que não volto. Acho que nem chego em Londres. Vou encontrar a lâmina de um sicário pelo caminho, longe dos olhos de todos. O meu tempo passou. Os segredos de trinta anos preocupam quem está prestes a abrir um novo capítulo na luta pelo poder absoluto em Roma. Há jovens fanáticos que nada sabem: há Ghislieri, o dominicano, os Jesuítas. O espaço também já está esgotado. Está na hora de passar o bastão.

Estou cansado. Assustado e cansado. A bagagem está pronta e a olho como se não fosse minha. Poucos trapos herdados de uma vida que termina silenciosa. É uma ideia que me acompanha há algum tempo, mas não pensei que aconteceria tão rapidamente, com este sentimento de banalidade no coração. Não é assim que nos preparamos.

Gostaria de deixar estas páginas a alguém, o testemunho do que foi cumprido. Mas por qual motivo? Para quem?

Nós sulcamos os meandros da história. Nós somos sombras que as crônicas não mencionarão. Nós não existimos.

Escrevi para mim. Só para mim. A mim dedico e deixo este diário.

## O diário de Q.

Londres, 23 de junho de 1550

Dias de chuva e de colóquios. Insensatos aristocratas ingleses que tramam à luz do dia, incapazes de qualquer diplomacia. Sabem usar a espada, que aqui todos carregam à vista. Nada mais. Tudo será resolvido no sangue e vencerá quem terá o maior exército.

Três pretendentes, três partidos. Equilíbrios improváveis.

Eduardo, um menino com a coroa na cabeça, que escolheu para preceptor nada menos que Martin Bucero, o maior teólogo luterano. Maria, filha do primeiro matrimônio de Henrique VIII com Catarina de Aragão, portanto meio espanhola, devotíssima do Papa. Depois a jovem Elisabeth, nascida do sangue da mãe Ana Bolena, que porém parece admirar as escolhas cismáticas do pai.

As famílias que apoiam Maria a católica veriam de bom grado o regresso à pátria de Reginald Pole como paladino do catolicismo, existe já alguém mantendo a cadeira em Canterbury aquecida. Mas não sabem falar de outra coisa a não ser de extermínio dos adversários. Há séculos o jogo destes nobres é eliminar-se, extinguir-se mutuamente em guerras familiares, que lembram mais os costumes bárbaros dos Celtas, que a arte da política.

Aqui é pior que no exílio. Não tenho notícias da Itália.

Aquela lâmina não apareceu. Carafa me concede mais tempo. Talvez esteja decidindo o que fazer comigo. Ou talvez tudo faça parte do plano.

A resolução dos Estoicos não me interessa. Nenhuma desilusão para expiar. Nada a deplorar.

Aqui chove. Chove sempre. Uma ilha que não conhece estações e que as reúne todas em um só dia.

Morrerei em outro lugar.

Londres, 18 de agosto de 1550

A meu dever já se esgotou. Não há estabilidade à vista: volto com muitas promessas e a certeza da total falta de confiabilidade dos nobres ingleses. Maria não bate só à nossa porta, vi também conselheiros espanhóis. Carlos V tem um filho para casar novamente, ainda que dez anos mais novo que Maria. Se Carafa deseja que Pole volte à pátria, deverá considerar que isso poderia significar a aproximação da Espanha à Inglaterra, vantajosa para o Imperador.

O desinteresse por estes assuntos tornou difícil a redação dos relatórios enviados a Roma e agora estou pronto para partir, sinto que não tenho nenhuma pressa de voltar. O que permanece é a curiosidade por um enigma e a sensação de uma última tarefa a cumprir.

Quero conseguir o tempo de percorrer novamente os rastros. Entender o que está querendo aflorar à superfície.

## Capítulo 33

Ferrara, 2 de setembro de 1550

— Literatos, pintores, poetas, editores. E também secretários de palácio, leitores das universidades, clérigos. Existe um mundo submerso do dissídio contra a Igreja. Um mundo transversal, que toca os pontos-chave, figuras importantes nas cortes, difusores de ideias e de conselhos aos príncipes. Todos descontentes com o aumento de poder da Inquisição e dos cardeais intransigentes. Não há cidade que não tenha as próprias rodas onde coagula um profundo descontentamento e a consciência que um laço sufocante está sendo fechado. Os valdesianos de Nápoles, os criptocalvinistas florentinos, os amigos de Pole em Pádua, os filo reformadores venezianos. E ainda em Milão, Ferrara... Príncipes como Cosmo de' Médici ou Hércules II d'Este, vendo estes fermentos e estas figuras como balizas para manter a Inquisição afastada das próprias fronteiras, inauguram um contexto de liberalidade e tolerância. O velho poder das nobres famílias pode tornar-se útil para impedir o avanço do novo poder inquisitivo. Essas gordas famílias sentem a ingerência de Roma como um olho voltado para os domínios deles, uma presença ameaçadora que lhes tolhe o espaço. Se vissem aumentar a dissensão das populações contra os privilégios e as hierarquias eclesiásticas, poderiam resolver contrastar os tribunais do Santo Ofício.

A tarefa que nós, batistas, precisamos empreender, será a de vencer a vacilação crônica daqueles círculos de literatos, instigá-los, empurrá-los para fora das sombras, antes que seja tarde demais.

Mas existe também um descontentamento popular, difundido

pelos campos e por todo lugar. Uma instintiva e quase congênita aversão ao ultrapoder do clero, ditada pelas condições miseráveis em que vive a população. A difícil tarefa que nos espera é conseguir ser a cesura entre o espírito evangélico plebeu e a dissensão culta.

Isto não deve necessariamente ocorrer à luz do dia, mas com a devida precaução da dissimulação das intenções e da fé. O nosso concílio deve servir para unificar as intenções no futuro imediato, de todos os coirmãos espalhados pela península. Será em Veneza, em outubro, e clandestino. Eu não estarei presente.

— Como!? Você é o único elo que pode ligar todas as comunidades! Para todos, você é o ponto de referência...

— Por mim falará o documento que lhe entregarei. Se é verdade que sou a única autoridade espiritual, é melhor que permaneça na sombra. Que de Tiziano não seja conhecido o rosto, mas o poder da palavra.

Manelfi baixa o olhar, deferente, e estende a folha sobre a escrivaninha. Uma letra miúda de anotações. Será o porta-voz de Tiziano no concílio dos batistas italianos.

## O diário de Q.

Antuérpia, 3 de setembro de 1550

Lodewijck de Schaliendecker, *alias* Eloisius Pruystinck, *alias* Elói.

Ofício: cobridor de telhados.

Acusado de difundir livros heréticos, de negar substância a Deus, de negar o pecado, de sustentar a perfeição do homem e da mulher, de praticar o incesto e o concubinato.

Morreu na fogueira como herege em 22 de outubro de 1544, com muitos membros de sua seita, chamada dos Loístas.

O nome dele aparece várias vezes nos anais das autoridades de Antuérpia, associado ao de Davi Joris, Johannes Denck, e alguns nobres e ricos mercadores locais.

Já nos anos trinta vários de seus seguidores e coadjuvantes foram detidos.

Apesar de suas origens humildes, Pruystinck foi um dos eixos da atividade antieclesiástica de Antuérpia, mas malquisto também pelos luteranos.

Foi processado e condenado a uma pena leve em fevereiro de 1526, por denúncia de Lutero, que depois de tê-lo encontrado em Wittenberg, escreveu às autoridades de Antuérpia para apontar sua periculosidade. Escapou da pena graças a uma retratação completa e às fracas sanções vigentes na época.

Em 1544 foi submetido à tortura para que confessasse suas práticas e suas ideias blasfemas.

Não indicou o nome de nenhum cúmplice ou seguidor, assinando de próprio punho a sentença de morte.

Sentença abonada por Nicolas Buysseger, dominicano, que colheu suas últimas declarações.

O alemão que procuro é um morto que ocupa uma pasta inteira no arquivo da Inquisição de Antuérpia.

O morto, hoje, é titular de um bordel de luxo em Veneza.

O alemão que estou procurando atravessou estas terras nos anos da revolução anabatista.

### Antuérpia, 4 de setembro de 1550

Nicolas Buysscher, hoje, é o braço direito do Padre Inquisidor de Antuérpia.

Uns quarenta anos, alto, magro, olhar de quem segurou nas mãos o destino dos homens.

Acolheu-me gentilmente. Lembrou de tudo sem falsas reticências, os detalhes de um acontecimento incrível.

O heresiarca de Antuérpia era uma pessoa astuta, culta, capaz de tecer uma ampla trama de relações tanto com o povo, quanto com os poderosos da cidade. Até hoje, muitos o consideram um mártir ou um herói. Se no porto você menciona Elói, as pessoas ainda sorriem.

Elói, o cobridor de telhados, era um herege muito especial. Negava o pecado com uma sutileza difícil de desmontar. Parecia querer construir o paraíso na terra. Conseguia fazer com que os ricos artesãos e mercadores deixassem os plebeus partilharem de bens e propriedade. Um mestre na arte de enganar e convencer. Seus seguidores em Antuérpia viviam juntos, nas propriedades cedidas pelos mais ricos. Durante os anos, dezenas e dezenas de homens e mulheres passaram pela comunidade loísta. Elói recolhia todos, não importava de qual desgraça provinham. Um herege muito especial, contrastando com as beiras mais extremas e sanguinárias do anabaptismo. Apesar disso, mais de um dos sobreviventes de Münster ou do bando de Batenburg encontrou refúgio em sua casa. Como bom dissimulador, ele poderia continuar por muito tempo, se não tivesse pisado nos calos de pessoas erradas.

Aquilo que as atas não deviam incluir. Uma complexa fraude contra os banqueiros Fugger, falsas cartas de crédito, centenas de milhares de florins. Uma coisa incrível: os próprios banqueiros não conseguiam explicar. E como aconteceu, ainda não está claro.

O prejuízo nunca foi recuperado.

Elói tinha sócios no negócio. Um era um mercador alemão chamado Hans Grüeb, desaparecido no nada.

Os Fugger não podiam deixar que o fato se tornasse público,

assim bateram na porta da Inquisição. A ordem de intervir contra os Loístas chegou diretamente de Roma.

Não foram presos todos. Supõe-se que muitos tenham fugido para a Inglaterra.

Dos supérstites de Münster é difícil dizer quanto havia nas fileiras dos Loístas. Um certamente morreu há algum tempo no cárcere. Era Balthasar Merck.

Não se sabe o nome dos outros. Não entre os detidos.

O desconhecido mercador alemão sócio de Elói.

Uma fraude complexa contra os banqueiros do Imperador.

Dinheiro nunca recuperado.

Um bordel de luxo em Veneza.

Estratégia da dissimulação.

Supérstites de Münster.

A criança e a estátua.

Tiziano o anabatista.

## O diário de Q.

Antuérpia, 7 de setembro de 1550

O enigma me reconduz ao passado. Fora da muralha de Münster.

Talvez seja uma alucinação, fatos que ligo arbitrariamente. Persigo um morto.

Quem? Poderia ser eu mesmo. A última caçada, para afastar o fim iminente. O que faz um homem quando sabe que está morto? Contas antigas devem ser saldadas. Partindo das lembranças que a mente tinha apagado. Fora daquela muralha.

Em um fosso barrento, a vida pendurada nas mãos imundas que plasmas a terra. Os bigodes arrogantes do mercenário que encosta a lâmina ao meu pescoço.

Cheiro de grama molhada, estendido como um inseto na terra de ninguém, entre a cidade e o resto do mundo. Não é possível voltar. Na frente, o ignorado: exército de mercenários prontos para atirar em quem passa por aquele muro.

Lama que escorrega entre os dedos: os torreões, os pontos mais fáceis de entrar.

A sua vida não vale um caralho, ele diz, finja que já está morto.

Descrevo para ele, excitado, toda fortificação, toda passagem, os turnos dos vigias, quantas sentinelas em cada portão.

Você pode esticar a vida até à barraca do capitão, diz e ri. Desfere-me um golpe e me arrasta embora.

O capitão von Dhaun salvou a minha vida e meu deu uma chance.

As palavras exatas: se esta noite conseguir subir novamente pela muralha e voltar até aqui sem que o matem, demonstrará que posso confiar em você.

Assim concluí a traição, projetada e mantida desde a chegada na cidade dos loucos, lado a lado com eles, por mais de um ano.

Os últimos meses de fome e delírio são uma mancha escura que a memória apagou. Nunca olhei para trás neste tempo todo, quinze anos, para procurar os rostos e as palavras daqueles homens. Talvez por querer esconder a mim mesmo que vacilei, por um instante, naquele fosso, como se a insanidade me tivesse contagiado também, afastando a mente da tarefa atribuída. Talvez porque naquele dia arrisquei falhar miseravelmente, traspassado pelos mercenários episcopais, que ao invés, por algum acaso do destino, escolheram arrastar-me até o capitão.

Nos dias seguintes, depois do massacre, o bispo von Waldeck, novamente senhor absoluto de Münster, no trono constituído de uma pilha de cadáveres, dizia que aqueles como eu, heróis guerreiros da Cristandade, seriam sempre lembrados, em obras e efígies.

Ele sabia que estava mentindo, o bastardo. É exatamente daqueles como eu, que deve ser apagado todo rastro. Os executores, prontos para serem jogados novamente no porão de onde os nobres senhores os tiraram para confiar-lhes suas imundas tarefas.

Então roguei ao meu senhor, ao alferes negro de Cristo, que me afastasse daquelas terras, daquele horror que tinha dilacerado as minhas carnes e abalado a minha fé.

Hoje é lá que preciso voltar, sem fé alguma, para repassar as cicatrizes.

## Capítulo 34

Ravenna, 10 de setembro de 1550

As cenas de miséria são todas iguais. Crianças magras, esfarrapadas. Barrigas cheias de nada, pés descalços. Mãos pequenas e sujas pedindo esmola. Os recém-nascidos amarrados com xales nas costas, para não interromper o trabalho, as mulheres enchem os sacos de trigo, imersas até os joelhos na grande cisterna que contém a colheita de uma estação.

Poucos idosos, ossudos, mutilados, cegos.

A estrada de barro seco fora da porta meridional. As choupanas encostadas à muralha, como uma excrescência disforme da cidade, e que aos poucos vão se distanciando na direção do campo.

Nenhum homem à vista. Provavelmente estão todos nas lavouras, juntando a palha para os leitos deste inverno e o feno para o gado do senhorio.

São só três os que carregam os sacos na carroça, costas dobradas e suor.

Burgo dos Capannetti. Madeira e canas malcheirosas montadas com barro e pernilongos.

Parto o pão e o queijo que tenho em minha sacola e os distribuo às crianças que se comprimem ao meu redor. Alguns são muito pequenos, que mal aprenderam a andar, os outros maiores estão ocupados enxotando com fundas as aves que assaltam a cisterna do trigo. Um dos mais espertos me dá a arma dele de presente.

Saúdo todos com um sorriso e uma bênção. Leves sinais da cabeça em resposta.

Os três homens me olham desconfiados. Fortes, cabeças

grandes.

A miséria é disforme.

Um assobio ressoa da muralha.

Olhos voltados ao portão. Os três cobrem rapidamente a carroça com um grande pano de saco.

A agitação se espalha, os homens xingam enfurecidos.

Vai acontecer alguma coisa.

Um pelotão de cavaleiros aparece na arcada. Conto uma dúzia. Couraças e lanças à mostra. Um estandarte com o emblema episcopal.

Abrem caminho entre as reclamações das mulheres, param, não conseguem prosseguir, gritos provocadores.

Uma das mulheres que estavam enchendo os sacos, a mais furiosa, enfrenta o chefe do pelotão.

Berram os dois em um latim todo errado, misturado com o grego desta região, quase incompreensível.

— Cobrar o dízimo do trigo.

— No meio do mês.

— Sempre mais cedo.

— Não aguentamos mais.

— Nada discussões.

— Sua Senhoria mandou.

Os três homens permaneceram ao lado da carroça. Olhares furtivos. Um sobe, os outros dois prendem o pano com correias bem apertadas.

O cobrador os vê.

Aponta para aquela direção, intimando alguma coisa.

A mulher agarra a rédea do cavalo e a puxa.

O porco lhe desfere uma chicotada no rosto.

Pulo em pé sobre um banco mal assentado:

— Filho de uma cadela pestilenta!

O porco vira, já está na mira.

A pedra o acerta em pleno rosto.

Prostra-se sobre o cavalo com as mãos no rosto, enquanto ao redor desencadeia uma confusão infernal. Os garotos arremessam em uníssono, como uma fileira de arqueiros. As mulheres se comprimem sob os cavalos, cortando-lhes os tendões com pequenas lâminas. A carroça parte em disparada. O cagão que está sangrando berra:

— Peguem-no! Peguem-no!

Os cavalos empinam, caem ao chão, uma chuva de pedras atinge os milicianos. Aparecem umas varas, ferramentas de trabalho. Das plantações chegam os homens chamados pelos gritos.

Os dois que carregavam a carroça acenam que os acompanhe. Enfiam-se em uma fresta no meio das choupanas. Atravessamos passagens cada vez mais estreitas, eu atrás, lançamo-nos em um barraco de tábuas carunchadas, saímos do outro lado, na beira de um córrego, um pouco maior que um fosso.

Uma barquinha chata e fina, dentro, empurram como doidos, entre imprecações que não compreendo.

À frente, um denso pinheiral.

## O diário de Q.

Münster, 15 de setembro de 1550

Judefeldertor é o portão pelo qual entram e saem as mercadorias. Os camponeses entram com a colheita, os mercadores saem com os manufaturados. Carroças carregadas de tecidos dizem que a atividade mais lucrativa de Münster voltou com nova disposição, esquecendo Knipperdolling, velho chefe da corporação dos tecelões.

Homens e mulheres povoam as ruas, revelando a vida cotidiana.

O convento de Überwasser, agora, é um hospital. Talvez alguma freira tenha permanecido lá. Certamente não Tilbeck e Judefeldt, os dois burgomestres luteranos que se trancaram lá dentro nos dias da revolução anabatista.

Na grande praça, no centro da cidade, a Catedral e o Paço municipal ainda estão lá, um diante do outro. A Catedral foi toda restaurada, enfeitado de estátuas e agulhas que elevam a Igreja romana. Diante do paço municipal, pelotões de guardas, cuja presença é notada em todo lugar.

Depois a praça do Mercado. As bancas são arrumadas enfileiradas nos lados, exibindo os produtos. Vozes anunciam preços, condições.

São Lamberto.

Três gaiolas pendem do campanário. Vazias.

Ninguém as olha.

Bockelson, Knipperdolling, Krechtling.

Só eu fiquei com o nariz levantado por não sei quanto tempo, enquanto as pessoas passavam ao meu lado: quem se aproximava das bancas, quem entrava na igreja.

Ninguém as olha.

O passado está sobre as cabeças delas. E se elas as levantarem, as gaiolas estão aí, para lembrá-las.

Münster é a advertência para a Cristandade: tudo volta a ser como antes, o único rastro do mal que permanece é o símbolo eterno da punição mais terrível.

Antes de expô-los nas gaiolas, os corpos de Bockelson, o Rei Davi, de Knipperdolling, Ministro da Justiça do Reino de Sião, e de Krechting, conselheiro do Rei, foram rasgados com tenazes candentes, e apunhalados pelo carrasco.

Dentro da igreja já não ressoam os sermões subversivos de Bernhard Rothmann, pregador da revolução. Aqueles sermões que começavam sempre com o episódio da estátua de Cristo e a criança.

Inútil perguntar por aí o que houve com ele, porque o corpo nunca foi encontrado nas pilhas de cadáveres.

Gostaria quase que fosse ele, agora velho, o Tiziano que percorre a Itália.

Mas precisaria estar curado daquela insanidade em que afundara, também com a minha contribuição. Longas discussões debaixo daquelas naves, sobre os costumes dos patriarcas da Bíblia, sobre a poligamia, sobre a inapelável lei mosaica, alimentando a chama do delírio.

Bernhard Rothmann, guia espiritual dos münsterenses, pastor dos insurretos, primeiro inimigo do bispo von Waldeck. Depois para o precipício, no abismo de desespero e apocalipse do qual não há retorno. Não. Rothmann não. Vivo ou morto que esteja, hoje nunca poderia recomeçar outra vez.

Se houvesse um só justo em toda a cidade, Sodoma teria sido salva.

Mas aquele único justo foi embora. Só assim pude fazer o que fiz, vivendo lado a lado com o teólogo da corte, dia após dia, no caminho que conduzia à ruína. E ainda hoje creio que só acelerei o tempo do inevitável.

O único justo havia partido.

Sobrevivente do pesadelo e da matança.

Da escadaria de São Lamberto olhei para a praça. As bancas amontoadas em barricadas, as tochas, as armas, as ordens de um lado ao outro do mercado.

As esperanças e as ilusões dos Anabatistas, que insurgiram nesta praça, fora traídas por Rothmann, Matthys e Bockelson.

Não por mim. Eu só traí o único justo.

É para esta praça que eu precisava voltar, para saldar as contas com

aquele que fui. Não nas aulas de Wittenberg e nem nos palácios de Viterbo. Thomas Müntzer, Reginald Pole: a ingenuidade, como a loucura dos profetas, trai-se por si mesma. Não o sentido de possibilidade daqueles dias e daqueles gestos, não a determinação de quem o infundiu em nós.

Ele deveria saldar a conta, não a lâmina de Carafa. Mas deveria estar vivo ainda, salvo de quinze anos de derrotas, sobrevivente das revoluções holandesas. Deveria ter sido acolhido na comunidade de Loístas de Antuérpia, deveria ter fugido da vingança dos Fugger levando consigo o fruto da trapaça, deveria ter chegado em Veneza, a pátria dos fugitivos, tornar-se administrador de um bordel de luxo e, ao mesmo tempo, sob o nome Tiziano, vagar pela Itália difundindo o anabaptismo.

É. E o Turco deveria converter-se.

Posso voltar para Roma agora, para o destino reservado aos servos já gastos e envelhecidos. O epílogo banal de uma vida encastrada de acontecimentos grandes demais para considerar as inquietas emoções de um espião no ocaso. Diante disto tudo, destas gaiolas, posso dizer que não vivi, usei, nunca, a não ser nos dias da traição infame e perfeita, da maior façanha que a coragem e a insanidade dos homens pode imaginar. A lúcida razão de um espião e a fidelidade apaixonada de um lugar-tenente pelo capitão admirado desde o primeiro dia: daqueles dias transbordam recordações, as únicas, repletas de sensações discordantes, aliás como a vida, que mantive afastadas, assombrado executor de tramas grandiosas. O tempo para resolver o enigma está esgotando, e é certo assim. Deveria tê-lo matado naquele momento. Só dessa forma teria expressado o sumo respeito pelos seus feitos. Só assim eu teria impedido a mim mesmo, depois de quinze anos, quase no fim, desejar encontrar novamente o fogo dos seus olhos e o frio de sua espada, Capitão Gert do Poço.

## Capítulo 35

Pinheiral de Classe, nos arredores de Ravenna, 9 de outubro de  
1550

Nada de lua. Vejo só as silhuetas mais escuras das árvores e o reflexo das ondas na praia.

Mas Malcantòn perlustra a escuridão, como se pudesse avaliar perfeitamente a entidade e a distância dos objetos. Idade indefinida, cara torva de marinheiro, velada por uma constante preocupação. Mãos como pás e uma cicatriz que vai da orelha ao ombro. Alguém deve ter tentado arrancar-lhe a cabeça, mas sem sucesso. Alguém que deve ter-se arrependido. Malcantòn, o mau Cantão, o Norte-Oeste, de onde chegam os temporais repentinos, o granizo que acaba com a colheita, as borrascas que viram as embarcações. Se alguém quer saber o verdadeiro nome dele, pode achá-lo na praça de Ravenna, onde está afixado bem à vista, com o prêmio que pesa sobre sua cabeça.

Os outros também devem ter alguma façanha para contar. Méлга e Guacín, ou seja os irmãos Rasi, são procurados há mais de um ano pelo assassinato de um guarda aduaneiro.

Tambòcc, não mais de vinte anos, rosto angelical, cachos morenos e uma força excepcional. Embusteiro inveterado, um ofício herdado do pai junto com o ódio pelos padres e as autoridades. Está aninhado perto de um tronco olhando a noite atrás de nós. Do pinheiral os ruídos da floresta, farfalhos e asas batendo, que ele reconhece um a um.

Esta borda de terra e mar unidos é fronteira. Contendida por Veneza, Ferrara e o Papa, e ao mesmo tempo terra de ninguém,

labirinto de tributos e alfândegas, que cada senhorio tenta impor sobre todo tipo de mercadoria em trânsito ou produto da terra. Com o resultado de gravar os pobres coitados mais que nos outros lugares e enfraquecer qualquer tipo de tráfego ou comércio.

É por isso que existem os contrabandistas.

Conhecem palmo a palmo a costa plana do delta do Po até além de Rimini. Atracadouros improvisados e de luxo, velhos canais romanos abandonados, que penetram na terra, amplo brejo que se estende por milhas e milhas sob o teto uniforme dos pinheiros marítimos. Dédalo de água e mosquitos onde estes fora-da-lei sabem orientar-se, disseminado de improváveis pontos de referência, ciladas, depósitos bem disfarçados.

Os mercadores dálmatas, mas também venezianos, têm todo interesse em negociar com os contrabandistas da Romanha: nada de extenuantes esperas nos portos, nada de taxas ou sobretaxas, nada de extorsões de parte dos larápios locais.

Uma boa parte do tráfego ocorre ao largo destas costas, em uma linha de pontos invisíveis no meio do mar, onde os navios mercantes cruzam com os barcos dos contrabandistas bem camuflados em pesqueiros. Não é um trabalho fácil, no mar nada é certo: esperas que podem durar horas, dias, sob as mais variadas condições do tempo. Quando finalmente ocorre o encontro, transborda-se a mercadoria, acertam-se as contas. Em alternativa, os mercantes são levados por embarcações ágeis até pontos secretos, descarregam na praia, contratam o preço e fecham o negócio.

As emboscadas são frequentes. Arrisca-se a vida e penas muito severas.

Mas é só por esta invisível rede comercial que a gente daqui não morre de inanição. Quem escolhe a vida de contrabandista vem da pior miséria, do ódio instintivo, e bem motivado, que cada um nestas terras alimenta por toda autoridade; quase sempre são homens sobre os quais já pesa todo tipo de acusação, forçados a esconder-se no pinheiral fechado para fugir dos milicianos.

Não há mulher, idoso ou camponês deste burgo que não os proteja, mesmo se através de um obstinado silêncio. Porque uma parte de tudo que circula é regularmente distribuído entre o povo. Esta é a única aduana.

Antes que o bispo solte os cobradores do dízimo sobre as colheitas, uma parte é escondida pelos contrabandistas nos muitos

depósitos da floresta, para diminuir o imposto calculado sobre toda a colheita e para garantir a sobrevivência das comunidades durante o inverno.

Era o que estava acontecendo um mês atrás, quando chegou o pelotão de cobradores, cada ano sempre mais cedo.

Eram Malcantòn, Guacín e Mélga, os homens que estavam cuidando do transporte do trigo para os depósitos escondidos no brejo.

Basta uma funda e uma pontaria discreta para conquistar a estima duradoura desta gente. Basta ter um pouco de fogo nas veias.

Noite sem lua. Esperamos para ver o sinal das tochas. Fecho-me na capa, água nos ossos, enquanto Malcantòn mantém o olhar firme para o mar.

Mélga, o Embrulhão, já está pronto com o barco, remos no espigão.

O irmão segura a lanterna, preparado para acendê-la em resposta.

Tambòcc sempre com os ouvidos voltados para o pinheiral.

Para eles, esta noite marca o início de um novo comércio, que os surpreende e os deixa curiosos.

Nem pensavam nisso. Riram. Fizeram muitas perguntas. Proibidos? E porque? Ninguém entende nada mesmo.

Não. Não pensavam em ganhar dinheiro contrabandeando livros.

## O diário de Q.

Roma, 1º de novembro de 1550

Há um último trabalho a fazer. Carafa reservou-o para mim. Delicado e importante como os outros. Talvez mais. Tão importante que não pode ser feito por alguém que não seja o mais confiável, o mais merecedor dentre os soldados dele. Ele sabe que me submeteu muitas vezes à prova, que pediu sempre o máximo esforço. Depois desta última missão, poderei gozar um merecido descanso, claro, desde que eu tenha vontade.

Aceitei com entusiasmo. O velho desta vez não soube ler-me por dentro.

Acabar com os Judeus, esses odiosos parasitas, impenitentes assassinos de Cristo, frequentemente convertidos à verdadeira fé por conveniência, só para continuar lucrando com negócios sujos, ele disse. Um morbo que contamina todo o corpo da Cristandade. Um morbo que está na hora de extirpar. É necessário começar do ponto onde está mais enraizado.

Veneza.

Disse que entendeu mais uma vez, pelos meus relatórios, que eu era o homem certo para a tarefa. Na verdade, a própria importância da questão ficou clara quando leu sobre o poder que essas imundas famílias de agiotas conseguem alcançar. Há algum tempo ele vinha pensando na solução mais adequada e agora a época chegou, está tudo pronto, os acordos estabelecidos.

A entrada em vigor do Índice dos livros proibidos nos territórios da Sereníssima é um sinal evidente que as autoridades venezianas entenderam finalmente a necessidade de assumir um compromisso, superando a vaidade e a arrogância que sempre as distinguiram. E o motivo é claro: as nobres famílias da Sereníssima estão endividadas até o pescoço, suas fortunas dependem totalmente das bolsas dos banqueiros marranos. Um débito tão grande só pode ser extinto através da extinção dos credores. O negócio satisfaz ambas as partes: para Carafa, uma demonstração de força do Santo Ofício na cidade

mas hostil às ingerências de Roma, prelúdio do braço de ferro que o poder da Inquisição adotará em qualquer território católico; para os venezianos, o saneamento das finanças através do confisco dos bens dos ricos Judeus.

O mecanismo já entrou em funcionamento. A Inquisição e as magistraturas venezianas começaram a instruir os processos contra personagens marginais da comunidade Sefardita, com a acusação de criptojudaísmo. Para depois chegar às peças grandes.

Esta tarefa requer alguém como eu. Alguém com trinta anos de guerra espiritual nas costas, em condições de criar e difundir na cidade uma hostilidade contra os Judeus, de apontá-los como a causa de todos os males, preparando o terreno para uma ofensiva contra a inteira comunidade.

Aceitei com entusiasmo.

Escondi a surpresa de ver o meu tempo prorrogado.

Mostrei a máscara do zelo, que hoje já não me pertence.

Último serviço antes do merecido descanso.

Última infâmia.

Conservada em segredo por quem sempre partilhou dos segredos de Carafa.

Pensei ter chegado ao fim. Concederam-me mais tempo. Quanto? E porque?

Não são aqueles galhardos e famélicos dominicanos que lotam estes corredores, que podem tecer tramas assim. Fanáticos demais. Orgulhosos do papel que lhes foi confiado, são incapazes de estratégias sutis, mas eficazes, para perseguir cegamente a presa que lhes foi apontada. Tudo à luz do dia. Carafa os prepara para a ofensiva mais importante da guerra espiritual. O acerto das contas, depois de dez anos de cuidadoso planejamento. A construção que ajudei a edificar, tijolo por tijolo, será concluída por outros, e logo. A retomada do Concílio, fortemente desejada pelo Imperador, parece ser a hora em que Carafa mostrará as cartas, desferindo o ataque frontal contra os Espirituais. A tensão nos rostos e nas vozes dos jovens sabujos guiados por Antônio Ghislieri, ave de rapina que voa alta na consideração do velho, diz que a delonga já está no fim.

Não participarei desta partida, porque conheço todos os lances

anteriores: Carafa sabe que dois podem manter um segredo só quando um está morto.

Enquanto isso, ele me confia a última suja cruzada, para a qual não tenho mais estômago: inventar um novo inimigo e mover contra ele o exército cristão. A quem aceitar entrar na batalha, será assegurada uma ótima recompensa: as riquezas das vítimas e um lugar no paraíso. Os venezianos são os primeiros, os outros virão depois.

Para mim, como sempre, a tarefa de preparar o terreno para a primeira matança. Depois será só manter o segredo. Debaixo de sete palmos de terra.

Aceitei com entusiasmo. Veneza. Ainda há tempo para resolver o enigma. Desta vez não serei o incansável e eficiente servidor que Carafa conheceu. Será o enigma, a iminência de sua solução, que ocupará o tempo que resta.

## Capítulo 36

Costa da Romanha, 5 de fevereiro de 1551

— Na Dalmácia foi um sucesso, compadres! — Perna faz a pedra pular sobre o espelho d'água. — Gente que come muito mal, entendeu?, mas sabe escolher com cuidado as leituras. Se continuarmos nesta batida, corremos o risco de tornar-nos famosos como os distribuidores do livro mais difundido depois da Bíblia.

Vento gelado com sabor de noite, de mar e de resina. Na praia, com Pietro Perna e João Miquez, um encontro para trocar notícias e programar o futuro imediato. Encontro de corsários, como nas muitas épocas passadas, nas margens holandesas. A mão afunda levemente na areia fria, o sol faz a mesma coisa atrás do pinheiral.

Entramos na choupana de pescadores. Dentro, a fogueira já foi preparada. As redes pendem do forro para secar.

Procuro o olhar de João:

— Você sabe alguma coisa de Demetra?

Vira afirmando:

— Aquela senhora está fazendo você ficar rico. A última vez que passei no Caratello, não havia uma mesa livre. Parece que está bem, não sei de ninguém que a tenha incomodado.

— E aqui na Romanha? — Perna sacode o meu braço. — Espero que não tenha perdido o extraordinário Sangiovese Sangue de Boi. Dizem que faz sonhar, entendeu?

Pego uma garrafa da bolsa e tiro a rolha debaixo do nariz dele:

— Aqui está.

Perna bebe com sofreguidão alguns goles:

— Precisei vir aqui tirar você da toca, para que me oferecesse um

bom vinho. O que mais têm de bom, estes brejos?

— O povo destas terras odeia o clero do fundo das vísceras. Conheci pessoas bem diferentes, batizei camponeses e pescadores, mercadores e beberrões: todos igualmente cabeçudos, todos com o fogo no lugar do sangue. Agitar os ânimos, por estes lados, não parece ser difícil.

João:

— *O Benefício?*

— Os carregamentos chegaram regularmente. Vendi bem. Trafico com os contrabandistas daqui. Gente rude, de aspecto truculento e um palavreado que ainda custo a entender, mas esperta e perto do povo. Ninguém que saiba ler ou escrever, mas que entendeu logo a conveniência do negócio.

João assobia dentro de uma concha e abana a cabeça:

— Melhor assim. Penso que seja necessário você ficar fora por mais um pouco de tempo.

O meu olhar pede explicações.

— As autoridades ficaram sabendo alguma coisa sobre o concílio dos Anabatistas. Ninguém foi detido, mas todos estão cuidadosos. Veneza está cheia de milicianos, espiões, delatores, melhor não confiar... Desde que o Índice foi promulgado, os editores especialmente estão sob a mira, os livros não circulam mais com a mesma facilidade. E tem uma novidade: alguns Judeus convertidos, amigos nossos, pessoas que conhecemos bem, foram detidos sob a acusação de criptojudáismo. Estão anunciando os primeiros processos, por enquanto marginais, sem barulho, mas são coisas que eu já vi. A primeira nuvem negra que anuncia o temporal, a marca indelével da Inquisição, como na Espanha, como em Portugal.

Perna:

— O seu grande amigo, o Papa das leituras impróprias, não me parece muito intencionado em segurar os cães do Santo Ofício. Vai estourar uma grande putaria, entendeu? Precisa tomar cuidado para não acabar levando no traseiro.

Miquez:

— Estou usando toda a diplomacia de que sou capaz para sentir os humores dos mercadores que mantêm negócios conosco. Tento insinuar uma concreta preocupação pelas nefastas consequências de nossa eventual incriminação. Não creio que baste. A diplomacia e a corrupção são elementos indispensáveis neste momento, mas nem

sempre são suficientes. Melhor estarmos preparados para as eventualidades. De qualquer forma, como as coisas estão, é melhor você permanecer fora de Veneza.

— Está certo, mas não por muito tempo. Já estou começando a ficar de saco cheio de ser profeta nesta idade. A sementeira de Tiziano já acabou. O concílio anabatista sancionou a união das comunidades que divergem da Igreja. Rodas frequentadas por figuras expoentes de todos os estados da península pressionam os governantes. Um grande pintor, com o qual tive a sorte de familiarizar-me, Jacopo da Pontormo, está pintando *O Benefício de Cristo* na capela onde será sepultado Cósimo de' Médici. Uma obra maravilhosa, vi o projeto e uma parte da pintura já realizada, que ele mantém no maior segredo. Todas as comunidades estão ativas: a pedra foi lançada, veremos as consequências. Enquanto isso, é necessário que vocês me mantenham informado sobre o que acontece em Veneza. Os detalhes também são importantes.

Ficamos em silêncio. A ressaca embala os pensamentos sonolentos, a cabeça está pesada. As nossas sombras escorregam, longas, pelas paredes até o forro.

Perna endireita a cabeça, como acordando por um ruído súbito, os olhos pequenos e vermelhos de cansaço:

— Poderia ter mais um pouco daquele néctar?

## O diário de Q.

Veneza, 24 de fevereiro de 1551

Em Veneza, sou um entre muitos. Um espião no país dos espiões. São muitos os que observam, anotam, e depois relatam ao patrão de turno, e com frequência a serviço de vários patrões, simultaneamente. Turcos, austríacos, ingleses: não há poder, partido ou empresa comercial que não tenha interesse em manter olhos e ouvidos por todo canto desta cidade. Todos espionam todos, em um emaranhado de jogos duplos, triplos, quádruplos. Neste labirinto de estratégias e conspirações, eu precisaria ressaltar um interesse comum para envolver os Judeus.

Como?

Por enquanto mantenho a mente treinada com as intrigas que lubrificam o pacto entre Carafa e os venezianos.

No dia 21 deste mês, o Conselho dos Dez banuiu os padres Barnabitas e as freiras Angélicas de Veneza, sob a acusação de passar notícias confidenciais, colhidas em confissão, ao governador de Milão Ferrante Gonzaga, vassalo do Imperador. Assim, Carafa libertou-se de um concorrente, fechou os olhos e ouvidos de Carlos V em Veneza. A astúcia do velho teatino é espantosa. Não só tira do campo os adversários antes das grandes manobras, mas permite que os venezianos possam confirmar a célebre fama de integérrimos guardiões dos próprios negócios, únicos a não tolerar nenhuma ingerência, nem de Roma. O velho finge lamentar, enquanto puxa as rédeas.

Estou em Veneza há uns dois meses. Não frequento muitos lugares, mas pago vários olhos que observam o que me interessa. O bordel do defunto heresiarca de Antuérpia em primeiro lugar. Dele, nem sombra: mais fantasma que nunca. Preciso ter paciência. Colher

outras informações sobre Tiziano. E ao mesmo tempo desenvolver a tarefa que me foi designada.

## O diário de Q.

Veneza, 9 de março de 1551

Os olhos que pago nas salas da Magistratura dos Estrangeiros, relatam uma estranha afluência na cidade em outubro do ano passado. Pessoas ambíguas, pequenos artesãos, comerciantes, clérigos, literatos, alguns vindos de longe. Uma centena de presenças de difícil ligação com os negócios de Veneza. Nenhum deles permaneceu mais de uma semana. Uma mancha escura nos arquivos das autoridades locais.

Os nomes não significam nada. Exceto um. Pietro Manelfi, filho de Ippolito Manelfi, clérigo de Ancona.

O mesmo nome que aparecia entre os acólitos do círculo cripto protestante de Florença.

O mesmo círculo frequentado por Tiziano entre o '49 e o '50.  
Uma pista.

Apontar este nome aos Inquisidores dos territórios limítrofes: Milão, Ferrara, Bolonha.

Veneza, 16 de março de 1551

Chegou uma carta do Padre Inquisidor da Romanha.

Interrogados alguns artesãos de Ravenna sobre a prática do batismo dos adultos. Declaram ter ouvido falar de um tal Tiziano que se dedicava àquela prática não mais de um mês atrás, nas terras baixas ao redor da cidade. Dizem também que o tal Tiziano falava contra a autoridade do clero e a propriedade eclesiástica. Dizem que conquistava a simpatia da plebe, que por aqueles lados está sempre pronta para acolher qualquer pretexto para praticar embustes e tumultos.

**Veneza, 18 de março de 1551**

Notícia do Inquisidor de Ferrara.

Declara que o nome de Tiziano, o batista, é conhecido em certos ambientes daquela cidade.

**Veneza, 21 de março de 1551**

Noite passada refletindo sobre a estratégia a ser adotada em relação aos Judeus. Talvez haja uma maneira.

Escrever a Carafa.

*Carta enviada a Roma de Veneza, endereçada a Gianpietro Carafa, datada de 22 de março de 1551.*

Ao ilustríssimo e honradíssimo senhor Giovanni Pietro Carafa.

Senhor meu respeitabilíssimo, os três meses de permanência nesta enorme e bizarra cidade foram suficientes para sugerir-me aquela que reputo ser a única estratégia praticável contra os Judeus. Apresso-me portanto a comunicá-la a Vossa Senhoria, para que possa expressar o mais sábio parecer a respeito e me conceda o privilégio de continuar servindo aos objetivos comuns.

Os equilíbrios de Veneza são tão intrincados e complexos quanto as calles e os cursos d'água. Não há informação ou acontecimento mais ou menos secreto que não encontre pelo caminho os olhos e os ouvidos de um espião, de um observador estrangeiro, de um mercenário pago por algum poderoso. Eu mesmo, para ter acesso às notícias subterrâneas, precisei adotar o mesmo método. Aos negócios que ininterruptamente ocorrem à luz do sol, corresponde um volume igual ou maior de subterfúgios, tráfico e acordos ocultos ligados a todos os âmbitos da vida da Sereníssima. O Sultão tem seus espiões em Rialto, assim como o rei inglês e o Imperador Carlos. O Gonzaga tinha os próprios informantes entre as fileiras do clero veneziano, como Vossa Senhoria bem sabe. Os grandes mercadores manobram na sombra para não deixar transparecer os acordos comerciais e não perder as melhores oportunidades de lucro. Ninguém, seja príncipe ou mercador, poderia sobreviver em Veneza sem o apoio de uma rede de habilidosos espiões, em condições de informar rapidamente os jogos de poder internos e externos à República de São Marcos.

Os Judeus não têm papel secundário neste gênero de relações, aliás, por pertencerem somente por metade a Veneza, pela posição de banqueiros e financistas, pela dupla religião, representam um dos sustentáculos da vida comercial e política da cidade. Essa posição, se de um lado os faz parecer

inatacáveis, do outro nos indica o ponto fraco.

Muitas famílias judias converteram-se à fé cristã para evitar eventuais entraves nos negócios e defender-se de qualquer ataque. Essa dissimulação pode ser levantada e tornar-se o centro de uma difundida aversão contra elas. A isto deve-se acrescentar que, frequentemente, o Turco desfruta exatamente da consultoria e da habilidade dos financistas judeus, para defender os próprios interesses em Veneza. Ótimo exemplo disso são os Mendes, já responsáveis pela difusão do *Benefício de Cristo*, que mantêm relações comerciais e diplomáticas com o Sultão. Se fosse possível ligar às grandes famílias judias a rede de espionagem turca ativa nos territórios da Sereníssima, não seria difícil apontá-las às autoridades como responsáveis de uma conspiração que ameaça os interesses de Veneza.

Visto que os Judeus são especialmente expertos em passar a ideia que a ruína deles seria a ruína de todos, é necessário que todos compreendam qual vantagem tirariam de uma ampla operação contra eles. Atribuindo aos Judeus todas as intrigas, cada um poderia conduzir as próprias com maior tranquilidade. Não escaparia de ninguém a utilidade dessa estratégia.

A acusação de falsa conversão permitiria aos venezianos sequestrar as riquezas dos Judeus, enchendo os cofres do estado; aquela de conjurar com o Sultão, excluiria a eventual intervenção a favor deles, de parte das forças cristãs.

Aguardo com confiança o parecer de V.S., recomendando-me à sua benevolência.

De Veneza, no dia 22 de março de 1551

O fiel observador de V.S.

Q.

## O diário de Q.

Veneza, 2 de abril de 1551

Começou a oposição.

Antônio Ghislieri está em Bérgamo. O bispo local Soranzo é acusado de ter permitido a difusão do *Benefício de Cristo* na própria diocese. Foi encontrado um exemplar em sua biblioteca particular.

Ghislieri o apertará até cair.

Veneza, 21 de abril de 1551

O bispo de Como também foi pego pela Inquisição. Nem naquela diocese *O Benefício* enfrentou obstáculos.

Os Espirituais estão angustiados. Não esperavam um ataque direto.

O dominicano Ghislieri está desencadeado.

Como era esperado, Carafa esperou a reabertura do Concílio em Trento para lançar a ofensiva final.

Veneza, 16 de maio de 1551

Caem também os bispos de Aquileia e de Otranto.

A acusação é a mesma.

Cabeça após cabeça, a estratégia de Carafa não enfrenta obstáculos. A vantagem é dupla: limpeza dos adversários internos e desmanche dos projetos do Imperador, que apostava tudo na retomada do Concílio.

Veneza, 25 de junho de 1551

Sob os golpes do dominicano, nova demolição na Cristandade, cai o rochedo maior: Morone, bispo de Módena, membro da Congregação do Santo Ofício, fiel conselheiro de Reginald Pole, uma figura inatacável até há poucos meses.

Todos os inquiridos deverão defender-se, de agora em diante. E todos os outros temer. A caída de cabeças desse naipe avisa que ninguém mais está seguro. Quem foi resvalado pelo veneno do *Benefício de Cristo* não sairá ileso.

Os frutos maduros do meu trabalho estão caindo um após o outro. Eu já deveria estar morto, levando para debaixo da terra os segredos de uma operação concebida há dez anos.

Uma imprudência, ou talvez um excesso de segurança, ou ainda o ímpeto de aniquilar o adversário. Ainda tenho algum tempo, aquele necessário para plantar o crucifixo no coração dos Judeus.

**Veneza, 10 de julho de 1551**

Outra carta do Inquisidor da Romanha. A presença de um alemão chamado Tiziano foi notada no burgo de Bagnacavallo, entre Ímola e Ravenna.

**Veneza, 29 de julho de 1551**

Na cidade, na boca de todos está a Inquisição dos cardeais Espirituais. O sinal é bem claro: com a acusação do bispo de Bérgamo, Soranzo, Roma fincou a bandeira dentro das fronteiras da Sereníssima, e fez isso através de Ghislieri, homem de Carafa, passando por cima do Inquisidor veneziano.

Enquanto isso, minhas cartas anônimas à Inquisição local renderam os primeiros frutos: começa a pairar uma certa desconfiança em relação aos Judeus; vozes sobre a manutenção das velhas práticas religiosas de parte dos marranos e sobre os ambíguos interesses das maiores famílias judias. A comunidade mercantil de Veneza não endossa essas vozes: os negócios dela estão amarrados com fio duplo aos banqueiros judeus. Os processos em curso

alimentam uma hostilidade que parece em condições de alastrar-se. Precisaria de uma faísca para estourar o incêndio.

Pus os olhos em alguns miseráveis sujeitos dos países de levante que poderiam tornar-se úteis. Devidamente instruído, um turco que confessasse diante das autoridades venezianas ser espião do Sultão, pago por uma poderosa família judia, provocaria a reação desejada.

**Veneza, 8 de agosto de 1551**

O Inquisidor de Ferrara escreve para assinalar a presença de Pietro Manelfi na cidade da casa d'Este.

**Veneza, 21 de agosto de 1551**

Carafa expõe-se em primeira pessoa. Diante do Concílio acusou os Espirituais de incompetência, de nunca ter feito nada para impedir a difusão do *Benefício de Cristo*. Afirma que Pole e amigos nunca quiseram considerar a carga herética do livro de Fontanini, por causa de uma ambígua intenção de reconciliação com os luteranos. Acusa-os de terem deixado que as ideias protestantes os envolvessem. A acusação é gravíssima.

O velho teatino nunca tinha descido ao campo pessoalmente. Se os Espirituais não souberem reagir em tempo, estão destinados a sucumbir.

## Capítulo 37

Ferrara, 11 de setembro de 1551

Rua da Gattamarca. Os nomes dos homens não significam nada, os dos lugares nunca são por acaso.

Fedor de esterco e carniça. Carcaças ressecadas de gatos, tufo de penas esborrachados que devem ter sido frangos, antes que os ratos roessem os ossos. Merda por todo lugar, quase impossível não pisar nela. Ninguém passa por aqui, a não ser para encontros fortuitos ou escusos, as verdadeiras vias de trânsito são dentro das construções, inteiros quarteirões cobertos, corredores, passagens, em um complicado encaixe de habitações, oficinas, lojas. Esta rua estreita é uma descarga de excrementos e lixo a céu aberto.

Pedro Manelfi está agitado, pedante, assustado.

— ... e muitas vezes tive a sensação que me seguiam, espionavam. Mas acima de tudo, como dizia, são todas aquelas perguntas por aí, o meu nome mencionado nas tabernas, pessoas nunca vistas que fazem perguntas. E depois tudo que se ouve, que fora também começam a soprar no pescoço dos coirmãos, na Romanha, Marche. Tem tanta coisa, o Índice dos livros, e toda aquela zona por causa do *Benefício de Cristo*. Não tinha que ser assim, você disse que este Papa seria mais comedido, mas parece que ninguém mais tem segurança, nem os cardeais, imagine nós. Tem gente demais por aí fazendo perguntas, estão em cima de nós, estão aprontando alguma coisa. Aqui também. Viu o que aconteceu com Giorgio Siculo? O duque não pensou duas vezes antes de queimá-lo. Em Veneza, no concílio, falaram de nicodemismo, dissimular a nossa fé, mas quando eles o pegam, espremem, usam tenazes candentes, e

na melhor das hipóteses o jogam na cadeia pelo resto da vida.

— Chega, Pietro! Entendo a ansiedade de sentir-se descoberto, mas o fedor terrível deste esgoto onde você marcou encontro, está empanando a sua mente. Pensava que o clero de Roma ia ser nosso aliado? Ou que os príncipes iam se comprometer com uma palavra a nosso favor? Então porque teríamos que dissimular? Não entende que estão querendo apavorar-nos? Esta é a estratégia deles: suspeitar de todos à espera que os que têm razões para temer deem um passo em falso e apareçam.

Ele também fede, de suor e medo:

— E se me pegarem? Não quero acabar como o Siculo!

— Você fala de mim, só de mim e desmente tudo. Diz que eu enchi você de falsos credos, que você era fraco e eu fui bom em apresentar a falsidade como sendo a justa doutrina.

Ele tortura as próprias mãos:

— E se pegarem você?

Prego-o à parede, o meu rosto contra o dele:

— Ouça bem, Pedro, vá embora de Ferrara. Volte para Marche, feche-se em um convento, fuja para o alto de uma montanha, vá para onde possa sentir-se seguro e deixe o medo passar. Não gosto dos medrosos que ficam paralisados por causa de perguntas feitas por aí.

— Deixo que escorregue para baixo contraído. — O medo pode ser uma aliada deles, quando você precisaria ser mais cauteloso e mais astuto. Se cagar na roupa, o inimigo o encontrará seguindo o rastro de merda.

Afasto-me daquele cheiro terrível.

## Capítulo 38

Ferrara, 2 de outubro de 1551

O Chiú serviu aguardente. Uma brincadeira e uma rápida despedida, encaminho-me para a residência dos Miquez.

Beatriz está em pé, perto de um grande viveiro. Um melro das Índias bica uma maçã em sua mão.

Cada vez que a vejo entendo porque não tenho mais tanta vontade de sair por aí recolhendo tipos como Manelfi. Fico a olhá-la, esperando que perceba a minha presença.

- Ludovico! Quer assustar-me, aparecendo nesse estado?
- Perdoe, não tive tempo para tornar-me mais apresentável.
- Tenho uma mensagem de João para você.
- João-João.

Viro de repente para a gaiola e Beatriz desata a rir:

- É surpreendente como conseguem imitar a voz dos homens.
- Entrega-me um papel lacrado.

À primeira vista, fico perplexo: uma sequência de frases enaltecendo a vida no campo.

— Tente com isto. — Beatriz me entrega uma fina lâmina de metal furada, do tamanho da folha. — É o nosso código de família. Usamos há muitos anos para proteger-nos de olhares indiscretos. Coloque a grade sobre a folha.

Os espaços recortados da lâmina isolam palavras, pedaços de frase, sílabas, que repentinamente adquirem sentido.

*Um novo. cão. do campo romano. alemão. caçador. erva  
maligna. Observa. lê. aconselha. Sempre dentro. o serralho.  
não mostra. o rosto. ajuda os pastores a contar o rebanho. a.  
separar o trigo do joio. Serve o patrão. sem. vestir o hábito.  
Não tente. voltar. para a. laguna. Procuram. o pintor.  
Novidades. chegarão.*

Um homem de Carafa ao lado do Inquisidor veneziano. Alemão.  
Leigo.

Procura Tiziano.

Quèlet.

Chegou a hora.

O que preciso fazer.

**Qoèlet**

## Capítulo 39

Veneza, 6 de outubro de 1551

Noite alta. A Giudecca é uma longa língua de casas e árvores recortadas contra o céu. O barco encosta devagar no embarcadouro, atrás de Ca' Barbaro, faço o sinal de parar ao barqueiro e amarro o cabo ao poste.

Pago rapidamente, o tempo de contar, e empurro a embarcação ao largo, arriscando perder o equilíbrio.

Os meus passos ressoam sobre as tábuas como um tambor. A porta.

Bato.

Nada.

Mais forte.

O ruído de uma janela abrindo acima de minha cabeça.

— Identifique-se!

— Sou Ludovico. Voltei.

A porta escancara de repente, uma luz ilumina o cano de uma pistola.

— Duarte, sou eu!

Arregala os olhos sonolentos:

— Diabo! Enlouqueceu!? O que faz aqui?

— Preciso falar com João.

Entro no jardim da casa. Alvorço na escada:

— Quem é?

— É Ludovico!

Uma imprecisão em português.

Veste uma camisa com barra de renda, os cabelos soltos nos

ombros:

— Porque voltou? Eu escrevi...

— Sei o que escreveu. Mas não há tempo. Precisamos conversar.

João aperta um olho com o indicador e o médio.

— Vá para o inferno, você é louco. Entre.

Abre caminho até o escritório:

— A Inquisição indaga sobre o concílio dos seus amigos anabatistas. O nome de Tiziano já apareceu em várias oportunidades. Vir até aqui é um movimento estúpido de sua parte.

Reanima a brasa da lareira. Depois senta, continuando a esfregar os olhos para afastar o sono.

Olha para mim, como quem está esperando uma explicação.

— Há quanto tempo você está sabendo do alemão?

Segura um bocejo:

— Algumas semanas. Não aparece, não deixa que se aproximem dele.

— Quando chegou em Veneza?

— Não sei. Seis meses, talvez mais.

Solto uma blasfêmia entre os dentes:

— Eu diria desde que iniciaram as detenções dos Judeus.

João, expressão séria:

— Dizem que é o consultor particular do Inquisidor, que passa o tempo todo lendo os livros que são editados em Veneza para descobrir o menor indício de heresia.

— Deixe os falatórios para lá. Aí tem muito mais coisas.

— O que está querendo dizer?

— Você não acha estranho que Roma envie um deles para Veneza e aqui, de repente, começam a deter Judeus?

Pula em pé, subitamente desperto, alguns passos nervoso, olhos para o chão.

— Você acha que eles fizeram algum acordo para envolver-nos?

— Claro. E se for o alemão que estou pensando, é um homem de Carafa. O melhor.

Passa a mão na barba e resmunga.

— Precisamos ter certeza disso. Mas de uns tempos para cá tem sido sempre mais difícil obter informações. Estão abrindo um deserto ao nosso redor. E como se não bastasse, nos observam o tempo todo. Até o Caratello está sendo vigiado. Tive que colocar espiões para controlar os espiões deles.

Pára, evita o meu olhar.

Acosso-o:

— Conte tudo.

— Apareceu um turco, um embusteiro barato que frequenta o Estaleiro. Começou a jogar merda para cima de nós. Diz que recebeu dinheiro de um judeu rico para passar aos Turcos todas as informações sobre a frota de Veneza.

Uma pontada no pulso me faz cerrar os dentes.

— Precisamos tentar alguma coisa, João. Antes que seja tarde demais.

Um arrepio o estremece. Apanha um casaco pesado, que enrola ao corpo. Os arabescos dourados reluzem diante da lareira, enquanto ele afunda na poltrona de couro.

O cansaço desapareceu, o tom de voz dele é novamente aquele de sempre:

— Diga o que está pensando.

O diário de Q.

Veneza, 20 de outubro de 1551

Há três dias Pedro Manelfi apresentou-se espontaneamente ao Inquisidor de Bolonha.

## Capítulo 40

Veneza, 2 de novembro de 1551

O menino sabe o que deve fazer. O menino tem dez anos. Na hora do repique do sino, entrega a mensagem no prédio, com a marca estabelecida impressa no verso da folha dobrada, o decalque de uma serpente enrolada na lâmina de uma espada. A mensagem diz:

*O Alemão está em Veneza. Lugar e hora estabelecidos.*

O menino sabe bem que precisa insistir para que a Excelência o receba logo, senão serão chicotadas, choraminga, que o patrão que o mandou aí disse que era urgente, senão vai ter problemas “para mi e para ti”.

O menino, cachos louros até os ombros, dentes brancos como a primeira neve, é uma fuinha treinada: insiste, choraminga, entrega e some.

O lugar é a igreja de São João, atrás do Empório dos Turcos.

O homem sem rosto é pontual. Como estabelecido, senta no confessionário e espera.

O homenzinho careca do outro lado da grade começa a contar a sua história.

Fala da vida de pecador, de quão poucas missas, de há quantos anos não confessa. Mas gosta de igrejas, transmitem uma sensação de paz e especialmente esta, tão pequena, tão afastada, lhe deu vontade de aliviar a consciência.

O homem sem rosto xinga internamente. Não era este pedante magricelo com sotaque toscano que ele estava esperando.

Fica em silêncio, espera que ele termine.

A voz grasna, dizendo que não consegue resistir à tentação do jogo. Quanto lhe pesa ter ganho aquele dinheiro e a necessidade de devolvê-lo para obras de caridade.

Alguma coisa é enfiada pela fenda sob a grade, brilha na luz que filtra através da cortina, prende na beira e, com um último empurrão, pula em seu colo.

O homem sem rosto está confuso.

A voz esbanja agradecimentos, precisava mesmo livrar-se daquele peso, por sorte há sempre homens santos dispostos a ouvir, e vai atenuando. As últimas palavras lembram que antes ou depois todos acabaremos diante do Altíssimo.

O confessionário está vazio.

O homem sem rosto estremece. Sai na nave: ninguém.

Abre a palma que contém a moeda. As inscrições são densas, tanto na frente, quanto no verso, precisa aproximá-la para poder decifrá-las. Falam a língua dele.

UM DEUS, UMA FÉ, UM BATISMO.

UM REI JUSTO ACIMA DE TUDO.

O VERBO SE FEZ CARNE.

MÜNSTER 1534.

O homem sem rosto corre para fora da igreja.

A luz o ofusca. Pára. Do pequeno homem, nem sinal.

O Reino de Sião. Münster. Veneza.

No meio, um mar de tempo preenchido pelo enigma.

O Alemão. Que usa o nome de um morto.

O espectro que trouxe a moeda até aqui.

Tudo acontece muito depressa, de repente, sob o revérbero do céu contra o calçamento.

A pracinha anima-se de uma estranha agitação. Jovens corpulentos com caras sinistras de endemoninhados acorrem de lados opostos: as jaquetas dos Nicolaístas contra aquelas dos Castelões. Antes insultos, imprecações, algumas pedras, bastões aparecendo, depois um emaranhado de corpos enlouquecidos ocupa toda a cena.

O homem sem rosto, atônito, ombros encostados ao muro, procura chegar à estreitíssima viela ao lado de São João.

Perto dele aparece uma criatura enorme, que o empurra naquela direção. O homem sem rosto recua, impressionado pela incrível visão

de uma mulher alta dois metros, com um chapéu largo quanto a viela, do qual sobressai o penteado alto de Medusa, rosto branco e olhos marcados de azul, os bicos do seio à vista, pintados de vermelho, apontando para ele na altura do rosto, os tamancos altíssimos, avança como se estivesse sobre pernas de pau e sorri.

O homem sem rosto já não tem certeza do que vê. Vira e tenta apressar o passo na viela cada vez mais estreita.

No fundo, o menino está à espera dele. Faz amplos sinais: venha senhor, venha, por aqui.

O menino tem dez anos e sabe o que deve fazer.

O homem sem rosto não pode fazer outra coisa senão ir ao encontro dele, para aquela cascata de cachos dourados. Quando vê a porta escancarada sobre a escuridão à sua direita, é tarde demais para tentar recuar. Sob o escroto dele brilha a lâmina que o menino aponta com mão firme.

O homem sem rosto já não tem certeza do que vê.

O irmão do Sefardita assume, o frio da lâmina agora está no pescoço. Traços delicados e no rosto quase um sorriso. A porta é fechada atrás dele. O homem sem rosto desce as escadas estreitas na direção da luz fraca de uma tocha. Sente o cheiro acre de bolor, a umidade que imediatamente penetra em seus ossos.

O amigo fiel do Sefardita lhe coloca um capuz, amarra os pulsos nas costas. Ninguém fala.

Colocam-no sentado sobre um banco bambo.

O homem sem rosto não vê, não sente mais o tempo passar. O irmão do Sefardita diz que ele precisará esperar, as explicações chegarão no devido momento, não antes. Depois novamente silêncio.

O homem encapuzado tem os membros invadidos pelo torpor, muito frio, curva as costas, distende as pernas, começa a sentir cansaço.

Depois de um tempo infinito três batidas surdas do fundo do porão. O irmão e o amigo do Sefardita o pegam pelos braços e o erguem, arrastando-o até uma estreita passagem. O homem encapuzado não opõe resistência, pernas bambas, ouve a agitação de uma embarcação na água. Fazem-no subir.

O Corcunda afunda a vara e dirige o barco para o dédalo de

canais, protegido pela escuridão.

O homem encapuzado não sabe que destino o espera.

O Sefardita espera em uma casa segura, de frente para a Enseada da Misericórdia. O homem encapuzado é desembarcado e acompanhado para dentro da habitação. Um rápido sobe e desce de escadas, depois é acomodado em uma poltrona.

O Sefardita senta na frente dele. O homem encapuzado sente o cheiro de charuto e percebe uma tênue luz.

O Sefardita tem modos educados e ideias claras. Diz que a desagradável condição de prisioneiro torna todo homem, mesmo o mais forte, incapaz de prever o próprio destino imediato. Se for, então, imposta a quem está acostumado a decidir sobre os destinos dos outros, é possível imaginar o embaraço que provoca. Mas pode seguramente ser aliviada, quando é acrescentada alguma notícia que contribui para esclarecer os contornos do que está acontecendo.

O Sefardita diz que em Veneza é necessária muita cautela na escolha dos informantes. Que em Veneza aquele é provavelmente o ofício mais difundido, depois do meretrício e, aliás, pode-se dizer que não seja em nada diferente deste último. Em Veneza os informantes mudam de bandeira com facilidade. Aliás, um espião não pede outra coisa senão um bom pagamento e a segurança pessoal; quem sabe oferecer isso, gozará dos seus préstimos. Portanto, é possíveis que tais inconvenientes sejam devidos às baixas remunerações oferecidas pelos inquisidores, ou à excessiva generosidade dos adversários deles. E é cômico que tais lautas recompensas, neste caso, provenham de quem sempre levou a fama de avaro e usurário.

O homem encapuzado ouve os passos em círculo.

Depois de alguns segundos, a voz recomeça. Diz que confiar em informantes pouco devotos foi certamente uma leviandade, mas não única. Não deixar vias de escape para o inimigo, também é uma imprudência muito grave. Apertar o laço no pescoço de uma inteira comunidade, fazer com que veja um futuro de sofrimento e morte, só pode desencadear reações surpreendentes. O homem com as costas na parede é aquele que se defende melhor. A guerra, não só espiritual, é uma arte tão refinada quanto a diplomacia, que dela deriva. E nesta arte, a contragosto, os Judeus são obrigados a

sobressair. Quando alguém é cercado, precisa elaborar tramas; diante da morte, luta.

O Sefardita anuncia que haverá muito que falar, como por exemplo sobre aquele turco que diz estar a serviço deles por conta do Sultão. Mas cada coisa no momento certo. Porque antes, depois de algumas horas de descanso, fará outra viagem.

O homem encapuzado deixa-se estender sobre um catre e cai em um sono inquieto.

## Capítulo 41

Veneza, 3 de novembro de 1551

Gélidas luzes da manhã.

Observo as curtas ondas encrespadas da laguna, que devem trazer-me a Derrota. Revelar-me o rosto dela.

Ilha de São Miguel. Uma igreja, um claustro, um cemitério.

Em poucos dias, reúnem-se os gestos de toda uma vida. Joga-se a partida final, sem previsão do resultado.

Toda aquela delonga tinha de ser rompida. O velho batista, a lebre herética, Tiziano, finalmente agarrado. O caçador dele em Veneza. Os Judeus apertados em um laço que leva diretamente ao cadafalso.

Decênios de tramas e assaltos, traições e retiradas, impulsos e arrependimentos, precipitam de uma só vez. Profetas e reis de um único, trágico dia; cardeais e papas e novos papas; banqueiros, príncipes, mercadores e pregadores; literatos, pintores e espiões e conselheiros e cafetões. Em todo lugar, e para todos, a mesma guerra. Esses, e eu entre eles, são os que têm mais sorte. Gozaram do privilégio de combatê-la. Mendigos ou nobres, bastardos ou heróis, infames espiões ou cavalheiros dos humildes, sórdidos mercenários ou profetas de um tempo novo, eles escolheram o campo, abraçaram uma fé, alimentaram a chama da esperança e da vaidade. O campo é aquele onde encontraram quem lhes dilacerou as carnes; a fé que os traiu no último dia; as chamas, a fogueira onde ainda queimam. Esses foram os artífices da ambígua sorte e da incessante ruína. Encheram, dia após dia, a taça do veneno que os mataria.

Precisamos pedir perdão, por uma sorte demasiadamente

propícia. Gozar até o fim do privilégio. Elaborar um último plano. Tentar a saída desvairada.

Não há muito que esperar. A incerta luz do alvorecer começa a dar forma às lápides e às cruzes brancas, rala fileira que desce até à água.

O campanário de São Miguel sobressai na ilha plana, plantado contra as estrelas que desaparecem uma a uma. Brisa do mar que encurva debaixo da capa de lã. O cansaço está presente nos membros e na dor insistente atrás do olho direito. A atenção é raptada por qualquer coisa, por cada detalhe, pede uma trégua, depois das longas noites insones, com João ao lado, projetando a operação nos mínimos detalhes. Ao longe, barcos de pescadores que voltam, girando ao largo para evitar os bancos insidiosos da maré baixa. As primeiras gaivotas levantam voo, ou pairam sobre a água calma.

Deveria estar tenso, agitado. Mas só sinto o cansaço dos ossos, o reumatismo e ainda uma certa perplexidade. Talvez, no fundo, eu não queira saber. Gostaria de manter a suspeita que me acompanhou em todos estes anos. Virar a página e começar uma história mais calma, feita de camas macias e carinhos acolhedores. Arrastar-me para fora do campo de batalha e descansar, finalmente.

Mas os mortos voltaria para interrogar-me. Todos aqueles rostos insistem na memória e dizem que é dever do último homem que permaneceu em pé saldar as contas. Descobrir a verdade. Talvez eu deva isso mais a eles que a mim, àqueles que caíram no campo, aos profetas traídos pelas próprias profecias, aos camponeses que empunharam as pás feito espadas, aos tecelões que se tornaram soldados para destronar os bispos e os príncipes, aos companheiros da vida toda. Devo-o também aos Judeus, estranho povo peregrino sem meta, que me acompanhou no último trecho do caminho.

Ou talvez não. Às vezes penso que esta tenha sido a ilusão que serviu para continuar, para traçar novas rotas, para não parar e admitir que, acima de tudo, foram os anos que me traíram.

Uma coisa e outra, juntas, talvez. Não consigo mais dar às coisas a mesma importância de um tempo. Mas deveria. Agora terei confirmação do que procurei tanto; agora que a história pode chegar a uma conclusão. Agora quase lamento. Porque sei que ficarei de qualquer modo desiludido. Desiludido por ter chegado ao fim, desiludido por reconhecer o homem que por trinta anos nos vendeu ao inimigo. É cômico, ridículo, que mais que tudo eu tenha vontade

de pedir-lhe que lembre o passado, para trazer novamente à tona todos aqueles rostos. O único que conhece realmente a minha história, que ainda pode falar daquela paixão, daquela esperança. É o desejo estúpido e banal de um velho. Nada mais. Ou talvez seja só o cansaço que levo comigo, o sono negligenciado que apaga o ânimo.

No horizonte aparece um barco, aponta diretamente para a ilha.

Está bem, é hora de acabar com isso.

O Corcunda encosta o barco no pequeno embarcadouro. O homem encapuzado é ajudado na descida. O Sefardita lhe solta as mãos e retira o capuz. Depois volta para o barco.

O velho massageia os pulsos, aperta os olhos vermelhos, rosto marcado pelo cansaço e cabelos grisalhos emaranhados. Leva uma mão na sobrancelha, para massagear uma profunda cicatriz, depois firma o olhar em mim.

Tento raspar os anos daquele rosto.

Quèlet.

Ele fala primeiro:

— Uma ação digna do capitão Gert do Poço.

— Quando entendeu?

A palma aperta a velha ferida:

— Voltei para Münster. — Tosse, apertando-se na capa escura. —

Procurei-o por anos e, no fim, você me encontrou.

— Mas você já tinha entendido.

— Não foi tão difícil: Tiziano, o batista, um rufião com o nome de um herege, Antuérpia, os sobreviventes de Münster. Há três dias tive a última confirmação. Uma armadilha bem projetada. Só você poderia ter aprontado.

— Disseram-me que você morrera em Münster, tentando forçar o bloqueio dos episcopais.

Apoia-se a uma das lápides, as mãos nos joelhos, olhar baixo. Nem ele tem mais idade para manhãs geladas como esta. E, acima de tudo, não tem mais motivo para não lembrar.

— Você tinha ido embora na primavera de '34, procurar dinheiro e munições na Holanda. Você me prestou um favor: teria lamentado vê-lo engolido também na destruição que eu estava prestes a acelerar. Eu tinha ido para Münster com uma tarefa: unir os

Anabatistas na luta contra o bispo, tornar-me um deles para todos os efeitos, ajudá-los a transformar a cidade em uma Nova Jerusalém e, no momento oportuno, explodir aquela esperança. Apresentei-me a Bernhard Rothmann com uma grande quantia para a causa, declarando que era um ex-mercenário afastado de Münster há muitos anos. Mais que a minha história, valeu o dinheiro.

Olho aquele homem curvado, custo a reconhecer aquele que encarreguei de defender a praça do Mercado, nos dias da conquista de Münster. São só os despojos do meu lugar-tenente, Heinrich Gresbeck.

Ele retoma:

— Aproximei-me de você porque sabia que havia lutado com Thomas Müntzer: você era o único com quem poderia contar. A chegada de Matthys, o rápido fim dele e a repentina aclamação de Bockelson como sucessor agilizaram o trabalho. Só faltava você ir embora. Tornei-me o confidente de Bernhard Rothmann, já vaga sombra do fervoroso pregador que havia levantado os Anabatistas contra o bispo. Revi as leituras de Wittenberg, passei dias e noites discutindo com ele o ordenamento da Nova Sião, os costumes dos patriarcas da Bíblia, para ajudar aquela mente já vacilante a parir os absurdos mais letais.

“Nem isso foi difícil: logo em seguida Bockelson proclamou-se o Novo Davi, rei do Sião, e por sugestão do teólogo de corte Rothmann, instituiu a poligamia, para restaurar os hábitos dos Pais. Foi o colapso. Não lembro quantas foram as mulheres sacrificadas por não aceitarem as novas ordens. Daqueles meses guardo uma vaga lembrança, como de um sonho. A fome, as casas revistadas para descobrir até o último pão, os juízes crianças, com a morte nos olhos, indicando o supérfluo pelas ruas. Corpos pálidos e extenuados arrastando-se pela cidade, já inconscientes. Poderia ter ido embora e deixar que o fim chegasse por si. Ao invés, por alguma estranha alquimia, senti que o último gesto de piedade só poderia partir de mim. Precisava por um fim àquela agonia.”

Endireita as costas, com dificuldade, como se os ombros fossem muito pesados. Os olhos fitam um ponto indefinido da laguna.

— Pulei a muralha, percorri a meia milha que a separava do fronte dos episcopais, arrisquei as balas, deitei em um fosso e fiquei ali por horas, certo que levantando a cabeça estaria oferecendo um ótimo alvo para os mercenários de von Waldeck. Capturaram-me e

escapei da morte, reconstruindo com o barro um modelo da muralha e indicando quais eram os pontos fracos. Isso não bastou: tive que demonstrar a verdade do que dizia subindo novamente a muralha à noite e voltando ileso ao acampamento. Lembra? Você tinha confiado a mim o controle das defesas. Conhecia-as palmo a palmo. Só eu poderia fazer isso. O golpe de graça precisava partir de mim.

Dobra-se novamente, vencido pelo peso.

Mostro-lhe as folhas amareladas, pó entre os dedos. Lê, mantendo as páginas à distância e apertando as pálpebras.

— Você as conservou por todo este tempo... — devolve-me as cartas que enviara a Magister Thomas há vinte e cinco anos.

— Já estava a serviço de Carafa desde então?

— Fui o cubo de um mosaico composto ao longo de decênios. Fui recrutado na época em que era somente um ajudante de biblioteca na Universidade de Wittenberg. Minha tarefa era vigiar Lutero. Naquele tempo só poucos tinham percebido o que um pequeno e obtuso frade agostiniano poderia desencadear. Carafa foi o primeiro a entender que os príncipes alemães o teriam usado como aríete para derrubar os portões de Roma e para castigar o arrogante rebento cuja coroa imperial havia sido comprada pelos Fugger. Naquele emaranhado, fui encarregado de incitar o ânimo fogoso do maior antagonista de Lutero, Thomas Müntzer, para alimentar a revolta camponesa contra os príncipes e aquele apóstata de corte. Enquanto a revolta se alastrava por toda a Alemanha, Roma ganhava tempo e Carafa procurava convencer os cardeais sobre o perigo que Lutero representava. Mas intervieram outros acontecimentos. O jovem imperador revelou-se mais ambicioso do previsto: a sua elevação a paladino da fé católica em um território abrangendo da Espanha à Boêmia, tornou-o muito mais perigoso, aos olhos de Roma, que os pequenos principados alemães. Daquele momento os protetores de Lutero tornaram-se aliados em potencial contra o Imperador. Enquanto isso, os camponeses insurretos estavam começando a assustar. A revolução precisava acabar. Aquelas cartas serviram para lubrificar toda a engrenagem. Para mim, valeram a promoção no campo.

O velho Gresbeck retoma o fôlego, tosse, olha para mim. Uma careta:

— Depois do saqueio de Roma, em '27, Carafa aproveitou-se das próprias previsões, ninguém ousava contradi-lo, ele estava certo

desde o início: os luteranos eram pessoas sem-deus, que pouco se importavam com excomunhões, e depredavam a cidade do Papa. Ele começou a acumular poder, escalou a hierarquia eclesiástica e ainda teve muitas boas premonições.

Minhas palavras saem sozinhas:

— Uma rede de espionagem em cada estado.

Confirma:

— Conseguia sempre obter notícias antes dos outros, graças aos muitos pares de olhos que mantinha em cada lugar chave. Onde acontecia alguma coisa importante, podia apostar que o velho tinha alguém por lá.

Acosso-o:

— Porque lhe ordenou acabar com os Anabatistas em Münster? Qual era a relação com Roma?

— Roma está em todo lugar, Gert. Vocês alimentavam o espírito da revolta contra os poderosos. Lutero tinha pregado a obediência incondicional. Tanto bastava: com os soberanos é sempre possível negociar. Com vocês, não, vocês queriam livrar-se do jugo, pregavam liberdade e desobediência, Carafa não podia permitir a difusão desse tipo de ideias. Graças aos meus relatórios detalhados, ele soube da força de uma massa que marchava compacta, tinha visto o que podia fazer um só pregador como Thomas Müntzer. Os Anabatistas precisavam sucumbir antes que se tornassem uma séria ameaça.

— Carafa convocou todos os espiões no fim dos anos Trinta. O convento dos Teatinos foi o centro de reunião.

Parece surpreso:

— Muito bem.... — Um arrepio lhe agita as costas, mas continua falando: — Éramos necessários na Itália. Carafa estava prestes a obter do Papa a aprovação do seu projeto: a constituição do Santo Ofício. Os motivos eram os mais nobres: contrastar a difusão da heresia com meios novos. Em verdade, o velho usaria aqueles meios contra os adversários internos em Roma. O prêmio colocado em jogo era o mais alto.

— O Trono Pontifício.

O arrepio me atinge também.

— E o aniquilamento de todos os adversários. O inglês, Pole, que deu muito trabalho, à maneira dele, um verdadeiro osso duro, mas Carafa jogou bem as cartas que tinha na mão. E acabou com ele. Por pouco, mas conseguiu.

— *O Benefício de Cristo*

— De fato. Eu cuidei de toda a operação. Pelo menos até que Carafa precisou de mim. Desde o início sabíamos que atrás de Fontanini e do livro estava o círculo de Pole e dos amigos dele. Sabíamos que os cardeais Espirituais leriam o livro e dele tirariam a matéria para uma aproximação aos luteranos. Se conseguissem, Carlos V teria reunido a Cristandade sob a sua bandeira em uma cruzada contra os Turcos, e hoje não teria mais adversários. Mas Pole não foi eleito Papa e agora os Espirituais caem um após o outro sob os golpes da Inquisição. O velho teatino foi novamente o mais esperto: os adversários foram vencidos pela própria arma.

O sol despontou na laguna, um aro vermelho sangue que joga o próprio rastro sobre a água. Os pensamentos amontoam-se na mente, preciso esforçar-me para retê-los, preciso saber, o tempo é precioso.

— E onde entram os Judeus nisso tudo? Carafa fez um acordo com os venezianos, não?

Outro sinal de confirmação, os olhos sempre menores e fundos de cansaço:

— Os Judeus são mercadoria de troca. Todos lucrarão com a ruína deles: se os Marranos forem reconhecidos culpados de praticar secretamente o judaísmo, os venezianos poderão sequestrar todos os bens deles. Carafa os serve em uma bandeja de prata e, em troca, planta a bandeira da Inquisição em Veneza, inaugurando uma operação em grande estilo no estado famoso por sua independência de Roma. Muitos soberanos da Europa suarão frio com uma notícia dessas. Mais uma vez você está do outro lado, Capitão.

Fico em silêncio, só o lento movimento da maré e o grito de uma gaivota.

— É esta a sua tarefa? Acabar com os Judeus?

Uma sombra atravessa o olhar dele, parece ter dificuldade de falar, a voz é um murmúrio:

— Por essa razão fui enviado a Veneza.

O cansaço invade todo o meu corpo, a dor de cabeça aumentou, aperto as têmporas com um dedo e também encosto em uma lápide, para aliviar as pernas.

Heinrich Gresbeck perscruta o horizonte, depois torna a fitar-me: os anos não o pouparam, a noite foi longa e insone para nós dois.

— Qual será a recompensa, desta vez?

Sorri:

— Um fim rápido, provavelmente.

— É este o pagamento para o servidor mais fiel?

Encolhe os ombros:

— Sou o único que conhece toda a história desde o começo: Carafa não pode mais arriscar que eu continue circulando. Não agora que está prestes a assumir todo o poder.

Deixo o olhar percorrer os túmulos. Em cada um poderia ler o nome de um companheiro, percorrer novamente as etapas que me trouxeram até aqui. Mas não consigo sentir ódio. Já não tenho força para o desprezo. Olho Gresbeck e só vejo um velho.

## Capítulo 42

Veneza, 3 de novembro de 1551

A embarcação retoma o largo. Bernardo e Duarte remam em unísono. Sebastião na popa, pronto para contornar os bancos de areia ou substituir. João na proa, ao meu lado. O homem encapuzado está sentado diante de mim.

Um dos navios de transporte dos Miquez está à nossa espera, ancorado uma milha fora da cidade, no silêncio quebrado só pelas batidas dos remos na água e os gritos das gaivotas.

É assim que termina um duelo que durou a vida toda?

Da nau dos Miquez nos jogam um cabo e uma escada de corda. Do fundo, ouço Gresbeck explodindo em uma risada estranha, que aos meus ouvidos soa lúgubre, como um presságio de morte. E também aos de João, talvez, porque, por um só instante, perde o proverbial sorriso e rosna:

— *¿Porque coño te ries?*

— Senhores, sei que teriam muito que falar. Mas infelizmente a situação não permite que nos abandonemos às recordações.

Olha diretamente no rosto de Gresbeck:

— Como deve ter entendido, Excelência, sou João Miquez. O homem que está tentando destruir.

Gresbeck impassível, calado.

Para João, não é dia de sorrisos.

— O seu acordo com os dez tratantes do Conselho deve ser de um tamanho, e tão explícito para ambos, que os faz considerar válidas até as mais ridículas encenações. Como aquela que montaram ao redor da confissão de... como é que ele chama? Tanusin Bey, acho, que acusa a minha família de ser o vértice da rede de espionagem do Sultão na Sereníssima. Pergunto-me de qual esgoto vocês o tiraram. Imagino que não deve ser difícil convencer um cortador de gargantas qualquer a prestar-se a um papel desses.

Gresbeck permanece mudo.

Miquez continua:

— É o que podemos dizer dos processos por criptojudaísmo? Antes nos obrigaram a beijar a cruz com as fogueiras já acesas, e agora vêm dizer que o fizemos por conveniência, e na verdade continuamos os mesmos. — Concorda para si mesmo. — Está bem. Mandaram-no de Roma para tirar-nos do caminho. E os venezianos deixarão vocês agirem, aliás, cooperarão. Eles são loucos e vão acabar na ruína. Eu e o senhor sabemos disso. Não há um só dos mercadores daqui que em cinco anos não tenha fechado negócios com a minha família. Não há um único chacal que sinta no Conselho que não tenha contraído empréstimos conosco. Sem os Judeus, Veneza perderá as rotas, o Sultão as arrancará uma após a outra, os negócios acabarão, esta cidade voltará a ser um cuspe nos mapas, espremido entre os impérios. Estes aristocratas cheios de ostentação estão condenados a tornarem-se pequenos senhorios no campo.

Suspira:

— Mas, se é assim que decidiram, saiba, Excelência, que não nos deixaremos abater sem desferir golpe. Os mercadores que dependem dos cordões da minha bolsa já anunciaram que suspenderão todo tráfego com o Oriente, se as autoridades não acabarem com a indiscriminada caça ao judeu. E por quanto se refere ao senhor, se o que o seu velho conhecido diz for verdade, creio que o cardeal Carafa deverá passar sem o primeiro agente dele, desta vez.

Gresbeck continua a olhá-lo sem piscar, o ar inofensivo e o cansaço no rosto, a respiração ofegante.

João levanta e anda de um lado ao outro, pensativo.

— Astúcia é o que não lhe falta, meu senhor, e pode muito bem entender o que me interessa.

Senta novamente. Silêncio. Só o movimento das ondas e passos mansos na ponte. A luz do dia entra por duas grandes janelas

laterais, iluminando a cabina do capitão: uma mesa, duas poltronas e um catre.

Custa-me muita fadiga levantar. Gresbeck oferece-me um olhar sereno. Sento-me á beira da mesa, afastando um canto do mapa do Adriático. É a minha vez.

— A vantagem de termos chegado até aqui, é que não precisamos mais enganar-nos reciprocamente. Aos cinquenta anos não tenho mais o fogo sacro da revolução nas veias e há duas noites não durmo. O cansaço me ajudará a ser claro, a economizar as palavras. — Aperto os dedos na têmpora para aliviar a dor. — O seu patrão arrombado tem setenta e cinco anos. Uma idade que a maior parte dos homens transcorre debaixo da terra. O que eu me pergunto, é o que aquele velho imundo pretende de si mesmo, dos homens dele e de nós. Gostaria de saber o verdadeiro plano que o inspirou em todos esses anos. Derrotar a heresia? Punir as tentativas de resgate dos miseráveis? Instituir os tribunais da consciência, para poder controlar o pensamento dos homens? Pergunto-me para que serviu acumular todo esse poder. E agora, que as cabeças dos cardeais Espirituais caem uma após a outra e que em Veneza avança o movimento contra os Judeus, eu pergunto por quê. Não é o dinheiro dos Sefarditas, nem os negócios da Sereníssima, tampouco o acerto de contas com os inimigos Espirituais. Nem o Trono Pontifício, Heinrich. Não, aos setenta e cinco anos. Até agora Carafa não se candidatou a Papa. O que é posto em jogo é algo maior que tudo isso junto. Algo que paira sobre nossas cabeças. Para entender o que está acontecendo aqui, o que nos espera, precisamos conhecer o plano até o fim.

Sob os bigodes de Gresbeck, um sorriso sem arrogância.

Respira rouco, voz profunda:

— O Plano. Aquele que empenhou Carafa durante a vida inteira. Aquilo que enche a boca do menor clérigo do campo, que brilha nos estandartes dos exércitos, nas espadas dos conquistadores do Novo Mundo, nos frontões das paróquias e das catedrais. — Deixa as palavras caírem como se fossem pedras. — A maior glória de Deus.

Abana a cabeça:

— Impor uma ordem ao mundo. Permitir que a Igreja de Pedro permaneça o árbitro indiscutível do destino dos homens e dos povos. Mais que qualquer outro, Carafa entendeu o que rege um poder milenário. Uma mensagem simples: o temor a Deus. Um aparato

gigantesco e complexo que você inculca nos hábitos e nas consciências. Difundir a mensagem, gerir o conhecimento, observar e avaliar o ânimo dos homens, inquirir todo avanço que ouse sobrepor-se àquele temor. Carafa atribuiu para si a desmedida tarefa de atualizar os alicerces daquele poder, à luz do novo tempo. A ambição que ele encarna, extraiu toda fraqueza do corpo da Igreja, conseguindo transformá-la em ponto de força. Lutero foi o mais acirrado inimigo e melhor aliado dele. Sem resvalar no temor a Deus, o frade agostiniano mostrou a todos a necessidade de uma mudança. Foram os homens mais inteligentes os primeiros a perceber isso, como Carafa, como Pole, como os fundadores das novas ordens monásticas. A mais de trinta anos de distância, os únicos que continuam no jogo. Era necessário responder com armas adequadas ao desafio lançado por Lutero. E disso nasceu o conflito: Pole e os Espirituais estavam dispostos a mediar, para manter a Cristandade unida. Carafa não, preferia abandonar os protestantes ao próprio destino, ao invés de permitir um, mesmo que pequeno, arranhão na autoridade absoluta da Igreja: era necessário retribuir cada golpe dos luteranos com outro golpe, fazer uma limpeza interna e obter novos aparatos para aceitar o desafio. Se os Espirituais tivessem vencido, para Roma significaria perder a supremacia. Se a um frade qualquer ou até a um leigo como Calvino fosse permitido discutir de igual por igual com o descendente de Pedro, o que seria da ordem milenar? O que seria da Igreja de Roma? O que seria do Plano?

Gresbeck pára, exausto.

Miquez não consegue mais controlar-se:

— No ponto em que estamos, meu senhor, a pergunta é bem outra. O que será de nós?

O mesmo tom calmo:

— Serão sacrificados.

Olho-o nos olhos:

— Para maior glória de Deus.

— É. E desta vez, messer Miquez, não será como em Portugal, ou na Espanha, ou nos Países Baixos. Desta vez será para sempre. O procedimento de inquisição de dona Beatriz já foi preparado; será executado dentro de uns dois dias. Os venezianos só estão interessados no dinheiro. Carafa quer uma demonstração da força da Inquisição. Quer reduzi-los à impotência, criar um deserto ao redor e aniquilá-los. E que a lição sirva para todos. Não podem comprar a

salvação como fizeram no passado: os homens de Carafa são incorruptíveis, têm uma missão a cumprir e sabem trabalhar muito bem. Não há frente de mercadores que possa assustá-los, não ligam para nada. O senhor tem razão, Veneza sofrerá um prejuízo irreparável, mas quem não sabe adaptar-se ao novo tempo, é destinado à destruição.

João está passado, rígido na cadeira como uma estátua de mogno, não fala.

Gresbeck dirige-se para mim:

— E seus Anabatistas também vão ser varridos. Do primeiro ao último.

— Impossível.

— A ideia de Tiziano era bem planejada. Mas não existe um plano perfeito; confiar na pessoa errada é o tipo de erro que precisamos pagar.

Um aperto no estômago.

— Há duas semanas, Pedro Manelfi entregou-se à Inquisição de Bolonha. tem uma memória surpreendente. Forneceu todos os nomes, os ofícios e os lugares aos quais pertencem todos os afiliados da seita. Naturalmente falou de Tiziano também. Se continuar sendo tão condescendente, conquistará o perdão.

Respiro fundo, tudo caindo na minha cabeça. Depois, um pressentimento:

— Você o encontrou.

Tosse:

— Estava seguindo o rastro dele há algum tempo, esperava que me levasse até você. Quando tive a notícia, corri para Bolonha. Bem em tempo de encontrá-lo, porque Leandro Alberti, o Inquisidor, já tinha decidido enviá-lo para Roma, para não assumir a responsabilidade de gerir um caso tão amplo. Neste momento Manelfi está diante da Congregação do Santo Ofício repetindo sua confissão. Todos os que você batizou nestes anos, têm os dias contados. — Os olhos cinzentos passam de mim a João. — Vocês foram bons. Imprimir *O Benefício de Cristo*, contatar todos aqueles literatos. O golpe do Pontormo foi espetacular. O anabaptismo era uma ideia tão absurda que poderia funcionar. Mas vocês não conseguiriam. Não contra Carafa.

João tira a espada com um gesto rápido e elegante:

— Então, Excelência, conceda-me pelo menos o gosto de mandá-

lo pessoalmente para o inferno, tirando-lhe o prazer de assistir ao fruto do seu trabalho sujo.

Gresbeck não se mexe, não olha a lâmina.

Levanto uma mão:

— Não. Não contou tudo. Você sabia qual seria o seu destino, sabia desde que olhou para o meu rosto. Podia ter calado. Podia não dizer nada e morrer deixando-nos na incerteza.

Sorri:

— O meu tempo venceu, Gert. Quando os Judeus estiveram ajoelhados, Carafa vai querer que eu morra. Sei demais.

— Há mais alguma coisa, não é?

— Não existe um plano perfeito. Não existe uma trama protegida de imprevistos. E sempre há um imprevisto, um pequeno detalhe que oferece o risco de estragar tudo no último momento, porque é considerado irrelevante e esquecido, mas de repente se torna a alavanca que desmorona tudo.

João abaixou a espada:

— Do que ele está falando?

Gresbeck:

— Nem eu tenho mais aquele fogo nas veias, Gert. Já estou morto. Seja você ou um sicário de Carafa, não faz muita diferença. Executei as ordens a vida inteira. Posso conceder-me um final diferente daquele que está guardado para mim atrás da próxima esquina, posso concedê-lo a você, ao Capitão Gert, ao adversário de toda a vida.

— Porque?

— Porque somos duas caras da mesma moeda, porque lutamos na mesma guerra e nenhum dos dois sai vitorioso. O campo é de Carafa, a esperança dos miseráveis afundou na lama, mas Quèlet também precisa sair de cena.

Desta vez, eu sorrio, as palavras saem lentas, como se as pesasse sobre a língua:

— Você se engana, Heinrich, mesmo que pareça fácil acreditar, eu e você não somos de forma alguma iguais. Você lutou na guerra de um outro, obedeceu às ordens, desenvolveu uma parte no plano dele. Serviu a vida toda, para um escopo que nem lhe concedem assistir até à conclusão: esta é a sua derrota. Você não foi combatido no campo, como aqueles milhares de miseráveis e hereges que lutaram contra os senhorios e contra o poder de Roma. A você, não sobra

nada, nem o sentido daquilo que fez. É por isto que precisa oferecer-me esta última oportunidade, porque é a sua também, a última oportunidade de reassumir a vida que vendeu a outro.

Fica em silêncio. Enfia uma mão sob o casaco e me oferece um papel:

— Manelfi não forneceu só os nomes dos seus coirmãos. Contou uma história, diante do Inquisidor. Aquela de um herege que saiu por aí batizando novamente as pessoas, e a de um cardeal que se tornou Papa. Uma história que, se chegar aos ouvidos certos, destruirá todo o plano de Carafa.



*“Et in primis interrogatus de quis eum initiavit doctrinae anabaptistae, respondit:*

*Em Florença Tiziano começou a pregar-me a doutrina anabatista e me batizou novamente, dizendo que eu não era batizado, porque não tinha fé quando na infância fui batizado, e de outras opiniões anteriores dos anabatistas, ou seja, que os cristãos não podem exercer magistraturas e senhorias, domínios e reinos, e este é um dos primeiros princípios dos anabatistas; mas ainda não havia entre ditos anabatistas opinião contra a divindade de Cristo e outros artigos novos determinados e concluídos no concílio realizado em Veneza, como disse antes.*

*E dito Tiziano disse que os anabatistas eram do agrado de Nosso Senhor Júlio III, e que bem podia testemunhá-lo por tê-lo encontrado antes que fosse eleito Papa.*

*Interrogatus an credat dectum Ticianum convenisse ad cardinalem Ioannem Mariam Del Monte, respondit:*

*Dito Tiziano me disse ter falado com o já mencionado reverendíssimo cardeal por uma noite inteira sobre vários assuntos. E em particular sobre aquele famosíssimo texto*

*Beneficium Christi e do autor, frade Benedetto Fontanini da Mântua. Tiziano contou ter questionado com Sua Senhoria sobre a heresia de tal texto, concluindo que não havia nenhuma. Ele solicitou à Sua Senhoria que intercedesse em favor de Fontanini, encarcerado em Pádua, por considerá-lo inocente. Resultando que o Fontanini foi solto em seguida, eu acreditei no relato de Tiziano.*

*Tiziano frequentou muitos literatos, cortesãos e até senhores, procurando convencer todos quanto à validade da doutrina anabatista e do acima mencionado Benefício de Cristo. Assim agiu em Florença com os cortesãos de Cósimo de' Médici, e também em Ferrara, com a princesa Renata d'Este.*

*O mesmo trabalho teve para persuadir Nosso Senhor na doutrina anabatista, Tiziano, citado na minha confissão, de quem desconheço outro sobrenome e que, por quanto sei, trouxe esta doutrina anabatista para a Itália, e está sempre viajando convencendo e ensinando essa doutrina."*

Espera que João também termine a leitura:

— É a parte mais surpreendente do interrogatório de Manelfi, o depoimento que Pedro Manelfi prestou a Leandro Alberto, Inquisidor de Bolonha. Uma cópia já chegou em Roma com o arrependido, e tenham certeza que será devidamente expurgada assim que um dos homens de Carafa puser os olhos nela. A segunda cópia, completa de assinaturas e abonos, recebi do próprio Alberti, com o pedido de entregá-la a Carafa em pessoa. Copiei esta passagem antes de depositar toda a papelada junto à filial dos Fugger no Empório dos Alemães. É certamente o depósito mais precioso que aquele cofre já recebeu, e por sorte eles não sabem: aqui está escrito em clara letras que o procurado número um da Inquisição, Tiziano o batista, pôde aproximar-se do cardeal Del Monte antes que fosse eleito Papa e o convenceu da inocência do *Benefício de Cristo*, ao ponto de induzi-lo a interceder pela soltura do seu autor. Fontanini saiu realmente da prisão graças à intercessão de um poderoso. O General da ordem dos beneditinos conhece pessoalmente Papa Del Monte. Há provas tangíveis quanto à veracidade do relato.

A minha risada soa como uma confirmação:

— Parece loucura, mas é isso mesmo.

Miquez fica perplexo:

— Ainda não entendo o que há de tão precioso.

Gresbeck, sério:

— Ghislieri e companheiros estão crucificando os Espirituais, um por um, por causa da responsabilidade quanto à difusão do *Benefício de Cristo* nas respectivas dioceses. Carafa, no Concílio de Trento, os está acusando abertamente de não ter bloqueado a circulação e, em muitos casos, tê-la favorecido. O que pensam que aconteceria se os próprios inquisidores soubessem da intervenção do Papa em favor do autor e dos conteúdos do *Benefício de Cristo*? O que aconteceria se os cardeais inquiridos, aproveitando de dito testemunho, anulassem o peso das acusações movidas contra eles?

João debruça sobre a mesa:

— Carafa levaria a pior. Mas quem nos garante que este documento existe?

— Nem eu nem o senhor temos mais nada a perder.

## Capítulo 43

Veneza, 5 de novembro de 1551

Dois dias de vigília, aliviados por oito horas de sono, bastam para impedir que um quinquagenário entorpecido consiga abotoar decentemente o casaco. Só na terceira tentativa reassumo a familiaridade com os movimentos diários. Deixo chegar ao estômago a agitação necessária para afugentar o cansaço.

Gresbeck já está no átrio, enrolado na capa, costas apoiadas ao gaveteiro e cabeça abandonada para trás, quase procurando concentração com a ajuda de longos respiros. Não deve estar carregando armas de fogo. Só uma lâmina curta, o mínimo. Está tão velho quanto eu. Mais cansado. Posso confiar.

Pontada no pulso, sempre enfaixado apertado por um leve tecido oriental, colorido, dobrado várias vezes sobre si mesmo, longo cinco dedos, para cobrir pouco menos de meio antebraço.

Entrará na agência sem levantar suspeitas. Tem carta branca, os Fugger sabem com quem estão lidando.

Luvas apertadas de pelica escura, brilhante, fina, dos curtumes da Espanha, recebidos de presente do jovem Bernardo Miquez.

Estranho destino, o acerto de contas não é como você imagina. Aparece a imagem refletida pelo suntuoso espelho, da minha altura, o dobro de largura, da residência Miquez, no ponto extremo da Giudecca. Não é como você imagina. Barba rala grisalha emoldurando o rosto.

Deverá ficar o tempo necessário para retirar os papéis, nada de cumprimentos.

O velho calo no nariz amassa levemente a ponta para esquerda.

Os cabelos presos na nuca e alisados com óleo, presente de Beatriz. As pistolas cruzadas no cinto, passo a mão no cabo da faca presa nas costas.

Virá em minha direção, passando-me a pequena bolsa de tela com o documento dentro.

Cubro as armas puxando para o ombro a ponta da capa. Uma olhada para Heinrich, refletido no espelho, na mesma posição.

Sebastião nos espera na embarcação.

Depois da troca, sairemos no lado oposto do Empório, diretamente no Canal Grande. De lá, para o Caratello. Depois para terra firme.

João aparece de repente, está tudo arrumado. Um sinal para Gresbeck, vamos.

Entramos no canal do Vinho, entre as Cúpulas de São Marcos e o campanário de São Zacarias. Sebastião empurra o barco, eu e Gresbeck estamos sentados um diante do outro. Afrouxa a tensão dos músculos sobre o pescoço, com longas massagens. Ninguém sente necessidade de falar. Depois de uma ampla curva, entramos no canal de São Severo, um percurso largo e tortuoso. Passamos debaixo de algumas pontes, até o canal de São João, depois à esquerda, o canal abre, sempre reto.

Da terra firme rapidamente para Trento, subindo pelo vale do Brenta. Dois dias com os cavalos deslanchados, parando somente para as trocas, escoltados pelos seis melhores homens de Miquez. Chegar até Pole a todo custo.

No cruzamento com o canal dos Milagres viramos à esquerda, até o canal do Empório. Desembarcamos.

Entregar nas mãos do cardeal inglês a confissão de Manelfi. Só Heinrich pode fazer isso.

Cinquenta passos e estamos dentro. Ao redor da entrada, movimentação de grupos: cruzo com o olhar de Duarte. Só um sinal de cabeça. Gresbeck está ao meu lado. Entramos no quadrilátero do Empório dos Alemães.

No centro do pátio está o poço, elevado por dois degraus de pedra. O meu lugar. Vaivém de homens de negócios, o botequim de cerveja, que não pode faltar.

Gresbeck vira sob o portal à esquerda, dirige-se para a agência dos Fugger. Na altura da terceira arcada, entra.

Toco as empunhaduras sob a capa.

Três ordens de portais elevam-se nos quatro cantos do pátio. Cinco arcadas no piso, dez em cada um das ordens superiores, sempre mais baixas conforme vão subindo.

À direita quatro pessoas discutem intensamente, contando na ponta dos dedos.

Um homem apoiado a uma coluna, na saída que dá para o Canal.

Na esquina do fundo, atrás de mim, um grupo de alemães passam-se uns papéis.

O olhar continua dando voltas. Alguns homens ocupados, entram e saem sem parar, percorrem o pórtico. Do primeiro andar, o ruído dos clientes da cervejaria, debruçados para o pátio, perdidos em conversas.

Na entrada principal, além do vaivém, dois homens de preto, guardam as laterais.

Intumescências sob as capas.

Olham para a porta do banco.

Merda.

Gresbeck ainda está dentro. À direita, os quatro não pararam de contar. Aquele mais afastado faz um gesto indicando a agência: esperar. Olha para a arcada superior, atrás de mim.

Viro. Na cervejaria, outro capanga está vigiando o banco.

Aquele apoiado à coluna ainda está aí. Olhos na mesma direção.

É uma armadilha.

Vão nos pegar.

Novamente para a entrada principal. Os dois corvos estão nervosos com o barulho que vem de fora.

Duarte entra no Empório na frente dos mercadores de Rialto. O ruído aumenta.

A agência.

Gresbeck vem em minha direção. Levanta o braço apontando a pistola.

Ele me traiu novamente.

Dispara.

Atrás de mim, um homem cai e grita, virando para o poço. Ruído de ferragens no chão.

Os mercadores invadem o pátio.

Gresbeck me entrega a bolsa:

— Ande logo, caralho!

Estrépito indeterminado, sou engolido pela rixa, subo a correnteza que me protege, empurrões e gritos em todas as línguas.

Pietro Perna chega perto. Arranca a bolsa da minha mão, substituindo-a por uma igual.

Pisca o olho:

— *Habemus papam!*

Escapa da multidão, dirige-se à entrada principal. A confissão de Manelfi está salva.

Abandono-me à maré de mercadores do Rialto que emigram em sentido oposto, para a saída do Canal. Não vejo Gresbeck, alcanço o portal empurrado por um grupo de homens que gritam feito loucos. Tiros, gritos. O miliciano na porta é rapidamente envolvido, Gresbeck reaparece ao meu lado, abre-se uma brecha e somos arremessados para um barco.

Embora, embora, para o Caratello.



Passamos sob o Rialto, Sebastião empurra o barco com toda a força, entramos no canal São Salvador.

Minhas mãos estão tremendo de agitação. Labaredas de calor da cabeça aos pés.

Não tenho certeza do que aconteceu. Diante de mim, o rosto de Gresbeck parece calmo, surpreendentemente impassível.

Enquanto pegamos a direita, pelo canal dos Limpachaminés, pede pólvora e recarrega a pistola. Vira-se, assume uma expressão tranquilizadora: não nos estão seguindo.

Reorganizo as ideias, passo as mãos no rosto.

— Onde a pegou?

— Gert, nos Fugger, você deposita o que quiser. Sei o que pensou. Mas, como vê, não traí a sua confiança. Nem em Münster você errou quando fez a mesma coisa: Heinrich Gresbeck foi um bom lugar-tenente.

— Pensei que aquele tiro fosse para mim.

— Aqueles eram sicários de Carafa. Eu era a presa. Pergunto-me como é que já estavam lá à minha espera.

Canal dos Fundidores, subimos até o canal de São Lucas para desembocar novamente no Canal Grande. Apontamos diretamente para o canal dos Melões.

— Os Fugger sabem de que lado ficar, Heinrich. O proverbial sigilo deles desaparece diante de quem garante que Deus está do lado deles. Eles avisaram Carafa.

Aparece a entrada do canal Santo Apolinário, viramos. Estamos chegando.

Gresbeck abana a cabeça:

— A caçada mal começou. Como chegaremos em Trento? Mesmo se conseguíssemos, Carafa estaria à nossa espera de braços abertos.

O barco encosta.

Uma careta querendo parecer um sorriso:

— Estamos velhos, Heinrich. Vamos tentar.

Extraí uma caderneta do bolso. Folhas amareladas, enroladas em uma tira de couro fechada por um laço.

— No cofre dos Fugger tinha isto também. É o único rastro da minha passagem. Fique com ele, Capitão, é seu.

Enfio-o na manga. Pulamos para fora.

Percorremos a estreitíssima viela, um atrás do outro, até à entrada dos fundos do Caratello.

O acerto de contas não é como você imagina.

## Capítulo 44

Veneza, 5 de novembro de 1551 (um instante depois)

— Porcos bastardos, amigos dos Judeus arrombados! — Uma bofetada. — A festa acabou!

Pietro e Demetra amarrados às cadeiras, tumefeitos.

— Anão de merda, quero divertir-me antes vê-lo assando aqui dentro!

Cheiro de pez.

Entro pisando firme, armas apontadas, o Mulo nem consegue virar, que o tiro a queima-roupa lhe explode o ombro. Despenca ao chão.

Aponto a outra pistola.

Gresbeck a dele.

Eles são três.

Não tiveram tempo de extrair as armas.

Olhos arregalados nos canos.

Imóveis.

Com o rabo do olho: a bolsa. No balcão. A confissão de Manelfi.

Escorregar para frente, pegá-la.

Mas Heinrich move-se, lentamente, ao longo da parede, apoia a mão no mármore polido.

Pegou.

Uma sombra nas escadas, atrás dele.

— Cuidado!

Vira de repente, a lâmina toca-lhe o rosto, a pistola dele dispara, acerta-o no meio do peito, o capanga do Mulo ricocheteia contra os degraus.

Aquele perto da lareira chuta o tonel, o pez entorna sobre a brasa, uma labareda que alcança o forro.

Lança-se contra mim, lâmina na mão.

Feito mordida de cão, atinge o braço esquerdo.

Grito.

Pego-o pelos cabelos atrás da nuca, enquanto ele perde o equilíbrio e afundo-lhe o rosto no canto do balcão.

As chamas atingem o cortinado, correm pelo piso até os pés de Perna e Demetra.

Rápido, sem ligar para a dor lancinante.

Solto a amarração.

Liberto Demetra.

Depois Pietro. Sibila entre os soluços:

— Filhos da puta!

Do outro lado da parede de fogo, vejo Gresbeck extrair o punhal.

Um contra um.

O outro hesita.

Heinrich sorri. Arremessa a lâmina com ímpeto.

Um estertor, o bastardo vomita a alma pela boca.

Tusso, a fumaça invadiu o cômodo. Demetra desmaia, arrasto-a para fora com o único braço. Até à saída. Estamos fora. Um rastro de sangue. O meu. A cabeça roda, as pernas não seguram.

Perna tosse:

— A bolsa... a confissão...

Viro, não vejo Gresbeck. Preciso voltar. Enfraquecido, a náusea esmaga o estômago, a vista embaçada. Respiro profundamente, não posso desmaiar. Percorro novamente os poucos passos até à porta, uma distância infinita.

Da soleira, entrevejo a figura dele no meio da sala: a bolsa na mão.

Entre nós dois, uma parede de fogo.

Uma passagem estreita, formada por duas mesas viradas.

— Por aqui!

Um joelho cede.

A máscara destroçada do Mulo eleva-se na fumaça, atrás dele. Segura um atizador.

Grito, enquanto ele baixa a arma.

Os dois caem.

Não os vejo mais. Não, Gresbeck levanta, cambaleia. Não tem

mais a bolsa, olha ao redor.

Um instante.

Quanto basta para ver a arquitrave do teto cair sobre ele.

## Capítulo 45

**Costa ferrarense, quatro dias depois.**

A embarcação longa e estreita é arrastada até à terra pelos marinheiros.

Com o braço sadio, ajudo Demetra a carregar a barra da saia ensopada. Perna, do outro lado, imerso até à cintura, xinga em voz baixa.

Paramos na areia, sob o sol opaco que não aquece.

Demetra toca as faixas:

— Cuidado para não molhar a ferida. E coma muita carne, perdeu sangue demais.

Sorrio, a maquiagem mal cobre os hematomas do rosto:

— Não se preocupe, fez um ótimo trabalho com este braço arrebentado. Ficaré como novo.

João e Bernardo apertam a mão do pequeno Pietro.

— Vocês têm certeza?

Perna abre os braços, os pontos de sutura no zigoma o obrigam a manter um olho semicerrado:

— Vamos, João, você nos imagina no meio dos maometanos? O turbante não me cai bem e além disso, aquele povo não toma vinho. Só bebe água. Não, obrigado, não serve para Pietro Perna de Lucca. Prefiro ficar.

Lança um olhar para Demetra:

— Ficarei em ótima companhia.

Bernardo o abraça, levantando-o de peso.

Duarte o beija no lado ileso do rosto, fazendo-o enrubescer.

Os olhos cor de esmeralda de Demetra estão marejados.

Acaricio-lhe o rosto:

— O que fará agora?

— Vou recomeçar em algum lugar, acho. Ou aceitarei a proposta de Pietro. Vou me ajeitar, não se preocupe.

Perna está embaraçado:

— Ferrara é sempre uma boa praça, entendeu? Um bom ponto de partida para recomeçar. Ainda tenho alguns contatos aqui e aí pela Itália, vai ter muito trabalho. Se continuarem imprimindo livros, amigo meu, não tema, o intelecto dos homens encontrará a forma de fugir dos Índices e talvez um dia acabar com eles. Haverá sempre necessidade de alguém que saia por aí, vendendo livros, pode ter certeza.

— Dito por você, Pietro, ecoa como uma garantia.

Ri comovido. Abraçamo-nos.

João indica o atalho na margem do pinheiral:

— A carroça está esperando.

Pietro recolhe o saco:

— Adeus, alemão de cabeça quadrada. — Abaixa a voz. — Proteja o seu traseiro, no meio dos maometanos e veja bem onde vai meter o passarinho, entendeu? — Depois sorri. — Adeus para todos!

Demetra:

— Boa sorte, Ludovico. E boa viagem.

— A melhor sorte para os dois.

Encaminham-se pela areia úmida. Ele pequeno e redondo, ela alta e elegante. No limiar das árvores, Perna vira-se para nós, agitando os braços em uma última saudação. Grita alguma coisa que o vento leva embora.

Desaparecem no meio dos pinheiros.

João chega ao meu lado:

— Precisamos ir. O barco de dona Beatriz já deve ter alcançado o navio.

Acolhe-nos no convés da nau principal da frota dos Miquez. O vento desarrumou algumas mechas do penteado, sem diminuir em nada o fascínio de mulher, mas pelo contrário doando um ar sensual, que sensibiliza o baixo ventre e o coração.

Beijo-lhe a mão, mantendo-a por um instante entre as minhas:

— A perspectiva de viajar ao seu lado torna a derrota mais doce, Beatriz.

Afasta os cabelos do rosto com uma carícia:

— Derrota, Ludovico? Você acha mesmo? Não estamos por acaso vivos ainda e livres para singrar o mar?

Bernardo dá algumas ordens ao capitão do navio, de um lado ao outro do convés ressoam assobios e avisos.

Sorrio:

— Você tem razão.

Não acrescento mais nada. A filha e a jovem serviçal a acompanham até a cabina.

João, do alto do convés de popa, pede-me com um sinal que me aproxime.

— O capitão diz que o vento é favorável. Melhor não perdê-lo. Chegarão em Vis em dois dias no máximo. Depois Dubrovnik. Mais dois dias para Kérkira. Chegando em Zákinthos, estarão fora do alcance dos venezianos.

— O que significa?

Abaixa o olhar:

— Bernardo e eu, voltamos para Veneza.

— Você enlouqueceu!? Eles os querem mortos.

O sefardita olha para a linha da costa esfumada pela névoa.

Suspira.

— Ludovico, você não pode entender. Nós somos uma família: temos um patrimônio para defender. O meu dever é recuperar quanto possível das garras dos venezianos. E acredite, não foi escolha minha.

Viro instintivamente para a cabina de Beatriz.

O sorriso dos Miquez:

— Em um certo sentido eu também, como todas as pessoas que você vê neste navio, estou na folha de pagamento.

Olha novamente para a costa:

— Não podemos deixar tudo para Veneza.

— E você acha que vão deixá-lo tirar alguma coisa debaixo do nariz deles, depois de tudo que fizeram para destruí-los?

— De forma alguma. Precisarei usar diplomacia, o engano e talvez a força. Todas as armas do arsenal dos Miquez.

Arranca-me uma risada.

E depois há uma outra razão para voltar. A família de que lhe falo é do tamanho de um povo. Em Veneza há cinco mil Marranos, como os chamam, todos arriscando a prisão ou a morte. Preciso achar um jeito de tirar de lá o maior número possível deles.

Concordo.

— O que faremos nas terras do Sultão?

— Você vai gostar de Constantinopla. A maior cidade do mundo, mais de meio milhão de homens. Lá também muitas pessoas nos devem favores, Solimão em primeiro lugar.

— Que tipo de favores? Aqueles de que o acusava um certo Tanusin Bey?

Sorri:

— Ludovico, a casa dos Miquez é do tamanho do mundo. Para cada porta que se fecha, abre-se outra. — Uma forte batida no ombro. — *Hasta luego*, amigo meu. Nos veremos em Constantinopla.

João desce para o convés, onde Duarte o espera com o irmão.

Chegam até uma pequena embarcação atracada perto do navio. A vela abre ao vento com um estalido.

Vejo-a deslizar embora, enquanto o capitão da nau ordena levantar a âncora.



Ao largo das costas da Romanha, parei de observar o horizonte, entorpecido de frio.

No pavimento inferior do navio, distendo os ossos doloridos sobre um catre. Beatriz me espera, mas antes um emaranhado de pensamentos e sensações deseja ser desatado.

Folhas decrépitas, agora pó dos trinta anos passados.

A moeda do reino de um único dia.

A cópia de um livro que não deixará rastro.

Uma caderneta cheia de anotações.

A mais estranha herança que o destino poderia confiar-me.

Heinrich Gresbeck, ou qualquer outro nome que poderia ter, é o último rosto que entra para a galeria dos fantasmas. Talvez os melhores dias da vida dele tenham sido os transcorridos ao meu lado. Talvez seja assim que devo lembrá-lo.

Desejava cair pela minha mão, não por aquela dos sicários de Carafa. Mas foi vítima do mais ridículo dos meus inimigos, e de sua própria trama. O Mulo: miserável rufião que queria vingar-se de uma afronta sofrida, aproveitando-se da caça desencadeada aos Judeus. Devia tê-lo matado naquele momento. A risada que me acompanhou

nos últimos tempos volta a subir à garganta: os destinos dos poderosos e dos homens pendurados ao gesto do último colhão.

A confissão de Manelfi queimou. Os homens nunca saberão que aquelas poucas páginas poderiam ter mudado para sempre o curso dos eventos. Os detalhes escapam, as sombras menores que povoaram a história deslizam embora esquecidas. Cafetões, pequenos clérigos mesquinhos, foras da lei sem-deus, milicianos, espiões. Túmulos anônimos. Nomes que não significam nada, mas que cruzaram pelas estratégias, as guerras, as reviraram, às vezes com teimosa consciência da luta, outras por simples acaso, com um gesto, uma palavra.

Estive entre eles. Do lado de quem desafiou a ordem do mundo.

Derrota após derrota, experimentamos a força do plano. Perdemos tudo cada vez, para dificultar-lhe o caminho. De mãos vazias, sem outra escolha.

Revejo os rostos um a um, a praça universal das mulheres e dos homens que levo comigo para um outro mundo.

Um soluço racha o peito, cuspo o emaranhado para fora.

Irmãos meus, não nos venceram. Ainda estamos livres para singrar o mar.



No convés, o vento corta o rosto voltado para o Oeste. Viro a caderneta nas mãos. Solto o laço que mantém as páginas unidas. Escorro-as. Datas, lugares, nomes. As ponderações escritas com letra menor.

Uma folha dobrada cai no meu colo. Um papel diferente.

*Para Giovanni Pietro Carafa.*

*Senhor, esta é a última missiva de quem o serviu por mais de trinta anos.*

*O tempo novo que o senhor está prestes a inaugurar tem que esquecer os anônimos artífices, aqueles que fizeram com que os fatos coincidissem com o plano. Os nomes ilustres dos*

*vencidos e dos vencedores permanecem nas crônicas, à disposição de quem quiser recompor os intrincados feitos de uma época e os resultados que advieram. Quando os gestos já estiverem longe e as vidas tiverem dado passagem ao futuro, daquele silencioso exército de soldados de ventura, obscuros construtores do labirinto, não ficará nenhum rastro. Então, não resta outra coisa, a não ser acelerar o momento desse desaparecimento, quanto basta para escapar da última execução.*

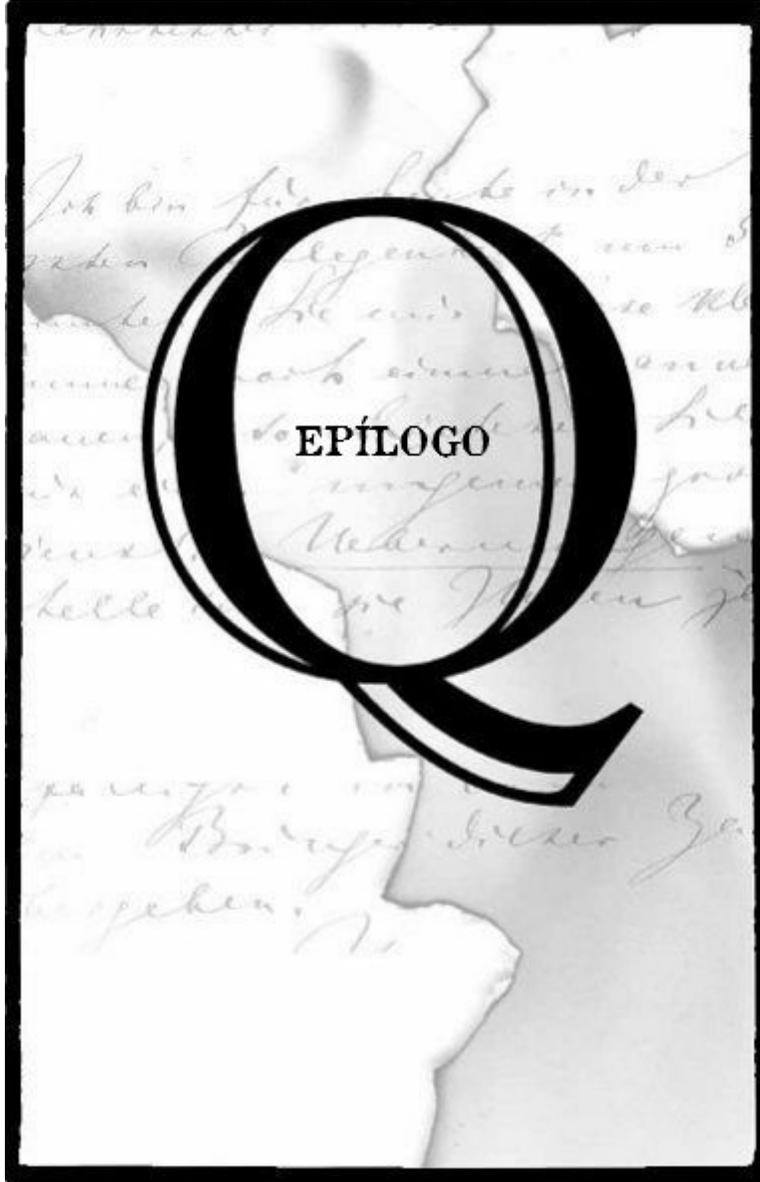
*A ingenuidade perdeu-se no meio século que passou, junto com as esperanças que eu ajudei a apagar: não alimento nenhuma ilusão de fugir ao destino que, bem sei, está reservado para mim; não é a vida que me importa, porque fora do plano nada mais sou que um velho mercenário desarmado, rodeado de mortos. Aqueles deixados no campo e aqueles que se apossam do mundo. Não fugirei diante de nenhum deles, mas o meu dever termina aqui. Outros, o concluirão. Estou prestes a encontrar um último velho adversário, espero que ele apague os olhos que serviram V.S. com tanta fidelidade por toda a vida. Uma vida que também deslizou embora junto com as milhares, decênio após decênio, sufocada no sangue, e que escolho terminar da minha maneira.*

*O senhor não poderá fazer nada, nem lamentar por não ter previsto a deserção do melhor agente na última milha: a mente dos homens cumpre estranhas evoluções e não existe um plano que possa considerá-las todas.*

*Isto impedirá que cada vitória atinja totalmente o fim. A sua também.*

*Isto faz com que ninguém morra em vão, nem quem, com um último gesto, lhe dispensa esta lição.*

*O seu observador  
Q.*



## Istambul, Natal de 1555

*Cuius regio, eius religio.*

Em cada terra, a religião do seu príncipe.

Com os príncipes é sempre possível negociar. Fechar bons negócios.

Isto foi decidido em Augsburg, há dois meses, assinando-se um acordo que sanciona a divisão dos bens, territórios e confissões em todo o império. O novo papa Paulo IV deixa aos protestantes os bens sequestrados da Igreja até hoje, e abençoa a paz reencontrada.

Fecha-se assim, definitivamente, a tampa que Lutero, a marionete dos nobres alemães, tinha levantado há quase quarenta anos, dando vazão a décadas de esperanças, revoluções, vinganças e restabelecimentos. Quarenta anos foram necessários para arrancar novamente aos povos a escolha do próprio destino, e aos homens a da própria fé.

Fecha-se assim uma época. Carlos V, extenuado, senhor de um império à beira do colapso, está prestes a abdicar, deixando em herança ao jovem Felipe os débitos e as guerras futuras.

A estrela dos fantásticos Fugger também está se apagando, ofuscada por um crédito de cobrança impossível. Por quase meio século financiaram as pretensões e as aspirações do Habsburgo: agora participarão do mesmo destino.

*Cuius regio, eius religio.* Quem não aceitou colocar sobre a própria cabeça um príncipe ou ligar-se a uma só terra não tem escolha. O destino dos judeus em Veneza foi exemplo disso.

Quando queimaram os Talmudes no Rialto, em 21 de agosto de 1553, João já tinha conseguido encontrar um meio para fazer com que quase um milhar de judeus sefarditas pudessem escapar. Depois do édito de Júlio III, das fogueiras, das detenções, do gueto, não houve mais o que fazer. Hoje, o mesmo acontece em outros lugares, pela mão de Paulo IV.

Heinrich Gresbeck sabia. Veneza arcará com as consequências de ter cedido o campo para a perseguição mais hipócrita e feroz. O povo da Bíblia leva consigo o tesouro da experiência, a sabedoria, a

perícia, na enésima fuga. Para eles abre-se a porta de um outro império, que os acolhe reconhecendo-lhes o valor. Mas como os judeus partem muitos cristãos, homens e mulheres sem terra, jogam a vida para além da costa do Mediterrâneo, no meio daqueles infiéis que nos ensinaram a odiar e que agora, únicos, nos aceitam sem pretender atos de fé.

O soberano indiscutível, Solimão, o Magnífico, cujo nome só murmurado basta para arrepiar todo veneziano, é o homem mais rico e poderoso do mundo, dono de um império que se estende da Crimeia às Colunas de Hércules, da Hungria a Bagdá. Perspicaz conhecedor de homens e de povos, senta-se no trono que foi de Constantino com a aura do guerreiro invicto e do sábio tirano. Não é possível aparecer diante dele sem pensar que é o conquistador da Mesopotâmia, que levou suas tropas às muralhas de Viena, que venceu Carlos V em Mohacs, o homem que com um só sinal de cabeça poder fechar as vias do comércio com o Oriente, reduzindo Veneza a uma pequena cidade portuária.

Se me perguntar sobre o continente que as posses dele tocam, lhe contarei a minha história, embalando a convicção de que saberá apreciá-la mais do que o relatório de um embaixador.

Não há ensinamentos a extrair. Não há plano a seguir. Ainda estou vivo, só isso. Já não participo da outra metade do mundo, daquela terra longínqua que vi sumir na neblina em um dia de inverno. Deixo-a aos príncipes que consolidam os próprios tronos e escolhem a fé que os súditos devem seguir, aos novos banqueiros que se preparam para assumir o lugar dos Fugger, recitando de cor os textos de Calvino. Ao próprio Calvino, que leva Miguel Serveto, cientista e teólogo, à fogueira. Deixo-a aos inquisidores que queimam os livros. A Reginald Pole, ontem paladino da conciliação, hoje arcebispo de Cantuária, perseguidor de protestantes na Inglaterra.

Mas, acima de todos, deixo-a ao arquiteto do plano que se realiza. A Giovanni Pietro Carafa, que subiu ao trono pontifício com o nome de Paulo IV, aos 79 anos de idade, em 23 de maio de 1555.

— Ainda na cama?

Não a ouvi entrar no quarto. Viro com um resmungo.

Beatriz inclina a cabeça para olhar-me nos olhos:

— O sultão não ficará feliz em ter de esperar por dois infiéis do seu calibre.

Sentado na cama, com um braço seguro-a pela cintura, com o

outro a aprisiono em um forte aperto:

— Deixe os poderosos esperarem e lhes demonstrará que não os teme.

— É, e eles separarão a sua cabeça do pescoço.

Rimos. Levanto e vou até o quarto de banho, o alívio da minha velhice. Cada vez que coloco o pé aqui, pelo menos duas vezes ao dia, sinto uma mistura de emoção e prazer pela minha condição. Ladrilhos de cor azul e verde-mar reluzem no piso e nas paredes. A grande banheira ocupa um lado inteiro, com dois braços de largura. Pode ser irrigada de forma contínua por dois tubos que injetam água quente ou fria. A água, aquecida por uma cisterna no andar superior, escoo à vontade e é misturada à fria, que desce de outro tubo.

Nesta cidade de sonho, os banhos são indicadores de uma civilização superior e de um cuidado com o corpo e a higiene que a Europa desconhece. Há banhos em todos os lugares, de qualquer tamanho e tipo, mas sempre adequados para revigorar os membros e a mente do cansaço e do clima.

Penetro na tepidez, imóvel. O sultão que espere. Josséf me assusta, irrompendo no quarto com todo o barulho possível.

— Não se afogou hein, velho!?

Veste a sua melhor roupa: as botas preferidas, altas até o joelho, calças largas, claras. Uma camisa longa forrada, com bordados no peito e a faca curva na cintura, a empunhadura trabalhada. A cabeça coberta conforme o costume destas terras, com tecido azul e pluma branca presa por um alfinete de ouro.

— Há outras pessoas que precisamos encontrar antes do sultão. Ande logo, Samuel nos espera há muito tempo. As comodidades desta cidade o estão deixando preguiçoso.

Joga um pedaço de sabão na banheira, que faz a água espirrar no meu rosto.

Oferece-me uma grande toalha:

— Mexa-se!



No grande bazar coberto você encontra de tudo. Depois de ter andado no meio de uma miríade de bancas e estreitos corredores que se abrem entre as lojas, atrás de Samuel e Josséf que dirigem meus

passos inexperientes, entramos em um lugar que expõe especiarias e cereais.

Aromas de todos os tipos chegam ao olfato. Ao redor há mesas baixas, tapetes e almofadas, ocupadas por homens atentos a negócios, falatórios e ao narguilé.

Dois gordos e sorridentes otomanos vêm ao nosso encontro com amplas reverências.

Um abraça calorosamente Josséf, depois dirige-se ao outro:

— Este é o mui honrado Josséf Nassi, uma lenda. Este é o irmão dele, Samuel, não menos valoroso. — Ilumina-se. — Em Veneza estes homens, conhecidos como João e Bernardo Miquez, são considerados os principais inimigos da Sereníssima, pelo fato de que sempre foram nossos amigos. Se voltassem para Veneza, pode ter certeza que seriam enforcados nas colunas de São Marcos.

Riem com prazer, o compadre está visivelmente admirado.

E a vez de Josséf, o sefardita:

— Todavia, não excluo voltar lá qualquer dia. Apesar dos donos, Veneza é uma cidade esplêndida. Senhores, apresento-lhes o meu sócio, Ismael O-Viajante-do-Mundo, aquele que das terras frias chegou até aqui atravessando todo tipo de aventura, inimigo de todos os poderosos da Europa.

Os dois opulentos mercadores inclinam-se de novo respeitosamente.

Acomodam-nos, um deles começa a carregar o fogareiro do narguilé, enquanto o outro pede a Josséf que conte ao sócio a sua incrível fuga de Veneza.

— Fica para outra vez. Somos esperados na corte e não gostaria de desperdiçar o pouco tempo que temos à disposição com um brando exibicionismo. Melhor falar de negócios.

— Sem duvida. — Uma rápida salva de palmas e um jovem vestindo uma túnica branca traz uma bandeja com um jarro e algumas taças.

O criado derrama um líquido obscuro, de perfume intenso e desconhecido.

Olho Josséf.

Fala em flamengo, a língua dos remotos dias em Antuérpia.

— É exatamente o negócio que vamos discutir. Experimente.

Um gole desconfiado. O líquido quente desce pela garganta, um sabor forte, levemente amargo, logo sobrevém uma sensação de vigor

e renovada acuidade dos sentidos. Um gole maior e na língua permanecem os grãos depositados no fundo da taça.

— Bom, mas não entendo...

— Chama-se *qahvé*. É obtido de uma planta que cresce nas regiões da Arábia.

O mercador oferece um saquinho de grãos verdes, Josséf recolhe um punhado.

— São torrados, moídos em pó e já estão prontos para a infusão na água fervente. Na Europa ficarão loucos. — Percebe a minha perplexidade. — O sultão demonstra apreciar os serviços e as informações que lhe fornecemos, mas é sempre oportuno ter também outros projetos e bons comércios para desenvolver. Creia, os povos rudes da Europa apreciarão, um após o outro, estes pequenos prazeres que tornam a vida digna de ser chamada assim.

Sorrio e penso na minha banheira cheia de água morna.

Josséf continua:

— Aqui já estão nascendo lojas para a degustação de bebidas regeneradoras. Lugares como este, onde é possível conversar, fechar negócios e fumar o tabaco destes fantásticos cachimbos a água. Você verá, não serão necessários muitos anos para introduzir na Europa estes hábitos. Só precisamos começar a incluir nas nossas mercadorias comerciais os sacos destes preciosos grãos e explicar o uso.

— A Europa não ama os prazeres, Josséf, você sabe disso.

— A Europa acabou. Agora que entraram em um acordo, recomeçarão as guerras, cultivando o sonho de uma bárbara supremacia. O mundo fica para nós.

O jovem enche outra vez a taça.

Puxo um bom volume de fumaça do narguilé. Os membros relaxam, afundo na almofada.

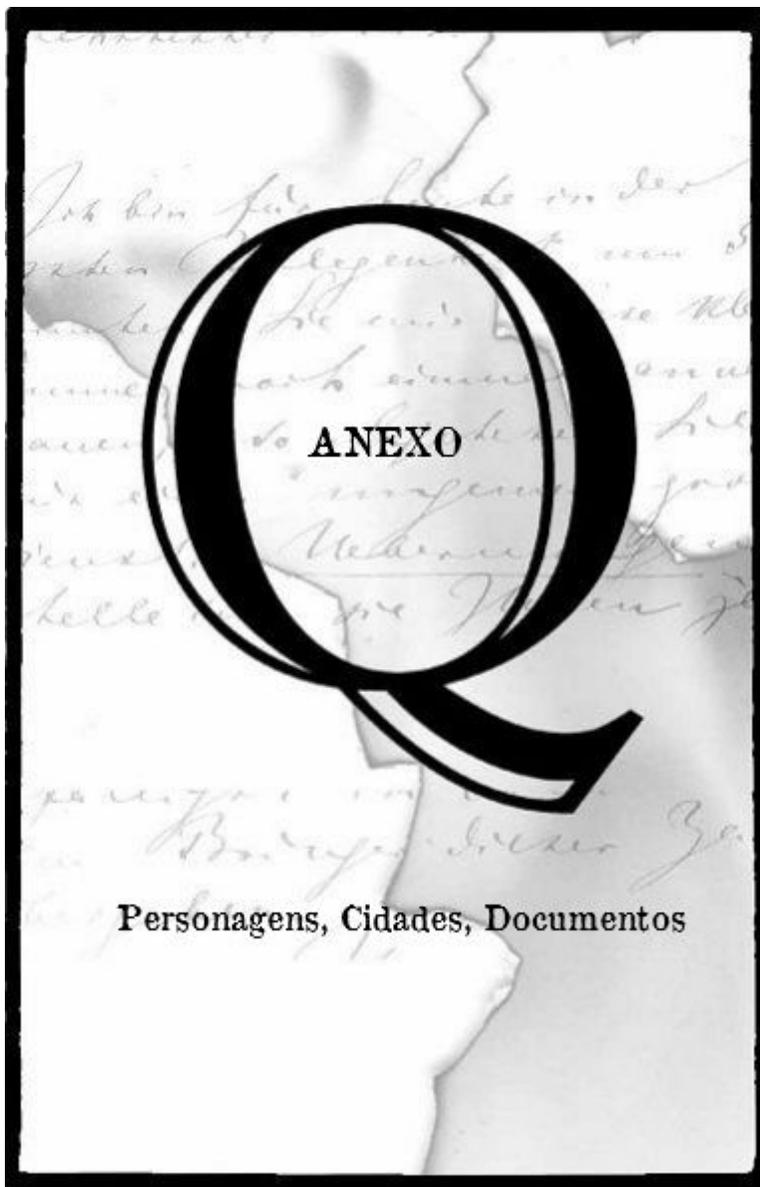
Sorrio. Não existe um plano que possa prever tudo. Outros levantarão a cabeça, outros desertarão. O tempo não cessará de conceder derrotas e vitórias para os que continuarem na luta.

Bebo satisfeito.

Cabe-nos a tepidez dos banhos. Possam os dias transcorrer sem uma meta.

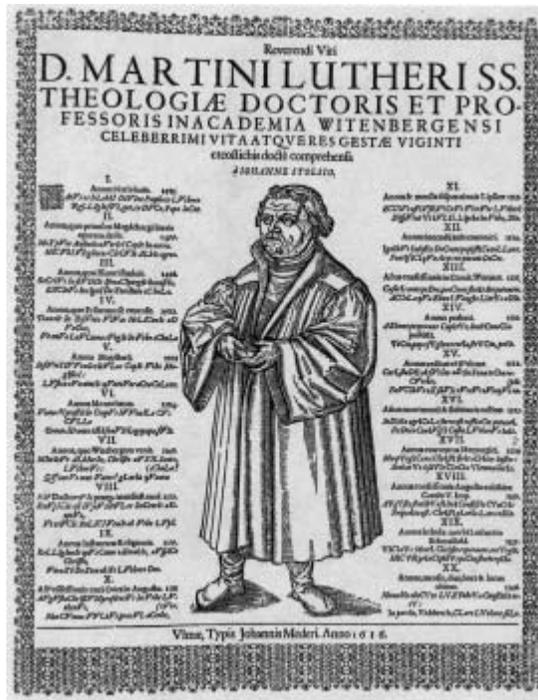
Que a ação não prossiga segundo um plano.





**ANEXO**

**Personagens, Cidades, Documentos**



Panfleto de 1616, os principais estágios da vida de Martinho Lutero. “Nesse caso, portanto, quem puder deve esmagar, matar e sangrar, sigilosa e publicamente, e estar lembrado de que não pode haver coisa mais venenosa, prejudicial e diabólica do que uma pessoa rebelada; é como se tivesses que matar um cachorro raivoso; se não o eliminares, ele elimina a ti e um território inteiro contigo.” (*Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses*, 1525)



Thomas Müntzer numa gravura do Século XVI, de Chistoffel van Sichem. “Então diga-me, seu verme nojento e miserável, quem é que o designou príncipe do povo?” (Carta endereçada ao Conde de Mansfeld, 12 de Maio de 1525)



Jan Matthys numa gravura de van Sichem. Ao fundo, a sua morte durante o cerco a Münster. “Deus irá varrer o seu chão ceifado!”



Jan de Leiden numa gravura data de 1536 por Heinrich Aldegrever. “O épico dos Anabatistas e as lendas dos inimigos transformaram-nos em monstros de astúcia e perversão. Bem, na verdade, eram os Cavaleiros do Apocalipse. Um profeta padeiro, um poeta chulo e um proscrito sem nome, fugitivo eterno.”



Melchior Hofmann numa gravura de van Sichem. “Um dos mais excêntricos profetas que alguma vez conheci, realmente único, e, em loucura e oratória, apenas ultrapassado pelo grande Matthys.”



*Fora da Europa:* Beatriz de Luna e João Miquez numa ilustração de Arthur Szyk, datada de 1932.



### Possessões de Carlos V Sacro Império Romano

“Uma Europa na qual as mudanças políticas eram determinadas pelos banqueiros germânicos; na qual a fé religiosa era erguida pelos estandartes de exércitos de mercenários; na qual populações inteiras eram submetidas à lei marcial. Uma Europa rasgada por colunas de refugiados, na qual uma rebelião desesperada enfrentava uma frente compacta criada por famílias antigas e pelo emergente poder mercantil. A mesma resposta de merda de sempre: canhões e genocídio e depois o fogo e a espada...”

“Nunca estivemos interessados em conversações genéricas sobre a paz: há uma racionalidade forte para a existência da guerra hoje, assim como havia há quatro séculos atrás. Está profundamente enraizada na criminalidade econômica e nas escolhas políticas dos

estados e dos poderes multinacionais, quer sejam os Estados Unidos ou o império de Carlos V. E similarmente existe racionalidade por trás das limpezas étnicas e represálias, com as quais não estamos de acordo e em relação às quais sempre nos opusemos fervorosamente. [...] Seria imoral e incoerente não usar todos os espaços e ocasiões públicas para denunciar a loucura daqueles que têm o poder e a apatia dos que são governados por eles.” (Do comunicado à imprensa dos autores de *Q — O Caçador de Hereges* contra os bombardeamentos da OTAN na Iugoslávia, 1º de Abril de 1999)



Panorâmica de Nurembergue a partir do sul. Xilogravura de Wilhelm Pleydenwurff e Michael Wolgenut, 1493. “As torres imponentes da fortaleza imperial lembram-nos o que já sabíamos: esta cidade é uma das maiores, belas e ricas cidades de toda a Europa.”



Panorâmica da Antuérpia.



Porto da Antuérpia num esboço de Albrecht Dürer.

“A necessidade de um mercado em constante expansão para os produtos persegue a burguesia sobre toda a superfície global. Precisa de se instalar em todo o lado, regular em todo o lado, estabelecer contatos em todo o lado.” (K. Marx e F. Engels, *Manifesto do Partido Comunista*)



A ponte de Rialto, em Veneza, de Jacopo de' Barbari.

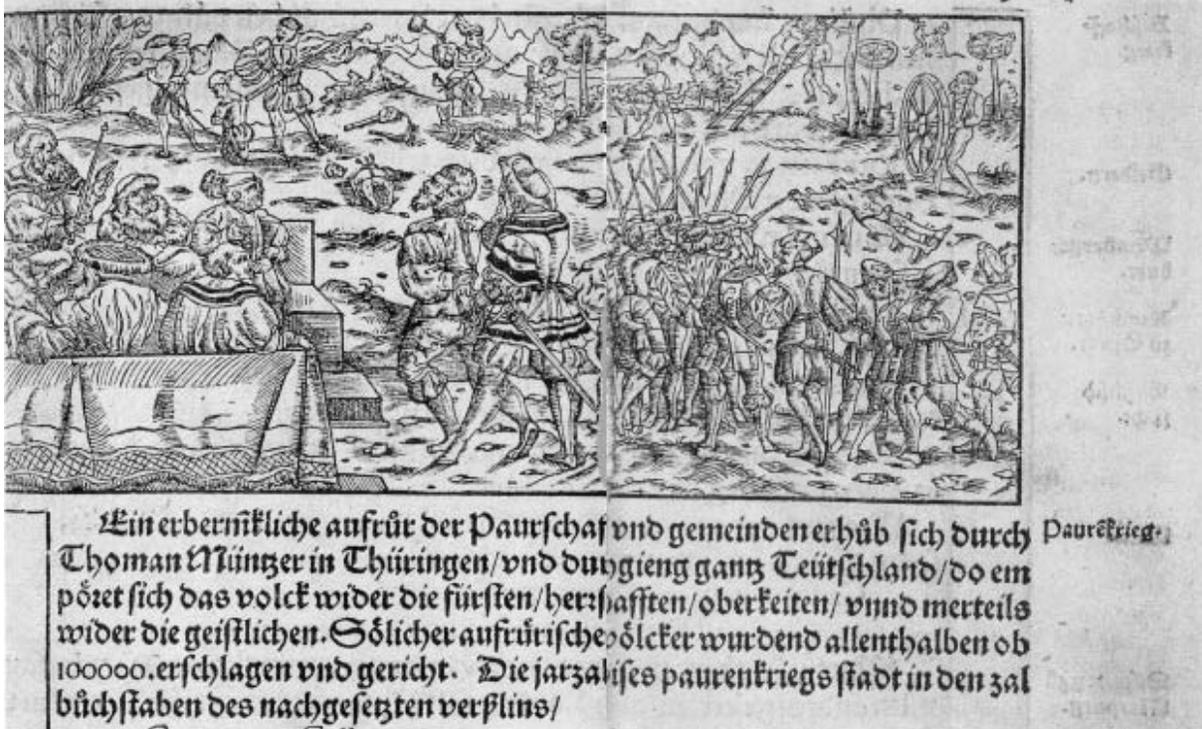


Decapitação de camponeses depois da batalha de Frankenhäusen. “Então a soma total é: 80 decapitados, 69 dos quais viram os olhos vazados e os dedos cortados, o que dá 114 florins e dois cêntimos. A isto deve ser deduzido: 10 florins, recebidos dos cidadãos de Rotemburgo: 2 florins recebidos por Ludwig von Hutten; sobra: 102

florins. A isto devem ser adicionados dois meses de pagamento; 8 florins por cada mês = 16 florins, o que dá: 118 florins e dois cêntimos.” (Recibo do carrasco Augustin, conhecido como Terror, endereçado a Margrave)



Frontispício dos *Doze Artigos dos camponeses da Suábia*.



Camponeses sendo torturados numa crônica de 1548. “Fui torturado no quartel da Segunda Brigada de Pádua. Amarrado à mesa, a minha cabeça pendurada, fui obrigado a beber litros de água salgada. Bateram-me, partiram-me umas quantas costelas e causaram-me uma lesão interna no olho. Deram-me choques elétricos nos testículos e queimaram-me as virilhas. Cortaram-me as coxas e depois borrifaram-nas com sal.” (Cesare Lenardo, Maio de 1982, citado em: Projeto Luther Blissett, *Nemici delli Stato*, Derive Approdi, Roma 1999, p. 63)



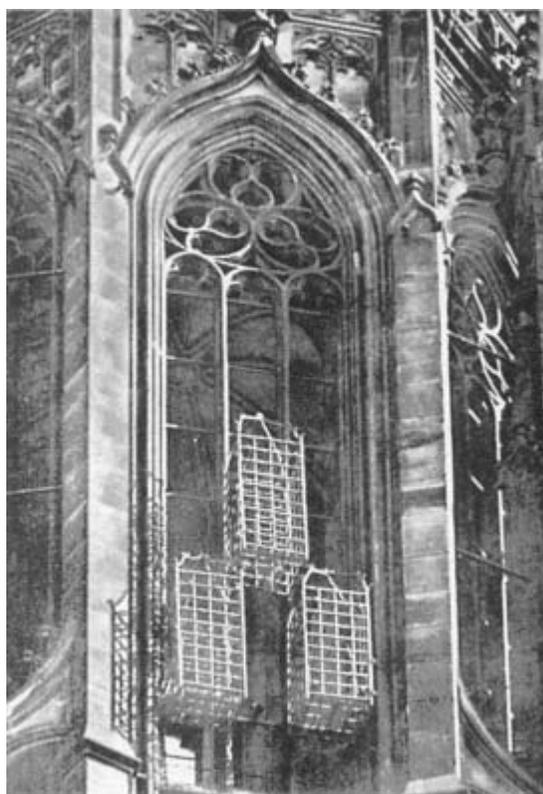
A “*Companhia dos Anabatistas*”, ilustração difamatória de Heinrich Aldegrever. “Procissões horríveis de vinte ou trinta pedófilos encenadas nas avenidas dos cemitérios das terras baixas de Modena, acabando em orgias sem limites, destruindo a inocência das suas próprias crianças e das dos seus conhecidos.” (O cronista Luigi Spezia, *ibid*, p.149)



Deslocação com tenazes incandescentes, de R. Vaneigem, *O movimento do Espírito Livre*, Nautilo, Torino, 1995.



“Um Deus, uma fé, um batismo.” Lema gravado numa moeda do reino de Münster.



As jaulas onde os corpos dos governantes de Münster foram exibidos. “Ninguém olha para elas. O passado está pendurado mesmo em cima das suas cabeças. E se eles quiserem levantar demasiado a cabeça, as jaulas estão lá como uma advertência.”



De um anti-Anabatista, “Neue Zeitung: Jan de Leiden vestido como Golias e derrubado por Davi.



Panflete anticlerical do final do Século XVI. “Um sodomita! Todos

eles sabem que eu sempre gostei somente de mulheres, não de rapazinhos nem de toda aquela nojeira que os abades fazem.”



Busto do papa no estilo Arcimboldo, de um esboço de Thommas Stimmer.

